Machine Translated by Google



Georges Minois

Richard Cœur de Lion



PERRIN
biographie

Machine Translated by Google

Este livro digital é uma criação original protegida em particular pelas disposições das leis de direitos autorais. É identificado por uma marca d'água digital para garantir sua rastreabilidade. O conteúdo deste livro digital só pode ser reproduzido no contexto de pequenas citações de acordo com o artigo L.122-5 do Código da Propriedade Intelectual. Em caso de utilização contrária à lei, esteja ciente de que poderá estar sujeito a sanções criminais e civis.

Machine Translated by Google

Georges Minois

Richard Cœur de Lion

PERRIN
www.editions-perrin.fr

Machine Translated by Google

DO MESMO AUTOR

História da Idade Média. Mil anos de esplendor e miséria, Perrin, 2016.

O Padre e o Médico. Dos santos curandeiros à bioética, edições do CNRS, 2015.

Carlos, o Ousado, Perrin, 2015.

Philippe le Bel, Perrin, 2014.

Poitiers, 19 de setembro de 1356, Tallandier, 2014.

História da solidão, Fayard, 2013.

História da celebridade, Perrin, 2012.

Dicionário de ateus, agnósticos, céticos e outros descrentes, Albin Michel, 2012.

O Peso dos Números, Perrin, 2011.

Carlos Magno, Perrin, 2010.

Era de ouro. História da busca pela felicidade, Fayard, 2009.

O Tratado dos Três Impostores. História de um livro blasfemo que não existia, Albin Michel, 2009.

A Guerra dos Cem Anos, Perrin, 2008.

La Rochefoucauld, Tallandier, 2007.

Os Grandes Professores: de Sócrates aos ciberprofessores, Audibert, 2006.

Carlos VII. Um rei shakespeariano, Perrin, 2005.

O Culto dos Grandes Homens. Dos heróis homéricos ao “star system”, Audibert, 2005.

Bossuet, Perrin, 2003.

História da dificuldade de viver. Da melancolia à depressão, La Martinière, 2003.

As Origens do Mal. Uma história do pecado original, Fayard, 2002.

Machine Translated by Google

História de risos e escárnio, Fayard, 2000.

Galileu, PUF, 2000.

Ana da Bretanha, Fayard, 1999.

História do ateísmo. Descrentes no mundo ocidental desde as suas origens até os dias atuais, Fayard, 1998.

O Diabo, PUF, 1998.

A faca e o veneno. Assassinato político na Europa (1400-1800), Fayard, 1997.

Inglaterra georgiana, PUF, 1997.

História do futuro. Dos profetas à previsão, Fayard, 1996.

Os Tudors, PUF, 1996.

Os Stuarts, PUF, 1996.

História de suicídio. Sociedade ocidental enfrentando a morte voluntária, Fayard, 1995.

Censura e cultura no Antigo Regime, Fayard, 1995.

A Igreja e a Guerra. Da Bíblia à era atômica, Fayard, 1994.

História do Inferno, PUF, 1994.

Du Guesclin, Fayard, 1993.

Nova história da Bretanha, Fayard, 1992.

História do submundo, Fayard, 1991.

História religiosa da Bretanha, Gisserot, 1991.

A Igreja e a Ciência. História de um mal-entendido, t. I: De Santo Agostinho a Galileu; t. II: De Galileu a João Paulo II, Fayard, 1990 e 1991.

Os religiosos na Bretanha sob o Antigo Regime, oeste da França, 1989.

Henrique VIII, Fayard, 1989.

O Confessor do Rei. Os diretores de consciência da monarquia francesa, Fayard, 1988.

A Bretanha dos padres em Trégor do Antigo Regime, Beltan, 1987.

História da velhice da Antiguidade ao Renascimento, Fayard, 1987.

Machine Translated by Google

© Perrin, um departamento de Édi8, 2017

Retrato de Ricardo I, o Coração de Leão, em traje de cruzado, século XIX. Castelo Rožmberk, República Tcheca. © DeAgostini/Leemage

12, avenue d'Italie
75013 Paris
Tel. : 01 44 16 09 00
Fax: 01 44 16 09 01
www.editions-perrin.fr

EAN: 978-2-262-07053-3

“Esta obra está protegida por direitos autorais e estritamente reservada para uso privado do cliente. Qualquer reprodução ou distribuição em benefício de terceiros, gratuitamente ou mediante pagamento, de toda ou parte desta obra, é estritamente proibida e constitui uma infracção prevista nos artigos L 335-2 e seguintes do Código da Propriedade Intelectual. . A editora reserva-se o direito de processar qualquer violação dos seus direitos de propriedade intelectual perante tribunais civis ou criminais. »

Este documento digital foi produzido pela Nord Compo.

Machine Translated by Google

Resumo

Título

Do mesmo autor

direito autoral

I - Uma época, um império, uma família

Europa em meados do século XII

O encontro cara a cara entre o Cristianismo e o Islã

O desenvolvimento do império Plantageneta

Unidade e diversidade de territórios

Um todo ingovernável?

Os Plantagenêts, uma família infernal: os filhos de Mélusine

O pai: Henrique II, uma personalidade avassaladora

A mãe: Leonor. Uma relação edipiana?

II - 1157-1172: Ricardo, um peão no tabuleiro de xadrez Plantageneta

Uma entrada precoce na política (1157-1159)

Henrique II, Luís VII, Barbarossa, o papa e o antipapa (1160-1163)

O início do caso Becket (1164)

Henri II coloca seus peões: Mathilde, Eleanor, Geoffroy (1165-1168)

Eleanor e os problemas em Poitou (1168)

Na escola dos cavaleiros trovadores: os anos de Poitiers

Do projeto de partilha ao assassinato de Becket (1169-1172)

Ricardo, duque da Aquitânia (1172)

Machine Translated by Google

III – Uma família desfeita – A revolta de 1173-1174

A revolta dos filhos de Henrique II (Limoges, 1173)

Personalidade e motivos da rebelião dos três irmãos e da mãe

O triunfo de Henrique II, sozinho contra todos

Ricardo resiste

O acordo de Montlouis ou clemência de Henrique (30 de setembro de 1174)

A destruição dos castelos

Surgimento de Ricardo nas crônicas: fontes abundantes e variadas

O testemunho dos adversários

IV - O mestre da Aquitânia - (1175-1183)

Tal pai, tal filho: a blitzkrieg na Aquitânia (1175-1177)

As façanhas de Ricardo em Saintonge (1178-1179)

Um novo rei da França: Philippe Auguste (1180)

As queixas dos barões contra a brutalidade de Ricardo

O inconsistente Henrique, o Jovem

Nova briga na família Plantagenêt (janeiro de 1183)

A guerra fratricida (1183)

V - O assassinato do pai - (1183-1189)

Um novo rival: Príncipe John

Henrique II e seus filhos: o problema insolúvel da partilha (1183-1185)

A águia e as águias

Paris, refúgio dos filhos Plantagenêt (1186-1187)

A chamada para a cruzada: uma trégua no conflito (final de 1187-início de 1188)

Retomada das hostilidades: Ricardo entre Filipe e Henrique (1188)

O último ato: Ricardo, o parricida (janeiro-julho de 1189)

VI - Rei Ricardo e seu reino

Reunir lealdades

A coroação (3 de setembro de 1189)

Richard, protetor interessado dos judeus

Richard, temperamento violento e impetuoso e moral questionável

Machine Translated by Google

Ricardo, rei culto, corajoso e piedoso

Ricardo, o menos inglês dos reis da Inglaterra

Uma máquina governamental bem lubrificada

Inglaterra, fonte de renda para Richard

Um reino com boa saúde económica

Normandia, um ducado dócil

Anjou, Maine, Aquitânia: condados e ducados turbulentos

VII - O rei-cavaleiro - Ricardo e a sociedade feudal

Um reino de língua e cultura francesa

Intelectuais propagandistas

A divisão tripartida da sociedade

Ricardo, o Cavaleiro: membro de uma casta

Ricardo, o rei: líder de um exército de cavaleiros e mercenários

Armas legais e ilícitas

Ricardo e seus castelos

Guerra, um fator de prosperidade? O exemplo normando

O Império Plantageneta entre a guerra e a paz

VIII – Partida para a cruzada. Decisão controversa e jornada agitada - (1189-junho de 1191)

As flutuações do espírito cruzado

O despertar da década de 1180: alarmes e profecias

A pregação da cruzada e o fracasso de Barbarossa (1188-1190)

Preparativos para a cruzada: quem liderará o Império?

Encontrar dinheiro: “Eu venderia Londres se encontrasse um comprador”

Escala na Sicília (setembro de 1190 a abril de 1191)

O profeta e a chegada de Berengária

A conquista de Chipre (abril-maio de 1191)

IX - A epopéia da cruzada: Ricardo Coração de Leão e Saladino - (1191-1192)

O cerco e captura do Acre (junho-julho de 1191)

Partida de Filipe Augusto e massacre de 3.000 prisioneiros (agosto de 1191)

O duelo de Ricardo e Saladino: dois paladinos ou dois brutos sedentos de sangue?

Machine Translated by Google

A vitória de Arsuf (7 de setembro de 1191)

Negociações de tolos, escaramuças e ganho de tempo (setembro de 1191 a janeiro de 1192)

Más notícias da Inglaterra

Conrad, vítima da seita terrorista islâmica dos Assassinos (28 de abril de 1192)

O cerco de Jerusalém não acontecerá

Os feitos vãos de Richard

A última resistência: Jaffa (5 de agosto de 1192)

X - O retorno do rei Ricardo: uma odisséia de dezoito meses - (outubro de 1192 a maio de 1194)

Um retorno temido por muitos

A caça e prisão de Richard, inimigo público nº 1

Negociação pelas condições de liberação

Coleta de resgate

“Cuidado, o diabo está solto” (Philippe Auguste para Jean)

O Retorno do Diabo (fevereiro-março de 1194)

Richard restabelece sua autoridade na Inglaterra (março-maio de 1194)

Preparativos para a expedição contra Filipe Augusto

XI - Ricardo I er e Philippe Auguste: o duelo interrompido - (1194-1199)

Pontos fortes e fracos do rei da França

As falhas de Philip: Fréteval (4 de julho de 1194)

Guerra e trégua: batalhas confusas e indecisas (1194-1195)

O tratado de Gaillon (ou Louviers), janeiro de 1196

Sucessos e fracassos em 1196

As vitórias diplomáticas de 1197-1198: o imperador, o dinheiro e o papa

A vitória de Gisors (28 de setembro de 1198)

A Trégua de Vernon (janeiro de 1199)

A morte do Leão (Chalus, 6 de abril de 1199)

Controvérsias em torno de uma morte

O desperdício de uma herança: Rei João

Richard, da crônica ao cinema: as oscilações de uma reputação

Machine Translated by Google

Notas

Cronologia

Genealogia

Cartões

Bibliografia

Machine Translated by Google

Uma época, um império, uma família

A metade do século XII marca o auge do que chamamos de civilização medieval. A Europa, religiosamente unificada sob o nome de Cristianismo, demonstra um dinamismo económico, político e cultural sem precedentes. Durante mais de um século, o país não sofreu grandes epidemias e, durante três gerações, a fome deu lugar a fomes locais e muito temporárias. A população está crescendo, estimada pelos historiadores entre 35 e 50 milhões de habitantes para todo o continente até as fronteiras orientais. Graças às clareiras, foi assegurada a subsistência do maior número de pessoas e o crescimento demográfico permitiu ainda alimentar um movimento de colonização para leste e fornecer tropas para a cruzada. As cidades crescem, o comércio acelera; as feiras de Champagne, onde flamengos e italianos trocam os seus produtos, em Lagny, Troyes, Provins, Bar-sur-Aube, atingem o seu apogeu. Estes desenvolvimentos materiais são acompanhados por um boom cultural e artístico que testemunha a confiança e o optimismo de uma civilização que toma consciência da sua força, numa síntese de fé e razão ilustrada pelo sucesso das escolas igrejas episcopais e pela multiplicação de igrejas maiores e mais amplas. edifícios mais suntuosos. Professores e arquitetos ganham confiança; suas ambições foram afirmadas com o sucesso da dialética e os primórdios da arte gótica.

A Europa em meados do século XII À século XIX

frente desta Europa segura dos seus valores, duas autoridades, ao mesmo tempo rivais e complementares: o papado e o Império, que encarnam o poder

Machine Translated by Google

poder espiritual e temporal. O papado, depois de um longo eclipse durante o início da Idade Média, fortaleceu consideravelmente o seu poder desde meados do século XI. Um vasto empreendimento de reforma disciplinar na Igreja, a reforma gregoriana, melhorou lentamente a qualidade do clero. A burocracia pontifícia continua a crescer, em benefício da centralização, com uma inflação de textos produzidos pela chancelaria e a multiplicação de recursos aos tribunais pontifícios. Legados são enviados aos diferentes reinos para expressar os desejos de Roma.

Pela primeira vez, o papa conseguiu reunir verdadeiros concílios ecumênicos no Ocidente, e sempre em Roma: Latrão I (1123), Latrão II (1139), Latrão III (1179). O Papa dá lições a reis e príncipes, utilizando armas ainda eficazes como a excomunhão, ou seja, a exclusão da comunidade dos crentes, e especialmente o interdito, que priva todo um território de cerimónias religiosas e sacramentos até à submissão do soberano. Assim, o reino da França foi interditado de 1141 a 1144 devido a um conflito com o rei Luís VII sobre a nomeação do arcebispo de Bourges. Na época em que estamos, o papa é Eugênio III (1145-1153), sucedido por Anastácio IV (1153-1154), e então pelo inglês Adriano IV (1154-1159).

A outra cabeça do Cristianismo é o imperador. Mas imperador de quê? Esse é todo o problema. Porque o título imperial, ressuscitado por Otto I er No X século XIX, na verdade designa o rei da Alemanha. Ele reina sobre o Teutonicum regnum, um vasto conjunto de territórios limitado aproximadamente a oeste pelo Escalda, o Mosa, o Saône e o Ródano, e a leste pelo Oder e uma sinuosa linha norte-sul que vai da Silésia à Ístria. . Territórios germânicos, portanto, mas aos quais se somam os Alpes e o norte e centro da Itália: Lombardia, Friuli, Romagna, Toscana, Marche d'Ancona e Lácio. O imperador também leva o título de Rei dos Romanos, Rex Romanorum, e seus Estados formam o Sacro Império Romano. Rei dos alemães, ele só se tornou oficialmente imperador após sua coroação em Roma pelo papa. Seu título de imperador também lhe confere uma autoridade puramente teórica sobre os reis do cristianismo, que ele considera inferiores em dignidade.

Tudo isto tem os seus grandes problemas. Em primeiro lugar pela incerteza quanto ao modo de sucessão. Tradicionalmente, como rei da Alemanha, o imperador é eleito pelos príncipes do Império, duques como os da Saxônia, Francônia, Suábia, Áustria, Baviera, arcebispos como os de Colônia, Trier, de Mainz. A lista final destes eleitores só seria fixada no século XIII, mas os príncipes

Machine Translated by Google

Os alemães, apoiados pelo Papa, defendem este princípio da libera electio, que supostamente expressa a escolha de Deus, que lhes permite, votando no licitante com lance mais alto, receber grandes somas de dinheiro e eleger uma pessoa cuja fraqueza permitirá para manter a independência de facto.
No entanto, a este princípio de eleição opõe-se o princípio hereditário: uma vez eleito, o imperador tenta assegurar a sucessão a favor do seu filho ou de um familiar próximo. É assim que desde o século X assistimos à sucessão da dinastia otoniana até 1002, da dos Salianos até 1125, e da dos Staufen, no poder em meados do século XII, com Conrado III (1137-1152) e Frederico I, conhecido como “Barbarossa”, eleito em 1152.

Além disso, o imperador está em conflito contínuo com o papa, que afirma que o poder espiritual não é apenas independente do poder temporal, mas que é superior a ele e pode impor sanções até a deposição em caso de ofensa grave contra a moralidade ou o dogma. Este conflito entre “o Sacerdócio e o Império” pode por vezes ser extremamente violento, como foi o caso no século XI, quando o Imperador Henrique IV foi humilhado pelo Papa Gregório VII em Canossa em 1077. Desde a Concordata de Worms em 1122, os ânimos acalmaram-se. , mas a questão de fundo não foi resolvida, bastando a chegada ao poder de duas fortes personalidades autoritárias para que a guerra dos caciques fosse retomada. É precisamente o que acontece no início do período que nos interessa: em 1152 o Hohenstaufen Frederico I foi eleito rei da Alemanha. Ele se autodenomina “príncipe dos príncipes da terra, constituído por Deus acima dos outros reis”, o que não é um bom presságio. Em 1155, ele veio a Roma para ser coroado imperador, e houve um incidente: durante a cerimônia, ele se recusou a segurar a rédea do cavalo do papa até que este lhe assegurasse que isso não implicaria nenhuma sujeição de sua parte, e ele exige que seja apagada uma inscrição que designava o imperador como "o homem do papa". Por sua vez, este último, então Adriano IV, fez com que seu legado dissesse: “De quem o imperador detém o império, senão do senhor papa?” » Em 1158, as cidades da Lombardia, encorajadas pelo papa, revoltaram-se contra o imperador, que desceu com um exército. Em 1º de setembro de 1159, Adriano IV morreu, e seu sucessor foi o canonista sienense Orlando Bandinelli, tão intransigente quanto o imperador. Ele adota o nome de Alexandre III, e é o início de vinte anos de conflito: Frederico apoia um antipapa, Vítor IV, e Alexandre excomunga Frederico antes de se refugiar na França.

Ali reina desde 1137 o capetiano Luís VII, cuja situação não é das mais brilhantes. A dinastia, no poder desde 987, fez poucos progressos em século e meio. O rei só controla realmente o seu

Machine Translated by Google

área: inicialmente, pouco mais de 7.000 km2 em vários pedaços, dos quais nem sabemos os limites precisos: as regiões de Paris, Poissy, Étampes, Chartres, Orléans, Melun, algumas terras em Berry, nos vales de Aisne e Oise, o porto de Montreuil-sur-Mer, as abadias de Saint-Riquier em Ponthieu, Corbie em Amiénois. O resto do reino está nas mãos dos grandes vassalos, o Conde de Flandres, o Duque da Normandia, que é ao mesmo tempo Rei da Inglaterra desde 1066, os Condes de Anjou, da Bretanha, de Champagne, os Duques da Borgonha e da Aquitânia. Certamente, todos estes senhores poderosos estão ligados ao rei pela homenagem e pelo juramento de lealdade, e o carácter sagrado do soberano confere-lhe uma autoridade de tipo quase religioso. Mas em caso de rebelião, a lei corre o risco de não pesar muito na balança de poder. No entanto, o soberano capetiano podia contar com o apoio do clero e também das cidades, às quais concedeu cartas de franquia no século XII em troca da sua lealdade. O primeiro progresso tangível dos Capetianos deve-se a Luís VI (1008-1137), perfeitamente apoiado pelo abade de Saint-Denis, Suger (1082-1152). Ele até conseguiu, em 1124, forçar o imperador a se retirar de Champagne e, em 1126, aventurar-se em Montferrand e obter homenagem de Guilherme da Aquitânia.

Seu filho Luís VII (1137-1180) parece mais frágil. Em 1141, aos vinte anos, foi repreendido como um pirralho pelo papa por ter indicado o seu próprio candidato ao bispado de Poitiers: “O rei é uma criança cuja educação precisa ser feita: ele deve “prevenir os maus hábitos”, faria disse Inocêncio II, que colocou o reino sob proibição. De 1142 a 1144, ele esteve envolvido em um conflito contra seu vassalo Thibaud de Champagne; em 1147-1148, ele liderou uma infeliz cruzada da qual retornou derrotado e traiu a rainha Leonor da Aquitânia, a quem levou embora, tendo frequentado seu tio Raimundo da Aquitânia com assiduidade demais. Em 1152, o casamento foi anulado sob o falso pretexto de consanguinidade, quando o verdadeiro motivo era que a rainha até então só tinha dado à luz filhas.

Esta separação foi uma catástrofe, porque poucos meses depois Eleanor, herdeira do enorme ducado da Aquitânia, casou-se novamente com o conde de Anjou e duque da Normandia, Henri Plantagenêt. Em 1154, este último também se tornou rei da Inglaterra, Henrique II; ele então controlava mais da metade do reino da França, embora fosse vassalo do soberano capetiano. O que tem sido chamado de “Império Plantageneta”, que se estende desde o sul da Escócia até ao sopé dos Pirenéus, é a entidade política mais poderosa da Europa Ocidental. Voltaremos a isso com mais detalhes, porque é dentro deste

Machine Translated by Google

família formidável que nasceu em 1157 Ricardo, segundo filho de Henrique II e

Leonor. Na periferia destes três grupos – Império, França, Inglaterra – os outros Estados surgiram em meados do século XII como auxiliares cuja aliança poderia revelar-se útil em caso de conflito. No norte, o reino dinamarquês é o principal parceiro. Liderada de 1154 a 1182 por Valdemar, o Grande, exactamente contemporâneo de Henrique II, foi uma potência marítima significativa que, no século XI, com Knut, o Grande, conseguiu mesmo estender o seu domínio sobre a Inglaterra. Agora reduzida à península da Jutlândia, a Dinamarca possui, no entanto, uma importante frota cujos serviços o rei de França procurará em breve adquirir casando-se com a princesa Ingeburge. Ao redor do Castelo de Copenhague cresceu uma cidade que controlava o estreito. Noutra área, foi nesta altura que o clérigo dinamarquês Saxo Grammaticus contou na sua Historia Danica a trágica história do Príncipe Hamlet, que teve lugar em Elsinore (Helsingör) e que Shakespeare tornaria uma obra-prima mundial.

A leste do Sacro Império Romano ficam os territórios eslavos, ainda meio pagãos. A Polónia era governada por um rei de nome pitoresco, Boleslaw Bouche-Torse (1102-1158), que cometeu o erro de apelar ao clero germânico para evangelizar o seu reino. Começou então o avanço alemão para o leste, o Drang nach Osten: o Marquês de Brandemburgo Alberto, o Urso (1150-1170) alcançou o Oder, o duque da Saxônia Henrique, o Leão (1129-1195) fundou Lübeck e ocupou a Lusácia. Os eslavos, empurrados, voltaram para o leste, enquanto muito mais longe o nome de Moscou apareceu pela primeira vez na história, em 1147.

O dinamismo cristão também é evidente nas margens do Mediterrâneo, à custa dos muçulmanos. A Sicília e o sul da Itália (Apúlia, Puglia, Calábria) foram libertados da dominação árabe no século XI pelos normandos da família d'Hauteville, e em meados do século XII esses territórios formaram o reino conhecido como Duas Sicílias ou Nápoles e a Sicília, sobre a qual Rogério II (1101-1154) reina em Palermo. Seu sucessor, Guilherme I, o Mau (1154-1166), foi aliado do papa contra Frederico Barbarossa, que cobiçava o sul da península.

Mais a oeste, na Península Ibérica, os reinos cristãos do norte, Leão-Castela, Navarra, Aragão, continuaram a reconquista contra os muçulmanos. No entanto, esta época marcou, com o contra-ataque dos almóadas que, vindos do Magrebe, alcançaram o sucesso em meados do século XII com a captura de Córdova em 1148, de Sevilha em 1149, de Granada em 1154. Castela também ficou enfraquecida. em 1140 pela secessão de

Machine Translated by Google

Portugal, cujo rei Alfonso-Henri capturou Lisboa em 1147 e conquistou o Alentejo. Apesar da criação de ordens de monges-soldados (Calatrava em 1158, depois Santiago e Alcântara), os reinos cristãos do norte estavam então na defensiva. Castela, Navarra, Aragão e Portugal foram, no entanto, importantes potenciais aliados no duelo entre os reis de França e de Inglaterra, que procuravam através de uma diplomacia matrimonial activa obter o apoio das frotas castelhana e aragonesa. Vizinhos da Aquitânia, disputados pelos Plantagenetas e Capetianos, os reis de Castela, Navarra e Aragão podem ser valiosos auxiliares.

O encontro cara a cara entre o Cristianismo e o Islã

No entanto, durante mais de meio século, foi para o Mediterrâneo Oriental que os olhares dos papas e dos soberanos cristãos se concentraram. Ali, de facto, aconteceu a grande epopeia das Cruzadas, que para muitos deve ser a luta final para eliminar a peste islâmica.
Após o sucesso inicial de 1099, a captura de Jerusalém e a constituição dos Estados Latinos do Oriente, a situação em meados do século XII era incerta e bastante confusa. Certamente, Jerusalém ainda está nas mãos dos cristãos, e os Estados latinos ainda estão em vigor: reino de Jerusalém, condado de Trípoli, principado de Antioquia, condado de Edessa. Mas, isolados no meio do mundo muçulmano, estes 80.000 km2 espalhados ao longo da costa estão sob ameaça permanente de uma reconquista islâmica e, apesar de um fornecimento contínuo de novos cruzados, as forças cristãs são insuficientes: tendo em conta os regressos à Europa e perdas de guerra, estima-se que restem cerca de 2.000 cavalaria pesada e 15.000 soldados. Desde os anos 1112-1120, foram reforçados por monges-soldados, Templários e Hospitalários, ajudados por tropas locais pagas, os Turcopoles. Enormes fortalezas, como Montreal, Beaufort, Saône, Chastel-Blanc, Krak des Chevaliers, constituem pontos de apoio eficazes, desde que possam ser abastecidas regularmente. A fraqueza essencial dos Cruzados reside no seu comportamento e nas suas divisões. A grande maioria deles comporta-se como predadores que vivem no território, sem qualquer desejo de conversão ou integração. O sistema feudal europeu é imposto ao país com a única preocupação de extorquir receitas de terras e vários impostos. Os monges-soldados, a maioria deles brutos sem instrução, comportam-se como uma milícia arrogante imbuída da superioridade da religião cristã. Os cristãos locais, de vários ritos ortodoxos, não têm simpatia por eles. A discordância é total

Machine Translated by Google

entre este povo puro e uma minoria de cruzados que se casam com sírios, arménios, gregos, usam vestido e turbante e tentam integrar-se na sociedade local. Quanto aos comerciantes, a maioria dos quais são italianos, fazem pouca diferença entre muçulmanos e cristãos.

Nestas condições, pode parecer surpreendente que os Estados latinos não tenham sido varridos no espaço de meio século. Isto acontece porque o mundo muçulmano está paralisado pelas suas divisões internas. O califa de Bagdad só tem autoridade nominal sobre as populações divididas entre seitas, clãs e grupos étnicos. No século XI chegaram os turcos, cujo clã principal, o de Seldjouk, liderado pelos irmãos Tughril e Tchaghri, tornou-se senhor da maior parte da Anatólia, do Iraque e da Síria. Seu líder assumiu o título de sultão, o que lhe confere autoridade religiosa. Eles são sunitas intransigentes. Os seus inimigos mortais são os fatímidas do Egipto, xiitas, cujo líder, o califa do Cairo, é supostamente descendente do Profeta. Ele próprio deve ter cuidado com o poder dos vizires, que mantêm tropas mercenárias a seu serviço.

Seljúcidas e fatímidas travaram uma batalha feroz pelo controle da Palestina e não hesitaram em concluir alianças de conveniência com os cruzados. A isto há que acrescentar a presença de seitas xiitas extremistas, grupos fanáticos que se inspiram em fantasias messiânicas desenfreadas que os levam a um desprezo total pela morte e a actos terroristas indiscriminados. É o caso dos ismaelitas nazireus, que se destacaram na história como ***Hachchachin*** (Assassinos), ou seja, “consumidores de haxixe”. Seu primeiro grande mestre, Hassan Sabbah, estabeleceu-se em 1090 nas montanhas ao redor de Kazvin. Ricardo Coração de Leão terá que lidar com eles, e então os encontraremos novamente mais tarde.

Em meados do século XII , porém, o principal perigo para os Estados latinos da Palestina vinha dos seljúcidas. O Emir de Mosul, Zengi, que procura eliminar tanto os xiitas como os cruzados, traz de volta o conceito de ***jihad.*** Em 1144, ele capturou Edessa. O Ocidente cristão está alarmado. O Papa e São Bernardo lançam uma segunda cruzada, e para motivar ainda mais os cruzados, o papa institui o “privilégio da cruz”: durante todo o tempo em que estiver na cruzada, o cruzado escapa de qualquer ação legal perante os tribunais seculares, ele se beneficia desde uma moratória para todas as suas dívidas até ao seu regresso, com facilidades de empréstimo. A máquina infernal do fanatismo religioso está instalada: a jihad contra a guerra santa. Isto não impediu que a segunda cruzada, liderada por Luís VII de 1147 a 1149, fosse um fracasso total. A partir de então, o cristianismo ficou em alerta, porque o filho de Zengi, Nour ad-Din, avançava para a Síria e ameaçava as posições latinas na costa.

Machine Translated by Google

O alarme é ainda mais agudo porque as pessoas desconfiam do imperador bizantino, que na questão das cruzadas tem uma atitude ambígua. Manuel I reina er, desde 1143. O Império Bizantino foi a primeira vítima da onda árabe-muçulmana. Sendo cristão, poder-se-ia esperar que ele fosse um parceiro activo dos Cruzados, o que está longe de ser o caso.
A Igreja Bizantina, de rito ortodoxo, é inimiga jurada do Cristianismo Romano. Entre Roma e Constantinopla, entre latinos e gregos, a incompreensão chegou ao ódio, ainda antes do cisma de 1054.
O Império Bizantino, abrangendo a Europa e a Ásia, está rodeado de inimigos, cujos repetidos ataques reduziram o seu território a nada: sérvios, húngaros, búlgaros, pechenegues, normandos, turcos têm-no assediado durante anos, séculos, e por volta de 1150 foi reduzido. para a Grécia, Macedônia, Trácia, oeste da Ásia Menor, Ilhas do Egeu, Creta e Chipre.
Constantinopla era passagem obrigatória para os cruzados que tomavam a rota terrestre, mas a chegada dessas hordas de cavaleiros latinos preocupou o poder bizantino. Graves incidentes marcaram a passagem das duas primeiras cruzadas, e o basileus (imperador bizantino) não hesitou em por vezes chegar a um acordo com os seljúcidas contra os cristãos ocidentais. Foi ainda durante uma expedição contra os latinos do Oriente que o imperador João II foi morto em 1143. O seu filho e sucessor Manuel I retomoua ofensiva nos Balcãs, e obteve sucesso na Dalmácia, na Croácia, na Bósnia: para ele, o O principal inimigo não está no leste, mas no oeste, o que preocupa não só Veneza, Pisa, Gênova, os normandos da Sicília, mas também o imperador Frederico Barbarossa.

O desenvolvimento do império Plantageneta

Este é o mundo em que Ricardo nasceu em 1157. Seus pais estavam à frente da entidade territorial mais poderosa da Europa: o império Plantageneta. Expressão que requer explicação, porque abrange uma realidade complexa. Não é um império no sentido institucional do termo: a rigor, existem apenas dois impérios na Europa: o Sacro Império Romano e o Império Bizantino. O "império" Plantagenêt designa um todo heterogêneo composto por um reino e vários ducados e condados, distribuídos entre as Ilhas Britânicas e a França. Henrique II, pai de Ricardo, é rei da Inglaterra, duque da Normandia, conde de Anjou, Maine e Touraine, e através de sua esposa Eleanor, duquesa da Aquitânia, é senhor de Poitou, Saintonge, Marche, Périgord, Limousin, Quercy, Rouergue, Gasconha entre Garonne e Pirenéus, e também reivindica Auvergne e o condado de Toulouse; além disso, a Bretanha

Machine Translated by Google

tendo a reputação de depender da Normandia, não demorará muito para que ele coloque as mãos nela.

Como chegamos aqui ? Para compreendê-lo, temos que voltar a 1066. Nesse ano, o duque da Normandia, Guilherme, o Bastardo, também se tornou rei da Inglaterra, graças à sua vitória em Hastings. Ele agora é conhecido pelo apelido mais lisonjeiro de Guilherme, o Conquistador. Após sua morte em 1087, a Inglaterra passou para seu filho mais velho, Guilherme II (1087-1100), e depois para seu filho mais novo, Henrique I Beauclerc (1100-1135), que também recuperou a Normandia. Até agora, tudo é simples. Mas Henrique I só teve uma filha, Mathilde, primeiro casada com o Sacro Imperador Romano Henrique V, e depois viúva. Portanto, reivindica a Inglaterra e a Normandia. Mas ela encontrou um concorrente na pessoa de Estêvão de Blois, filho de uma filha de Guilherme, o Conquistador. Uma longa guerra de sucessão começou em 1135 entre Mathilde e Étienne. Nesta guerra, Mathilde conta com um apoio poderoso: seu segundo marido, o conde de Anjou, Maine e Touraine, Geoffroy. Este último pertence à linhagem dos Plantagenêts, uma família formidável que se destacou no século XI com personagens como Foulque, o Negro e Geoffroy Martel. A origem do seu nome permanece controversa: é mencionado pela primeira vez pelo poeta anglo-saxão Wace (1100-1175), e pode provir do facto do conde Geoffroy ter o hábito de enfeitar o seu chapéu com uma flor de vassoura. De qualquer forma, Geoffrey toma a Normandia enquanto sua esposa Mathilde tenta reconquistar a Inglaterra. Em 1152, o conde Geoffroy morreu. Sua intenção era passar Anjou, Maine e Touraine para seu segundo filho, Geoffrey, o Jovem, enquanto o mais velho, Henrique, teria a Normandia e a Inglaterra, presumindo que Mathilde pudesse prevalecer sobre Étienne. Mas o jovem Henri não vê as coisas dessa forma: ele quer toda a herança dos pais, pai e mãe. Ele destituiu seu irmão Geoffrey, o Jovem, deixando-lhe apenas os castelos de Chinon, Loudun e Mirebeau, e portanto tornou-se duque da Normandia, conde de Anjou, Maine e Touraine.

Em 1153, sua mãe Mathilde chegou a um acordo com Stephen: este permaneceria rei da Inglaterra até sua morte, e após sua morte o reino passaria para o filho de Mathilde. Foi o que aconteceu em 1154. Entretanto, em 1152, Henrique casou-se com Leonor, duquesa da Aquitânia, que acabara de se separar do seu primeiro marido, o rei Carlos VII de França. Foi assim que, no espaço de dois anos (1152-1154), Henri Plantagenêt, através de herança, casamento e golpe de força, tornou-se aos vinte anos o soberano mais poderoso da Europa, rei da Inglaterra (Henrique II), duque da Normandia, Conde de Anjou, Maine, Touraine e mestre da Aquitânia através de sua esposa Eleanor.

Machine Translated by Google

Estes são os títulos e territórios que Richard herdará. Este último, porém, não estava destinado a reinar, pois era apenas o quarto filho de Henrique e Leonor, um prolífico casal que deu à luz em 1153 a Guilherme, em 1155 a Henrique, o Jovem, em 1156 a Matilde, em 1157 a Ricardo , em 1158 para Geoffroy, em 1162 para Eleanor, em 1165 para Jeanne, em 1167 para Jean. Ricardo só devia o trono, depois de muitas aventuras, às mortes prematuras de seus irmãos mais velhos, Guilherme, em 1156, e Henrique, o Jovem, em 1183.

Além disso, o impressionante conjunto de territórios que formam este "império Plantageneta" exige várias observações. Do ponto de vista institucional, é um verdadeiro monstro feudal, propício a todo tipo de disputas. Henrique II é soberano por direito próprio apenas para a Inglaterra. Para a Normandia e Anjou, ele é um vassalo direto do rei da França, a quem deve prestar homenagem e jurar lealdade; para o Maine, ele é, segundo alguns, vassalo direto do rei da França, e segundo outros vassalo do duque da Normandia, ou seja, de si mesmo, o que resolve o problema; para Touraine, ele é vassalo do conde de Blois e, portanto, subvassalo do rei da França. Para a Aquitânia, ele depende de sua esposa Eleanor, que presta homenagem diretamente ao rei da França, mas que recebe ela mesma homenagem dos subvassalos deste imenso ducado. Tradicionalmente, o duque da Aquitânia é pessoalmente conde de Poitiers e governa diretamente Poitou e Saintonge; de resto, recebeu homenagens dos condes de Angoulême, La Marche, Périgord, dos viscondes de Limoges, bem como de uma multidão de senhores que compunham a Gasconha, do Garona aos Pirenéus. O estatuto das regiões intermédias, Berry, Auvergne, permanece obscuro e flutua dependendo do equilíbrio de poder: são vassalos directos do Rei de França ou do Duque da Aquitânia? A mesma incerteza sobre o condado de Toulouse: o avô de Leonor, Guilherme IX, duque da Aquitânia, casou-se com Filipa, filha única do conde de Toulouse Guilherme IV; mas Filipa foi destituída por seu tio, Raimundo IV, e desde então o duque da Aquitânia reivindica o condado de Toulouse, enquanto o conde de Toulouse lhe recusa qualquer homenagem e afirma ser um vassalo direto do rei da França. Em 1154, era Raimundo V, neto de Raimundo IV, marido da irmã de Luís VII.

Isso não é tudo. A partir de 1154, Henrique II também se prepara para pôr as mãos na Bretanha, aproveitando a confusão que rodeia a sucessão deste ducado (ou condado, os próprios textos deste período hesitam neste ponto). Em 1148, o duque Conan III morreu. Ele tem um filho, Hoël, e uma filha, Berthe. No entanto, foi um primo, Eudon de Porhoët, quem foi escolhido pelos barões e pelo alto clero para sucedê-lo, enquanto Hoël foi relegado para Nantes, de onde tirou o título de conde. Eudon casou-se com sua prima Berthe e

Machine Translated by Google

é em nome dela que ele dirige o ducado. Mas Bertha tem um filho do primeiro casamento, Conan, que herdou do pai a honra de Richmond, em Yorkshire, e que é, portanto, vassalo do rei da Inglaterra Henrique II. Em 1154, reivindicou a coroa ducal; seu sogro, Eudon, se recusa a ceder; Conan, espancado, refugiou-se na Inglaterra, onde preparou o seu regresso com a ajuda de Henrique II. Em 1156, Conan expulsou Eudon da Bretanha e tornou-se oficialmente duque Conan IV. Como era ao mesmo tempo conde de Richmond, Henrique II aproveitou habilmente esse fato para considerá-lo um vassalo tanto de Richmond quanto da Bretanha, e isso ainda mais facilmente porque em duas ocasiões já no passado o duque da Bretanha havia prestou homenagem ao duque da Normandia, e que Henrique II também é duque da Normandia. Plantageneta está, portanto, preparando a sua tomada direta da Bretanha, que completará o seu domínio sobre mais do que a metade ocidental do reino da Fran

Unidade e diversidade de territórios

Perante esta incrível justaposição de territórios e este imbróglio de estatutos e ligações feudais, surge imediatamente uma questão: será o império Plantageneta viável e governável? Porque finalmente, sem sequer falar das relações de dependência vassalica, estamos perante um agregado de territórios sem qualquer unidade cultural, linguística ou institucional, que se estende desde o sul da Escócia até ao Béarn e da baixa Bretanha até Auvergne. ser gerido com os meios do século XII: o cavalo e o manuscrito em pergaminho. O conjunto não tem capital, no máximo alguns centros administrativos locais, como Rouen, Londres ou Poitiers. O governo está constantemente em movimento, com os seus arquivos e os seus cofres, atravessando e recruzando o Canal da Mancha conforme as emergências ditam.

A Inglaterra é apenas um elemento, que nem sequer é o maior nem o mais populoso, mas que é o mais bem organizado e que, graças ao Canal da Mancha, constitui um refúgio fora do alcance de potenciais inimigos vindos do continente. O governo é assegurado pela Curia regis, a Corte do Rei, reunião restrita de barões, prelados e qualquer pessoa convocada pelo rei de acordo com os assuntos a tratar. A sua jurisdição é universal, podendo desempenhar a função de tribunal de justiça, bem como de assembleia administrativa ou financeira. Excepcionalmente, este tribunal restrito ou concilium pode ser transformado num tribunal geral que reúna centenas de vassalos e eclesiásticos quando for necessário tomar decisões particularmente graves. Em sua operação normal, entretanto, encontramos

Machine Translated by Google

alguns parentes e seguidores do rei, os ***familiares,*** os ***aulici,*** os ***conciliarii,*** bem como os grandes oficiais: o chanceler, guardião do selo real e chefe dos serviços de redação e envio de cartas, o tesoureiro, o grande juiz, que é um pouco como o primeiro-ministro. Devido às frequentes ausências do rei, que por vezes duravam vários anos devido às suas ocupações continentais, a máquina administrativa central habituara-se a funcionar sozinha, mas um constante vaivém de mensageiros mantinha um contacto próximo com o rei soberano, com atrasos que podem pode chegar a quinze dias ou um mês se os ventos forem contrários, o mar muito forte ou se Sua Majestade estiver em campanha em algum lugar nas profundezas de Auvergne.

A Inglaterra tem um sistema de direito consuetudinário muito mais avançado do que o continente. Os documentos legislativos, os ***Assizes,*** aplicam-se a todo o reino, e a ordem pública é assegurada pelos ***xerifes,*** agentes do poder central que são ao mesmo tempo nobres locais. Dotados de grandes poderes em todas as áreas, não estão isentos da arbitrariedade e da corrupção, mas são, na maioria das vezes, engrenagens eficazes no governo local. A Inglaterra também está um passo à frente do continente no domínio da tributação, porque existe um sistema de impostos directos que atinge todas as categorias sociais, o antigo danegeld , que Henrique II substituirá por impostos mais produtivos, acrescentando-se ao rendimento do domínio e aos impostos feudais. A administração fiscal, o Tesouro, mantém as contas atualizadas com notável precisão. Outra originalidade é a extraordinária importância da Floresta Real, onde se aplicam leis particularmente rigorosas. Abrange imensas áreas de matas, charnecas, pastagens, culturas e locais habitados. Para o rei, não é apenas uma reserva de caça: ele arrecada multas e taxas lucrativas em 33 dos 39 condados do país. Todo o condado de Essex, por exemplo, faz parte da Floresta.

No geral, a monarquia anglo-normanda é uma máquina de eficiência formidável, onde a grande nobreza tem menos meios de acção do que no continente. Desde Guilherme, o Conquistador, os grandes vassalos tiveram domínios dispersos, exceto nas fronteiras do País de Gales e da Escócia, regiões mais selvagens onde asseguravam a proteção do reino contra os turbulentos vizinhos celtas. A autoridade real marca a paisagem com a presença de castelos imponentes que se desenvolveram a partir de formidáveis torres quadradas, como em Rochester, Hedingham e, claro, Londres. Graças a esta administração, o rei pode permitir-se longas ausências para cuidar dos seus territórios continentais.

Machine Translated by Google

Na Normandia, onde é duque, a máquina governamental também está bem estabelecida. Foi criado seguindo os mesmos princípios e pelos mesmos soberanos da Inglaterra. A corte ducal, que às vezes assume a forma de uma grande assembleia solene e, na maioria das vezes, de uma pequena comissão que reúne os grandes oficiais, é o órgão central. O grão-senescal da Normandia, que detém a custódia das terras do duque, que faz uma visita completa ao ducado a cada três anos, que zela pela manutenção dos costumes, da paz e da justiça, atua como vice-rei. O domínio ducal inclui, como na Inglaterra, vastas áreas cultivadas ou florestais. O duque-rei obtém dela receitas significativas, às quais se somam impostos extraordinários sobre todo o ducado. Tudo está centralizado no Tesouro de Caen, onde o Tribunal se reúne duas vezes por ano em sessão financeira, a Curia domini regis ad scaccarium, sob a direção do grão-senescal e do tesoureiro. As contas são feitas sobre um tabuleiro de xadrez, por especialistas, e a Normandia fornece uma parte essencial das receitas do soberano Plantageneta. Um tribunal de justiça itinerante percorre o ducado e julga em “sessões plenárias”, lideradas pelo senescal e pelo condestável da Normandia, as causas que interessam ao duque, mas também aos senhores e às abadias. Recorre-se, como em Inglaterra, ao inquérito juramentado, com depoimentos de testemunhas formando júri, o que não exclui a prática de duelos judiciais durante “argumentos de espada”, uma sobrevivência de tempos bárbaros. Henrique II para recuar. A administração local está nas mãos de cerca de vinte viscondes, muitas vezes hereditários, que os Plantagenêts irão gradualmente substituir por oficiais de justiça, equivalentes a xerifes, com poderes fiscais e judiciais. A solidez desta administração permite, tal como em Inglaterra, que o rei-duque se ausente por longos períodos sem que a ordem seja gravemente perturbada. Uma rede de sólidas fortalezas permite cruzar o país, onde a população é em grande parte leal ao duque e hostil ao rei da França, como evidencia a literatura normanda da época: em seu Geste dos normandos, Wace escreve que o povo francês é falso e pérfido, cobiçoso e avarento, e o rei-duque deve ter cuidado com ele.

Em Anjou, Maine e Touraine, entramos num mundo diferente. Estamos aqui nas terras originárias da dinastia Plantageneta, condes de Anjou desde o século IX. Henrique II nasceu em Le Mans em 1133. A região, menos rica que a Normandia, também era administrada de forma diferente. O tribunal do conde de Angers é presidido na ausência do conde pelo senescal de Anjou; localmente, a ordem é mais ou menos assegurada pelos nobres locais, que possuem vários títulos, reitores, senescais, oficiais de justiça, e têm poderes mal definidos. A aristocracia angevina,

Machine Translated by Google

entrincheirado nos seus castelos, é mais independente e turbulento do que o domínio anglo-normando. As relações entre o Conde de Anjou e o seu suserano, o Rei de França, sempre foram tensas. O conde afirma exercer o cargo hereditário de senescal de França, o que lhe permite negar antigos direitos que o rei detém no concelho, nomeadamente sobre as igrejas de Saint-Martin e Saint-Julien de Tours. Disputa típica dos imbróglios jurídicos do mundo feudal que Henrique II tentou esclarecer a seu favor, fazendo com que seus fiéis Hugues de Cleefs redigissem um Tratado sobre a Câmara Municipal e o Senescal da França.

Atravessemos o Loire e entremos no enorme Ducado da Aquitânia. Aqui nos encontramos em meio à “anarquia feudal”, termo utilizado pelo grande historiador Charles Petit-Dutaillis em 1933 em sua obra que se tornou um clássico do gênero, A Monarquia Feudal na França e na Inglaterra, e que ele explicado da seguinte forma: “No século XII, a Aquitânia continuou a oferecer o espetáculo da anarquia feudal tal como existia em toda a França na época de Hugues Capeto. O reinado de Guilherme VIII, pai de Leonor, não passou de uma série de violências, banditismo, pequenas guerras, que aliás agradaram ao duque, mas nas quais nem sempre saiu vitorioso [...]. Após seu casamento com Eleanor, Luís VII não conseguiu manter as rédeas nas mãos; seus oficiais não conseguiam manter a ordem e tinham grande dificuldade em ganhar alguns royalties aqui e ali. Quais eram exatamente os laços feudais que ligavam a nobreza Poitevin e Gascon ao duque? Os historiadores raramente os definiram, seja por falta de textos ou porque essas ligações permaneceram indeterminadas. O conde de Angoulême afirmava, na maior parte dos seus feudos, dever homenagem apenas ao rei da França. Mesmo os pequenos senhores, os “solteiros” de Poitou, recusaram os deveres feudais dos Plantagenetas. Além disso, os juramentos tinham pouco valor prático; a deslealdade da nobreza Poitevin era proverbial,…nem o clero, embora coberto de doações, nem as cidades ofereceram apoio confiável1.

O mapa aqui é muito enganador: a enorme extensão da Aquitânia, que por si só representa um bom quarto do império Plantageneta, dá a ilusão de ser uma fonte de riqueza e poder, quando na verdade é um foco perpétuo de agitação e revoltas, cada senhor jogando com as incertezas da lei feudal e a pluralidade de laços vassalos em relação aos Capetianos e aos Plantagenetas para se comportar de maneira completamente independente, recusando a lealdade a ambos, trair e mudar de lado de acordo com o equilíbrio de poder, enquanto oprime seus próprios dependentes. Nada poderia ser mais falso do que a imagem romântica do país de bons trovadores decorando as noites dos escudeiros com as histórias de seus romances cortês, sob o reinado da bela e boa Leonor. A realidade é

Machine Translated by Google

a permanente revolta e banditismo de senhores que não retêm nem os juramentos de homenagem nem as obrigações feudais, como o demasiado famoso Bertran de Born, “o poeta guerreiro, valentão insuportável que não vê nada de agradável exceto a carnificina e o fogo2”. Ricardo Coração de Leão passará a maior parte de sua vida tentando trazer alguma ordem a esta bagunça. Obra de Sísifo: A Aquitânia, longe de ser um elemento de força dos Plantagenetas, é um presente envenenado resultante do casamento de Leonor e Henrique II.

Ao contrário das regiões anteriores, não podemos realmente falar aqui de um governo central. Existe de facto um senescal da Aquitânia, um cargo criado por Guilherme, tal como o conde de Salisbury, morto com uma lança por Hugues de Lusignan em 1168. A autoridade do duque ou da duquesa é de facto exercida apenas no próprio Poitou, e entra em conflito continuamente. com os condes de Angoulême, aos viscondes de Limoges, enquanto Berry, Limousin, Auvergne são disputados pelo rei da França. O domínio ducal, limitado aos reitores de Poitiers, Niort, Benon, La Rochelle, Saint-Jean-d'Angély, Fontenay-le-Comte, baseia-se em castelos cuja guarda é confiada a mercenários que colocam em copa regulamentada aldeias vizinhas.

Quanto à Bretanha, que só foi verdadeiramente incorporada no império Plantageneta a partir de 1166, quando Henrique II forçou Conan IV à abdicação e assumiu pessoalmente o comando do ducado, que pretendia para o seu filho Geoffrey, é um conjunto de grandes senhorios cujos titulares, muito ciumento da sua independência, obrigou o rei de Inglaterra a intervir em diversas ocasiões. Os condados de Rennes, Penthièvre, Guingamp, Léon, Cornouaille, Vannes e Nantes são verdadeiras potências, vassalos do duque mas na realidade quase autónomos. O mais formidável é o condado de Rennes, do qual dependem enormes feudos, como o visconde de Porhoët com as suas 140 freguesias e os seus 400.000 hectares de charnecas, florestas e terras cultivadas no centro da Bretanha. Todos estes senhores, habituados a conduzir as suas próprias políticas, não veem com bons olhos a perspectiva de um forte poder ducal, exercido pelo punho de ferro de um Plantageneta, e em diversas ocasiões organizarão coligações feudais, apoiadas secretamente pelo Rei de França. . No entanto, as instituições bretãs, ainda rudimentares em meados do século XII, beneficiaram muito dos talentos administrativos da dinastia angevina com

Machine Translated by Google

Um todo ingovernável?

Esta rápida visão geral da diversidade política e institucional do império Plantageneta leva-nos de volta à nossa questão inicial: seria possível gerir tal conjunto de territórios díspares com os meios da época? Constitui um poder real ou é um espantalho, uma fachada ilusória cuja falta de unidade constitui uma fraqueza fatal?

É apropriado colocar as coisas em perspectiva. Primeiro, existe uma ligação entre todos estes territórios díspares, uma ligação administrativa: todas as encomendas vêm da mesma organização. O rei é permanentemente acompanhado por uma chancelaria que envia cartas tanto para a Inglaterra como para Poitou, Normandia ou Périgord, e cujo conteúdo é vinculativo para os oficiais locais. Certamente não existe nenhum sentimento de solidariedade, nenhum sentimento de pertença ao mesmo "Estado" entre os habitantes de Yorkshire e os de Touraine, por exemplo, mas também nada liga estes habitantes a grupos externos; O patriotismo francês é completamente inexistente e para quase todas as populações é indiferente depender de Luís VII ou Henrique II; os normandos são até bastante hostis aos capetianos, como já dissemos.

Os agricultores não têm voz de qualquer maneira. Quanto às categorias dominantes, o clero é, em geral, leal ao soberano Plantageneta. A hierarquia eclesiástica está intimamente ligada à dinastia governante, que se preocupa em eleger bispos favoráveis. Na Normandia, foi o arcebispo de Rouen quem confiou a espada ao duque; na Aquitânia, o novo duque é tradicionalmente proclamado abade de Saint Hilaire de Poitiers e vai à catedral de Limoges para receber o anel de Saint Valéry; na Inglaterra, é o Arcebispo de Canterbury quem coroa o rei. O infeliz caso Becket, que poderia ter sido muito prejudicial para Henrique II, acabou por não ter consequências muito graves, porque a maioria do clero permaneceu leal ao soberano. O caso da grande nobreza é mais delicado. Na Inglaterra e na Normandia, ela é submissa, mas está atenta ao menor sinal de fraqueza do rei-duque. Na Aquitânia, ela é quase incontrolável, especialmente porque o rei da França a pressiona a apelar à sua justiça como suserana do duque (ou duquesa). Quanto às cidades, elas estão esperando. Ao contrário dos Capetianos, os Plantagenetas, desconfiados, concederam poucas cartas de comuna, e os burgueses dificilmente ousaram fazer exigências. Foi só com os problemas do reinado de Henrique II que Poitiers, Rouen e La Rochelle obtiveram franquias.

A variedade de línguas e costumes também não constituiu um obstáculo proibitivo à coesão do império Plantageneta. O que isso importa

Machine Translated by Google

que um habitante de Norfolk não entende uma palavra do que diz um Auvergne, pois nunca se encontrarão e não sabe ler. Dado que, em geral, todos ficam em casa, a questão de uma língua comum não se coloca. O que importa é que os líderes se entendam. Para isso, existe o latim nos documentos oficiais e o francês nos contactos orais: recorde-se que desde a conquista normanda, a aristocracia anglo-normanda tem-se expressado exclusivamente em francês. Os reis da Inglaterra, no século XII, não conheciam a língua inglesa, a língua dos camponeses. Certamente, o francês da aristocracia anglo-normanda, angevina e poitevina inclui múltiplas nuances e sotaques variados, mas lembremo-nos também que a multiplicidade de línguas na França do Antigo Regime não será um obstáculo à sua coesão.

E então, vejamos o mapa: o império Plantageneta pode muito bem ser composto por uma infinidade de peças variadas, mas mesmo assim forma um bloco coerente; pode-se ir do estuário do Somme ao Béarn sem nunca sair dos Estados do Rei da Inglaterra. Apenas o Canal da Mancha o divide em dois. Mas o Canal da Mancha é neutro, não está sob o controlo de uma potência estrangeira e nunca foi um obstáculo para o Rei de Inglaterra, que continua a atravessá-lo de acordo com a necessidade política. Tal como os romanos, que fizeram do Mediterrâneo o Mare nostrum, tenderá mesmo a anexá-lo: para os ingleses, o Canal da Mancha é o Canal da Mancha.
De certa forma, o império Plantageneta forma um bloco mais compacto do que o pequeno domínio capetiano pontilhado de enclaves.

Em última análise, a ameaça mais grave que pesa sobre este império é a força centrífuga representada pela sua estrutura feudal, com um soberano que só é rei em Inglaterra, e que no continente é vassalo do rei de França, vassalo direto da Normandia, Anjou e Maine, subvassalo da Touraine, vassalo por procuração da Aquitânia, vassalo contestado da Bretanha. Em todos esses territórios, o rei da França está pronto para puxar todos os cordelinhos que a lei feudal lhe oferece para inclinar os condes e viscondes locais para o seu acampamento.

Os Plantagenêts, uma família infernal: os filhos de Mélusine

Para enfrentar esta ameaça de desintegração, Henrique II entendeu que o seu melhor trunfo era a sua família. Lúcido, ele entende que qualquer tentativa de unificação de seus territórios é impossível, e em nenhum momento tentou alcançá-lo. Claro, ele impõe a todas as partes do seu império

Machine Translated by Google

as decisões mais importantes, que devem ser aplicadas uniformemente em ambos os lados do Canal da Mancha. Mas ele nunca tentará unificar instituições, leis, costumes. A sua concepção de império é a de uma federação familiar da qual ele é o centro: governando através dos seus filhos, das suas filhas, da sua esposa e de parentes mais distantes, sobre os quais pretende manter um controlo estreito. O império Plantageneta sob o reinado de Henrique II era uma espécie de empresa familiar, um consórcio anglo-normando-angevino, na época de seu apogeu: em torno do rei, a rainha Leonor e depois seu filho Ricardo à frente da Aquitânia, seu filho mais velho Henrique, o Jovem, com os títulos de Duque da Normandia e Rei da Inglaterra, o filho mais novo, Geoffrey, à frente da Bretanha. A família estendeu ainda os seus tentáculos ao mundo germânico e mediterrânico, com o casamento das filhas de Henrique II: Mathilde, esposa do duque da Saxónia Henrique, o Leão, Leonor, esposa do rei de Castela Alfonso VIII, Jeanne, esposa de o rei da Sicília Guilherme. Poderíamos até nos perguntar se em determinados momentos Henrique II não teve opiniões sobre o Sacro Império, sobre o reino de Jerusalém e até mesmo sobre o Império Bizantino. Mesmo que isto não se baseasse em nada de muito grave, o simples facto de a hipótese ter sido levantada revela a desconfiança despertada

Contudo, para garantir a sustentabilidade de um império familiar, os membros da família devem viver em harmonia, apoiar-se e ajudar-se mutuamente. E é aí que reside talvez a fraqueza fundamental do império Plantageneta: raramente vimos uma família principesca dilacerada de tal forma. Verdadeiros Atrides medievais, os Plantagenetas formam um clã infernal consumido por ciúmes, rivalidades, ódio, traições, guerras internas, marido contra esposa, filho contra pai, irmãos contra irmãos, tio contra sobrinho. A sua reputação já era tão execrável no século XII que circulava sobre eles a lenda da sua origem diabólica.

Contava-se que certa vez um conde de Anjou regressara de uma longa viagem com uma esposa misteriosa, muito bonita, mas que tinha o estranho hábito de deixar a missa antes da consagração. Um dia, o conde pede a quatro de seus cavaleiros que o impeçam de sair. E então, quando o padre levanta a hóstia consagrada, a condessa solta um grito horrível e desaparece no ar. Foi Melusina, filha de Satanás; ela leva consigo dois de seus filhos, mas outros dois permanecem na terra: são os ancestrais da família Anjou. “Eles vêm do diabo e ao diabo voltarão”, teria dito São Bernardo3. Esta história tornou-se até motivo de piada entre os filhos de Henrique II que, segundo Gerald, o Galês, responderam àqueles que os censuravam pelas suas contínuas brigas: “Não podemos

Machine Translated by Google

tirar nossa herança: não podemos deixar de nos comportar como demônios4. – »

Teremos muitas vezes a oportunidade de confirmar esta afirmação falando do quarteto infernal que constitui Henrique, o Jovem, Ricardo, Geoffrey e João, cujas explosões de raiva não são de forma alguma lendárias. Eles têm alguém para cuidar. Devemos agora olhar para a personalidade de seus pais, pai e mãe de Richard, com quem este último manterá relações que quase poderiam ser descritas como freudianas.

O pai: Henrique II, uma personalidade avassaladora

O pai, Henri II Plantagenêt, é, como homem e como soberano, uma das personalidades mais fortes da Idade Média. Poucos príncipes medievais nos são tão conhecidos como ele, graças aos numerosos testemunhos deixados pelos clérigos da sua comitiva imediata e por vários cronistas, admiradores e detractores, o que nos permite obter um retrato equilibrado. A descrição mais completa da personagem encontra-se nas cartas de Pierre de Blois, um dos grandes intelectuais da segunda metade do século XII, arquidiácono de Cantuária e secretário do rei, que por isso conhecia particularmente bem. Eis o que ele diz: “É um homem de

cabelos ruivos, de estatura mediana; tem rosto leonino, quadrado, olhos arregalados, ingênuos e gentis quando está de bom humor, e que brilham quando está irritado. As pernas de cavaleiro, o peito largo, os braços atléticos revelam o homem forte, ágil e ousado. Ele não cuida das mãos e só usa luvas se estiver segurando um falcão. Ele usa roupas e penteados confortáveis, sem luxo. Combate a obesidade que o ameaça através da sobriedade e do exercício e, graças às caminhadas e aos passeios a cavalo, mantém a juventude e cansa os mais robustos dos seus companheiros. De manhã à noite, constantemente, ele cuida dos assuntos do reino. Exceto quando ele anda a cavalo ou faz suas refeições, ele nunca se senta. Em um dia ele às vezes pedala quatro ou cinco vezes mais do que passeios normais. É muito difícil saber onde ele está e o que fará durante o dia, pois muitas vezes muda de ideia. Ele põe à prova a constância de sua comitiva, que às vezes vagueia por três ou seis quilômetros em uma floresta desconhecida, à noite, e tem que ficar em cabanas sórdidas. Mas assim, enquanto os outros reis descansam nos seus palácios, ele pode surpreender e desconcertar os seus inimigos e tudo fiscaliza, aplicando-se especialmente a julgar aqueles que fez juízes dos outros. Quando ele não tem um arco ou uma espada na r

Machine Translated by Google

leitura. Ninguém é mais engenhoso ou mais eloqüente e, quando consegue se libertar das preocupações, gosta de discutir com os estudiosos. Ele é um grande construtor: seja para erguer fortificações, fechar parques de caça ou viveiros de peixes, ou construir palácios, ninguém é mais sutil ou mais magnífico. Moralmente, ele é calmo no perigo e moderado na prosperidade. Ele odeia derramamento de sangue e considera a paz o bem mais desejável que um rei pode proporcionar ao seu povo. Para mantê-la, ele empreende um enorme trabalho, e é para isso que acumula e gasta enormes riquezas – porque prefere obtê-las com dinheiro e não com armas – é por ela que ele aterroriza os grandes, humilha os orgulhosos, constrói castelos, conclui tratados e alianças. Para com aqueles que o rodeiam, ele é afável e generoso; enche a Igreja de bens e evita a simonia. Depois de ter dado sua afeição, só a retira com dificuldade; mas, se ele tiver aversão a alguém, não admitirá mais facilmente sua familiaridade.
Ao povo da Igreja que lhe recomendou misericórdia para com os seus inimigos, ele respondeu que não conseguia encontrar tanta paciência e humildade no seu coração. Seus filhos, porém, apesar das revoltas armadas que deveriam levar à deserdação, ele não pode e não quer despojá-los; seu coração não é capaz disso5.»

Este último ponto é bastante discutível, como veremos, e o quadro é bastante lisonjeiro. Antes de passarmos aos elementos principais, vamos completá-lo com outras fontes. João de Salisbury (1110-1180), bispo de Chartres, castigou os excessos carnais do rei e não foi o único. Já pai de dois bastardos antes do casamento, aos dezessete anos, demonstrou um apetite sexual desenfreado até o fim. Esse grande malandro não teria hesitado em estuprar sua sobrinha, que lhe fora confiada como refém6, nem mesmo a noiva de seu filho Ricardo, Alice, filha do rei da França, sob cuja custódia ele estava; um cronista afirma mesmo que teve um filho com ela7 e, segundo Gerald, o Galês, considerou casar-se com ela8. Seu caso com Rosamund Clifford, verdadeira amante titular desde 1174, tornou-se famoso, e alguns de seus bastardos foram integrados ao aparato governamental, como Geoffrey, arcebispo de York.

Gautier (Walter) Map, juiz itinerante na Inglaterra em 1172-1173 e 1184-1185, chama a atenção para seu desejo de manter o controle de todos os setores do governo, recusando-se a delegar seus poderes e depositar sua confiança até mesmo em seus familiares, seguindo sua conselho da mãe: “Ele tinha que atrasar os negócios de todo mundo, ter em mãos todos os cargos que ficavam vagos; receber a renda e manter os candidatos em suspense; ela justificou esse conselho com uma parábola desagradável: quando você tem um falcão não muito dócil, se você lhe oferece frequente

Machine Translated by Google

quer lhe tiremos ou escondamos, ele se torna mais habilidoso, mais obediente e atento9 – » De temperamento autoritário, Henrique II temia ver o poder escapar-lhe, e a sua energia ilimitada permitiu-lhe, ao custo de tarefas incessantes, supervisionar pessoalmente todos os detalhes do governo.

A única pessoa de sua família em quem ele confia é sua mãe, a Imperatriz Mathilde, uma amante a cuja teimosia ele deve o trono da Inglaterra. Aposentada em Rouen até sua morte em 1167, Mathilde exerceu uma influência significativa sobre seu filho, que a consultava frequentemente. Encontraremos exatamente essa mesma relação de confiança entre mãe e filho com Leonor da Aquitânia e Ricardo.

O londrino William Fitz Stephen, autor por volta de 1180 de uma biografia de Thomas Becket, tem prazer em enfatizar a falta de dignidade do rei, vestido com muita modéstia e que não se preocupa com os bons modos, muito menos com o protocolo, entrando a cavalo na sala onde seu chanceler está sentado para a refeição com seus conselheiros, pulando sobre a mesa, ali se acomodando em traje de caça e exigindo comida em voz alta10 . O reitor da Catedral de São Paulo em Londres, Ralph de Diceto, era por outro lado um admirador de Henrique, de quem era próximo. Ele relata as suas qualidades, em particular a actividade sem limites, a incrível velocidade dos seus movimentos, o que desconcerta até Philippe Auguste: “Às vezes na Irlanda, às vezes na Inglaterra, às vezes na Normandia, ele deve voar em vez de viajar a cavalo ou de barco11 .

— » É sem dúvida um príncipe culto, que lê latim, fala várias línguas, provençal, italiano e principalmente francês, que usa no dia a dia, mas ignora o inglês. Ele gosta de conversar com estudiosos; sua piedade é a da maioria de seus contemporâneos: formal, e a frequência aos cultos pesa sobre ele; durante a missa, ele conversa, rabisca pequenos desenhos, olha as esculturas.

Porque acima de tudo é um homem de ação incansável, sempre em movimento. Incapaz de ficar parado por mais de uma hora, ele exaspera o cronista Ralph Niger, que vê nele apenas um tirano e um debochado, sacrílego e sem princípios, odiando os homens de bom nascimento, oprimindo seus súditos, apropriando-se indevidamente de heranças, confiando ao mais alto. posições às pessoas comuns: “Ele aboliu as leis antigas, e a cada ano fazia novas, que chamava de “avaliações”12 .

— » Para o monge anônimo de Eynsham, ele merece os piores tormentos do inferno, e Gerald, o Galês, não é mais terno, acreditando que “faria melhor se passasse tanto tempo meditando quanto caçando”.

Os julgamentos, como vemos, são contrastantes. Num ponto, porém, as opiniões são unânimes: Henrique II é irascível. Seu temperamento violento

Machine Translated by Google

o leva a ataques de fúria. Quando um de seus conselheiros ousa falar favoravelmente do rei escocês Guilherme, o Leão, a quem ele odeia, ele fica furioso, rasga suas roupas, arranca as cortinas de sua cama e começa a comer a palha do colchão. Mas não façamos caricaturas: Henrique II é certamente um dos maiores soberanos medievais.
Inteligente e culto, astuto e realista, ele foi capaz, durante mais de trinta anos, de manter à distância o extraordinário conjunto de territórios que é o império Plantageneta, ao custo de enormes gastos físicos e intelectuais. Sempre a caminho, atravessando o Canal da Mancha dezenas de vezes, é em França que passa a maior parte do seu reinado, porque é aí que estão os problemas. Ele é muito mais francês do que inglês e, acima de tudo, é de Angers. Nascido em Le Mans, falecido em Chinon, sepultado em Fontevraud, foi rodeado de conselheiros da Normandia, Poitou, Angevin, porque não levava em conta a origem geográfica dos seus auxiliares, e havia na Inglaterra xerifes normandos e de Le Mans. . Bom soldado, Henri preferia, no entanto, a negociação à guerra, e só recorria a ela em casos de absoluta necessidade. Mas quando ele faz isso, ele é impiedoso.

Autoritário e desconfiado, ele insiste em controlar tudo pessoalmente e se recusa a delegar a menor partícula de seu poder. O personagem impressiona e exerce um domínio formidável sobre sua família, sufocando qualquer desejo de independência de seus filhos. Pai castrador, diríamos hoje, diante de quem Henrique, o Jovem, Ricardo, Geoffrey e João tremem por muito tempo. Pai freudiano, dissemos, a quem Richard admira e teme, com uma mistura de respeito e ódio ciumento. Se é necessário realçar a personalidade de Henrique II é porque desempenhou um papel fundamental na vida de Ricardo durante trinta e dois anos, ou seja, três quartos da sua existência. Ao longo deste período, Henri será ao mesmo tempo o modelo e o obstáculo do qual Richard se esforçará para se libertar, e com ele manterá uma complexa relação de amor e ódio.
E não é forçar a questão dizer que em 1189 Ricardo matou o pai, como veremos, e libertou-se da sua influência.

A mãe: Leonor. Uma relação edipiana?

O esquema edipiano vem ainda mais à mente porque as relações entre Richard e sua mãe também são marcadas por circunstâncias particulares que provavelmente influenciarão sua psicologia. A personagem de Leonor da Aquitânia é muito menos conhecida do que a de seu marido, apesar e talvez por causa dos vôos líricos da historiografia romântica que via nela apenas a dama dos romances cortês e, claro,

Machine Translated by Google

de amor, inspiração de uma corte refinada em Poitiers, onde trovadores, bravos cavaleiros e nobres damas se convivem. Esta imagem, que podemos qualificar anacronicamente de Epinal, obscureceu na verdade uma realidade muito mais prosaica. O conto de fadas encobriu os factos crus – e brutais – que, no entanto, são de muito maior interesse.

Quando Eleanor, filha única e herdeira do duque da Aquitânia Guilherme, casou-se com o conde de Anjou Henri Plantagenêt em 1152, ela era uma mulher de trinta anos com um passado político e sentimental já pesado. Casada pela primeira vez aos quinze anos com o rei da França Luís VII, de quem teve duas filhas, esteve na cruzada de 1187-1189, depois seu casamento foi anulado em 1152 sob o pretexto de consanguinidade. O seu novo marido, Henri, é doze anos mais novo que ela, o que, no mundo feudal, já é um facto excepcional, porque normalmente a diferença, que pode ser considerável, é no sentido oposto: o homem casa com uma mulher muito jovem, para ter numerosos descendentes. Outra particularidade: este casamento parece ter sido ao mesmo tempo uma questão de política e de paixão, entre dois temperamentos muito ardentes. Dissemos isso por Henri. Leonor, por sua vez, tem sólida reputação de mulher frívola, desde os rumores de adultério com seu tio Raimundo de Toulouse durante a cruzada. Não importa se esses rumores são verdadeiros ou não. O importante é que existam, e os cronistas fazem eco disso, ainda durante a vida de Leonor: “Ela negligenciou a lei do casamento em detrimento da dignidade real” e “foi infiel ao leito conjugal”, escreve Guilherme de Tiro. Essa reputação a acompanhou até a velhice. Por volta de 1190, o cronista Richard de Devizes ainda a descrevia como "uma mulher incomparável, ao mesmo tempo bela e graciosa, voluntária e gentil, modesta e sagaz, o que é raro numa mulher... Mesmo agora, ela é incansável e ficamos surpresos de sua energia”, e ele faz um aparte: “Muitos sabiam o que eu gostaria que ninguém soubesse: o que esta mesma rainha era em Jerusalém na época de seu primeiro marido; Não direi mais nada, embora saiba das coisas. Shh13! » —

Aqueles que rodeavam a jovem Eleanor também sabiam que a rainha censurava o rei pela sua falta de entusiasmo na cama: “Casei-me com um monge”, teria declarado ela. Foi somente após sete anos de casamento que ela concebeu sua primeira filha, Maria, em 1145, seguida cinco anos depois por uma segunda filha, Alice. Tudo muda com o segundo marido, o impetuoso Henri, de dezoito anos, a quem esta experiente mulher de trinta anos dá à luz imediatamente um filho.

O jovem Richard está obviamente ciente dos rumores que circulam sobre as escapadelas da sua mãe e, sem querer exagerar o impacto psicológico deste facto, é ainda necessário recordar alguns

Machine Translated by Google

de circunstâncias que provavelmente perturbarão as mentes dos filhos de Eleanor. Além do suposto adultério com o tio, também se dizia que a duquesa da Aquitânia teria tido relações íntimas com o seu futuro sogro, o conde de Anjou Geoffroy, pai do seu segundo marido Henri Plantagenêt: “Geoffroy Plantagenêt, quando “ele era senescal de França, tinha-a usado”, diz um cronista, e para o cisterciense Hélimand de Froidmont Aliénor “não se comportava como uma rainha, mas como uma prostituta” e, além dos maridos, teria, portanto, também dormiu com o sogro e com o tio. Isso ainda é muito. Acrescentemos, outros fatores perturbadores, que já foi considerado, antes de 1152, casar a filha de Eleanor e Luís VII, Maria, com o muito jovem Henri Plantagenêt, o que teria feito de Eleanor a sogra de seu futuro segundo marido; depois, após o nascimento de Ricardo, em 1157, este ficou noivo durante anos de Alice, filha do primeiro marido de sua mãe, nascida do novo casamento de Luís VII com Constança de Castela. E o pai de Richard, Henrique II, é fortemente suspeito de estuprar Alice, sua potencial futura nora. Ricardo nunca se casará com ela, e permanecerá solteiro até os trinta e dois anos, até que sua mãe Leonor quase lhe impõe como esposa Berengária de Navarra, filha do rei Sancho, "donzela sábia, mulher gentil e "preue e bela", diz o cronista Ambroise. Richard negligenciará completamente esta “empregada sábia”, com quem raramente coabitará e com quem não terá filhos. Obviamente, Ricardo Coração de Leão tem uma vida sexual perturbada por todas essas complicações familiares. Voltaremos a isso.

A mulher de sua vida é sua mãe, Eleanor, de quem ele é o filho preferido, o carissimum, o "querido", termo que ela usa em suas cartas, enquanto Jean só tem direito a um dilectum, termo educado comum. Durante a adolescência, Richard raramente via o pai, e estava frequentemente em Poitiers com a mãe, participando dos círculos de trovadores que se aglomeravam ao seu redor e nos quais se falava muito do amor cortês e das estratégias de sedução, arte em que Eleanor é um especialista. Dado o contexto que acabamos de recordar, com estes encontros mais ou menos incestuosos, não é excessivo pensar que este ambiente possa, em certa medida, ter afectado a mente do adolescente Richard, que vê a sua mãe cortejada por um bando de amigos trovadore

E então, ao completar dezesseis anos, houve um rompimento entre seus pais: Henri mandou prender Eleanor, que manteve em prisão domiciliar por vinte anos, enquanto formalizava seu caso com Rosamund e mantinha relações suspeitas com Alice, noiva de Richard. Ele vai para a guerra contra o pai, na companhia dos irmãos. Situação

Machine Translated by Google

caracterizou Édipo, poderíamos dizer: revolta do filho contra um pai tirânico, violento e castrador, que mantém prisioneira a amada mãe.
É ridículo aplicar este esquema desenvolvido por um psiquiatra da sociedade burguesa do século XX à sociedade medieval? Digamos que a situação se presta a comparações, o que a continuação não nega: em 1189, depois de quase ter matado o pai na sequência de uma perseguição no Maine, a primeira ordem de Ricardo, agora rei, foi libertar a sua mãe; em 1190, esta última, com quase setenta anos, viajou para Navarra para trazer uma noiva para o filho; atravessando os Alpes, juntou-se a ele na Sicília, de onde ele se preparava para partir para a cruzada; em 1194, ela moveu céus e terras para receber o resgate de Ricardo, que ela mesma veio entregar em Mainz, enquanto frustrava as manobras de João contra seu filho favorito.

Numa carta, ela censura violentamente o papa por não ter intervindo a favor de Ricardo, e quando, retirada para Fontevraud, soube no início de abril de 1199 que este último estava mortalmente ferido em Chalus, perto de Limoges, ela correu, “mais rápido do que o vento”, diz a crônica. Richard morre nos braços de sua mãe. Testemunho último e simbólico do apego mútuo destes dois seres. Richard está enterrado em Fontevraud perto de seu odiado pai; em 1204, os restos mortais de Leonor juntaram-se aos do marido e do filho na mesma igreja da abadia. Na vida e na morte, Ricardo Coração de Leão é inseparável de seus pais, para o bem e para o mal.

Machine Translated by Google

II

1157-1172: Ricardo, um peão no tabuleiro de xadrez Plantageneta

Ricardo, futuro Coração de Leão, nasceu em 8 de setembro de 1157 em Oxford, sem dúvida na residência real de Beaumont. O que poderia ser mais inglês na aparência? Neste caso, as aparências enganam. Este local de nascimento, numa cidade que já é a capital intelectual da Inglaterra, é totalmente acidental. O pai é de Angers, a mãe é de Poitiers e nenhum dos dois fala inglês. Eles estão apenas de passagem durante suas andanças incessantes.

O pai é Henri II Plantagenêt, vinte e quatro anos, rei da Inglaterra, duque da Normandia, conde de Anjou, Maine e Touraine. A mãe é Eleanor, trinta e seis anos, Duquesa da Aquitânia. Estão casados desde 1152 e já tinham três filhos: Guillaume, nascido em 1153 e falecido em 1154, Henri, que será chamado de O Jovem para distingui-lo do pai em fevereiro de 1155, e Mathilde, nascida em 1156. o primeiro nome Ricardo era então bastante difundido entre a aristocracia anglo-normanda, mas esta foi a primeira vez que foi dado a um filho do casal real.

Na época do nascimento, Henrique II estava em turnê pela Inglaterra. Ele continua a restaurar a ordem nos seus inúmeros territórios, que foram perturbados pela guerra entre a sua mãe Mathilde e o rei Étienne. Trata-se de subjugar os senhores que aproveitaram as dificuldades para se emanciparem dos laços da vassalagem, na Inglaterra e especialmente no continente. Em 1157, a pacificação estava bem encaminhada. No ano anterior, a situação se normalizou entre os reis da França e da Inglaterra. Desde 1152, Luís VII, que havia encarado muito mal o novo casamento de sua esposa Eleanor com Henrique, teve uma atitude hostil, mas a conselho de Suger ele se uniu a uma política conciliatória: em fevereiro de 1156, na fro

Machine Translated by Google

Normando, ele recebeu homenagens de Henrique pela Normandia, Anjou e Aquitânia1. Durante o verão de 1156, Henrique tomou os castelos de Chinon, Mirebeau, Loudun, onde seu irmão Geoffroy estava entrincheirado, e obteve a renúncia deste último a todos os direitos de sucessão à herança angevina, em troca de uma pensão anual de 1.500 livres2 . Então, no outono, Henrique e Leonor viajaram pela Aquitânia, recebendo tributos e reféns e exercendo suas prerrogativas feudais. Ao longo do caminho, os habitantes de Nantes, que rejeitaram a tutela do conde Hoël, pediram ajuda ao Plantageneta, que confiou a cidade ao seu irmão Geoffroy3.

Então, em abril de 1157, Henrique II retornou à Inglaterra para resolver alguns problemas ali. Durante o Grande Conselho de Bury Saint-Edmunds, em 19 de maio, ele confiscou todos os castelos de dois grandes barões rebeldes, Hugo Bigod e Guilherme de Blois, filho do rei Estêvão. Ao mesmo tempo, convocou o rei da Escócia, Malcolm IV, dizendo-lhe para parar as suas incursões na Inglaterra. Realisticamente, Malcolm, “considerando cautelosamente que o rei da Inglaterra tinha melhores argumentos devido ao seu maior poder”,4 escreve o cronista Guilherme de Newburgh, submeteu-se. Em 17 de julho, Henrique reuniu seus barões em Northampton para decidir sobre uma expedição militar contra o galês Owain, príncipe de Gwynedd, cujos empreendimentos preocupavam os barões anglo-normandos das marcha
Uma expedição bem sucedida, que resultou na submissão de Owain.
Foi enquanto acontecia que Eleanor deu à luz Richard em Oxford.

Uma entrada precoce na política (1157-1159)

O pequeno príncipe entra assim sob os melhores auspícios, filho do rei mais poderoso da Europa Ocidental, no auge da sua vida, e de um casal real ainda unido. Como era de se esperar, não sabemos quase nada sobre sua juventude. A infância, mesmo de filho de rei, não interessa aos cronistas, e o seu silêncio é, na verdade, um bom sinal. O que se poderia dizer da vida de um bebê saudável, que como todos os bebês, realiza apenas três atividades: comer, dormir e defecar?
Um detalhe, no entanto, que talvez seja mais do que uma curiosidade: no mesmo dia que Richard, a cerca de sessenta quilómetros de Oxford, Alexander Neckham nasceu em Saint Albans. A mãe deste último, Hodierna de Saint Albans, foi imediatamente contratada como enfermeira de Ricardo no King's Hotel, e os dois filhos foram criados juntos na corte. No entanto, Alexandre se tornaria um eminente estudioso e teólogo, autor por volta de 1190 de obras como De utensilibus e De naturis rerum, nas quais testemunha

Machine Translated by Google

de grande curiosidade intelectual por história natural, tecnologia, gramática, sendo um dos primeiros a mencionar a bússola pivô. Em 1215 compôs o Speculum especulaum, um tratado teológico no qual expressava sua admiração por Aristóteles e pela dialética. Ricardo Coração de Leão, irmão adotivo de um filósofo e estudioso, a observação pode parecer incongruente, já que seu nome está associado à imagem de um herói guerreiro da cruzada. Isso seria esquecer o outro aspecto do personagem, o rei culto e poeta nas horas vagas. Se é impossível saber qual o papel exato que Hodierna, mãe de Alexander Neckham, desempenhou na educação inicial do pequeno Richard, uma coisa é certa: este último permanecerá muito ligado a esta mulher nobre e culta: mais de trinta anos depois. Mais tarde, concedeu-lhe uma pensão generosa5, e uma aldeia em Wiltshire ainda hoje leva o seu nome: Knoyle Hodierne.

Em seus primeiros anos, Richard foi criado na Inglaterra por sua babá. Ele vê seus pais muito pouco. Seu pai, quase nunca: Henri está muito ocupado galopando de Yorkshire a Toulouse para garantir a segurança de seus vastos territórios. Ele está quase sempre na França e para os filhos é praticamente um estrangeiro. Durante o verão de 1160, o Arcebispo de Canterbury, Theobald, repreendeu-o numa carta: “Mesmo o pai mais endurecido não suportaria não vê-los por tanto tempo6.

– »Isso dificilmente pareceu comover Henrique, que só retornou à Inglaterra em janeiro de 1163, após quatro anos e meio de ausência. Já para Eleanor é um pouco mais difícil acompanhar seus movimentos, mas ela dificilmente parece mais presente com os filhos. Lembre-se que ela tem duas filhas do primeiro marido, que ela nunca vê desde que estão na corte dos Capetianos. Quanto aos do segundo casamento, não sabemos realmente onde estavam nos primeiros anos. Ela os semeia enquanto viaja: Henry nasceu em Londres em 1155, assim como Mathilde em 1156, Richard em Oxford em 1157, Geoffroy (não sabemos exatamente onde) em 1157, Eleanor em Domfront em 1161, Jeanne em Angers em 1165, João em Oxford em 1166. Durante todo este período, a rainha teve pouco tempo livre para passar tempo com a sua descendência7.

É preciso dizer que Henri e Eleanor são pais muito ocupados. Os seus filhos são tantos peões que utilizam na cena política europeia para forjar alianças e concluir tratados. Foi assim que em 1158 Henrique II, que mal havia retornado da Inglaterra, conheceu Luís VII perto de Gisors. Trata-se de resolver o contestado destino de Vexin, que o rei da França adquiriu em 1144, mas que Henrique ainda considerava parte integrante do seu ducado da Normandia. Em julho de 1158 o rei da Inglaterra enviou uma suntuosa embaixada a Paris chefiada pelo seu chanceler

Machine Translated by Google

Thomas Becket, que desenvolveu as linhas gerais de um acordo que os dois reis ratificaram durante o encontro em Gisors: Luís VII dará sua filha Marguerite, de sua segunda união, em casamento a Henrique, o Jovem, filho mais velho de 'Henrique II. O dote de Marguerite será o Norman Vexin, com Gisors e Neauphle, mas a transferência só terá efeito quando o casamento for celebrado. Mas Marguerite tem seis meses e o jovem Henri mal tem quatro anos.
Luís VII, portanto, disse a si mesmo que tinha tempo de ver o que aconteceria. Entretanto, a gestão de Vexin é confiada à guarda dos Templários, e Marguerite, como era costume, será elevada à corte do Rei de Inglaterra. Ele chega a Paris em setembro para receber sua futura nora, cuja educação ele confia a um homem honesto, Robert de Neubourg, para cuidar. Os dois reis se felicitam e Henrique II leva a gentileza ao ponto de acompanhar Luís VII em uma peregrinação ao Mont-Saint-Michel e acompanhá-lo de volta a Rouen.

Esta fase de bom entendimento com o Capetiano permitiu-lhe também estender o seu domínio sobre a Bretanha no mesmo ano de 1158. Em 1156, quando o povo de Nantes expulsou o conde Hoël, ele confiou o condado de Nantes ao seu irmão Geoffroy. Mas este último morreu em 26 de julho de 1158, aos vinte e quatro anos. Imediatamente, o duque (ou conde) da Bretanha, Conan IV, que era ao mesmo tempo conde de Richmond, tomou o condado de Nantes. Henrique II considerava Conan duplamente seu vassalo: para Richmond por causa de seu título de rei da Inglaterra, e para a Bretanha por causa de seu título de duque da Normandia. E como Luís VII acabava de lhe permitir retomar a dignidade honorária de senescal da França, aproveitou a oportunidade para resolver o problema bretão a seu favor.

Conan foi convocado a Avranches no final de setembro, ao mesmo tempo que a hoste feudal normanda; ele deve ceder Nantes a Henri e submeter-se.
Henrique o confirma como duque da Bretanha, mas agora ele está à mercê de Plantageneta8. –

Richard também não verá seus pais em 1159. Naquele ano, a preocupação deles era o condado de Toulouse. E desta vez Eleanor está pessoalmente preocupada, como Duquesa da Aquitânia. A situação do homem de Toulouse permaneceu obscura. Para o rei de França, este condado estava directamente sob a coroa, especialmente porque o conde Raimundo V tinha casado com a sua irmã, Constança, e uma dupla lealdade poderia ser prevista para os seus filhos: feudal e familiar, o que permitiria conter o Ducado da Aquitânia. do sul e do leste. Para Leonor e Henrique, ao contrário, o conde de Toulouse era considerado vassalo do duque (ou duquesa) da Aquitânia. Tendo fracassado as negociações, Henrique reuniu um enorme exército em Poitiers. É para ele a oportunidade de implantar todas as suas

Machine Translated by Google

poder diante do conde de Toulouse e do pequeno rei da França: lá está o rei da Escócia Malcolm IV em pessoa, os barões da Inglaterra, Anjou, Normandia, Poitou, Bretanha, Aquitânia, o conde de Barcelona, vassalos rebeldes do Conde de Toulouse, como Guilherme de Montpellier e o Visconde de Béziers e Carcassonne, Raymond Trancavel9.

Foi durante esse caso de Toulouse que Richard entrou na história como um peão no jogo diplomático de seu pai. Ele tem pouco mais de um ano e ainda está em um orfanato na Inglaterra, mas Henrique o usa para fortalecer sua coalizão contra o conde de Toulouse. Em janeiro de 1159, o casal real foi para Blaye, onde conheceu o conde de Barcelona Raymond-Bérenger IV, que era ao mesmo tempo regente de Aragão, com cuja rainha se casou. É assinado um tratado de aliança que prevê o futuro casamento de Ricardo, então segundo filho do rei, com uma das filhas do conde de Barcelona; quando o casamento for celebrado, num futuro indeterminado, Ricardo receberá o Ducado da Aquitânia. Em troca, Raymond Bérenger entra na coalizão contra o Conde de Toulouse, contra quem já está em guerra. A posição geográfica dos seus Estados tornou-o um aliado precioso de Henrique II10 Este último já tinha, portanto, internado os seus dois filhos mais velhos, e cada

um num campo diferente: Henrique, de quatro anos, estava prometido à filha do rei de França, aliado do conde de Toulouse, e Ricardo, de dezesseis meses, a uma filha do conde de Barcelona – ainda não decidimos qual –, inimigo deste mesmo conde de Toulouse. Ainda assim, Richard entrou agora na vida política europeia. Seu pai, à frente do enorme exército reunido em Poitiers, partiu em direção a Toulouse em junho de 1159. Avançou lentamente pelo Périgord e Quercy, aproveitando a oportunidade para subjugar ao longo do caminho os senhores recalcitrantes destas regiões. Obviamente, ele não espera uma guerra real: o tamanho do seu exército deveria ser suficiente para impressionar o conde de Toulouse e forçá-lo a se submeter.

Mas o seu plano foi frustrado por uma explosão inesperada de energia do rei Luís VII, que em 24 de junho veio trancar-se em Toulouse com uma pequena tropa. Certamente não é por amizade com o conde Raymond V, que é um pai triste que se comporta de maneira odiosa com sua esposa Constance. Mas, detestável ou não, Raymond é seu cunhado e, acima de tudo, um vassalo importante.

Henrique II vê-se então confrontado com um formidável dilema: ou sitia o seu próprio suserano em Toulouse, com consequências incalculáveis; esta violação da lei feudal poderia voltar-se contra ele, encorajando os seus próprios vassalos à revolta; ou ele se retira e perde prestígio. Durante algumas semanas ele tentou intimidar o rei saqueando a região de

Machine Translated by Google

Toulouse, então, no final de setembro, optou pela segunda solução, que foi sem dúvida a mais sensata. Recuando para o norte, ele descarregou sua raiva no bispo de Beauvais, Henri, e no conde de Dreux, Robert, irmão do rei da França, que havia lançado ataques à Normandia. Ele devastou Beauvais e forçou o conde de Évreux a prestar-lhe homenagem antes de concluir um trégua no final do ano.

Henrique II, Luís VII, Barbarossa, o papa e o antipapa

(1160-1163)

As coisas complicaram-se e o horizonte diplomático ampliou-se consideravelmente em 1160. A partir do mês de janeiro, o casal real dividiu a tarefa: Leonor foi para a Inglaterra, onde supervisionou a administração e cuidou dos assuntos domésticos. Isto não significa que ela esteja presente com os filhos: os relatos e cartas que dela emanam mostram que ela viaja constantemente pelo país em todas as direções. Isso também não significa que ela exerça um poder regente real. Os mesmos relatos indicam que ela estava mais preocupada em comprar vinho para a sua mesa e óleo para as suas lâmpadas do que com o governo. Pois Henrique, enquanto residia no continente, manteve um olhar atento sobre os assuntos da Inglaterra. De 1160 a 1170 ele passou apenas três anos na ilha, mas todos os dias mensageiros traziam-lhe notícias do outro lado do Canal da Mancha e levavam suas ordens para lá. Seus familiares são responsáveis por resolver os problemas locais e vêm reportar, como Richard de Lucy e o Conde Robert de Leicester. Henry não abre mão de um grama de poder; ele quer saber tudo, decidir tudo; no continente, “ele estava sempre viajando, percorrendo as mesmas distâncias de um mensageiro, sem piedade das pessoas de sua casa11”, diz Gautier Map. Pedro de Blois confirma: “Ele não perambula pelos seus palácios como os outros reis, mas viaja pelas províncias, perguntando sobre as ações de todos, e especialmente dos juízes, a quem encarregou d

Foi antes de tudo da Normandia que ele cuidou. Parece que ele assumiu o comando direto do ducado, já que nenhum senescal é mencionado depois de Robert de Neubourg entre 1160 e 1163. Os barões locais precisavam ser retomados, e Henrique nomeou dois comissários "para investigar por testemunhas juramentadas sobre o respectivos direitos do rei e dos barões relativamente às receitas e costumes devidos na Normandia13", escreve Robert de Torigny, abade do Monte Saint-Michel e cronista. A indicação indica o desejo de clareza e precisão que caracteriza o rei. Em Maio, foi celebrado um novo acordo com o Rei de França, no mesmo

Machine Translated by Google

mente, sobre o Vexin. Durante muito tempo, este último foi dividido em dois pelo rio Epte: a leste, o francês Vexin, no domínio capetiano; a oeste, o Norman Vexin, na dependência do duque. Desde 1144, porém, esta parte, com Gisors, Neauphle, Dangu, foi cedida a Luís VII, e Henrique II a recuperaria após o casamento de Henrique, o Jovem, e Margarida, como vimos. Prazo muito vago para o gosto de Plantagenêt. Concordamos, portanto, que se o casamento se realizar nos próximos três anos, "com o consentimento da Santa Igreja" (os dois futuros cônjuges ainda são filhos, o que exige uma dispensa pontifícia), o Norman Vexin será então transmitido na íntegra para o benefício de Henrique, o Jovem14. —

Esta disposição, no entanto, rapidamente se torna obsoleta devido aos acontecimentos. Em 4 de outubro de 1160, a Rainha da França, Constança de Castela, morreu durante o parto. Luís VII sempre teve apenas filhas: as duas que teve com Eleanor, Marie e Alice, foram casadas com senhores da casa de Blois-Champagne: a primeira com o conde de Champagne Henri, a segunda com Thibaud de Blois; a que ele recebeu de Constança de Castela, Margarida, está prometida a Henrique, o Jovem. Se as coisas continuarem assim, corre-se o risco de haver um grande problema de sucessão entre os capetianos. Portanto, não há tempo a perder: você deve gerar o mais rápido possível. Cinco semanas após a morte de Constança, Luís VII casou-se novamente pela terceira vez, estreitando ainda mais os laços com a Casa de Champagne: em 13 de novembro, casou-se com Adèle de Champagne (ou de Blois), irmã de seus genros, que tornou-se, portanto, ao mesmo tempo seus cunhados, Henri de Champagne e Thibaud de Blois, com a bênção da Igreja.

Para Henrique II, este novo casamento é duplamente perigoso: por um lado, fortalece a casa de Blois-Champagne, com a qual está em conflito na fronteira da Touraine e da Normandia; por outro lado, dá a Luís VII uma nova oportunidade de ter um filho, o que poria fim às especulações sobre o desaparecimento dos Capetianos. Sua resposta foi imediata: assim que soube do planejado casamento de Luís e Adèle, pediu permissão ao novo papa, Alexandre III, para concluir imediatamente o casamento entre seu filho Henrique e a filha de Luís, Marguerite, sem esperar por ' eles estão na era canônica. Isto é bom: Alexandre III tem um rival, o antipapa Victor IV, e procura apoio entre os soberanos.

Henri promete a ela o seu se o casamento for autorizado. A barganha é concluída, as dispensas são enviadas e o casamento é celebrado no dia 2 de novembro. Claro que não se trata de consumir imediatamente: Henrique, o Jovem, tem sete anos e Marguerite, quatro. Ela permanecerá na corte de Henrique, mas a grande vantagem para este último é que, em aplicação do acordo com Luís, ele imediatamente terá o Vexin entregue a ele pelo

Machine Translated by Google

Templários. Louis está furioso, mas indefeso. Seu cunhado (e genro)
Thibaud de Blois tenta atacar em Touraine; ele fortificou seu castelo em Chaumont-sur-Loire, que Henrique II tomou de assalto em poucos dias. A Plantageneta é definitivamente a mais forte.

A sua posição também foi fortalecida pelas boas relações com o imperador Frederico I Barbarossa. Numa carta datada de 6 de maio de 1157, este último descreveu Henrique como “um irmão amado e um amigo íntimo e especial”; os seus embaixadores encontravam-se então em Inglaterra.15. Em 1158, o Grande Conselho de Northampton colocou os mercadores de Colônia sob a proteção do rei, e Henrique II autodenominava-se o humilde servo do imperador: “Colocamos nosso reino e tudo que depende de nós à sua disposição, e colocamos está de volta ao seu poder, que tudo obedeça ao seu sinal e que a vontade do seu império seja aplicada em todas as áreas. Que haja entre nós e os vossos povos uma unidade indivisível de amor, de paz e de segurança do comércio, para que a vós, cuja dignidade é preeminente, seja atribuída a autoridade do poder, e que não falte a nossa vontade de obedecer16.

— » Isto talvez seja levar um pouco longe a bajulação, mas é inegável que Frederico atribuiu grande importância à aliança com os Plantageneta, a ponto de enviar como embaixadores o seu chanceler, Reinald de Dassel, arcebispo de Colónia, e o conde de Colónia. Holstein.

Estas boas relações foram, no entanto, postas à prova em 1159 pela morte do papa, o inglês Adriano IV. Em 7 de setembro, a maioria do conclave elegeu o cardeal Roland Bandinelli, que assumiu o nome de Alexandre III, enquanto uma minoria favorável ao imperador escolheu o cardeal Otaviano de Monticello, que se tornou Victor IV. O Cristianismo está dividido; Henrique II e Luís VII estão envergonhados. O clero deles era esmagadoramente a favor de Alexandre, enquanto o imperador pressionava por Victor e se preparava para invadir o patrimônio de São Pedro. O interesse religioso favorece Alexandre, enquanto o interesse político e diplomático favorece Victor. Em fevereiro de 1160, Frederico convocou um conselho em Pavia, que excomungou Alexandre. Os reis da França e da Inglaterra enviaram apenas observadores para lá. No outono, os dois soberanos, perante uma assembleia de bispos e abades, tomaram posição a favor de Alexandre, que excomungou Victor. A situação é ainda mais estranha porque Luís e Henrique, que defendem o mesmo papa, estão negociando com o imperador e prontos para entrar em guerra desde o caso do casamento apressado de Henrique, o Jovem, e Margarida. A prudência prevaleceu, porém, e em outubro de 1161 eles concluíram um tratado de paz em Fréteval. O ano de 1162 é inteiramente ocupado pelo que hoje chamaríamos de um balé diplomático de cinco: Frederico, Henrique, Luís, Alexandre e Victor. Em fevereiro, o exército

Machine Translated by Google

Roma, o exército imperial avança na Lombardia, toma Marchar. Em Milão, a 1ª situação de Alexandre III torna-se crítica e em abril o papa foge para Montpellier. Em setembro, uma série de reuniões perdidas em Saint-Jean de-Losne, numa ponte sobre o Saône, entre Luís VII, Barbarossa e Alexandre III, permitiu que Henrique II aparecesse como árbitro da situação, e tanto o notário imperial Burchard e o embaixador inglês John Cumin notou a cordialidade das relações entre o rei da Inglaterra e o imperador. Durante uma reunião em Coucy-sur-Loire, ao sul de Blois, foi decidido convocar um conselho, que foi realizado em Tours em maio de 1163 e excomungou Victor IV, poupando Frederico. Nesta data, porém,

Henrique II estava na Inglaterra, onde havia desembarcado em janeiro para enfrentar uma nova revolta galesa. Desta vez, foi no Sul que eclodiu a agitação, com um líder formidável, o príncipe Rhys ap Gruffydd. Na primavera, Henrique conseguiu, após uma curta campanha, prendê-lo. Em 1º de julho, ele convocou todos os chefes galeses, bem como o rei da Escócia, a Woodstock, e os forçou a renovar sua homenagem.
Então ele libera Rhys. Isto é um erro, porque o príncipe galês renuncia ao seu juramento de vassalagem e retoma as suas atividades hostis. Durante vários anos, o País de Gales seria palco de combates esporádicos, tanto ao sul com Rhys como ao norte com Owain de Gwynedd. O país, montanhoso e de difícil acesso, presta-se à guerra de guerrilha, e na sua Descrição do País de Gales, Gerald, o Galês, delineou claramente os constrangimentos estratégicos enfrentados pelos exércitos de Henrique II: ocupar o país a longo prazo, estabelecer-se com vista a a uma guerra de desgaste, colocar os líderes galeses uns contra os outros, destruir as suas linhas de comunicação, actuar em ligação com uma frota, utilizar tropas ligeiras, capazes de realizar ataques rápidos nas florestas, nas charneeas, nas montanhas17.

O início do caso Becket (1164)

A tarefa do rei foi ainda mais difícil porque ele teve que enfrentar uma série de outros problemas ao mesmo tempo, e em particular desde 1164 até a oposição do Arcebispo de Canterbury Thomas Becket. O caso permaneceu famoso e preocupa-nos aqui na medida em que Richard herdará as suas consequências nas suas relações com o clero. Thomas Becket, nascido em 1118 em Londres, filho de pais normandos, permaneceu diácono por muito tempo. Desde o início do reinado de Henrique II ele é chanceler e trabalha para fortalecer o caráter autoritário do poder real. Partidário da via forte, apoia as ações enérgicas do soberano, como a campanha

Machine Translated by Google

Toulouse em 1159. Entre ele e Henrique II existia um verdadeiro vínculo, apesar da diferença de idade. Becket é vaidoso, obstinado, instável, violento, ambicioso, vaidoso, arrogante e pouco culto: no Concílio de Tours, em 1163, não se atreveu a pregar, porque tinha um péssimo domínio do latim18 e mesmo quando se tornou arcebispo, sempre terá um teólogo para explicar-lhe as sutilezas das Escrituras. Em suma, um personagem detestável em todos os sentidos, cujo julgamento não é muito seguro, como o rei percebe durante o caso Toulouse. Mas é um auxiliar fiel, pensa ele, que poderia ser útil para garantir a submissão do clero.

Além disso, um ano após a morte do Arcebispo de Canterbury Theobald, em 1162, Henrique II o elegeu para este cargo de primaz da Igreja da Inglaterra. Ordenado sacerdote para a ocasião, Becket, contra todas as expectativas, levou a sério o seu papel e tornou-se um defensor dos direitos da Igreja face ao poder real.

A ruptura ocorreu em janeiro de 1164, quando Henrique II quis forçar os bispos do reino a prestarem juramento de observar um texto sobre “os costumes e privilégios do reino”: as Constituições de Clarendon. Isto implica pôr fim à imunidade judicial de que gozava o clero, cujos membros escaparam à justiça real. A qualidade do clero, apesar da reforma gregoriana, ainda deixa muito a desejar e a taxa de criminalidade entre os clérigos continua elevada. Contudo, os clérigos delinquentes só podem ser julgados pelos tribunais eclesiásticos, que são muito brandos para com eles.

As Constituições de Clarendon querem pôr fim a estes abusos e submeter os clérigos às cortes reais. Também proibiram apelos a Roma, sujeitaram as terras da Igreja a impostos reais e sujeitaram os bispos às mesmas obrigações que os senhores seculares. Como era de se esperar, os bispos protestaram, com Becket na liderança. Então este último submete-se, antes de reverter a sua submissão. Convocado pelo rei antes de uma assembleia em Northampton em outubro, ele não compareceu e foi ordenado o confisco de seus bens. Becket então fugiu para a França, onde Luís VII rapidamente o acolheu e lhe ofereceu asilo.

Para o Rei de França, a sua chegada é uma dádiva de Deus. Desempenhar o papel de protetor dos exilados é assumir o excelente papel de defensor dos oprimidos, especialmente se esses exilados forem o Papa e o Primaz da Inglaterra. Porque Luís VII já tinha outro protegido notável: Alexandre III, que então residia em Sens para escapar da ira do imperador. Este último ainda apoia o seu antipapa. Victor IV morreu em 20 de abril de 1164, mas foi imediatamente substituído pelo cardeal Guido de Crema, Pascal III. O rei da França tem, portanto, dois trunfos nas mãos: um contra o imperador e outro contra o rei da Inglaterra. E muito naturalmente os dois refugiados tornam-se mais próximos. Becket estabeleceu-se pela primeira vez na abadia cisterciense de

Machine Translated by Google

Pontigny; Tendo Henrique II avisado o Abade de Cister de que arriscava represálias se protegesse o renegado, Luís VII convidou-o a instalar-se na cidade real de Sens, onde se viu na companhia do Papa, com quem defende a sua causa. Tendo o rei da Inglaterra pedido a Alexandre III que depusesse o arcebispo de Cantuária, este último vem atirar-se aos pés do pontífice, de quem tenta ter pena do seu destino interpretando a lamentável comédia dos justos perseguidos. Chorando e soluçando, ele se apresenta, num discurso relatado por Alan de Tewkesbury, como indigno de sua posição, da qual ele próprio pede para ser aliviado: "É com suspiros e gemidos que confesso abertamente que é minha culpa que a Igreja da Inglaterra sofre essas aflições. Não foi através d'Aquele que é a Porta que entrei no rebanho de Cristo, chamado por uma eleição canónica, mas empurrado pelo poder secular. E embora eu tenha aceitado esta acusação contra a minha vontade, foi a vontade humana e não a divina que me empurrou para isso. Mas agora, reconhecendo que a minha promoção estava longe de ser canónica, temendo que as consequências fossem demasiado pesadas para mim, percebendo que a minha força não está à altura do fardo, temendo arrastar para baixo o rebanho que me estava a ser promovido. como pastor da minha própria ruína, entrego-me nas tuas mãos, pai, do arcebispado de Cantuária19.

— » Esta é a melhor forma de preservá-lo: Tartufo não poderia fazer melhor. Ele entrega o seu anel episcopal ao Papa, que o devolve imediatamente, com estas palavras: "Recebe das nossas mãos a cura do ofício episcopal. »Mas Alexandre III também não queria romper com o rei da Inglaterra, de cujo apoio precisava contra o antipapa Pascal. Ele, portanto, contentou-se em censurar alguns artigos das Constituições de Clarendon e, quanto ao resto, tentou durante vários anos reconciliar Becket e Henry.

Henrique II coloca seus peões: Mathilde, Eleanor,

Geoffrey (1165-1168)

Chegamos à primavera de 1165. Henrique II, que já usou dois de seus filhos, Henrique, o Jovem e Ricardo, prepara-se para colocar outros dois peões: suas filhas Mathilde, de onze anos, e Leonor, de quatro anos. Em Rouen, ele conhece o embaixador imperial Reinald de Dassel, e eles concordam com um casamento duplo que permitirá ao rei fortalecer os laços com o Império: Mathilde é prometida ao duque da Saxônia e da Baviera, Henrique, o Leão, e Leonor, a Frederico. , filho mais velho do imperador, que mal tem um ano. Apenas o primeiro destes casamentos se concretizou, em 1168, e te

Machine Translated by Google

importância considerável. Henrique, o Leão, é de fato o senhor mais poderoso do Sacro Império. Filho de Henrique, o Soberbo, duque da Baviera e da Saxônia, casou-se pela primeira vez, em 1147, com Clémence de Zähringen, com quem teve três filhos, e de quem se separou em 1162. É um dos principais atores da investida alemã em direção ao leste: em 1160, conquistou a Marcha de Mecklenburg, onde fundou Schwerin; foi também ele quem fundou Munique em 1157-1158, e Brunsvique, que se tornou a sua capital e onde um leão de bronze, seu emblema, foi instalado no pátio do castelo. Seu poder também começa a preocupar o imperador. Em 1165, ele era um homem de trinta e cinco anos; sua noiva, Mathilde, tem onze anos. Do casamento, celebrado em 1º de fevereiro de 1168, nasceram seis filhos: Mathilde, em 1172, que se casou com Geoffroy du Perche, Henri, em 1173, futuro Conde Palatino do Reno, Lothaire, em 1174, Otto, também em 1174, o futuro imperador Otto IV, Guilherme de Lüneburg, em 1183, e outro talvez tenha morrido muito jovem.

Quanto à pequena Leonor, ela não se casará com Frederico, mas ainda assim será muito útil, pois em 1170 se casará, aos nove anos, com o rei de Castela Alfonso VIII, um aliado muito interessante.

Por enquanto, a união de Mathilde e Henrique, o Leão, permite que Henrique II tenha um amigo poderoso na Alemanha, capaz de influenciar a política europeia para combater possíveis ações maliciosas do imperador e do rei da França. A partir de 1165, foi confrontado com um despertar da oposição nos seus próprios estados, o que o obrigou a redobrar a sua actividade. O caso Becket encoraja certos vassalos a levantarem a cabeça. Em janeiro de 1165, Henrique II estava na Inglaterra, ocupado em resolver o destino dos galeses; em fevereiro, retornou à França por três meses, antes de retornar à Inglaterra, onde liderou uma campanha no País de Gales em julho; retornou à França em março de 1166, onde Luís VII procurou tirar vantagem de seus problemas. O rei da França recuperou certa confiança com o nascimento, em 21 de agosto de 1165, de seu primeiro filho, esperado há vinte e um anos, Filipe, futuro Augusto. O futuro da dinastia capetiana parece assegurado e os vassalos estão sob controle: o duque da Borgonha está enfraquecido pelas divisões internas do ducado; em 1166, Luís VII subjugou o conde de Chalon e, na assembleia de Moret, chamou à ordem o conde de Nevers; apoiou o clero contra o conde de Auvergne, fez com que seu irmão Henri fosse eleito arcebispo de Reims, estendeu sua influência às regiões dependentes do Império, Bresse, Bugey e até Dauphiné, fortaleceu os laços com o senhor de Bourbon, com o bispo de Mende , favorece a eleição de seu protegido Guichard como bispo de Lyon, apoia os vassalos do conde de Toulouse, incluindo a viscondessa de Narbonne Ermengarde, na revolta contra Raimundo V. A conduta odiosa deste último forçou sua esposa

Machine Translated by Google

Constança, irmã do rei, para deixá-lo. Em suma, Luís VII parecia encontrar uma nova energia, ainda mais preocupante por estar em contacto com o novo rei da Escócia, Guilherme, o Leão. Ele sucedeu Malcolm no final de 1165 e tinha relações muito ruins com Henrique II.

Luís VII também encorajou os galeses a resistir ao rei da Inglaterra e pressionou Becket a tomar sanções canônicas contra os Plantageneta. No Pentecostes de 1166, o Arcebispo de Cantuária excomungou os principais conselheiros de Henrique II, e o Arcebispo de Sens, Guilherme de Blois, cunhado de Luís VII, escreveu ao Papa: “O mundo inteiro está esperando para ver o que você fará. para o arcebispo exilado... O rei da Inglaterra está fazendo o seu melhor não apenas para penalizar a Igreja de Canterbury, mas para destruí-la, e com ela todas as liberdades eclesiásticas, tanto que a autoridade da Sé Apostólica será excluída de suas fronteiras e que ele será todo-poderoso em seu reino. A menos que sua audácia seja contida, podemos temer que outros reis e senhores o imitem, pois os homens acreditam que tudo o que não é punido é permitido20.

— »Becket também pressionou o Papa a excomungar Henrique II, mas Alexandre III recusou-se a fazê-lo, por medo de jogar o Rei da Inglaterra nos braços do antipapa Pascoal. Ele chegou ao ponto de isentar, por meio de uma bula confidencial, Henrique, seus cortesãos e seus bispos, da jurisdição espiritual do arcebispo.

A ameaça, no entanto, pesa sobre Plantageneta, o que encoraja muitos senhores da Aquitânia a renunciarem à sua lealdade, enquanto os barões das marchas da Bretanha, liderados por Ralph de Fougères, entram em revolta aberta. Confrontado com esta multiplicação de perigos, Henrique II respondeu com uma energia surpreendente. Nos anos 1166-1168, ele empregou todas as suas habilidades como político e líder militar em uma hábil combinação de diplomacia e golpes de força. Em julho de 1166, mal tendo retornado de sua campanha contra os galeses, entrou na Bretanha, sitiou, tomou e arrasou o castelo de Fougères. Acusando o duque Conan IV de ter se mostrado incapaz de manter a ordem, forçou-o a abdicar e retirar-se para o seu condado de Guingamp. A herdeira é Constance, filha de Conan. Ela tem quatro anos. Acontece que Henrique tem outro filho disponível, um de seus peões, Geoffroy, de oito anos: os dois filhos estão noivos e Geoffroy está destinado a governar o ducado quando atingir a maioridade. Henrique foi para Rennes e tomou oficialmente posse da Bretanha em nome de seu filho, e no outono os barões vieram homenageá-lo em Thouars. Depois mudou-se para a Aquitânia, onde a autoridade de sua esposa Eleanor foi desprezada por muitos vassalos recalcitrantes. “Os Poitevin retiraram a sua lealdade ~~a~~os ingleses porque ele violou as suas liberdades21”, es

Machine Translated by Google

percorre a província, pune os rebeldes, destrói castelos. Ao mesmo tempo, seus enviados estavam ativos junto ao Papa Alexandre, aos condes de Flandres e de Boulogne, e até mesmo a Thibaud de Blois, a quem prometeu uma anuidade de 500 libras. Em abril de 1167, ele devastou Auvergne, cujo jovem conde acabara de ser deposto por seu tio, Henrique, que se colocou sob a proteção do rei da França. Este último respondeu liderando um ataque ao Vexin; Henrique II corre e captura Chaumont-sur-Epte; uma trégua é concluída em agosto, o que permite que Plantagenêt caia como um raio sobre os bretões, que acabam de se revoltar novamente atrás de Guiomarch IV de Léon e Eudon de Porhoët. Henri penetra até a baixa Bretanha, devasta Léon e em setembro retorna a Rouen, onde sua mãe Mathilde acaba de morrer. Depois do Natal, regresso à Aquitânia, captura do castelo de Lusignan e devastação da região. Em abril, após um encontro com Luís VII, voltamos a vê-lo na Bretanha, onde completa a obra: captura e destruição do castelo de Josselin, fortaleza de Eudon de Porhoët, captura de Vannes, submissão de Cornouaille, devastação dos territórios de Roland de Dinan, captura dos castelos de Léhon, Hédé, Tinténiac, Bécherel. Retorno à Normandia, incêndio em 40 aldeias do condado de Ponthieu; réplica de Luís VII em Chênebrun; O contra-ataque de Henrique contra o castelo de Hugues de Neufchâteau. Robert de Torigny, que relata todos estes factos, fica tonto e já não consegue acompanhar: “O Rei de Inglaterra”, escreve ele, “durante esta guerra ainda fez muitas outras coisas que não nos chegaram aos ouvidos, ou que esquecemos se os ouvimos22.»

Eleanor e os problemas em Poitou (1168)

O que aconteceu com Richard durante todo esse tempo? No final de 1168 tinha pouco mais de onze anos, e tudo o que sabemos deste pré-adolescente é que desde o início de 1165 está em França, onde a sua mãe o trouxe de volta. foi ela quem supervisionou a sua educação na cidade onde reside com mais frequência, Poitiers. Lá, Richard começa a acompanhar as façanhas de seu pai, esse herói que ele nunca vê. Gradualmente, ele vai tomando consciência do contexto político europeu, mesmo que normalmente não esteja destinado a governar e ainda não desempenhe qualquer papel nesta área.

Durante sua adolescência em Poitou, ele esteve sob a autoridade de sua mãe. Eleanor está lá em casa, no seu ducado. Por força das circunstâncias, o seu marido, confrontado com tantos perigos, sempre em movimento, do País de Gales à Normandia e da Bretanha à Auvergne, deve deixar-lhe uma relativa autonomia para a gestão da Aquitânia. Ela não é, além diss

Machine Translated by Google

à altura da tarefa, porque os barões do Sudoeste são manifestantes incorrigíveis. O ducado, muito vasto, parece incontrolável, tal é a sua diversidade. Se o condado de Poitou, onde se fala um dialecto próximo da langue d'oïl e onde o feudalismo clássico está relativamente bem estabelecido, for mais ou menos administrável, o Sul escapa a qualquer controlo efectivo. Lá se fala a langue d'oc e seus diversos derivados, o que torna o contato problemático. Quanto aos bascos, dizia-se que até o diabo, que queria convertê-los, teve que desistir de aprender a sua língua depois de sete anos de estudo intensivo durante os quais só conseguiu lembrar três palavras. Os condes de Angoulême, Périgord, de la Marche e o visconde de Limoges são vassalos que aguardam a primeira oportunidade para negar a sua homenagem vassalista; Berry e Auvergne fazem uma gangorra entre os reis da França e da Inglaterra.

Ao contrário da Normandia, unida à Inglaterra durante um século, a Aquitânia acaba de entrar neste tipo de comunidade que é o império Plantageneta, e está a ter dificuldades em apoiar o jugo anglo-angevino. Na Inglaterra sabemos muito pouco sobre este país do sul, distante e pouco tranquilizador. Os corajosos peregrinos que, em meados do século XII, se dirigiram em número crescente a Santiago de Compostela, não atravessaram esta região sem apreensão. A leitura do Guia do Peregrino, então escrito por um clérigo anônimo, bastava para preocupá-los: se os Poitevins eram mais ou menos civilizados, bem constituídos, elegantes, generosos, hospitaleiros e bons guerreiros, hábeis no manejo do arco e da lança , podemos ler, de Saintonge entramos entre os selvagens, que falam uma língua rústica, que é ainda pior em Bordéus. Os gascões, por sua vez, são verdadeiros primitivos, que ficam boquiabertos agachados em volta do fogo, dormindo sobre palha podre, machos e fêmeas misturados. Os bascos e os navarros são ainda piores: estes verdadeiros animais lutam por comida numa manjedoura e parecem ladrar como cães; copulam com suas mulas e suas éguas, às quais colocam um cinto de castidade23. Estamos longe dos refinamentos do amor cortês tão elogiados pelos trovadores cortejadores.

Ambos são mitos, e entre estes dois excessos a realidade é menos pitoresca e mais séria. Em primeiro lugar, o ducado desempenha um papel económico significativo, baseado em duas produções que fizeram a sua reputação no século XII: o sal e o vinho. O sal da baía de Bourgneuf, Brouage, das ilhas de Oléron e Ré, e Bayonne, é amplamente exportado para o Norte da Europa. O vinho de Bordéus é famoso desde a Antiguidade, mas os vinhedos de Aunis e Saintonge, em torno de Niort e Saint-Jean d'Angély, também são famosos. Exportações massivas para

Machine Translated by Google

A Flandres e especialmente a Inglaterra trouxeram grandes somas ao duque da Aquitânia graças aos vários impostos e taxas impostas a este produto tão procurado. O porto de La Rochelle, criado na década de 1130, está em plena expansão, bem equipado com cais para acomodar os grandes cogues nórdicos. O cronista Guilherme, o Bretão, já descreve o porto como a “cidade de Baco24 ”. A vida marítima é intensa ao longo de toda a costa, como comprovam os famosos Roles de Oléron, o primeiro projecto de direito marítimo que data do século XII , mencionando as empresas pesqueiras e a organização da propriedade naval entre vários empresários. O colunista Ralph de Diceto não se engana. Para ele, “a Aquitânia está repleta de riquezas de todos os tipos, superando todas as outras regiões do mundo ocidental a tal ponto que os historiadores a consideram uma das províncias mais afortunadas e prósperas da Gália. Os seus campos são férteis, as suas vinhas produtivas, as suas florestas estão repletas de vida selvagem. Dos Pirenéus para o norte, o país é irrigado pelo Garonne e outros rios, e é daí que a província toma o seu nome ***[aquae*** = aquitaine]25 ”.

O quadro é certamente menos lisonjeiro a nível político, embora não devamos exagerar o seu aspecto caótico. Para Gérald le Gallois e Richard de Devizes, o Ducado da Aquitânia é ingovernável26 , e é verdade que mesmo em Poitou e Saintonge, regiões onde o sistema feudal está melhor estabelecido, a autoridade ducal tem todos os problemas do mundo para ser respeitada, apesar da presença de cinco reitores, em La Rochelle, Benon, Surgères, Saintes, no Château-d'Oléron, um senescal de Saintonge e outro em Aunis, recrutados na nobreza local. Duas famílias foram particularmente recalcitrantes: os Lusignan e os Taillefer, condes de Angoulême. Estes últimos, com os seus vassalos de Jarnac, Bouteville, Archiac, Barbezieux, Montignac, cujos castelos podiam cortar as comunicações entre Poitiers, Saintes e Bordéus, estavam à frente de um verdadeiro principado independente, do qual Angoulême era a capital. Por sua vez, os Lusignan27 , com os seus vassalos de Couhé, Vouvant, Frontenay, Château-Larcher, ameaçaram as estradas entre Saintes e La Rochelle. O Castelo Lusignan é uma fortaleza formidável. Uma iluminura das ***Horas Muito Ricas do Duque de Berry*** dá uma imagem, certamente datada de um período muito posterior, mas ainda assim muito evocativa. No final da década de 1160, a casa de Lusignan era liderada pela forte personalidade de Geoffrey, futuro conde de Jaffa e Ascalon e companheiro de Ricardo na Terceira Cruzada. Em 1168, ele tinha dezoito anos e estava em plena revolta contra os Plantagenetas. O jovem Richard, em Poitiers, está portanto na primeira fila para testemunhar o carácter turbulento da nobreza local, contra quem passará boa parte da sua vida a lutar e a submeter-se à sua autoridade.

Machine Translated by Google

Em 1168, foi testemunha indireta de um episódio violento que colocou em risco a segurança de sua mãe. No ano anterior, Henrique II puniu os Lusignanos tomando e desmantelando seu castelo. Ele passa as férias de Natal com a família com Eleanor, em Argentan. Depois ele retorna para Poitou. Em março de 1168 partiu para a Normandia onde se encontraria com Luís VII para lhe apresentar o seu plano de organização da herança Plantageneta: a sua ideia era que quando chegasse a hora os seus territórios seriam partilhados entre o seu filho mais velho Henrique que receberia a Normandia, a Inglaterra, Anjou e Maine, e seu segundo filho, Ricardo, que receberia a Aquitânia e se casaria com Alice, filha de Luís VII, assim como seu irmão Henrique se casara com Marguerite, irmã de Alice.

Antes de deixar Poitou, Henrique II encarregou Eleanor de cuidar dele, o que era bastante natural, visto que ela era duquesa da Aquitânia. As relações entre os dois cônjuges, porém, começam a ficar tensas. Desde 1166, Henrique II frequentava assiduamente Rosamund Clifford, a bela Rosamund. Não devemos exagerar a importância desta ligação na relação entre o rei e a rainha: não estamos num drama banal da sociedade burguesa do século XIX, e seria preciso mais para assustar Leonor da Aquitânia, que nesta área não há nada como uma esposa enlutada. O rei ainda a frequentava de vez em quando, desde que ela deu à luz Jeanne em 1165 e Jean em 1166. Mas em 1168 ela ainda tinha quarenta e seis anos e dez gravidezes atrás, o que a tornava muito menos tentadora para o seu jovem marido de trinta e quatro anos e com grande apetite nesta área. Isso não é o principal. Mais importante ainda, o rei desconfia da capacidade de sua esposa de manter a ordem no ducado. Ele, portanto, encarregou o conde Patrick de Salisbury, com alguns soldados, de ajudá-la e garantir sua segurança. Este bom soldado está lá para aconselhá-la, protegê-la e monitorá-la.

Ela precisa disso. Porque mal Henrique tinha saído de Poitou quando os Lusignanos se levantaram novamente e começaram a reconstruir o seu castelo, secretamente encorajados pelo rei de França. Este último compromete-se a compensar os Poitevins pelas suas perdas e eles entregam reféns como fiadores da sua palavra. O Capetiano também ameaça romper o noivado entre sua filha Alice e Richard. As negociações continuam. Enquanto aconteciam na fronteira da Normandia em abril, Eleanor, durante uma viagem perto de Poitiers com uma pequena escolta protetora liderada pelo conde de Salisbury, caiu em uma emboscada armada pelos Lusignanos. Ela conseguiu escapar, mas Salisbury foi morta durante a escaramuça, o que provocou indignação não só do acampamento Plantagenêt, mas também de boa parte da população.

Machine Translated by Google

nobreza local, porque isso é contrário a todas as convenções tácitas da guerra cavalheiresca: não se mata um grande senhor, pega-se-o e resgata-se. São os soldados que estão lá para serem mortos.

O incidente é revelador. Os próprios Lusignanos estão envergonhados. Apresentam a sua versão dos factos: fomos atacados de surpresa, enquanto decorriam negociações; nos defendemos, mas não queríamos matar o conde. Versão desmentida pelo campo Plantagenêt, cujo relato dos fatos está contido no famoso poema de 19.914 versos que narra a Vida de Guilherme, o Marechal, escrito no início do século XIII por Jean d'Early. O famoso "melhor cavaleiro do mundo" de fato participou do caso. Na época, era um jovem cavaleiro de vinte e três anos, oriundo de uma família estabelecida na Inglaterra após a conquista normanda28.

— Serviu primeiro na reserva do Senhor de Tancarville, depois entrou na do Conde de Salisbury e fez parte da pequena escolta que cercava Leonor da Aquitânia.

Segundo o relato contido em sua biografia, a gangue Lusignan atacou de surpresa. O conde de Salisbury, que não possuía equipamento pesado, foi morto pelas costas por uma lança. Guillaume, sem capacete, enfrenta cerca de sessenta homens, encostados em uma cerca viva. Na confusão, um de seus adversários perfurou sua coxa com uma lança, também por trás29. Feito prisioneiro, ele é tratado por uma senhora que faz um curativo em seu ferimento com um pedaço de estopa. Eleanor, que conseguiu escapar, agradece a dedicação dele: ela o liberta entregando reféns e o leva a seu serviço. Através desta façanha, Guilherme tornou-se famoso e, dois anos mais tarde, Henrique II encarregou-o do treino militar do seu filho mais velho, Henrique, o Jovem, de quinze anos. A partir de agora, ele fará parte do Hotel do herdeiro do império Plantageneta, e suas qualidades como cavaleiro atrairão a admiração do jovem Ricardo.

O incidente deteriorou ainda mais as relações entre os dois reis. As negociações, retomadas em La Ferté-Bernard em julho de 1168, fracassaram. A guerra recomeça, uma série incoerente de escaramuças nas quais a Plantageneta leva vantagem, como observa Luís VII em uma observação desiludida ao Mapa de Gautier: ""Não falta nada ao seu senhor, o rei da Inglaterra, ele tem homens, cavalos, ouro, seda, joias, frutas, caça e tudo mais. Nós, na França, não temos nada além de pão, vinho e alegria." Tomei nota destas palavras, porque foram ditas com alegria e sinceridade",30 declarou Gautier. —

Machine Translated by Google

Na escola dos cavaleiros trovadores: os anos de Poitiers

Durante este período, o jovem Ricardo não testemunha apenas a dificuldade de governar a Aquitânia e os seus barões rebeldes, que apenas se submetem à força militar. Ele também foi iniciado na brilhante vida intelectual da corte de Poitiers. É o outro aspecto da personalidade do "coração de Leão" que está em gestação aqui. Em Poitiers, o adolescente tinha diante dos olhos tanto as performances desportivas e bélicas de Guilherme, o Marechal, também analfabeto31, como os jogos poéticos mais ou menos refinados dos trovadores locais. O problema é que este segundo aspecto é muito pouco conhecido, devido aos exageros líricos e aos mitos em torno do "amor cortês" que foram elaborados por uma certa historiografia romântica nos séculos XIX e XX. Ainda hoje é difícil distinguir entre lenda e realidade; muitos elementos considerados até agora como verdades são, na verdade, apenas suposições sedutoras, como bem recorda o último biógrafo académico de Ricardo Coração de Leão, John Gillingham, a propósito das famosas "lições de amor" que Eleanor deveria presidir em Poitiers32.

Ali, Leonor teria o hábito de receber frequentemente a filha Maria, condessa de Champagne, acompanhada pelo maior poeta da época, Chrétien de Troyes; durante os encontros entre nobres estudiosos, gentis damas e poetas galantes e licenciados, teríamos discutido a casuística do amor baseada nas histórias de Lancelot de Chrétien de Troyes e no tratado De Amore, obra de André, capelão da corte de Champagne. Teríamos feito julgamentos em torno de casos fictícios de dilemas amorosos. Hoje, escreve Gillingham, "ninguém acredita mais seriamente que Maria e Eleanor presidiram tais tribunais. Acredita-se que as cortes do amor eram uma ficção, um jogo intelectual... Não há evidências em lugar nenhum de que a Condessa Marie, Chrétien de Troyes e o Capelão André tenham vindo à corte de Poitiers... De Amore não foi escrito antes de 1186 , e naquela época André não estava mais a serviço de Maria.

Também é errado contrastar Leonor, símbolo de uma cultura sulista refinada e cortês, com Henrique II, representante de um mundo nórdico mais rude, brutal e inculto. O rei Plantageneta, como já dissemos, também é muito culto, rodeado de intelectuais e protetor de artistas e escritores. O poeta lírico Bernard de Ventadour compôs mais obras para ele do que para Eleanor34 e seu romance com a "bela Rosamund" traz a marca do verdadeiro amor romântico. Ele

Machine Translated by Google

terá seu túmulo coberto – ela morreu em 1176 –, no priorado de Godstow, com um lençol de seda que ainda estará no lugar em 119135.

O fato é que a corte da Aquitânia foi na segunda metade do século XII um prestigiado centro de produção e performances poéticas, tradição que remonta ao conde Guilherme IX (1071-1126), famoso senhor trovador, por sua vez delicado e terroso, bruto e melancólico, cínico e comovente. Pobre cavaleiro, derrotado tanto pelos Toulouse quanto pelos sarracenos, ele compensou versificando, não sem talento. Bon vivant, ele não parecia levar nada a sério: "transformava tudo numa piada e provocava acessos de riso entre os seus ouvintes36", escreve William de Malmesbury. Guilherme IX teve muitos seguidores e sucessores, e desde a década de 1120 Poitou tem sido a pátria por excelência dos trovadores, e o reinado de Leonor marca o apogeu desta reputação.
Os trovadores também vêm de Auvergne, como Peire Cardinal, Peire d'Auvergne, bem como do Languedoc, como Peire Vidal, da Provença como Folquet de Marseille, de Bordéus e da Gasconha, como Jaufré Rudel e Marcabru, de Limousin, como Bernard de Ventadour, do que do Poitou propriamente dito, como Bertran de Born e Arnaut Daniel.

Suas origens sociais são tão variadas quanto suas origens geográficas, e se seu tema favorito é o amor cortês, eles também celebram façanhas bélicas. Assim, Bernard de Ventadour, de origem humilde, fez do amor a sua única fonte de inspiração, enquanto Bertran de Born (1140-cerca de 1215), um nobre menor de Limousin, senhor de Hautefort, tornou-se conhecido como autor de sirventes, que é dizer canções políticas, celebrando a guerra, que ele gostaria que fosse perpétua. Bom representante da turbulenta nobreza menor da Aquitânia, ele passa o tempo colocando os senhores uns contra os outros e fica encantado ao ver

> "… os perrières carregam e relaxam
> E as paredes desmoronam, as torres abaixam e descem E os inimigos são capturados e acorrentados...
> Amasse as lanças, corte os escudos e divida
> Os elmos polidos e dê e devolva golpes37. — »

Futuro adversário e admirador de Ricardo Coração de Leão, passa a vida brigando e rimando, enquanto seu vizinho Bernard de Ventadour só sonha com abraços e beijos:

> "Que minha senhora não se maravilhe

Machine Translated by Google

Se eu lhe pedir o seu amor e um beijo, Contra
a loucura de que falo Será uma
grande maravilha Se ela
me abraçar e me beijar38..."

O gosto pelas letras foi difundido nos círculos nobres na segunda metade do século XII no sul da França, tanto entre o conde de Toulouse Raymond V como entre o visconde Aimeri e a condessa Ermengarde de Narbonne, o senhor de Montpellier Guillaume VIII, os condes de Rodez, filho do rei de Aragão e de muitos altos barões. Dos 500 trovadores listados, metade é considerada nobre39. Claro que também existem cavaleiros que não sabem ler nem escrever, como William Marshal, mas nesta época de apogeu do mundo feudal, a imagem do cavaleiro perfeito tende a incluir a ideia de cortesia, que anda junto com a lealdade , destreza e generosidade. Daí o sucesso das lendas arturianas, introduzidas pouco antes pelo cônego de Oxford Geoffrey de Monmouth, falecido em 1151, em sua História dos Reis da Bretanha. Este mito, talvez o mais famoso da Idade Média, foi amplamente cultivado na corte de Henrique II, que participou plenamente neste grande jogo: em Glastonbury, no sudoeste da Inglaterra, empreendeu escavações que culminaram na descoberta do corpo de Artur e sua espada Excalibur. A lenda cristã se mistura com a lenda pagã: diz-se que José de Arimatéia plantou ali um arbusto, que floresce uma vez por ano, e que o Graal está escondido nas proximidades. Glastonbury torna-se a Santiago de Compostela da cavalaria.

Richard foi criado neste clima cultural. Ele também será poeta nas horas vagas e um grande fã de torneios. Esta mistura de gostos intelectuais e brutalidade selvagem pode parecer-nos desconcertante, mas faz parte de um modo de vida muito codificado, obedecendo a padrões muito precisos de acordo com um ideal de vida que é o do homem completo, capaz de controlar os seus instintos, na guerra como acontece com as mulheres. Escusado será dizer que o ideal raramente é alcançado, mas é por isso que é um ideal. Na corte ducal de Poitiers, este ideal era celebrado em festivais com canções, músicas, poesias e danças, tudo orquestrado por Leonor, cuja reputação como suma sacerdotisa do amor cortês estava bem estabelecida:

“Se eu souber dizer e rimar
Dela vem até mim, porque a
ciência me deu, e o conhecimento
Pelo qual posso cantar com alegria.

Machine Translated by Google

O que eu faço de atraente
vem de seu corpo lindo e agradável. »

Assim canta Peire Vidal. A senhora já está na casa dos cinquenta anos, mas isso não impede que um poeta alemão anônimo, que talvez nunca a tenha visto, desmaie de amor por ela:

“Se o mundo inteiro fosse meu, Do
mar ao Reno, eu daria todas
estas terras Para que a Rainha
da Inglaterra pudesse estar em
meus braços40. »

Poitiers não era apenas um centro de literatura, trovadores, música e festivais da corte nesta época. É também um centro intelectual “sério”, com ilustres escolas monásticas e canônicas, como Saint-Cyprien, Sainte-Radegonde, Saint-Hilaire, e a catedral. De 1142 a 1154, o bispo da cidade, Gilbert de la Porrée, um dos maiores teólogos da época, desenvolveu ali estudos sobre o trivium e o quadrivium.

A vila, que obteve foral municipal, é dirigida por um grupo de notáveis, os “Cem Pares”, que monopolizam a vereação, enquanto o conde é representado por um reitor. Existem obras-primas da arte românica, como Notre-Dame-la-Grande e Saint-Hilaire, que rivalizam com as igrejas de Angoulême, enquanto a música sacra, sem estar ao nível da de Saint-Martial de Limoges, atinge uma qualidade notável. .

Ricardo passou a maior parte da sua adolescência, a partir de 1165, nesta cidade, ambiente propício ao desenvolvimento de um certo gosto pela poesia, pela cultura erudita, pelas artes e especialmente pelas façanhas cavalheirescas. Na ausência do pai, que praticamente nunca vê, fica sob a influência exclusiva da mãe, que é ao mesmo tempo a musa do círculo de trovadores e senhores que o cercam e à frente de uma resistência secreta a um país distante e marido tirânico contra quem ela coloca seus filhos. Richard, como seu filho favorito, é objeto de todas as suas esperanças e carinho. “É difícil imaginar um ambiente mais complexo e confuso para um adolescente”,41 escreve John Gillingham.

Machine Translated by Google

Do projeto de partilha ao assassinato de Becket (1169-1172)

Segundo o mesmo historiador, que se apoia numa breve observação do cronista de Limougeaud Geoffroy de Vigeois, monge de Saint-Martial, teria sido em parte graças à intervenção de Leonor que em 1169 Ricardo, então com doze anos, teria sido designado como duque da Aquitânia. De facto, em Janeiro, Henrique II, acompanhado pelos seus dois filhos mais velhos, Henrique e Ricardo, encontrou-se com o rei de França Luís VII na fronteira entre Maine e Chartrain, em Montmirail, onde os dois soberanos concluíram um importante acordo. Henrique II, que renova sua homenagem a Luís, decide que seus bens serão divididos entre três de seus quatro filhos: Henrique, o mais velho, terá a Inglaterra com o título de rei, e a Normandia, Anjou e Maine, pelos quais pagou imediatamente homenagem ao rei da França. Richard, 42 anos, “seguindo o desejo da mãe”, diz Vigeois, terá a Aquitânia, pela qual também presta homenagem a Luís. Geoffroy, que não está presente na reunião, ficará com a Bretanha, pela qual presta homenagem ao seu irmão Henri como duque da Normandia. Além disso, o acordo formalizou o noivado de Ricardo e Alice, filha de Luís VII. Não se trata do quarto filho de Henrique II, o pequeno João, de três anos, que neste momento está “sem terra”. O acordo satisfez os dois reis, especialmente Luís, que ficou tranquilo ao ver que o império Plantageneta seria desmembrado. No qual ele está se iludindo, porque Henry não tem intenção de passar o poder aos filhos antes de sua morte. Agora ele tem trinta e seis anos, Henry, o Jovem, quinze, Richard, doze, Geoffrey, onze. Compartilhar não é para amanhã.

Entretanto, os soberanos estão a tentar reunir os seus apoiantes para o acordo. Henry está até pronto para devolver o arcebispado de Canterbury a Becket, que ainda está exilado em Sens, se ele aceitar as Constituições de Clarendon. Isto é o que Luís VII lhe aconselha. Mas o teimoso Thomas não quer ouvir nada. O resto do ano de 1169 viu Henry Plantagenêt viajar por seus territórios do leste e do sul para restaurar a ordem ali. Durante a primavera e o verão viajou pela Aquitânia, pacificando a região à sua maneira, destruindo os castelos dos senhores recalcitrantes, tratando-os sem cerimônia, como Robert de Seilhac, que morreu devido aos abusos infligidos na prisão43, segundo Robert de Torigny, que acrescenta , imperturbável: “Pacificou o conde de Angoulême, o conde de La Marche e muitos outros de menor importância44.

— »Richard poderá ver seu pai trabalhando e aprenderá a lição sobre como subjugar vassalos indisciplinados. Henri parece estar em todos os lugares ao mesmo tempo: também o vemos na fronteira do Maine, onde construiu

Machine Translated by Google

um castelo em Beauvoir, perto de Mamers, na fronteira de Vexin, onde mandou cavar uma vala, e na Bretanha, onde destruiu castelos, fez com que Eudon de Porhoët fosse julgado e confiscasse suas propriedades. No Natal, esteve em Nantes, onde perante a assembleia de barões e bispos anunciou o casamento de Constança, herdeira do ducado, e Geoffroy. Este último recebeu homenagens dos vassalos bretões durante o verão.

O ano de 1170 foi fértil em acontecimentos de considerável importância que, se não afetaram pessoalmente Ricardo, não foram menos essenciais para toda a família Plantageneta. Começa com a coroação de seu irmão Henrique, o Jovem, em Westminster, de acordo com o Acordo de Montmirail. Isto coloca um grande problema: tradicionalmente, o Rei de Inglaterra deve ser coroado pelo Arcebispo de Canterbury. Agora este é Thomas Becket, ainda em França e ainda teimoso como sempre em não querer aceitar as Constituições de Clarendon. Ninguém é indispensável, nem mesmo o Arcebispo de Canterbury, pensa Henrique II, que tem seu filho coroado em 14 de junho por outro Thomas, o Arcebispo de York, auxiliado pelos bispos de Londres (Gilbert Folio), de Salisbury (Joachim de Bohun), de Durham (Hugues du Puiset) e de Rochester (Walter). Esta coroação foi um erro da parte de Henrique II, não tanto porque desagradou ao papa, mas porque introduziu um mal-entendido: havia agora dois reis coroados da Inglaterra. O pai pretende manter todos os poderes, e não percebe que o filho não ficará satisfeito por muito tempo com um título vazio: ele também vai querer dividir o governo.

No momento, porém, é antes Becket quem preocupa Henrique II: o problemático arcebispo não deveria impor uma interdição ao reino por causa da afronta que acaba de ser feita a ele. Então é melhor negociar.
O rei cruzou novamente o Canal da Mancha e encontrou Becket em Fréteval em 22 de julho. Este é pelo menos o décimo encontro entre os dois homens desde o exílio do arcebispo. E desta vez chegamos a um acordo. O rei promete ao seu ex-chanceler e amigo paz, segurança e a restituição do arcebispado se ele concordar em retornar a Canterbury; ele também promete reiniciar a coroação de maneira adequada. Becket aceita. Sua vaidade é satisfeita e ele considera as concessões feitas pelo rei uma vitória pessoal. Antes de retornar à Inglaterra, ele teve amplos poderes que lhe foram concedidos pelo Papa e excomungou os bispos ingleses que não o apoiaram. Quando chega à Inglaterra em dezembro, não é a reconciliação que busca, mas a vingança.

O rei retorna aos seus negócios. Após a entrevista com Fréteval, dirigiu-se para a Aquitânia, mas em agosto adoeceu gravemente, a ponto de fazer o seu testamento. Ele confirma o conteúdo do acordo de Montmirail sobre a divisão do Império e expressa o desejo de ser enterrado

Machine Translated by Google

na Abadia de Grandmont em Limousin. Disposições prematuras. Depois de três semanas, recuperou-se e foi a Rocamadour agradecer à Virgem45. De lá, dirigiu-se a Berry para reivindicar a temporalidade do arcebispado de Bourges, cujo titular acabara de falecer. Lá ele encontrou Luís VII, que bloqueou seu caminho, afirmando que Berry estava diretamente sob o domínio do Reino da França e não do Ducado da Aquitânia. Ambos têm uma pequena tropa; lutaríamos bem, mas já é um pouco tarde na temporada e então é Advento. Então adiamos a luta para depois do Natal. Nesse ínterim, Henrique voltou para a Normandia, e lá, em Bures, juntou-se a ele bispos ingleses que lhe relataram as novas façanhas de Becket: desembarcou em 1º de dezembro em Sandwich, este último, aclamado pelo povo, foi muito mal recebido pelas autoridades: o xerife de Kent tentou afastá-lo; Henry, o Jovem, recusou-se a recebê-lo em Woodstock. Becket se comporta com arrogância, desfila triunfalmente, recusa-se a levantar a excomunhão contra os bispos que participaram da coroação. Ao ouvir esta notícia, Henrique II, furioso, pronunciou as famosas palavras infelizes: “Então não haverá ninguém que me livre deste padre turbulento! » Sabemos o que aconteceu a seguir: quatro cavaleiros do King's Hotel zarparam imediatamente e assassinaram Becket na Catedral de Canterbury em 29 de dezembro de 1170.

O rei tomou conhecimento do infeliz acidente em 1º de janeiro de 1171, o que dá uma ideia da velocidade de circulação da notícia. Segundo o bispo Arnulfo de Lisieux, a sua reacção foi teatral, sem que soubéssemos que parte da comédia havia no seu comportamento: “O rei irrompeu em violentas lamentações e trocou as suas vestes reais por saco e cinzas, comportando-se mais como um amigo do que como o soberano do falecido. Tinha acessos de estupor, intercalados com gemidos e gritos, cada vez mais altos e lamentáveis. Permaneceu três dias inteiros trancado em seu quarto, sem comer e sem receber ninguém, a ponto de esses excessos sugerirem que ele estava decidido a morrer46. — » Este comportamento pode de facto parecer um pouco excessivo para um guerreiro duro, habituado à violência e que acaba, de acordo com o seu desejo, de se livrar de um inimigo particularmente prejudicial.

Mas o rei mede as consequências catastróficas que este assassinato pode ter sobre o seu poder: como reagirão o povo, os vassalos, os soberanos estrangeiros, o papa? Quanto ao papa, ele não tem muito com o que se preocupar: Alexandre III, ainda em conflito com o antipapa Pascal e o imperador, não pode se dar ao luxo de romper com a Plantageneta. Claro, você tem que revirar os olhos e repreender o rei por esse mau gesto; a opinião pública, isto é, os nobres e o clero, não compreenderia

Machine Translated by Google

uma total ausência de sanção. Em seguida, o Arcebispo de Sens, legado, lançou o interdito sobre os territórios continentais de Henrique, que também foi sujeito a interdito pessoal. Mas a proibição não afecta a Inglaterra, e se o papa excomungar aqueles que contribuíram para o crime, o rei não é mencionado nominalmente nesta sanção.

Um pouco tranqüilo, ele pode então retomar suas atividades normais e em outubro embarca para a Irlanda à frente de um exército considerável. Há eventos acontecendo lá que exigem sua atenção.
Desde o início do seu reinado que pensa em intervir na ilha vizinha, como se não tivesse o que fazer na sua colecção de territórios. Ainda era necessário um pretexto válido. Ele se apresentou em 1171. O rei de Leinster, Dermot McMurrough, foi expulso de seu reino em 1166. Ele então veio para a Inglaterra em busca de ajuda. Vários barões galeses e marchas galesas responderam ao seu apelo, em particular Ricardo, Conde de Striguil e Pembroke, mais conhecido pelo nome guerreiro de Strongbow (arco sólido), que em maio de 1171 conquistou o reino de Leinster, c 'isto é do sudeste da Irlanda, casou-se com Eva, filha de Dermot, e, com a morte deste, sucedeu-o. Ele é o mestre de Dublin e dos principais portos da costa leste. Henrique II não pode tolerar que um de seus vassalos tenha aumentado consideravelmente seu poder e adquirido um título real, embora tenha proibido a expedição. Ele decide punir o próprio Strongbow. Em 17 de outubro de 1171 ele desembarcou em Waterford com 500 cavaleiros e 4.000 arqueiros transportados por 400 navios. Em poucas semanas, ele subjugou Strongbow e os chefes irlandeses da região, que lhe juraram lealdade.

O regresso foi problemático: ventos contrários impediram o rei de regressar até meados de abril de 1172. Conseguiu finalmente atravessar o mar da Irlanda, passou para Inglaterra e daí para a Normandia, onde os legados papais que tinham vindo o esperavam. detalhes da absolvição do caso Becket. No dia 21 de maio, em Avranches, depois de jurar que não desejava nem ordenara o assassinato do arcebispo, Henrique II foi absolvido; as sanções eclesiásticas são levantadas. Em troca, o rei promete fazer a travessia no Natal, manter 200 cavaleiros durante um ano para a defesa da Terra Santa, para restaurar todas as propriedades do arcebispado de Cantuária. As Constituições de Clarendon não foram removidas, mas os apelos a Roma foram novamente permitidos.

O caso está legalmente encerrado, mas Henri ainda não terminou com o fantasma de Becket. Assim que este morreu, desenvolveu-se um culto espontâneo em torno do seu túmulo, atraindo multidões crescentes de peregrinos, milagres ocorreram e, em 21 de fevereiro de 1173, o papa canonizou Thomas Becket, que se tornou o santo mais popular da Inglaterra. Canterbury se torna o centro de uma peregrinação que atrairá

Machine Translated by Google

multidões até a Reforma. O próprio rei foi para lá em julho de 1174 e realizou penitência pública. Não o deixaremos esquecer o assassinato, cuja memória pesará durante todo o resto do seu reinado. O culto de Thomas Becket difundiu-se mesmo rapidamente no estrangeiro, e paradoxalmente através das filhas do rei, Jeanne, Mathilde, Eleanor, esposas respectivamente do Rei da Sicília, do Duque da Saxónia e do Rei de Castela.: nestes três Estados representações iconográficas do santos mártires são relatados a partir do final da década de 1170[47] . O assassinato de Canterbury deixou uma marca indelével e infame no nome de Henrique II, que seus sucessores souberam usar em seu benefício, a começar por seus filhos.

Ricardo, duque da Aquitânia (1172)

Na época em que o rei da Inglaterra concluiu o Compromisso de Avranches com os legados papais, no final de maio de 1172, seu segundo filho, Ricardo, completava quinze anos. É agora considerado um adulto, com idade suficiente para exercer o poder político, e é agora uma parte interessada no jogo europeu. No entanto, ele ainda está sob o controle de sua mãe, que organiza sua entronização oficial como Duque da Aquitânia em Poitiers, em junho. A cerimónia realiza-se na abadia de Saint-Hilaire: sentado na cadeira do abade, Ricardo recebe das mãos do arcebispo de Bordéus e do bispo de Poitiers a lança e o estandarte, insígnias da sua dignidade. Nas semanas anteriores, viajou pelo ducado na companhia de Leonor e em Niort recebeu a lealdade de seus vassalos.

Depois, no final de junho, iremos a Limoges para mais uma cerimónia. Limoges, rival de Poitiers, baseia o seu prestígio religioso e político na presença das relíquias de Santa Valérie, mártir dos primeiros séculos do cristianismo. Precisamente – feliz coincidência os monges da abadia – Saint-Martial acaba de descobrir nos seus arquivos uma antiga Vida da padroeira da cidade, que permite reavivar um antigo protocolo há muito caído em desuso para a entronização dos duques da Aquitânia. Geoffroy de Vigeois, monge de Saint-Martial, deixou uma descrição da cerimónia, à qual assistiu [48] . Ricardo, à frente de uma procissão de clérigos, dirige-se à porta da catedral de Saint-Etienne, onde o bispo o abençoa e coloca em seu dedo o anel de Santa Valéria. Gesto altamente simbólico, significando o casamento místico do novo duque com a cidade de Limoges e com toda a Aquitânia, que Santa Valérie representa. Em seguida, com a coroa ducal na cabeça e o estandarte na mão, Ricardo apresenta-se diante do altar-mor, onde recebe a espada e as esporas. Ele faz um juram

E

Machine Translated by Google

Evangelhos, antes de assistir à missa. Depois passamos às festividades: banquetes e torneios.

Tudo isso é organizado por Eleanor, que, portanto, renuncia ao seu ducado em favor de seu filho favorito. Onipresença sufocante da Duquesa, que insiste em envolver Ricardo em todos os seus gestos de devoção: lançar a primeira pedra do mosteiro de Santo Agostinho em Limoges, fundar um serviço para a salvação da sua alma na abadia de Fontevraud. Ricardo, agora oficialmente duque da Aquitânia, embora ainda não tenha quinze anos, fica sem dúvida impressionado com estas cerimónias em que é a estrela, mas rapidamente perceberá que o seu título não lhe confere qualquer poder real. Sua mãe continuou a presidir a corte de Poitiers, e seu pai a tomar todas as decisões em todas as áreas e em todas as partes do império Plantageneta. Dois meses após a entronização de Ricardo, em agosto de 1172, seu filho mais velho, Henrique, foi coroado rei da Inglaterra pela segunda vez em Westminster, pelo arcebispo de Rouen, já que o valor da primeira coroação, pelo arcebispo de York, foi contestado. Mas, apesar das suas duas coroações, Henrique, o Jovem, de dezassete anos, ainda não tinha poder, nem rendimentos pessoais, nem independência. Os dois irmãos não cresceram juntos, mas ambos estão ansiosos para governar. Isto é o que Henrique II não quer admitir. Em 1173, ele enfrentou uma primeira revolta de seus filhos.

Machine Translated by Google

III

Uma família desfeita

A revolta de 1173-1174

Apesar das consequências do assassinato de Becket, Henrique II estava mais poderoso do que nunca em 1172. No auge da vida, este homem de quarenta anos com energia ilimitada governa com mão de ferro os seus imensos territórios, aos quais acaba de acrescentar um pedaço da Irlanda. Temido por todos os soberanos da Europa, começou mesmo a estender a sua influência até ao Mediterrâneo, sempre avançando os seus peões, ou seja, os seus filhos, em direcção aos Estados do Sul. A sua última iniciativa nesta área foi em 1170, desposar a sua filha Leonor, de nove anos, com o jovem rei de Castela Alfonso VIII, o que lhe permitiu frustrar os projectos de Luís VII neste sector. Em 1172 também iniciou negociações para o casamento de sua terceira filha, Joana, de sete anos, com o rei da Sicília Guilherme, o Bom, projeto que se concretizou em 1177.

Ao mesmo tempo, ainda em 1172, abriu-se uma nova oportunidade. O conde de Maurienne, Humbert III, precisa de dinheiro e aliados, e só tem filhas para sucedê-lo. Esta é uma boa notícia: Henrique II ainda tem um peão masculino para colocar, seu último filho, Jean, de seis anos. As negociações foram abertas com o abade de Chiusa, Benoît, que Humberto enviou à corte Plantageneta. Eles levaram a um acordo no início de 1173: Jean se casaria com Alice, a mais velha de Humbert, e ele herdaria o condado de Maurienne, ou seja, uma região estratégica que se estende ao sul do Lago Genebra., abrangendo Sabóia e Piemonte e controlando as passagens de Grand-Saint-Bernard e Montgenèvre, chaves da Lombardia, onde precisamente, a acreditar numa carta de João de Salisbury, Henrique II intriga com as cidades de Milã

Machine Translated by Google

Cremona, Parma e Bolonha, que se opuseram ao imperador Frederico Barbarossa1.

Vários cronistas sugerem que Henrique II tinha então ambições reais na Itália, e talvez até no Sacro Império Romano. É o caso de Geraldo, o Galês, que escreve que pretende estender a sua influência ad regnum Lombardorum, e que foi "convidado por toda a Itália e pela cidade de Roma2". Pedro de Blois, que esteve na Sicília de 1167 a 1169, afirma que esteve presente quando o regnum italiae foi oferecido a Henrique ou a um de seus filhos3. A influência inglesa na Sicília é particularmente clara: sob o rei Roger (1101-1154), Robert de Selby foi chanceler, Thomas Brown capelão real, Richard Palmer arcebispo de Messina, Walter d'Offamil arcebispo de Palermo, seu irmão Barthélémy bispo de Girgenti. Quando Ricardo permanecer na Sicília no início de sua cruzada, ele não estará em território desconhecido.

A revolta dos filhos de Henrique II (Limoges, 1173)

Foi em Montferrand, no início de 1173, que foi finalizado o acordo entre Henrique II e o Conde de Maurienne. Humbert receberá 5.000 marcos, e sua filha Alice será confiada a Plantagenêt até que os noivos atinjam a idade de casar. Henrique II tem, portanto, em sua corte duas Alices, suas futuras noras. Para eles, não é o País das Maravilhas: nenhum casamento acontecerá. A noiva de João morreu antes de 1176, e a noiva de Ricardo foi devolvida ao seu irmão Filipe Augusto, talvez não intacta, em 1191.

Nós não estamos lá. Por enquanto, o Acordo de Montferrand, em janeiro de 1173, estabeleceu o sucesso da diplomacia de Henrique II. Acompanhado por seu filho mais velho, Henri, o Jovem, Humbert de Maurienne, o rei de Aragão, o conde Raymond V de Toulouse e os senhores da Aquitânia, ele foi então para Limoges, onde Raymond, abandonando o acampamento francês, prestou-lhe homenagem. filho Henri, para seu condado. É então que as coisas pioram, quando o conde Humbert pergunta ao rei da Inglaterra o que ele pretende dar como dote ao seu filho John. Parece que Henrique II não tinha planeado nada para o seu filho mais novo que, desde o seu nascimento em 1166 em Oxford, tinha sido bastante negligenciado. Como quarto filho, ele tem muito poucas chances de governar. Com um ano de idade, foi colocado na abadia de Fontevraud, depois no Hôtel de seu irmão mais velho, Henri, e quando fez seu plano de divisão em Montmirail em 1169, o rei não fez nenhuma provisão para sua última adição, a quem ele também adquiriu o hábito de chamar "Sans Terre" (Lackland), apelido que ficou na história4. Sua educação, porém, confia

Machine Translated by Google

jurista de qualidade na comitiva do rei, autor de diversas obras jurídicas de autoridade, não foi negligenciado. Jean Sans Terre será um príncipe culto, também formado na profissão das armas, mas, abandonado desde o início pelos pais, sobretudo pela mãe, que quase nunca o vê e que o concebeu quando já estava em maus termos. com o marido, ele se sente marginalizado, deliberadamente roubado para o benefício dos irmãos mais velhos. Não é sem razão que ele desenvolverá uma personalidade difícil.

Ainda assim, à pergunta de Humbert de Maurienne, Henrique II, apanhado de surpresa, respondeu que daria a Jean o dote habitual de um cadete da casa de Anjou: os castelos de Chinon, Loudun e Mirebeau. Foi então que Henrique, o Jovem, deixou explodir a sua indignação: estes castelos faziam parte da herança dos territórios Plantagenetas que lhe foram atribuídos pelo Tratado de Fréteval, e ele não pretendia dá-los de presente ao seu irmão mais novo. . O que são três castelos, no enorme grupo que lhe pertence, Inglaterra, Normandia, Maine, Anjou, Touraine? Muito pouco, certamente. Mas é uma questão de princípio e é sobretudo uma oportunidade para Henrique, o Jovem, expressar a sua frustração: tem dezoito anos, foi coroado rei duas vezes, é duque da Normandia, conde de 'Anjou e Maine, e ainda não tem absolutamente nenhum poder, embora se considere capaz de exercer responsabilidades. A briga aumenta rapidamente; Henrique, o Jovem, disse ao pai que o rei da França, seu sogro, o apoiava, o que confirmou as suspeitas de Henrique II. O conde de Toulouse acabava de o avisar que Luís VII estava a tramar uma conspiração destinada a empurrar os filhos do rei de Inglaterra contra o seu pai e depô-lo5 .

Henrique II não pretende ceder ao filho, que considera, com razão, um tolo imaturo e pretensioso. Sem dúvida subestimando a ameaça, deixou Limoges e rumou para a Normandia, levando Henrique, o Jovem, a quem pretendia monitorar pessoalmente. Os outros dois filhos, Richard e Geoffroy, ficaram com a mãe em Poitiers. Os dois Henriques pararam em Chinon e, durante a noite de 7 de março, Henrique, o Jovem, fugiu e galopou em direção a Paris. Obviamente, o caso estava preparado: o fugitivo atravessou o Loire a vau, encontrando no caminho revezamentos com cavalos velozes que lhe permitiram chegar sem impedimentos a Alençon, depois a Mortagne, nos domínios do conde de Dreux, irmão do rei de França e, finalmente, Paris, onde encontrou Luís VII. Assim que a notícia chegou a Poitiers, Eleanor enviou seus outros dois filhos, Richard e Geoffroy, para se juntarem ao mais velho. Os três irmãos encontram-se em Paris, em revolta aberta contra o pai. Este último enviou um mensageiro a Luís VII para pedir-lhe que despedisse o mais velho e, segundo os cronistas Roger de Howden e William de Newburgh, recebeu uma resposta zombeteira e provocativa: “Quem está fazendo este ped

Machine Translated by Google

Rei da França; “o rei da Inglaterra”, respondeu o mensageiro. “O Rei da Inglaterra?” Ele está aqui comigo e não me pediu nada através de você. Talvez você continue a chamar o pai dele, que já foi rei da Inglaterra, de rei. Saiba disso, este rei está morto. Seria melhor que ele deixasse de se considerar rei, pois, diante do mundo, renunciou ao seu reino ao filho6.

– » Henrique II deve então perceber, tarde demais, que nunca deveria ter coroado seu filho durante sua vida. Ele aprenderá a lição e não cometerá o mesmo erro com Richard.

Neste momento, a situação é crítica. Ele é brutalmente confrontado com a revolta aberta dos seus três filhos, apoiados pelo Rei de França. É surpreendente que ele não tenha previsto isso, porque claramente esta revolta não foi improvisada. A trama já vinha sendo elaborada há algum tempo, e o arquiteto era o rei da França, que conheceu Henrique, o Jovem, no outono de 1172, na fronteira da Normandia, e o encorajou a reivindicar sua parcela de poder. Segundo Geoffroy de Vigeois, o conde de Toulouse tinha avisado Henrique II, numa conversa privada em Limoges, de que estava a ser preparada uma conspiração, mas o rei não a levou a sério7. Que tudo estava preparado, os acontecimentos confirmam: Luís VII mandou lançar um selo pessoal para Henrique, o Jovem, que o utilizou para selar cartas de doação, como rei da Inglaterra, a vários grandes senhores que vieram aderir ao movimento: o condado de Kent e o castelo de Dover ao conde Filipe de Flandres, o condado de Mortain ao conde de Boulogne, os feudos de Touraine e o castelo de Amboise ao conde de Blois, Northumberland ao rei da Escócia, e o condado de Huntingdon ao seu irmão Davi. Luís VII convocou uma grande assembleia de barões a Paris, que deram o seu apoio a Henrique, o Jovem, enquanto este último prometeu não concluir a paz sem o seu acordo. Tudo isso não é improvisado.

Personalidade e motivos da rebelião dos três irmãos e da mãe

Os três irmãos rebeldes concordam em apoiar-se mutuamente contra o pai. Mas ainda são três adolescentes, que não só carecem de maturidade, mas também de caráter, pelo menos Henri e Geoffroy. Henri, o mais velho, de dezoito anos, está no centro da rebelião. É um louro alto, “o príncipe mais bonito do mundo, tanto entre os sarracenos como entre os cristãos8”, diz a História de Guilherme, o Marechal. Muito cheio de si, ele se imagina capaz de governar um reino, ao passo que é obstinado, sem vontade própria e que pensa acima de tudo em se divertir.

Machine Translated by Google

com os seus companheiros, “os jovens”, como já são chamados. Rejeitado por todos os assuntos sérios, especialmente pela administração, ele leva uma vida de dissipação, desperdiçando seu tempo em festas caras e diversões estúpidas. Robert de Torigny conta como organizou um banquete em Bures para 110 cavaleiros, todos chamados William (Guillaume)9, um primeiro nome extremamente comum na época, e Roger de Howden como exibiu seu vice-chanceler Adam de Churchdown nu no ruas de Poitiers após tê-lo açoitado por ter revelado ao pai o conteúdo de uma conversa privada10. Muito engraçado.

Vaidoso, pretensioso, incapaz de fazer um negócio sério, é muito querido pelas meninas, leva uma vida feliz, frequenta torneios e gasta muito, desperdiçando e endividando-se, o que no mundo nobre se chama de demonstração de "generosidade", e tudo isso lhe rendeu elogios de muitos cronistas, como Gerald, o Galês: “Ele tinha tanta mente que nunca recusava nada a alguém digno de receber, nunca deixava que alguém digno o deixasse triste ou infeliz. Como outro Tito, ele teria considerado ter desperdiçado seu dia se não tivesse derramado generosidade múltipla e feito muitas pessoas se beneficiarem, em seus corações e em seus corpos, de uma abundância de benefícios. » A sua generosidade não lhe custa muito: o dinheiro vem do tesouro real do seu pai. Claro, ele é muito popular, especialmente entre os jovens dourados agarrados à sua cota de malha. A História de Guilherme, o Marechal, é cheia de elogios a ele, declarando que “ele reviveu a cavalaria, que estava morta ou quase morta. Ele foi a porta pela qual ela reapareceu. Ele era seu porta-estandarte. Naquela época, os adultos nada faziam pelos jovens. Ele deu o exemplo e cercou-se de homens capazes. E quando os homens eminentes viram como ele reunia todos os mais capazes, ficaram maravilhados com a sua sabedoria e o seguiram.

Inverdade flagrante. Este jovem desmiolado é, pelo contrário, “oco, vaidoso, descuidado, maluco, incompetente, imprevidente, irresponsável12”, segundo um dos melhores historiadores Plantagenetas, W. L. Warren. Compreendemos por que seu pai se recusou a atribuir-lhe responsabilidades. O caráter despótico de Henrique II não o levou a delegar seus poderes em nenhum caso, mas a flagrante incapacidade de seu filho só poderia confirmar sua desconfiança. Nas raras vezes em que lhe confiava uma tarefa, o jovem Henrique seria incapaz de a cumprir: encarregado em 1176 de ajudar o seu irmão Ricardo a tomar o castelo de Châteauneuf em Charente, demorou-se no caminho e partiu antes de terminar a obra: “ Ele não quis ficar mais com o irmão e, seguindo maus conselhos, foi embora13”, escreve Roger da Howden; em 1179, responsável pela cole

Machine Translated by Google

a contestada herança de Ralph de Déols, ele era tão bagunceiro que seu pai teve que intervir pessoalmente14; em 1182, obrigado a ajudar Ricardo e seu pai contra a insurreição de Aymer de Limoges, chegou quando tudo estava acabado15. Como poderia um reino ser confiado a uma pessoa tão incompetente? Guilherme, o Marechal, a quem foi confiada sua educação, só conseguiu torná-lo um turbilhão.

Seu irmão mais novo, Geoffroy, não está muito melhor. Ele tinha apenas quinze anos na época da revolta, mas os aspectos sombrios de seu caráter já eram evidentes. Falante manso e bom fiandeiro como o mais velho, não tem encanto, e as crónicas são unânimes em denunciar a sua propensão para a mentira e a dissimulação: “Geoffroy, este filho da traição, este filho da iniquidade16”, escreve Roger de Howden; “Ele não era facilmente enganado e poderia ser descrito como perspicaz, se não fosse por sua propensão a enganar os outros.” É também a sua hipocrisia que Gérald, o Galês, critica, evocando um homem "voluvel, escorregadio como o óleo, possuidor de uma eloquência xaroposa e persuasiva, capacidade de dissociar o inseparável, capaz de corromper dois reinos com um golpe de linguagem, intrigante incansável, hipócrita em tudo, enganador e dissimulador 17”. Provavelmente mais perigoso do que seu irmão mais velho e desmiolado.

Entre os dois está Richard, de quem até então pouco se falou.
Ele tem dezesseis anos e podemos nos perguntar se ele se contenta em seguir seus irmãos ou se compartilha o desejo deles de se afirmar diante de um pai tirânico e ausente. A segunda hipótese parece a mais provável. Na verdade, ele está sob a influência da mãe há vários anos, que apenas busca colocá-lo contra o pai. Além disso, tal como o seu irmão mais velho, tem um título, o de Duque da Aquitânia, mas é o seu pai quem continua a dirigir tudo. Em Paris, participou ativamente do movimento orquestrado por Luís VII, que o nomeou cavaleiro18. Por fim, dos três irmãos, será ele quem mostrará mais determinação e quem resistirá por mais tempo a Henrique II. Focaremos em sua personalidade mais adiante, mas já parece que esse adolescente possui qualidades, vontade e energia superiores às de seus irmãos.

Resta o caso de Leonor da Aquitânia. Os historiadores há muito procuram entender por que ela apoiou e até encorajou a revolta dos filhos contra o marido. A explicação “burguesa” é um pouco curta: ciúme de uma mulher enganada, na casa dos cinquenta anos, a quem o marido de quarenta anos prefere uma jovem e bela menina, Rosamund Clifford. Isso soa um pouco banalmente vaudevilleesco. Algumas lendas até acrescentaram o Grand Guignol ao vaudeville, contando que Eleanor

Machine Translated by Google

teria arrancado os olhos de Rosamund ou a assassinado, dando-lhe a escolha entre a faca e o veneno.

Muito mais provável do que estes devaneios é a explicação política. Eleanor tem uma personalidade forte; ela é “uma mulher muito inteligente, de origem nobre, mas instável19”, diz Gervais de Canterbury.
Duquesa da Aquitânia, ex-rainha de França, rainha de Inglaterra, aspira a desempenhar um papel político importante. No entanto, desde o seu novo casamento em 1152, o seu marido não lhe deixou nenhum poder; se ele lhe concede uma espécie de regência por curtos períodos na Normandia ou na Inglaterra, ela na verdade não tem liberdade, e grande é a sua frustração. É por isso que ela deposita suas esperanças em seu filho Richard. Quando ele se tornou nominalmente conde de Poitou e duque da Aquitânia, ela organizou uma espécie de conselho regencial em torno dele, o que sugeria que ela esperava governar em seu nome20. Daí sua decepção ao perceber que não é esse o caso. Além disso, o facto de em Limoges o Conde de Toulouse ter prestado homenagem aos dois Henriques, reis de Inglaterra, e não a Ricardo, Duque da Aquitânia, suscita receios de que a Aquitânia seja agora considerada dependente da monarquia anglo-normanda. O facto de todos os principais barões de Poitou e Angoumois terem aderido à revolta, Guilherme de Angoulême, Geoffroy e Guy de Lusignan, Geoffroy de Rancon, senhor de Taillebourg, Guillaume, senhor de Parthenay, tenderia a mostrar que este medo era partilhad

Mesmo assim, Eleanor participa ativamente da luta contra o marido. Esta atitude foi julgada com muita severidade pelos moralistas da época. O Arcebispo de Rouen castiga a rebelião desta má esposa, numa carta provavelmente escrita por Pierre de Blois, e ameaça-a com sanções eclesiásticas: “Todos deploramos, com uma queixa unânime e lamentável, que tu, mulher prudente entre tudo, você se separou do seu marido... Separado da cabeça, o membro não serve mais.
Mais ainda, algo ainda mais enorme, é o próprio fruto das entranhas, as do senhor rei e as suas, que você fez para se rebelar contra o pai deles... Sabemos que, a menos que você volte para o seu marido, você será a causa de uma ruína geral... Volte então, ó ilustre rainha, para seu marido e nosso senhor... Antes que os acontecimentos nos levem a um resultado desastroso, retorne com seus filhos para o marido a quem você deve obedecer e perto de quem você são obrigados a viver... Ou você retornará para seu marido, ou então, pelo direito canônico, seremos constrangidos e forçados a exercer a censura da Igreja contra você, o que dizemos com pesar e que não faremos. , a menos que você se arrependa, apenas com lágrimas e dor21. »

Na verdade, o arcebispo não terá de recorrer a sanções eclesiásticas. Henrique II se encarregará de resolver ele mesmo o problema, colocando a sua

Machine Translated by Google

esposa incapacitada: em novembro de 1173, os seus mercenários de Brabante tomaram os castelos de Haia, Preuilly e Champigny, em Poitou22; a rainha, que está por perto, tenta escapar, vestida de homem, segundo Gervais de Canterbury23, que é o único a falar deste episódio, inglório tanto para Leonor como para Henrique. Presa e desmascarada, a rainha foi primeiro trancada no castelo de Chinon, depois, no início de julho de 1174, foi transferida para Winchester e depois para Salisbury. Ela permaneceu em prisão domiciliar por dezesseis anos, às vezes mudando de residência, em Berkshire e Nottinghamshire, sob a responsabilidade de Ralph Glanvill ou Ralph Fitz Stephen. O rei às vezes permite que ele faça uma aparição pública em sua companhia. Para Richard, a prisão da mãe é mais um motivo para odiar o pai e continuar a luta.
Mas a sua determinação não é suficiente: os filhos subestimaram a capacidade do pai de reagir.

O triunfo de Henrique II, sozinho contra todos

Na guerra que se iniciava, Henrique II iria, de facto, mais uma vez utilizar as suas qualidades extraordinárias: clarividência, determinação, velocidade de movimento, energia extraordinária, face a adversários desajeitados, medíocres e descoordenados. A coligação que está a ser formada é, no entanto, impressionante. Além do rei da França e dos três irmãos Plantagenêt, inclui o conde de Flandres, seu irmão, o conde Matthieu de Boulogne, o conde Thibaud de Blois; na Inglaterra, quatro poderosos barões aderiram ao movimento: o conde de Norfolk Hugues Bigod, o conde Robert de Leicester, o conde Hugues de Chester, o conde de Derby William Ferrers, que trouxe consigo todos os seus vassalos. Na Normandia e na Bretanha, muitos barões que tiveram dificuldade em apoiar a autoridade de Henrique II, como Ralph de Fougères, aproveitaram a oportunidade para se rebelarem; em Anjou, os cronistas mencionam meia dúzia de rebeldes, tantos em Touraine e mais no Maine; em Poitou, encontramos o inevitável Conde de Angoulême. Acrescentemos o Rei da Escócia, Guilherme, o Leão, cuja simples menção deixa Henrique II louco de raiva. Luís VII prometeu-lhe Northumberland e o condado de Huntingdon a seu irmão David. De acordo com Gervais de Canterbury, Ralph de Diceto e Gerald, o Galês, Henrique II foi abandonado pela maioria de seus seguidores. Para Ralph de Diceto, “estes homens uniram-se ao lado do filho, não porque considerassem a sua causa mais justa, mas porque o pai pisoteou os orgulhosos e arrogantes, desmantelou ou confiscou os castelos, e

Machine Translated by Google

obrigava aqueles que possuíam bens que pudessem contribuir para o seu tesouro a contentar-se com o seu próprio património24".

Sem dúvida, teria sido suficiente para desanimar qualquer um, exceto Henrique II, que se queixou numa carta ao Papa da "malícia dos seus filhos, que o espírito de iniquidade armou contra o seu pai a tal ponto que eles consideram isso uma glória". e um triunfo persegui-lo", e lamenta seu isolamento: "Meus amigos se afastaram de mim, meus parentes querem minha vida. » Ele enfrenta uma coligação que vem tanto de fora como de dentro dos seus estados, e até mesmo da sua família mais próxima: a sua esposa e filhos. Os seus adversários podem atacar em qualquer lugar, na fronteira da Escócia, na Normandia, na Bretanha, no Poitou, e se ele estivesse a lidar com qualquer coisa que não fosse o que devemos chamar de um conjunto de "incapazes", o seu destino teria sido selado.

Mas precisamente, os seus adversários agem sem qualquer coordenação, lançam ataques esporádicos e não relacionados, e são mais fortes nas declarações do que nas ações. Luís VII apóstrofa os enviados Plantagenêt, o Arcebispo Rotrou de Rouen e o Bispo Arnoul de Lisieux, que vieram negociar, com estas palavras: "Por que o Rei da Inglaterra mantém, contra a fé juramentada, o dote de Marguerite, Gisors e Vexin? Por que procura ele despertar as populações francesas das montanhas de Auvergne ao Ródano contra o seu soberano natural? Finalmente, por que recebeu homenagem feudal do Conde de Toulouse? Diga ao seu mestre que juro não fazer as pazes com ele sem o consentimento expresso de sua esposa e filhos. »
Pura ostentação. Por sua vez, Henrique, o Jovem, escreveu ao papa, autodenominando-se Henrique III, e prometeu restaurar todas as liberdades eclesiásticas que seu pai havia limitado pela Declaração de Clarendon; reclamou que os assassinos de Becket não haviam sido punidos e se opôs à eleição do candidato de seu pai ao arcebispado de Canterbury.

Diante dessa agitação, Henrique II manteve a calma. Prudente, ele sabe que qualquer erro de sua parte causaria sua queda, porque, escreve Guilherme de Newburgh, "na Inglaterra daquela época havia poucos barões cuja lealdade ao rei não hesitava e que não estavam prontos para desertar. Pelo menos ele pode contar com o apoio do clero e dos chefes de sua administração, como os fiéis Richard de Lucy e Ralph Glanvill. Possui também recursos financeiros consideráveis, que lhe permitem empregar mercenários, os formidáveis Brabançons, mas também navarros, bascos, alemães, profissionais de péssima reputação. Acima de tudo, pode contar com as suas próprias qualidades, nomeadamente a rapidez das suas reacções e a extraordinária velocidade dos seus movimentos: vemos-no percorrer os duzentos e trinta quilómetros que

Machine Translated by Google

separe Rouen de Dol em dois dias, 22 de julho e 2326. Segundo Pierre de Blois, ele era capaz de percorrer quatro a cinco vezes mais distância num dia do que um viajante normal, e algumas de suas intervenções tinham o aspecto de uma blitzkrieg, tão rápida que os cronistas não tinham ideia. e que encontramos vestígios disso apenas nos relatos reais, como o de uma incursão na Inglaterra em 117327.

Como era de se esperar, foi na Normandia, a província mais próxima do poder capetiano, que Luís VII e seus aliados desferiram o primeiro golpe. Em maio de 1173, foram realizados dois ataques contra Gournay e Pacy, e especialmente em junho e julho foram lançadas simultaneamente três ofensivas, cujo objetivo era a captura de Rouen: Luís VII chegou do sudeste e sitiou Verneuil, durante aquele Filipe de Flandres chega pelo nordeste e toma Driencourt, e que os bretões de Ralph de Fougères, reforçados por Hugo de Chester, entram pelo sudoeste em Avranches. Ricardo participou da ofensiva de Filipe de Flandres, que logo parou quando Mateus de Bolonha foi morto por uma flecha de besta. O futuro Lionheart, cujo primeiro envolvimento em combate, foi capaz de medir a formidável eficácia desta arma. Enquanto isso, Henrique II, que procurava reforços na Inglaterra, encontrou inesperadamente o exército de Luís VII que sitiava Verneuil e o dispersou sem dificuldade. Confrontado com a completa desordem do seu exército, o rei de França foi forçado a uma fuga ignominiosa. Henrique II regressou a Rouen e de lá, em dois dias, atravessou toda a Normandia, chegou à frente de Dol, que capturou, e capturou Ralph de Fougères e Hugues de Chester.

Totalmente desconcertada com estes três fracassos simultâneos, a coligação pediu para negociar. Uma conferência é realizada em Gisors, onde Henri faz propostas bastante generosas aos seus filhos. A Ricardo, ele ofereceu deixar a custódia de quatro castelos e metade das receitas da Aquitânia; promessas semelhantes foram feitas a Henrique, o Jovem e Geoffrey, mas ele se recusou a ceder qualquer coisa em questões de jurisdição. Os três irmãos hesitam, mas Luís VII pede-lhes que recusem. A guerra, portanto, recomeça e os aliados rapidamente se arrependerão. Em Novembro, Henrique atacou em Touraine, tomou os castelos de La Haye, Preuilly, Champigny, capturou a sua mulher e prendeu-a em Chinon, como dissemos, depois tomou o castelo de Vendôme e devolveu-o ao conde que o possuía. expulso por seus filhos. Durante o inverno, uma tentativa de coligação contra S

Houve também combates na Inglaterra, onde Ricardo de Lucy defendeu brilhantemente os interesses do rei ao tomar Leicester e repelir os escoceses durante o verão de 1173. Em setembro, Roberto de Leicester desembarcou em Suffolk com uma tropa de flamengos e juntou forças com Hugues Bigod,

Machine Translated by Google

mas os dois rebeldes foram derrotados por Richard de Lucy nos pântanos de Fornham, perto de Bury St. Edmunds. Robert de Leicester foi levado, assim como sua esposa Pétronille, uma bela amazona que participou da batalha28. Hugues Bigod, conde de Norfolk, depõe as armas. No final de 1173, a vitória de Henrique II foi completa.

No entanto, os aliados insistem. Pouco depois da Páscoa de 1174, o rei da Escócia atacou os castelos de Wark e Carlisle. Nottingham é tomada por rebeldes ingleses. Mas Henrique II pode contar com um assistente eficaz: seu filho bastardo Geoffroy Plantagenêt, mais fiel ao pai do que seus meio-irmãos legítimos. Provavelmente nascido de um caso muito precoce de Henrique II com uma mulher desconhecida, este Geoffrey, futuro chanceler e arcebispo de York, espanca e faz prisioneiro um dos principais líderes rebeldes, Roger de Mowbray, tira os lugares de Axholme, de Malzeard, e bloqueia Topcliffe. No entanto, uma tropa de flamengos desembarcou em East Anglia em 15 de maio e juntou-se a Hugues Bigod na tomada de Norwich. Henrique II, que acabara de reforçar a defesa do Maine, Anjou e da Normandia, teve de atravessar novamente o Canal da Mancha para ajudar os seus apoiantes. Ele embarcou em Barfleur em 7 de julho e foi imediatamente para Canterbury, para o túmulo de Thomas Becket. O gesto é inesperado, mas muito inteligente e eficaz: ao ir rezar ao santo e arcebispo muito popular, impede-o de se juntar ao acampamento rebelde. Para isso não poupa meios: penitência junto ao túmulo do mártir, jejum, flagelação, vigília de oração. Segundo o cronista Jordan Fantosme, ele chegou a admitir sua culpa implorando ao santo: “São Tomé, guarda o meu reino! Diante de vocês eu me declaro culpado do ato pelo qual os outros são responsabilizados29.

— » Arrependimento sincero ou cálculo político e propaganda inteligente? Ainda assim, o resultado não demorou a chegar: em 17 de julho, um mensageiro trouxe ao rei a boa notícia: quatro dias antes, o rei da Escócia Guilherme, o Leão, havia sido espancado e feito prisioneiro em frente ao Castelo de Alnwick, em Northumberland. Thomas Becket, portanto, não guarda rancor deste rei que se declarou culpado!
Pelo menos essa é a interpretação da propaganda real. O rei marchou sobre Huntingdon, forçou os rebeldes a levantar o cerco, depois sobre Northampton, onde as submissões se multiplicaram. No dia 8 de agosto, um mês após a sua partida, regressou a Barfleur, precipitando-se em direção a Rouen, onde Luís VII e Filipe de Flandres haviam empreendido o cerco, aproveitando a sua ausência. Ele os derrota; o rei da França fugiu mais uma vez. Este demônio Plantagenêt parece decididamente invencível. No início de setembro de 1174, Luís VII pediu a paz. No dia 8, os dois reis concluíram uma trégua que durou até ao dia de São Miguel (dia 29). Porque antes de discutir as condições de uma paz geral, Henri

Machine Translated by Google

deve submeter um último adversário irredutível: seu filho Richard, que oferece resistência.

Ricardo resiste

O adolescente já demonstra uma determinação muito maior que a de seus irmãos, que se retiraram da luta apesar dos juramentos de não concluirem uma paz separada. A vontade de resistência de Richard foi reforçada quando sua mãe foi presa. Como duque da Aquitânia, cabe-lhe defender o ducado, e fá-lo com uma seriedade que lembra as qualidades do seu pai.

Foi em Poitou e Saintonge que continuou a luta, apoiado por uma parte da população mais por ódio ao pai do que por apego a um jovem duque ainda desconhecido, escreveu o monge editor dos Annales Angevines30. — Ele deve enfrentar a oposição de La Rochelle, cujos burgueses acreditam, não sem razão, que o seu interesse económico é a manutenção da unidade do império Plantageneta: sendo a Inglaterra o principal escoamento para as suas exportações de vinho e sal, é melhor para eles têm o mesmo soberano em Londres e em Poitiers. Inevitavelmente, como La Rochelle é a favor de Henrique II, Ricardo pode contar com o apoio de Saintes. A rivalidade entre as duas cidades é antiga e, até recentemente, em 1150, o bispo de Saintes recusou um pedido de La Rochelle para construir uma nova igreja paroquial. Foi necessário recorrer a Roma, que concedeu autorização. Orgulhosa das suas origens romanas, Saintes considera La Rochelle uma cidade de arrivistas, os novos ricos, que ameaçam a sua supremacia31.

Ricardo estabeleceu assim a sua sede em Saintes, transformando a catedral num arsenal, para grande escândalo do analista: “Os soldados de Ricardo, sem respeito por Deus e pelo seu santo templo, entraram com tochas e lanternas na igreja episcopal e, enchendo-a de armas e provisões, converteu-o num castelo fortificado32. — » Richard planeja um ataque contra La Rochelle, cujas fortificações já são formidáveis. O monge cronista Richard le Poitevin alertou o povo de Rochelle: eles deveriam ceder ao jovem duque, em vez de chamar em seu auxílio “o rei do norte”, o terrível Henrique: “Ai dos traidores que estão na Aquitânia! Pois o dia do castigo está próximo. La Rochelle teme este dia; duplica seus muros e seus fossos; está rodeado por todos os lados pelo mar, e o barulho desta grande obra vai além das montanhas. Fuja de Ricardo, duque da Aquitânia, você que mora nesta costa; porque ele derrubará os gloriosos, despedaçará os carros e os que neles andam; ele destruirá desde o maior

Machine Translated by Google

até ao mais pequeno, todos aqueles que lhe recusam a entrada em Saintonge.
Ai daqueles que vão até o Rei do Bons Ventos para pedir-lhe ajuda!
Ai de vocês, ricos de La Rochelle, que confiam nas suas riquezas! Chegará o dia em que não haverá escapatória para você, em que a fuga não o salvará; onde a sarça, em vez de ouro, mobiliará suas casas; onde a urtiga crescerá nas suas paredes33. »

Na verdade, Richard ainda é um pouco jovem para fingir que mantém o pai sob controle. Ele não é páreo para o "rei do Bons Ventos", que chega a Saintes como um tornado enquanto seu filho acredita que ele ainda está em Poitiers celebrando o Pentecostes: "O rei tendo chegado sob as muralhas de Saintes mais cedo do que os homens de Ricardo pensavam, reconheceu que as suas forças consistiam apenas nos três redutos que defendiam o local e começaram a reduzi-lo. Apoderou-se primeiro da antiga obra que defendia a entrada da cidade. Avançando imediatamente, ele também tomou o Capitólio, que era a fortaleza principal. Finalmente chegou à igreja episcopal, bem provida de homens e soldados. Ele empreendeu o cerco, não para estuprá-lo, para contaminá-lo, mas para purgá-lo de sua contaminação, arrancando-o de seus profanadores. Fez prisioneiros, tanto na igreja como nas duas torres, cerca de sessenta cavaleiros e quatrocentos arqueiros34. »

Richard só tem tempo para escapar com alguns companheiros e refugiar-se no Château de Taillebourg, com Geoffroy de Rancon. Henrique, que não trouxe máquinas de cerco, deixou para trás tenentes responsáveis por conter seu filho. Ele recompensou La Rochelle concedendo-lhe uma carta de comuna em 1175 e retornou ao norte. Ricardo, que perdeu a maior parte de suas tropas em Saintes, não é mais uma ameaça para seu pai. E ainda assim, com a inconsciência de um adolescente, ele persiste, enquanto todos os demais desistiram. Quando Henrique, depois de ter concluído uma trégua em 8 de setembro com seus outros filhos e Luís VII, voltou para combatê-lo, esquivou-se e recuou, recusando o confronto direto. Finalmente, ao tomar conhecimento da traição dos seus irmãos e do rei de França, chegou a atirar-se aos pés do pai no dia 22 de setembro, implorando-lhe perdão35. Ele entende.
Henri o pega no colo, beija-o e todos se reúnem em Montlouis, entre Tours e Amboise, para discutir os termos da paz.

O acordo de Montlouis ou clemência de Henrique (30 de setembro de 1174)

Chegamos a um acordo em 30 de setembro. Henrique II é o grande vencedor. De todos os seus oponentes, seus filhos e o rei da França sofreram

Machine Translated by Google

derrotas humilhantes, o conde de Boulogne foi morto, o rei da Escócia, o conde de Leicester, Ralph de Fougères, Hugo de Chester foram prisioneiros. Considerando a escala do seu triunfo, só podemos ficar surpresos com a clemência que demonstrou, especialmente para com os filhos. O mais velho, Henri, deve concordar em ceder ao seu irmão mais novo Jean alguns castelos e rendimentos retirados da sua parte na Inglaterra, Normandia e Anjou. Mas ele recebeu dois castelos na Normandia e 15.000 libras, moeda angevina, para despesas pessoais. Geoffroy está autorizado a arrecadar metade da renda de Brittany. Richard obtém duas residências, não fortificadas, e metade da renda do Poitou. Quanto ao mais novo, Jean, até então “Sem Terra”, e que não participou da revolta (tinha apenas oito anos), aproveitou a derrota dos irmãos e recebeu três castelos em Anjou, dois na Normandia, o castelo e o condado de Nottingham, na Inglaterra, bem como uma anuidade de 1.000 libras. Ambos os lados prometem não se vingar daqueles que seguiram o campo oposto. Os fios estão indo bem. Note-se, contudo, que Henrique II ainda não lhes cede qualquer poder real: dinheiro, mas nenhum meio de acção política. Devem também comprometer-se a não reivindicar nada além do que acabaram de receber e aprovar antecipadamente todas as doações que seu pai fará no futuro.

Com o rei de França, que apenas desempenhou o lamentável papel de blaster no caso, empurrando os outros à revolta e derrotado em cada batalha, o rei de Inglaterra contenta-se com um regresso ao status quo.quo ante bellum. Luís VII, era o mínimo que podia fazer, renunciou a qualquer aliança com os barões rebeldes. O Rei da Escócia não se sai tão bem. As condições para a sua libertação foram estabelecidas pelo Tratado de Falaise de dezembro de 1174, pelo qual ele se reconheceu como "o feudo do Lorde Rei Henrique contra todos os homens por suas terras na Escócia e em outros lugares"; ele deve passar por uma cerimônia de submissão em York e ceder cinco castelos na Escócia. Os condes de Chester e Leicester permaneceram presos até 1177, depois recuperaram os seus estados, exceto os castelos de Chester, Mountsorrel na Inglaterra, e Pacy na Normandia36. Não sabemos o destino de Ralph de Fougères, mas certamente ele também recuperará os seus domínios, o que lhe permitirá participar na próxima revolta. Uma ausência notável neste tratado de Montlouis: a de Eleanor, que não é mencionada em nenhum momento.

Vários cronistas acreditam que Henrique II foi generoso demais. Ralph de Diceto, reitor de Saint-Paul, tentou desculpá-lo explicando que acreditava estar fazendo a coisa certa para evitar a destruição e a desordem causadas pela guerra37. Para Gerald, o Galês, o rei “temia a arbitrariedade da guerra… e lamentou mais do que qualquer outro príncipe as mortes em batalha, lamentando-as com

Machine Translated by Google

uma dor maior do que o amor que ele tinha pelos vivos .”38 Na realidade, se ele faz tantas concessões, é porque a guerra prejudicou o bom funcionamento da sua administração, causou muitos danos e custou muito dinheiro. A economia foi gravemente perturbada, como evidenciado pelos ***Pipe Rolls*** ingleses: em vários condados, os inquilinos não conseguiram pagar rendas durante três anos "por causa da guerra do Conde Hugh", e os tecelões de Nottingham e Huntingdon não conseguiram pagar impostos39. A arrecadação de receitas das florestas reais foi desorganizada; a evasão fiscal explica as enormes multas impostas ao regresso da paz: 1.376 libras em Oxfordshire, mais de 2.000 em Hampshire40. A Normandia e o Poitou também sofreram muito.

A destruição dos castelos

Por trás de todas as medidas de clemência, porém, há um ponto sobre o qual Henrique II se mostra intratável e no qual devemos insistir porque realça uma característica essencial da organização política, social e militar da época: o rei ordena a destruição de todos os castelos dos senhores que participaram da revolta. Já reportámos em diversas ocasiões confiscos ou atribuições de castelos. Isto porque o castelo é muito mais que um edifício, é um símbolo de autoridade, a sede do poder, o centro de uma administração estatal, além de uma formidável fortaleza. Desde o início da era feudal, eram centenas e, na segunda metade do século XII , eram principalmente de dois tipos. A mais antiga, mais rudimentar e menos dispendiosa, consiste numa torre de madeira no topo de um monte artificial, o motte, rodeada por um fosso; em torno do motte, um pátio com edifícios anexos, protegidos por um recinto exterior, uma simples paliçada de madeira, ou por vezes uma parede mais elaborada: este é o tipo motte ***e bailey*** dos textos anglo-saxões. Mas durante um século, tanto no continente como na Inglaterra, os normandos empreenderam a construção de castelos de pedra cuja principal vantagem é o seu tamanho colossal. Da primeira geração datam construções como a Torre de Londres e o Castelo Falaise, no final do século XI . Na segunda metade do século XII multiplicaram-se. A planta é muito simples: uma grande torre quadrada ou retangular, reforçada com contrafortes, com paredes de três ou quatro metros de espessura na base, de 30 a 40 metros de altura, composta por quatro ou cinco níveis ligados por escadas. a parede; algumas vagas raras,

Machine Translated by Google

somente nos andares superiores; entrada pelo primeiro andar, cujo acesso é feito por uma ponte removível de madeira. Sobrevivem alguns exemplos, que nada mais são do que enormes conchas vazias, abertas para o céu, mas que ainda hoje inspiram um certo sentimento de medo, como em Rochester, Castle Hedingham, Castle Rising, Brough, Norham, Bamburgh, Dover. Na ausência de máquinas de guerra eficazes, estas fortalezas são quase inexpugnáveis por assalto: usar escadas a tal altura está fora de questão; os projéteis são impotentes contra tais paredes; a porta, no primeiro andar, abre-se para o espaço; o enfraquecimento é impossível quando a base é rochosa, o que acontece com mais frequência. A única solução é esperar. Você ainda precisa de tempo.

Tais construções custam somas consideráveis de dinheiro. A obra exige um arquitecto competente, o “engenheiro” (inginador), dezenas de trabalhadores nas pedreiras, cortadores de pedra, inúmeras carroças e equipas para transporte dos materiais. Assim, a enorme torre que Henrique II mandou construir entre 1172 e 1177 em Newcastle, e que hoje domina a estação ferroviária, custou-lhe cerca de 1.000 libras, e a de Dover, que Matthieu Paris chamou de “porta de entrada para Inglaterra”, mais de 4.000 libras. libras. O rei possui várias dezenas de castelos, cuja rede lhe permite controlar os seus imensos territórios. Ele lhes atribui suma importância, e com seu ***ingenador*** ou ***ingeniator*** Ailnoth, garante sua manutenção, e não hesita em inovar, como em Orford, em Suffolk, com seu plano poligonal que permite evitar pontos cegos, o principal desvantagem de torres quadradas ou retangulares. Orford, que ainda hoje domina a paisagem, também tem uma base alargada, sobre a qual podem saltar projéteis lançados do topo da torre.

A importância militar do castelo era capital nesta época. Está ali para impressionar, ao mesmo tempo refúgio, centro de comando, ponto de apoio e vigilância, base para lançamento de ataques ao entorno.
É por isso que um soberano tão cauteloso, meticuloso e autoritário como Henrique II insistiu em controlar todas as fortalezas dos seus Estados. Não só os seus, mas também os dos seus vassalos, garantindo que estejam em boas mãos. A guerra que acaba de terminar apenas confirmou a importância do seu papel. Daí esta decisão radical: destruição de todos os castelos rebeldes. Decisão cuja aplicação o rei garantiu: em 1176 enviou juízes itinerantes com as seguintes instruções: “Garantir que os castelos destruídos sejam completamente demolidos, e que os que estão condenados à destruição sejam arrasados até ao nível do solo41 .

— » Relatórios oficiais comprovam que as ordens de

Machine Translated by Google

a destruição foi efectivamente levada a cabo42 e uma geração mais tarde o autor da biografia de Guilherme o Marechal observa que os castelos em ruínas, em Inglaterra, na Normandia, em Anjou, ainda são testemunhas da guerra de 1173-1174 e um aviso para aqueles que ser tentado a revoltar-se43. As exceções são raras, como o Castelo de Durham, na fronteira com a Escócia. Acabava de ser construído pelo Bispo Hugues du Puiset. Tendo este último tido uma atitude suspeita durante a guerra, o seu castelo foi confiscado, mas, considerado demasiado importante, não foi destruído. O rei preferiu guardá-lo para si, e devolveu-o alguns anos depois, antes de confiscá-lo novamente em 1185. Confiscar os castelos poderia parecer mais lucrativo, mas era então necessário manter ali uma guarnição; é por isso que muitas vezes é mais vantajoso demolir a construção. Segundo Roger de Howden, Henrique II não se contentou em destruir ou confiscar os castelos dos seus adversários: ele “assumiu o comando de todos os castelos da Inglaterra e, trocando os castelões, os condes e os barões, substituiu-os pelos seus próprios guardas”. ; ele nem mesmo poupou seu conselheiro próximo, Richard de Lucy, o grande juiz da Inglaterra, e tomou dele o Castelo de Ongar.

Na Aquitânia, onde os rebeldes eram particularmente numerosos e onde os senhores eram particularmente turbulentos e independentes, a tarefa também parecia particularmente difícil. Os barões locais não estão dispostos a alinhar-se e permitir que as suas fortalezas sejam destruídas. Surpreendentemente, o rei confia a obra ao seu filho Ricardo: por ser duque da Aquitânia, cabe-lhe a ele manter a ordem no seu ducado. Henri percebeu que, apesar da pouca idade, Richard é o mais capaz de seus filhos. A decisão é inteligente: certamente, Richard odeia o pai, mas ao acusá-lo de destruir os castelos dos seus próprios apoiantes coloca-o numa posição delicada, que o isola e o coloca na obrigação de recorrer à solidariedade familiar, porque é difícil imaginar que ele pudesse enfrentar sozinho a magnitude da tarefa. Assim, em 1175, Ricardo, aos dezoito anos, foi confrontado com o primeiro grande desafio da sua vida, e iniciou uma nova fase na sua carreira principesca.

Surgimento de Ricardo nas crônicas: fontes abundantes e variadas

As fontes testemunham isso. Muito discretos até agora sobre isso, agora lhe dão um lugar importante. Ricardo Coração de Leão surge em crônicas e documentos oficiais. Ele rapidamente se tornará um dos

Machine Translated by Google

personagens medievais sobre os quais estamos mais bem documentados.
Ao contrário de muitos outros, cuja biografia se baseia num testemunho único, a obra de um biógrafo panegirista, como Carlos Magno com Eginhard, Luís VI com Suger, Filipe Augusto com Rigord e seu sucessor Guilherme o Bretão, São Luís com Joinville, Luís XI com Commynes, Ricardo Coração de Leão é o herói de várias crônicas, nem todas favoráveis a ele. É uma figura controversa, elogiada por uns, difamada por outros. Os depoimentos são tendenciosos e contraditórios, o que torna o trabalho do historiador mais complexo e mais interessante. Fontes partidárias fazem dele um anjo ou um demônio, e há razões para justificar ambas as versões.

Os mais imparciais são talvez os cronistas estranhos à sua cultura, os muçulmanos, que, é verdade, convivem com ele em circunstâncias excepcionais. Nenhum desses colunistas é um escritor talentoso; o seu testemunho é cru, por vezes grosseiro, mas quase sempre bem informado. Quase todos são monges ou clérigos seculares, mas a sua história dificilmente está repleta de preconceitos religiosos. Eles expressam principalmente pontos de vista políticos. Antes de continuar com a biografia de Ricardo, é importante saber em que fontes ela se baseia e conhecer os cronistas que foram seus autores, pois isso pode ajudar a compreender certas lacunas ou particularidades da história.

Já conhecemos vários deles. Um dos que mais aparece e cujo testemunho é mais útil é Roger de Howden, ou Hoveden (Rogerus de Houedene), um clérigo nascido em Yorkshire, que morreu em 1201, dois anos depois de Ricardo Coração de Leão. Ele passou muito tempo na corte de Henrique II e Ricardo e conheceu pessoalmente os protagonistas.
Autor de duas crónicas, a Gesta Henrici II e Ricardi I e a Chronica, o seu testemunho é particularmente precioso. Em primeiro lugar porque é uma testemunha directa, depois porque inclui no seu relato transcrições de documentos oficiais agora desaparecidos e, finalmente, porque demonstra relativa neutralidade nos seus julgamentos. Assim, quando relata os acontecimentos de 1189, ou seja, a ascensão de Ricardo, não hesita em mudar de ideias ao longo do caminho: inicialmente elogia o rei pela generosidade que demonstra para com os servos do seu pai, depois, percebendo que se trata provavelmente de uma manobra política e que a sua posição pessoal pode até ficar comprometida, ele torna-se muito mais crítico. No geral, ele é um admirador do rei Ricardo, mas também vê os lados sombrios de seu personagem45.

—

Um contemporâneo exato de Howden, o cônego do priorado agostiniano de Newburgh, Yorkshire, Guilherme de Newburgh (1136-1198), é

Machine Translated by Google

igualmente notável. Na sua Historia Rerum Anglicarum, escrita entre 1196 e 1198, ele não apenas fornece um relato bem documentado dos acontecimentos, mas também se eleva ao nível do que quase poderia ser chamado de filosofia da história. Ele observa como o julgamento dos reis pelos homens evolui ao longo do tempo. Assim, sobre Henrique II ele escreve: “A experiência dos males presentes trouxe à mente suas boas ações, e o homem que durante sua vida foi odiado por quase todos é agora considerado um príncipe excelente e benéfico46.

» Da mesma forma, ele coloca em perspectiva as grandes ações de Ricardo, mostrando como ele se afasta do modelo do rei ideal47.

Com Gerald, o Galês (1146-1223), também temos um ponto de vista crítico e mutável. Este personagem, cujo nome francês optamos por usar, mas que aparece segundo as obras como Gerald de Gales, Giraldus Cambrensis, Gerald de Barri, Gérald Barry, Giraud de Barri, Giraud le Cambrien, nasceu no castelo de Manorbier, em Gales do Sul. Sobrinho do Bispo de Saint-David, estudou primeiro em Gloucester, depois em Paris de 1165 a 1174. Em 1184, tornou-se capelão de Henrique II. Arquidiácono de Brecon, acompanhou o Arcebispo de Canterbury Baldwin em sua viagem de 1188 para recrutar cruzados, e registra essa viagem no Itinerarium Cambriae (1191), que é uma mina de informações etnológicas sobre os galeses. Contemporâneo do reinado de Ricardo e conhecido dos grandes, é um autor prolixo, cujas obras ocupam nada menos que oito volumes48. Expressando o ponto de vista do clero, ele é duro com Henrique II, cujo reinado descreve sobre o tema da roda da fortuna. A princípio favorável a Ricardo, na sua Expugnatio Hibernica, torna-se depois hostil a ele e vê nele essencialmente um guerreiro sem paralelo, contra o qual nenhum castelo resiste, mas que só procura a glória através da violência: "Ele desprezava o sucesso se não fosse obtido pela espada e manchado com o sangue de seus adversários49.

» Visão crítica também, mas de forma mais discreta, do que a de Gervais de Canterbury, monge da Catedral de Canterbury, falecido em 1210.
Modesto, ele considera sua coluna uma simples compilação de fatos brutos e pede desculpas por não ter subido ao nível do julgamento e da teoria.
Na verdade, seu trabalho é precioso. Através dos peregrinos que passam por Cantuária, ele tem conhecimento de uma infinidade de fatos relativos a toda a cristandade, e se alguém o sente hostil aos Plantagenetas, e a Ricardo em particular, ele não o diz abertamente50.

O cônego da Catedral de São Paulo em Londres, Ralph (ou Raoul) de Diceto, um homem culto, que estudou em Paris antes de se tornar

Machine Translated by Google

o arquidiácono, e que frequenta pessoas importantes do reino, também está muito bem informado sobre o reinado do seu contemporâneo rei Ricardo, de quem pouco gosta51. Não mais do que o cisterciense Ralph de Coggeshall, abade do mosteiro de mesmo nome em Essex. A sua Chronicon Anglicanum está, é verdade, mais interessada nos acontecimentos meteorológicos, no nível das colheitas, nas notícias da região e nos assuntos da ordem cisterciense, mas contém, no entanto, informações que não encontramos em nenhum outro lugar, recolhidas de visitantes do Mosteiro. Ralph de Coggeshall, que depositou grandes esperanças no rei Ricardo, que poderia ter-se tornado o "espelho" do rei modelo, disse posteriormente estar muito decepcionado, especialmente por causa da pressão fiscal exercida no final do reinado52.

O ponto de vista de Richard de Devizes, um monge beneditino da Abadia de Saint-Swithun em Winchester, que escreveu entre 1192 e 1198 o Cronicon de tempore regis Ricardi primi, é bem diferente. Sua bem informada coluna é bastante confusa, pois parece escrita em tom de brincadeira, o que é completamente incomum nesse tipo de exercício. Então, o que devemos fazer com esta observação sobre as exigências fiscais de Richard: ele "teve a boa vontade de aliviar do seu fardo todos os que estavam sobrecarregados com o seu dinheiro"? Primeiro sinal de humor britânico? E este, a propósito da saída do rei para a cruzada, mal tendo ascendido ao trono: Ricardo "era verdadeiramente digno do nome de rei, porque no primeiro ano do seu reinado deixou o reino de Inglaterra e partiu como se fosse nunca mais vou voltar"? A intenção irônica parece óbvia, mas Ricardo de Devizes faz um relato muito favorável do reinado.

Nenhuma ambiguidade, por outro lado, no Estoire da guerra santa do poeta, malabarista e cronista anglo-normando da região de Évreux, Ambroise, falecido em 1207. Contemporâneo de Ricardo, acompanhou-o à Terceira Cruzada, onde participou das batalhas: "Nós, que estávamos lá, que vimos e conhecemos em primeira mão, que sofremos nela, não ousávamos mentir sobre aqueles que, como vimos com nossos próprios olhos, sofreram por amor de Deus53. — »Ambroise é de fato uma fonte insubstituível para a história de Ricardo durante a Terceira Cruzada. Entusiasmado com suas façanhas, foi ele quem lhe deu o apelido de Coração de Leão, que ficou com ele. Para ele, a cruzada foi um sucesso: certamente, disse ele, "muitas pessoas ignorantes e tolas dizem que eles [os cruzados] não conseguiram nada na Síria porque Jerusalém não foi reconquistada. Mas eles não olharam direito. Criticam o que não conhecem e falam de lugares onde não pisaram… [Aqueles

Machine Translated by Google

que morreu aqui] estará à direita de Deus na cidade celestial de Jerusalém, pois homens como eles conquistaram esta outra Jerusalém. O Estoire, traduzido para o latim, então desenvolvido por Ricardo, Prior da Trindade de Londres entre 1216 e 1222, seria a base de outra importante fonte para a história de Ricardo, o Itinerarium peregrinorum et gesta regis Ricardi55 enquanto que, o Cisterciense Aubri de Trois-Fontaines, embora mais reservado quanto ao reinado de Ricardo, não pode deixar de admirar e descrever as façanhas deste último, “as grandes ações memoráveis em louvor de Ricardo56”.

Outros elementos biográficos relativos a Ricardo Coração de Leão também aparecem na Crônica do bibliotecário de Saint Martial de Limoges, Bernard Itier, na de seu colega e colega Limougeaud Geoffroy de Vigeois, na de Benoît de Sainte-Maure, na do abade do Mont-Saint-Michel Robert de Torigny, do arquidiácono de Oxford Gautier (Walter) Map, no grande poema da História de Guilherme o Marechal, baseado nas memórias do escudeiro Jean d'Early, e também nos poemas de Bertran de Born. Este último, embora seja inimigo do duque da Aquitânia, que luta contra os senhores de Limousin, e a quem acusa de “roubar os castelos, destruir e queimar por todo o lado”, não pode deixar de admirar as suas qualidades de “bom guerreiro”, “ mais feroz que um javali ferido”, o que para ele é um grande elogio57.

O testemunho dos adversários

Elementos biográficos também são fornecidos pelos cronistas dos adversários de Ricardo, como o flamengo Gilberto (Gislebert) de Mons, chanceler do conde Balduíno VIII de Flandres. No seu Chronicon Hanoniense, composto em 1195-1196, ele chama Richard Miles de atrocissimus, e acusa este terrível cavaleiro de trair a sua palavra e de ter tentado envenenar Filipe Augusto58. Como era de se esperar, os dois principais cronistas deste último tentam manchar a reputação de Ricardo para aumentar o mérito de seu herói. Suas histórias, desde que utilizadas com discernimento, contêm, no entanto, fatos úteis para o conhecimento de Plantageneta. Pierre Rigord (por volta de 1145-1150 – por volta de 1205-1207), monge de Saint-Denis, escreveu sua Gesta Philippi Augusti entre aproximadamente 1190 e 1200, ou seja, exatamente durante o reinado de Ricardo. A sua crónica, para glória do Rei de França, compromete-se sistematicamente a denegrir as acções do Rei de Ing

Machine Translated by Google

relata os mais pequenos factos que podem servir para desacreditar este último, factos que por vezes é o único a mencionar, e é isso que o torna útil.
Assim, ele nos conta que o reinado de Ricardo como duque da Normandia começou mal: ao cruzar a ponte de madeira do Castelo de Gisors, ela desabou e o duque se viu debatendo-se com seu cavalo na lama do fosso; é humilhante e, acima de tudo, um mau presságio59. O incidente não é de capital importância, mas assim relatado é revelador de um determinado contexto, e os cronistas favoráveis a Ricardo têm tanto a servir em detrimento de Philippe Auguste, que viverá a mesma desventura alguns anos depois. .

Rigord não deixa de relatar todos os boatos e as acusações mais maliciosas contra Ricardo: repudiou sua noiva Alice, irmã de Philippe, depois de ela ter sofrido todos os insultos possíveis, inclusive estupro pelo pai de Ricardo, nesta família de degenerados que são os Plantagenetas. ; Richard subornou assassinos para se livrar de Philippe; durante a cruzada, recusou-se a apoiar o rei da França no cerco do Acre; ele chegou a um entendimento com Saladino; ele insultou o duque da Áustria; ele se permitiu ser subornado para destruir as muralhas de Ascalon e assim por diante.

Como demonstrou o notável trabalho de Ulrike Kessler, estas calúnias foram desenvolvidas em Paris por uma espécie de comité de propaganda com o objectivo de justificar o ataque de Filipe Augusto contra os territórios de Ricardo60. Rigord explica a vitória deste último sobre o rei da França pelo uso de meios injustos.

Seu sucessor, Guillaume le Breton (1165-1226), clérigo que entrou ao serviço de Philippe Auguste no final da década de 1190, retoma as mesmas acusações, mas as atenua um pouco, porque na época em que compôs seu grande poema , Em Philippidos, Richard está morto, e seu sucessor, John, está ainda pior. Isto não o impede de apresentar Ricardo como um homem que não respeita a sua palavra nem os tratados, brutal, arrogante, que não agradece a Deus pelas suas vitórias, que não dá ouvidos aos bons conselhos, que tratou com Saladino, que morreu na devassidão, mas um bom falador, que suportou o cativeiro com dignidade.

Quanto aos cronistas alemães, Ricardo também aparece, em diversas obras, sob uma luz desfavorável, o que é facilmente explicado pelo contexto: para justificar o facto de o duque da Áustria ter feito Ricardo prisioneiro no seu regresso da cruzada e de o imperador o ter detido prisioneiro durante mais de um ano antes de lhe extorquir um enorme resgate, devemos atribuir-lhe crimes abomináveis. Os colunistas irão, portanto, recolher os piores rumores e expô-los como factos comprovados. Para os Anais de Marbach, a fonte mais próxima da corte do Imperador Henrique VI, Ricardo

Machine Translated by Google

comportou-se como um inimigo do Império, ao insultar o duque da Áustria, ao apoiar Tancredo como rei de Jerusalém e ao deixar-se corromper por Saladino61. O clérigo austríaco Ansbert, que escreveu uma crônica da cruzada entre 1190 e 1197, foi além: Ricardo mandou assassinar o rei de Jerusalém, Conrado de Montferrat, comportou-se de maneira odiosa com os demais líderes da cruzada, capturando para si a glória da captura do Acre62. Para o cronista Otto de Saint-Blasien, escrevendo por volta de 1210, Ricardo, arrogante, recusando-se a partilhar os despojos, insultando o Duque da Áustria, merecia ser feito prisioneiro63, e estas crónicas não mencionam que o Duque da Áustria foi excomungado por apreender um cruzado.
Para o cronista de Colônia, Ricardo “sempre desconfiou da coragem alemã64”. Detalhe revelador: nenhum destes cronistas pensa em censurar Ricardo por ter mandado cortar a cabeça de 3.000 prisioneiros muçulmanos, fato perfeitamente comprovado. O que Ansbert o repreende nesta ocasião é o seu mau caráter: “Richard, zangado – porque muitas vezes ficava furioso, ordenava o massacre. » Quanto a Guilherme, o Bretão, ele aprecia bastante o gesto, que coloca nas ações louváveis de Ricardo. Afinal, foi isso que São Bernardo recomendou.

Curiosamente, os cronistas muçulmanos são mais tolerantes, e também há muito a ganhar com eles para o conhecimento de Ricardo Coração de Leão. Certamente o encontraram em circunstâncias muito específicas, quer em combate, onde puderam apreciar o seu valor, quer durante longas negociações, durante as quais descobriram nele outras qualidades.
Ricardo aparece inúmeras vezes nos relatos de três cronistas: Imad al-Din, Bahir al-Din e Ibn al-Athir65. Os dois primeiros faziam parte do estado-maior de Saladino e participaram com ele nas operações contra a Terceira Cruzada. Imad al-Din é até chanceler.
Estão, portanto, particularmente bem informados, o que não significa que sejam desprovidos de preconceitos: têm interesse em apresentar Ricardo tanto como um lutador formidável, o que realça o mérito de Saladino, como como um homem pérfido, que não respeita a sua palavra, que desculpa as derrotas de seu mestre: “Cada vez que ele fazia um pacto, ele o violava e o quebrava; cada vez que ele dizia uma palavra, ele se libertava dela; cada vez que dissemos: “Ele será fiel”, ele nos trai66”, escreve Imad al-Din.
O terceiro cronista, Ibn al-Athir, de Mosul, não é um participante direto na guerra, mas está muito bem informado e o seu julgamento é mais imparcial67.

Machine Translated by Google

Através de vários episódios da cruzada, que oportunamente examinaremos, estes três cronistas apresentam-nos um Ricardo Coração de Leão menos conhecido e mais complexo do que o tradicional ícone forjado pela historiografia europeia. Um guerreiro notável, claro, mas que carrega em excesso o desejo de glória, o que o leva a ações perigosas que colocam em perigo a si mesmo e aos que o rodeiam. Mais inesperado, um líder ávido por negociações, que multiplica os pedidos de encontros com Saladino e seus familiares, a ponto de gerar suspeitas entre estes últimos, desacostumados com essas palavrões: desconfiamos da habilidade oratória deste falador manso, que é suspeito de vir espionar o acampamento de seus adversários.
Um homem também que lida com as piadas de maneira desconcertante, propondo sem rir dar sua irmã Jeanne em casamento a Saladino ou a seu irmão, e que, diante da recusa de Jeanne, simplesmente sugere ao irmão de Saladino que se converta ao cristianismo: Richard tem uma senso de humor? No campo muçulmano pensamos que se trata simplesmente de uma manobra para prolongar as negociações, para ganhar tempo, sem qualquer vontade de sucesso, "acreditando que o Rei de Inglaterra não era sincero, que queria zombar e enganar, e com isso significa deixar aberta a porta às negociações68", escreve Baha al-Din. Os cronistas muçulmanos, portanto, fornecem acréscimos importantes sobre a personalidade de Ricardo.

Apesar da abundância e riqueza destas fontes, esta personalidade continua difícil de definir. Este rei, embora seja um dos mais “conhecidos” da Idade Média, permanece em grande parte desconhecido. Preso em uma lenda heróica construída em torno de seu estrondoso apelido, Ricardo I é muitas vezes reduzido ao “Coração de Leão”. Para os ingleses, o seu reinado parece resumir-se numa ausência interminável; “Sua vida foi um desfile magnífico que, no final, deixou apenas uma planície vazia”, disse Winston Churchill. Porém, com a ajuda de todas as crônicas que acabamos de mencionar, basta reconstituir uma biografia documentada. Mas notaremos que praticamente nenhuma dessas crônicas está centrada em sua pessoa. Em cada um deles ele aparece como um ator entre outros em conflitos cujos riscos vão além do seu destino pessoal: a cruzada, o grande confronto entre o Cristianismo e o Islã, as divisões da família Plantagenêt, a luta secular entre os feudais franceses e ingleses monarquias. Ele está sempre na encruzilhada desses episódios, nunca no centro, "o mais famoso como herói lendário, e o menos estudado, porque sua carreira está presa entre as cadeiras de todas as histórias acadêmicas tradicionais, da Inglaterra, da França , as Cruzadas, e nunca atraiu o interesse de historiadores da sociedade e do governo, para cujo desenvolvimento se sentia que ele não tinha de forma alguma contribuído69”, escreve

Machine Translated by Google

o seu último grande biógrafo, que recorda que existem nos arquivos mais de mil cartas datadas do seu reinado, e ainda muito pouco exploradas. Quanto às crônicas, são, como acabamos de ver, muito partidárias, o que não facilita o trabalho do historiador que gostaria de ser imparcial, se é que este termo pode ter algum significado na história. Mas isso é outra história.

O certo é que a partir de 1175, graças a estas crónicas, podemos concentrar-nos na personagem de Ricardo e na sua biografia. Até então, ele era apenas um peão passivo no jogo do pai. Ele agora se torna um jogador importante no tabuleiro de xadrez, ainda não o rei, mas pelo menos um cavaleiro formidável.

Machine Translated by Google

4

O mestre da Aquitânia

(1175-1183)

Após o fracasso humilhante da revolta de 1173-1174, Ricardo viu-se confrontado com as suas responsabilidades. Depois de ter semeado a desordem e a revolta na Aquitânia, ele deve agora restaurar a ordem ali e punir ele próprio os homens que empurrou para a rebelião e que o apoiaram. Esta é a tarefa que o seu pai lhe confiou e que cumprirá sem escrúpulos. As ordens de Henrique II são claras. Chegaram em janeiro de 1175: a maior parte dos castelos teve de ser reduzida ao estado em que se encontravam quinze dias antes do início da guerra, e um certo número teve de ser arrasado1. Para isso, Richard pode utilizar todas as forças militares da Aquitânia, e os oficiais locais devem colocar-se à sua disposição.

Tal pai, tal filho: a blitzkrieg na Aquitânia (1175-1177)

A tarefa não é fácil e Richard deve relatar o progresso alcançado. Os relatórios que enviou ao seu pai, e que Roger de Howden incluiu na sua crónica, relatam laboriosos sucessos, como a capitulação de Arnold de Boville, com trinta cavaleiros, no seu castelo de Castillon-sur-Agen, após dois meses de cerco , em agosto de 1175. É feita alusão ao uso de máquinas de cerco. Enquanto Ricardo estava ocupado reconquistando seu próprio ducado, seu irmão Geoffrey foi encarregado da mesma missão na Bretanha, e o próprio Henrique II fez o trabalho em Anjou. É neste

Machine Translated by Google

momento o soberano mais poderoso da Europa, “o maior dos ilustres líderes do mundo2”, diz mesmo Richard Fitz Nigel, enquanto Luís VII acaba de ser humilhado, e Barbarossa é controlada pela Liga Lombarda. Os reis de Castela e Aragão procuraram a sua arbitragem. Em 1176, recebeu enviados do Conde de Flandres, do Duque de Sabóia, do Arcebispo de Reims e do Imperador Bizantino Manuel Comnenus, que lhe deu “o meu querido amigo”! O rei da Sicília pede-lhe a mão da sua filha Joana, que ele concede de bom grado, o que lhe permite estender ainda mais a sua tela até ao Mediterrâneo. Richard também acompanhará sua irmã a Saint-Gilles.

Mas, paradoxalmente, este poderoso rei está ocupado subjugando os seus próprios súbditos, conquistando castelo após castelo na zona rural de Angevin. E na primavera de 1176, enquanto a alinhamento da Aquitânia ainda não estava completa, ocorreu uma nova revolta, pela qual Henrique II assumiu total responsabilidade. Pouco depois do Natal de 1175, o conde da Cornualha, Reginald, morreu. Este filho ilegítimo de Henrique I foi um dos barões mais poderosos da Inglaterra, governando a Cornualha de forma quase independente e também possuindo vários outros senhorios na Inglaterra, País de Gales e Normandia. Ele tinha três filhas, que deveriam ter partilhado a herança. Em vez disso, Henrique II aproveitou a oportunidade para confiscar tudo e entregá-lo ao seu quarto filho, João, que, demasiado jovem para ter participado na revolta de 1173-1174, tornou-se o favorito do seu pai. Ele estava noivo, como vimos, de Alice de Maurienne. Tendo este último morrido prematuramente, Henrique II encontrou em 1176 uma nova noiva para seu filho, sua prima Isabel, filha do conde de Gloucester, de quem foi designado herdeiro. Assim, Jean, que cada vez menos merece o apelido de “Sem Terra”, está em processo de construção de um patrimônio significativo.

No entanto, a expropriação das três filhas do Conde da Cornualha teve repercussões na Aquitânia. O mais velho, de facto, tinha sido prometido em casamento ao visconde Aimar de Limoges, que ficou assim privado de uma magnífica herança. A Cornualha, com suas ricas minas de estanho, proporcionou ao conde uma grande renda. A injustiça é ainda mais lamentável porque Aimar tinha até então sido um apoiante leal de Henrique II, recusando-se a participar na revolta de 1173-1174. Imediatamente, levantou-se contra Plantagenêt e trouxe consigo uma coorte de barões do Sudoeste: os filhos do conde de Angoulême, que eram seus meio-irmãos, o visconde Raimundo II de Turenne, os senhores de Chabanais e de Mastac, e outros.

Como resultado, é Richard quem se vê confrontado com esta coligação e os meios à sua disposição são insuficientes. O jovem mostra imediatamente

Machine Translated by Google

que ele sabia como se beneficiar do exemplo de seu pai. Sem hesitar, ele cruzou o Canal da Mancha em abril de 1176 para pedir ajuda a Henrique II; com o dinheiro obtido, regressou poucos dias depois, recrutou mercenários, com os quais derrotou Vulgrin Taillefer, filho do conde de Angoulême, entre Bouteville e Saint Maigrin, a sudoeste de Angoulême, no final de maio. Depois dirigiu-se a Limoges, tomou no caminho o castelo de Aixe e sitiou a cidadela da cidade. Limoges é então dividida em duas partes distintas, cada uma com a sua muralha: a cidade, com a catedral de Saint-Étienne e o palácio episcopal, e a cidadela, o castrum, com a abadia de Saint-Martial e a residência do visconde3. Após um cerco de alguns dias, em junho, o castrum capitulou. Richard então retorna a Poitiers, onde encontra seu irmão Henri, a quem seu pai ordenou que viesse ajudá-lo. Henrique, o Jovem, que prefere os torneios à guerra real, e as diversões à vida no campo, não tem vontade de ajudar o irmão, e na primeira oportunidade, levando Guilherme, o Marechal, parte em peregrinação a Compostela, simples pretexto para escapar.

Ricardo, pelo contrário, continuou metodicamente o trabalho de "pacificação", atacando os castelos Taillefer. Em duas semanas, tomou a de Châteauneuf, posição estratégica perto de uma ponte sobre o Charente, depois a de Moulineuf, em dez dias. Finalmente, chega à frente de Angoulême, onde estão reunidos todos os líderes da rebelião: o conde de Angoulême Guillaume, seu filho Vulgrin, Aimar de Limoges, o visconde de Ventadour, o senhor de Chabanais. A cidade não dura mais que uma semana. Todos os líderes, prisioneiros, foram enviados por Ricardo para a Inglaterra, onde Henrique II os recebeu em Winchester no dia 21 de setembro e depois os enviou de volta ao filho. O conde de Angoulême deve abandonar os seus castelos de Montignac, Archiac, Bouteville, Lachaise, Merpins.

Para Richard, o trabalho não acabou. Com terrível eficiência, apoderou-se sistematicamente dos castelos dos ex-rebeldes, desmantelou, arrasou, subjugou, à frente dos seus formidáveis mercenários de Brabante, depois desceu em direção ao Sul, onde os barões, aproveitando a distância do centro do poder , acreditavam que poderiam escapar do domínio de Plantageneta e mantinham um clima de insegurança nas estradas que levavam aos Pirenéus e a Saint Jacques. No Natal, Richard está em Bordeaux. Em 9 de janeiro de 1177, tomou Dax, sede da resistência do Conde de Bigorre e do Visconde de Dax, depois Bayonne, à qual o Visconde se submeteu, depois o Castelo de Saint-Pierre em Cize, "porta de Espanha" , que ele faz a barba. Em 2 de fevereiro retornou a Poitiers e enviou boletins de vitória ao pai. Um sucesso notável em todos os sentidos para um jovem que ainda não completou vinte anos e que acaba de revelar talentos militares surpreendentes durante uma campanha blitz

Machine Translated by Google

até o auge do inverno. A sua capacidade de detectar os pontos fracos dos castelos já lhe permitiu adquirir a reputação de tomador de fortalezas.

No entanto, ele é menos hábil em administrar a paz do que a guerra. A partir de fevereiro de 1177, Limousin foi confrontado com esta praga recorrente na Idade Média: mercenários desempregados. Demitidos no final da campanha, estes soldados não remunerados, de todas as origens geográficas e sociais, com uma maioria desclassificados, marginalizados, andarilhos, cadetes da nobreza, clérigos em privação de direitos, vivem no país, que colocaram em secção governada, roubar, estuprar, maltratar, destruir, atear fogo. Mercenários desempregados tornam-se bandidos porque não sabem fazer outra coisa senão a guerra. Liderados por um padre destituído, Guilherme, o Clérigo, os ex-mercenários de Ricardo devastam a região, e a Plantageneta deixa os habitantes para lidar com este flagelo. Sob a direção do abade de São Marcial de Limoges, Isambert, foi organizada uma milícia, o “exército da paz”, que massacrou os mercenários em Malemort, perto de Br

Henrique II tem problemas maiores para resolver. A sua atenção está agora centrada nestas regiões orientais da Aquitânia, Auvergne e Berry, cujo estatuto incerto era específico de todas as manobras e de todos os golpes de estado. Consciente do medo inspirado pelos seus sucessos recentes, o Rei de Inglaterra procura aproveitar as mais pequenas circunstâncias para fazer valer direitos, reais ou imaginários, sobre estas regiões. No final de 1176, o senhor de Châteauroux, senhor de vastos domínios em Berry, morreu, deixando apenas uma filha de três anos, Denise. Henrique II reivindica a custódia, o que a família do falecido recusa. O rei, então na Inglaterra, ordenou que seu filho mais velho, Henrique, o Jovem, ocupasse as terras em questão com algumas tropas. Ainda incapaz, Henrique, o Jovem, arrasta os pés e seu pai tem que vir fazer o trabalho sozinho. Em junho de 1177, Henrique II, para resolver definitivamente o problema de Berry, enviou representantes a Paris carregando suas exigências: convocou Luís VII para cumprir as promessas feitas a respeito do duplo casamento de suas filhas: dar um dote a Marguerite, esposa de 'Henri o Jovem, todos os Vexin, franceses e normandos, e a Alice, prometidos a Ricardo, Bourges e suas dependên

reuniu seus barões na Inglaterra como se pretendesse intervir militarmente.

Pura tentativa de intimidação, porque suas duas reivindicações não têm fundamento. Foi exatamente isso que respondeu Luís VII, que aproveitou a oportunidade para envolver um legado papal sobre o destino de Alice. Na verdade, ela está noiva de Richard há quase dez anos; a jovem tem agora cerca de dezoito anos e ainda está sob os cuidados de Henri, que não

Machine Translated by Google

parece não ter pressa em se casar com ela, a ponto de começarem a circular rumores sobre a natureza de seu relacionamento com sua futura nora. Já há algum tempo, o papa pedia ao rei, sob ameaça de interdito, que pusesse fim ao escândalo, seja mandando Alice de volta para o pai, seja casando-a com Ricardo6. O caso voltou-se, portanto, contra Henrique II, que, prudentemente, preferiu recorrer à negociação. Após uma reunião familiar na Normandia e uma reunião em agosto com o legado e Luís VII, um acordo foi alcançado em Nonencourt (alguns textos dizem Ivry), na fronteira da Normandia, em setembro. Henry promete que Alice logo se casará com Richard; a questão de Berry e Auvergne será submetida a árbitros; os dois reis prometem ir juntos à cruzada e jurar amizade: “Queremos que todos saibam que somos agora e doravante amigos, e que cada um de nós fará todo o possível para defender o corpo e a honra do 'outro contra qualquer um'. ... E para eliminar doravante entre nós qualquer ocasião de discórdia, concordamos que doravante nenhum de nós reivindicará terras, posses e direitos do outro tal como existem hoje7.

_ »

Sabemos quanto valem esses compromissos. De qualquer forma, isso permitiu que Henrique II retornasse a Limousin para terminar de punir os rebeldes de lá. Pai e filho usam os mesmos métodos expeditos, confiscando e destruindo, ao mesmo tempo que declaram, segundo Gautier Map: “Isto não é roubo nem violência; trazemos paz e obediência8.» Concluída a obra, Henrique II regressou a Berry, onde voltou a reencontrar Luís VII, em Graçay. Lá, os árbitros agendados para a conferência de Nonencourt deram seu veredicto, inteiramente favorável a Henrique II: Auvergne, disseram eles, ficou sob o Ducado da Aquitânia, portanto sob Ricardo, exceto para o bispado de Clermont. O Plantageneta aproveitou imediatamente a situação: tomou sob seus cuidados Denise de Déols, outra herdeira, que enviou para Chinon, e foi para Limousin, onde conheceu, no mosteiro de Grandmont, o conde Audebert do Walk. Este último, levado ao desespero pelos infortúnios domésticos, decidiu vender o seu enorme feudo de Marche, que está sob o domínio do duque da Aquitânia, e partir para a Terra Santa. Em dezembro, Henrique II adquiriu La Marche por 15.000 libras angevinas, o que foi um muito bom negócio para ele, porque o condado, que controlava as estradas ao norte de Limoges em direção a Poitou e Berry, era de grande importância estratégica, e completa o controle sobre. o senhorio de Châteauroux, para grande ira dos Lusignanos e dos Taillefers. Depois de receber homenagens dos vassalos do condado de La Marche, o rei celebrou o Natal de 1177 em Angers com os seus filhos e uma grande assembleia de barões9. É uma das últimas grandes oportunidades para demonstrar a unidade familiar redescoberta. Apenas Eleanor está ause

Machine Translated by Google

As façanhas de Ricardo em Saintonge (1178-1179)

Os anos 1178-1179 viram Ricardo confirmar seus talentos como guerreiro e líder, e afirmar-se como o mais talentoso dos filhos de Henrique II. As fontes relativas a este período são sucintas e por vezes um pouco confusas, mas podemos, através de cruzamento, reconstruir essencialmente as ocupações do Duque de Aquitânia. No início de 1178, dedicou-se pela primeira vez a alinhar os cânones da catedral de Saint-Étienne de Limoges, que em fevereiro elegeu Sebrand Chabot como bispo, sabendo muito bem que Ricardo se opunha a ele, porque havia participado da revolta de 1173. A sanção foi imediata: a Catedral de Saint-Étienne foi fechada por vinte e um meses10.

O único outro evento em 1178 foi uma expedição liderada por Ricardo no final do outono a Dax. O objetivo era provavelmente intimidar um vizinho cujo progresso poderia tornar-se preocupante: o rei de Aragão, Alfonso II. Este último, que reina desde 1162, é ao mesmo tempo Conde de Barcelona; desde 1173 controla Béarn, através de um regente durante a menoridade do jovem conde; em 1177, ele colocou as mãos em Roussillon; em 1175, uma aliança matrimonial permitiu-lhe obter a amizade do conde de Bigorre; em 1178 concluiu uma aliança com Castela. Afonso II, que era ao mesmo tempo rei trovador, amigo dos poetas, já se via como “imperador dos Pirenéus”, dizem os cronistas.

Para Richard, é hora de mostrar a este vizinho empreendedor que há limites que não devem ser ultrapassados no sul da Aquitânia. Assim, Alphonse deve deixar de apoiar o conde de Bigorre, Centulle, que, com outros senhores dos Pirenéus, formou uma espécie de federação controlando as passagens bascas por onde passavam as estradas para Saint-Jacques. Ele ajudou o visconde de Dax a fortificar sua cidade, mas os habitantes da cidade, que desaprovavam seus empreendimentos, capturaram-no e entregaram-no a Ricardo quando ele chegou à região. Então, escreve Roger de Howden, “Alphonse, rei de Aragão, queixando-se de ver seu amigo, o conde de Bigorre, acorrentado, veio procurar o duque Ricardo e, pedindo-lhe que seu amigo fosse libertado, garantiu-lhe que faria o testamento do duque e de seu pai, o rei da Inglaterra. E além disso o dito conde de Bigorre, em troca da sua libertação, cedeu ao duque Clermont o castelo de Montbron11.” Então, continua Howden, Richard, “forçou os bascos e navarros a jurar que manteriam a paz e pôs fim aos maus costumes que haviam introduzido em Sordes e Lesperon, onde tinham o hábito de roubar os peregrinos de São Tiago de Compostela12”. Richard mostra que não é apenas um bom guerreiro, mas que tem um senso político s

Machine Translated by Google

garantir a segurança dos seus Estados através de uma diplomacia baseada na intimidação. Tendo chegado a Dax à frente de uma tropa considerável, regressou a Saintes para o Natal de 1178.

Em 1179, confirmou a sua reputação de guerreiro excepcional, mais uma vez à custa dos grandes barões de Saintonge e Angoumois. O conde Guilherme de Angoulême, que se preparava para partir para Jerusalém, deixou a gestão da família para seu filho Vulgrin, um dos mais ferozes oponentes de Ricardo. Seu aliado mais perigoso é Geoffrey de Rancon, cuja família esteve envolvida em todas as revoltas contra os Plantagenetas. Os domínios de Rancon estendem-se por vastas áreas ao redor do vale de Charente e ameaçam as comunicações entre Bordéus, Saintes e La Rochelle, em particular através dos seus castelos de Pons e Taillebourg.

A gênese do confronto não é clara. Parece que houve provocação por parte de Geoffroy de Rancon, cuja "arrogância frequentemente o exasperava [Richard] com inúmeras afrontas", escreve Ralph de Diceto. As provocações calculadas fazem parte da estratégia dos barões de Poitevin para testar a determinação do duque. Ainda assim, nos primeiros meses de 1179, Ricardo, com forças bastante consideráveis, sitiou Pons. A defesa foi mais vigorosa do que o esperado e na Páscoa o castelo ainda resistiu. Resistência insuportável para o jovem duque de Aquitânia, cuja reputação estava em jogo.Ricardo lançou-se então num desafio ousado, o primeiro exemplo da sua tendência para a imprudência que os cronistas árabes notariam mais tarde. Deixando tropas no cerco de Pons, ele atacou o castelo de Richemont, tomado em três dias e arrasado. Nas três semanas que se seguiram, os castelos de Genzac, Marcillac, Grouville, Anville sofreram o mesmo destino13 . Com base nestes sucessos, apresentou-se então em frente ao Château de Taillebourg.

O empreendimento é arriscado: a fortaleza, que controla a única passagem do Charente entre Saintes e Tonnay-Charente, está situada sobre uma rocha, inacessível por três lados. Segundo Ralph de Diceto, ninguém ainda ousou enfrentá-lo. Foi, disse ele, "um empreendimento desesperado, que nenhum de seus antecessores havia tentado; nunca antes o castelo tinha visto forças hostis dispostas a atacá-lo", o que é confirmado por Robert de Torigny, para quem Taillebourg era "aparentemente inexpugnável, fortificado tanto pela técnica como pela natureza14 ". O cerco começa em 1º de maio . Ricardo mandou bombardear a muralha com as suas máquinas a jacto, e a aldeia ao pé da fortaleza foi devastada, para provocar a saída da guarnição para defender a sua propriedade. "Tomou a propriedade das quintas, derrubou as vinhas, queimou as aldeias, e tendo derrubado tudo o resto devastou o todo; então, perto da fortaleza, ele armou suas tendas perto do

Machine Translated by Google

muros, para grande receio dos aldeões que não esperavam isto15. » No dia 8 de maio, a guarnição tentou uma saída. Uma luta feroz ocorre então em frente ao castelo, durante a qual Richard luta – já – como um leão. Os defensores foram rechaçados em desordem e três dias depois capitularam.
A captura deste castelo, considerado inexpugnável, em cerca de dez dias, causou sensação e provocou o colapso da revolta: Geoffroy de Rancon rendeu-se; Pons é tomada e arrasada, assim como Taillebourg. Vulgrin capitula, abandona Angoulême e Montignac, cujas muralhas são destruídas. Enojados e desesperados ao ver seus castelos sendo desmantelados, todo um grupo de senhores de Poitevin partiu para a Terra Santa no início de julho, seguindo Guillaume d'Angoulême, Aimar de Limoges e Audebert de la Marche.
Muitos não voltarão: Guilherme de Angoulême morrerá em Messina, Audeberto em Constantinopla.

Para Ricardo foi um triunfo, que veio celebrar em Inglaterra, onde o seu pai lhe deu as boas-vindas cum honore maximo, escreve o cronista Diceto16. Aos vinte e dois anos, adquiriu a reputação de incomparável tomador de fortalezas e senhor indiscutível do Ducado da Aquitânia.
Sem dúvida, seus admiradores entre os cronistas, como Diceto e Howden, tendem a inflar suas façanhas e reduzir a parte dos líderes de guerra profissionais que o cercavam, como o notável Theobald (Thibaud) Chabot, a quem Ralph de Diceto descreve como sendo todos iguais desde “Princeps militiae Ricardi ducis Aquitanorum17”. As qualidades guerreiras de Ricardo, porém, são inegáveis a partir dessa época: ele provou sua capacidade de manter a disciplina, de avaliar os pontos fortes e fracos do adversário, de dosar a quantidade necessária de intimidação e ataque real, de surpreender o inimigo com sua força. velocidade de movimento, golpear com justiça e força no lugar certo, detectar imediatamente o ponto fraco de uma fortaleza e explorá-lo com o máximo vigor. A velocidade com que tomou os castelos foi surpreendente, pois os sistemas defensivos superavam os meios de ataque da época. O uso do terror para desmoralizar os defensores faz obviamente parte do seu arsenal, mas estamos a falar aqui de guerra e, apesar dos esforços da Igreja, a guerra não conhece moralidade. Os códigos de cavalaria aplicam-se apenas entre cavaleiros; com outros, tudo é permitido. A única fraqueza de Ricardo no domínio militar custou-lhe a vida: foi a falta de prudência na ação, uma certa propensão para subestimar o perigo. Mas no geral, como observa o professor WL Warren, durante a campanha de Taillebourg, “Richard demonstrou a sua determinação em corrigir um erro, a coragem para tomar uma decisão difícil e a capacidade de levar a sua resolução ao sucesso”. Em suma, ele provou as suas qualidades como líder18.”

Machine Translated by Google

Ao lado dele, seus irmãos empalidecem em comparação, em particular o mais velho, Henrique, o Jovem, que, aos vinte e seis anos, só tem em seu crédito conquistas femininas e vitórias em torneios. Seu pai, é verdade, ao recusar-lhe qualquer poder efetivo, nunca lhe deu a oportunidade de se distinguir. Mas ele era capaz disso? Vaidoso, generoso, cortês, esbanjador, é popular, "mas na política e na guerra real era uma criança, incapaz de se concentrar por um momento. Não vendo além do ganho a curto prazo, ele passou de capricho em capricho, reagindo sem pensar às últimas fofocas que tinha ouvido", escreve John Gillingham. A própria esposa, Marguerite, filha de Luís VII, não conseguia mais sustentar essa adolescente retardada: durante o verão de 1177, grávida, voltou para o pai. Quanto a Geoffroy e Jean, ainda não tiveram a oportunidade de mostrar do que são capazes. Conversamos sobre a personalidade questionável de Geoffroy.
Seu pai o nomeou cavaleiro em 15 de julho de 1178, aos vinte anos. Noivo da duquesa da Bretanha Constança, com quem se casou em 1181, dedicou-se agora ao seu ducado, não sem sucesso. João, noivo de Isabel de Gloucester em 1176, ainda não participou em nenhum empreendimento importante, e a sua primeira tentativa na Irlanda não será certamente um golpe de mestre, como veremos.

Nestas condições, teria sido lógico que Henrique II designasse Ricardo como seu sucessor, porque a regra da primogenitura ainda não havia sido estabelecida. Mas é tarde demais: Henrique II, ao ter seu filho mais velho, Henrique, o Jovem, coroado e coroado rei da Inglaterra durante sua vida em 1170, cometeu uma falha irreparável em sua pressa, porque um rei sagrado é... sagrado. Henri não pode reverter sua decisão. Ele provavelmente não se arrepende, mesmo sabendo das deficiências do mais velho. Porque a sua intenção é sempre estabelecer após a sua morte uma espécie de federação familiar angevina, na qual cada filho terá os seus próprios territórios e onde estarão unidos por laços vassalos. Sistema original, tanto familiar como feudal, ao qual Henrique II permaneceu fiel no seu novo testamento de 22 de fevereiro de 1182, que não fez alterações territoriais e se contentou com medidas piedosas: doações aos Templários, aos Hospitalários, a vários mosteiros cluníacos, cistercienses, Cartuxos, Premonstratenses e, em particular, à ordem de Grandmont20.

Um novo rei da França: Philippe Auguste (1180)

Machine Translated by Google

Na altura em que escreveu este documento, Henrique II tinha quarenta e nove anos e ainda podia acreditar que o sistema federal que idealizava era viável. Ele está saudável; seus quatro filhos ficam calados, cada um cuidando de seus negócios, e uma relativa paz reina no império Plantageneta. Os cronistas não têm praticamente nada a relatar a respeito de Ricardo em particular durante dois anos, do verão de 1179 à primavera de 1181, exceto a ocupação de Lectoure, para obrigar o visconde de Lomagne, ao sul de Agen, a prestar-lhe homenagem21 .

Calma antes da tempestade, como sempre. Porque foi durante estes anos 1179-1180 que ocorreu uma mudança de reinado no reino de França, prenúncio de conflitos futuros. O rei Luís VII está se aproximando dos sessenta anos e sua saúde está piorando. Ele decidiu coroar e consagrar seu filho Philippe, em seu décimo quarto aniversário, em 15 de agosto de 1179.
O evento foi adiado devido a uma doença contraída pelo jovem príncipe durante uma caçada na floresta de Compiègne. Para obter a cura de seu filho, Luís VII foi à Inglaterra, ao túmulo de Thomas Becket. A escolha é criteriosa: que outro santo poderia ser mais favorável aos Capetianos do que um mártir vítima dos Plantagenetas? E, de fato, Philippe foi curado, o que gerou um boato entre os contemporâneos, segundo o qual Thomas Becket apareceu a um clérigo e lhe revelou que havia escolhido Philippe para vingar seu assassinato. Henrique II definitivamente não acabou com o fantasma de Becket, um santo particularmente vingativo e ressentido, que ignora o perdão das ofensas.

Tranquilizado, Luís VII regressou a França e foi ele quem adoeceu, paralisado do lado direito, sem dúvida na sequência de um acidente vascular cerebral. Ele não pôde, portanto, comparecer à coroação de seu filho em 1º de novembro de 1179, em Reims. Na catedral estão todos os grandes vassalos dos Capetianos, incluindo Henrique, o Jovem, como duque da Normandia e representante de seu pai.

O jovem rei Filipe, segundo de seu nome, tem apenas quatorze anos. Seu pai, Luís VII, não podendo reinar devido ao problema de saúde que ocasionou sua morte em 18 de setembro de 1180, foi ele quem detinha a realidade do poder. Mas ao seu redor dois clãs se enfrentam na esperança de controlá-lo. Por um lado, o clã de Champenois, liderado por sua mãe, Adèle de Champagne, e seus quatro cunhados: Guillaume, arcebispo de Reims, cardeal e legado, Henrique I, conde de Champagne, Thibaud V, conde de Blois e Chartres, Étienne, Conde de Sancerre. Por outro lado, o clã flamengo, liderado por Philippe d'Alsace, conde de Flandres, que é ao mesmo tempo vassalo do rei da França, vassalo do imperador, e intimamente ligado aos Plantagenetas:

Machine Translated by Google

ele é primo distante de Henrique II, que se casou com uma sobrinha de Leonor da Aquitânia e era muito amigo de Henrique, o Jovem. Ele é senhor de todo o norte do reino da França: Flandres, Vermandois, Valois, e o conde de Hainaut Balduíno V é seu cunhado.

O jovem Filipe II, a quem já chamaremos de Auguste por conveniência, procura libertar-se da tutela do clã Champagne. Philippe d'Alsace é seu padrinho militar; foi ele quem carregou a espada real durante a coroação, e conseguiu arranjar o casamento do rei com sua sobrinha Isabelle (ou Elisabeth), filha do conde de Hainaut Balduíno V. O dote de Isabelle é nada menos que Artois. O casamento foi celebrado em 28 de abril de 1180. O clã Champagne ficou furioso: o arcebispo de Reims recusou-se a coroar a rainha; é o de Sens que dá a unção, em Saint-Denis em vez de Reims. O rei confiscou todos os castelos que constituíam o dote de sua mãe e rompeu com seus tios.

Os Champenois então pediram ajuda a Henrique II contra o conde de Flandres. O Plantageneta, então na Inglaterra, reuniu tropas e, na companhia de seu filho Henri, desembarcou na Normandia para desempenhar o papel de mediador. Conheceu o rei Filipe em Gisors, onde em 28 de junho de 1180 concluiu com ele uma aliança defensiva e ofensiva. Filipe promete reconciliar-se com a mãe, e pede-se ao conde de Flandres que fique calado e não tente impor a sua vontade ao soberano. Entre o Plantagenêt Henri II, de cinquenta anos, e o adolescente Capétien Philippe, o entendimento parecia perfeito. O Rei da Inglaterra atua como protetor do Rei da França, sem perceber que está ajudando a alimentar a serpente que causará sua queda e será inimiga implacável de seus filhos Ricardo e João. Na verdade, durante os seis anos que se seguiram, Henrique II, longe de procurar tirar partido das dificuldades de Filipe, confrontado com uma coligação de Champenois e Flamengos, manteve uma neutralidade benevolente. Só acordou em 1186, mas um pouco tarde: nesta data, Philippe Auguste teria derrotado os seus adversários e tornar-se-ia um formidável soberano de vinte anos, senhor de um domínio real alargado de Artois e Vermandois, que teria imposto as suas condições no Conde de Flandres pelo Tratado de Boves em julho de 1185, e reduziu os príncipes de Champagne à obediência. Ele poderá então aproveitar plenamente as divisões da família Plantagenêt.

As queixas dos barões contra a brutalidade de Ricardo

Porque deste lado as relações deterioraram-se rapidamente a partir de 1181, ao ponto de degenerarem numa guerra fratricida aberta, na qual Ricardo desempenhou

Machine Translated by Google

agora o papel principal. Como costuma acontecer, o evento inicial é a morte de um vassalo sem herdeiro homem. Neste caso, é o Conde Vulgrin de Angoulême. Morreu em junho de 1181, deixando apenas uma filha pequena, Mathilde. Ricardo, na qualidade de duque da Aquitânia, reivindica a custódia. Mas os irmãos de Vulgrin, Guillaume e Adémar, reivindicam a herança, em virtude de um alegado costume do Sudoeste que favoreceria os irmãos do falecido em detrimento da sua filha. Ricardo não se importa. Assim, os irmãos depostos refugiaram-se com o seu meio-irmão, Aimar de Limoges, que regressara da Terra Santa no Natal do ano anterior. Este último, que ainda não demoliu as muralhas de Saint-Martial como Ricardo ordenou, volta a levantar-se contra o duque. A ele se juntam os viscondes de Turenne, Ventadour e Comborn, e lá partem para uma nova revolta, como se os senhores da Aquitânia ainda não tivessem entendido a lição infligida por Ricardo em 1179. Mas desta vez contam com a ajuda de o novo rei de França, Philippe Auguste, que aceitou a sua homenagem apesar da ajuda que Ricardo, Henrique e Geoffrey lhe tinham acabado de prestar contra o conde de Sancerre22.

Em abril de 1182, Ricardo tomou a iniciativa. Ele capturou o castelo de Puy Saint-Front, a fortaleza do Conde de Périgord em Périgueux. Então ele entra em Limousin. Nessa época, seu pai chegou pessoalmente e, para tentar resolver o problema, convocou todos que estavam diante dele em meados de maio, em Grandmont23. Richard é confrontado por todos os líderes rebeldes, que o acusam de se comportar como um verdadeiro tirano, de desrespeitar os seus direitos, de violar os costumes, de desprezar a justiça, de destruir a liberdade. Segundo eles, relata Ralph de Diceto, ele "oprimiu seus súditos por exações muito pesadas e injustificadas e por um despotismo brutal"24; "os homens mais importantes da Aquitânia odiavam o seu senhor, o conde Ricardo, por causa da sua excessiva crueldade", diz Gervais de Canterbury, e segundo Roger de Howden queixavam-se de que "ele era mau para todos os homens, pior para os seus, e até pior para si mesmo; ele sequestrou as esposas e filhas de homens livres para torná-las suas concubinas e depois entregá-las aos seus soldados para sua diversão. Ele afligiu seu povo com todos esses males e muitos outros.

Henrique II não se impressiona com esse tipo de ninharia. Ele está acostumado a ouvir esse tipo de acusação, que também já foi feita muitas vezes contra ele e, de qualquer forma, não é motivo para revolta. Ele, portanto, apóia seu filho. Também é provável que os barões tenham exagerado nas exigências de Ricardo. Gervais de Canterbury indica claramente que são "os homens mais importantes" (sublimiores viri) que se queixam, e não encontramos eco destas queixas entre os cronistas da Aquitânia. Geoffro

Machine Translated by Google

de Vigeois fala de “Ricardo, Duque da Aquitânia e da Gasconha, sempre na linha da frente das ações brilhantes, e cuja juventude é marcada pelos grandes empreendimentos27”.

O que não faz dele um príncipe bem-humorado. Sua brutalidade já é bem conhecida. Ele reprime a agitação de maneira impiedosa, com espada e fogo. A devastação faz parte da sua tática de dissuasão; ele queima, destrói, desmonta, executa e mutila sem escrúpulos. “Ele continuou destemidamente a sua determinação de fazer todos tremerem e assustarem28”, diz Gerald, o Galês, que admite que graças a isso a Aquitânia conheceu “uma paz e uma tranquilidade invulgares. » É também o que pensa o seu pai, seguidor dos mesmos métodos e para quem as queixas dos barões são bastante tranquilizadoras: mostram que o governo ducal é eficaz e que o filho não se deixa pisar.

Entre os descontentes, estava o cavaleiro trovador Bertran de Born, cuja importância não deve, porém, ser exagerada. Em seus sirventes, ele tende a aumentar sua influência, a fazer acreditar que seus escritos contribuíram poderosamente para desencadear a revolta. O que este pequeno nobre, que passa a vida discutindo com o irmão pela posse do Castelo de Hautefort, censura Ricardo não são os seus abusos, mas sim o facto de querer impor a ordem e a paz no ducado: "Gostaria que o grande brigam constantemente", porque os barões que lutam precisam de cavaleiros como ele, e recompensam generosamente os seus serviços. “Um homem rico é muito mais generoso e afável em tempos de guerra do que em tempos de paz. » Ele só se sente vivo na guerra e, portanto, empurra os barões à revolta; lamenta vê-los tão submissos: “Estou fazendo uma sirvente contra os barões covardes, e vocês não me ouvirão mais falar, porque quebrei mil esporas neles sem que haja uma só que tenha começado a galopar ou trote29.

— » Bertran de Born, por ter deixado alguns versos, numa época em que a escrita ainda era rara entre pessoas de sua classe, atraiu a atenção de historiadores, que exageraram seu papel.

De qualquer forma, a reunião em Grandmont confirma o acordo total entre Henrique II e seu filho Ricardo, com quem ele mais uma vez se comprometeu a subjugar os rebeldes. Depois de enviar a Henrique, o Jovem, a ordem de se juntar a eles, o Rei da Inglaterra e o Duque da Aquitânia tomaram os castelos do Visconde Aimar e seus vassalos, Excideuil, Saint-Yriex, Pierre Buffière, depois se voltaram contra os do Conde de Périgord. No início de julho de 1182, Aimar submeteu-se e prometeu não ajudar mais os seus meio-irmãos em Angoulême; Elias de Périgord entrega sua capital, Périgueux. Quando os Plantagenetas estão unidos, nada parece ameaçá-los. Os seus únicos adversários perigosos são eles próprios.

Machine Translated by Google

O inconsistente Henrique, o Jovem

E precisamente aqui está Henrique, o Jovem, o filho mais velho, que chega quando tudo acaba, como sempre30, e que vem semear a discórdia. Ele encontrou um pretexto para uma briga. Mais endividado e mais frustrado do que nunca, com ciúmes dos sucessos do irmão Richard, é incapaz de manter a ordem na sua própria casa, onde está rodeado de jovens estúpidos como ele, que colocou no lugar dos sábios. … conselheiros recomendados por seu pai. Ele não consegue nem manter a unidade de sua família: sua esposa Marguerite, como vimos, já havia tentado separar-se dele, e circulavam rumores persistentes sobre suas relações um tanto estreitas com Guilherme, o Marechal, o famoso cavaleiro, mentor de Henrique, o Younger e seu conselheiro essencial para torneios. O caso dificilmente mereceria menção se não revelasse as desordens no Prince's Hotel e a fraqueza de caráter deste último. É contado em detalhes no grande poema biográfico sobre a vida de William Marshal31.

Este último, ao que parece, tornou-se a estrela, o centro de interesse dos jovens cavaleiros que rodeavam Henrique, devido às suas excepcionais qualidades como rodopiante. O sucesso subindo-lhe à cabeça, ele desfila, torna-se vaidoso e insuportável, como muitos jovens que alcançam a fama cedo demais, a ponto de alguns de seus companheiros decidirem perdê-lo na mente de seu mestre. : “Se o Senhor Rei conhecesse a “raiva” do Marechal, estaríamos bem vingados dele. » Acusam-no, portanto, de ter dormido com a Rainha Margarida, e certificam que sabem disso “de ouvido e de vista”. Este tipo de acusação não é de todo improvável nos círculos rudes mas corteses da ainda rude nobreza do final do século XII. Georges Duby relatou o contexto de promiscuidade em que viviam até os mais altos senhores deste período: “A presunção de adultério está latente nas casas nobres. Todos os jovens cavaleiros sitiaram a esposa do senhor. Esse é o jogo, educado. Apimenta a competição permanente em que o tribunal é o lugar. Todo mundo compete. Quem conquistará o amor da senhora para atrair o do senhor?
Mas corremos o risco de ser apanhados neste jogo, ultrapassando os limites acordados. Torna-se então perigoso. Uma mulher dificilmente se defende nestas grandes casas sem divisórias, escuras assim que a noite cai e cheias de homens. Ela mesma, geralmente frustrada, às vezes sente vontade de se alegrar. A promiscuidade favorece conjunções que não são apenas para exibição32. »Mas quando se trata de uma rainha, o jogo é particularmente perigoso: o esperma real deve transmitir todas as virtudes da

Machine Translated by Google

soberano; é um espermatozóide sagrado, de certa forma. Se a rainha gerar um herdeiro ilegítimo, toda a dinastia estará em perigo.

Henri é informado. O caso poderia ter custado a vida do Marechal: não faltam exemplos; um século depois, Philippe le Bel fez com que os amantes de suas filhas fossem torturados até a morte. Henrique, o Jovem, reagiu de forma mais morna. Marguerite será mandada de volta para seu irmão Philippe Auguste, e ele não fala mais com Guilherme, o Marechal. Mortificado, este abandona o tribunal. Mas a temporada do torneio está a todo vapor e sem ele “a seleção inglesa não teria valor”, escreve Georges Duby. No século XII, como hoje, as pessoas estão dispostas a perdoar tudo pelos atletas de alto nível: “A vergonha e o ressentimento desapareceram diante do desejo de voltar a ganhar a taça nos campeonatos militares33.

— » Recordamos, portanto, o Marechal, que corre e triunfa no torneio do outono de 1182.

No entanto, quer limpar a sua honra e, perante a corte solene que se realiza em Caen no Natal, na presença dos dois reis Henrique, o velho e o jovem, propõe um duelo judicial: que sejam escolhidos três campeões; se ele vencer os três por vez, é porque não dormiu com a rainha.
Lógica. Ou então, corte um dedo da mão direita e com essa desvantagem ele enfrentará o campeão que queremos. Sem dúvida ele se identifica com Lancelot, suposto amante da Rainha Guinevere. Henrique, o Jovem, por sua vez, não se parece em nada com Arthur e, além do mais, os campeões não têm pressa em enfrentar “o melhor cavaleiro do mundo”, mesmo com o dedo amputado. “Não me importo com a sua batalha”, diz o rei. Então, Guilherme reveste-se de sua dignidade e declara: “Já que ninguém levanta a cabeça entre aqueles que levantaram a culpa contra mim e nós consentimos com isso, contra a lei do país, já que seu tribunal está todo contra mim, que ainda oferecido mais do que a razão, vejo claramente que devo procurar outro lugar onde possa viver melhor. Pelo menos me agrada que tal reunião tenha conseguido ver com seus próprios olhos que meu direito me foi tirado. » Com isso, ele vai embora.

Vamos acabar com este episódio tragicômico e nunca mais voltar a ele. É Natal de 1182. Na primavera de 1183, Henrique, o Jovem, entrou em guerra contra seu pai, como veremos. As habilidades militares de Guilherme, o Marechal, são mais uma vez indispensáveis para ele. Seguindo o conselho de seu irmão Geoffrey, o Senhor de Lusignan e Roger de Lacy, ele enviou seu camareiro em busca do cavaleiro. Ele concorda em voltar, mas toma precauções: participar de uma guerra contra o rei da Inglaterra no campo apoiado pelo rei da França, cuja irmã ele supostamente seduziu, é arriscado. Solicitou, portanto, e obteve cartas patentes dos dois adversários: de Filipe Augusto, que o absolveu, e de Henrique II, que o autorizou a retomar as funções com o filho e a

Machine Translated by Google

lutar contra ele. Graças a estas estranhas convenções do mundo feudal, ele pode, portanto, servir novamente a Henrique, o Jovem.

Este último mostrou ao longo do episódio o quanto lhe falta caráter. A sua incapacidade de seguir uma linha de acção firme é responsável pela desestabilização do império Plantageneta a partir do outono de 1182. Voltemos então a esta data. Quando ele se juntou a seu pai e Richard após a campanha em Limousin e Saintonge, ele novamente exigiu "que a Normandia ou algum outro território lhe fosse dado, onde ele e sua esposa [a quem ele ainda não havia demitido] pudessem residir, e com quem ele poderia manter os cavaleiros a seu serviço34", relata Roger de Howden. Tendo o pai recusado, o jovem Henrique foi à corte francesa, ao seu cunhado Philippe Auguste, e alegou querer ir para Jerusalém. A resolução foi abandonada assim que recebeu os enviados de seu pai, que lhe prometeram um subsídio de 100 libras angevinas por dia, mais 10 libras para sua esposa, e os custos de manutenção de 100 cavaleiros por um ano. A partir de dezembro, Henrique, o Jovem, voltou à corte de seu pai.

Nova briga na família Plantagenêt (janeiro de 1183) Nesta época, a guerra

estourou novamente

em Angoumois. O visconde Aimar contratou mercenários, denunciou os termos do acordo celebrado durante o verão, e com os irmãos Taillefer e os senhores de Archiac e Chalais retomou a luta35, encorajado pela atitude duvidosa de Geoffroy Plantagenêt, que não está insatisfeito com os problemas que irrompe na Aquitânia e força seu irmão Ricardo a retomar sua tarefa de Sísifo contra os castelos rebeldes assim que eles são reconstruídos ou destruídos.

Henrique, o Jovem, por sua vez, encontrou um novo pretexto para iniciar uma briga com Ricardo. Este último, de facto, empreendeu a construção de um castelo dez quilómetros a oeste de Châtellerault, em Clairvaux, para reforçar a defesa de Poitou. Controlando a estrada Tours-Poitiers no cruzamento do Vienne, a fortaleza depende do Visconde de Châtellerault, barão de Poitou, mas está nas terras do Conde de Anjou e, portanto, de Henrique, o Jovem. Invasão intolerável, protesta este último. Bertran de Born o empurra à revolta em um de seus sirventes: “Entre Poitiers e a ilha Bouchard, e Mirebeau e Loudun e Chinon, alguém se atreveu a construir um castelo forte em Clairvaux, no meio da planície. Eu não gostaria que o jovem rei soubesse ou visse isso, pois ele não gostaria disso; mas eu temo,

Machine Translated by Google

a pedra é tão branca que ele não consegue evitar vê-la de Mateflon36.
__ »

Para resolver problemas pendentes, Henrique II convocou uma grande assembleia em Caen para o Natal de 1182. Era para marcar a grande reconciliação familiar. Lá estão o rei, seus filhos e também sua filha Mathilde com seu marido, o duque da Saxônia Henrique, o Leão. Na verdade, ele acaba de ser expulso do Sacro Império pelo imperador Frederico Barbarossa. Desde 1175, as relações entre os dois homens deterioraram-se. Henrique, o Leão, tendo se recusado a seguir o imperador em sua expedição à Lombardia, foi julgado e condenado ao ostracismo pelo Império. Na Dieta de Gelnhausen, em 13 de abril de 1180, a Saxônia foi dividida em duas: a Vestfália foi atribuída ao Arcebispo de Colônia, e a parte oriental a Bernardo de Anhalt, filho de Alberto, o Urso. O Ducado da Baviera, outra posse de Henrique, o Leão, foi dado a Otão de Wittelsbach. Expulso à força de suas terras em 1181, o duque encontrou refúgio na corte de seu sogro Henrique II. No final de 1182, preparou-se para partir para Compostela, sem dúvida na esperança de obter de São Tiago a restituição do seu ducado. A sua presença em Caen com a sua esposa Mathilde dá um brilho extra à grande reunião de Natal. Henrique II fez as coisas em grande estilo: exigiu a presença de todos os barões normandos, e também havia angevinos, ingleses, poitevins, Limougeauds, incluindo Bertran de Born: mais de 1.000 pessoas no total. Bertran de Born, que se entediava durante os debates, interessou-se mais pelos encantos da princesa Mathilde: “Seus seios eram resplandecentes, e se pudéssemos ver o fundo, o mundo ficaria deslumbrado37. __ »

Para Henrique II, o objetivo do encontro era demonstrar diante de todos a união da família Plantageneta, ilustração da estrutura federal e vassalica que pretendia dar ao seu “império”. Deste ponto de vista, o fracasso é total. O soberano pede a Ricardo e Geoffrey que prestem homenagem ao seu mais velho, Henrique, o Jovem, pela Aquitânia e pela Bretanha. Geoffroy aceita, porque a Bretanha é considerada vassala da Normandia, da qual Henrique, o Jovem, é duque. Mas Richard recusa. Por duas razões, uma de natureza privada e outra de natureza política: por um lado, considera que os quatro irmãos, filhos dos mesmos pais, são iguais, e que seria injusto estabelecer entre eles uma hierarquia ; por outro lado, como duque da Aquitânia, é herdeiro de sua mãe e deve homenagem apenas ao rei da França, em nenhum caso ao rei da Inglaterra. Nenhum de seus territórios depende dos de seu irmão e, portanto, ele não lhe deve nenhum tributo. A pedido de Henrique II, Ricardo, porém, concordou em emprestá-la, com a condição expressa de que no juramento fosse mencionado que a Aquitânia pertenceria sempre a ele e aos seus herdeiros38. Desta vez, é Henrique, o Jovem, quem recusa, admit

Machine Translated by Google

implicitamente que ele tem opiniões sobre o ducado e que seu objetivo é tornar-se o único senhor dos territórios Plantagenetas.

É um beco sem saída. Henrique II tentou em vão conciliar pontos de vista, durante uma viagem com seus filhos em janeiro de 1183, de Caen a Le Mans e depois a Angers. Obviamente, Henry, o Jovem, está procurando um motivo para romper com Richard. Para tanto, ele trouxe de volta à mesa o caso Clairvaux. Segundo Roger de Howden, “Henrique, filho de nosso senhor o rei da Inglaterra, por sua própria iniciativa, sem qualquer constrangimento, jurou, com as mãos sobre os santos Evangelhos e na presença de uma grande assembleia de clérigos e leigos, que daí em diante e todos os dias de sua vida ele manteria total lealdade ao rei Henrique, seu pai e senhor, e sempre lhe prestaria honras e serviços. E como, garantiu, não queria deixar na sua mente qualquer maldade ou ressentimento que pudesse ofender mais tarde o rei, revelou que se tinha juntado aos barões da Aquitânia contra o seu irmão Ricardo, pelo facto de o seu irmão tinha fortificado o castelo de Claraval, que fazia parte da sua herança, contra a sua vontade 39”. Que se trata de um puro pretexto fica imediatamente evidente: sob pressão de seu pai, Ricardo abandona o castelo de Clairvaux e concorda com seus irmãos em prestar juramento para manter a unidade familiar, mas isso não põe fim às manobras de Henrique, o Jovem, que está em contato com os barões da Aquitânia e os encoraja secretamente a se rebelarem.

Há vários anos, a atitude de Henrique, o Jovem, era suspeita.
Sob o pretexto de ajudar seu irmão, ele trabalhou para minar sua autoridade e tentou persuadir os senhores locais de que seria um mestre muito melhor para eles. Roger de Howden observou como, em 1176, quando deveria participar da pacificação da Aquitânia, "ele não ficou com seu irmão, mas, sob a influência de maus conselhos, o abandonou". Então seu vice-chanceler, Adam de Churchdown, tendo revelado suas manobras, mandou espancá-lo. Mais recentemente, em 1182, solicitado a vir novamente apoiar o seu pai e o seu irmão para reprimir a revolta na Aquitânia, agiu lentamente para não ter que intervir diretamente, e ao longo do caminho trabalhou para cultivar a sua popularidade através da sua generosidade, seu bom humor, seu comportamento bem-humorado, sua bajulação para com cavaleiros trovadores como Bertran de Born. Em Limoges, ele presenteou a abadia de Saint Martial com um estandarte com a inscrição Henricus Rex, sendo o Henricus em questão obviamente ele mesmo, e não seu pai41. Os barões da Aquitânia, liderados por Geoffroy de Lusignan, foram seduzidos: tal homem seria um mestre infinitamente preferível ao brutal Ricardo, e as dissensões dentro da família Plantagenêt só poderiam encorajá-los a se rebelarem novamente.

Machine Translated by Google

Henrique II, porém, ainda quer acreditar numa reconciliação geral. TEM Irritado, ele ordenou a convocação de uma assembleia geral de todas as partes interessadas, incluindo os líderes rebeldes, que deveria ser realizada em fevereiro em Mirebeau. Ele envia Geoffroy a Limoges para levar esta mensagem e propor uma trégua. Assim que chegou, Geoffroy fica do lado dos rebeldes. Henrique, o Jovem, que provavelmente concordou com ele, pediu então permissão ao pai para se juntar ao irmão mais novo, também como mensageiro da paz. E, diz ele, se os rebeldes não quiserem submeter-se, devemos dar-lhes outra oportunidade e ouvir as suas queixas – que implicam as suas acusações contra os métodos brutais de Ricardo – perante a corte do rei. Isto foi demais para Ricardo que, depois de uma cena violenta com o pai, e sem pedir licença, “regressou às pressas às suas terras, e fortificou os seus castelos e as suas cidades42”. A família está desfeita novamente.

A guerra fratricida (1183)

E desta vez não é uma guerra de filhos contra o pai, mas de filhos entre si. Após a partida de Ricardo, Henrique, o Jovem, obteve permissão de seu pai para viajar para a Aquitânia com propostas de paz.
Teve que prometer aos rebeldes “reparação pelos excessos cometidos de ambos os lados ou, se isso não agradasse aos barões, que fossem julgados de acordo com o veredicto do tribunal”. Na verdade, Henrique, o Jovem, correu para se juntar ao seu irmão Geoffrey em Limoges e “aceitou secretamente a garantia dos condes e barões de que o serviriam fielmente como seu senhor e não abandonariam o seu serviço43”. Já não é duplicidade, é quase traição. Depois de enviar sua esposa Marguerite de volta a Paris, por causa do caso Guilherme, o Marechal, Henrique, o Jovem, fortificou-se em Limoges. Demolidas as muralhas em 1181, foram construídas muralhas improvisadas, com terra e materiais retirados das igrejas da cidade. O visconde Aimar de Limoges reuniu uma tropa de mercenários gascões liderados por Guillaume Arnald, e um segundo contingente sob as ordens de Raymond le Brun chegou do sul, enquanto Geoffroy atacava a noroeste com cavaleiros bretões. Os habitantes de Limoges foram forçados a juntar-se aos rebeldes, enquanto o abade de Saint-Martial, leal ao duque, fortificou-se em La Souterraine.

Richard chega como um tornado, dispersa os bretões e, em 12 de fevereiro, após uma incursão de dois dias durante a qual percorreu quase cem quilômetros, encontra os caminhoneiros de Aimar em Gorre, vinte quilômetros a oeste de Limoges, enquanto eles ainda acreditava que ele

Machine Translated by Google

Poitiers. É uma carnificina; Guillaume Arnald é morto, Aimar escapa por pouco, os prisioneiros mercenários são levados para Aixe, e lá são decapitados, têm os olhos arrancados ou são afogados no Vienne. Está bem feito, eles só recebem o que merecem, escreve o monge Geoffroy de Vigeois em substância como um réquiem44 .

Enquanto Richard restaura a ordem à sua maneira no condado, seu pai, com uma pequena tropa, chega à frente de Limoges, onde estão seu filho mais velho e seus associados. Ele é saudado por uma saraivada de flechas, uma das quais atravessa seu manto. Desconcertado e tendo consigo apenas alguns soldados, retirou-se para Aixe, onde Henrique, o Jovem, veio apresentar as suas constrangidas desculpas: foi um mal-entendido, tendo a guarnição acreditado que se tratava de uma das tropas de Ricardo. Henrique II, furioso, não quer ouvir nada, e Henrique, o Jovem, retorna a Limoges, onde se prepara para apoiar um cerco. Ricardo juntou-se ao pai, e os dois homens, entrincheirados na cidade episcopal, com forças aumentando dia a dia, enfrentaram a cidadela, controlada pelos rebeldes. Nas semanas seguintes, negociamos, brigamos, fazemos promessas, quebramos, nos reconciliamos, ficamos com raiva novamente. Mais uma vez, Henrique II quase foi morto por uma flecha que atingiu seu cavalo na cabeça.

Na cidadela, Henrique, o Jovem, Geoffroy, Aimar de Limoges, Geoffroy de Lusignan são reduzidos a apreender os vasos sagrados nas igrejas e a fazer um empréstimo forçado à burguesia para pagar aos seus mercenários, que não hesitariam em passar no acampamento oposto. Vão até pilhar os santuários circundantes, Grandmont e até La Couronne, perto de Angoulême. A guerra corre o risco de se espalhar. O duque da Borgonha, Hugues, e o conde de Toulouse, Raymond, inclinaram-se para Henrique, o Jovem, que seria para eles um vizinho mais maleável do que Ricardo.

Mais a sério, Philippe Auguste começa a se envolver. Para ele, as brigas familiares entre os Plantagenetas são uma dádiva de Deus. No momento, ele se contenta em enviar uma tropa de caminhoneiros de Brabante, que tomam Saint Léonard-de-Noblat e Brantôme, engajando-se em massacres e pilhagens sem saber de que lado lutam. Bandas cruzam Limousin; Bertran de Born está nas nuvens. O rei Afonso II de Aragão apoiou Ricardo, sem intervir diretamente. No final de abril ou início de maio, porém,

Henrique II suspendeu o cerco de Limoges, enquanto Ricardo continuava seus ataques punitivos na área circundante. Henrique, o Jovem, que acabara de se reconciliar com Guilherme, o Marechal, colocou contra ele a população da cidadela com os seus abusos, que o expulsou, proclamando: “Não queremos ser liderados por este homem45 . »

Começou então a perambular pela Aquitânia, sem objetivo definido, com soldados

Machine Translated by Google

enviados pelo Conde de Toulouse e pelo Duque de Borgonha, saqueando santuários como Rocamadour para pagar por eles. De repente, em 26 de maio, ele adoeceu com disenteria. Ele morreu em 11 de junho de 1183 em Martel.

Entre os rebeldes, é uma derrota. Geoffroy regressou à Bretanha, o conde de Toulouse e o duque de Borgonha “apressaram-se a regressar aos seus assuntos46”, capitulou o visconde Aimar. Henrique II retorna a Rouen, onde acontece o funeral de seu filho. Ele se reconcilia com Geoffroy em 3 de julho. Richard agora é o mais velho, mas para acessar o trono terá que matar seu pai.

Machine Translated by Google

V

O assassinato do pai

(1183-1189)

A morte de Henrique, o Jovem, não foi uma grande perda para o império Plantageneta. Podemos até dizer que é uma bênção. O jovem rei demonstrou através da sua conduta a sua total incapacidade de governar, o que prenunciava um reinado catastrófico. E então, sua morte esclarece a situação. Existe agora apenas um rei, indiscutível, Henrique II. Ele tem exatamente cinquenta anos e, além de uma perna dolorida, está saudável e ainda cheio de energia. Ele pode razoavelmente esperar viver mais dez ou vinte anos. Mas ele aprendeu a lição: para manter o poder com filhos tão turbulentos, eles devem ficar incertos quanto à sucessão. Esta é a melhor garantia da sua fidelidade. Ao coroar o filho mais velho em vida, em 1170, ele criou mais um competidor do que um associado, um competidor impaciente por reinar, pois tinha certeza de ser rei. Não há como repetir a experiência com Richard, especialmente porque ele é de um calibre diferente do mais velho. Ricardo é duque da Aquitânia e deve permanecer assim até a morte de seu pai. Ele se tornará rei da Inglaterra, duque da Normandia, conde de Anjou e Maine após a morte de Henrique II? É possível, até provável, mas devemos deixar margem para dúvidas. Dependerá da lealdade dele. A regra de sucessão ainda não está fixada de forma imutável. Richard deve provar que é digno desses títulos se um dia quiser possuí-los. Que ele não esqueça que tem dois irmãos, Geoffroy e Jean, que poderiam muito bem ser preferidos a ele. E é precisamente esta incerteza que Richard não suporta. Será a questão crucial dos últimos anos de Henrique II e, em última análise, causará a

Machine Translated by Google

perda disso. Ricardo Coração de Leão, se não vai matar o pai com as próprias mãos, é, no entanto, diretamente responsável pela sua morte, num drama com conotações quase edipianas, pelo menos em termos, uma vez que, ao matar o pai, Ricardo entrega a mãe e o filho. lhe permite retomar um papel político.

Um novo rival: Príncipe John

O principal rival de Richard a partir de agora não será Geoffroy, confinado à Bretanha e desacreditado por suas revoltas anteriores e seu caráter tortuoso, mas Jean, o irmão mais novo que raramente foi mencionado até agora. Ele completou dezessete anos e é hora de olhar mais de perto esse personagem que deixou uma péssima reputação na história. Primeiro excluído da partilha de herança ao longo da infância, mal amado pela mãe, inexistente durante os conflitos entre o pai e os irmãos, eclipsado pelo extravagante Ricardo, o glorioso cruzado, a quem tentará usurpar o reino pelos métodos mais injustos , infeliz adversário de Philippe Auguste, responsável pela perda dos territórios Plantagenetas na França, soberano tirânico que coloca toda a nobreza contra ele e deve assinar uma Grande Carta limitando seus próprios poderes, opressor de seus vassalos, suposto assassino de seu sobrinho Arthur, excomungado, perseguido em seu próprio reino e interdito por uma coalizão de seus próprios barões e do príncipe Luís da França, que morreu completamente derrotado após ter perdido todos os seus tesouros na lama da costa de Norfolk: o preço do personagem é aparentemente catastrófico.

Tentar a reabilitação é uma tarefa quase impossível. Apesar de tudo, convém relativizar as coisas e, antes de mais, recordar que a memória de D. João sofreu com a ausência de bons cronistas. A grande era da literatura histórica terminou no início de seu reinado: Guilherme de Newburgh parou de escrever em 1198, Rogério de Howden morreu em 1201, Ralph de Diceto em 1202, e aqueles que sobreviveram concentraram seu trabalho nas memórias da grande era de Richard, como Gerald, o Galês; os monges Gervais de Canterbury e Ralph de Coggeshall limitaram seu interesse aos assuntos locais e, finalmente, a imagem de John Lackland foi moldada por dois cônegos da Abadia de Saint-Albans, que não o conheceram pessoalmente e que escreveram sua crônica há mais de dez anos. anos após sua morte. Roger de Wendower (†1236), que expressa o ponto de vista da Igreja, relata, sem qualquer sentido crítico, uma infinidade de anedotas de autenticidade duvidosa e de rumores espalhados por círculos hostis a João. Sua Crônica, que começa com a criação do mundo, tem apenas um

Machine Translated by Google

baixo valor histórico1. O seu sucessor, Matthew Paris (†1259), que o sucedeu como historiógrafo de Saint-Albans em 1235, tem pouco mais valor2. Favorável aos barões ingleses, ele vendeu e ampliou a lenda sombria do Príncipe John. Ao contrário dos cronistas de Henrique II e Ricardo, que frequentavam os círculos da corte, os de João nem sequer sabem como ele era. Com base nestas crónicas partidárias, os historiadores até ao século XX traçaram um retrato repulsivo da personagem, de quem fizeram o pior Plantageneta, e do qual encontramos um resumo na Breve História do Povo Inglês de JR Green, em 1875: “No fundo de sua alma, Jean era o pior produto dos Angevinos... Suas sentenças eram refinamentos de crueldade, fazendo as crianças morrerem de fome, esmagando os velhos em uma pedra de chumbo. A sua corte era um bordel onde nenhuma mulher estava a salvo da luxúria real e onde ele cinicamente proclamava a vergonha das suas vítimas. Ele estava tão infestado de superstições quanto escandaloso em sua impiedade. Ele zombava dos padres e virava as costas durante a missa, inclusive durante a cerimônia de coroação, mas nunca viajava sem levar relíquias no pescoço3.

»Esses excessos penetraram em grande parte no público em geral através dos romances de Walter Scott e foram perpetuados no cinema em torno da história de Robin Hood.

A historiografia atual é mais comedida, mas tem dificuldade e WL corrija esta imagem de um príncipe malvado. AL Poole, em 19514, Warren em 19615, ofereceu um retrato mais equilibrado, que, sem obscurecer os lados obscuros do personagem, mostra que ele não era desprovido de qualidades. Último filho dos oito filhos de Henrique II e Leonor, foi primeiro destinado à Igreja e enviado como oblato à abadia de Fontevraud. A partir dos seis anos notou-se que ele era resistente à vida religiosa, e por isso foi educado na corte do pai, que lhe prestou mais atenção do que a mãe, que lhe permaneceu uma estranha. Como vimos, Jean certamente sofreu durante a infância e adolescência um sentimento de rejeição por parte dos pais: Eleanor não esconde sua preferência por Richard, e Henri inicialmente não lhe dá lugar em seus projetos de partilha. Como poderia a sua situação não ter afetado o caráter do Príncipe João, privado do amor materno e das terras paternas?

Aos poucos, porém, Henrique II atribuiu-lhe domínios, como os condados de Gloucester e Cornualha, e chegou a pensar em torná-lo rei da Irlanda, com a responsabilidade de conquistá-la. Mas até os dezessete anos viveu à sombra dos irmãos e observou suas lutas internas; ele

Machine Translated by Google

constrói uma personalidade instável e confusa, cheia de contradições. Encontramos nele os traços familiares dos Plantagenêtas: energia sem limites e caráter irascível; não consegue ficar parado, nunca dorme mais de três noites no mesmo lugar e mostra impaciência na missa; seus acessos de raiva são terríveis; desconfiado, exige que lhe relatemos todos os comentários das pessoas ao seu redor sobre ele; sua tendência à crueldade é inegável e ele gosta de espetáculos sangrentos, como duelos legais. É também como um bom Plantageneta que leva uma vida sexual desenfreada; sabemos os nomes de várias de suas amantes e de seus bastardos. Adora pompa, roupas bonitas e é meticulosamente limpo, exigindo que lhe seja preparado um banho em cada cidade que frequenta; os relatos do seu guarda-roupa mencionam o “ ***supertunicam domini Regis ad surgendum de nocte6*** ”, ou seja, o seu roupão, um requinte invulgar no século XII .

Príncipe culto, lê muito. Em plena campanha militar na Normandia, em 1203, pediu que lhe fosse enviada a sua biblioteca, o que deve ter sido bastante substancial, pois as contas mencionam 43 xelins e 10 pence "para os baús e carroças que transportavam os livros do rei para além-mar7 " . Ele não é desprovido de senso político e trabalha assiduamente nos assuntos de Estado; ele garante o respeito pela justiça, preocupação que talvez deva ao jurista Ranulph Glanvill, que foi um de seus tutores: “Nossa paz deve ser preservada inviolavelmente, mesmo para um cachorro”, teria declarado. Ele foi bastante liberal e generoso em suas doações para igrejas e abadias, e deu muitas esmolas. Este homenzinho de 1,60 m, como pudemos constatar durante a abertura do seu túmulo em 1797, não é desprovido de força física e de coragem, e se as suas guerras foram infelizes, deve-o sobretudo à traição daqueles que o rodeavam. O apelido de “espada molle” (mollegladium) que lhe foi dado por Gervais de Canterbury não é de forma alguma merecido. No geral, ele é muito mais capaz e formidável que seus irmãos Henri e Geoffroy. Para Richard, ele pode, portanto, constituir um perigo real se as circunstâncias forem adequadas. Mal se livrou do irmão mais velho, Richard agora deve ter cuidado com o irmão mais novo, a quem até então prestava po

Henrique II e seus filhos: o problema insolúvel da partilha (1183-1185)

E a ameaça ficou clara no dia de São Miguel de 1183, quando Henrique II convocou Ricardo e João à Normandia para anunciar a decisão.

Machine Translated by Google

seguinte: Ricardo terá que ceder a Aquitânia a João, que lhe prestará homenagem pelo ducado. Richard pede dois ou três dias de reflexão para consultar as pessoas ao seu redor e durante a noite foge em direção a Poitou. A partir daí, ele envia sua resposta ao pai: é um não categórico, não se trata de ele ceder a Aquitânia.

Resposta compreensível. Durante vários anos, Richard dedicou toda a sua energia à pacificação da Aquitânia. Ele destruiu dezenas de castelos ali; reprimiu várias revoltas, de Angoumois a Limousin e de Saintonge a Béarn; ele criou ali fortes inimizades e inimigos mortais e não quer romper esses laços. Na Aquitânia ele está em casa; é herança da sua mãe e é a sua residência preferida, nomeadamente no Château de Talmont, na Vendée. Desde a morte de Henrique, o Jovem, ele passou novamente o verão devastando as terras rebeldes, tomando em sete dias o castelo de Hautefort, que Bertran de Born disputava com seu irmão Constantino, e devolvendo-o a este último, apoderando-se então das fortalezas de o conde de Périgord, na companhia de seu amigo, o rei Afonso de Aragão, que retornou ao seu reino com uma bela soma em dinheiro dada por Henrique II em agradecimento pelos seus serviços.

Não há dúvida de que há também outra razão por trás da recusa de Richard. Ceder a Aquitânia significaria assumir o papel de Henrique, o Jovem, que fora rei sem reino. Pelo menos Henry detinha o título, que seu pai nem sequer ofereceu a Richard. Este último, se cedesse a Aquitânia, teria portanto apenas o estatuto de provável sucessor do reino de Inglaterra e do ducado da Normandia, sem qualquer poder real, enquanto na Aquitânia ele é o verdadeiro senhor, quase independente. E então, se João se tornar Duque da Aquitânia e lhe prestar homenagem, isso equivale a confirmar o facto de que a Aquitânia depende agora definitivamente do Império Angevino, e não é mais senão um sub-feudo do Rei de França, que é contra a vontade de Eleanor e Richard.

Para Henrique II, esta recusa é ainda mais desagradável porque agora ele é assediado por pedidos de Filipe Augusto sobre o destino de suas duas irmãs: Alice, cujo casamento com Ricardo é constantemente adiado, e Marguerite, agora viúva de 'Henrique, o Jovem. O rei da França solicita que o dote deste último, Gisors e do normando Vexin, lhe seja devolvido.
Os dois reis se reuniram em 6 de dezembro de 1183 entre Gisors e Trie, e concluíram o seguinte acordo: Henrique pagaria uma pensão anual de 2.700 libras a Marguerite, e poderia ficar com o Vexin, com a condição de entregá-lo ao de seus filhos, que se casarão com Alice, fórmula que deixa dúvidas sobre a identidade do escolhido. Até agora, Alice estava reservada para Richard; pareceria, portanto, que Henrique II estava considerando a possibilidade de casá-la com João.

Machine Translated by Google

Ricardo, que até agora não demonstrou vontade de se casar com sua noiva, sem dúvida não veria problema, mas se estiver disposto a ceder Alice, ainda não quer ceder a Aquitânia, apesar dos repetidos pedidos de seu pai durante o inverno de 1183- 1184. Furioso com esta resistência, Henrique, num acesso de raiva, pediu a João que reunisse um exército e invadisse o ducado. Ameaça vã: João não tem exército, enquanto Ricardo, que esperava esta iniciativa, fortificou seus castelos e reuniu forças significativas. Se o precioso Guilherme, o Marechal, que serviu tão bem a seu irmão, não estiver disponível, porque passou pelo Hotel Henri's e está partindo para a Terra Santa em cumprimento de seu voto de cruzada e para fazer um pouco esquecido depois de seus problemas legais. Margarida, não faltavam cavaleiros dispostos a servir o duque da Aquitânia em troca de certas recompensas. Ricardo, que passou o Natal de 1183 em seu castelo de Talmont, foi generoso e reuniu um bom número de senhores para sua causa. Mas ele confia mais nos mercenários, e é aí que contrata o famoso Mercadier e seu bando de caminhoneiros, que o seguirão até sua morte. Tal lealdade por parte de um líder mercenário durante um período tão longo, quinze anos, é excepcional e se deve, sem dúvida, a algo mais do que apenas o salário. Provavelmente se estabeleceu uma verdadeira amizade entre os dois homens, o que levou Mercadier a dizer em 1196: “Lutei por ele com lealdade e coragem, nunca me opondo à sua vontade, rápido em obedecer às suas ordens; como resultado do seu serviço, ganhei a sua estima e fui colocado no comando do seu exército8.

– » Além da estima, ganhou também o castelo de Beynac na Dordonha, confiscado de Adhémar de Beynac. Mercadier foi um recruta escolhido: em fevereiro de 1184, saqueou a pequena cidade de Excideuil, que estava sob o controle do eterno rebelde Aimar de Limoges. Richard está, portanto, pronto para enfrentar um possível ataque de seu irmão Jean.

Isso não ocorreu até junho de 1184, quando Henrique II retornou à Inglaterra. Jean e Geoffroy lideraram alguns ataques em Poitou, enquanto Richard respondeu com ataques na Bretanha durante o verão.
O pai então os convoca à Inglaterra para tentar encontrar uma solução. Obviamente, através dos relatos dos acontecimentos dos cronistas, percebemos que ele está hesitante. Várias opções estão sendo consideradas: substituir Richard por Jean? por Geoffroy? Por que consideramos por um momento casar Ricardo com uma filha do imperador, uma ideia rapidamente abandonada porque a princesa em questão, cuja identidade nem sequer sabemos, morre prematuramente? Por que Henrique II enviou Geoffroy para a Normandia “para mantê-la sob sua guarda” [9] – ? Por que ele planeja confiar a Jean uma expedição à Irlanda? Por que ele decide conceder

Machine Translated by Google

mais liberdade para sua esposa Eleanor? Em dezembro de 1184, uma reconciliação superficial – mais uma – ocorreu em Westminster entre o pai e os três filhos, mas basicamente nada foi resolvido, e a partir de janeiro de 1185 Ricardo retornou à Aquitânia e retomou as escaramuças contra Geoffroy.

Em abril, Henrique II ficou furioso novamente e, escreve Roger de Howden, "ele reuniu um grande exército para lutar contra seu filho Ricardo, que fortificou Poitou contra ele e fez guerra contra seu irmão Geoffrey apesar de sua proibição10". Então o rei tira uma nova carta da manga: sua esposa Leonor da Aquitânia. Ele sabe que ela é a única pessoa que seu filho rebelde ouvirá. Ele, portanto, enviou a ordem à rainha para se juntar a ele na França, e informou Ricardo “que ele deveria devolver sem demora toda a Aquitânia à rainha Eleanor, com todas as suas dependências, porque era sua herança, e que se ele se recusasse a obedecer, ele deveria tenha certeza de que sua mãe, a rainha, entraria em campo com um grande exército e devastaria suas terras. Como num passe de mágica, sem o menor protesto, Ricardo obedeceu, o Coração de Leão tornou-se o coração de um cordeiro: “Depondo as armas da malícia”, continua o cronista, “ele voltou obedientemente para seu pai e devolveu à sua mãe todos a Aquitânia com seus castelos e fortificações. »

Esta submissão brutal é surpreendente. É claro que devemos levar em conta o amor entre Richard e sua mãe, porque, escreve Ralph de Diceto, “em todas as coisas ele se esforçou para honrar o nome de sua mãe12”. Mas ainda é difícil acreditar que Ricardo Coração de Leão seja motivado apenas por uma razão sentimental e por amor filial. Na verdade, a solução encontrada pelo pai o tranquiliza: a Aquitânia nas mãos da mãe, é a garantia de que não será dada a Jean. Principalmente porque ao mesmo tempo este último foi enviado por Henrique II para conquistar a Irlanda, com o objetivo de torná-la um reino do qual seria soberano dentro da federação Plantageneta.

A águia e as águias

Este caso irlandês de 1185, que terminou num fracasso lamentável, é de facto vantajoso para Ricardo, porque realça as deficiências do seu irmão João e a sua incapacidade para assumir responsabilidades políticas e militares. É lembrado que seu pai subjugou o sudeste da Irlanda em 1171-1172. Desde então, a região foi governada por um vice-rei, Hugues de Lacy, mas Henrique II pensava desde 1177 em torná-la um reino para o seu filho mais novo. Para fazer isso, ainda era necessário esperar até que João tivesse idade suficiente para governar e que o Papa concedesse o direito de estabelecer a Irlanda como

Machine Translated by Google

reino, prerrogativa então reservada ao papado. Enquanto isso, John detinha o título de Dominus Hiberniae (Senhor da Irlanda).

Em abril de 1185, o momento parecia propício. João tem dezenove anos e torná-lo rei da Irlanda resolveria o problema da partilha das posses Plantagenetas entre os três irmãos. João está, portanto, armado como cavaleiro, e Henrique II confia-lhe a liderança de uma expedição de conquista, com 300 cavaleiros, mercenários, um fundo de guerra para pagá-los e funcionários da chancelaria para estabelecer uma administração em seu futuro reino. Certamente, o Papa Lúcio III está relutante em estabelecer a Irlanda como um reino, mas faremos sem o seu acordo, e como ele morrerá em breve, esperamos que o seu sucessor seja mais complacente.
Com efeito, o touro que cria o Reino da Irlanda, com uma coroa de ouro e penas de pavão como brasão, chegará no final do ano. Mas nesse momento o reino da Irlanda não será mais relevante: a expedição de João terminou após seis meses num completo fiasco.

Ele desembarcou em Waterford em 25 de abril, acompanhado por uma gangue de jovens e irresponsáveis festeiros que consideram a expedição um passeio exótico pelos subdesenvolvidos. Eles caíram na gargalhada ao ver os chefes locais de barbas compridas que tinham vindo recebê-los e trataram os nativos com um desprezo tão insultuoso que em poucos dias tinham os clãs unânimes contra eles: os Donnell O'Briens de Thomond, o Dermot McCarthys de Desmond, o Rory O'Conors de Connaught. O dinheiro destinado ao pagamento dos mercenários é desperdiçado em bebedeiras, tanto que os caminhoneiros, após caírem em algumas emboscadas, se dispersam. A insolência de João e dos seus companheiros exaspera a população e, em setembro, ao constatar este desastre, Henrique II chama de volta o filho, que acusa Hugues de Lacy de ser o responsável pela derrota. Suas desculpas lamentáveis não enganam ninguém, e todos podem então medir a diferença com seu irmão Ricardo, que na mesma idade já havia subjugado toda a Aquitânia. Para Henrique II, a observação é amarga. Renunciando ao seu plano de um reino irlandês, nomeou Jean de Courcy, que havia conquistado brilhantemente o Ulster alguns anos antes, vice-rei em Dublin, e foi mais uma vez confrontado com o problema insolúvel de dividir seus domí

Suas relações com os filhos são complexas e desprovidas, ao que parece, de qualquer sentimento de afeto. Henri, Geoffroy e Jean desapontaram-no profundamente com a sua incapacidade, a sua irresponsabilidade e o seu engano. O único que realmente se parece com ele, que está à altura do desafio e que tem condições de sucedê-lo é justamente Richard, o filho preferido de sua esposa, embora ela lhe seja hostil. As condições de detenção de Eleanor foram relaxadas desde 1184; ela pode receber visitas de sua filha Mathilde, agora exilada com seu marido, o duque da

Machine Translated by Google

ela foi autorizada a ingressar na corte de Windsor durante as férias; suas aparições públicas tornam-se mais frequentes; ela acompanhou o marido à França de maio de 1185 a abril de 1186 e, a partir de abril de 1185, retomou o título de duquesa da Aquitânia. Um título totalmente teórico, porém, que faz parte da manobra imaginada por Henrique II para submeter Ricardo à sua vontade, como vimos. Entre Richard e seu pai não existe carinho, mas sim medo e respeito. A resistência de Ricardo exaspera Henrique II, que, mesmo depois da derrota irlandesa de João, ainda quer acreditar que este último se acalmará e talvez se mostre digno de sucedê-lo. No entanto, sentimo-lo amargurado e desanimado durante os seus últimos anos. Isto é revelado por uma anedota contada por Gerald, o Galês. Em uma sala no Castelo de Winchester, diz ele, o rei mandou pintar uma cena estranha:

"Havia uma águia pintada, e seus quatro filhotes empoleirados nela, um em cada asa, um terceiro em suas costas, rasgando-a em pedaços. e o bico, e o quarto, que não era menor que os demais, colocado no pescoço e esperando o momento favorável para bicar os olhos. Quando um dos amigos íntimos do rei lhe perguntou o significado desta pintura, ele disse: "As quatro jovens águias são meus quatro filhos, que me perseguirão até a morte. E o mais novo, por quem agora tenho o mais terno carinho, um dia me machucará mais do que todos os outros13. — »

Qualquer que seja a autenticidade da anedota, é significativa a atmosfera familiar que reinava naquela época entre os Plantagenetas. Contudo, Henrique II ainda controla a situação; ele ainda é o soberano mais poderoso da Europa; sua arbitragem foi solicitada em conflitos principescos, entre Filipe Augusto e o Conde de Flandres, entre o Imperador Frederico Barbarossa e o Duque da Saxônia Henrique, o Leão, a quem ele até conseguiu chamar de volta do exílio por um tempo; arranjou casamentos, entre o Conde da Flandres e uma irmã do Rei de Portugal, entre o Rei da Escócia Guilherme e uma filha do Visconde de Beaumont, proporcionando mesmo as festividades no Castelo de Woodstock; ele tem boas relações com o papa e é apoiado por seu clero. O tempo de Becket acabou, e em Janeiro de 1187 o Arcebispo de Canterbury Baldwin chegou a pedir-lhe que demitisse dois legados, dizendo que "se lhes fosse permitido permanecer, isso apenas resultaria em desonra e inconveniência para o reino14". Os galeses e os escoceses ficam calados.

Supremo reconhecimento do prestígio adquirido por Henrique II: em janeiro de 1185, o Patriarca Heráclio de Jerusalém, durante uma viagem pela Europa, ofereceu-lhe a tomada da coroa do reino desta mesma Jerusalém, onde a situação era grave. O rei Balduíno IV, um leproso, é

Machine Translated by Google

morrendo ; seu sobrinho e herdeiro é apenas uma criança; Saladino ameaça a cidade. Somente um governante poderoso e temido poderia salvar o reino. No dia 29 de janeiro, em Reading, o patriarca colocou aos pés de Henrique a bandeira da cidade e as chaves da cidade, a Torre de David e o Santo Sepulcro. O assunto era suficientemente grave para que Henrique II convocasse a Londres, ao quartel-general dos Cavaleiros de São João, no dia 10 de março, os bispos e abades, os condes e barões, o rei da Escócia e seu irmão, para discuti-lo. . Depois de uma semana de debate, este Grande Conselho emitiu uma opinião muito sábia: o rei deve ficar em casa: “Parecia preferível a todos eles, e para a salvação da alma do rei, que ele governasse o seu reino com prudência e o protegesse. da intrusão de estrangeiros e inimigos externos, em vez de ir pessoalmente tentar proteger os orientais15”, relata Ralph de Diceto. O rei está lá para garantir a ordem, a justiça e a segurança nos seus estados, e não para embarcar em aventuras perigosas no Médio Oriente. Principalmente num momento em que a questão da partilha dos territórios Plantagenêt ainda não está resolvida.

O conselho do Conselho é a própria sabedoria. E Henrique II tem inteligência para segui-lo. Ele até declarou em particular a Gerald, o Galês: “Se o patriarca ou qualquer outra pessoa vier me buscar, será para seu próprio benefício, e não para nosso16. — » Pouco depois, ele falou sobre isso ao rei da França, e os dois homens prometeram dinheiro e homens ao patriarca, que ficou muito decepcionado: “Todo mundo nos oferece dinheiro”, teria dito, “mas é um príncipe que nós precisamos; preferimos um líder sem dinheiro a dinheiro sem líder17.

— »No entanto, não devemos acreditar que Henrique II seja indiferente ao destino do reino de Jerusalém. Ele compartilhava do interesse de seus contemporâneos pela cruzada, e a ideia de usar a coroa de Jerusalém já lhe havia ocorrido. Afinal, o rei Balduíno IV é um parente não muito distante, descendente do mesmo avô, o conde Foulques V de Anjou, ele próprio rei de Jerusalém de 1131 a 1143. Adquirir este título teria sido para ele o coroamento da sua carreira. Mas o momento é mau, quando a sua sucessão é incerta e os seus filhos continuam a lutar entre si e contra ele. Jerusalém esperará.

Paris, refúgio dos filhos Plantagenêt (1186-1187)

Março de 1186: Henrique II encontra Philippe Auguste mais uma vez em Gisors. A frequência dos encontros entre os reis de França e de Inglaterra no final do século XII é surpreendente: houve várias dezenas entre 1154 e 1200. A multiplicação destes contactos diretos não melhorou, no entanto, as suas relações. Desde o seu advento em 1180, o jovem

Machine Translated by Google

Philippe Auguste se dá bem com Henrique II, que teria quase a idade de ser seu avô, e que até então desempenhava com ele o papel de protetor, principalmente contra o conde de Flandres e o clã Champagne. Ele espera que em troca receba reconhecimento e boa vontade. Como ele está errado? Philippe já é um político tortuoso, um manobrista, de caráter esquivo, escorregadio como uma enguia, esquivo, e que agora é um interlocutor formidável. Até a morte de seu grande amigo Henrique, o Jovem, sua atitude foi conciliatória, pois a perspectiva de ver o insignificante Plantageneta suceder seu pai o fazia ter esperanças na possibilidade de manipulá-lo como quisesse. Desaparecida a esperança, Philippe começa a procurar pretextos para romper e a levantar questões que podem servir de moeda de troca. Durante esta reunião em Gisors, os dois reis abordam mais uma vez a dupla questão de Vexin e Alice. Chegamos ao seguinte acordo: o Vexin, que havia sido o dote de Marguerite, viúva de Henrique, o Jovem, constituirá doravante o dote de Alice, com quem Henrique II mais uma vez se compromete a casar com seu filho Ricardo. Em virtude do qual Filipe se compromete a não levantar mais esta questão “contra o rei da Inglaterra, nem contra Ricardo, seu filho, ou contra

Mas Philippe sabe bem disso: a perspectiva de um casamento entre Richard e sua irmã é menos provável do que nunca. Eles estavam noivos desde 1161, vinte e cinco anos antes, e Henrique II ainda não anunciou nenhuma data para o casamento. Os rumores sobre seu caso com sua nora em potencial estão se tornando cada vez mais insistentes. Encontramos vestígios disso em quase todas as crônicas: em Roger de Howden19 Gerald, o Galês20 Richard de Devizes21 Andreas de Marchienne, que escreve que “Henrique sempre o guardou consigo e nunca o deu a seu filho Ricardo. Muito se tem falado sobre isto, mas penso que é inapropriado incluir conversas incertas numa história verdadeira. A Chronica monasterii de Melsa afirma que Alice teve um filho com Henrique, que morreu em 1190. Até mesmo Guilherme, o Bretão, alude a isso em seus Philippidos24. De qualquer forma, manter Alice é para Henrique II uma forma de evitar que Filipe Augusto a use para outra alian

O acordo de Gisors, qualquer que fosse a sinceridade dos dois reis, também significou para Geoffrey o fim das suas esperanças de suplantar Ricardo na sucessão ao trono. Insatisfeito, juntar-se-á a Philippe Auguste em Paris, que poderá assim continuar a encenar as rivalidades entre os irmãos Plantagenêt. Ricardo, por sua vez, regressou ao Sul, e liderou uma expedição contra o Conde de Toulouse, do qual praticamente nada sabemos, o cronista Geoffroy de Vigeois, que até então nos informou sobre os assuntos do Sul, tendo falecido em 1184. Sabemos, no entanto, isso

Machine Translated by Google

Em abril conheceu o rei Afonso de Aragão em Najac, com quem renovou a sua aliança. E então, em agosto, soubemos que Geoffroy morreu em Paris durante um torneio.

Ele tinha vinte e oito anos. Casado com a Duquesa da Bretanha Constança, governou o ducado desde 1181, e apesar das deficiências do seu carácter deixou uma marca duradoura, introduzindo nesta região uma administração eficiente, nos moldes angevino e normando: uma chancelaria, com fórmulas precisas, pessoal competente liderado pelo senescal da Bretanha, poder local confiado a cinco senescais (Rennes, Nantes, Vannes, Quimper, Guingamp), que por vezes também desempenharam funções importantes noutras partes do império Plantageneta: assim Guillaume de Lanvallay, senescal de Rennes, foi guarda do Castelo de Winchester de 1172 a 1175 e juiz itinerante na Inglaterra, onde possuía propriedades significativas. Outros serviram na Normandia ou em Anjou, ilustrando o esboço de uma comunidade administrativa do império Plantageneta. O reinado de Geoffroy também permaneceu famoso na Bretanha pela primeira decisão legislativa tomada a nível do ducado, o "Assis do Conde Geoffroy", promulgada oficialmente em 1186, e regulamentando a ordem de sucessão aos feudos.

Geoffroy faz falta na Bretanha e também em Paris, onde Philippe Auguste perde um aliado que poderia tê-lo servido contra o resto da família Plantagenêt. Ele havia prometido a ele o título de senescal da França e do condado de Anjou e, em troca, Geoffroy teria prestado-lhe homenagem pela Bretanha e invadido a Normandia. Compreendemos a dor de Philippe Auguste que, segundo Gerald, o Galês, demonstrou uma tristeza teatral: “Tivemos dificuldade em impedi-lo de cair na cova25. — »

No entanto, ele não perde o senso de realidade: assim que Geoffroy é enterrado, ele reivindica, como suserano, a custódia de suas duas filhas menores e de todo o Ducado da Bretanha. Ninguém ainda sabe que a duquesa Constance, viúva de Geoffroy, está grávida: o seu marido engravidou-a no último minuto, poucos dias antes de partir para Paris, e ela dará à luz, oito meses após a morte de Geoffroy, um filho, Arthur., um filho. novo pequeno Plantageneta, muito constrangedor para todos, que acabará assassinado por seu tio Jean alguns anos depois.

Por enquanto, a questão bretã deve ser resolvida. No início de 1187, Ricardo voltou do Sul e juntou-se ao pai na Normandia, que voltava da Inglaterra. Henrique II só tem mais dois filhos e agora há poucas dúvidas de que Ricardo o sucederá, mesmo que nada oficial tenha sido decidido ainda. Durante a primavera, pai e filho encontraram-se duas vezes com o rei da França, que reivindicou Vexin, Alice e a Bretanha.

Machine Translated by Google

Não sendo possível chegar a acordo, preparámo-nos novamente para a guerra no início do Verão.

Em junho de 1187, Philippe Auguste atacou Berry com um forte exército de mercenários. A escolha é inteligente: Berry é o ponto fraco dos territórios Plantagenêt, com uma mistura inextricável de feudos que se reportam diretamente ao rei da França, ao duque da Aquitânia ou ao conde de Touraine, onde os castelões passam facilmente de um mestre para o outro. outro. Os senhores de Issoudun e Fréteval não tiveram dificuldade em abrir os seus castelos aos Capetianos, especialmente porque o senhor de Issoudun era primo do rei, Robert de Dreux. Mas do lado oposto, Ricardo e João, pela primeira vez no mesmo acampamento, trancam-se em Châteauroux, onde Philippe os sitia, e aguardam a chegada de Henrique II e seus mercenários. No dia 23 de junho, os dois exércitos ficaram frente a frente, em ordem de batalha. Momento de alta tensão, onde o menor incidente pode sinalizar uma confusão. Mas a batalha de Châteauroux não acontecerá. Por várias razões. Primeiro, lembremos que grandes batalhas campais eram extremamente raras naquela época; Filipe Augusto só entregou um em sua vida, Bouvines, em 1214, e Henrique II nenhum em trinta e cinco anos de reinado, apesar de um estado de guerra permanente. A guerra é uma sucessão de cercos, escaramuças e devastações. A batalha campal é muito arriscada. Philip e Henry não têm intenção de pôr em perigo o destino dos seus Estados numa única reunião; eles foram lá na esperança de intimidar um ao outro, na esperança de que o outro recuasse primeiro. Em sua tropa, os cavaleiros não têm mais vontade de lutar do que eles: os opostos são parentes, amigos, cada um tem posses dos dois lados. Quanto aos mercenários, desde que lhes paguemos, eles farão o que lhes for mandado, mas no geral preferem permanecer vivos. Os dois reis, porém, estão num dilema: nenhum deles quer perder prestígio cedendo. Felizmente, um legado do Papa Urbano III, Otaviano, está lá para lhes lembrar que se quiserem lutar devem ir para a Terra Santa, porque a situação lá é muito alarmante.

Portanto, como bons cristãos, discutiremos e tentaremos chegar a um acordo. Negociações difíceis. Philippe mais uma vez reivindica a custódia da Bretanha. Para obtê-lo, ele já havia ameaçado em 1186 invadir a Normandia, onde eclodiram escaramuças em Vexin, mas para Henrique II a Bretanha ficou sob o Ducado da Normandia, portanto sob ele, e ele acabara de confiar seu controle. Blundeville, conde de Chester e visconde de Avranches, a quem deu em casamento a viúva de Geoffrey, a duquesa Constança, que ainda nem deu à luz o filho do primeiro marido. E depois, há sempre as questões de Alice e Vexin, e a do condado de Toulouse: o conde Raymond, que brinca com a incerteza que reina sobre a sua vassalagem

Machine Translated by Google

em relação ao duque da Aquitânia ou ao rei da França, queixou-se a Filipe da devastação causada em 1186 em Quercy por Ricardo. Aliás, Filipe até começou a prender os súditos de Henrique que estavam em seus domínios, e Henrique respondeu com uma medida semelhante em relação aos súditos de Filipe.

Isto significa que a conclusão de um acordo está longe de ser certa. As negociações estão acirradas; ocorreu uma troca contínua de emissários entre os dois campos, e Philippe Auguste aproveitou essas reuniões para dividir a família Plantagenêt. A tarefa não é muito difícil. Seu objetivo é colocar seus dois adversários mais perigosos um contra o outro: Ricardo e seu pai Henrique II. Ele desperta as suspeitas de Richard, ao insinuar que Henry pretende dar Alice e Aquitânia a John. De acordo com Gervais de Canterbury, o rei da França até enviou o conde de Flandres para atrair Ricardo para seu acampamento, fazendo-lhe este discurso: "Muitos de nós pensamos que você está agindo de forma estúpida e irracional ao pegar em armas contra seu senhor, o rei de França. Pense no futuro: por que ele teria boa disposição com você ou atenderia às suas expectativas? Não subestime a sua juventude: pode ser jovem, mas tem maturidade de espírito, visão e determinação no que faz, atento ao mal e não esquecendo os serviços prestados. Acredite em quem tem experiência; Eu também já me opus a ele, mas depois de desperdiçar tesouros em vão, me arrependi. Quão belo e útil seria se você tivesse a graça e o favor do seu senhor26! »

O discurso é um pouco estudado demais para ser autêntico. Mas se não for tomado literalmente, expressa, no entanto, o espírito das manobras de Filipe Augusto para contornar Ricardo. E ele se deixa convencer ainda mais facilmente porque sentia desconfiança em relação ao pai e ao irmão. Com base nas negociações, tendo-se revelado impossível um acordo de paz, foi decidido concluir uma trégua de dois anos, a habitual solução fácil que permite a ambos os campos ganhar tempo para se prepararem melhor para a guerra. Depois nos separamos, mas em vez de partir com o pai, Richard acompanha Philippe a Paris: ele simplesmente muda de lado, e a partir daí, escreve Roger de Howden, “Philippe o honrou tanto que todos os dias comiam na mesma mesa, compartilhavam o mesmo prato, e à noite a cama não os separava27.”

A observação fez correr muita tinta e muitos historiadores falaram: Richard e Philippe tiveram uma relação homossexual?
Falso problema, ao qual a historiografia recente fez justiça: partilhar a mesma cama era na época um gesto relativamente banal para dois homens

Machine Translated by Google

demonstrando amizade e compreensão política, sem significado sexual. Não há mais erotismo neste gesto do que no beijo na boca que o senhor e seu vassalo se dão. As coisas seriam diferentes se fosse um homem e uma mulher. O que preocupa Henrique II não é que seu filho esteja dormindo com o rei da França, mas que agora sejam aliados. “Tanto afeto cresceu entre eles que o rei Henrique ficou alarmado e, temendo o que isso poderia levar no futuro, decidiu adiar seu retorno à Inglaterra até saber o que estava escondido em tão repentina amizade.”28, continua Roger de Howden. Durante todo o verão, ele enviou mensageiro após mensageiro pedindo a Richard que voltasse, prometendo dar-lhe o que era certo. Ricardo acaba saindo de Paris, mas em vez de se juntar ao pai, vai para Chinon, onde põe em mãos a parte do tesouro real que ali havia, e que utiliza para fortificar seus castelos na Aquitânia. Por fim, cedeu aos apelos de Henrique II, e em Angers “submeteu-se em todas as coisas ao pai e arrependeu-se de ter cedido aos maus conselhos daqueles que tentavam semear a discórdia entre eles29”. Ele lhe presta homenagem e jura pelos Evangelhos que lhe será fiel contra todos.

A chamada para a cruzada: uma trégua no conflito (final de 1187-início de 1188)

Estranhas e repentinas reviravoltas, que talvez não sejam alheias à grande notícia que chegou ao Ocidente no final de Outubro de 1187: Jerusalém tinha caído novamente nas mãos dos muçulmanos, menos de um século depois da conquista de 1099. O acontecimento relega a as brigas entre Plantageneta e Capetianos ficam em segundo plano. A catástrofe atinge a mente das pessoas, embora já fosse esperada há algum tempo. Dissemos que o patriarca, em 1185, não conseguiu convencer Henrique II a assumir a liderança de uma cruzada. Desde então, a situação continuou a deteriorar-se. O rei de Jerusalém, Balduíno IV, o leproso, morreu em 1185, e seu genro, Balduíno V, reinou apenas um ano. Após sua morte em 1186, seu sogro Guy de Lusignan o sucedeu. Líder medíocre, ao que tudo indica, e à frente de um exército desunido, sofreu um desastre militar na Batalha dos Chifres de Hattin, em 3 de julho de 1187. O exército cristão foi destruído e a Santa Cruz foi tomada pelo Os muçulmanos, liderados pelo formidável Al-Malik al-Nasir Salah ad-Din Yusuf, também conhecido como Saladino, um experiente estadista e bom diplomata que desde 1169, do Egito, tem liderado pacientemente a jihad, assumindo um por um os redutos do os latinos. Em 2 de outubro de 1187, coroamento desta reconquist

Machine Translated by Google

Voltaremos ao contexto destes acontecimentos e à situação na Terra Santa naquela época em relação à Terceira Cruzada. Consideremos por enquanto os efeitos das terríveis notícias sobre a relação entre Plantageneta e Capetianos. O Papa Urbano VIII levou o assunto a sério: sofreu um ataque cardíaco e morreu de tristeza no dia 20 de outubro. O seu sucessor, eleito no dia 29, Gregório VIII, redigiu imediatamente duas bulas, Nunquam melius e Audita tremendi, que enviou por toda a cristandade. Ali ele expressa sua consternação: “Nós e nossos irmãos estávamos cheios de tanto horror e afligidos por uma tristeza tão grande que era difícil para nós perceber o que estava acontecendo ou saber o que fazer ou dizer. » Ele imediatamente aponta os responsáveis: a culpa é sua, vocês, cristãos: “Não devemos acreditar que essas desgraças resultem da injustiça do juiz, mas sim da iniqüidade de um povo pecador… Essas desgraças já eram temíveis antes , quando Edessa e outros territórios caíram nas mãos dos pagãos; e bem poderiam ter sido evitados se as pessoas que ali viviam se tivessem então entregado à penitência e se tivessem, pela sua conversão, apaziguado a Deus, a quem ofenderam com as suas transgressões30.

— " É necessária, portanto, uma medida emergencial: não comer mais carne às quartas e sábados, e jejuar todas as sextas-feiras: "Como não temos dúvidas de que o desastre sofrido pela terra de Jerusalém, que acaba de chegar de fato da invasão de dos sarracenos, foi provocada pelos pecados dos habitantes deste país e de todo o povo cristão, ordenamos, portanto, de acordo com todos os nossos irmãos (cardeais) e com a aprovação de muitos bispos, que durante cinco anos todos os cristãos jejuem a cada Sexta-feira e não coma nenhum alimento além do permitido durante a Quaresma. »

Na Audita tremendi, Gregório VIII volta mais detalhadamente à derrota: “Aproveitando as dissensões internas que a malícia dos homens, segundo a sugestão do demônio, havia recentemente suscitado nesta terra, Saladino, à frente de uma multidão de guerreiros em armas invadiu esta região. O rei, os bispos, os Templários e os Hospitalários, os barões, os cavaleiros e o povo desta terra foram ao seu encontro, levando a Cruz do Senhor, uma Cruz que... costumava ser segurada para proteção segura e defesa necessária contra os ataques dos infiéis31.

— » Agora, foi um desastre, com muitas mortes e prisioneiros, e a Cruz caindo nas mãos dos infiéis. Como podemos explicar isso? O diabo, claro, e os nossos pecados, e em particular as guerras entre soberanos cristãos, “já que por todos os lados ouvimos falar de escândalos e dissensões entre reis e príncipes, entre vilas e cidades”.
Portanto, façamos primeiro penitência e “depois lidaremos com a ferocidade e a malícia dos nossos inimigos; e o que eles não temem

Machine Translated by Google

tentar fazer contra Deus, não hesitaremos em fazê-lo por Deus".

Segue o chamado à cruzada: "Aproveite com ação de graças este tempo que lhe é oferecido para fazer penitência e agir bem; dêem o que é seu, e depois disso, entreguem-se... Trabalhem para reconquistar esta terra de onde veio a verdade para a nossa salvação... Deus certamente poderia salvá-la somente por sua vontade, mas isso não é. diga por que agiu daquela maneira... Àqueles que, com um coração contrito e um espírito cheio de humildade, terão empreendido o trabalho desta jornada e terão morrido em penitência pelos seus pecados e com fé recta, prometemos plenária indulgência pelas suas faltas e vida eterna... Os bens daqueles que tomaram a cruz, bem como os de suas famílias, permanecerão sob a proteção da Santa Igreja Romana, dos arcebispos, dos bispos e demais prelados da Igreja de Deus , e nada do que possuam pacificamente no momento em que tomam a cruz poderá ser contestado até que haja plena certeza do seu regresso ou da sua morte… Se estiverem em dívida com alguém, não serão obrigados a pagar juros usurários32. — »

Gregório VIII não terá tempo de ver o efeito das suas bolhas. Exausto, aos oitenta e sete anos, morreu no dia 17 de dezembro, após um pontificado de um mês e meio. Seu sucessor, o valetudinário Clemente III, pegou a tocha e lançou a campanha de propaganda da cruzada.
Foi orquestrada nomeadamente pelo francês Henri d'Albano, abade de Clairvaux desde 1177, cardeal em 1179, legado em 1181, que recusou a tiara em 1187 para se dedicar exclusivamente à pregação da cruzada. Ele já se tinha distinguido pelos seus apelos à força contra a ameaça cátara em Toulouse. No seu Tractatus de peregrinante civitate Dei, ele castiga as querelas entre cristãos: "Já a cruz luta contra a cruz e o cruzado contra o cruzado33. — » Para ele o Sepulcro e a Cruz são sinais da nossa salvação, símbolos das realidades celestes, e por isso devem ser absolutamente reconquistados. Isto é o que ele proclamou durante a sua viagem de pregação na Flandres e na Alemanha durante o inverno de 1187-1188.

Richard, por outro lado, não precisa de incentivo. Assim que ouviu a notícia da captura de Jerusalém, em novembro de 1187, tomou a cruz durante uma cerimônia na catedral de Tours. É o primeiro a fazê-lo entre os príncipes europeus, como sublinham todos os cronistas de forma unânime e com admiração, "sem esperar pelos conselhos ou desejos do seu pai34", escreve Ralph de Diceto, "sem consultar o seu pai35", confirma Guillaume de Newburgh. Henrique II, quando soube desta decisão impulsiva de seu filho na Normandia, ficou furioso e recusou-se a ver alguém por vários dias36. Será que Ricardo teria —

Machine Translated by Google

perdeu a cabeça? Lançar uma cruzada enquanto você está no meio de uma crise contra o rei da França é uma verdadeira loucura: Jerusalém é boa, mas o Norman Vexin é ainda mais importante no futuro imediato, eu acho. E Philippe Auguste está igualmente furioso: partir para a cruzada, por tempo indeterminado, quando ainda não se casou com Alice, é um verdadeiro insulto da parte de Richard. Philip, imediatamente após o Natal, reúne um exército e ameaça atacar se Henry não devolver o Vexin para ele ou não forçar Richard a se casar imediatamente.

A atitude de Richard contrasta, portanto, com a dos seus sócios, Henri, Philippe e Jean, que não têm as mesmas prioridades. Enquanto estes últimos se raciocinam mais como calculadores políticos prudentes e preocupados sobretudo com o seu reino, Ricardo parece deixar-se levar pelo entusiasmo religioso. A cruzada acima de tudo. E o que é mais, ele parece sincero. As penitências teatrais que realizou em Messina, como veremos, sugerem uma tendência à exaltação do sentimento cristão, uma crença no valor salvífico do martírio na Terra Santa. Não vamos fazer dele um místico. A sua piedade baseia-se no espetacular e no supersticioso; ele não está convencido de que seu ancestral Foulques, o Negro, durante uma de suas três peregrinações a Jerusalém, enquanto se prostrava diante do Santo Sepulcro, arrancou um pedaço dele com os dentes, e que esse pedaço é a pedra que está exposta em Beaulieu Abadia, perto de Loches37? E então, para ele, a cruzada é a aventura cavalheiresca por excelência, a oportunidade de cobrir-se de glória enquanto se conquista o paraíso. Tomar Jerusalém é muito mais emocionante do que sitiar Châteauroux.

Henri e Philippe são mais pragmáticos. Pela primeira vez de acordo na condenação de Ricardo, eles se reuniram em 21 de janeiro de 1188 entre Gisors e Trie, com o objetivo de resolver sua disputa. Mas o encontro toma um rumo inesperado quando, depois de um sermão inflamado do Arcebispo de Tiro, eles se sentem obrigados a se encontrarem um a um. Apesar da sua relutância, são de facto movidos pela pressão popular: os seus súbditos não compreenderiam que estão a fugir. O entusiasmo pela cruzada espalhou-se por todos os círculos. A propaganda atingiu níveis até então desconhecidos e os pregadores utilizaram os meios mais espectaculares: “Entre outras coisas fizeram uma imagem que mostrava o Messias a ser espancado por um árabe, o rosto de Cristo – Deus o abençoe! – ensanguentados, e disseram à multidão: “Aqui está o Messias, atingido por Maomé, o profeta dos muçulmanos, que o feriu e matou38”. » Outra representação pretendia provocar indignação: uma imagem do túmulo de Cristo; “sobre o túmulo havia um cavalo, montado por um cavaleiro sarraceno, que pisou o túmulo, sobre o qual urinou. Esta imagem foi enviada

Machine Translated by Google

mercados e em locais públicos. Os sacerdotes carregavam-no resmungando: “Ah, que pena”. Desta forma reuniram um enorme exército, só Deus sabe quantos soldados. Os trovadores juntam-se aos pregadores para encorajar os homens a partirem, aqueles que não atravessam recebem roca e lã, significando que não são mais valentes que uma mulher. Logicamente, os céus juntam-se à campanha: Roger de Howden e Gervais de Canterbury asseguram que viram uma cruz emergir nas nuvens40.

Nestas condições, Henri e Philippe só conseguem acompanhar o movimento e levar a cruz, apesar da falta de entusiasmo.
Na reunião de 21 de janeiro, acertamos os sinais distintivos: cruz vermelha para os homens do Rei da França, cruz branca para os do Rei da Inglaterra, cruz verde para os do Conde de Flandres. Henrique II envia cartas ao imperador, ao rei da Hungria, ao imperador bizantino, para solicitar o direito de passagem e para preparar suprimentos. Em janeiro de 1188, ele convocou os barões do Maine, Anjou e Touraine a Le Mans para que aprovassem os regulamentos elaborados para a expedição: proibições de jogos de azar, palavrões, roupas luxuosas e mulheres., com exceção de " lavadeiras respeitáveis”. Os cruzados endividados não pagarão juros durante a cruzada. E então, você precisa de dinheiro: uma guerra, mesmo uma guerra santa, custa caro. É assim criado um imposto especial, o “dízimo de Saladino”: todos aqueles que não participarem na cruzada terão de pagar um décimo do valor de todos os seus bens e rendimentos pessoais. A enormidade da taxa contribui muito para estimular vocações entre os indecisos, mas a percepção será muito difícil. Há muita resistência contra esse tipo de tributação tão incomum. Em cada freguesia, os comissários são responsáveis pela verificação do património de todos e são impostas sanções aos fraudadores. Esses métodos inquisitoriais avant la lettre provocaram tumultos em alguns lugares, e Philippe Auguste foi forçado a abandonar a coleção, enquanto esta continuava nos Estados de Henrique II, à custa de grande impopularidade do soberano41. Os barões ingleses foram, por seu lado, informados destas medidas numa reunião em Geddington. Richard, que se juntou ao pai em Le Mans, acaba por ganhar prestígio com este caso: foi o primeiro, sozinho contra todos, a cruzar-se, e agora todos os outros devem segui-lo. Isto parece selar a reconciliação com seu pai. No final de janeiro de 1188, tudo parecia pronto para a próxima partida de uma grande cruzada.

Os pontos de disputa são colocados entre parênteses.

Machine Translated by Google

Retomada das hostilidades: Ricardo entre Filipe e Henrique (1188)

E então, de repente, tudo é cancelado e a luta entre Plantageneta e Capetianos recomeça. Na verdade, em fevereiro, a revolta eclodiu novamente em Poitou contra Ricardo, um de cujos conselheiros próximos foi morto por Geoffroy de Lusignan. A ele se juntam Adémar d'Angoulême, Geoffroy de Rancon e toda a família Taillefer. Todos esses velhos rebeldes, sem dúvida, esperam que Ricardo esteja muito ocupado se preparando para a cruzada para reagir. Se este for o seu cálculo, eles rapidamente se desenganam: mais uma vez, Richard responde com sua brutalidade habitual, tomando e destruindo castelos. Em poucas semanas a revolta foi esmagada e os líderes pediram a paz, que lhes foi concedida com a condição de partirem para a cruzada. Geoffroy de Lusignan não foi informado duas vezes: ele chegou à Terra Santa no verão de 1188.

Poitou mal tinha sido pacificado quando a situação se deteriorou no condado de Toulouse. A tensão com o conde Raymond continuou a aumentar nos últimos meses. O conde prendeu, torturou, castrou, cegou e matou mercadores de Poitevin que atravessavam o seu território, e manteve prisioneiros cavaleiros perto dos Plantagenetas, que regressavam de Compostela. De sua parte, Richard havia capturado um dos conselheiros mais próximos de Raymond, Pierre Seillan. O duque e o conde trocam ameaças e recusam-se a libertar os seus prisioneiros. Philippe Auguste fica envergonhado: Raymond é seu vassalo e, portanto, seu protegido, e Richard é seu amigo, indispensável contra Henrique. Ele tenta a mediação, que falha. Assim, na primavera de 1188, Ricardo lançou um ataque massivo em Toulouse: em poucos dias, tomou dezessete castelos, ocupou Cahors, Moissac e toda Quercy; na própria Toulouse, a população começa a se levantar contra o conde Raymond, que mais uma vez pede ajuda ao seu suserano.

Inteligentemente, Philippe Auguste responsabiliza Henri pelo ataque: você nem é capaz de conter seu filho, ele o faz dizer em substância. Chame-o de volta, caso contrário considerarei que a trégua foi quebrada, e ele avisa Richard que “será restaurado aos seus direitos e será compensado pelas suas perdas no tribunal de França42”. Henrique II tentou apaziguar o rei de França, escrevendo-lhe que “não foi por conselho seu ou seguindo o seu desejo que o seu filho tivesse cometido estas coisas, e que ele não as poderia justificar43”. Assim, Henrique II rejeita a iniciativa de Ricardo. Sem dúvida ele também está em apuros. Sua atitude não é clara, a tal ponto que alguns cronistas acreditam que ele até encorajou os inimigos de

Machine Translated by Google

Ricardo à revolta. Ralph de Diceto relata um boato segundo o qual apoiava secretamente os Lusignanos contra o seu filho, “que, por causa disso, teria se separado do pai44”. Segundo Gerald, o Galês, pai e filho discordaram sobre a organização da cruzada. Richard teria querido partir antes dos demais, mas teria pedido garantias de seus direitos à herança antes de partir, para evitar que Jean usurpasse seu lugar durante sua ausência: “Como teve que empreender uma longa e perigosa viagem, e por temendo que algo não fosse tramado contra ele enquanto ele estivesse fora, ele procurou que o rei lhe permitisse receber o juramento de lealdade dos principais vassalos do reino da Inglaterra e dos territórios ultramarinos que lhe pertenciam por direito hereditário, não obstante a lealdade devida ao pai45.

— »Diz-se que Henrique recusou, insistindo que Ricardo fosse para a cruzada ao mesmo tempo que ele. Mas em outra passagem, Geraldo nos conta que o rei da Inglaterra teria incitado as revoltas dos Lusignanos e também do conde de Toulouse para impedir que seu filho partisse para a cruzada46. A questão, portanto, não está clara.

O que se segue é ainda mais. Para tentar acalmar Filipe, Henrique II pediu a Ricardo que parasse a sua campanha em Toulouse, sem sucesso, claro. O rei da França cumpriu então a sua ameaça e, em junho de 1188, entrou na campanha em Berry, com mercenários, máquinas de cerco e sapadores, confiante de que Henrique não apoiaria o seu filho. Em 16 de junho, tomou Châteauroux, quase sem disparar um tiro, depois Busançais, Argenton, Levroux e quase toda Berry; o senhor de Vendôme jurou lealdade a ele. Só o castelo de Loches, com a sua formidável torre, resiste.

Um sucesso passageiro, no entanto. Porque Richard retornou rapidamente de Toulouse e iniciou a reconquista de Berry. Não conseguiu recapturar Châteauroux, defendido por Guillaume des Barres; as lutas são muito duras; impetuoso como sempre, Richard é até derrubado do cavalo e salvo pela intervenção de um vigoroso soldado47. Para Philippe, as coisas ficam complicadas. Ao contrário do que esperava, Henrique II preparou-se para ajudar o filho. Ele reuniu uma tropa de soldados de infantaria galeses na Inglaterra e, apesar de uma terrível tempestade, desembarcou na Normandia em 11 de julho. Ele enviou a Philippe uma delegação composta pelo arcebispo de Canterbury, pelo arcebispo de Rouen, pelo bispo de Lincoln, pelo conde de Chester, para buscar “qualquer acordo possível para o restabelecimento da paz”, diz Gervais de Canterbury. Em vão.
Henrique, portanto, reuniu suas tropas em Alençon, e Filipe enviou contra ele seu primo, o bispo de Beauvais, mais hábil no manejo da espada do que do báculo. Mas Henri quer evitar um grande encontro, e os combates na Normandia

Machine Translated by Google

limitam-se a escaramuças, enquanto Philippe ataca o castelo de Trou, perto de Vendôme, e Richard toma o de Roches, a poucos quilómetros de distância. Campanha estranha e confusa, entre adversários que fazem de tudo para se evitarem. Escusado será dizer que a cruzada já não está na agenda, mas Henrique, Ricardo e Filipe, que se comprometeram a partir juntos para retomar Jerusalém, não desejam realmente cometer o irreparável ao envolverem-se numa batalha entre cruzados. Philip, cujo exército começa a se dispersar e cujos recursos começam a se esgotar, junta-se então a Paris. O tempo de negociação voltou. Uma primeira reunião, em Gisors, em agosto de 1188, não deu em nada. Philippe sugere uma troca: ele restauraria as suas conquistas em Berry, e Richard as suas, em Toulouse, ou então permaneceríamos com o status quo. Proposta rejeitada pelos Plantagenetas. Exasperado, o rei de França fez então um gesto simbólico: mandou cortar o olmo que, na fronteira da Normandia com o domínio real, marcava o local tradicional dos encontros entre o rei e o duque.

Então, de volta à guerra. Em 30 de agosto, o exército Plantageneta avançou em direção a Mantes. Durante uma luta contra os cavaleiros franceses, Richard captura Guillaume des Barres, liberta-o em liberdade condicional, mas, violando o código de lealdade cavalheiresca, Guillaume foge. Para Richard, é um ato indescritível, e a partir de então ele perseguirá Guillaume com sua vingança. Além deste incidente anedótico, o ataque dos anglo-angevinos resultou na pilhagem e incêndio dos arredores de Mantes, após o que Richard partiu para Berry, prometendo ao seu pai servi-lo fielmente. A guerra continua, sem resultados concretos, até ao outono.

Em 7 de outubro, Henri, Richard e Philippe se encontraram novamente em Châtillon-sur-Indre, na fronteira de Touraine e Berry. Philippe novamente se oferece para devolver Berry, com a condição de que Richard devolva Quercy ao conde de Toulouse, mas também exige que Henry ceda Pacy-sur-Eure como penhor durante a troca, o que o rei da Inglaterra recusa, o que interrompe as negociações. . No entanto, surgiram divergências entre Henrique II e Ricardo, divergências que Filipe Augusto não deixou de explorar.
Richard disse que estava pronto para concordar em reconhecer a suserania de Filipe sobre a Aquitânia e o condado de Toulouse, e para se submeter ao julgamento do tribunal da França sobre suas reivindicações; ele chega ao ponto de sugerir que poderia finalmente se casar com Alice, a fim de ganhar a boa vontade de seu irmão Philippe Auguste. Por sua vez, este último alimenta as suspeitas de Richard em relação ao pai e ao irmão: por que os caminhos de Jean não se cruzaram? Não seria porque Henrique pretende dar-lhe a coroa durante a ausência de Ricardo? É assim que Gervais de Canterbury escreve que Ricardo “se reconciliou com o rei da França porque tinha ouvido falar

Machine Translated by Google

que seu pai queria privá-lo da sucessão ao trono, com a intenção, segundo rumores, de conferir a coroa real a seu filho mais novo, João. Tendo-o compreensivelmente perturbado, Ricardo esforçou-se por persuadir o rei da França, a fim de obter nele algum consolo caso seu próprio pai o traísse. A pedido de Ricardo, que pretendia esclarecer a situação, os três homens voltaram a encontrar-se, em 18 de novembro de 1188, em Bonsmoulins, na Normandia, entre Risle e Sarthe. Entrevista dramática. Henri tem a desagradável surpresa de ver seu filho chegar na companhia do rei da França, e as negociações degeneram rapidamente: conseguimos nos controlar no primeiro dia, depois passamos aos insultos e, finalmente, brigamos e ele Estamos prestes a matar-nos uns aos outros, escreve Gervais de Canterbury: “No primeiro dia eles controlaram-se suficientemente e discutiram com calma. No dia seguinte, gradualmente começaram a trocar palavras violentas. No terceiro dia, porém, eles começaram a brigar e a ameaçar uns aos outros a tal ponto que os cavaleiros que estavam ao redor agarraram suas espadas. » Parece provável que Richard e Philippe tenham concordado previamente em interpretar a comédia: Philippe propôs novamente a troca de Berry por Quercy; Richard recusa, argumentando que Quercy lhe traz 1.000 marcos, enquanto Berry não traz nada porque depende de muitos senhores. Assim, Philip se oferece para ceder Berry em troca do casamento de Richard e Alice e do juramento de todos os vassalos dos territórios Plantagenetas de serem leais a Richard como seu herdeiro. Henri, como esperado, recusa-se a permitir que sua mão seja forçada. Ricardo pede então que lhe prometa a sucessão ao trono, e diante do silêncio do pai, declara: “Agora sei que é verdade o que até então me parecia impossível, ou seja, que queremos me expulsar do poder. trono. » Com isto, ajoelha-se diante de Philippe, coloca as mãos nas suas e presta-lhe homenagem pela Normandia, Aquitânia, Anjou, Maine, Berry e pelos territórios incluídos em Toulouse, “exceto a lealdade que devia ao seu pai, o rei50” . Depois disso nos separamos, cada um segue seu caminho, após ter combinado um novo encontro em meados de janeiro de 1189.

O último ato: Ricardo, o parricida (janeiro, julho de 1189)

A ruptura entre Richard e seu pai é completa e definitiva. É improvável que Henry tenha considerado seriamente deserdar Richard. Ele

Machine Translated by Google

sabe que é o mais capaz dos seus filhos e que, sendo o mais velho, tem maior legitimidade do que João, que até então não deu nenhum sinal da sua capacidade de governar. Mas ele não quer declará-lo publicamente: a infeliz experiência de Henrique, o Jovem, mostrou-lhe quão perigoso era ter ao seu lado um herdeiro seguro da sua herança. Deixar a ameaça surgir parece-lhe uma forma de manter o controlo da situação. Talvez ele agora perceba seu erro, mas ceder sob coação significaria perder prestígio. No entanto, ele manteve a esperança de reconquistar a lealdade do filho: logo após o encontro em Bonsmoulins, ele enviou Guilherme, o Marechal, e Bertrand de Verdon em busca de Ricardo. Tarde demais. Quando chegam em Amboise, Richard já havia partido.

Henri passa o Natal em Saumur e um novo encontro está previsto para 13 de janeiro. Doente, ele teve que adiar a data duas vezes, sem deixar de enviar mensagens para o filho. Para Philippe Auguste, é uma doença diplomática, destinada a ganhar tempo. Por sua vez, Richard não acredita mais na palavra de seu pai. Henrique enviou novamente o arcebispo de Canterbury, então William Marshal, a Paris. Em vão. Ainda nos encontramos novamente na Páscoa, mas ainda sem resultado.

O legado papal Jean d'Anagni nesta época reavivou a esperança. Para salvar a cruzada, ele persuadiu os dois lados a submeterem a sua disputa à arbitragem de quatro arcebispos: dois de cada parte.
Esta conferência de última oportunidade é realizada em Pentecostes, em La Ferté Bernard, nos limites do condado de Blois. Philippe formula três exigências: o casamento de Ricardo e Alice, a garantia da sucessão real para Ricardo e a participação de Jean na cruzada. Em troca, ele se oferece para devolver os territórios que conquistou. Richard acrescenta outra condição: ele não participará da cruzada se John não o acompanhar.
Ele não tem confiança em seu irmão e não quer deixá-lo para trás para se envolver em manobras obscuras pelas suas costas51. Henrique II recusou-se a aceitar estas condições e, segundo Roger de Howden, chegou a propor que Alice se casasse com John, o que Filipe recusou52.

Então é o intervalo e avançamos para o último ato. Henrique II retira-se para Le Mans, enquanto Filipe e Ricardo aproveitam a sua presença para tomar o castelo de La Ferté-Bernard, depois Maletable, Montfort, Ballan, Beaumont. Em 12 de junho, atacaram Le Mans, cujos defensores incendiaram os subúrbios para atrasar o ataque enquanto Henry fugia para o norte. Richard sai em sua perseguição, sem sequer perder tempo vestindo sua cota de malha. Obviamente, ele quer acabar com o pai, de uma forma ou de outra. Porém, é ele quem quase morre. O episódio é narrado na História de Guilherme, o Marechal, com base no

Machine Translated by Google

memórias deste último, o que tende a ampliar o seu próprio papel. Responsável pela cobertura da retirada do rei, com alguns companheiros arma uma emboscada. Richard chega com sua escolta, sem proteção; Guillaume corre em sua direção, lança-o para frente; Richard grita para ele:

> “Pelas pernas, Deus, marechal,
> não me mate, isso seria ruim.
> Estou completamente desarmado assim.
> E o Marechal respondeu:
> — Não. Que o diabo te mate Pois
> eu não vou te matar53. — »

Então, William mata o cavalo de Richard, que cai no chão. O que dá a Henri a possibilidade de se juntar a Alençon. A partir daí, ele poderia reagrupar as forças na Normandia e contra-atacar. Em vez disso, para surpresa de todos, ele voltou, deixando seu filho ilegítimo Geoffrey continuar para o norte. Os cronistas não dão nenhuma explicação. Os historiadores acreditam que foi um ato desesperado por parte de um governante velho, doente e desgastado, que pela primeira vez desistiu de lutar e se dirigiu deliberadamente para a morte. Conseguiu chegar ao castelo de Chinon, onde permaneceu duas semanas, num estado lamentável, com as pernas comidas por bubões, rosnando de dor, arrastando-se com grande dificuldade. Em 3 de julho, Richard e Philippe capturaram Tours e, no dia seguinte, ocorreu um encontro final em Ballan, alguns quilômetros a sudoeste. Henrique II, paralisado de dor, mal consegue ficar de pé em seu cavalo; dois homens o apoiam. Richard, odioso, zomba dele e não quer acreditar em seu sofrimento: “O velho está agindo”, diz ele.

Philippe é um pouco mais compassivo e sugere que ele se sente no chão sobre um casaco. Henri responde que não foi lá para sentar e conversar, mas para ouvir o que é exigido dele. Ele ouve a leitura das exigências de Ricardo e Filipe: deve prestar homenagem a Filipe por todas as suas possessões continentais; ele terá que entregar Alice a um guardião nomeado por Ricardo, que decidirá sobre o casamento dela quando ele retornar da cruzada; ele terá que pagar a Philip uma indenização de 20.000 marcos, entregar três castelos em Anjou ou em Vexin como penhores; ele terá que pedir a todos os seus vassalos na Inglaterra e no continente que prestem juramento de vassalagem a Ricardo e o reconheçam como o legítimo herdeiro dos territórios Plantagenetas; ele terá que se encontrar com Richard e Philippe em Vézelay durante a Quaresma de 1190 para a partida da cruzada, o que, dado o seu estado de saúde, é bastante improvável. Se ele não respeitar estes termos, seus barões

Machine Translated by Google

irão transferir sua lealdade para Philippe e Richard. Henri aceita tudo. É uma rendição incondicional[54] . Depois damos um ao outro o beijo da paz entre pai e filho, mas obviamente o espírito não está presente: é um beijo de Judas de ambos os lados. Segundo Gerald, o Galês, Henrique teria aproveitado a oportunidade para escorregar no ouvido de Ricardo: "Que Deus me deixe viver até me vingar de você[55] ", e Ricardo teria tido um ataque de raiva ao relatar esse comentário a Filipe.

Henrique II retorna a Chinon numa liteira. Aí, é-lhe desferido um golpe final: é-lhe dito que o seu filho Jean, o seu favorito, a quarta águia, passou para o lado rebelde. Ele terá, portanto, sido traído pelos seus quatro filhos. Ele caiu em delírio e morreu em 6 de julho de 1189 na capela do Castelo de Chinon. Ele tinha cinquenta e seis anos e continua sendo um dos maiores reis da história inglesa.

O cadáver é despojado pelos criados, e abandonado na capela até que os dignitários decidam vesti-lo com roupas reais e escoltá-lo até à abadia de Fontevraud, onde fica exposto na igreja. Ricardo não está aqui. Ele chega ao anoitecer e, segundo Guilherme, o Marechal, que está presente, olha para o corpo, sem dizer uma palavra, com rosto impassível, ajoelha-se para uma breve oração e sai imediatamente.

Roger de Howden acrescenta um toque simbólico carregado de significado: quando Richard chega à presença do cadáver, diz ele, este começa a sangrar pelo nariz, “como se o seu espírito sentisse raiva ao vê-lo aproximar-se[56]” . A implicação é clara: Richard, se não matou o pai com as próprias mãos, é responsável pela sua morte. A alusão a um episódio do ciclo de Arthur, conhecido de todos na época, em ***Yvain*** de Chrétien de Troyes, é clara: o herói, descrito como “assassino, traidor”, pela viúva de um cavaleiro que acaba de matar , encontra-se trancado num quarto com a sua vítima, cujo cadáver começa então a sangrar[57] . Assim, simbolicamente, Richard matou seu pai e envia William, o Marechal, para libertar sua mãe. Ele tem trinta e dois anos. Começa ^{er}, Rei da Inglaterra, Duque da Normandia e Aquitânia, o reinado de Ricardo I, Conde de Anjou, Maine e Touraine.

Machine Translated by Google

VI

Rei Ricardo e seu reino

A aquisição de Richard provavelmente seria delicada. Certamente, a sua legitimidade não é contestada. Mas encontra-se numa posição embaraçosa, em pleno conflito com um pai cuja morte acaba mais ou menos de causar, na companhia do rei de França, inimigo hereditário da sua família. Nos seus próprios Estados, alguns consideram-no um traidor, até mesmo um parricida, aliado ao inimigo para combater os seus próprios vassalos. Como reagirão os seguidores de seu pai? Qual será a atitude de Filipe Augusto, de quem é agora o vassalo todo-poderoso, uma ameaça potencial ao poder capetiano? Ricardo é virtualmente desconhecido em seu reino, a Inglaterra, onde passou apenas a primeira infância e onde nem sequer fala a língua. Na Aquitânia, a sua brutalidade rendeu-lhe muito ódio e oposição. Na Normandia, Maine, Anjou, ele só ia e vinha à frente de seus mercenários. Na sua própria família, ele não pode confiar no seu irmão Jean. Por toda parte, senhores poderosos aguardavam a oportunidade de recuperar a liberdade, aproveitando as rivalidades entre Plantagenetas e Capetianos. Se quiser afirmar-se, Ricardo deve agir muito rapidamente, conquistar os seguidores do seu pai, que estão zangados com ele e que têm medo da sua vingança, limpar a sua honra, melhorar a sua imagem, reconciliar os adversários do conflito recente e afirmar-se. seu novo poder contra o rei capetiano que até então, embora sendo o mais jovem, o considerava um protegido a ser manipulado para enfraquecer os Plantagenetas. Até agora, Richard só provou ser um guerreiro excepcional e tomador de castelos. Rapidamente perceberíamos que ele era também um diplomata e um político capaz de manobrar habilmente para manter a sua reputação e conquistar a boa vontade.

Machine Translated by Google

Reunir lealdades

E começa imediatamente. Mal ele havia deixado a igreja da abadia de Fontevraud, onde jazia o corpo de seu pai, quando convocou Guilherme, o Marechal, e Maurice de Craon, dois seguidores de Henrique II. Eles estão preocupados com seu destino, principalmente o Marechal, que poucos dias antes quase matou Richard, como vimos. Seus companheiros já se preparam para o pior: “Estávamos a favor de seu pai, contra ele, ele nos terá contra seu coração”, conta-lhes a História de Guilherme, o Marechal. Este último não apenas quase matou Richard, mas também o humilhou, poupando-o voluntariamente, e o insultou, enviando-o para ser morto pelo diabo. O rei pode perdoar tal ofensa? Diante de todos ao seu redor, ele se dirige a Guillaume: “Marechal, outro dia você queria me matar, e eu teria morrido sem dúvida se não tivesse desviado sua lança do meu braço. Foi um dia ruim para você1 » William, com sua habitual franqueza, responde: “Senhor, nunca tive a intenção de matá-lo, nem tentei fazê-lo. Ainda sou forte o suficiente para enfiar uma lança. Se eu quisesse, teria golpeado diretamente seu corpo, como fiz com o do cavalo. Se eu o matei, não tenho culpa dele, nem me arrependo disso. » Então o rei, grande senhor: “Marechal, eu te perdôo. Eu nunca vou ficar com raiva de você. » Esse tipo de gesto simpático sempre compensa; rendeu a Richard elogios de um público experiente. Mas não está terminado. Ele se lembra de que seu pai havia prometido a Guilherme, o Marechal, a mão de Isabelle de Clare, a rica herdeira do condado de Pembroke e dos senhorios de Striguil, nas marchas galesas, bem como de Leinster, na Irlanda: 65 anos e meio feudos, um presente verdadeiramente real para um cavaleiro de origem humilde, e que despertou bastante ciúme. William tem cinquenta anos, a jovem tem dezessete, o que não é problema, mas devido aos acontecimentos o casamento ainda não havia sido realizado, e Isabelle estava sob guarda na Torre de Londres. Richard aproveita a oportunidade para mostrar que está fazendo melhor do que as promessas do pai: usando seu palavrão preferido, declara a Guillaume: “Pelas pernas, Deus, ele [meu pai] não fez isso, apenas prometeu fazer. Mas eu dou a ele, pela graça, com toda a herança. Richard tem a noção do gesto espetacular, que vale toda a propaganda política: a anedota vai agradar ao mundo cavalheiresco, ele Ele imediatamente envia o marechal à Inglaterra para tomar posse de sua noiva e, de passagem, em Winchester, libertar sua mãe e encarrega-la de garantir o controle do reino.

Machine Translated by Google

A viagem é pitoresca o suficiente para ser relatada na História de Guilherme, o Marechal, mesmo que o episódio seja bastante anedótico. Guillaume, acompanhado por Gilbert Pipart, galopa em direção à Normandia, cruzando em dois dias a distância entre Fontevraud e Dieppe, onde embarca com tanta pressa que a prancha do barco desaba e seu companheiro tem o braço quebrado. Ferido na perna, o marechal conseguiu agarrar-se à grade, atravessou o Canal da Mancha, passou por Winchester para cumprimentar Eleanor e anunciar sua libertação, e chegou a Londres. O cinquentão parece realmente apressado em se casar com a muito jovem Isabelle; nós entendemos isso. Mas o casamento deve ser público, e a consumação deve ser de conhecimento público, porque a família de Isabelle, descontente com esta má aliança, poderia contestar o fato e, portanto, recusar a transmissão dos 65 feudos. Por isso, seria melhor que o evento acontecesse em Gales do Sul, nas terras do Conde de Pembroke. A Grande Justiça da Inglaterra, que tem a custódia de Isabelle em Londres, inicialmente hesita em entregar a menina: é para comer no local ou para levar? Guillaume, impaciente, opta pela primeira solução. Mas, embora isso não seja estritamente essencial, seria preferível realizar o ato na cama. Felizmente, Enguerrand d'Abernon tem um, que concorda em emprestar. E é assim que Guillaume e Isabelle conseguem realizar a “cerimônia pública de acasalamento2”, e o Marechal se vê à frente de uma herança fabulosa.

Vamos fechar os parênteses. Outros seguidores de Henrique II também se uniram ao novo rei, que os perdoou sem pensar duas vezes, porque, ao servirem o seu pai, respeitavam o código de honra dos cavaleiros. É o caso de Maurice de Craon e Baudouin de Béthune, a quem Henrique II havia prometido Châteauroux e Denise de Déols. Como Ricardo também havia prometido Denise ao seu fiel André de Chauvigny, ele compensou Balduíno dando-lhe uma viúva rica, o que lhe permitiu tornar-se conde de Aumale. Por outro lado, Ranulph Glanvill teve que pagar uma enorme soma de 1.500 libras para evitar a prisão, e Étienne de Marzai (ou de Tours), senescal de Anjou na época do antigo rei, foi preso em Winchester até o pagamento de 3.000 livros. E, por exemplo, confiscou as terras de Juhel III de Mayenne, Ralph de Fougères e Guy de Vaux, que mesmo assim passaram para o seu lado, mas um pouco tarde, traindo assim o seu legítimo senhor, Henrique II. O objetivo de Richard, ao recompensar aqueles que serviram bem a seu pai e punir aqueles que o traíram, é moldar sua imagem como um homem que tem senso de honra; os cronistas assim, e são eles que fazem a reputaç

Machine Translated by Google

Assim, Roger de Howden escreve: “Ele manteve honrosamente todos os servos do rei, seu pai, que ele sabia serem leais e que serviram lealmente a seu pai, de acordo com seus méritos. Mas ele desprezava os clérigos e leigos que odiavam o seu pai e que se juntaram a ele, e estes ele demitiu das suas funções3.” Ele pretende garantir a lealdade de todos. Gerald, o Galês, é ele próprio um beneficiário desta interessada generosidade: enquanto servia Henrique II até ao fim, Ricardo leva-o ao seu serviço e envia-o imediatamente em missão ao País de Gales, onde o seu tio, Lord Rhys de Deheubarth, começa a ficar agitado4 . Ricardo também recompensa servos leais, como David de Huntingdon e Robert de Leicester, a quem devolve suas terras.

Ele ainda precisa de uma boa dose de duplicidade para se apresentar como o grande defensor da honra e da lealdade, aquele que pegou em armas contra o pai e se comportou de forma bastante odiosa nesta luta. O cronista Ralph de Diceto, ciente desta mancha, também tentou desculpá-la, escrevendo que Ricardo se redimiu dos maus-tratos infligidos ao seu pai pelas honras que confiou à sua mãe5.
Mas ele mesmo não está absolutamente convencido disso, pois quando Ricardo for feito prisioneiro, Diceto explicará que é um castigo divino purificá-lo completamente dessa culpa.

Ricardo não reúne apenas senhores e vassalos, ele também é generoso com os membros de sua família, o que é um elemento de prudência quando conhecemos a propensão dos Plantagenetas para a divisão. Ele tem dois meio-irmãos, filhos ilegítimos de Henrique II. O primeiro, Geoffroy, é um clérigo. Ele permaneceu fiel ao pai até o fim, e Henrique II fez dele seu chanceler, declarando-lhe: “Só você se comportou como meu verdadeiro filho legítimo, são meus outros filhos que são bastardos76.”
Ricardo, contra quem lutou até a morte do pai, recompensa seu comportamento leal ao elegê-lo arcebispo de York, uma posição lucrativa que permite o controle do clero do Norte. Richard desconfia dele, porque Geoffroy é ambicioso e pode ser perigoso. Violento e vingativo, como um verdadeiro Plantageneta, é um clérigo, mas recusou o sacerdócio porque isso possivelmente o impediria de alcançar uma posição civil mais importante e, porque não, o título real. Conta-se que um dia ele colocou uma tigela de ouro na cabeça e perguntou aos amigos se a coroa lhe convinha. Bastardo, certamente, mas não foi precisamente o fundador da dinastia Guilherme, o Bastardo, que se tornou o Conquistador? Geoffroy é um guerreiro, filho da puta, como era comumente chamado; aqui ele é arcebispo. Ao conferir-lhe esta posição, Ricardo obrigou-o a ser ordenado sacerdote, o que o afastou de qualquer reivindicação ao trono. Assim que assumiu o car

Machine Translated by Google

cânones de York. O outro meio-irmão ilegítimo, Guillaume, com o sugestivo apelido de “Espada Longa”, recebe generosas doações e não apresenta problemas.

O caso mais delicado é obviamente o de Jean, que corre o risco de ser uma ameaça constante e em quem não se pode confiar. O que é melhor: mantê-lo obediente através da intimidação, da força e das ameaças, ou através da sedução, da generosidade e da confiança? Richard parece hesitante, como mostram as ações contraditórias que toma em relação ao irmão. Começa por se mostrar “uma liberalidade que beira a loucura”, segundo a expressão do historiador Austin Lane Poole, como se esperasse sufocar as tentações de John sob a massa de benefícios. Já faz muito tempo que Jean era “Sem Terra”. Em 1174, ele recebeu receitas de vários castelos no domínio angevino, incluindo Nottingham e Marlborough; desde 1175 ele é conde da Cornualha; desde 1177, “Senhor da Irlanda”; agora ele recebe o condado de Mortain e se casa com Isabella, herdeira do condado de Gloucester, que traz 580 libras. Richard acrescenta vários castelos, honras e mansões na Inglaterra, incluindo a honra de Lancaster, e a soberania total sobre seis condados: Nottingham, Derby, Dorset, Somerset, Devon, Cornwall, que rendem mais de 4.000 libr Nestes territórios, que quase formam um reino dentro do reino, João é quase um soberano independente, com o seu próprio tesouro, o seu chanceler, o seu juiz, com exceção de alguns castelos, incluindo Nottingham, Tickhill, Gloucester, Exeter, Launceston. Richard conta com o reconhecimento de John, mas não demora a arrepender-se do seu gesto, e antes de partir para a cruzada faz com que John prometa não vir a Inglaterra durante três anos, uma medida em completa contradição com as anteriores, e que também será cancelado a pedido de Eleanor: Jean, que é muito mais inglês que Richard, ingressará na ilha assim que seu irmão partir para a Terra Santa e iniciará imediatamente suas travessuras.

Em sua família, o Rei Ricardo tem apenas um apoio inabalável: sua mãe, Eleanor. Com sessenta e sete anos, ela está prisioneira há quinze anos desde a morte do marido. Em Winchester, ela beneficia de um regime de semi-liberdade desde 1184, sob a supervisão de Ralph Fitz Stephen, Henry de Berneval e Ranulf Glanvill, mas a inacção pesa muito sobre esta mulher de energia invulgar. Assim que recebeu a notícia da morte de Henrique II, ela recuperou a liberdade, e seus tutores, preocupados com o próprio destino, nada fizeram para impedi-la. Além disso, quando William Marshal, enviado por Richard para libertá-la, chega à Inglaterra, ele a encontra "já entregue, em Winchester, e a maior dama de sempre". Richard confia a ele a tarefa de preparar o reino antes que ele próprio pos

Machine Translated by Google

coroação. Ela viajou pelo país, obteve o apoio dos senhores, esforçou-se para corrigir as injustiças cometidas pelos xerifes durante os últimos anos do reinado de Henrique e libertou a maioria dos prisioneiros. Os bens confiscados foram devolvidos, como os de Robert de Leicester. Eleanor torna-se propagandista de seu filho, praticamente desconhecido na Inglaterra. A abertura de prisões em particular, que liberta muitos camponeses presos por violarem as leis florestais, é uma medida muito popular, mesmo que permita que um certo número de bandidos genuínos se encontrem na selva, como escreveu William de Newburgh. Em um mês, Eleanor prepara as pessoas para receberem seu filho preferido, que deve a ela grande parte de sua popularidade. Ela também é responsável pela organização das cerimônias de coroação, marcadas para o mês de setembro.

A coroação (3 de setembro de 1189)

Antes de chegar à Inglaterra, Richard tem uma série de coisas para resolver no continente. Primeiro, ele deveria ser oficialmente reconhecido como Duque da Normandia. É o que se faz no dia 20 de julho na catedral de Rouen, onde recebe a espada ducal e o juramento de lealdade do clero e do povo do ducado. Mas o mais importante é chegar a um acordo com Philippe Auguste para estabelecer as bases das novas relações entre Plantageneta e Capetianos. A morte de Henrique II realmente mudou a situação. Richard era amigo de Philippe até então, porque os interesses deles coincidiam. A partir de agora, é ele quem ocupa o lugar do pai e deve, portanto, defender o império Plantageneta, cuja destruição continua a ser o objectivo último do rei de França. A partir daí, os seus interesses divergem e as suas relações correm o risco de se tornarem rapidamente conflituosas. Mas, ao mesmo tempo, estão obrigados pelo juramento a partir juntos para a cruzada, cujos preparativos já estão bastante avançados. E o Papa garante que o seu compromisso seja respeitado. Ricardo não pode arriscar ver o seu reino interditado desde os primeiros dias do seu reinado e, de qualquer forma, anseia por ir reconquistar Jerusalém. Ele está, portanto, condenado a chegar a um acordo com Philippe Auguste e a adiar o acerto de contas.

É por isso que no dia 22 de julho, voltando de Rouen, chegou a Gisors para discutir com o rei da França. Começa mal: a ponte de madeira do castelo desaba com o peso do cavalo e ele cai na vala. O cronista de Philippe Auguste não deixa de ver nisso um bom presságio para o seu mestre: Gisors não demorará a passar para o rei da França9. –
No momento, os dois soberanos encontraram um terreno comum: Ricardo

Machine Translated by Google

cede os seus supostos direitos sobre Auvergne; ele reitera a promessa de se casar com Alice em breve, sem no entanto definir uma data, e acrescenta 4.000 marcos aos 20.000 que seu pai havia concordado em dar a Philippe, como compensação pelas despesas de campanha. Em troca, o rei da França abandona por enquanto sua reivindicação sobre Vexin e devolve o que conquistou em Berry, com exceção de Gracay e Issoudun. Já haviam resolvido amigavelmente o problema de Tours, situada em território angevino, mas cuja catedral e abadia de Saint-Martin estão sob o controle do rei da França.

Finalmente, os dois homens renovaram o compromisso de partir para a cruzada no ano seguinte. Tendo assim garantido as costas, Ricardo pode ir à Inglaterra para sua coroação.

Ele embarcou em Barfleur em 13 de agosto. Jean o acompanha, mas pega outro barco, e os dois irmãos desembarcam em dois portos diferentes: Richard em Portsmouth e Jean em Dover. O rei quer evitar associar seu irmão ao seu triunfo? Mesmo assim, Richard é recebido com entusiasmo. Para todos, ele parecia ser o modelo dos reis, escreve o cisterciense Ralph de Coggeshall10. veio até ele. Por esta razão, primeiro o amamos muito” — “Ele falou gentilmente com todos aqueles que [11], confirmaram Gervásio de Cantuária. A campanha de sedução, já iniciada antes da sua chegada, continua com um gesto teatral: Ricardo chega acorrentado na companhia de Étienne de Tours (ou Marzai), o muito impopular senescal de Anjou: diga-se, o novo rei livrar a administração de maus conselheiros! Richard cuida de sua imagem, e com sucesso. Canções populares são compostas como boas-vindas, proclamando que “uma nova estrela em ascensão trará um tempo de prosperidade com uma mudança repentina ao nascer do sol”; alegre-se, “você vai receber a flor da cavalaria, cuja palavra tem uma verdade que vem do coração, cuja generosidade inesgotável não seca, quando deu muito, pensa que deu pouco... Ricardo de Poitou , futuro rei da Inglaterra12”. Esta “estrela da manhã” é Richard superstar, que inicia a sua marcha triunfante rumo a Londres, na companhia da sua mãe Eleanor, a quem veio buscar em Winchester.

A coroação ocorreu no domingo, 3 de setembro de 1189, na Abadia de Westminster. Roger de Howden fez uma descrição meticulosa e enfadonha, que não nos poupa detalhes do tedioso cerimonial13: antes de tudo, a interminável procissão que acompanha o soberano à abadia, e na qual notamos seis condes e seis barões da Inglaterra e da Normandia, cerca de vinte bispos, incluindo os de Bath, Lincoln, Rochester, Chester, Coutances, Rouen, Bayeux, Évreux e, claro, o arcebispo de Canterbury, Balduíno, tantos abades, quantidade de monges

Machine Translated by Google

e cânones. As personalidades mais importantes usam a insígnia real: David de Huntingdon, Robert de Leicester e John, a quem continuaremos a chamar por conveniência de "Sem Terra", têm as três espadas tradicionais na bainha de ouro; Guillaume de Mandeville, Conde de Aumale, tem a coroa de ouro; Geoffroy de Lucy, o boné real; Guilherme, o Marechal, o cetro; João, o Marechal, as esporas douradas; William Fitz Patrick, uma varinha de ouro. Chegando ao altar, Ricardo faz um triplo juramento sobre os Evangelhos: defender a paz da Igreja e do povo cristão, proibir a violência e a pilhagem, administrar a boa justiça. Depois vem o rito da unção: Ricardo é despojado de suas vestes, e o Arcebispo Balduíno o unge com óleo sagrado na cabeça, no peito e nas mãos, depois ele é vestido com vestes cerimoniais, com um véu de linho na cabeça, simbolizando a pureza de as suas intenções, um barrete, a túnica real de brocado de ouro, uma dalmática significando que a sua função é sacerdotal, um pesado manto escarlate bordado a ouro; o arcebispo lhe dá a espada; eles fixam nele as esporas douradas. O arcebispo dirigiu-se a ele com uma adulação final: “Eu te conjuro, em nome do Deus vivo, a não aceitar esta honra se não prometer cumprir inviolavelmente o seu juramento. »

Resposta: “Com a ajuda de Deus, vou mantê-lo sem fraudes. »

Para a coroação propriamente dita, é o próprio Ricardo quem pega a coroa e a entrega ao arcebispo para que ele a coloque em sua cabeça. Ele quer dizer com isso que ele só detém esta coroa de si mesmo? Ainda assim, nas coroações dos seus sucessores, será o próprio arcebispo quem tomará a coroa. Ricardo recebe então na mão direita o cetro encimado por uma cruz, na mão esquerda outro cetro encimado por uma pomba, significando que ele deve ser inspirado pelo Espírito Santo, e, desmoronando sob o peso da insígnia, pode finalmente sentar-se descer para assistir à missa.

O rei é, portanto, sagrado e, como na França, isso supostamente lhe confere um poder de cura milagroso. Roger de Howden nada nos diz sobre isso, mas a crença de fato existia desde esse período, como prova uma carta enviada por Pedro de Blois, um dos eminentes eclesiásticos da corte, aos clérigos, no final do reinado de Henrique. II: “Admito que ajudar o rei é [para um clérigo] realizar uma coisa sagrada; porque o rei é santo; ele é o Cristo do Senhor; não foi em vão que recebeu o sacramento da unção, cuja eficácia, se por acaso alguém a ignorasse ou questionasse, seria amplamente demonstrada pelo desaparecimento desta praga que ataca a virilha e pela cura de a escrófula14. » Esta última doença é bem conhecida. Por outro lado, não conhecemos a natureza desta pestis mencionada por Pierre de Blois. Também não se sabe se Richard exerceu seu

Machine Translated by Google

poder de cura, cuja primeira descrição na Inglaterra data dos Tudors. Marc Bloch pensava que o rito remontava a Henrique I no início do século XII15. er ,

Depois da coroação, as festas, também grandiosas, e para as quais compramos 900 xícaras, 1.770 jarras, 5.050 pratos16. Os Pipe Rolls, que detalham as menores despesas, também nos dizem que pagamos 35 libras pela compra de lençóis luxuosos, 7 libras e 6 centavos pelo vestido da rainha Leonor, 4 libras e 19 centavos pela capa, à qual devem ser acrescentadas peliças , vair, esquilo e peles de zibelina. Os londrinos lembrarão por muito tempo o esplendor da coroação de Ricardo Coração de Leão. Durante o banquete, os membros do clero sentam-se à mesa do rei, os condes, barões e cavaleiros em mesas separadas, respeitando a hierarquia. Toca-se uma música da qual Richard é grande fã, e entre as canções compostas para a ocasião, uma delas celebra o novo reinado como o retorno da idade de ouro:

> “A idade de ouro voltou, O
> mundo vai mudar, Os
> ricos estão abatidos,
> Os pobres estão exaltados”17.

Esse tipo de ilusão é difícil de morrer.

Richard, protetor interessado dos judeus

De qualquer forma, a era de ouro começou mal para os judeus. Durante o banquete de coroação, uma delegação da sua comunidade chega à entrada do Westminster Hall para levar presentes ao novo rei. Eles são violentamente empurrados para trás, molestados e alguns são mortos. A agitação se espalhou pela cidade durante a noite, com saques e incêndios de diversas casas. Temos duas versões dos acontecimentos: a dos cronistas cristãos, Guilherme de Newburgh, Ralph de Diceto, Roger de Howden18, que atribuem a responsabilidade aos judeus que, solicitados a manterem-se afastados, a teriam ignorado, desencadeando assim uma luta; e a de um cronista judeu, Efraim de Bonn, que escreve:

> “No ano 4950 (1189) uma calamidade foi preparada no céu para Israel, pois um rei foi chamado para reinar na terra da ilha que se chama Inglaterra.
> No dia em que ascendeu ao trono como rei e a coroa real foi colocada em sua cabeça na cidade de Londres, no palácio real que está localizado

Machine Translated by Google

fora da cidade, ali se reunira um grande povo da ilha do mar e da França. Os judeus, seus líderes e os mais afortunados entre eles também foram lá levar um presente ao rei. Homens maus começaram a dizer: “Não é apropriado que os judeus venham e vejam a coroa real que os sacerdotes e os tonsurados colocaram na sua cabeça no dia em que foi coroado rei.” Eles os afastaram e os molestaram.
O rei não sabia de nada. Espalhou-se na cidade o boato de que o rei havia decidido exterminar os judeus. Eles começaram a espancá-los e a destruir suas casas e torres. Eles mataram cerca de trinta deles. Alguns deles acabaram com a própria vida e a de seus filhos. Foi lá que o eminente Rabino Jacob de Orléans foi morto e sofreu o martírio. O rei não sabia de nada disso. Ao ouvir o barulho da multidão na cidade, perguntou: “O que significa esta comoção?” O porteiro [do palácio] tinha dito: “Não são nada além de jovens brincando e se divertindo!” Posteriormente, quando o rei soube da verdade, ordenou que o porteiro fosse amarrado ao rabo de alguns cavalos, arrastado e jogado nas ruas e becos até morrer. Ele teve uma morte terrível. Louvado seja Aquele que vinga a vingança! 19"

Todos concordam em pelo menos um ponto: Richard não teve nada a ver com o massacre. Mandou prender alguns desordeiros cristãos, três dos quais foram enforcados, e enviou cartas a todos os condados e até mesmo à Normandia e Poitou ordenando que os judeus fossem deixados em paz20. Uma comunidade judaica havia se estabelecido na Inglaterra na época da conquista normanda, vinda do continente21. A princípio bem aceita, aos poucos foi sendo objeto de hostilidade crescente devido às suas atividades financeiras, ao seu enriquecimento graças a empréstimos que colocaram muitos nobres e até comunidades religiosas à sua mercê. Começaram a circular boatos, inclusive acusações de assassinatos rituais, sendo o mais famoso deles, em 1144, o do pequeno mártir preparação Guilherme de No final da década de 1180, no clima de em Norwich22. cruzada, queixas de natureza religiosa contra os assassinos de Cristo ressurgiram nas mentes excitadas do povo, acaloradas por alguns pregadores exaltados. O menor incidente corria o risco de degenerar, e foi isso que aconteceu durante a coroação de Ricardo.

Apesar das instruções e apelos à calma lançados por este último, o movimento espalhou-se para outras cidades nas semanas e meses que se seguiram, para Lynn, Norwich, Lincoln, Stamford e especialmente York, onde em março de 1190 mais de 150 judeus morreram em particular circunstâncias dramáticas. Encorajados por um eremita fanático, uma multidão de cristãos persegue os judeus, que se refugiam no castelo.

Machine Translated by Google

Percebendo a fúria dos agressores e a impossibilidade de fuga, reproduziram o episódio de Massada: um suicídio coletivo. Efraim de Bonn relata: “Rabi Yom Tov levantou-se e matou cerca de sessenta almas com a mão. Outros fizeram o mesmo. Um implorou que seu único filho fosse massacrado... Alguns se deixaram queimar para assim proclamar a unidade do seu Criador. O número de mortos e queimados subiu para aproximadamente cento e cinquenta almas sagradas. Suas casas foram destruídas, o ouro e a prata foram saqueados, assim como os preciosos manuscritos que eles haviam escrito em grande número e que eram mais caros para eles do que o ouro e o ouro fino. Eles não tinham igual em beleza e esplendor23. Os bárbaros prometeram as suas vidas aos que se convertessem ao cristianismo, mas massacraram-nos assim que se renderam.

Na época em que essas mortes ocorreram, Richard não estava mais na Inglaterra. Ao ser informado, ordenou a punição dos culpados, mas apesar de uma investigação mal conduzida, parece que não houve sanção. A atitude de Ricardo Coração de Leão para com os judeus não é marcada por nenhum dogmatismo. Não há nele nenhum vestígio de anti-semitismo ou hostilidade religiosa. Nisso é muito diferente de Filipe Augusto, que desde o início do seu reinado inaugurou uma verdadeira política de perseguição: expulsões, confisco de terras, cancelamento de dívidas, das quais ficou com 20% para si, execução na fogueira de 80 judeus. de Brie por supostos assassinatos rituais, e seu neto Saint Louis irá ainda mais longe nesta área. Com Richard não há hostilidade de princípio; também não tem simpatia: se proíbe molestar os judeus, é porque são contribuintes interessantes, cujas riquezas podem ser tiradas se necessário: em 1194, serão obrigados a dar 5.000 marcos para contribuir para o resgate do rei, enquanto o todo a cidade de Londres contribuirá com apenas 1.500 marcos. Como escreve Simon Schwarzwuchs, “a política seguida por Ricardo Coração de Leão em relação aos judeus da Inglaterra não parece ter sido inspirada por uma ideologia muito específica. Sem dúvida ele permaneceu imbuído dos preconceitos tradicionais da tradição cristã em relação a eles, mas parece que nunca os apresentou. O seu argumento era mais prosaico: os judeus eram uma fonte de rendimento e deveriam ser considerados como tal. Era, portanto, importante garantir a sua segurança, o que ele fez após cada revolta, e encorajar, através da canalização, as suas actividades económicas24.”

As medidas tomadas contra eles durante o reinado justificam este julgamento: carta de 1190 confirmando, em troca de finanças, as disposições do reinado anterior, especificando as medidas para os judeus manterem os seus bens móveis e imóveis, o procedimento a seguir no caso de um julgamento com o

Machine Translated by Google

cristãos, e isentando-os de taxas e taxas alfandegárias; e sobretudo a carta de 1194 que regula precisamente os seus direitos de propriedade: os judeus devem registar todos os seus empréstimos, penhores recebidos, as suas terras, casas, anuidades e posses, em sete centros de registo onde os registos serão mantidos por juristas cristãos e judeus. Os contratos de empréstimo serão selados com o selo do devedor e divididos em dois seguindo o procedimento de escritura utilizado para contratos de trabalho mercenários: o pergaminho é cortado em dois seguindo uma linha dente de serra; metade fica com o devedor e a outra é colocada numa caixa comum, a archa, dotada de fechadura com três chaves. Os judeus farão um juramento para denunciar falsificadores, corretivos e cortadores de dinheiro25.

Richard, temperamento violento e impetuoso e moral questionável

Em 3 de setembro de 1189, Ricardo tornou-se oficialmente rei da Inglaterra, coroado e ungido. É hora de examinar mais de perto sua personalidade, alguns aspectos dos quais já vislumbramos.

De estatura imponente, mais alto que a média e que seus irmãos Geoffrey e Jean segundo Gerald, o Galês, é assim descrito pelo cronista Richard de Templo: “Ele era alto, bem constituído; seu cabelo era de uma cor entre o vermelho e o dourado; seus membros eram flexíveis e retos. Ele tinha braços longos, perfeitamente adequados para desembainhar a espada e manejá-la com eficácia. Suas longas pernas estavam em harmonia com o restante do corpo.» Infelizmente, estas linhas foram escritas entre 1217 e 1220, mais de quinze anos após a morte do rei, por alguém que provavelmente nunca o viu. Pareceria de facto que este atleta se tornou um pouco corpulento por volta dos quarenta anos se acreditarmos em William de Newburgh e especialmente Ralph de Coggeshall, que indica que o trabalho do cirurgião, durante a sua última lesão, foi complicado por causa do “excesso de Apesar da sua inegável força física, sofria de febres endémicas, talvez contraídas nos pântanos de Poitevin, e que o obrigavam a consultar muito os médicos. “Ele é como um leão atingido pela febre quartã”, escreve Gerald, o Galês. Por causa disso, ele treme quase continuamente, embora não de medo, e seu tremor faz o mundo tremer e temer28.

» A aparência do seu rosto é completamente desconhecida, e as descrições tentadas por alguns historiadores são mais uma reconstrução baseada na imagem romântica e fantasiosa elaborada pela lenda.

Machine Translated by Google

Inegáveis, porém, são sua força física e suas qualidades guerreiras. Ambrósio, que o viu trabalhando durante a cruzada, descreveu-o como “um gigante em batalha, encontrado em todos os lugares... Ele colhia homens como os camponeses colhem com sua foice; quem recebeu um de seus golpes não precisou de um segundo. Acreditamos na palavra dele. Bertran de Born, que quase não gosta dele, admite que ele é "valente e corajoso", um notável atirador de besta e quase invencível com uma espada na mão. Por ser um cavaleiro sem igual, seus pupilos são verdadeiros tornados, que nada pode deter, como Ambrósio muitas vezes observou: “O rei esporeou seu corcel, e iniciou o galope mais animado: atacando sem demora, veio em socorro de estes primeiros soldados. Mais rápido que uma flecha de besta, ele cavalgou conduzindo sua ousada tropa para a direita, onde desceu seu poderoso braço sobre a matilha pagã, com tanta força que eles foram surpreendidos e tiveram que recuar, sendo derrubados de suas selas. como trigo ceifado, eles jaziam no chão. E o muito corajoso rei da Inglaterra partiu em sua perseguição, perseguindo-os com tanta habilidade e coração que ao seu redor a estrada estava repleta de cadáveres sarracenos.” Além disso, ninguém se atreve a confrontá-lo: quando Filipe Augusto um dia propõe resolver a disputa com uma luta entre cinco campeões de cada campo, Ricardo aceitará com a condição de que os dois reis estejam entre os combatentes e que ele confronte pessoalmente Filipe ; este último acabará por descobrir que não é uma ideia muito boa e recusará a oferta.

Lutador impetuoso e confiante em sua força, Richard, no entanto, tem tendência a subestimar o perigo e assumir riscos imprudentes. Seu ardor já quase lhe custou a vida contra Guilherme, o Marechal, quando correu sem cota contra “o melhor cavaleiro do mundo”, o que não era muito razoável. Os cronistas árabes notarão esta falta de cautela, um sinal de inconsciência e não de coragem. Surpreendentemente, Ricardo, ao contrário de todos os cavaleiros de seu tempo, e em particular de seu irmão Henrique, não gosta de torneios e pratica muito pouca caça, exceto com um falcão para passar o tempo durante seu cativeiro. Ele aprecia pouco os esportes de lazer: gosta do risco e só sente prazer na guerra real.

Ele é violento, raivoso e impetuoso, até mesmo vingativo e cruel. Odioso para com o pai, desprovido de qualquer piedade nas batalhas, não perdoa ofensas, nem desobediências, nem negligências. Em 1196, confiou um prisioneiro francês à custódia de Robert de Ros, que o fez vigiar por um sargento; o prisioneiro escapa; Robert é multado em 1.200 marcos e o sargento é enforcado. Furioso, ele perde todo o controle de si mesmo, um dia chegando ao ponto de acumular insultos grosseiros e ameaçar

Machine Translated by Google

com uma surra no legado papal32. Versátil, a ponto de ser apelidado de Oc-e não (sim e não) por Bertran de Born, entendemos que os cronistas expressavam opiniões muito contrastantes sobre ele: “ruim para todos, pior para os amigos, e pior ainda para si mesmo”. segundo um deles, ele é “Ricardo, o Bom”, segundo outro33.

A sua generosidade e generosidade são celebradas por aqueles que dela beneficiam, o que faz com que Roger de Howden escreva que "ele deu mais num mês do que qualquer um dos seus antecessores tinha dado num ano", e Aubri des Trois-Fontaines que ele era " tão pródigo em seus dons quanto rigoroso em seus golpes34”. O seu sentido de honra é bem conhecido, e admirado até pelos seus adversários, como Guilherme, o Bretão ou Bertran de Born, que o comparam ao leão, um suposto animal nobre por excelência: “Diga a Ricardo que ele é um leão, e que para mim o rei Filipe se parece mais com um cordeiro”, escreve Bertran de Born num sirventes, acrescentando noutro: “Gosto dos modos do leão, que é orgulhoso contra os orgulhosos, mas que não é cruel com os vencidos35”, …desde que o vencido seja nobre, obviamente. Pois o sentido de honra de Ricardo pára nos limites da sua classe: quando toma Nottingham, poupa os cavaleiros e enforca todos os sargentos; quando tomou Acre, ele deixou a vida de muçulmanos de alto escalão e teve a frieza: 3.000 homens decapitados friamente. Quanto à sua generosidade para com os nobres, é claro que ocorre à custa dos contribuintes, que são impiedosamente pression

Inegavelmente, Richard tem grande força de caráter e não permite que nenhum revés em sua fortuna o desanime. Tanto amigos como inimigos admiraram a coragem e a resistência que ele demonstrou durante o seu longo cativeiro: “Nenhuma tribulação poderia afetar a serenidade deste príncipe. Suas palavras permaneceram alegres e agradáveis, suas ações fortes e corajosas, conforme o tempo, o lugar, a razão e a pessoa exigiam”, diz Ralph de Coggeshall. A sua conduta durante os momentos mais difíceis da cruzada é igualmente inflexível. Ele também não é desprovido de humor e de um certo senso de réplica, a acreditar em Gérald, o Galês, que relata que um dia o pregador Foulke de Neuilly, tendo-o acusado de ter três garotas más, orgulho, avareza e sensualidade, ele teria responderam que ele deu os três em casamento: “Dou meu orgulho aos Templários, minha avareza aos Cistercienses e minha sensualidade aos »

Beneditinos37. Falando em sensualidade, vimos que a orientação sexual de Richard tem sido alvo de debate entre os historiadores. Para muitos, o rei é homossexual, mesmo que não haja documento autêntico, nem crônica

Machine Translated by Google

não declare isso abertamente. Esta alegação baseia-se em algumas pistas que devemos recordar. Primeiro, Ricardo adiou o seu casamento o máximo possível, até aos trinta e três anos, o que é bastante invulgar para um soberano, cuja principal preocupação é garantir a sua sucessão. Para grande escândalo de Philippe Auguste, ele nunca se casará com Alice, de quem esteve noivo durante vinte anos, e não hesita em embarcar na perigosa expedição que é uma cruzada como solteiro.

É a sua mãe quem deve correr atrás dele até à Sicília para lhe trazer – quase se poderia dizer impor – Berengária de Navarra, com quem só se casará, sem entusiasmo, em Chipre. Em nove anos de casamento, ela não engravidou nenhuma vez, e não parece que Richard, muito ocupado brigando, passasse muito tempo na cama dela. Por outro lado, assistiu ao de Filipe Augusto, que Roger de Howden relata em termos ambíguos: “Ricardo, Duque da Aquitânia, ficou com Filipe, o Rei de França, que tanto o honrou que comiam todos os dias à mesma hora. mesa e do mesmo prato, e à noite não ficavam em camas separadas. E o rei da França o amava como a sua própria alma, e eles se amavam tanto que o rei da Inglaterra [Henrique II] ficou surpreso ao ver o amor que havia entre eles, e ficou atordoado38.

— » A insistência do colunista pode parecer um pouco pesada. Ele também relata outro episódio, que data de 1195, quando um eremita apostorofou Ricardo dizendo-lhe: “Lembre-se de Sodoma e abstenha-se de atos ilícitos, pois caso contrário Deus o punirá adequadamente39”, o que parece bastante claro. E o cronista acrescenta que Ricardo, adoecendo e lembrando-se das palavras do eremita, cessou por um tempo as relações ilícitas e dormiu com a esposa. No caminho para a cruzada, o rei realizou penitências espetaculares em Messina em arrependimento por “este pecado” (peccatum illud), que pode prestar-se a várias interpretações. Com base nestas pistas e noutras breves anotações como a proibição de mulheres participarem no banquete de coroação e o aparecimento de Ricardo de mãos dadas com o conde da Flandres alguns historiadores foram levados a conclusões talvez precipitadas como Rapin de Thoyras que, na sua monumental História da Inglaterra, em 1749, escreveu que Philippe Auguste seduziu literalmente Richard: “Deu-lhe um acolhimento que lhe pareceu muito cordial, a ponto de o deitar com ele na mesma cama. Essas carícias afetaram rapidamente a mente do príncipe inglês, que não suspeitou do motivo. Em pouco tempo desenvolveu um afeto tão forte por Filipe que lhe confidenciou todas as razões pelas quais acreditava estar insatisfeito com o rei, seu pai40.

— » Fingindo “entrar nos seus interesses com bastante antecedência”, insiste fortemente o historiador, Philippe empurra Richard contra o seu pai, cujas “suspeitas não eram

Machine Translated by Google

infundado". A homossexualidade de Richard também é considerada um fato comprovado por JH Harvey, que denuncia "a conspiração de silêncio que cerca o herói popular Richard41", bem como pela biografia do rei da Inglaterra de James Brundage42, e por aquela que dedica Philip Henderson para ele, para quem, se "o casamento de Ricardo não gerou filho, é porque não houve casamento43", pelo menos não houve consumação. Mesmo John Boswell, no seu clássico estudo sobre a homossexualidade na Idade Média, não questiona o do rei Ricardo, escrevendo que "é difícil contestar a unanimidade e a equanimidade com que os cronistas aludem à "orientação sexual de Ricardo Coração de Leão"44. . Ele também observa que a questão não pareceu perturbar indevidamente os teólogos da época, que dificilmente abordavam o assunto. A última obra até agora que condenou violentamente a sodomia remonta a um século e meio: foi o Liber Gomorrhianus de Pedro Damião, em 1049, dedicado ao Papa Leão IX, que pouco se impressionou com ela. É preciso dizer que é no clero que encontramos a maior proporção de homossexuais.

Então, Richard era um deles? O seu biógrafo mais recente, John Gillingham, é mais cauteloso: "Simplesmente não sabemos", escreve, e recorda que Richard foi várias vezes acusado de atacar mais as mulheres, durante as suas campanhas de pacificação na Aquitânia, pelo Bispo Hugh de Lincoln, de Adam de Eynsham, que um relato do século XIII o atribui a um caso com uma freira de Fontevraud, outro com a filha de um rei alemão, e que "há certos indícios de adultério45". Quanto aos sinais de afeto entre os homens mencionados acima, Gillingham observa que faziam parte dos gestos comuns de amizade masculina no século XIII. Em suma, nada muito conclusivo de uma forma ou de outra.

Ricardo, rei culto, corajoso e piedoso

O retrato intelectual e espiritual baseia-se em elementos mais convincentes. Ricardo é um bruto, mas um bruto culto, o que não é tão comum entre os cavaleiros. É uma tradição na família Plantagenêt, e mesmo entre os seus antecessores anglo-normandos: não tinha Henrique I, que reinou de 1100 a 1135, apelidado de er, "Beauclerc"?
Sua filha, Mathilde, avó de Richard, era uma grande leitora, a quem havíamos dado uma edição das obras de Bernard de Chartres; marido dela,

Machine Translated by Google

O conde Geoffrey de Anjou mereceu os elogios do filósofo e teólogo Guilherme de Conches, a quem confiou a educação de seu filho Henrique, o futuro Henrique II, que se tornara um soberano muito culto. A meia-irmã de Henrique, Maria, abadessa de Shaftesbury, era provavelmente a poetisa Maria da França, cujas Lais, dedicadas ao rei Henrique, eram altamente consideradas na corte. A mãe de Ricardo, Leonor da Aquitânia, é famosa por seu papel como patrona, facilitadora e inspiradora dos círculos literários de Poitevin, em contato com os quais Ricardo cresceu. Seu irmão João, como vimos, nunca se desfez de sua biblioteca, na qual as obras de Santo Agostinho estavam ao lado das de Plínio, Pedro Lombardo e Hugo de São Vítor.

Teria sido surpreendente, portanto, se o rei Ricardo tivesse permanecido ignorante. Ele domina muito bem o latim, ainda melhor do que o Arcebispo de Cantuária, se acreditarmos em Geraldo, o Galês, que conta como um dia zombou do prelado com uma piada na língua de Cícero, que o Arcebispo não entendeu46.

— Ele é bastante eloqüente e sabe disso: por isso busca tanto entrevistas e negociações diretas, confiando no poder de suas palavras e em sua dialética. Os cronistas árabes notaram isto e os líderes muçulmanos estão cautelosos com esta conversa mansa. Também notaram o seu amor pela música: Ibn al-Athir conta que um dia pediu para ouvir canções árabes e que ficou maravilhado47.

— Admiração sincera ou lisonja diplomática? É provável que o seu prazer fosse genuíno, porque o cisterciense Ralph de Coggeshall testemunha a sua paixão pelo canto: na capela real, por vezes integrava o coro, aconselhava os clérigos e encorajava-os com a sua voz48 . Este tipo de observação trai a testemunha ocular. Ele próprio escreveu canções, muitas vezes com conteúdo político, como quando respondeu à canção que lhe foi enviada pelo Duque de Borgonha49.

— Apenas dois de seus poemas sobreviveram, embora não tenhamos certeza absoluta de que sejam de sua autoria. Um deles é bastante famoso. Teria sido composto durante os meses de cativeiro e não é desprovido de qualidades. O rei expressa ali sua tristeza, e observa com amarga ironia que seus “amigos” pouco fazem para tirá-lo dali: afirmam sua simpatia, mas dificilmente participam do pagamento do resgate:

> “Nenhum homem dirá sua razão. Mas
> fora do conforto ele pode fazer sorte.
>
> Muitos amigos, mas pobres são o presente:
> a vergonha os terá, aceite meu resgate

Machine Translated by Google

Acompanhe esses dois invernos tirados! 50"

("Nenhum prisioneiro poderá se expressar tão facilmente quanto aquele que não sofre, mas para se consolar pode fazer uma canção. Tenho muitos amigos, mas pouquíssimos presentes: que vergonha para eles se eu permanecer prisioneiro por dois invernos por causa do meu resgate.")

Ricardo Coração de Leão certamente não possui os dons literários de Charles d'Orléans, outro prisioneiro aristocrático e autor de baladas no século XV, e o qualifica como um "grande poeta", como faz Régine Pernoud, com base em obras completas que não exceder dois poemas, é no mínimo exagerado. Digamos que estes poucos versos ajudam a humanizar um pouco a imagem do formidável guerreiro cujo nome, dizia-se, bastava para assustar os pequenos muçulmanos.

Richard é piedoso, nem é preciso dizer: quem não é neste momento? Mas esta é uma piedade do século XII. Claro, ele xinga muito, como todos da família. Seu palavrão preferido, mencionado em todas as crônicas, é: “Pelas pernas de Deus!” » Seu irmão João usa outras partes da anatomia divina: “Pelos dentes de Deus! ”, ou “Aos pés de Deus! » Ninguém se ofende. Sua fé é sincera e consistente com os cânones da época. Uma missa diária, durante a qual permanece um pouco mais calado que o pai, mesmo que tenda a partir antes do fim (Roger de Howden conta-nos que após a admoestação de um eremita em 1195 prometeu ficar até ao fim); alguns gestos espetaculares, como as penitências que realizou em 1190 na Sicília; mas ele não é um místico. A sua piedade é a de um cavaleiro: impele-o à acção, isto é, ao extermínio dos infiéis. Seu entusiasmo pela cruzada é a ilustração mais flagrante disso.

É generoso para com a Igreja, nem sempre de forma desinteressada: se concede uma renda de 120 marcos ao capítulo geral dos Cistercienses, é porque espera orações e colaboração para a divulgação das suas decisões. Ralph, o abade do mosteiro cisterciense de Coggeshall, em Essex, será um dos seus mais ardorosos propagandistas, e outros eminentes membros desta ordem, como Aubri des Trois-Fontaines e Césaire de Heisterbach, verão nele um modelo cristão51 .

Seu capelão é cisterciense e ele parece ter uma fraqueza por esta ordem. No primeiro ano de seu reinado, fundou duas abadias cistercienses: Caronte, em Charente (alvará de 8 de maio de 1190), Bonport, na Normandia (agosto de 1189), às margens do Eure. No mesmo ano, entregou a igreja de Scarborough e suas receitas à ordem de Cîteaux, e uma de suas últimas decisões foi a favor da abadia de Savigny, em Cotentin.

Machine Translated by Google

(11 de março de 1199)52. Seu primeiro ato como rei, dois dias após a coroação, foi uma carta confirmando a propriedade da abadia de Bec-Hellouin (5 de setembro de 1189), e durante seu reinado ele também fundou uma abadia premonstratense em Lieu-Dieu-en-Jard e um convento beneditino em Gourfailles, na Vendéia, e fez inúmeras doações.

As relações de Ricardo com seu clero eram boas. É preciso dizer que ele supervisiona pessoalmente as nomeações dos abades e dos bispos para garantir a supervisão dos fiéis. Mesmo durante o seu cativeiro, candidatos a importantes benefícios eclesiásticos vinham pedir a sua autorização. As Constituições de Clarendon dão-lhe poder quase total para eleger seus candidatos. Prevêem, de facto, que «em caso de vaga num arcebispado, num bispado, numa abadia ou num priorado dependente do rei... quando se trata de encher a igreja, o senhor rei deve enviar os principais dignitários desta igreja e a eleição deverá ser feita na capela do senhor rei, com o consentimento do senhor rei e o conselho das personagens do reino que ele terá chamado para esse fim. E lá, o escolhido prestará homenagem e lealdade ao senhor rei como ao seu senhor feudal com sua vida e seus membros e sua honra terrena, exceto sua ordem, antes de ser consagrado. Da mesma forma, as Constituições asseguram a supremacia dos tribunais eclesiásticos nos julgamentos relativos aos clérigos: “Os clérigos acusados de qualquer delito, avisados pelo juiz do rei, comparecerão ao seu tribunal, para responder pelo que parecer no tribunal do rei que devem responda aí; de tal forma que julgo que o rei mandará ver no tribunal da Santa Igreja como será tratado o assunto. E, se o clérigo estiver convencido ou tiver confessado, a Igreja não deve mais protegê-lo. »

Nestas condições, não é surpreendente notar que o clero está totalmente sujeito ao poder real, a começar pelos chefes da Igreja inglesa. Não haverá caso Becket durante o reinado de Ricardo; o arcebispo de York é seu meio-irmão Geoffrey, sob estreita vigilância, e o de Canterbury é o cisterciense Balduíno, de Ford, que é um fiel. No início de seu reinado, o rei interveio pessoalmente para resolver um conflito entre o arcebispo e os monges da Igreja de Cristo em Canterbury, que já durava anos. Gervais de Canterbury, um dos atores, deixou um relato detalhado, que destaca as qualidades diplomáticas de Ricardo, sua habilidade oratória e seu desejo de resolver os assuntos internos do clero sem intervenção externa (de Roma).

A disputa é em si insignificante, como todas as disputas eclesiásticas: Baldwin quer fundar uma igreja colegiada em Hackington e nomear Roger Norreys como prior da Igreja de Cristo; os monges não querem esta colegiada que concorra com eles, e este prior com quem eles

Machine Translated by Google

considerado um traidor. O caso arrastava-se pelo menos desde 1186 e, na altura da coroação, ameaçava degenerar. O papa, Clemente III, enviou então um legado, João de Anagni, para arbitrar o conflito. Ricardo o proibiu de ir além de Dover, e ele foi pessoalmente com sua corte e sua mãe para Canterbury no final de novembro de 1189, três meses após a coroação.
Durante todo o dia, ele desempenhou o papel de intermediário, indo e voltando várias vezes entre os monges e o arcebispo, e desenvolveu uma reviravolta que satisfez a todos: fez com que o arcebispo de Rouen anunciasse que os monges deveriam se submeter às decisões do Arcebispo. de Canterbury e peça perdão; sob coação, eles obedecem; então, o bispo de Rochester disse-lhes que o arcebispo havia decidido renunciar à colegiada e demitir o prior; e agora, disse ele, “vamos à igreja cantar um Te Deum e trocar o beijo da paz.”53 Todos se beneficiam: o arcebispo afirmou sua autoridade, os monges obtiveram satisfação e o rei desempenhou o papel de Salomão e resolveu em um dia um problema que já existia há pelo menos cinco anos.

Para Ricardo, a lealdade dos bispos era ainda mais essencial à medida que ele recrutava entre eles os membros da sua administração. Mais do que dignitários eclesiásticos, vê neles pessoal político competente e tanto mais essencial quanto não existe formação jurídica profissional para leigos. É revelador que em meados de setembro de 1189, poucos dias após a coroação, no primeiro Grande Conselho que realizou na Abadia de Pipewell, perto de Corby, Northamptonshire, ele nomeou quatro novos membros, que são quatro bispos da corte: Godfrey de Lucy , bispo de Winchester, Richard Fitz Neal, bispo de Londres, William Longchamp, bispo de Ely, Hubert Walter, bispo de Salisbury. Hugues du Puiset, bispo de Durham, divide com Guillaume de Mandeville, conde de Aumale, o cargo de grande juiz, no lugar de Ranulph Glanvill, que é demitido.

Richard está constantemente cercado por bispos. Uma anedota contada por Adam de Eynsham ilustra bem este facto e pretende ao mesmo tempo mostrar a piedade, a sabedoria e a bondade do rei. A cena se passa durante o último ano do reinado. Richard assiste à missa da festa de Santo Agostinho na capela de Château-Gaillard; ele está cercado por dois arcebispos e cinco bispos, incluindo, ao pé do trono, Philippe de Poitou, bispo de Durham desde 1197, ex-escrivão da câmara do rei, que participou da cruzada, e Eustace, bispo de Ely desde 1198 , guardião dos selos do rei desde 1194. O bispo de Lincoln, Hugh, pessoa respeitada pela santidade de sua vida e que mais tarde seria canonizado, chegou no meio da missa para apresentar um pedido ao rei. Ele o cumprimenta, mas

Machine Translated by Google

soberano, muito piedoso, não gosta de ser incomodado durante o serviço divino; ele franze a testa e, sem dizer uma palavra, vira a cabeça. De resto, não sabemos se devemos surpreender-nos com a ousadia do bispo ou com a paciência do rei. Hugh insiste: “Ele disse-lhe: “Senhor rei, beija-me”. Mas Richard virou ainda mais a cabeça e olhou para o outro lado. Então o bispo agarrou a túnica que o rei usava no peito, sacudiu-a violentamente e repetiu: “Você deve me beijar, pois percorri um longo caminho para vir vê-lo”. O rei respondeu: “Você não merece que eu te beije”. Sacudiu-o com ainda mais força, desta vez pelo casaco, e disse com ousadia: “Tenho direito a um beijo”, acrescentando: “Beije-me”. Richard, surpreso com sua coragem e determinação, beijou-a depois de um tempo, sorrindo. » Depois da missa, o rei disse à sua comitiva: “Se os outros bispos fossem como ele, nenhum rei ousaria levantar-se contra eles54. »

A anedota é edificante, talvez um pouco bonita demais para ser literalmente autêntica, embora seja reproduzida por Gerald, o Galês. Inspirado numa cena evangélica, apresenta Ricardo em posição vantajosa, paciente, benevolente, cedendo às súplicas de um santo. Escusado será dizer que nem todos os bispos que o rodeiam são modelos de santidade. Guilherme de Newburgh castigou sua ostentação, seu amor pelo luxo e pelos prazeres mundanos. Quando visitam a sua diocese, são acompanhados por uma comitiva tão grande que os locais onde permanecem demoram anos a recuperar: numa única noite Guillaume Longchamp, bispo de Ely, e a sua tropa consomem três anos de reservas de um mosteiro55. O arquidiácono de Richmond, Yorkshire, fez a sua visita com 97 cavalos, 21 cães e 3 falcões, e o prior de Bridlington queixou-se ao Papa Inocêncio III. O Arcebispo de Cantuária, Hubert Walter, lembrou em 1200 que, segundo o Terceiro Concílio de Latrão, a comitiva de um bispo não deveria exceder trinta homens e cavalos, a de um arquidiácono, sete, e a de um arcebispo, cinquenta, com proibição em levar cães de caça e falcões.

Para Richard, as dioceses são sobretudo cargos que permitem que os membros da sua administração sejam colocados às custas da Igreja. As receitas confortáveis dos bispados são benefícios muito procurados que poupam o rei de despesas operacionais. O resultado é que os bispos estão mais ocupados servindo a monarquia do que cumprindo as suas tarefas espirituais. Em 1198, os monges de Cantuária queixaram-se a Inocêncio III de que o Arcebispo Hubert Walter, que era juiz do reino, estava negligenciando os assuntos da Igreja em favor dos do Estado. A pedido do papa, ele renunciou ao cargo de juiz, mas um ano depois foi nom

Machine Translated by Google

chanceler. Pessoal competente é muito raro para nos privarmos dos seus serviços.

Ricardo, o menos inglês dos reis da Inglaterra

Porque para administrar seus imensos territórios, Ricardo já tinha à sua disposição instituições complexas, muito mais desenvolvidas que as dos reis capetianos. O império Plantageneta que herdou na sua totalidade é constituído por territórios muito variados, com estatutos diversos. A parte essencial, a mais prestigiada, aquela que o torna igual ao rei da França, é certamente aquela que lhe dá o título de rei: a Inglaterra. No entanto, é aqui que menos reside; ele nem fala a língua, a tal ponto que se pode dizer que foi o menos inglês dos reis da Inglaterra. Em dez anos de reinado, este angevino permaneceu duas vezes em seu reino: de 13 de agosto a 12 de dezembro de 1189, e de 13 de março a meados de maio de 1194, seis meses ao todo, o que faz com que o historiador Austin diga a Lane Poole que "ele usou Inglaterra como um banco do qual ele fazia saques para financiar suas façanhas no exterior". Para seus súditos ingleses ele é um desconhecido.

No entanto, apesar da sua ausência, o reino não sofreu grandes perturbações durante o seu reinado. Isso graças à sólida administração deixada por seu pai. Beneficiou também dos progressos do pensamento político que marcaram a segunda metade do século XII e que caminharam no sentido de um reforço do prestígio real. A principal obra nesta área é o Policraticus do inglês John de Salisbury, amigo de Thomas Becket, que acabaria bispo de Chartres. Escrito em 1159 em Canterbury, este tratado afirma que a monarquia é o sistema mais adequado ao governo dos homens, devido ao pecado original. O rei deve ser forte para garantir a justiça e a paz numa sociedade de pecadores. Este rei é o chefe do corpo político, do qual os conselheiros são o coração e do qual a Igreja é a alma. O rei tem um caráter sagrado, é imagem de Deus na terra, mas permanece sujeito à Igreja, que lhe confia a espada temporal: “O príncipe é, portanto, ministro do sacerdócio; ele exerce aquela parte dos deveres sagrados que não é digna das mãos do sacerdócio. »Ele deve se esforçar para governar de acordo com a lei divina, e qualquer rebelião contra sua autoridade é um crime de lesa-majestade punível com a morte. Só se cometer pecados contra Deus é que pode ser deposto ou morto: isto é tiranicídio, cujas condições permanecem bastante vagas.

Esta concepção do poder real foi afirmada pelos conselheiros de Henrique II, que incluíam numerosos juristas. E todos acentuam o

Machine Translated by Google

caráter sagrado do rei. A fórmula “pela graça de Deus” tornou-se regular nos documentos diplomáticos, apesar da relutância da Igreja. O rei deriva seu poder diretamente de Deus, é ***rex e sacerdos,*** portanto acima da condição secular. E para o bispo de Londres Richard Fitz Nigel (ou Neal), conselheiro de Richard e autor do ***Diálogo do Tesouro (Scaccarii Dialogus),*** as decisões reais são inspiradas pelo próprio Deus, e nem precisam levar em conta a lei: “ Pode ser que os reis não examinem a lei e apenas consultem os costumes do país ou os segredos dos seus próprios corações, ou mesmo tomem uma decisão puramente arbitrária. O que fazem não deve ser discutido ou condenado pelos seus inferiores. Pois os seus corações e os movimentos dos seus corações estão nas mãos de Deus, e a causa daqueles a quem o cuidado dos súditos foi confiado pelo próprio Deus depende do julgamento divino e não do julgamento human

Ao obter do papa, em 1161, a canonização do rei anglo-saxão Eduardo, o Confessor, Henrique II aumentou ainda mais o prestígio religioso de uma monarquia à qual os poderes taumatúrgicos, desde er , Henrique I, conferiram uma auréola milagrosa. O modo de sucessão ainda não está rigorosamente estabelecido, como ilustram as hesitações de Henrique II entre os seus filhos, e a ficção da eleição, ou seja, a escolha dos grandes, mantém alguns apoiantes, mas a ascensão de Ricardo ao trono sem o o menor desafio mostra que o princípio hereditário por ordem de primogenitura está agora adquirido. A pompa da coroação e das cerimónias de coroação confirma isso e, apesar da sua ausência e do seu cativeiro, a legitimidade do rei Ricardo nunca será realmente contestada.

Uma máquina governamental bem lubrificada

Pode contar com o funcionamento de uma máquina governamental bem estabelecida, com quadros políticos competentes, de origens geográficas variadas: há mais normandos do que ingleses na administração central do reino de Inglaterra sob Ricardo I, a começar er , pelo chanceler Guillaume Longchamp. O órgão central é a ***Curia regis,*** a Corte do Rei, que nas sessões mais solenes pode reunir até mil pessoas, sendo todos vassalos diretos, barões e prelados. Para a atualidade fica reduzido a algumas dezenas de indivíduos, parentes do rei, familiares, grandes oficiais, aqueles a quem os textos chamam de Familiares , ***aulici, conciliarii.*** Nas suas duas formas, o Conselho funciona muito bem, mesmo na ausência do rei, e pode tomar decisões muito importantes. Assim, em 1191, enquanto o rei

Machine Translated by Google

está na Terra Santa, a milhares de quilómetros de distância, a assembleia de barões e prelados demite o chanceler Guillaume Longchamp, ratifica a nomeação do arcebispo de Rouen como grande juiz e confere a Jean o título honorário de regente, summus rector totius regni.

Entre os grandes oficiais de Estado, o chanceler desempenha um papel essencial, como chefe dos capelães reais e sobretudo guardião do selo real, à frente de uma equipa de secretários que formatam os actos régios segundo fórmulas de notável clareza e concisão.
Preservados em rolos de pergaminho, os Pipe Rolls, estes diplomas constituem a mais notável coleção de arquivos da Idade Média. O mordomo (dapifer ou mordomo) cuida de tudo relacionado ao cozimento e ao abastecimento. O camareiro é responsável pelo quarto do rei; o policial administra os estábulos e o pessoal externo; o marechal é responsável por manter a ordem no tribunal; o grande juiz e o tesoureiro, cujas funções são óbvias, completam a administração central, que emprega um total de várias centenas de secretários, guardas e sargentos.

Nos concelhos, o protagonista é o xerife, pivô do governo local, faz-tudo do governo régio nas províncias: à frente da administração tributária, judicial e militar, é responsável pela ordem pública, arrecada receitas, pelas quais deve apresentar-se ao Tesouro duas vezes por ano, na Páscoa e no Natal. Ele preside o tribunal de justiça do condado, mobiliza e comanda a justiça local. Com tais poderes, ele pode facilmente se transformar em um tirano local, especialmente se for um dos grandes senhores do condado, o que muitas vezes acontece. Ele tem muitas oportunidades de enriquecer, legal e ilegalmente, através de diversas extorsões. É por isso que o cargo é muito procurado e os candidatos estão dispostos a pagar somas enormes para obtê-lo: em 1201, Guilherme de Stuteville comprou o título de xerife de Yorkshire57 por 1.000 libras.

—

Como o rei está quase sempre ausente do reino, os xerifes tendem a aproveitar-se disso para se comportarem como potentados quase independentes. Já sob Henrique II, os seus abusos provocaram tais recriminações que em 1170 o rei enviou comissários para investigar no local, recolher queixas, a fim de demitir os autores dos abusos. Esta grande investigação de juízes itinerantes é o Inquérito dos Xerifes, que resulta em demissões em massa. Na verdade, estende-se muito além da comunidade dos xerifes: estende-se a todo o pessoal, tanto leigo como eclesiástico, cujos membros procuramos saber se cumprem

Machine Translated by Google

a sua função, se pagam os seus royalties e se exploram os seus cidadãos. Os resultados, centralizados, são um testemunho da eficiência administrativa de que a monarquia anglo-normanda já dava provas desde o Domesday Book de 1086, e da qual os Plantagenetas são dignos emuladores. As instruções dadas aos investigadores pedem-lhes que: “Investigai primeiro os xerifes e os seus oficiais de justiça para descobrir o que recolheram em cada cem, em cada aldeia e em cada homem desde a passagem do rei, e quem teria causado danos a a terra ou as pessoas; e o que eles perceberam nos julgamentos do condado e da centena e fora do julgamento; e colocaremos por escrito o resultado da investigação, separando o que foi percebido em julgamento e o que foi percebido fora do julgamento; e de todas as capturas, buscarão a causa e o testemunho…

“Da mesma forma, devemos procurar através de investigação, no que diz respeito a arcebispos, bispos, abades, condes, barões, vavasseurs, cavaleiros, cidadãos das cidades, burgueses e seus senescais e oficiais, quanto eles receberam em suas terras, desde a dita época, de cada uma das suas centenas, aldeias e homens, em julgamento e fora de julgamento...

“E devemos procurar através de investigação a natureza e a quantidade do que os silvicultores, os oficiais de justiça e os seus oficiais, desde o referido momento, recolheram no seu distrito, de qualquer forma e a qualquer título; e se permitissem que os direitos do rei fossem perdidos por dinheiro ou promessa ou por alguma amizade; que a investigação também cobre ofensas contra as florestas do rei e aqueles que violaram as leis sobre as suas florestas, sobre veados, corças e outros animais selvagens; e os resultados da investigação serão cuidadosamente anotados58. — »

A ênfase dada às florestas reais é obviamente explicada pelo lugar exorbitante que ocupam no reino, cobrindo quase um terço da superfície da Inglaterra. Eles forneciam ao rei receitas significativas: madeira, multas, aluguéis de terras concedidas para cultivo.

As leis florestais impõem sanções e multas consideráveis aos caçadores furtivos. A proibição formal de tocar em animais selvagens, que causam grandes danos às colheitas, é uma grave fonte de descontentamento entre os camponeses, mas os reis permanecem inflexíveis neste ponto. Até o rei Ricardo, que não era um grande caçador, mandou construir um pavilhão de caça muito elaborado na floresta de Kinver, em Staffordshire, do qual o Pipe Rolls dá uma descrição completa: num recinto de 16 estacas de comprimento, um salão de 4,80 m alto, com vários cômodos contíguos, cozinha, quarto, piscina e até prisão para caçadores furtivos59.

— É improvável que Ricardo

Machine Translated by Google

utilizou-o durante os seis meses que passou na Inglaterra, o que não impede o chanceler Richard Fitz Nigel de avaliar que a floresta é "o santuário e particular deleite dos reis, onde, longe do tumulto da corte, respiram o cheiro de liberdade natural60." A imensidão das florestas reais faz delas refúgio de bandos de bandidos que desafiam as leis florestais, dando origem a baladas populares como a de Robin Hood, Robin Hood, personagem semi-lendário, mencionado como figitivus num Pipe Roll de 1230 sobre as contas do xerife de Yorkshire61.

Há também oficiais subalternos nos condados, sargentos, que desempenham um papel importante na administração da justiça local, emitindo intimações, efectuando detenções, intervindo em disputas de aldeia e em todos os assuntos que “são da competência da lei”. , daí o nome de sargentos de paz que às vezes recebem, especialmente em Lancashire. Na ausência de uma verdadeira força policial e dada a brutalidade da moral, a criminalidade é elevada. Os juízes viajantes que visitaram Lincoln em 1202 foram confrontados com 114 casos de homicídio, 89 casos de roubo, 49 estupros e vários casos menores.

A administração da justiça foi, no entanto, uma das mais notáveis da Europa no final do século XII, e mesmo durante o reinado do rei Ricardo foram feitos progressos graças à ação de Hubert Walter, um administrador brilhante formado na comitiva de Henrique II e que foi nomeado grande juiz em 1194. Seus "Artigos do Eyre", destinados a juízes itinerantes, limitaram e esclareceram os poderes dos xerifes e criaram o cargo de legista, mesmo que o termo ainda não seja utilizado. São dirigentes eleitos nos tribunais distritais, responsáveis pela investigação de casos de morte violenta. Com um júri composto por representantes das comunidades locais, eles coletam depoimentos e preparam os autos para julgamentos. Através do sistema frankpledge, as comunidades organizam grupos de uma dezena de pessoas responsáveis pela busca e prisão de criminosos e suspeitos de atos de violência, que serão julgados pelo tribunal dos “cem” (cem), que é uma subdivisão do concelho. A acusação pode ser feita por um indivíduo e levar a uma batalha legal, mas na maioria das vezes é uma ação coletiva, um procedimento codificado pelo Assize of Clarendon em 1166 e melhorado sob o reinado de Ricardo por Hubert Walter em 1195. o decreto real redigido nesta data previa a exigência de juramento de manutenção da p

Machine Translated by Google

os sujeitos devem cooperar na busca e prisão de criminosos, durante uma operação de “grito e grito” (haro).

Juízes itinerantes viajam pelo país; eles reúnem o tribunal do condado e podem julgar todos os tipos de crimes e contravenções. O uso da prova por provação, por água ou por fogo, ainda existe, mas é cada vez menos utilizado. O sistema de júri, que remonta à época anglo-saxónica, é uma das particularidades da justiça inglesa, sendo utilizados procedimentos especiais para casos de roubo, apropriação indébita de herança, contestação de bens (novel disseisin, morte de 'ancestral, darrein presentemente).

O reinado de Ricardo também foi marcado por um uso crescente do procedimento Grand Assize: em caso de disputa sobre a propriedade de bens, em vez de recorrer a um duelo legal de campeões pagos, o réu poderia optar pelo julgamento por júri: quatro cavaleiros são selecionados, que nomeiam outros doze, que devem “declarar sob juramento qual das duas partes tem o melhor direito às terras disputadas”, escreve o jurista Ranulf Glanvill62. As atas do acordo foram então compartilhadas entre as duas partes e, a partir de 1195, uma cópia foi mantida nos arquivos do tesouro em Westminster. Uma carta datada de meados do reinado de Ricardo contém menção a 135 casos de pessoas "que usaram o procedimento do Grande Julgamento do Senhor Rei" desde a sua coroação63.

Inglaterra, fonte de renda para Richard

Ricardo, apesar de suas longas ausências, não perdeu o interesse pelo governo da Inglaterra. Assim como seu pai, mantém-se atualizado, acompanha de perto os assuntos internos, apoia as reformas de seus grandes oficiais, quando não os inspira, principalmente as do grande juiz Hubert Walter. Portanto, não é inteiramente verdade que “ele usou a Inglaterra como banco do qual fazia saques”, segundo as palavras do historiador AL Poole. A observação não é totalmente falsa, no entanto.

As receitas da monarquia inglesa são geridas pela famosa organização do Tesouro, cujo funcionamento foi perfeitamente descrito pelo tesoureiro Richard Fitz Nigel (ou Neal) no seu Dialogus de Scaccario (Diálogo do Tesouro). Este tratado, de forma educativa, apresenta-se como uma discussão entre um membro do tabuleiro de xadrez que não compreendeu bem como funciona e um especialista que responde às suas perguntas. Distinguimos um tabuleiro de xadrez baixo (inferius scaccarium), que é um tesouro, e um tabuleiro de xadrez alto (superius scaccarium), que é uma câmara

Machine Translated by Google

contas, perante as quais os xerifes vêm prestar contas duas vezes por ano e trazer os recibos em dinheiro. As contas são feitas sobre uma mesa coberta por uma folha preta quadriculada que lembra um tabuleiro de xadrez (scaccarium): este é o sistema do ábaco. As sessões do alto erário são muito solenes, com o objetivo de intimidar os xerifes. Realizam-se na presença do tesoureiro, do grande juiz, do chanceler, do marechal, de grandes figuras da Casa do Rei e de técnicos conhecidos como “barões da Fazenda”. Contamos com fichas, e os valores estão escritos nos Pipe Rolls, rolos feitos de membranas de pergaminho costuradas. São mantidos no fundo da tesouraria, sob a supervisão do tesoureiro, coadjuvado por um clérigo, dois camareiros e dois cavaleiros.

O exame destes Rolos de Cachimbo comprova isso: as contas são muito bem mantidas e as quantias enviadas ao rei no exterior são escrupulosamente anotadas.
As moedas, que constituem o tesouro, estão armazenadas no domus thesauri (casa do tesouro) em Westminster, mas também existem depositários secundários em Nottingham, Bristol, Marlborough. As contas são expressas em libras esterlinas (£), com subdivisões em xelins (s.) e pence (d.), mas também em marcos (1 marco = 13 s. 4 d.), mesmo em marcos de ouro (£6) . As moedas são centavos de prata, cunhadas em uma dúzia de casas da moeda. A qualidade deles é ruim. Durante o reinado de Ricardo, circulou a moeda de cruz curta, desenhada em 1180 pelo gravador Touraine Philippe Aimer, e copiada por várias oficinas alemãs. Os cronistas queixam-se da prática da poda (tonsuram sterlingorum).

Como em todas as monarquias medievais, supõe-se que o rei viva da renda do domínio real, conhecida como renda ordinária. A lista é longa. Trata-se, em primeiro lugar, dos rendimentos das terras da coroa, arrendadas pelos xerifes, dos rendimentos dos benefícios eclesiásticos vagos, dos lucros da justiça e, em particular, das multas extorquidas por violação das leis da floresta, dos rendimentos feudais, dos direitos de herança, guarda, casamento, assistência nos quatro casos (casamento do filho mais velho, filha mais velha, dublagem do filho mais velho, pagamento do resgate do rei), assistência feudal para isenção do serviço militar, direito de selo para cartas de confirmação, tamanhos no cidades reais. Um dos impostos mais lucrativos é o direito de scutage, exigido aos vassalos que não cumprem pessoalmente as suas obrigações militares. A primeira menção data de Henrique I percebida sete vezes, e sob Ricardo Coração de Leão torna-se regular, o que por vezes provoca oposição, como em 1198, conforme relata Roger de Howden, er. Henrique II tem que além de cronista é juiz itinerante:

Machine Translated by Google

"O rei Ricardo fez com que Hubert, arcebispo de Canterbury, solicitasse que os homens do reino da Inglaterra encontrassem para ele trezentos cavaleiros para permanecerem com ele em seu serviço por um ano, ou lhe dessem dinheiro suficiente para permitir-lhe ficar por um ano. um ano manterá em seu serviço trezentos cavaleiros, ou um pagamento de três centavos de dinheiro inglês por dia para cada cavaleiro. Enquanto todos os outros, não ousando resistir à vontade do rei, estavam prontos para fazê-lo, apenas Hugh, bispo de Lincoln, um verdadeiro fanático de Deus que se absteve de toda obra maligna, respondeu que no que lhe dizia respeito, ele não concordou com o vontade do rei, porque com o passar do tempo isso resultaria em danos para a sua igreja e os seus sucessores diriam: “Os nossos pais comeram as uvas verdes e os dentes dos filhos estão embotados.”64 »

Os rendimentos do domínio real já não eram suficientes e o recurso a empréstimos era cada vez mais frequente durante o reinado de Ricardo.
Empréstimos de mercadores estrangeiros, dos Templários, dos Hospitalários e especialmente dos Judeus. As transações ocorreram em seis ou sete cidades sob a supervisão de dois judeus e dois cristãos. Compreendemos que Ricardo estava muito descontente com os motins antijudaicos de 1189 e 1190: os judeus eram credores potenciais demasiado valiosos para serem mortos. Eles foram usados em particular para o pagamento do resgate do rei, e os métodos às vezes eram duros: foi citado o caso de um judeu de Bristol, de quem foram exigidos 10.000 marcos e de quem um dente era extraído todos os dias até o valor que ele pagava. Ele cedeu no final do sétimo65.

Além das despesas militares que oneraram o orçamento de Ricardo ao longo do reinado, duas ocasiões excepcionais justificaram a arrecadação de somas consideráveis: o dízimo de Saladino em 1188-1189, e o pagamento do resgate em 1194. O dízimo de Saladino foi recolhido inexorável e sistematicamente, e é acompanhada de uma vasta investigação destinada a avaliar a fortuna e os rendimentos de cada pessoa, bem como verificações de júris locais para verificar se “em consciência demos menos do que devíamos”, estando em causa multas.

É fácil imaginar a impopularidade do sistema. Contudo, ao contrário dos súbditos do rei de França, os ingleses estão habituados ao pagamento de um imposto regular desde a época das invasões dinamarquesas: o danegeld. Mas a renda tornou-se tão baixa (3.000 libras anuais) que Henrique II desistiu de coletá-la desde 1162. Ricardo ressuscitou esse imposto em 1194 sob o nome de carucagem ou aração, ou mesmo esconderijo, na forma de um imposto sobre a propriedade baseado em a superfície das fazendas avaliadas em arados ou peles. Seu reinado foi marcado por uma multiplicação de impostos, para a qual demonstrou imaginação

Machine Translated by Google

sem Fronteiras. Além da carucagem e do dízimo de Saladino, a scutagem passa a ser regular; em 1198, alterou o seu selo: todos os forais devem ser novamente selados com o novo selo, mediante pagamento de uma taxa, à qual se acrescenta uma taxa adicional para obter a garantia de conservação nos Rolos de Cachimbo ou nos Rolos de Carta. A criação de novos gabinetes teve também, em parte, uma motivação fiscal: foi o caso em 1194 do cargo de custódio placitum corone, guardião dos fundamentos da coroa, ou seja, legista. Este último é responsável por investigar casos de morte suspeita para determinar se se trata de acidente, homicídio ou suicídio66.

Inegavelmente, o reinado de Ricardo foi marcado por um aumento acentuado da pressão fiscal, uma fonte de impopularidade para o soberano. Roger de Howden queixou-se em 1198, escrevendo que "por estas exações, bem como por outras, justas ou injustas, todo o reino da Inglaterra, de mar a mar, foi reduzido à pobreza67". As revoltas anti-impostos são, no entanto, raras. A mais grave é a de 1~~19~~96 em Londres, liderada por um certo William Fitz Osbert, conhecido como “Barba Longa”, que criou alguns dos artesãos, aprendizes, jornaleiros das lojas londrinas. Veterano da cruzada, queixou-se ao rei na Normandia, depois, regressando a Londres, pregou a revolta com acentos escatológicos: “Eu sou o salvador dos pobres. Vocês, pobres, que sofrem com a dureza dos ricos, bebam do meu poço as águas da salvação. E alegre-se, pois o tempo da sua libertação se aproxima. Dividirei as águas e separarei os humildes dos orgulhosos e dos traidores, separarei os eleitos dos réprobos, a luz das trevas.

» O movimento degenera; um representante do Arcebispo de Canterbury, Hubert Walter, é morto. Fitz Osbert e seus amigos refugiam-se na igreja de Saint-Mary-le-Bow.
Eles foram fumados, Fitz Osbert foi esfaqueado, arrastado para a Torre amarrado ao rabo de um cavalo, trancado em uma masmorra, de onde foi retirado em 6 de abril de 1196 para esquartejá-lo, enforcá-lo e cortá-lo em pedaços. peças. O suficiente para acalmar os contribuintes recalcitrantes.

Eles não são muito numerosos. O que surpreende William de Newburgh. Observando em 1198 que os impostos eram muito mais pesados sob o reinado de Ricardo do que durante o de seu pai, ele escreveu que apesar disso “este povo inconstante reclama menos de ser punido por escorpiões do que de ser punido por golpes de chicote69”. A razão para isso foi ~~es~~sencialmente que os ingleses aprovaram os gastos de guerra do rei contra Filipe Augusto, odiados pelo papel que desempenhou durante e após a cruzada e o cativeiro de Ricardo. É claro que os impostos não são populares e

Machine Translated by Google

Os cronistas reclamam disso, observando que nunca estiveram tão altos. Mas não parece que tenham realmente empobrecido o reino, do qual o Rei João retirará somas duas vezes mais consideráveis.
Além disso, a situação é muito pior no Reino de França. Segundo Guilherme de Newburgh, o Arcebispo de Lyon, John, confidenciou a amigos ingleses: “Posso dizer-lhes que o seu rei é um eremita comparado ao rei da França70.
» E ele sabe do que está falando: foi tesoureiro de York e depois bispo de Poitiers antes de se tornar arcebispo de Lyon. E mesmo os thurifers do Rei de França, Rigord e Guilherme, o Bretão, sugerem que o seu soberano exagera, especialmente quando toca nos rendimentos das igrejas. O aumento da pressão fiscal de Philippe Auguste é muito maior do que o exercido por Ricardo Coração de Leão, como mostram os estudos minuciosos do historiador John W. Baldwin71. A renda do Capetiano aumentou de 20.178 libras parisis em 1180 para 34.719 libras em 1200. Progresso espetacular, apesar do qual ainda possui recursos inferiores aos de Richard.

O estudo detalhado dos rendimentos deste último pelo historiador Nick Barratt72 revela um corte claro em 1194. Se excluirmos por enquanto o ano excepcional de 1190, ano de preparação para a cruzada, o rendimento médio anual do reino de Inglaterra ascende a £ 11.940 para o período 1189-1193, e sobe para £ 24.975 para o período 1194-1198, mais que o dobro:

1189: £ 14.978 1194: £ 25.292
1190: £ 31.089 1195: £ 25.082
1191: £ 12.418 1196: £ 28.323
1192: £ 9.857 1197: £ 20.775
1193: £ 10 506 1198: £26 405

Este forte aumento deve-se obviamente à guerra contra Filipe Augusto, como demonstram as transferências massivas para a Normandia. A composição deste rendimento é reveladora: a parcela do rendimento do Estado continua a diminuir em percentagem a favor de novos impostos e vários expedientes. Assim, o produto das explorações agrícolas estatais, que representava 50,1% do total em 1189, caiu para 20,7% em 1198, enquanto o da colheita, lavoura e outros aumentou de 1,7% para 17,4%. No geral, se tivermos em conta a inflação, o poder de compra das receitas fiscais de Ricardo só aumentou 37% durante o reinado73. Mas a Inglaterra é para ele apenas uma parte de seus bens,

Machine Translated by Google

e também retira recursos da Normandia, Maine, Anjou e Aquitânia.

Um reino com boa saúde económica

O Reino da Inglaterra nem sequer é a parte mais populosa do seu "império". As estimativas situam o número de habitantes em cerca de dois milhões, no máximo dois milhões e meio74. A grande maioria são camponeses, que trabalham no âmbito da agricultura básica denominada feudo. Estão divididos em duas categorias: os camponeses livres, ou vilões, e os servos, que trabalham de graça dois ou três dias por semana na reserva senhorial e não podem fazer parte dos júris. O servo é propriedade do senhor; está sujeito a obrigações degradantes e a impostos especiais, mas cada vez mais os serviços em espécie são convertidos em royalties. Tudo isto é bem conhecido e semelhante ao que vemos no continente. Na realidade, porém, a diferença entre livres e não-livres é bastante vaga, nomeadamente devido aos casamentos mistos e aos numerosos casos de fuga de servos, que podem obter a liberdade após uma estadia na cidade de um ano e um dia, desde que muito difícil de verificar. Na parte oriental do país, Danelaw, sujeito aos costumes dinamarqueses, a condição dos camponeses é melhor e a servidão é quase inexistente.

A agricultura é relativamente próspera, nomeadamente graças à criação de ovinos, que trouxe riqueza à Inglaterra durante a Idade Média. Nas grandes propriedades eclesiásticas, os rebanhos podem incluir milhares de animais, 1.764 por exemplo em apenas uma das mansões do Bispo de Winchester, em Wiltshire, Downton75.
Com a demanda por lã e pergaminho aumentando acentuadamente, os preços vinham subindo rapidamente desde a década de 1180. Em 1194, as instruções reais de Ricardo aos juízes viajantes que visitaram a maioria dos condados em setembro e fizeram compras para as mansões reais estabeleceram os seguintes níveis, de acordo com Roger de Howden : "O preço do boi será de 4 xelins; o mesmo para uma vaca e um cavalo de fazenda; para uma ovelha de boa lã, 10 d. ; para uma ovelha de lã grossa, 6d. ; e para uma porca, 12d., e para um porco, 12d.76.

A agricultura na época de Ricardo produzia grandes excedentes comercializáveis, o que tornava possível alimentar as guarnições e abastecer as cidades. A gestão dos feudos, confiada a um mordomo ou oficial de justiça, é racional e eficiente. Problemas internos são resolvidos

Machine Translated by Google

perante o tribunal de justiça senhorial, seguindo o princípio estabelecido em Henrique II segundo o qual “qualquer senhor pode convocar os seus homens perante o seu tribunal para fazer justiça. » Os camponeses vivem na aldeia, que constitui uma unidade jurídica, a villata, sobre a qual pesam deveres e responsabilidades. O padre e quatro notáveis representam-no no tribunal do condado e no dos cem, e em caso de crime os aldeões devem participar no procedimento haro (hue and cry), procurando e capturando os culpados.

As cidades estão a crescer e a ganhar uma certa liberdade administrativa que lhes é conferida pelo estatuto de bairro. O movimento é semelhante ao das comunas francesas que se multiplicaram ao mesmo tempo. A cidade obtém um foral que especifica a organização da administração municipal, com prefeitos e vereadores, o direito de cobrar determinados impostos para garantir o funcionamento das instituições. A principal vantagem do status de cidade é que ele permite escapar da autoridade do xerife e de suas exigências arbitrárias. É por isso que as cidades, mesmo as pequenas, estão dispostas a pagar muito dinheiro pela compra de um foral municipal, até 300 marcos. Henrique II mostrou-se bastante relutante em conceder este estatuto, por detrás do qual suspeitava de ideias revolucionárias, mas Ricardo, que tinha enormes necessidades de dinheiro, viu-o como uma forma de encher os seus cofres e usou e abusou da venda de privilégios municipais. Em 1190, Londres recebeu o direito de eleger os seus próprios xerifes e de pagar o montante das suas quintas, £300, directamente ao Tesouro. Em 1194, quando Ricardo revisitou a cidade, recebeu £ 1.500 pela confirmação de suas liberdades. Com efeito, durante a sua ausência, os londrinos obtiveram do Príncipe João, em 1191, o estatuto de comuna, com prefeito e vereadores. O primeiro prefeito, Henry Fitz Ailwin, permaneceu no cargo por vinte anos, até sua morte em 1212. Estava cercado por um grupo de probi homines, "homens honestos", que pertenciam às grandes famílias da cidade, oligarcas ricos, os optimates, como os Fitz Reiners, os Fitz Thedmars, os Basings, os Rokesleys. A administração da cidade está nas mãos de uma série de escrivães, notários, advogados, que atuam em tribunais especializados, como os responsáveis pela manutenção da Ponte de Londres, pelo abastecimento de água, pela limpeza, pela segurança. Para estes últimos, são contratados policiais (condestáveis), guardas e vigias.

Nas cidades, a actividade económica era cada vez mais organizada dentro de corporações mercantis, que na época de Ricardo ainda eram em grande parte abertas, democráticas e não especializadas. As listas de guildas de Leicester, por exemplo, que datam de 1196, reúnem tecelões,

Machine Translated by Google

pergaminhos, sapateiros, oleiros, moleiros, açougueiros, pedreiros, encanadores, ourives, curtidores, alfaiates, tintureiros e muitos outros77.

As cidades são animadas por feiras e mercados, sobre os quais são cobrados vários impostos e taxas, fontes de lucros consideráveis para os senhores: em Winchester, a feira de Saint-Gilles em 1189 rendeu £ 146 8s para o bispo. 7 d. A rede urbana é relativamente densa, mas as cidades são muito pequenas. Nenhum excede 10.000 habitantes, e a maioria tem entre 2.000 e 5.000. A exceção é, claro, Londres, com cerca de 40.000 habitantes. William Fitz Stephen, biógrafo de Becket, deu uma boa descrição disso na época de Richard. A cidade estende-se principalmente na margem esquerda do Tâmisa, ligada ao subúrbio de Lambeth, na margem direita, por uma ponte de madeira, a Ponte de Londres. Desde 1176 está em construção uma ponte de pedra, mas só foi concluída trinta e três anos depois, no reinado de João, sob a direção do Mestre Isambert, especialista em pontes de Poitevin, que já havia construído as de Saintes e de La Rochelle. Com os seus 13 mosteiros, as suas 126 igrejas paroquiais, as suas inúmeras lojas, os seus pontões e as suas margens frequentadas por numerosos barcos, marinheiros e comerciantes flamengos, alemães e franceses, Londres é já o principal centro económico do país. Sob o reinado de Richard, o prefeito Fitz Ailwin emitiu os primeiros regulamentos de planejamento urbano relativos à construção pública e privada.

A cidade é muito animada, um pouco demais até para o gosto de alguns visitantes, notadamente eclesiásticos, como Richard de Devizes, horrorizados com a multidão de "meninos bonitos, afeminados, pederastas, dançarinas do ventre, bruxas, ladrões, noctívagos, mágicos , mímicos ", que encontra nas ruas desta moderna Babilônia, cidade do vício, das tabernas e das casas de jogo. Fitz Stephen também menciona algumas "desvantagens de Londres", como "a embriaguez de algumas pessoas estúpidas e os incêndios frequentes", e Roger da Howden fala das brigas e assaltos iniciados por gangues da juventude de ouro. A violência está por toda parte, principalmente durante os jogos de futebol e nos esportes de combate, o que não impede Fitz Stephen de elogiar a “grande riqueza, o comércio ativo, a grandeza e a magnificência” da cidade. A oeste, os subúrbios já se estendem até

Westminster, que funciona como capital política, com o seu grande salão, o tesouro e a abadia, local da coroação. Perto estão os castelos de Montfichet e Baynard. A leste fica a impressionante Torre, construída sob Guilherme, o Conquistador, restaurada sob Henrique II, e que William Fitz Stephen descreve como "grande e forte, cercada por paredes em fundos profundos".

Machine Translated by Google

fundações e construídas com argamassa misturada com sangue animal.
Durante o reinado de Ricardo, o Chanceler Guillaume Longchamp, Condestável da Torre, realizou aí importantes obras: estendeu a muralha exterior para oeste, ao longo do rio, e mandou construir a Torre Sineira no extremo sudoeste, mandou cavar uma nova vala , e equipou as defesas com diversas máquinas do tipo mangonel. Obra que pouco lhe serviu, pois em 1191, sitiado na Torre pelos partidários do Infante D. João, preferiu fugir, disfarçado de mulher.

Economicamente, graças ao meio século de paz interna que o reino viveu desde a ascensão de Henrique II, a Inglaterra é relativamente próspera. Além da agricultura e do artesanato urbano, a actividade mineira é importante: o “carvão mineral” é mencionado, em francês, nas exportações inglesas para a Flandres. Grandes quantidades de chumbo de Cumberland, Derbyshire e Shropshire foram enviadas para La Rochelle para a construção da Abadia de Grandmont e para Rouen para trabalhar nos castelos de Vexin. O estanho da Cornualha é usado em Colônia, Huy, Namur, Liège e nas casas da moeda de Richard no continente. Existem também as minas de ferro e prata de Cumberland.

Mas o produto de exportação mais importante é a lã, transportada por via marítima para os centros têxteis flamengos. Exportação de lã crua, mas também de tecido, cujo comércio Ricardo regulamentou pelo Assize of Measures de 1196, fixando as dimensões e a qualidade das peças: dois ells de largura, ou seja, o dobro do comprimento do braço direito de Henrique Sigo uma tradição relatada por Guilherme de Malmesbury.

A rede de comunicação interna deixa a desejar. O transporte rodoviário ainda é baseado nas estradas romanas, Watling Street, Ermine Street, Foss Way e na pré-histórica Icknield Way. As “estradas reais” são mais ou menos mantidas, já que em alguns locais é indicado o dever de “pavimentação”, e são construídas algumas pontes, mas quando possível preferimos utilizar os rios, infelizmente entupidos de pesca.
Em 1197, Ricardo os proibiu ao longo de todo o curso do Tâmisa.

O tráfego marítimo é importante, mas muitas vezes está nas mãos de transportadores e comerciantes estrangeiros. O comércio com os alemães foi particularmente desenvolvido, especialmente com os mercadores de Colónia: uma carta de Ricardo I em 1194 concedeu-lhes amplos privilégios em Inglaterra78.
Trouxeram produtos do Oriente, em particular de Bizâncio, transportados pelo Danúbio e pelo Reno. Comerciantes alemães foram estabelecidos em Londres, York, Chester, e as relações comerciais com o Sacro Império Romano foram facilitadas pelo casamento da irmã de Ricardo, Mathilde, com Henrique, o Leão, duque da Saxônia.

Machine Translated by Google

A Flandres é obviamente um parceiro essencial devido à complementaridade das duas economias: lã crua e cereais, por um lado, indústria têxtil e necessidades alimentares das grandes metrópoles, por outro. Mas o comércio é frequentemente perturbado pela agitação política e Richard sabia como explorar a arma económica ao serviço da sua diplomacia. Em 1194, confiscou propriedades de mercadores flamengos em Inglaterra para pressionar Em 1197, a Flandres79. mercadores ingleses que negociavam com o inimigo e, no mesmo ano, concluiu um tratado com os flamengos80. Outro importante produto do comércio exterior foi o vinho, proveniente de outras regiões do império Plantageneta, Poitou e Bordéus. No geral, pode-se dizer que a Inglaterra, embora não seja a parte mais populosa dos territórios de Ricardo, desempenha um papel vital nos seus recursos e meios de acção política. Neste país é rei, o que lhe confere um prestígio diplomático equivalente ao de Filipe Augusto, e embora aí resida raramente, não perde o interesse pelos assuntos económicos, como comprovam as suas intervenções em diversas áreas. Ele é o rei da Inglaterra, e o que é bom para a Inglaterra é bom para os Plantagenetas.

Normandia, um ducado dócil

Ele também é duque da Normandia. Geograficamente, historicamente e politicamente, este vasto ducado é o coração do império Plantageneta. É a parte central e também a mais vulnerável. Pois aqui Richard é o mestre apenas por procuração; poderíamos dizer que ele é o inquilino do imóvel, cujo proprietário é o rei da França. Na linguagem feudal, ele é vassalo deste feudo que faz parte do reino da França e, como tal, deve homenagem e lealdade ao seu suserano Philippe Auguste, posição difícil de aceitar para alguém que é ele próprio rei. E desde 1066 as relações têm sido mais do que tensas entre o vassalo e o suserano.

A Normandia é administrada praticamente como um estado autônomo, com instituições muito semelhantes às da Inglaterra, e que Ricardo não precisou modificar. Ele os herdou de seu pai e eles dão total satisfação. O órgão central é o Tribunal Ducal, que funciona ora como assembleia, ora como administração. Neste caso encontramos o pequeno grupo de grandes oficiais em torno dos quais gira toda a administração: um chanceler, um policial, um engarrafador e, sobretudo, um grande senescal, que é ao mesmo tempo grande juiz. Durante todo o reinado de Ricardo, esta dupla posição foi ocupada por um homem

Machine Translated by Google

que esteve no cargo de 1178 até sua morte em 1200, prova de sua competência e lealdade inabalável: William Fitz Raoul. Verdadeiro vice-rei, ou vice-duque, cuida de quase tudo. Foi primeiro um juiz itinerante na Inglaterra e, portanto, é representante dos grandes servidores da monarquia Plantageneta que, ocupando cargos nos diferentes territórios, contribuem para desenvolver um certo sentimento de unidade neste todo heterogêneo. Durante as ausências do rei, Fitz Raoul demonstrou a maior firmeza na defesa dos interesses do seu senhor, proibindo a entrada na Normandia dos legados do papa, recusando em 1192 a restituição do normando Vexin a Philippe Auguste, e rejeitando o pedido de juramento de lealdade a João em 1193. Ricardo sabe que pode contar com ele em todas as circunstâncias, e o encontramos na presidência da Curia regis, sentado em Caen, Argentan, Bernay, Longueville, Neufchâtel, Rouen, Saint-Wandrille.
Fez também alterações significativas no procedimento consuetudinário do ducado, excessivamente formal, em detrimento da justiça: alargamento dos poderes do júri, proibição de guerras privadas, aumento do número de julgamentos sujeitos à jurisdição ducal. de obter o desinvestimento mediante pagamento, flexibilização das regras relativas à obrigação de os litigantes utilizarem fórmulas jurídicas complexas literalmente81.

A lei normanda, tal como a encontramos expressa no Very Ancient Costume, tem muitas semelhanças com a lei inglesa. O sistema de júri foi introduzido lá por Henrique II. Os senhores mantiveram o seu direito à justiça, mas os casos mais graves estão reservados à justiça ducal: são os “fundos da espada”, exercidos por um tribunal itinerante, os “assessões plenárias”, onde tem assento o grão-senescal. condestável da Normandia, dos bispos. Lá são julgados casos de homicídio, estupro, assalto à mão armada, incêndio criminoso e falsificação de dinheiro. As penas previstas inspiram-se em grande parte na lei da retaliação: morte por homicídio, amputação por mutilação, com variações subtis: por violação de prostituta, ou seja, no caso em que o cliente serviu-se sem pagar, confisco de bens ; para estupro de mulher casada ou viúva, castração; pelo estupro de uma virgem, castração e arrancamento dos olhos.

As instituições financeiras também são semelhantes às da Inglaterra. O órgão central é o Tesouro, com sede em Caen, presidido pelo senescal da Normandia e pelo tesoureiro. Duas vezes por ano, na Páscoa e em Saint-Michel, os viscondes e oficiais de justiça vêm depositar as suas contas, e os valores são pagos ao tesouro, também localizado em Caen. O tesoureiro, auxiliado por camareiros, efetua os pagamentos em dinheiro. Sob Ricardo

Machine Translated by Google

o cargo foi ocupado em 1198 por um certo Mestre Mauger. A receita veio da propriedade ducal, que foi desperdiçada durante as guerras civis de meados do século, e restaurada sob Henrique II pelo tesoureiro Ricardo de Ilchester, bispo de Winchester. É composto por uma grande variedade de direitos e impostos, espalhados por todo o ducado: inclui assim certos distritos das cidades de Rouen, Dieppe, Arques, Leões, Lillebonne, Montivilliers, Fécamp, Blosseville; no visconde de Avranches inclui a cidade e a torre, os prados e o castanheiro; abrange vastas florestas, que produzem multas lucrativas, comércio e direitos de pesca. Quando necessário, o duque recorreu também a impostos extraordinários e a ajudas feudais, os escudeiros. A utilização de empréstimos também é frequente, especialmente a partir de 1194, devido ao esforço de guerra: empréstimos de banqueiros italianos em Le Mans, de judeus, e especialmente de alguns credores normandos ricos: Guillaume de Caluiz, e especialmente Geoffroy du Val Richer, que durante o reinado de Ricardo adiantou 40.000 libras angevinas para o Tesouro82. As despesas tiveram um salto espetacular em 1194-1195: 35.446 libras angevinas, ou sete vezes o nível de 1179-1180.

A administração normanda também se destaca pela qualidade dos seus arquivos. 137 cartas relativas ao ducado estão atualmente listadas para o reinado de Ricardo, desde a de 5 de setembro de 1189 em favor da abadia de Bec-Hellouin, até a de 11 de março de 1199 em favor da abadia de Savigny83. Cartas de doação, protecção, isenção, confirmação, que são ao mesmo tempo fonte de rendimentos pelo direito de selo ou registo, e que têm também o interesse de nos dar a conhecer os movimentos do rei-duque, que permitiram Lionel Landon para reconstruir seus itinerários84. Preservados no Arquivo Departamental da Normandia e nos cartulários das abadias e da catedral de Rouen, permitem-nos também conhecer as pessoas que acompanharam o duque em ocasiões especiais e que serviram de testemunhas.
Assim, para o ato conhecido como “troca de Andely”, de 16 de outubro de 1197, pelo qual Ricardo Coração de Leão adquiriu do Arcebispo de Rouen os terrenos necessários à construção do Château-Gaillard, o documento foi assinado na presença de dois arcebispos , nove bispos, sete abades: um verdadeiro pequeno conselho! E há também o irmão do rei, quatro grandes senhores, quatro dignitários, seis senhores menores e o chanceler, perfazendo um total de 31 pessoas, todas designadas nominalmente85.

Às vezes, essas cartas também contêm curiosidades, como a famosa “Carta dos lagos do amor86”, ato de doação de 20 de junho de 1190 pelo qual Ricardo, em Chinon, concede certas terras em Poupeville e Varreville aos seus

Machine Translated by Google

fiel Richard du Hommet. A curiosidade deste documento advém do facto de um pequeno poema de amor estar bordado nos cordões de seda onde está fixado o selo. Os historiadores ainda se perguntam sobre o autor e o destinatário.

O rei Ricardo não fez alterações nas instituições normandas, mas após sua adesão fez mudanças de pessoal, como em seus outros territórios. Uma das suas primeiras medidas foi a proibição das guerras privadas em 1190. Também interveio para esclarecer certos limites de jurisdição entre tribunais seculares e eclesiásticos, como em 1198 pela concordata de La Roche d'Orival. Ele também iniciou a redação do Antigo Costume. Na administração local, Henrique II comprometeu-se a substituir os vinte viscondes, muitas vezes hereditários e, portanto, demasiado independentes, por oficiais de justiça, mais ou menos imitados dos xerifes ingleses. Mas, como acontece frequentemente na Idade Média, novas instituições, em vez de substituir as antigas, sobrepõem-se a elas, o que é uma fonte de confusão mais para os historiadores do que para os contemporâneos, familiarizados com o fenómeno. Assim, em Vau de Vire há dois oficiais de justiça, um visconde e um reitor; em Bessin, um visconde, um oficial de justiça, um senhor, dois reitores.

A Normandia estava na linha de frente no conflito com Filipe Augusto, e a guerra afetou principalmente o setor oriental. Mas os normandos eram esmagadoramente favoráveis aos Plantagenetas e Ricardo podia contar com a lealdade deles. A literatura normanda do período expressa desconfiança nos capetianos e nos "franceses", que Wace descreve como traiçoeiros, falsos e avarentos. Tal como nos seus outros domínios continentais, os Plantagenetas foram bastante parcimoniosos na concessão de estatuto comunal. O caso mais famoso é o de Rouen, que tomou o título de comuna por volta de 1170, mas cujas liberdades, registradas no texto dos Estabelecimentos, são bastante limitadas: o duque mantém a justiça elevada, escolhe o prefeito a partir de uma lista apresentada por notáveis, e controla a administração municipal. Os habitantes estão sujeitos a deveres militares muito rigorosos: “Se a comuna tiver de sair do país por ordem do rei ou do seu juiz, o presidente da câmara e os vereadores estabelecerão aqueles que terão de vigiar a cidade. Quem, após a hora da partida, se encontrar na cidade, será convencido pelos que terão ficado para vigiar a cidade e ficará à mercê do prefeito e dos vereadores, para o abatimento de sua casa ou a condenação multa de cem soldos se não tiver casa. Se, quando a comuna estiver em funcionamento, alguém sair sem autorização do presidente da Câmara e dos vereadores, ficará à mercê87.

— » O historiador Charles Petit-Dutaillis pôde falar destes estabelecimentos de Rouen de uma “verdadeira vassalagem burguesa88”. O rei

Machine Translated by Google

Richard e seu irmão e sucessor Jean estenderão este modelo a Évreux, Bayeux, Alençon, Fécamp, Harfleur, Falaise, Montivilliers.

Anjou, Maine, Aquitânia: condados e ducados turbulentos

Se a Normandia é geralmente um ducado dócil e leal a Ricardo, os territórios mais ao sul são mais turbulentos e a desordem aumenta à medida que avançamos para o sul. O conjunto Anjou-Maine-Touraine está sob o controle do senescal de Anjou Étienne de Marsai ou Tours, corrupto e inseguro. Após sua ascensão, Ricardo o depôs, colocou-o na prisão e obrigou-o a devolver as quantias extorquidas. Ele o substituiu primeiro por Païen de Rochefort, depois por Robert de Turneham. Como conde de Anjou, Maine e Touraine, o rei da Inglaterra era representado no local por reitores, oficiais de justiça e senescais, cujas funções eram mal definidas. Os senhores locais são turbulentos e estão sempre prontos para a revolta. As guerras privadas são endémicas. Assim, em 1199, novamente Guy VI de Laval enfrentou um de seus principais vassalos, Hamon Lenfant. Na década de 1190, as cartas do Abade Adam de Perseigne à Condessa de Perche, Mathilde, castigaram o modo de vida dos nobres da região, os seus torneios assassinos, a sua prática de jogos de azar, a sua “grosseria dos histrions”, a sua “força -alimentação de barrigas em banquetes requintados", suas modas extravagantes e indecentes de vestir, especialmente entre as mulheres, que pensam apenas "na ornamentação do corpo, nesta podridão": "Privadas de orgulho, as mulheres do nosso tempo não têm v Assim como esses animais vis têm caudas extraordinariamente longas, esses pecores colocam sua glória na longa cauda de sua vestimenta ondulante89. »

Vamos atravessar o Loire. Entramos no vasto Ducado da Aquitânia, que Ricardo herdou da sua mãe e onde passou a maior parte da sua juventude. O concelho de Poitou é sem dúvida o seu local de residência preferido, nomeadamente a região de Talmont. Veio frequentemente a Port-Juré, perto da baía de Cayola, e em 1190 fundou a abadia de Lieu Dieu, da ordem premonstratense, nas redondezas. Os mosteiros da região contribuíram muito para o desenvolvimento dos pântanos de Poitevin: cerca de trinta deles tinham ali posses, e na época de Ricardo foram implementados planos de drenagem coerentes, como, em 1199, a escavação do chamado Canal Bot Neuf, entre o final da ilha de Chaillé e a curva do Sèv

Isto não impede que os turbulentos senhores continuem as suas guerras privadas. Os castelos proliferam, como evidenciado até hoje

Machine Translated by Google

as muitas ruínas. As revoltas contra o Duque de Aquitânia e o Conde de Poitou sucederam-se: 1168, 1173-1174, 1182-1183, 1188, 1189, 1193-1194, lideradas pelos Condes de Angoulême e seus parentes e aliados os Viscondes de Turenne, de Limoges, de Ventadour, de Brosse, de Comborn, o conde de Périgord, os senhores de Chabanais, de Pons, de Taillebourg. O conde de Angoulême, sempre rebelde, sempre derrotado, continua a ser uma ameaça permanente, com as suas múltiplas fortalezas: Anville, Moulineuf, Marcillac, Blanzac, Montignac, Gourville, Bouteville, Lachaise, Merpins, Châteauneuf. Para Ricardo, a luta contra os condes de Angoulême não tem fim. O sistema feudal, com a sua pirâmide de senhores e vassalos, garantindo relativa estabilidade, só se impôs em Aunis e Saintonge no final do século XII.

É mais precoce e mais sólida no Alto Poitou, e os camponeses sofrem as repercussões, com um agravamento da sua condição, mesmo que a servidão pessoal tenha desaparecido. Com as clareiras, multiplicaram-se as fundações de cidades, cujos habitantes por vezes obtiveram garantias, como a rarefação de multas e sanções legais, como em Charroux em 1177. Mas nenhuma comunidade aldeã obteve o direito de administrar-se. A região exporta grãos, mas os acidentes climáticos, fonte de fome, não são raros, como relata uma crônica da Abadia da Coroa em 1200: “Deus viu que não havia quem lhe devolvesse a glória e isso o desagradou; ele virou o braço e tirou a mão direita do peito e sua raiva explodiu tão intensamente que, em vez da paz que tínhamos, surgiram problemas especialmente em Poitou e, no mês de março seguinte, as primeiras árvores e vinhas foram secas por a geada então houve um dilúvio de chuva tão grande que não pudemos colher nem debulhar o que tínhamos conseguido colher.

Por esta razão, uma fome imprevista espalhou-se tão rapidamente que, mesmo perto do Natal seguinte, as tropas dos pobres, vagando por aqui e ali por causa da terrível escassez de alimentos, não conseguiram encontrar trigo algum e, em todo o caso, se encontrassem algum , este ano foi superior a cinquenta soldos por setier90.

— »

A Aquitânia continua a ser a região mais rebelde ao domínio dos Plantagenetas. Não por qualquer hostilidade para com esta família em particular, mas porque tradicionalmente a nobreza local se opunha a qualquer sujeição ao duque. Este já acontecia na época do avô de Ricardo, o duque da Aquitânia Guilherme VIII. É uma “terra guerreira, de fé instável”, reconhece até Guilherme, o Bretão. Cada senhor tenta escapar dos deveres feudais. Henrique II havia se esforçado para aumentar o domínio ducal ali, mas as revoltas eram incessantes. O

Machine Translated by Google

O senescal da Aquitânia, o conde de Salisbury, foi até morto em 1168 enquanto escoltava a duquesa Eleanor. Em várias ocasiões, Ricardo esmagou revoltas ali, destruiu e desmantelou dezenas de castelos. A sua autoridade, o medo que inspira e a nomeação para o cargo de senescal de um homem local, um velho servo corajoso e competente, Pierre Bertin, permitir-lhe-ão evitar grandes problemas durante o seu reinado, mesmo que Pierre Bertin tenha apesar de tudo para suprimir algumas revoltas. No entanto, a sua autoridade estende-se apenas ao Poitou. A Gasconha é confiada a outro senescal, Geoffroy de la Celle. As cidades também eram tão relutantes quanto os senhores, e os estatutos da cidade apenas lhes concediam direitos limitados, como em Poitiers, La Rochelle, Niort, Saintes, Saint-Jean-d'Angély, Bayonne, Bordeaux.

Manter a coesão de um conjunto tão heterogêneo de territórios é uma tarefa exaustiva, que exige um soberano com qualidades excepcionais. Ricardo I conseguirá este feito durante dez anos, à custa de guerras contínuas. Seu sucesso se deve em grande parte ao seu prestígio como rei cavaleiro.

Machine Translated by Google

VII

O Cavaleiro-Rei

Ricardo e a sociedade feudal

Para compreender o comportamento de Ricardo Coração de Leão e daqueles que o rodeiam, é fundamental relembrar os grandes valores do ambiente cultural em que atuam. Porque são estes valores que definem as hierarquias sociais, através de um conjunto de mitos e obras literárias, jurídicas e teológicas. Ricardo se vê acima de tudo como um cavaleiro e se esforça para adequar suas ações ao ideal cavalheiresco de sua época, refletido no mito arturiano, muito popular entre a aristocracia no final do século XII. O cavaleiro é um guerreiro, mas não só isso. Está encerrado numa concepção social global e muito estruturada, da qual várias obras jurídico-teológicas são a teoria. Ele é um cavaleiro, mas também um rei, o que implica para ele direitos e deveres para com todas as categorias sociais do seu “império”. Será importante examinar até que ponto respeita estes direitos e especialmente estes deveres, tanto na guerra como na paz.

Um reino de língua e cultura francesa

Um primeiro elemento é essencial: Richard está imerso na atmosfera cultural francesa. Já o dissemos: para este rei angevino, a Inglaterra é quase um país estrangeiro. E mesmo quando reside lá – seis meses em dez anos! ele evolui em um ambiente totalmente francês. Começa pela língua: numerosos testemunhos ilustram o prestígio da língua francesa entre as elites inglesas da época, e a sua utilização

Machine Translated by Google

quase obrigatório nos círculos de gestão1. Falar bem francês é um "must" (!) para os ingleses que almejam uma posição importante: foi o que escreveu Jocelyn de Brakelond (em latim) na crônica da Abadia de Bury Saint-Edmunds em 1211, contando que Herbert foi eleito anterior por três motivos: era sóbrio, de origem anglo-normanda e falava bem francês ("Sobrius et volubilis lingue in Gallico idiomate, utpote Normannus).

2 nação » – Por volta de 1170, a freira de Barking que traduziu a Vida de Eduardo, o Confessor, pediu desculpas pelo seu péssimo francês, explicando que havia aprendido esta língua na Inglaterra: eu falo, disse ela, "um faus- franceis da Inglaterra3". É também na Inglaterra que vemos surgir os primeiros tratados gramaticais do francês correto durante o –, século XII4 e distinguimos nos círculos cultos dois níveis na prática desta língua: o francês correto e educado, e um francês rude e bastardo, cheio de anglicismos , "falso francês".

Temos um bom testemunho disso com o Speculum duorum de Geraldo, o Galês, composto por volta de 1208, no qual censura o sobrinho por ser "analfabeto", por usar "gagueira infantil", em vez de "aprender qualquer língua e sobretudo estas duas línguas, o latim e o francês, que entre nós prevalecem sobre todas as outras." Ele se opõe a John Blund, que fala "francês tão corretamente e de uma maneira tão refinada e tão agradável como se fosse sua língua materna aprendida desde o berço". O referido John Blund declara "que aprendeu ciências escolares e francês na Inglaterra com seus tios, dois homens educados e bem falantes, Mestre Robert Blund e Mestre Gautier, Cônego de Lincoln, que dedicaram muito tempo aos estudos na França […]. Cada vez que os ouvia pronunciar uma palavra francesa elegante e pura, muito distante do francês rude e turvo dos ingleses, ele imediatamente a confiava, graças ao seu estilete ou à sua caneta, à sua memória fiel e não conseguia pensar em descansar até que posteriormente pronunciasse esta palavra no momento certo e em seu lugar diante de seus tios e sua comitiva, pronunciando-a da- maneira suave e florida que lhe convinha5.

Na Inglaterra da época de Ricardo, a língua era um elemento essencial da discriminação social entre as elites, seculares e religiosas, que aderiram ao modelo normando-angevino, e o povo anglo-saxão. A ligação é feita pelo clero, que lê em latim, fala em francês e prega em inglês, como vemos nos sermões do Abade Odon de Battle (1175-1200), ou de Sansão, Abade de Bury Saint-Edmunds (1182-1211)6. Assim, a primeira frase do Pai Nosso, "Pai Nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome", é dita em latim "Pater noster, qui es in caelis, sanctificetur

Machine Translated by Google

nome tuum"; em franco-normando da aristocracia inglesa do século XII: "Li nostre Perre, qui ies es ciels, seit seintifie li tuns nuns", e em anglo-saxão: "Fader oure, tu the eart on heofenum, sie thin nama ge halgod »da Inglaterra[7]. Isso não facilita o entendimento entre o rei e seus súditos. No século XIV, o inglês Ranulph Higden (cerca de 1299-1364), no seu Polychronicon, escreveu que mesmo no seu tempo, "esta corrupção da língua nativa tem hoje duas causas principais: em primeiro lugar, desde a chegada do Normandos e contrariamente aos costumes de outras nações, as crianças foram obrigadas, na escola, a abandonar a língua materna para falar francês; depois os filhos dos nobres, desde o berço, são criados na língua francesa; e na sua sede de respeitabilidade, os rústicos esforçam-se por imitar os nobres, por afrancesar tudo.

Juntamente com a língua, é a cultura francesa que se impõe em todos os territórios Plantagenêt, e particularmente em Inglaterra, onde as trocas com o continente são particularmente numerosas, facilitadas pela integração do país num grupo político transcanal. Muitos estudantes ingleses frequentavam as escolas de Paris, as mais renomadas da época; outros vão para Bolonha para fazer direito, para Salerno para fazer medicina. Em todos os lugares eles têm a reputação de serem bêbados, enquanto os seus camaradas franceses são orgulhosos e namoradores, os lombardos são vorazes e covardes, os alemães são furiosos e obscenos. Todos eles também se encontraram em Oxford, que na época de Ricardo já era o principal centro intelectual da Inglaterra. Havia até estudantes húngaros lá em 1 Bem localizada no centro do país, não muito longe de Londres e das florestas de Woodstock, a cidade já conta com oficinas de pergaminho, encadernação e iluminura, e sua importância aumentou durante o caso Becket, com a chegada de clérigos ingleses em fuga de Paris. Professores e estudantes formam um mundo turbulento, em conflito com a burguesia, e para defender os seus interesses fundaram uma guilda, uma "universidade". A cidade ainda tem um palácio real, o Palácio Beaumont, local de nascimento de Richard. O país também inclui outras escolas de prestígio, como as de Lincoln, Exeter, Northampton, e a Inglaterra tem muitos intelectuais de alto nível. Em meados do século, Adelardo de Bath e Roberto de Chester estavam entre os pioneiros nas traduções de obras árabes na Espanha. Na época de Ricardo, Daniel de Morley era um astrólogo renomado, e Alexander Neckham (1157-1217), irmão adotivo do soberano, abade de Cirencester, escreveu em seu De naturis rerum: "Que inimigos poderiam resistir ao reino capaz de triunfar nas ciências?

Machine Translated by Google

Que adversários vilões não se renderiam à inteligência sutil daqueles que rastrearam a verdade escondida no próprio âmago da natureza9? »

Intelectuais propagandistas

Mas é sobretudo no campo do direito que brilham os intelectuais ingleses, com João de Salisbury, Pedro de Blois, Guillaume Longchamp, futuro chanceler de Ricardo e autor de um manual processual, a Practica legum et decretorum. Um dos principais juristas da época, Ranulph Glanvill, falecido em 1190, tentou estruturar a jurisprudência inglesa inspirando-se nos Institutos Romanos. No Tractatus de Legibus et Consuetudinibus Regni Angliae (Tratado sobre as Leis e Costumes da Inglaterra), obra que lhe é atribuída mas da qual talvez não seja o autor, ele expõe a concepção inglesa de monarquia: “O rei não desdenha nem o nem as leis do reino nem os costumes razoavelmente introduzidos e há muito observados nem – algo ainda mais louvável – a opinião dada pelos homens, seus súditos porém, que ele sabe serem eminentes pela seriedade, pelo perfeito conhecimento das leis e dos costumes do reino , privilégio da sabedoria e da eloquência, e da qual reconheceu no uso o zelo e a capacidade de decidir as causas com toda a justiça, de pôr fim às brigas ora com severidade, ora com delicadeza, conforme as necessidades10.

— » Queixa-se do carácter caótico das leis inglesas, “tanto pela ignorância dos escribas como pela sua multidão confusa”, e anuncia a sua intenção de as redigir por escrito no “estilo normal”.

A mesma preocupação em ordenar e explicar, pesquisar e publicar documentos entre os cronistas, dos quais dissemos quão numerosos e de alta qualidade são sob o reinado de Ricardo, a ponto de podermos dizer que esta época marcou a transição da crónica para a história , da narrativa pura, mais ou menos aproximada, à reflexão sobre os acontecimentos. Para todos estes intelectuais, o rei deve ser uma pessoa culta. Foi o que escreveu Geraldo, o Galês, por exemplo, na sua Instrução aos Príncipes, por volta de 1195: a cultura proporciona aos guerreiros o conhecimento da natureza e dos homens, essencial à vitória militar. Se Philippe Auguste aparece como um príncipe rude e “analfabeto” (não domina o latim), os Plantagenetas são notavelmente cultos e não são os únicos. Os condes de Flandres Philippe d'Alsace, Balduíno VIII, Balduíno IX formam uma dinastia de príncipes alfabetizados; Robert d'Auvergne coleciona livros; Duque da Borgonha Hugues III

Machine Translated by Google

(1162-1192) patrocinou uma canção satírica para difamar Ricardo Coração de Leão, o que deixou Ambrósio indignado. —

Entre o rei e os intelectuais criaram-se laços, porque todos encontraram ali o seu interesse. Ao pagar aos escritores, ao encomendar-lhes sirventes, o rei faz deles as trombetas da sua fama, e ao celebrar a glória do rei, o intelectual aumenta a sua, ao mesmo tempo que recebe recompensas. O princípio do mecenato já está bem implementado. Pedro de Blois, falecido em 1200, assimilou-o muito bem, tornando-se o apoiante de Henrique II e do seu filho Ricardo: “Os príncipes que aspiram à glória não podem fazer melhor do que manter homens capazes de transmitir os seus grandes feitos à posteridade. Não sei se você tomou um de nossos príncipes como tema de seu louvor. Para mim, no meu livro De prestigiis fortunae, que lhe envio, elogio as ações de Henrique II”, escreveu ao sobrinho. Ele não tem motivos para se arrepender: recebe cargos lucrativos, inclusive o de tutor do rei da Sicília, e extrai disso uma vaidade escandalosa: “Nosso nome se espalhou até os confins da terra. Nossas obras penetraram em todos os lugares! Nem a água, nem o fogo, nem a adversidade, nem o tempo serão capazes de destruí-los. » Como você deve ter adivinhado, a modéstia não é sua maior qualidade. Segundo ele, quase não escreve mais rápido que sua sombra: “Tenho o hábito de ditar as cartas mais rápido do que elas podem ser escritas; isso exclui qualquer suspeita de plágio. Você e o Arcebispo de Canterbury me viram ditando para três secretários diferentes, sobre vários assuntos, e tão rápido quanto suas canetas podiam correr. Melhor ainda, ditei e escrevi uma quarta carta ao mesmo tempo; apenas Júlio César fez o mesmo. »É verdade que escrever sob ditado com cálamo ou pena em letras góticas em pergaminho não requer um fluxo extremamente rápido. Não importa, Pierre de Blois é polígrafo: depois de estudar retórica, filosofia, medicina, direito, matemática, teologia em Paris e Bolonha, compôs tratados sobre amizade, sobre os caprichos da fortuna, sobre penitências, sermões, poesia erótica, canções.

É um bom representante do ecletismo ambiental.

Entre os temas veiculados pela literatura aristocrática do final do século XII, e que fazem parte do meio trovadoresco em que Ricardo esteve imerso quase toda a sua vida, está sobretudo a busca cavalheiresca pela glória, tal como expressa nas canções de gesto. Certamente, estes não são trabalhos muito sutis. O historiador Achille Luchaire pôde escrever que se trata de “vastas composições épicas onde a vida, a moral, as paixões, os vícios da sociedade feudal são glorificados e até exagerados no prazer. Gosta de se olhar neste espelho ampliador mas fiel, que reflecte a sua psicologia rudimentar, a sua concepção simplista e infantil do mundo.

Machine Translated by Google

presente e futuro, seu desprezo pelo vilão, seu desdém pelo rei e pelo sacerdote, suas alegrias sensuais e sua violência selvagem. Nem a ausência de composição e estilo, nem a duração interminável dos desenvolvimentos, nem a monotonia dos episódios a desanimaram. O público nos castelos ri ou se emociona ao ouvir essas enormes litanias de decassílabos, sem reclamar da eterna repetição dos lugares-comuns12."

A violência é onipresente e próxima dos rituais do amor cortês, por trás dos quais está o tratamento brutal das mulheres, nas quais vemos uma herdeira ou um objeto sexual, mas sempre uma presa. Com raríssimas exceções, o amor está completamente excluído do casamento; dirige-se apenas a uma "senhora" idealizada, para quem o cavaleiro realiza façanhas vãs, numa busca incessante pelo objeto de desejo. Além disso, existem apenas batalhas, massacres, incêndios e até intervenções de dragões e forças do mal. Desde meados do século, as histórias arturianas se estabeleceram, a partir da Historia Regum Britanniae composta pelo cônego de Oxford Geoffrey de Monmouth por volta de 1135. Alegando ter sido inspirado por "um livro antigo na língua bretã" que ele supostamente adquiriu para Gautier, cânone de Oxford, ele mistura alegremente alguns elementos históricos com uma história imaginária cheia de fantasia. Descrito por Guilherme de Newburgh como ridicula figmenta, este "assunto da Bretanha", constantemente aumentado por novos episódios, gozou de extraordinária popularidade nos círculos aristocráticos desde o reinado de Henrique II. Seu filho Geoffroy batizou seu filho Arthur, e Richard compartilhou a paixão de seus colegas por essas histórias extravagantes.

A divisão tripartida da sociedade

Isto porque as lendas arturianas enquadram-se perfeitamente nas concepções sociais dominantes do final do século XII, e em particular na divisão trinitária da população, exposta desde o início do século XI pelo bispo de Laon Adalberon.: "Aqui abaixo, alguns rezam, outros lutam, outros ainda trabalham. » Segundo Georges Duby, este diagrama trifuncional, inventado pelos clérigos próximos dos Capetianos, foi então mais ou menos esquecido, antes de reaparecer na década de 1170, de forma secularizada, na comitiva dos Plantagenetas. E então se torna um sistema ideológico coerente. Foi um clérigo de uma abadia de Touraine, Benoît de Sainte-Maure, que, entre 1175 e 1185, no seu Estoire des ducs de Normandie, ressuscitou este modelo ideal, e a empresa fez parte do movimento de "bretonização".

Machine Translated by Google

cultura em torno de Henrique II: já Wace, outro clérigo de sua Casa, havia oferecido a Eleanor o Roman de Brut, adaptação do livro de Geoffrey de Monmouth, e por volta de 1160 Benoît de Sainte-Maure havia dedicado seu Roman à rainha de Troyes. Paralelamente, dois outros clérigos da corte angevina compuseram obras que abordaram este tema: Jean de Marmoutier, autor por volta de 1180 da História de Geoffroy, duque dos normandos e conde dos angevinos, e Étienne de Fougères, bispo de Rennes e capelão de Henrique II, que escreveu em seu Livro de Boas Maneiras:

> “Os clérigos devem orar por todos
> Os cavaleiros sem
> demora Devem defender e
> honrar E os camponeses arar. »

Para todos estes autores, o rei é o árbitro e garante desta trifuncionalidade. Ele garante que cada um dos parceiros cumpra o seu papel e não se sobreponha ao dos outros dois. Para Georges Duby, se este sistema ressurge e se impõe nos círculos da monarquia Plantagenêt, isso se deve a três motivos: 1. É a monarquia mais evoluída da época, com um sistema administrativo eficiente e já com um esboço de teoria política com o Policraticus de John de Salisbury e o Diálogo do Tesouro de Richard Fitz Neal; 2. Está enraizado na “questão da Bretanha”, que estabelece Artur como rival de Carlos Magno como modelo monárquico; entretanto, na literatura celta é feita constantemente referência às três “ordens de homens”; 3. “O ressurgimento da trifuncionalidade na comitiva de Henrique II pode finalmente ser explicado pelo vigor da produção literária desta corte, então a mais brilhante de todas13.

_ »

A concepção trifuncional da sociedade é obviamente uma invenção da imaginação. Na verdade, a população está dividida em dois grupos: os ricos e os pobres, que os movimentos sociais lembram ao mundo educado e aos teóricos da ordem estabelecida. A mais grave foi em 1182-1183 a dos Encapuchonnés, ou Capuchonnés, nascidos na diocese de Puy e que se estendia por parte do centro e sul da França. Inicialmente foi um movimento pacifista, com o objetivo de eliminar os caminhoneiros que devastavam o interior da região. Os participantes, que formam uma irmandade e usam capuz e jaleco brancos em sinal de igualdade, são liderados por um artesão. Eles perseguem os fomentadores da guerra, mas muito rapidamente, sob a influência de alguns espíritos exaltados, transformam-se numa

Machine Translated by Google

seita igualitária puritana, e até atacou os senhores locais e as suas exigências fiscais. Os cronistas, inicialmente favoráveis, como Geoffroy de Vigeois, monge de Saint-Martial de Limoges, Robert de Torigny, abade de Mont-Saint-Michel, ou mesmo Rigord, tornaram-se depois muito hostis a eles, como o Anônimo de Laon, um premonstratense , que critica a “raiva insana” deste povo “estúpido” e “rebelde”, que não respeita a ordem tradicional desejada por Deus. O bispo de Auxerre assume a responsabilidade de reprimir o movimento, lembrando que os grosseiros têm um objetivo na terra: trabalhar. A culpa deles, diz o gesto dos bispos de Auxerre, foi contestar a organização social querida por Deus e, por uma invenção diabólica, diabolicum et perniciosum inventum, chegar à subversão: “Não havia mais medo nem respeito pelos superiores. . Todos se esforçaram para conquistar a liberdade, dizendo que a tiveram desde os primeiros homens, desde Adão e Eva, desde o próprio dia da Criação. Eles, portanto, não sabiam que a servidão era o castigo pelo pecado! O resultado foi que já não havia distinção entre o grande e o pequeno, mas sim uma confusão fatal, tendente à ruína das instituições que nos governam pela vontade de Deus e pelo ministério dos poderosos deste mundo. »

Como fiador da ordem social, o papel do rei é garantir que todos permaneçam em seus lugares. Quem está lá para trabalhar tem uma situação difícil, admite Benoît de Sainte-Maure:

> “Eles suportam tanta dor e dor Eles
> suportam os grandes tormentos A
> neve, a chuva e o vento
> Trabalhando a terra com as mãos. »

Este é o destino querido por Deus para aqueles que não são sacerdotes nem cavaleiros. Mas durante o século XII surgiu nas cidades uma nova categoria que representava um problema para os teóricos da ordem social trifuncional: a burguesia:

> “Eles gostariam de ter tudo.
> Quem quisesse ter força e poder, Não
> sentir nem razão, nem direito, nem
> medida, Na terra não haveria justiça. »

A desconfiança em relação a eles é apropriada, porque os residentes urbanos são, por um lado, artesãos, não integrados no ambiente tradicional do senhorio e frequentemente liderando movimentos de revolta contra as exigências dos bispos.

Machine Translated by Google

e nobres com o objectivo de obter cartas de liberdades municipais, e por outro lado comerciantes, cambistas, “banqueiros”, vivendo desta actividade altamente suspeita que é o comércio de dinheiro. Os territórios Plantagenêt no continente são relativamente não urbanizados. A maior cidade é Rouen, com os seus 40.000 habitantes, as suas 35 freguesias, os seus numerosos subúrbios e já as suas organizações profissionais (os sapateiros foram agrupados em ofícios anteriores a 1130, os peleteiros entre 1154 e 1189, os curtidores entre 1170 e 1189). Tours e Toulouse têm 35 000 habitantes, Bordéus 20 000, Angers, Albi, Clermont, Poitiers, 15 000. Os Plantagenetas incomodam-se, como vimos, com o movimento municipal e não concedem cartas de liberdade com muita moderação: Ricardo concedeu uma a Marmande em 1182; os Estabelecimentos de Rouen foram concedidos a Saintes em 1199. Em casos muito raros, uma carta foi concedida após uma revolta, como em Auch, para grande surpresa de Ferdinand Lot, que ainda não conseguia acreditar em 1947: “Perguntamo-nos como é que o artesãos e comerciantes desta pequena cidade, composta em grande parte por camponeses imigrantes no final do século XI, colocada sob o controle de dois senhores, o arcebispo e o conde de Fézensac, zelosos da sua autoridade, puderam consultar-se e unir-se em para constituir um órgão permanente. Ainda assim, a partir do início do século XIII, em 1205, estabeleceram-se a tal ponto que os seus dois senhores reconheceram e garantiram os seus privilégios e franquias14. — »

O rei deve também zelar pela qualidade dos membros da primeira ordem, o clero, o respeito pela disciplina eclesiástica e o bom exercício da sua função, porque das suas orações depende a boa vontade divina no que diz respeito ao reino e aos seus outros territórios. Uma tarefa colossal e, francamente, impossível. O mau exemplo vem de cima, com bispos que são grandes senhores, com estilos de vida luxuosos e comportamentos escandalosos, mais frequentemente na corte do rei do que na sua diocese. Quanto ao baixo clero, Geraldo, o Galês, na sua Gemma Ecclesiastica, apresenta-nos como analfabetos, mal capazes de ler orações em latim, simoníacos, bêbados, que mantêm "em sua casa uma dona de casa, que acende o fogo, mas apaga a virtude". .” Os monges não estão muito melhores e os mosteiros cistercienses e cluníacos estão em crise. Um ponto positivo, porém: não houve relatos de heresia na Inglaterra no século XII, provavelmente porque questões de doutrina eram a menor das preocupações de um clero ignorante, demasiado ocupado a criar os seus bastardos. Enquanto a crise albigense se espalhava no Languedoc, 30 cátaros que desembarcaram na Inglaterra em 1165 mal conseguiram converter uma mulher. Chicoteados, marcados, expulsos, acabam morrendo congelados. Não veríamos n

Machine Translated by Google

será imediatamente reduzido a cinzas15. No que diz respeito ao clero, porém, o rei deve ser cauteloso, porque Roma zela zelosamente pelas suas prerrogativas, e os papas da época são bastante sensíveis neste ponto. Mas no clima de cruzada mantido por Ricardo, não haverá grande crise com a Santa Sé.

Ricardo, o Cavaleiro: membro de uma casta

Embora seja o garante da ordem social e o árbitro entre os três grupos da sociedade, o rei faz parte do segundo desses grupos, o dos guerreiros. Ele é um rei-cavaleiro. O reinado de Ricardo Coração de Leão coincide com o apogeu da cavalaria, que os historiadores situam entre 1170 e 1200. Foi nesta altura que se tornou uma verdadeira casta, na qual se entrava através de uma cerimónia codificada, a dobragem. O termo, que vem de um antigo verbo germânico que significa “bater”, refere-se ao tapa ou tapa no pescoço que o padrinho dá ao jovem finalista do ensino médio, cujo significado não é claro. A cerimónia, atestada desde a segunda metade do século XI, inclui também a entrega de armas e um evento desportivo.

Em meados do século XII, o ritual foi formalizado, principalmente quando a Igreja se encarregou dele. O vocabulário reflete esta evolução: a partir de agora “ordenamos” um cavaleiro, e a cavalaria é uma “ordem”. O futuro cavaleiro coloca sua espada no altar e um sacerdote a abençoa; a vigília de oração e o banho purificador, cujo uso não é universal, completam a assimilação da dublagem a um sacramento. Tendo se tornado cavaleiro, miles, o jovem guerreiro passa a ser chamado de dominus, “senhor”, e esse termo também passa a ser usado para sacerdotes. Os que ainda não foram nomeados cavaleiros são os “escudeiros”, armiger, jovens cujo bom nascimento os destinou à cavalaria e que aguardam a oportunidade de a ela aceder, distinguindo-se da gente comum. Na guerra, formaram o grupo de sargentos montados a partir da década de 1190.

O ritual da dublagem atingiu seu estado mais completo nesta época, e encontramos sua descrição no livro VI do Policraticus de João de Salisbury, que fala sobre este assunto de uma electio, de um sacramentum: “A consagração do cavaleiro é tal: é costume solene, no dia em que for condecorado com o baldrico militar, que ele entre solenemente na igreja, que coloque a espada sobre o altar, e a oferta assim feita em sinal de profissão solene, que ele dedicar-se ao serviço do altar e prometer a Deus colocar-se ao serviço da sua espada, ou seja, da sua função16.

— » Quando se trata de um personagem importante, a dublagem

Machine Translated by Google

dá origem a grandes festividades, como em 1184 em Mainz, quando Frederico Barbarossa armou seus filhos como cavaleiros.

O cavaleiro deve obedecer a uma ética particular. Ele tem deveres a cumprir. Podemos elaborar uma lista baseada na biografia de Guilherme, o Marechal, modelo de cavaleiro perfeito, tal como aparece no grande poema escrito por seu escudeiro Jean d'Early17. — Ele é fiel, cumpre a palavra e respeita a fé jurada, é o mínimo que pode fazer. Ele é corajoso, luta com coragem e justiça, a ponto de desprezar o uso de proteções, truques e “fixações” elementares: deve lutar como um leão, e não como um alfinete. Em campo aberto, em seu corcel, ele ataca os cavaleiros opostos, às vezes até de forma imprudente: corre sem pensar, com brio e sem cálculo. Guilherme, o Marechal, até se vangloriou de uma certa imprudência, e disse que encorajou seu aluno, Henrique, o Jovem, a mostrar imprudência. Pode ser que os excessos de Richard nesta área devam algo a este mau exemplo.

O bom cavaleiro é obviamente cortês, respeita as mulheres, engana os seus e luta pela sua dama. E acima de tudo ele despreza o dinheiro, e assim que tem, tem que desperdiçá-lo, é quase uma obrigação: chamamos isso de “generosidade”. A formalização da cavalaria foi contemporânea da ascensão da economia monetária e foi, em grande medida, uma reacção contra ela. O dinheiro penetra agora em todos os domínios, e em particular no domínio militar, com o mercenarismo. Você precisa de dinheiro para se equipar, para construir e manter o castelo, para participar da cruzada, para governar, para se casar... e para se tornar um cavaleiro, porque as festividades de cavaleiro são caras. E o dinheiro são estes detestáveis recém-chegados, os burgueses, que o detêm e que o fazem crescer através das suas atividades comerciais desprezíveis. Assim, “a realidade do final do século XII é também uma cavalaria engessada, encolhida nas suas armas, na sua armadura, no seu brasão, preocupada, ameaçada pela ascensão dos arrivistas, sabendo bem disso e sabendo ainda melhor do que enfraquecem os fundamentos de sua superioridade, que não seria mais nada sem os benefícios do príncipe. O desconforto tomou conta da nobreza que sempre tem que gastar mais desse dinheiro que seus súditos da aldeia entregam cada vez mais mal... A nobreza, portanto, estabelece a prodigalidade e o endividamento como virtudes de casta. Empoleirado pelos escritores da corte no auge do edifício social, a cavalaria na realidade torna-se mendicante, escravizada, à procura de presentes e salários1

Endividados e orgulhosos disso, os cavaleiros consideram-se a elite da sociedade, o pilar da ordem social desejada por Deus, os defensores da

Machine Translated by Google

viúva, do órfão, do padre, da paz da Igreja, os protetores do reino, como escreve Benoît de Sainte-Maure:

> “Esta ordem defende o país
> Das mãos de inimigos mortais E
> para garantir outros Eles
> oferecerão suas cabeças E
> assim muitas vezes a perderão. »

É claro que o cavaleiro ideal não existe. É um mito. Este corajoso cavaleiro branco, que não teme o sofrimento nem a morte, que persegue os ímpios, defende os fracos, é magnânimo, devoto, valente, cortês, generoso, amplo e desinteressado, é uma imagem piedosa que se constitui como modelo destinado a justificar o social dominação de uma casta nobre que já se baseia na hereditariedade. Já em 1152, Frederico Barbarossa proibira os “grosseiros” de portar a lança e a espada, armas de cavalaria, e só admitia como “cavaleiros legítimos” aqueles cujos antepassados o tivessem sido. Em 1187, ele proibiu que os filhos dos camponeses fossem nomeados cavaleiros. A evolução é a mesma em todos os lugares: o cavaleiro é antes de tudo filho de cavaleiro.

E a sua marca distintiva, mais do que generosidade ou cortesia, é a brutalidade, em todas as áreas. Sua distração favorita, escreveu Gautier Map ironicamente por volta de 1190, era “um esporte que chamam de torneio, mas que deveríamos chamar de tormento19”. O progresso é bem conhecido, notadamente, mais uma vez, pelo poema sobre a vida de Guilherme, o Marechal: a obra descreve dezesseis deles, detalhadamente, em 2.500 versos. Estes encontros, verdadeiras pequenas batalhas entre dois grupos de cavaleiros compostos por várias dezenas de indivíduos, agrupados por afinidades ou origem geográfica, visam fazer prisioneiros, que pagarão um resgate. Os participantes podem ser amadores, que se inscrevem por prazer e na esperança de se distinguirem e adquirirem honra e fama, ou profissionais que, como Guilherme, o Marechal, viajam pela Europa e assim ganham a vida. A Igreja proíbe teoricamente estes jogos perigosos, que causam mortes e ferimentos e desviam a atenção da cruzada, mas os duques, condes e até príncipes dão um mau exemplo, e as advertências do clero permanecem em vão. Henrique, o Jovem, educado por Guilherme, o Marechal, gostava particularmente destes jogos, e o seu irmão Geoffrey até morreu ali, num torneio em Paris em 1184. Neste aspecto, Ricardo é mais razoável do que

os seus irmãos. Ele prefere batalhas reais e não há relatos de sua participação em nenhum torneio. Tendo se tornado rei, ele procura limitar esses encontros vãos, que enfraquecem a nobreza

Machine Translated by Google

do reino, causam perdas de homens, desperdício de recursos e desordem em seus Estados. Em 1194, autorizou-os na Inglaterra sob três condições: solicitar autorização real; pagar uma taxa de participação, que varia de 2 marcos para um simples cavaleiro sem terreno a 20 marcos para uma contagem; utilizar um dos cinco campos demarcados para competições, entre Salisbury e Wilton, entre Warwick e Kenilworth, entre Stamford e Wansford, entre Brackley e Mixbury, entre Blyth e Tickhill. Regulamentados desta forma, os torneios poderiam ser tanto exercícios de treinamento militar quanto fontes de renda para o rei.

O local preferido para os torneios, no entanto, é o norte da França, da Bretanha à Borgonha e Flandres. As partidas são frequentes e atraem multidões a estas “feiras detestáveis, comumente chamadas de torneios, nos quais os cavaleiros se reúnem para mostrar sua coragem e seu valor”, diz um decreto papal. Anunciadas com duas semanas de antecedência pelos arautos que percorrem as províncias, realizam-se durante um dia, em espaço bem definido. Não estamos ali para matar, mas todos os tiros são permitidos, o que provoca muitos acidentes, trágicos ou cômicos: foi assim que Guilherme, o Marechal, um dia encontrou a cabeça enfiada no capacete cilíndrico que, após golpes violentos, virou de cabeça para baixo e amassou-se. de tal forma que não pudesse ser removido; não vendo nada, o cavaleiro é levado a um ferreiro onde, com a cabeça apoiada na bigorna, é dolorosamente libertado da caixa com uma pinça e um martelo. O mais difícil, quando se faz prisioneiro, é tirá-lo da briga sem que outro o roube; em 1198, o mesmo Guilherme, o Marechal, tendo assumido a guarda do castelo de Milly-en-Beauvaisis, depois de ter partido o capacete, não encontrou nada melhor para fazer do que sentar-se sobre ele enquanto esperava o final do torneio. Atacamos com a lança, logo quebrada, e continuamos com a espada. Tanto neste esporte individual quanto no coletivo, todos lutam por si, mas os líderes das equipes podem traçar táticas para desorganizar o adversário.

Tanto no torneio como na guerra, o cavaleiro, para ser reconhecido, usa o seu brasão, desenho estilizado que supostamente representa simbolicamente as qualidades e valores que a família afirma encarnar. A heráldica apareceu nesta época. E também nesta área Richard está em sintonia com os tempos. Embora seu pai Henrique II nunca tenha usado um brasão, Ricardo adotou uma nova matriz para o selo real após sua ascensão ao trono em 1189, apresentando no verso dois leões frente a frente (cara a cara), com a cabeça de perfil. Depois, no regresso da cruzada, o escudo muda: os dois leões são substituídos por três leopardos, representados horizontalmente, o corpo de perfil mas a cabeça voltada (é de facto a única coisa que os permite distingui-los dos leões , porque a semelhança cor

Machine Translated by Google

animais é pelo menos aproximado). Esta mudança levanta um problema, porque se o leão, rei dos animais, forte, corajoso, magnânimo (diz-se), tem conotações cristológicas no bestiário medieval, o leopardo, fruto dos amores adúlteros da leoa lasciva e do macho pantera , como “demonstrou” Isidoro de Sevilha, pertence antes ao bestiário do diabo. Então, por que Richard abandona o nobre leão pelo enganador leopardo, que será apelidado de “Coração de Leão”? Michel Pastoroureau tentou resolver o enigma20, sem realmente conseguir. Segundo ele, o leão nesta época não tem apenas lados bons; ele é cruel, tirânico, inimigo dos homens, como pensava Santo Agostinho. Só aos poucos seus lados ruins vão sendo transferidos para o leopardo, e o animal que Richard adota é um leopardo muito teórico, que só tem boas qualidades.
Não podemos também pensar que Ricardo procura assim diferenciar-se dos príncipes e reis que, da Escócia à Saxónia, pensavam que eram leões? O leão, assim como a águia, tornou-se comum; e então, Ricardo deseja romper com a primeira parte de seu reinado e o episódio de seu cativeiro, onde o leão dificilmente lhe trouxe sorte.

Ricardo, o rei: líder de um exército de cavaleiros e mercenários

De qualquer forma, isso é apenas um detalhe. Richard é um cavaleiro, mas também é um rei e, como tal, tem coisas melhores para fazer do que bancar o soldado em torneios. Ele tem um império para defender e para isso precisa de um exército de verdade. Ele tem um, eficiente, cuja organização foi determinada por seu pai. O reinado de Henrique II viu uma mudança real nesta área. Já em 1166, o rei organizou um grande levantamento entre os vassalos dos seus domínios. O resultado, o Cartae baronum, listou 6.278 feudos de cavaleiros que deviam serviço de guarda e serviço de anfitrião. Este último, com duração de quarenta dias por ano, poderia ser resgatado mediante o pagamento de um imposto, o scutagium, de 6 pence por dia, ou 240 pence por ano, ou seja, 1 libra. Os vassalos em chefe (vassalos diretos) podem praticar o mesmo sistema em relação aos seus próprios vassalos. O valor da scutage pode representar somas consideráveis: assim, a grande abadia de Bury Saint-Edmunds, em Suffolk, que deveria fornecer 50 cavaleiros, foi obrigada a pagar £50.

Com esse dinheiro, o rei pode contratar mercenários. Foi assim que Henrique II celebrou contratos em 1163 para o recrutamento de brabantes, flamengos, navarros e galeses. Seu exército estava em pleno andamento

Machine Translated by Google

evolução, e em 1181 ele fixou sua organização por meio de duas ordenanças principais. O Assize of Arms, válido para a Inglaterra, prescrevia equipamento completo para todos os súditos nobres e livres: aqueles que detinham feudos de cavaleiros deveriam ter tantas cotas de malha, elmos, escudos e lanças quantos feudos; o homem livre com 16 marcos de renda deveria ter o mesmo equipamento que o cavaleiro; aquele que tinha 10 marcos de renda, uma cota de malha, um chapéu de ferro e uma lança; os demais homens livres, casaco acolchoado, chapéu de ferro e lança. Os juízes itinerantes deveriam elaborar a lista dos homens livres e prestar o juramento dos homens. O mesmo texto previa também a organização de uma frota, nomeadamente para o controlo do Canal da Mancha e do Pas-de-Calais, elemento vital para garantir a segurança das comunicações num império que se estendia pelas duas margens: em troca de certos privilégios , a Confederação dos Cinque Ports (Dover, Hastings, Sandwich, Hythe, Romney) teve que fornecer navios em tempos de guerra.

Outro texto de 1181, promulgado em Le Mans, dizia respeito ao equipamento dos homens livres das possessões continentais: armamento de cavaleiro, incluindo montarias, para todos aqueles que possuem bens móveis superiores a 100 libras angevinas; cota de malha, lança e espada para quem possui mercadorias avaliadas entre 25 e 40 libras; arco e flechas, com chapéu de ferro, para os mais pobres.

Estas prescrições permaneceram válidas durante o reinado de Ricardo Coração de Leão, mas rapidamente o exército de tipo feudal, o ost, mudou de natureza. A participação pessoal dos cavaleiros detentores de feudos continua a diminuir. Na verdade, é inadequado para a defesa de um conjunto de territórios tão vastos como o Império Angevino: o vassalo só deve cumprir quarenta dias por ano e dentro dos limites geográficos do seu feudo, até ao qual o rei pode arrastá-lo em suas guerras continentais? Certamente, muitos vassalos detentores de feudos em ambos os lados do Canal da Mancha tiveram que servir na França como na Inglaterra, e em 1196, por exemplo, Ricardo escreveu ao seu chanceler Hubert Walter para enviar imediatamente para a Normandia todos aqueles cujo feudo principal, a capita baroniarum, está neste país. ducado, seguido por todos os que devem serviço na Inglaterra, com no máximo sete homens; já os titulares de feudos eclesiásticos deverão cumprir as suas obrigações militares em condições a especificar21. Mas os senhores ingleses estavam cada vez mais relutantes em servir do outro lado do Canal da Mancha: em 1197, os cavaleiros de Bury Saint-Edmunds, reunidos em Oxford, afirmaram que só deveriam servir na Inglaterra e, portanto, recusaram-se a ir lutar em França, enquanto concordando em pagar ao escudeiro. Casos semelhantes de resistência aumentaram durante o reinado, como evidenciado pela multidão

Machine Translated by Google

multas impostas “quia non fut ultra mare in servitio Regis”, ou “ne transfretet in exercitu Normanniae”.

A proporção de cavaleiros servindo como hospedeiros, portanto, continuou a diminuir no exército de Ricardo. No entanto, esta componente feudal continua a ser importante e até essencial. Ainda há muitos jovens em busca de aventura, glória e resgates, que se juntam ao exército real na Normandia ou no Maine. Representam uma força apreciável: equipados, montados, treinados, experientes em técnicas de combate através da participação em torneios, são bons lutadores, porque, escreve Roger de Howden, “se não os praticarmos antes através do jogo, a arte da guerra não é possuído quando deve ser colocado em prática22”. Forneceram cavalaria pesada, ainda útil nas batalhas do final do século XII.

Estes cavaleiros estavam ainda mais dispostos a concordar em exceder o serviço mínimo de quarenta dias, uma vez que os dias adicionais eram bem pagos: o salário diário do cavaleiro aumentou acentuadamente, passando de 8 pence para um xelim entre 1165 e 1195, um aumento de 50%. . É verdade que o equipamento é caro: só o corcel está avaliado em cerca de 10 marcos, e calculou-se que todo o armamento ofensivo e defensivo, mais a montaria e o salário dos criados, representava entre oito e doze meses de remuneração diária .

Os mercenários ocupam em qualquer caso um lugar crescente, e o seu emprego insere-se no contexto de progressão da economia monetária: falamos de subornos (solidarii), de stipendiés (stipendiarii), de repreensões (summonitiones ad denarios), de penhores (vadia), de presentes (donativa). A guerra é cada vez mais uma questão de dinheiro. Os mercenários fornecem tropas mais flexíveis e mais fáceis de reunir do que os contingentes feudais; trabalham sem limites de tempo ou local, desde que sejam remunerados. Suas qualidades de luta são inegáveis, especialmente para as tropas especializadas como os besteiros genoveses e os cavaleiros sarracenos que Ricardo traz da cruzada. Alguns líderes de gangues ganharam reputação de guerreiros formidáveis, como o provençal Mercadier ou Gérard d'Athée, a serviço de Richard, Lambert de Cadoc, empregado de Philippe Auguste, o gascão Arnaud, o espanhol ou provençal Marin Algais, o normando Falco . Esses formidáveis brutos sem lei são verdadeiros flagelos para as populações, como escreve Gautier Map: “As falanges do Leviatã já se multiplicaram além de qualquer número e estão tão fortificadas que em completa segurança fixam ou vagam pelas províncias e reinos, inimigos de Deus e dos homens23 . » Estes aragoneses, bascos, navarros, bretões, brabantes, alemães e

Machine Translated by Google

outros pilham, estupram, torturam, queimam. Em 1179, o Terceiro Concílio de Latrão excomungou estes “hereges e salteadores de estrada”, mas este tipo de medida não surtiu efeito nestas forcas, e os soberanos precisavam demasiado deles para tentar eliminá-los. Se se tornarem demasiado insuportáveis, reprimiremos ocasionalmente, como Richard, que, perto de Aixe, no Limousin, mandou abater e afogar uma boa centena deles e ter-lhes os olhos arrancados, mas são os camponeses que são mais eficazes quando conseguem organizar movimentos de autodefesa: os encapuzados massacraram 10.000 pessoas em Dun-le-Roi em 1183... antes de serem massacrados em 1184 pelos senhores, defensores da ordem estabelecida: essas pessoas grosseiras não afirmam que os nobres são muito duro com seus camponeses? “Esse povo estúpido e indisciplinado atingiu o cúmulo da loucura. Ele ousou dizer aos condes, viscondes e príncipes que eles deveriam tratar seus súditos com mais gentileza, caso contrário logo sentiriam os efeitos de sua indignação24”, escreve o cronista Robert, monge de Saint-Marien d’Auxerre. Os caminhoneiros também têm muitas cumplicidades nos círculos da nobreza e da Igreja, como o arcebispo de Bordéus durante o reinado de Ricardo, Hélie (1187-1206), irmão de um líder de bando a serviço do rei, e ele próprio cercado por bandidos a quem indica os bons movimentos a serem feitos e com quem partilha os despojos. Instalado por um tempo na abadia de Saint-Yriex com suas prostitutas, seus cães de caça e seus bandidos, deixou o local arruinado durante anos.

Armas legais e ilícitas

Em suma, não podemos sair dessa. A violência está em toda parte e a guerra é endêmica durante todo o reinado de Ricardo. No entanto, o número de militares é muito limitado, por falta de recursos financeiros: os exércitos raramente ultrapassam os 5.000 homens, muito excepcionalmente os 10.000, e evitam reunir-se: uma batalha chega tão rapidamente! E especialmente perdido tão rapidamente! Pelo contrário, praticamos “guerra bélica”, com ataques a castelos, escaramuças, golpes de estado, operações limitadas no tempo e no espaço, pontuadas por numerosas tréguas, tempo para reconstruir através da pilhagem da re
Táticas e estratégia são rudimentares. Os tratados sobre arte militar são quase inexistentes e os únicos comentários sobre este assunto são feitos por pessoas da Igreja. Gerald, o Galês, dá conselhos sobre como lutar contra os irlandeses: "Na guerra irlandesa é necessário, acima de tudo, garantir que os arqueiros sejam adicionados e misturados com os esquadrões de cavaleiros, de modo que o lançamento de pedras com o qual [os irlandeses] estão acostumados. opondo-se a tropas pesadas e bem armadas e seus modos

Machine Translated by Google

atacar por todos os lados e depois recuar sem danos em virtude de sua agilidade são repelidos por flechas disparadas em todas as direções25. »

Isto não vai muito longe. Na verdade, é a coragem que substitui a tática: “a coragem, esta novidade do século XII26”, escreve Georges Duby, está ligada à pertença a uma raça nobre, ao sangue, à linhagem. Esta é a virtude essencial do cavaleiro, que deve evitar a covardia, a covardia e até a prudência. A tática básica é montar em seu cavalo e avançar com a lança. E Richard é muito bom nesse exercício. Na Terra Santa, porém, ele também demonstrará verdadeiros talentos como estrategista e estrategista, mas a guerra na cruzada é outra coisa, outro contexto, outra escala, outra questão.

Quanto à guerra na Europa, ela é regida pelo código de cavalaria, que favorece o combate corpo a corpo com a lança e a espada. O cavaleiro está, portanto, equipado de acordo: ele é protegido por uma cota de malha, uma corrente de cota de malha que se estende até abaixo do joelho e que é estendida por um capuz que envolve parcialmente as bochechas e o queixo; o gambeson, ou gibão, é acolchoado no peito, ombros e costas; a cota de malha é dividida na frente e atrás; os pés são cobertos por sapato de couro e as mãos por luva da mesma natureza. O capuz da cota de malha é coberto por um capacete, o elmo, na maioria das vezes cônico, com nasal. O elmo cilíndrico, perfurado com alguns orifícios para visão e respiração, só se difundiu no início do século XIII e apresentava sérias desvantagens: um ângulo de visão muito limitado e risco de asfixia no calor do combate. A espada, de lâmina larga, pontiaguda e de dois gumes, tem pouco mais de 80 cm de comprimento. Os soldados de infantaria são protegidos de forma muito mais sumária: chapéu de ferro, gorjeira, gambeson, escudo, mas a maior diversidade reina nos equipamentos.

O uso de armas de arremesso é debatido. O arco é desprezado: “O cavaleiro medieval professava o mais profundo desprezo pelos arcos e flechas, considerados armas de covardes, destinados a evitar o confronto nobre no combate corpo a corpo, porque atacavam de longe e eram frequentemente associados a fugas simuladas , segundo as famosas táticas de estepe27”, escreve Franco Cardini. É a arma dos pobres, do caçador a pé, a arma das forças do mal, dos pagãos da estepe, dos assassinos de São Sebastião. São os camponeses que treinam tiro com arco.

A besta é ainda pior: uma arma “verdadeiramente diabólica”, escreve Anne Comnena na Alexíada, que dispara dardos que “perfuram um escudo, perfuram uma couraça de ferro e continuam a voar para o outro lado”. Arma injusta portanto, arma de covardes que matam de longe, de modo

Machine Translated by Google

anônimo. Estas armas são subversivas, um pouco como as bombas dos terroristas do nosso tempo. Uma saraivada de flechas ou virotes de besta, disparados por vis mercenários, mata aleatoriamente reis e príncipes, bem como camponeses. A Igreja ficou comovida com isso e, em 1139, o Segundo Concílio de Latrão proibiu o uso da besta e do arco nas guerras entre cristãos. Esses dispositivos só servem para matar muçulmanos e outros infiéis. Por volta de 1200, Pedro, o Cantor, acrescentou outros alvos potenciais: os cátaros, os pagãos e até mesmo os cristãos, como parte de uma guerra justa.

Em todo o caso, as proibições de armas nunca são respeitadas, os acordos de não proliferação de bestas não mais do que os outros: por volta de 1200, um inventário dos arsenais de 32 locais do domínio capetiano menciona 278 bestas e um stock de munições de 265.960 peças. No mesmo ano, Jean Lackland tinha uma companhia de 84 besteiros montados. Ricardo Coração de Leão é particularmente apegado a esta arma: segundo Guilherme, o Bretão, foi ele quem reintroduziu o seu uso no Noroeste da Europa a partir de 1185, e é até um atirador de elite. Ele também será sua vítima: ferido pela primeira vez no cerco de Gaillon pelo roadman Cadoc, depois morto pelo tiro de um “atirador” em Chalus em 1199.

Ricardo e seus castelos

Em última análise, o elemento essencial da arte militar do final do século XII é o castelo. A guerra consiste sobretudo em construir, manter, defender, sitiar, desmantelar e arrasar fortalezas. E nesta área, Ricardo Coração de Leão é um especialista. O seu interesse pessoal pela construção de castelos e poliorcética é comprovado, e manifesta-se em dois períodos distintos: de 1182 a 1189, quando, como duque de Aquitânia, demonstrou sobretudo um talento particular para a captura e destruição de fortalezas rebeldes, e de 1194 a 1199, quando, retornando da cruzada, dedicou muito tempo e dinheiro à fortificação de seus castelos. A brevidade do seu reinado não lhe permitiu construir de raiz castelos que ostentassem a sua marca exclusiva, excepto, claro, o Château-Gaillard, a sua obra-prima. A sua obra reside sobretudo no reforço dos castelos existentes, aos quais imprime certos desenhos pessoais: sobretudo, a vontade de impressionar, pela massa e qualidade - poder-se-ia mesmo dizer a beleza - das obras: revestimento em belas pedras de dimensão, reforço da torre principal com esporão de alvenaria. “A busca por formas novas, mesmo sem precedentes, em última análise, parece ter interessado mais a Richard do que o desenvolvimento de uma forma padrão racional, adequada para expressar o poder de forma recorrente.

Machine Translated by Google

identidade do príncipe28", escreve Christian Corvisier. É exclusivamente em França, palco das suas guerras, que esta actividade

Assim, em Poitou29, se desenvolve. se não é certo que tenha sido ele o arquitecto da grande torre e do recinto do Castelo de Montreuil-Bonnin, o esporão e os arqueiros do Castelo de Montoire levam a sua marca, assim como todo o castelo de Clairvaux, que ele construiu a partir de 1182 como uma espécie de provocação contra seu irmão Henri. Provocante pela sua própria massa e pela sua altura, que o tornam um marco na paisagem. Aqui tudo está na aparência: o belo aspecto da cobertura, o tamanho colossal da masmorra, enquanto o layout interior é mal adaptado. Mas o seu castelo favorito em Poitou é Talmont. Parece que tomou posse desta fortaleza em 1183, e aí realizou grandes obras, cuja conclusão acompanhou durante as suas numerosas visitas. Aí o encontramos em 1190, durante uma viagem a Poitou antes de partir para a cruzada, e depois no seu regresso em 1194. Notavelmente tinha um enorme escudo-espora construído na fachada mais exposta. Durante as suas visitas a esta região próxima da costa, fundou também os priorados de Saint-André-des-Gourfailles e Chassay-Grammont, e a abadia de Vénétouze, antes de devolver o castelo ao seu proprietário, a família Mauléon30.

Na Normandia, a parte mais exposta dos territórios Plantagenêt voltada para o domínio real capetiano, Ricardo intensificou seu trabalho. A rigor, não existe fronteira fortificada. Simplesmente, Robert de Torigny escreveu em 1169 que “Henrique II mandou fazer valas altas e profundas entre a Normandia e a França para repelir os bandidos31”. Isto é o que chamamos de “Fossés-le-Roy”, em Perche, de Nonencourt a Mêle-sur Sarthe. Mas as verdadeiras defesas são os castelos de pedra, que Ricardo mandou reforçar: uma torre principal em Radepont, no Andelle, mencionada num relato de 1195, uma grande torre circular em Bonneville, perto de Touques, obras importantes em Moulineaux, perto de Rouen, mencionadas em 1198, em Neufmarché, no vale de Epte, em 1194-1195, em Douville, no Andelle, em 1198, em Vernonnet, com uma bela torre contoné, em Longchamps, em Epte, onde dois mestres construtores, Franconi e Tainus Lepetit , trabalhou em 1198; naquele ano, foram investidas 400 libras no canteiro de obras, 110 libras no pagamento da guarnição e 146 libras na compra de provisões32. Em Caen, onde o vasto castelo serviu de cenário para as grandes reuniões familiares dos Plantagenêts, nenhuma grande mudança foi feita sob Ricardo. No Natal de 1182, mais de 1.000 cavaleiros tomaram seus lugares no grande salão, em torno de Henrique II, Ricardo, João, Geoffrey, Henrique, o Leão, e o Arcebispo de Cantuária. A grande torre quadrada é muito impressionante, m

Machine Translated by Google

A obra-prima dos castelos de Ricardo Coração de Leão, aquele ao qual o seu nome permanece ligado, é o Château-Gaillard33. Ao contrário dos casos anteriores, esta é uma criação ex nihilo. As circunstâncias da sua construção são tumultuadas e revelam a importância dada a esta obra pelo rei. Em dezembro de 1195, um acordo entre Richard e Philippe Auguste trouxe uma nova distribuição das fortalezas de Vexin, como veremos. Richard cedeu em particular Vernon, Neufmarché, Gaillon, Pacy, Ivry, Gisors, Nonencourt, Neaufles, o que enfraqueceu a abordagem de Rouen pelo Sena. Daí a ideia de bloquear este acesso fortificando o sítio excepcional de Andelys (ou Andeli, ou mesmo Andely, como dizem os textos da época): uma alta falésia na margem direita, dominando uma curva do Sena, cujo O O curso inclui várias ilhas neste ponto, o que diminui a sua largura. Mas o local depende do arcebispo de Rouen, e o texto do tratado de 1195 estipula que não pode ser fortificado. Ricardo não se importa. Ele a apreendeu em 1196, provocando a ira do arcebispo, que escreveu: o rei “apreendeu Andely, que é o único património da nossa igreja, e contra a nossa defesa começou a construir ali novas fortificações […]. Mas o que torna a sua acção completamente indesculpável é que mesmo depois da oposição que lhe manifestámos, não só ele nos está a negar a nossa ilha, como também recentemente se apoderou de boa parte das nossas terras, domínio com o qual afirma fortificar. valas, e pela construção de um castelo34”. Ao que os representantes de Ricardo retrucam: “O desejo de defender e preservar seus estados, como deveria fazer um bom príncipe, levou Ricardo a fortificar a ilha de Andely, porque era um posto de grande importância e uma passagem pela qual os franceses usado para entrar na Normandia35.

»

Direitos de propriedade e estipulação de tratados versus necessidade estratégica. O Arcebispo Gautier apela ao Papa e interdita a Normandia. Célestino III, que nesta época precisava do apoio do ex-cruzado, levantou a proibição e favoreceu um acordo em 1197. O arcebispo cedeu o local e não perdeu na mudança: recebeu Dieppe, Bouteilles, o feudo de Louviers, a floresta de Aliermont, os moinhos de Rouen.

As obras começaram de imediato e envolveram não só o castelo da falésia (então denominado Château de la Roche, Castrum de Roka), mas todo um complexo fortificado que bloqueava a passagem do rio: a montante, o motte de Cléry e o Forte de Boutavant servir como postos avançados; no primeiro ergue-se uma torre de 20 metros de diâmetro, e uma torre quadrada em Boutavant, cujo nome, diz Guilherme, o Bretão, evoca o desejo de Ricardo de levar os franceses o mais longe possível. Na margem esquerda, uma residência fortificada, em Tosny, completa esta primeira barreira; no pé de

Machine Translated by Google

Château de la Roche, situado na Île des Moulins, três fileiras de estacas formam uma barreira que bloqueia o curso do rio; na margem direita, um muro bloqueia a passagem entre a margem e o sopé da falésia; algumas centenas de metros a jusante, na ilha de Andely, foi construído um castelo, ou melhor, um recinto poligonal com revestimento de tufo e calcário, do qual se estendem duas pontes: uma para a margem direita para unir a cidade fortificada de Petit Andely, e a outra, mais longa, em direcção à margem esquerda, que pode ser cortada se necessário. E dominando tudo, o colossal Château de la Roche, Château Gaillard.

A obra é excepcional, em perfeita simbiose com o local, e combinando todas as técnicas mais avançadas na arte das fortificações, com inovações ousadas: uma multiplicação de linhas de defesa, com uma obra avançada com planta de proa, rodeada de um fosso, com cinco torres flanqueadoras, incluindo uma particularmente forte, na ponta do conjunto. Depois, para além do fosso, um primeiro recinto, também ladeado por torres, delimitando um pátio inferior que alberga vários edifícios; deve-se então atravessar outro fosso, dominado por um segundo recinto, circundando o pátio interior, ele próprio dominado por um terceiro recinto recortado, circundando uma torre de menagem em forma de esporão com vista direta para a falésia, contígua à habitação residencial com grandes janelas com vista para o Sena. O caminho de acesso, com passagem de pontes, chicanas, portões, grades levadiças, escadas, é de invulgar complexidade.

O próprio Ricardo supervisionou a construção: os forais de 1197-1198 comprovam que ele residiu permanentemente nesta zona durante a obra, que foi executada em tempo recorde – dois anos – por milhares de trabalhadores e a um custo fantástico de £21.203, incluindo 2.030 para pedra, 1.005 para madeira, 1.010 para carroças, 10.892 para salários de mineiros e pedreiros, que juntos totalizam 2.544.436 dias de trabalho36.

Château-Gaillard era o orgulho de Richard, o seu "belo Château de la Roche" (Bellum castillum de rupe), e causou o espanto dos contemporâneos. Mas estes monstros de pedra custam somas exorbitantes de dinheiro, porque não basta construí-los, é preciso mantê-los, guardá-los e equipá-los com máquinas. Agora o rei tem 93 castelos só em Inglaterra, e certamente tantos em França, e a construção de uma torre simples como a de Orford, em Suffolk, exigiu 336 000 dias de trabalho, a um custo de 1 400 libras. Walter declarou que em um único ano transferiu 1.100.000 marcos para a Normandia para as necessidades do rei. A guarda dos castelos é normalmente assegurada pelo serviço feudal, mas aqui novamente os nobres

Machine Translated by Google

preferem se redimir, à taxa de 6 a 8 centavos por dia, e o rei paga sargentos para constituir as guarnições.

Richard não apenas constrói castelos, ele também os ataca, e não é menos habilidoso nisso. Um verdadeiro Vauban do século XII, ele é um mestre da poliorcética e muito poucas fortalezas consideradas inexpugnáveis lhe resistiram. A sua reputação já estava bem estabelecida aos vinte anos, quando atacou as fortalezas dos rebeldes da Aquitânia. Hábil em discernir os pontos fracos de uma fortificação, passou boa parte da vida sitiando castelos. De certa forma, essa rotina lhe custará a vida, pois é por imprudência que ele é morto no cerco de Chalus.

Os métodos de ataque aos castelos são bem conhecidos: trabalhos de aproximação, escavação de trincheiras, construção de torres de madeira para aproximação às muralhas, uso de máquinas de arremesso, trabucos, mangonelas, giros, para sacudir as muralhas. Foi no final do século XII que surgiram poderosas máquinas de pêndulo, com contrapesos, capazes de enviar uma pedra de 150 kg a 150 metros. Há também trabalhos mineiros e mineiros, quando o terreno o permite. Esses métodos exigem a presença de técnicos, mineiros, engenheiros e operadores de máquinas.
Os métodos de ataque devem obviamente adaptar-se à topografia, à natureza do terreno e à configuração das muralhas. Muitas vezes, os métodos psicológicos são igualmente eficazes: promessa de respeitar a vida e a propriedade, deixar a guarnição sair livremente se capitular sem resistir, ou ameaça de massacre, pilhagem e incêndio caso contrário, com alguns enforcamentos de prisioneiros à vista dos defensores. para mostrar que não estamos brincando. Se tivermos tempo, também podemos esperar até que a guarnição tenha esgotado as suas reservas alimentares, mas na maioria das vezes são os sitiantes que têm mais dificuldade em obter abastecimentos: mais numerosos, em países hostis, precariamente alojados, sujeitos aos caprichos do clima, têm dificuldade em encontrar alimentos e o prolongamento do cerco aumenta os custos. Ao contrário do que se possa acreditar, o tempo funciona para os sitiados. Por isso é fundamental tomar o castelo ou a cidade muito rapidamente. O que Richard sabe fazer muito bem.

Guerra, um fator de prosperidade?

O exemplo normando

Rei-cavaleiro e grande construtor de castelos, Ricardo passou a vida travando guerras. Este facto, que não é incomum na Idade Média, levanta a questão do impacto destes conflitos contínuos nos Estados. A planilha de balanço,

Machine Translated by Google

para a economia e para as populações, é positivo ou negativo? Uma pergunta que pode parecer incongruente, mas a resposta não é tão óbvia como se poderia pensar; depende em parte da situação geopolítica dos territórios. É certo que as regiões que são palco de combates e de passagem de tropas sofrem mais do que aquelas que ficam à margem, sendo estas últimas afetadas principalmente pela pressão fiscal, possíveis requisições e obstáculos ao comércio. É assim que a Inglaterra, que está em paz, terá uma imagem mais positiva do “bom Rei Ricardo” do que Poitou ou Normandia, constantemente atravessada por exércitos, tanto de cavaleiros como de mercenários, que atacam castelos, vivem mais ou menos sobre o país, e ocasionalmente pilhar e queimar. A dificuldade é avaliar as consequências dessas ações. Felizmente, a preservação dos arquivos do Tesouro da Normandia, muito bem conservados, permite-nos ter uma ideia da situação do ducado, centro do império Plantageneta, durante o reinado de Ricardo.

Vincent Moss estudou estes documentos para o período 1195-119837. — Ele notou pela primeira vez um enorme aumento nas despesas de 1194-1195, sete vezes maior do que em 1179-1180: 35.446 libras angevinas, das quais mais da metade (20.824 libras) foram usadas fora do ducado, para operações em Berry, transporte de grãos na Aquitânia , despesas na Inglaterra. É também notável que o saldo das transferências de fundos entre a Inglaterra e a Normandia revele uma contribuição mais forte desta última: a Normandia contribui mais para o financiamento da Inglaterra do que o inverso, o que é um sinal da sua boa saúde económica.

As despesas militares normandas totalizaram 11.300 libras, ou um terço do total. 55% são destinados aos salários dos contingentes: 2.480 libras para os cavaleiros, 1.489 para os sargentos a cavalo, 537 para os sargentos de infantaria, 321 para os besteiros, 127 para os balistarii, categoria mal definida que pode designar o técnicos encarregados das máquinas de cerco, 1.305 para os galeses, 126 para os sarracenos estacionados em Domfront. A lista é interessante na medida em que nos fala sobre a composição das tropas. E também nos números, que são muito baixos: 540 homens num período de aproximadamente seis meses. O restante dos gastos militares diz respeito aos castelos: 3.900 libras para edifícios e guarnições somente no setor Nordeste.

As contas de 1197-1198 indicam um novo salto nas despesas militares, que literalmente explodiram devido às enormes obras nos castelos: 57.000 libras angevinas, incluindo 46.000 só para Château-Gaillard. A obra não só deve ser financiada, como também

Machine Translated by Google

As tropas também devem ser pagas para proteger os trabalhadores e o transporte de materiais: 890 soldados de infantaria são designados para vigiar o local durante oito dias, talvez na sequência de um ataque francês. Vamos adicionar 1.600 libras para as obras do Château de Gamaches, 480 em Longchamps, 250 em Radepont, 34 em Lyon, 701 em Verneuil, 550 em Courteilles, 400 em Tillières, 150 em Orival, 140 em Évreux, 50 em Argueil, 5.121 para os muros da UE. As despesas com o exército, por outro lado, são reduzidas, porque a proporção de cavaleiros diminui, numa guerra que se torna uma guerra de posição.

Isto causa danos relativamente limitados: 3% das receitas do Estado. A guerra é muito intermitente, constantemente interrompida por tréguas, e lutamos principalmente nas zonas fronteiriças: dez semanas em 1194, bem como em 1195 e 1196, seis meses em 1197, oito semanas em 1198; em média, portanto, três meses por ano. É verdade que no resto do tempo temos de temer camionistas desempregados e saqueadores à espreita. Mas o seu número é bastante limitado.

Por outro lado, o estado de guerra estimulou a actividade económica: os trabalhos nos castelos proporcionaram emprego a milhares de trabalhadores e artesãos; a compra de materiais, seu transporte, os gastos dos soldados aumentam a demanda, a produção e o consumo, e não apenas os produtos básicos: o rei, durante toda a duração da obra, reside perto de Andelys, e desenvolveu residências confortáveis em Hauville, Vatteville, Portejoie, Orival, pavilhões de caça, cozinhas, comprou móveis, roupas, jóias, e não estava sozinho: a sua comitiva incluía dezenas de grandes senhores e bispos, habituados a um estilo de vida luxuoso (à escala do século XII), e tudo acompanhado por uma equipe abundante. Todas estas pessoas na corte são grandes consumidores de bens de luxo. A guerra foi pontuada por inúmeras reuniões diplomáticas para discutir e assinar tréguas.

Richard e Philippe reúnem-se mais frequentemente à volta de uma mesa do que num campo de batalha e, em todas as épocas, sabemos que as conferências e reuniões de cimeira são uma bênção para comerciantes, artesãos, hoteleiros e prostitutas de todos os níveis. Justamente para a assinatura da “troca de Andely”, em 16 de outubro de 1197, entre Ricardo e o Arcebispo Gautier, estão presentes em Rouen, além dos dois protagonistas, Hubert, arcebispo de Canterbury, John, bispo de Worcester, Hugues, bispo de Coventry, Savary, bispo de Bath, Henri, bispo de Bayeux, Garin, bispo de Évreux, Lisiard, bispo de Sées, Guillaume, bispo de Coutances, Guillaume, bispo de Avranches, Eustache, bispo de Ely, Roger, abade de Sainte -Trinité-du-Mont de Rouen, Renaud, abade de Saint-Wandrille, Victor, abade de Saint-Georges de Bocherville, Arthur, abade de Tréport, Osbert,

Machine Translated by Google

Abade de Préaux, Hugues, Abade de Eu, Guillaume, Abade de Corneville, Jean, Conde de Mortain, Otton, Conde de Poitou, Baudouin, Conde de Aumale, Raoul, Conde de Eu, Guilherme o Marechal, Conde de Striguil, Guillaume Fitz Raoul, senescal da Normandia, Robert de Torneham, senescal de Anjou, Guillaume du Hommet, condestável da Normandia, Raoul, camareiro de Tancarville e muitos outros. Todos esses personagens vivem vários dias em Rouen, amam o conforto e têm muitas necessidades de todos os tipos para satisfazer.

Durante dois anos, o sítio Château-Gaillard foi um formigueiro onde, estima-se, trabalharam mais de 4.500 trabalhadores, que tinham de comer, beber, vestir-se e copular; uma verdadeira cidade de cabanas comerciais foi estabelecida nas proximidades. Na União Europeia, a construção dos muros custa mais de 5.000 libras, mas quanto isso traz para os comerciantes vizinhos em materiais de todos os tipos? A agricultura beneficia, assim como o artesanato, a produtividade aumenta e, sob o efeito da procura, ocorre inflação real. Entre 1180 e 1198, os preços da aveia aumentaram em Bonneville 22% ao ano, 17% em Cotentin, 9% em Lisieux, 7% no Pays d'Auge. Aumento comparável para trigo e cevada. Os camponeses que tinham um excedente comercializável beneficiaram destes aumentos, tal como os senhores que recebiam rendas em espécie, enquanto nas cidades os salários também tendiam a aumentar.
No geral, a população está satisfeita: é revelador que mesmo os cronistas favoráveis aos Capetianos não relatam qualquer movimento de resistência, protesto, traição, ao passo que "se a guerra tivesse realmente tido um efeito devastador sobre as terras e os recursos durante este período, [os nobres] certamente teriam desertado para o campo capetiano. Mas entre 1195 e 1198 nenhum grande aristocrata normando passou para Philippe Auguste", conclui Vincent Moss38.

A mesma satisfação entre o clero, e particularmente nos mosteiros, as 77 abadias e 312 priorados beneditinos, as 18 abadias e 83 priorados de cónegos regulares39. Todos pareciam beneficiar com isso e participaram voluntariamente no esforço de guerra, o que lhes permitiu vender os seus excedentes agrícolas a um bom preço. Vários seguidores de Ricardo são também patronos ou fundadores de casas religiosas, como Hugues de Gournay, que participou na terceira cruzada e que fundou a abadia de Bellozanne em 1195, da ordem premonstratense. Quanto a Roberto III de Leicester, íntimo do rei, que portava uma das três espadas durante a coroação, confirmou a fundação da abadia das freiras de Fontaine-Guérard em 1189 ou 1190, e seu filho Roberto IV participaria ele também na cruzada. Todos est

Machine Translated by Google

personagens e seus fundamentos testemunham o fato de que a Normandia, apesar da guerra, era então um ducado próspero e bastante pacífico.

Para Vincent Moss, este aparente paradoxo deve-se ao novo carácter da guerra entre 1195 e 1199: uma espécie de “guerra falsa” de posição, onde somos observados, em números muito reduzidos, guarnecidos nos castelos. São dispendiosos de construir, mas mantêm os negócios em funcionamento e depois poupam mão-de-obra: um punhado de soldados consegue manter um exército sob controlo, com perdas humanas mínimas, e não há necessidade de devastar o país para o controlar: “Foi a combinação de números baixos e uma guerra relativamente estática frente a fortificações cada vez mais caras e sofisticadas que impediram que o aumento acentuado das despesas militares dos Angevinos e Capetianos tivesse consequências sociais e culturais devastadoras40. — »

O Império Plantageneta entre a guerra e a paz

Os resultados geralmente positivos para a Normandia podem ser estendidos a todos os territórios Plantagenêt? Parece tão. Ao longo do reinado de Ricardo Coração de Leão, a guerra limitou-se a setores muito restritos, como Vexin ou Vendômois; os senhores rebeldes do Maine, Poitou e Aquitânia acalmaram-se; alguns partiram para a cruzada e não retornaram, ou retornaram empobrecidos e castigados.

Na Bretanha, que permaneceu sob os cuidados de Ricardo, as reformas administrativas de Geoffroy permitiram estabelecer um pouco mais de ordem, sob a direção do senescal da Bretanha e dos oito senescais locais, como Guillaume de Lanvallay, que também possuía propriedades na Inglaterra , o que os tornou mais suscetíveis à pressão real. A economia está a progredir, com empresas de limpeza e recuperação, como nos pântanos de Dol, um tráfego marítimo em expansão, favorecido pela integração da Bretanha no conjunto político e económico Plantagenêt: é raro na história que a Bretanha, a Normandia e a Inglaterra dependam o mesmo soberano. Embora os marinheiros destas três regiões normalmente pratiquem actos de pirataria uns contra os outros, agora viajam com maior segurança no Lago Plantagenêt em que o Canal da Mancha se tornou41.

—

Na Inglaterra também houve relativa calma, pouco perturbada entre 1191 e 1193 pelas manobras do Príncipe João para usurpar o poder. Até os vizinhos celtas ficam calados. Com exceção do príncipe galês Rhys que se revoltou com a ascensão de Ricardo aproveitando sua ausência e o enfraquecimento dos grandes barões das Marcas

Machine Translated by Google

ocupado na Irlanda, partindo para a cruzada ou servindo ao rei na França. Em 1192, ele sitiou o Castelo de Swansea e perturbou seriamente o sul do País de Gales até sua morte em 1197. Em 1198, outro líder local, Gwenwynwyn, tentou recriar um principado em Powys. Mas esses distúrbios permanecem limitados. Os tenentes de Ricardo conseguiram contê-los, liderando incursões, como a de Hubert Walter em 1196 e a de Geoffrey Fitz Peter em 119842. O senhor mais poderoso da região era também um fiel seguidor de Ricardo, William Marshal, herdeiro de todo o condado de Pembroke através do seu casamento com a filha do Conde Richard de Clare, “Strongbow”, em 1189. Um casamento fabuloso que - este , ao qual Ricardo Coração de Leão só consentiu porque seu pai havia feito uma promessa ao Marechal. Inaugurando seu reinado com um belo gesto cavalheiresco, ofereceu a jovem Isabelle, de dezessete anos, a esse caminhoneiro de cinquenta anos que quase o matara poucos dias antes, como vimos. Richard também guardou para si parte da herança de Clare e entre os dois homens, por trás da fachada de lealdade, podemos sentir uma desconfiança secreta. Guilherme, o Marechal, não irá à cruzada com Ricardo e, durante a longa ausência deste último, servirá os interesses do Príncipe João com um pouco de zelo demais, sob o pretexto de que é seu vassalo por causa de suas terras na Irlanda, de qual João é teoricamente rei. A ânsia com que correu ao encontro de Ricardo em 1194, quando este regressou do cativeiro, também é suspeita: teria ele algo pelo que se censurar? Ele jura que não, mas quando Ricardo convoca os vassalos de seu irmão para romper com ele, Guilherme se recusa, sempre se protegendo no dever de lealdade cavalheiresca, e Ricardo, que precisa de todos os seus cavaleiros, cede.
Guilherme, o Marechal, um pouco cavalheiresco para ser honesto, serviu-o mesmo assim até 1199.

Do lado escocês, está calmo. O Rei Guilherme, o Leão, encontra-se com o seu homólogo Ricardo Coração de Leão no início do reinado, a 5 de dezembro de 1189, em Canterbury, e entre os dois leões é assinado um tratado, que garantirá a paz entre os dois reinos até ao final do século. : Richard restaura Berwick e Roxburgh; Guillaume paga 10.000 marcos e nos separamos como bons amigos. Guilherme participará generosamente no pagamento do resgate de Ricardo, por 2.000 marcos, recusar-se-á a seguir João nas suas manobras para tomar o poder, carregará a espada do Estado durante a segunda coroação de Ricardo, 17 de abril de 1194, contribuirá novamente com 2.000 marcos para o esforço de guerra na Normandia em 1198, adotou uma reforma judicial imitando a da Inglaterra, e Ricardo garantiu-lhe uma escolta real e grandes honras dura

Machine Translated by Google

Londres. Eram “como David e Jônatas”, escreve um cronista, maravilhado. Pela primeira vez, um inglês poderia viajar para a Escócia sem ser roubado, e um escocês poderia viajar para a Inglaterra sem ser molestado.

Em última análise, o que emerge deste breve exame do reinado de Ricardo como monarca feudal e cavaleiro é que, para ele e para os seus vizinhos, a linha entre a guerra e a paz era extremamente ténue. A sociedade feudal encontra-se num estado permanente de “nem paz nem guerra”, ou “guerra e paz”, cujas regras são teoricamente estabelecidas pela Igreja, mas na realidade dependem unicamente da vontade real. O movimento Paz de Deus, considerado subversivo pelos proponentes da concepção tripartida de sociedade, foi de facto confiscado em benefício do poder real, e no século XII os teólogos e canonistas, que começaram a desenvolver a teoria da guerra justa, apenas reforçaram esta tendência. Por volta de 1140, o monge camaldulense bolonhês Gratien dedicou cerca de cem páginas ao problema da guerra no seu famoso decreto. Declara que a vida militar é muito meritória, posição que concorda com a do Segundo Concílio de Latrão, de 1139, declarando que a profissão das armas está menos exposta ao pecado do que o comércio ou as atividades judiciais. Para o soldado, fazer guerra e matar inimigos não é pecado, mesmo que obedeça a um príncipe sacrílego. Toda a responsabilidade é de quem inicia a guerra. Para que isso seja justo, deve ser declarado pela autoridade pública legítima, o “príncipe”, e por um motivo legítimo: recuperação de bens roubados, injustiça cometida contra o patrimônio, povo da pátria ou de um aliado, e até mesmo um ataque sobre o direito e a moral, o que amplia consideravelmente o âmbito da guerra legítima em comparação com escritos anteriores, em particular os de Santo Isidoro de Sevilha. O obj

Na condução da guerra, escreve Graciano, são permitidos artifícios e armadilhas, como mostra o exemplo de Josué, a quem o próprio Senhor aconselhou a armar uma emboscada para tomar a cidade de Ai. Punir os ímpios é um dever dos reis cristãos, e qualquer atraso nesta ação de justiça irrita o Senhor. O Decreto contém declarações sobre este assunto que ecoam as de São Bernardo: matar os ímpios é servir a Deus, e morrer lutando contra os infiéis é merecer o céu.

Entre os deveres dos reis está o de defender as igrejas, podendo o clero pedir a sua ajuda43. O Decreto de Graciano é repetido em numerosos comentários no final do século XII e início do XIII, que aprofundarão o seu significado. Se Huguccio se contenta em declarar que “a guerra é justa quando é feita pelo justo decreto do príncipe”, Mestre Rufin, na Summa decretorum de 1157, coloca claramente três condições: a guerra

Machine Translated by Google

é justo se quem o declara tiver autoridade legítima, se quem o faz o executa com bondade e não tem impedimento canônico, e se aquele a quem é feito o merece44.

Tudo isto é muito teórico e pode ser resumido numa observação muito simples: a guerra é justa se o rei a decidir. Igualmente teórica é a proibição formal dos eclesiásticos de portarem armas e participarem em combates. Desde o início da Idade Média, bispos e abades, que são ao mesmo tempo vassalos do rei e jovens em grande forma, têm estado mais dispostos a empunhar a espada do que a escova. Muitos cumprem pessoalmente o dever de anfitrião no exército real. Alguns são até combatentes formidáveis, como o bispo de Beauvais no exército de Philippe Auguste, e o arcebispo de Rouen no de Richard. A carreira deste prelado é particularmente notável sob vários pontos de vista. Gautier de Coutances (1140-1207) é de facto um dos principais actores do reinado. Ao contrário do que seu nome sugere, ele nasceu na Cornualha inglesa, estudou em Oxford e Londres, tornou-se cônego de Rouen em 1173, depois vice-chanceler da Inglaterra em 1175, tesoureiro cônego do capítulo de Rouen e Lincoln, simultaneamente. Em seguida, arquidiácono de Oxford e consagrado bispo de Lincoln em 1183 na capela do Castelo de Angers. Transferido poucos meses depois para a sede arquiepiscopal de Ruão, cumpriu diversas missões diplomáticas ao serviço do rei. Em 20 de julho de 1189, foi ele quem apresentou a espada ducal a Ricardo na Catedral de Rouen, e compareceu à coroação em Westminster, logo atrás do Arcebispo de Cantuária. Em 1190, embarcou na cruzada com o rei, que logo o enviou de volta à Inglaterra com o título de grande juiz, para garantir a ordem no reino, ameaçado pelo conflito entre o príncipe João e o chanceler Guillaume Longchamp. Trocando então a mitra pela espada, o arcebispo de cinquenta anos, à frente de um exército, derrota o príncipe João e sitia os seus castelos. Ele recebeu o resgate do rei e, ao retornar, em 1194, renunciou ao cargo de grande juiz, retornou a Rouen e cuidou de sua diocese. Foi ele quem em 1197 trocou o seu domínio de Andelys com Ricardo, que aí pretendia construir o seu castelo.

Carreira exemplar, dissemos, da mistura de gêneros e da multifuncionalidade dos grandes servidores da monarquia Plantagenêt: inglês, normando, bispo, soldado, diplomata, intelectual, Gautier é um pau para toda obra, que também ilustra a coesão do territórios governados por Ricardo: os servidores da monarquia ocupam indiferentemente cargos na Inglaterra, Normandia, Poitou ou

Machine Translated by Google

em Anjou. Para a administração superior, o império Plantageneta existe de facto.

Ricardo, que acabara de ser coroado duque da Normandia e rei da Inglaterra em julho e setembro de 1189, normalmente se preparava para governá-la. Mas em vez disso, para grande escândalo de muitos, ele estava ansioso por ir para o Oriente. Decisão admirável ou irresponsável? Seu reinado começa com esta pergunta.

Machine Translated by Google

VIII

Machine Translated by Google

Partida para a cruzada.

Decisão controversa e jornada turbulenta

(1189-junho de 1191)

Em 3 de setembro de 1189, Ricardo I foi coroado rei da Inglaterra. Dez meses depois, no final de junho de 1190, deixou os seus Estados, depois de os ter colocado numa secção regulamentada, para embarcar na arriscada aventura da cruzada na Terra Santa. Não o veremos novamente em seu reino até quase quatro anos depois, em março de 1194. Este rei passará 40% de seu reinado longe de casa. Ele certamente não pretendia ficar tanto tempo afastado e é contra sua vontade que será mantido em território estrangeiro. O facto é que a decisão inicial foi dele e que inaugurou o seu reinado de forma questionável, o que levou cronistas e historiadores a questionarem-se: seria realmente razoável, para um rei que chegou ao poder em condições conturbadas, com problemas internos? e ameaças externas que pesam sobre os seus Estados, para embarcar quase imediatamente em tal empreendimento, que custará aos seus súbditos somas fabulosas e mergulhará o país numa profunda desordem? Esmagadoramente, a resposta era, até recentemente: não. Foi uma loucura. Resposta que tem sido matizada há algum tempo, nomeadamente na sequência do trabalho do Professor John Gillingham, que argumentou, com documentos em mãos, que longe de partir por capricho, Richard preparou cuidadosa e metodicamente a organização dos seus territórios para o período em que iria estar ausente, e que se não tivesse sido feito prisioneiro traiçoeiramente, tudo teria corrido sem maiores problemas. Tese talvez um pouco branda demais. Retomemos o curso dos acontecimentos.

As flutuações do espírito cruzado

Desde sua ascensão, Richard teve uma obsessão: a cruzada. Ele havia se comprometido, contra o conselho de seu pai, a ir para lá o mais rápido possível, assim como o rei da França e um grande número de príncipes e grandes vassalos, com

Machine Translated by Google

o encorajamento do Papa. Esse tipo de juramento é considerado sagrado, mas, empenhado em uma luta de morte contra seu pai, teve que adiar sua partida para então. Agora livre para tomar suas decisões, ele se dedica inteiramente a esse objetivo. Um século depois da Primeira Cruzada, uma atmosfera de guerra santa envolveu mais uma vez o cristianismo, horrorizado com a notícia da queda de Jerusalém em 1187. Versão cristã da jihad, a guerra santa é apresentada como o ápice da luta espiritual contra o mal, e como a busca da salvação através do espírito de penitência levada ao martírio. A Igreja sempre viu no cristão um soldado de Cristo, empenhado numa guerra impiedosa contra Satanás. Neste caso, Satanás está encarnado nos muçulmanos, “escravos dos demônios”, disse Foucher de Chartres na época da primeira cruzada. Contra tal adversário, o resultado só pode ser absoluto: vitória ou morte; Negociações e acomodações estão excluídas, porque não fazemos pactos com o diabo. Depois vem o elemento do martírio, um retorno a outra tradição cristã: derrotar o mal oferecendo a própria vida como um sacrifício sangrento, à imagem de Cristo. “A todos aqueles que perdem a vida lutando contra os pagãos, será concedida a remissão dos pecados”, disse Urbano II. Aconteça o que acontecer, o cruzado tem portanto a vitória assegurada: se matar o pagão, vence a luta contra o mal; se for morto, ganha a palma do martírio.

Foi também o que São Bernardo proclamou em meados do século XII. Para esta consciência fanática e autoproclamada do Ocidente, pronta a usar os meios mais odiosos contra os seus adversários, sejam eles Abelardo, hereges, intelectuais ou muçulmanos, estes "cães", estes "porcos", estes "limos" da iniquidade", a única solução é o extermínio, «porque a morte dada ou recebida por Cristo não envolve nada de criminoso, por um lado, e por outro merece grande glória. Matar um inimigo para Cristo é ganhá-lo para Cristo; morrer por Cristo é ganhar Cristo para si mesmo. De facto, Cristo recebe com bondade a morte do seu inimigo como reparação, e entrega-se ao seu soldado com ainda mais bondade, como consolação. O soldado de Cristo, digo, mata com segurança, morre com segurança ainda maior. Se ele morrer, o benefício será para ele; se ele mata, é por Cristo [...]. A morte do pagão é uma glória para o cristão, porque nela Cristo é glorificado.

Em suas cartas, São Bernardo apela aos cavaleiros: em vez de matarem-se uns aos outros em seus estúpidos torneios, “ofereço-lhes hoje, pessoas tão guerreiras quanto corajosas, uma grande oportunidade de lutar sem se expor a nenhum perigo, de conquistar com verdadeira glória e morrer com vantagem. […] Façam o sinal da cruz, meus irmãos, e vocês certamente ganharão indulgência por todos os seus pecados depois de confessá-los

Machine Translated by Google

com um coração contrito. E venha juntar-se às milícias dos monges soldados, em particular dos Templários, dos quais o santo fez um vibrante elogio por volta de 1130: disciplinados, unidos, pobres, nunca ociosos, evitando todas as supérfluas, como "mulheres e crianças", todas as "vaidades e loucuras que rejeitam e condenam", como mímicas, brincadeiras, cantos de palhaços, "risadas desmedidas"; desdenhoso das modas, cabeça raspada, sujo e fedorento, "nunca penteado, raramente lavado, mas sim cabelo despenteado e desgrenhado (para quem deixa crescer), sujo de pó". Em suma, verdadeiros santos, isto é, segundo São Bernardo, homens que permaneceram próximos da natureza, tendo emprestado apenas o mínimo da civilização pervertida, analfabetos, mas cegamente devotados aos seus superiores para a defesa do cristianismo.

O prestígio de São Bernardo, exaltado, até patológico, recrutador de combatentes para a guerra santa, contribui para manter o espírito de cruzada.

Isto, no entanto, foi atenuado e bastardizado durante o século XII, à medida que o reino cristão de Jerusalém parecia definitivamente estabelecido. Integrado na cultura, este espírito tornou-se simultaneamente um tema literário e uma motivação para viagens turísticas. Rodeado por uma luxuosa suíte, grandes senhores empreendem a viagem, durante a qual visitam os locais mais famosos. É o caso de Henrique, o Leão, duque da Saxônia e da Baviera, cunhado do rei Ricardo, com cuja irmã Mathilde se casou em 1168, recebido suntuosamente em Constantinopla por Basileus Manuel, em Jerusalém pelo rei Amauri, e até de passagem pelo Sultão de Icônio. Discute teologia, visita os lugares santos, conversa com os Templários e os Hospitalários. As grandes damas também fazem o passeio e aproveitam para fazer compras com negociantes de relíquias para enriquecer seu acervo. A literatura hagiográfica é então enriquecida com a vida de santos exóticos, como São Jorge, Santa Thaïs, Santa Maria, a Egípcia, São Nicolau de Mira, Santo Alexis, que seduzem com episódios de maravilha oriental. A própria literatura secular integra a cruzada em canções que misturam amor cortês e guerra santa. Cerca de quarenta dessas músicas foram encontradas3.

– A maioria são textos de propaganda a favor da cruzada, expressando a dor do cavaleiro que deve deixar sua dama para completar a perigosa jornada, como em "Ahi, amors!" », do trouvère Conon de Béthune em 1189:

> "Ahi, amores, quão difícil será a separação
> para mim, para fazer com que os mil Ki
> onques amee ne sejam servidos.
> Os deuses permanecem para mim vinculados à
> sua gentileza, se de fato isso me deixa triste. »

Machine Translated by Google

(Ai, amor, é difícil partir Como devo,
aquela que é de todas A melhor que foi amada
e servida.
Deus, em sua bondade, me traz de volta
para ela, Tão certo quanto saio com dor.)

Mas tenha cuidado: as beldades devem permanecer castas durante a ausência do seu cavaleiro servo, e

“Eles fazem isso, por mau conselho, folaige,
Como leigos e pessoas más farão isso
Porque em breve eles irão nesta jornada4”.
(Se se desviarem e se deixarem seduzir,
Será por covardes e pessoas más, Pois
todos os bons farão esta jornada.)

Algumas canções chegam ao ponto de recomendar desconfiança nos pregadores das cruzadas. Num poema latino, ***Ire si vis ad sermonem,*** o autor dá este conselho: antes de partir,

“Certifique-se da situação: as estradas
estão em boas condições?
Caso contrário, você partirá com muita
coragem, E no dia seguinte retornará lamentavelmente. »

E então :

“ ***Cave, precor, Ciceronem***
Ne per verbi rationem
Reddat crucis te prisioneiroem5 .
(Cuidado com esses Cíceros
que, por sua razão sutil, irão
acorrentá-lo à cruz.)

Muito mais violento é este monge anónimo de Würzburg, que castiga "certos pseudo-profetas, filhos de Belial e chefes do Anticristo, que com as suas palavras estúpidas e a sua pregação vazia desencaminham os cristãos e incitam todo o tipo de pessoas a fugir deles. “ir contra os sarracenos para libertar Jerusalém6 ”.

Machine Translated by Google

Assim, o espírito de cruzada, morno, mitigado, diluído, parece ter perdido o vigor que São Bernardo lhe incutira. Tendo se tornado circuito turístico e tema literário, a cruzada, até o final da década de 1170, já não atraía tantos príncipes e cavaleiros, apesar dos gritos de alarme lançados pelos patriarcas orientais e pelos potentados latinos da Palestina diante do progresso dos muçulmanos. Os cristãos voltaram às suas disputas internas: o sacerdócio contra o Império, os Capetianos contra os Plantagenetas.
O Papa Alexandre III pode ter vendido indulgências – uma indulgência plenária para dois anos de cruzada e uma remissão de penitência durante um ano, mas pela bula Inter ***omnia*** de 1169 nada funcionou.

O despertar da década de 1180: alarmes e profecias

Foi em meados da década de 1180 que houve um renascimento do interesse pela cruzada. A ameaça muçulmana tornou-se mais clara: em 1183, Saladino tomou Aleppo, um prelúdio para a queda de Jerusalém. De repente, os maus presságios despertaram: terremoto na Inglaterra em 1185, eclipses em 1186, tempestades, ciclones, inundações em 1186-1187. O suficiente para estimular a imaginação profética. Roger de Howden, Benoît de Peterborough, Robert de Torigny, Rigord relataram por volta de 1185-1186 a circulação de certas cartas anunciando furacões, redemoinhos de areia, terremotos, vozes nas nuvens, vento devastador soprando de oeste para leste, destruição de cidades do Egito e a Etiópia, surgimento de personagens misteriosos, um dos quais ensinará o caminho da verdade, o outro será um falso profeta, e o terceiro reunirá imensos exércitos e fará um grande massacre[7] .

A ocorrência de dois eclipses e a conjunção de todos os planetas no signo de Libra em 1186 foi uma oportunidade para os astrólogos orientais e ocidentais exercitarem seus talentos preditivos, de maneira muito inconclusiva, como relatou Roger de Howden: “Neste ano de 1184 , os astrólogos espanhóis e sicilianos, como todos os prognosticadores do mundo, gregos e latinos, escreveram geralmente a mesma previsão sobre a conjunção dos planetas. » Segundo um certo Chorumphisa, os francos iriam derrotar os sarracenos; apareceria um grande profeta e um grande príncipe, na pessoa de William, um clérigo de Chester; A Inglaterra iria sofrer uma catástrofe, e para evitá-la, “só há um remédio, e esse é que reis e nobres se aconselhem, sirvam a Deus e se afastem do diabo, para que o Senhor evite este castigo ameaçador[8]” .

E há profecias que, embora extravagantes, são mais espirituais e mais estruturadas. Primeiro, os do herege Amaury

Machine Translated by Google

de Bennes, que divide a história em grandes períodos correspondentes ao desdobramento das ideias divinas, e especialmente as do cisterciense calabresa Joachim de Flore (1130-1202). Este personagem continua a ser uma grande figura na história profética, e a sua fama espalhou-se por toda a Europa no final do século XII9. Se ele nos interessa particularmente aqui, é porque Ricardo Coração de Leão terá uma longa entrevista com ele durante a sua estadia na Sicília em 1190-1191, um sinal de que o rei não é indiferente a este fermento profético no contexto da cruzada. Joachim de Flore expõe a sua concepção da história mundial em quatro grandes obras: a Concordia novi et veteri testamenti, a Expositio in Apocalypsim, o Liber introductorius, composto a partir de 1184, depois o Super quatuor evangelica, que ficou inacabado, no qual utiliza quatro tipos de exegese, que ele chama de “histórica”, “moral”, “alegórica” e “típica”, baseada em símbolos e figuras. Ele acredita poder discernir quatro eras na história humana: antes da lei mosaica, sob a lei, sob o Evangelho, sob o Novo Testamento, depois, além, uma quinta era, fora do tempo, correspondente à visão divina. Mas as duas primeiras eras podem ser reunidas, o que deixa três eras históricas: a era do Pai, a era do Filho, a era do Espírito, três momentos que abrangem diversos pontos de vista: a era do natural e o mosaico. direito, a era do direito evangélico, a era da inteligência do Espírito.

Ele situa a sua época na junção entre o segundo e o terceiro períodos e, como existe uma correspondência estrita entre os acontecimentos de cada época, pensa ele, isso permite-nos saber o que acontecerá em breve. Assim, a perseguição de Nabucodonosor na primeira era corresponde à dos muçulmanos na segunda era; e como o libertador Ciro veio então, podemos prever que em breve virá um grande rei que derrotará os muçulmanos e exaltará o sacerdócio cristão. Lá, Richard, que está a caminho da cruzada, escuta. O grande rei em questão, continua o simpático cisterciense, elevará a humanidade ao amor do Espírito, fundando uma nova ordem religiosa, da qual surgirão doze patriarcas que converterão os judeus. Mas como no final da primeira era houve a perseguição de Antíoco, o fim da segunda era será marcado durante três anos e meio pela vinda do Anticristo, que destruirá a Igreja visível, e isto é depois da sua derrota, com o regresso de Elias, começará verdadeiramente a terceira era, a do Espírito, do Evangelho eterno, que não será composto de palavras, mas que consistirá na inteligência espiritual dos dois Testamentos.

Machine Translated by Google

No momento em que Joaquim de Flora vai ao encontro de Ricardo, as autoridades eclesiásticas aprovam a sua doutrina: Lúcio III pediu-lhe que comentasse o Apocalipse e escrevesse uma Concórdia; Urbano III recebeu-o em Verona em 1186 e encorajou-o no seu trabalho, tal como Clemente III. Em 1190, fundou a ordem da Flora, que Celestino III confirmou em 1196. O papa ainda fez uma investigação em 1195 para saber de onde tirava suas informações sobre o futuro: Deus me deu “inteligência” para compreender no Espírito os mistérios das Escrituras, disse ele, e no momento estamos satisfeitos com esta resposta. Somente em 1259 toda a sua doutrina foi banida.

As profecias, estimuladas por conjunções astronômicas, acidentes naturais e más notícias vindas do Oriente, ajudaram a reavivar o espírito de cruzada. Quando o Patriarca Heráclio veio visitar as capitais da cristandade em 1184, acompanhado pelos grandes mestres do Templo e do Hospital, para pedir ajuda, foi calorosamente recebido tanto em Londres como em Paris e pelo 'imperador'. Mas foi com a catástrofe de 1187 que se desencadeou uma onda de pregações a favor da cruzada, sem precedentes num século. As propriedades Plantagenêt foram particularmente afetadas, o que pode explicar em parte por que Richard estava tão ansioso para partir. Na verdade, foi a primeira vez que a cruzada foi pregada na Inglaterra. Pierre de Blois (1130-1200), um dos clérigos mais ouvidos da corte, foi particularmente ativo. Já em 1187, ele escreveu uma Exortação aos que não tomam nem pregam a cruz (Exhortatio ad eos qui nec accipiunt nec praedicant crucem), uma carta circular castigando aqueles que têm medo de ir à cruzada, em particular os clérigos, de a quem ele imagina as objeções: “Mas, dirás, o que faria eu entre os milites, eu que sou um clérigo desarmado, um inermis? – Você é a trombeta divina, o miles Christi, com armas espirituais… – Mas, você dirá, quem mata os infiéis é homicida, e não quero forçar os homens a cometerem o crime de homicídio. » Pedro de Blois retoma então o argumento de São Bernardo: matar por amor não é homicídio, “é até mérito dos cristãos lutarem valentemente, acesos pelo zelo da caridade, aqueles que blasfemam de Cristo, poluem o santuário do Senhor e humilhar, no seu orgulho, a glória do nosso Redentor… Acredito que é muito aceitável a Deus que estes cães tão imundos sejam expulsos da Terra Santa10.

» No mesmo ano, Pierre de Blois escreveu um pedido de desculpas a Renaud de Châtillon, apresentado como modelo do mártir cruzado: o Tractatus Reginaldis principis Antiochie11. No início de 1189, no Diálogo inter regem Henricum

Machine Translated by Google

secundum et abbatem Bonevallis12, ele castiga as falhas morais de Henrique II, cuja única forma de se redimir, diz ele, seria partir para a cruzada. Então, novamente em De hierosolymitana peregrinatione, acceleranda13 ele ataca a tibieza e a demora dos soberanos em iniciar a cruzada.

A pregação da cruzada e o fracasso de Barbarossa

(1188-1190)

Pregadores viajam pelo país tentando recrutar cruzados. O próprio Arcebispo Balduíno de Cantuária fez uma viagem de pregação ao remoto País de Gales entre 1 e 23 de abril de 1188. Geraldo, o Galês, como arquidiácono de São David, acompanhou-o, o que nos dá um relato pitoresco das condições em que esta campanha de propaganda ocorreu14. O pregador utiliza todos os meios à sua disposição: milagres, ameaças, barganhas, chantagens, encenações, bem apoiado por Gerald, que conta por exemplo que depois de um sermão em Radnor perante o líder galês Rhys ap Gruffydd, "eu, que escrevo estas palavras , fui o primeiro a me levantar e me lançar aos pés do santo homem; e recebi piedosamente o sinal da cruz, servindo assim de exemplo aos outros". Os sermões, em latim, são traduzidos para o galês por um intérprete, e às vezes são seguidos por uma estranha barganha: assim, em Swansea, um homem idoso consegue um bom negócio: ele dá um décimo de seus bens em troca de metade da indulgência prometida. para quem se inscreve, e como já tem idade para sair, recebe os 50% restantes como recompensa pela boa vontade.

Marchar

Gérald só pode "admirar a sua devoção e a sua engenhosidade".

Como sempre, o maior obstáculo ao envolvimento dos cruzados são as mulheres. O próprio Rhys ap Gruffydd teria aceitado, mas, diz Gerald, sua esposa o dissuade, "usando seus encantos femininos". Gostaríamos de saber mais. Em Cardigan, uma mulher segura o marido pelo cinto para impedi-lo de ir embora. Isto é ruim para ela: três dias depois, ela ouve uma voz que lhe diz: "Você me tirou um servo; é por isso que aquilo que você mais ama no mundo também lhe será tirado. » Na noite seguinte, seu bebê, que dormia em sua cama, morreu sufocado. Seu marido imediatamente se cruza. Várias mulheres também se opuseram a Hay. Os recém-casados são os mais relutantes. Em Abergavenny, o arcebispo pede aos jovens que discutam o assunto com as suas esposas. Um deles, Arthenus, respondeu virilmente: "Isso é assunto de homens!" Para realizá-lo não convém pedir a opinião de uma mulher! »

Machine Translated by Google

Em última análise, a campanha de propaganda deu frutos, se acreditarmos em Gérald, que escreveu: “Cerca de 3.000 homens receberam o sinal da cruz, todos muito hábeis no manejo da lança e das flechas, todos muito experientes nos assuntos de guerra, e todos prontos para enfrentar os inimigos da fé, todos muito devotados ao serviço de Jesus Cristo, um certo número de criminosos e salteadores de estrada.

A pregação da cruzada afetou todas as regiões da França e da Inglaterra, e também o Sacro Império Romano e os países escandinavos. Inicialmente, o Papa Gregório VIII, durante o seu curto pontificado de apenas dois meses (21 de outubro a 17 de dezembro de 1187), apelou ao arrependimento e à penitência: os sucessos dos muçulmanos só poderiam ser devidos aos pecados dos cristãos. Isto é também o que o cisterciense Alain de Lille (1125-1203) pregou no seu Sermão da Cruz do Senhor, perante uma assembleia de cruzados: se os muçulmanos se apoderaram da verdadeira Cruz, em Hattin, ele disse: “Qual é então o causa desta perda, senão a nossa culpa? Por que deveríamos nos desesperar com a nossa recuperação, se não pela abundância das nossas faltas16? » Gregório VIII e seu sucessor Clemente III (1187-1191) decretaram, portanto, uma reforma moral: orações públicas, prescrições suntuárias, os cardeais juraram viver de esmolas e não andar a cavalo antes da recaptura de Jerusalém, uma paz geral de sete anos é promulgada entre todos os cristãos. O cardeal cisterciense Henrique de Albano, acompanhado pelo arcebispo Josias de Tiro, percorreu os soberanos europeus em 1188, promovendo reaproximações entre Filipe Augusto e o imperador, entre Capetianos e Plantagenetas. A cristandade ressoa com rumores de guerra santa, mas, ao contrário das primeiras cruzadas, os preparativos dizem respeito principalmente a reis e príncipes. É a eles que se dirigem os legados; o elemento popular é negligenciado. O povo será solicitado a pagar o dízimo de Saladino, mas quanto à expedição em si, agora é assunto exclusivo dos grandes e dos cavaleiros. A cruzada profissionalizou-se, como os

E nos círculos principescos está incluído nos cálculos políticos e nas manobras dos soberanos ao serviço dos seus interesses dinásticos. A falta de coordenação é flagrante, especialmente entre o imperador e os reis de França e de Inglaterra. Frederico Barbarossa estava pronto muito antes de todos os outros e partiu em maio de 1189, sem esperar que Filipe Augusto e Ricardo resolvessem seus problemas.

É verdade que já tem quase setenta anos e que deve apressar-se se quiser reconquistar Jerusalém antes de morrer. O personagem é singular e suas relações com a Igreja têm sido caóticas. Há misticismo e espírito messiânico neste imperador que passou seu reinado lutando contra

Machine Translated by Google

os papas, para apoiar os antipapas e que, excomungado, mandou canonizar Carlos Magno por um deles. Em 27 de março de 1188, convocou uma grande assembleia da nobreza alemã em Mainz, na presença do legado Henrique de Albano. Durante este encontro, que chamou de ***Curia Christi,*** e do qual cedeu a presidência ao Espírito Santo, o bispo de Würzburg, Gottfried, pregou a cruzada. O imperador pega a cruz e envia, por meio de Henri de Dietz, uma carta de ultimato a Saladino, pedindo-lhe que restaure a Palestina e desafiando-o para um combate individual em Zoan. Aos setenta anos, o desafio é audacioso, mas puramente teórico.

Antes de partir, tomou as providências, sentindo que na sua idade provavelmente não retornaria desta última viagem: deixou o Império aos cuidados de seu filho mais velho, Henrique VI, que era ao mesmo tempo herdeiro das Duas Sicílias. seu casamento com Constança, tia e herdeira de Guilherme II da Sicília, e exila Henrique, o Leão, duque da Saxônia e da Baviera, cunhado de Ricardo, que poderia ter aproveitado sua ausência para tomar o poder. Ele escreveu aos soberanos por cujos estados passaria: o rei húngaro Bela III, o sultão seljúcida Kilidj Arslan II, que prometeu sua ajuda, e especialmente o basileus Isaac II, o Anjo, cuja atitude era suspeita.

O enorme exército dos cruzados, liderado por Frederico Barbarossa e seu filho mais novo, Frederico da Suábia, partiu de Regensburg no início de maio de 1189. Em 23 de junho, cruzou o Danúbio em Belgrado, e a partir daí, em território bizantino, foi confrontada com o duplo jogo do basileu, que preferiu chegar a um acordo com Saladino: este último prometeu a sua aliança contra os seljúcidas de Ásia Menor e a guarda dos lugares sagrados aos Ortodoxos, se isso impedir os cruzados de continuarem a sua viagem. O progresso de Frédéric torna-se difícil; ele deverá tomar as cidades uma por uma; a sua retaguarda é atacada por bandidos sérvios e búlgaros; ele acusa Isaac de tê-los encorajado e ocupa Filipópolis. Seus embaixadores em Constantinopla são presos. Parecemos então caminhar para um cerco à capital bizantina: Frederico envia o seu filho mais novo para tomar a cidade trácia de Didymotichum, e pede ao seu mais velho que reúna uma frota e obtenha o acordo do papa para uma cruzada contra Constantinopla. Isaac então cede e liberta os embaixadores, mas pede a Frederico que atravesse o estreito pelos Dardanelos em vez do Bósforo. Foi o que fez o imperador em março de 1190, após passar o inverno em Adrianópolis. No dia 27 de abril chegou a Léodicée. Seu exército foi assediado pelas tropas do sultão seljúcida de Icônio, que não cumpriu sua promessa. Em 17 de maio, os alemães abriram caminho na batalha de Konya e cruzaram os desfiladeiros de Taurus. O caminho para Jerusalém parecia aberto quando, em 10 de junho, o imperador morreu ao atravessar o rio Calicadmo. Afogamento?

Congestionamento? Cair do cavalo? Nós não sabemos. O resultado é imediato:

Machine Translated by Google

o exército, já enfraquecido e desmoralizado pelas doenças, ataques seljúcidas, deserções e picadas de escorpiões, desintegrou-se. É o fim da cruzada alemã. Alguns cruzados voltaram para casa, outros, liderados por Frederico da Suábia, chegaram a Antioquia em 21 de junho, onde causaram muitos danos. Outros finalmente juntaram-se ao Acre, então sitiado pelas tropas do rei de Jerusalém. É aqui que Ricardo Coração de Leão os encontrará, em junho de 1191.

Preparativos para a cruzada: quem liderará o Império?

Porque enquanto acontecia a épica cruzada germânica, os reis da França e da Inglaterra finalmente conseguiram concordar em partir por sua vez. Richard, ao contrário de Frédéric Barberousse, não é um místico. Se a ideia de cruzada se impôs a ele, foi sobretudo como dever de um cavaleiro cristão. A cruzada é aventura, guerra, honra, glória, com o bônus adicional da salvação eterna, que não é insignificante. Richard não é insensível à dimensão religiosa da expedição. Menos calculista que Filipe Augusto, levou a sério os apelos do papa e os argumentos dos pregadores. Ele é conquistado pela excitação do contexto da guerra santa, pelos clamores e pela raiva contra os muçulmanos, mesmo que estejam envolvidas motivações mais seculares. O sentimento de dever e a busca pelo prazer bélico combinam-se nele para estimular seu desejo de cruzada. É por isso que ele fez disso o primeiro objetivo do seu reinado.

Mas sua decisão é considerada e ele dedica dez meses aos preparativos. A precaução mais importante a tomar é garantir que o seu reino, ducados e condados sejam bem governados durante a sua ausência.
No final de setembro de 1189, logo após a sua coroação, foi para Worcester, onde obteve a promessa dos líderes galeses de que não atacariam a Inglaterra enquanto ele estivesse na cruzada17. Eles manterão sua palavra. Apenas Rhys continuará com seus ataques. Ele já acabou de levar Laugharne e Llanstephan. Richard se recusa a encontrá-lo em Oxford e envia seu irmão John contra ele. Depois garantiu a amizade do rei escocês Guilherme, o Leão, ao assinar com ele em dezembro, em Canterbury, o tratado de que falamos e que ficou nos anais como o tratado de “Quit-claim”, expressão equivalente a “equilíbrio de qualquer conta”. Também não haverá nada a temer nesse aspecto.

Machine Translated by Google

Em 12 de dezembro, Richard deixou a Inglaterra via Dover e Calais para encontrar Philippe Auguste no dia 30 em Nonencourt. Lá, os dois reis fizeram belas promessas um ao outro: concordaram em defender os territórios um do outro enquanto estivessem na cruzada e em proteger os seus respectivos súditos18. No entanto, a desconfiança já existe. Richard insiste em afirmar que se casará com Alice, irmã de Philippe, embora não tenha intenção de fazê-lo. Certamente decidiu nesta altura casar-se com Bérengère, filha do rei de Navarra Sancho VI, para fortalecer o seu sistema de alianças no Sudoeste contra o conde de Toulouse. Bertran de Born, numa canção de 1188, acusa-o de já estar noivo de Bérengère.
Mas ao manter a incerteza sobre o destino de Alice, ele evita um rompimento imediato com Philippe. O episódio é, de qualquer forma, obscuro. No dia 13 de janeiro, os dois reis renovaram o compromisso: “Completaremos juntos a viagem para Jerusalém sob a orientação do Senhor. Cada um de nós promete ao outro manter a boa fé e a boa amizade, eu Filipe, rei da França, a Ricardo, rei da Inglaterra, como a um amigo fiel; Eu, Ricardo, Rei da Inglaterra, a Filipe, Rei da França, como a meu senhor e meu amigo. »

Então Ricardo empreendeu uma visita aos seus territórios continentais, a fim de organizar a sua administração antes da sua partida. Guillaume Fitz Ralph é confirmado como senescal da Normandia, Étienne de Tours senescal de Anjou, Pierre Bertin senescal de Poitou, Élie de Celles senescal da Gasconha. Em 2 de fevereiro de 1190, presidiu uma grande assembleia de barões, bispos e abades do Sudoeste em La Réole, depois retornou à Normandia, onde em meados de março realizou um conselho de família com sua mãe Eleanor, sua “noiva .” » Alice, seu irmão Jean, seu meio-irmão Geoffroy, o bastardo. Há também o Arcebispo Baldwin de Canterbury e vários bispos. Em particular, discute-se a distribuição de poderes enquanto o rei estiver ausente. Depois, novo encontro no dia 16 de março com Philippe Auguste. A data de partida foi marcada para 24 de junho, em Vézelay, um pouco mais tarde do que inicialmente previsto, devido à morte da Rainha de França, Isabel de Hainaut, e de Guilherme o Bom, Rei das Duas Sicílias, cunhado .de Ricardo, que seria um elemento importante da cruzada, já que deveria parar na Sicília.

Richard então voltou para Bayonne, onde esteve em maio. Aí enforcou um senhor bandido que resgatava os peregrinos de Compostela, e sobretudo conheceu Sancho de Navarra, com cuja filha queria casar, e garantiu também a aliança de Afonso II de Aragão, para respeitar o conde de Toulouse. , de quem desconfia desde que anunciou que não iria à cruzada. Depois, volte para Anjou e Touraine. Em Chinon, ele escreveu

Machine Translated by Google

um regulamento disciplinar para o comportamento das tropas, e em Tours recebeu o bastão do peregrino... que quebrou ao se apoiar nele19. Mau presságio, diz Roger da Howden, quem sabe o que acontece a seguir. Finalmente, em 2 de julho de 1190, Ricardo juntou-se a Philippe Auguste em Vézelay, com alguns dias de atraso.

Em seis meses, ele percorreu seus territórios para verificar se tudo estava em ordem. Ele também tomou providências em relação ao governo da Inglaterra. Ali, o grande problema é seu irmão Jean.

Será muito prudente deixar para trás esse personagem duvidoso, que poderia aproveitar a situação para tomar o poder? As ações tomadas por Richard em relação a ele ilustram seu constrangimento. Por um lado, demonstra uma generosidade que muitos consideram excessiva, esperando assim obter o reconhecimento e a lealdade do irmão. Mesmo antes de ser coroado, concedeu-lhe os condados de Derby e Nottingham, as “honras” ou senhorios de Tickhill, Wallingford, Peverel, Lancaster, Marlborough, Ludgershall; ele confirmou a ele os condados de Cornualha, Devon, Somerset, Dorset, bem como uma doação de terras no valor de £ 4.000, que Henrique II havia planejado. Ele o fez se casar com Isabel de Gloucester, ou seja, com os senhorios de Glamorgan e Newport, bem como com Bristol e com direito aos lucros da justiça de Gloucestershire. O Arcebispo de Cantuária tentou opor-se a este casamento por razões de consanguinidade, mas o legado papal deu o seu acordo. Acrescentemos que João recebe o condado de Mortain na Normandia e que é senhor da Irlanda.

Para o cronista Guilherme de Newburgh, era uma loucura: João controlava um terço do reino. Sem dúvida, Richard espera que o medo de perder todos esses bens o faça ficar calado. Mas, ao mesmo tempo, na reunião familiar de março de 1190, ele o fez jurar não entrar na Inglaterra por três anos. Estas medidas contraditórias mostram que ele permanece desconfiado e em todo o caso hesitante, porque um pouco mais tarde, a pedido de Eleanor, levanta esta proibição20.

—

Ricardo também desconfia de seu meio-irmão Geoffrey, filho ilegítimo de Henrique II: ele o obriga a ser ordenado sacerdote, dá-lhe o arcebispado de York e proíbe-lhe o acesso à Inglaterra por três anos.

Cuidado nunca é demais com a família, principalmente quando o nome dela é Plantagenêt.

Ricardo confiou a liderança do reino da Inglaterra a dois homens, um clérigo e um leigo: o bispo de Durham, Hugues du Puiset, e William de Mandeville, conde de Essex. Então, este último, um antigo servo de Henrique II, tendo morrido antes do final de 1189, Ricardo o substituiu pelo bispo de Ely, Guillaume Longchamp. Os dois bispos compartilham o título de Grande Juiz da Inglaterra. Mas a escolha é infeliz: ambos

Machine Translated by Google

os homens se odeiam. Hugues du Puiset é um grande senhor, experiente e culto, que também é xerife de Northumberland e controla todo o norte do país através dos seus laços familiares. Guillaume Longchamp, que também é chanceler e legado papal, é um normando de origem humilde – filho de um servo, dizem os seus inimigos – que conhece mal os ingleses e os despreza. Hábil e de extraordinária ambição, foi clérigo a serviço de Geoffrey, depois de Ricardo, que o nomeou chanceler na Aquitânia e depois na Inglaterra, e bispo de Ely. A sua feiura, a sua falta de tato, a sua grosseria, a sua rapacidade, para ele e para a sua família, tornaram-no muito impopular: “Mais que rei para os leigos, mais que papa para o clero, e tirano intolerável para todos”, escreve Guillaume de Newburgh. Porém, ele tem uma grande qualidade: é um bom administrador, muito hábil em encher os cofres do rei.

Entre os dois bispos, a guerra eclodiu imediatamente. Richard pensa que encontrará a solução distribuindo geograficamente as tarefas em ambos os lados do Humber: para Hugues du Puiset, no norte, para Guillaume Longchamp, no sul. Mas rapidamente este último leva vantagem. O rei mal tinha saído quando prendeu seu rival e, portanto, permaneceu o único grande vigilante e praticamente vice-rei. A partir de agora, é com o príncipe John que terá de partilhar o poder em Inglaterra, e a coabitação promete ser difícil.

Encontrar dinheiro: “Eu venderia Londres se encontrasse um comprador”

Para ir à cruzada não basta a fé. Você precisa de dinheiro, muito dinheiro, especialmente porque Richard vê as coisas grandes. Ele quer uma expedição digna da sua posição como primeiro soberano da Europa. Precisamos de homens, cavalos, equipamentos, armas, suprimentos, meios de transporte. Sobre este assunto foi tomada uma decisão importante, não sabemos quando: iríamos à Terra Santa por mar, pela primeira vez na história das Cruzadas. Uma decisão criteriosa, motivada por experiências passadas: a viagem terrestre, interminável e repleta de armadilhas, durou três anos para a primeira cruzada e causou muitas decepções para a segunda. A de Barbarossa, que está em curso, também enfrenta muitos obstáculos: os sérvios, os búlgaros e especialmente os bizantinos, depois os seljúcidas. Por mar contornamos estas dificuldades; podemos parar na Sicília, onde o rei é amigo, e na Palestina existem vários portos de desembarque em mãos cristãs.

Portanto, é necessária uma frota. Barcos ingleses, normandos, bretões e aquitânicos foram requisitados. Só os Cinco Portos fornecem 33.

Machine Translated by Google

O rei financia dois terços disso. O resto é responsabilidade dos cruzados. Os marinheiros receberão dois centavos por dia e os pilotos quatro centavos, o que, dada a duração da viagem, representa somas consideráveis. Os barcos estão carregados de material: 50 mil ferraduras, por exemplo. A frota, montada em Dartmouth, está sob o comando de Robert de Sablé, um barão muito experiente do Maine: já lutou na Sicília e em Portugal contra o rei de Marrocos, o que não o impede de ser também um trovador, autor de um debate poético sobre o amor. Ele passou dezenove anos na corte de Henrique II e é amigo pessoal de Ricardo. Entrando na Ordem do Templo, tornou-se seu grão-mestre em 1191, até sua morte em 1193.

A frota tem escala marcada em Lisboa e Richard faz questão de que a conduta dos marinheiros seja exemplar. Antes de partir, elaborou regulamentos disciplinares extremamente rigorosos: “Qualquer homem que matar outro será preso à sua vítima e atirado ao mar, se esta estiver no mar, ou enterrado com ele, se estiver em terra. Se for provado por testemunhas que um homem apontou a faca contra outro, a sua mão será decepada. Se um homem atacar outro sem derramamento de sangue, ele será lançado três vezes no mar. Insultos e blasfêmias serão punidos com multas dependendo do número de infrações. Um ladrão será barbeado como um campeão, coberto de alcatrão e penas, e desembarcado na primeira oportunidade”21.

Para financiar a expedição, Richard usa todos os meios. É claro que ele recuperou o que seu pai havia deixado na caixa registradora, e que Howden estimou em pouco mais de 100.000 marcos22. Mas ele já deve 24 mil marcos a Filipe Augusto, quantia prometida por Henrique II durante o último encontro. Em vez de cobrar um novo “imposto Saladino”, ele atinge onde está a riqueza e extorque somas consideráveis da forma mais arbitrária: apreensão de bens móveis de bispados vagos, como o de Ely, que rende 3.000 marcos em dinheiro, ouro e pratos de prata, cavalos, gado; multas pesadas a titulares de cargos públicos; vendas de terras, castelos e domínios da coroa. Um dos processos mais criticados consiste em demitir xerifes existentes e nomear outros por uma quantia elevada. O cargo de xerife é tão lucrativo que não faltam candidatos. Hugues du Puiset dá 2.000 marcos para o cargo de xerife de Northumberland e 1.000 marcos para o de juiz; Godfrey de Lucy, bispo de Winchester, oferece 3.000 marcos para se tornar xerife de Hampshire e guardião dos castelos de Winchester e Portchester, mais 1.000 marcos para receber sua própria herança; em Worcestershire, Rober Marmion foi multado em 1.000 marcos; em Yorkshire, Reiner, o administrador do xerife, deve pagar 1.000 marcos; Ranulfo

Machine Translated by Google

Glanvill, um ex-vigilante, foi demitido do cargo e multado, assim como seu genro, Ralph d'Anden, que pagou 1.000 marcos. Dos 27 xerifes em exercício no final do reinado de Henrique II, apenas 5 mantiveram o cargo, mas deve-se reconhecer que os novos titulares eram homens competentes.

Richard está vendendo massivamente títulos, cartas, privilégios, confirmações de privilégios. Aos olhos dos seus contemporâneos, ele estava resgatando o reino e vendendo as jóias da família.
A Inglaterra está à venda: "Eu venderia Londres se encontrasse um comprador", teria dito ele segundo William de Newburgh, e Roger de Howden expressa sua indignação: "O rei demitiu do cargo o juiz da Inglaterra, Ranulph Glanvill , e quase todos os xerifes e seus oficiais. Quanto mais próximos eles estavam de seu pai, mais ele os oprimia. Qualquer um que não tivesse o que ele exigia era imediatamente preso e jogado na prisão, com choro e ranger de dentes, e ele nomeava outros xerifes em seu lugar. E tudo estava à venda, escritórios, senhorios, condados, postos de xerife, castelos, cidades, terras, tudo23». Estado de traição, portanto, também tem a aparência de uma caça às bruxas, e Howden, que é, no entanto, um grande apoiador de Richard, a quem acompanhará na cruzada, observa a extensão dos expurgos em seu retorno de uma missão a Roma em dezembro de 1189: “O rei Ricardo mandou lançar os recalcitrantes na prisão e manteve-os acorrentados até que pagassem o último quarto» de centavo24.

Por toda parte surgem clamores escandalizados: “O rei é como um ladrão sempre à caça, à espreita, sempre procurando o ponto fraco onde poderia roubar alguma coisa25”, escreve Gerald, o Galês, que deplora “que as provisões para a viagem tenham foi extorquido apesar da justiça, não por uma mão grande e liberal, mas por uma mão avarenta. Ralph de Diceto afirma que “um dízimo geral de bens móveis foi recolhido na Inglaterra para subsidiar a Cruzada de Jerusalém. Tanto o clero como o povo ficaram assustados com a violência desta cobrança que, sob o pretexto de esmola, escondia o vício e a rapacidade", e pensa que Ricardo, ao consultar apenas um pequeno grupo de conselheiros, "acumulou mais riqueza do que todos os seus antecessores27”. Gervais de Canterbury escreve que “todos se queixavam de um peso tão grande e a maioria temia que tal infortúnio acontecesse novamente no futuro28”. Ele até relata que, segundo um boato, o Arcebispo Balduíno ficou louco de remorso por ter proposto essas exações. Raoul de Coggeshall descreve o que causará dízimo de “rapina”, recolhido “com mão violenta” [29],

Machine Translated by Google

o fracasso da cruzada. Outro cronista, Geoffrey de Coldingham, escreveu que o imposto era “ainda menos salutar porque a sua razão era a ganância e porque não era apoiado pela autoridade que a piedade confere30”.

Alguns cronistas vão além, e criticam a própria ideia de cruzada. Stephen Langton, que se tornou arcebispo de Canterbury em 1207, escreveu uma Vida de Ricardo Coração de Leão, agora perdida, mas da qual foi preservada uma adaptação do século XIV, na qual podemos ler que lançar uma cruzada é tentar a Deus: “No entanto, há não se trata aqui de tentar a Deus. Não é porque os cristãos o considerem bom e todo-poderoso que um pequeno número deles deva atacar muitos adversários de maneira precipitada e imprudente. O Senhor quer que confiem nele, mas não se esqueçam de agir com prudência31.

» Para Raoul, o Negro (Ralph Niger), um clérigo que estudou em Paris, e cuja presença é atestada na Inglaterra em 1194 e 1199, a cruzada foi falha desde o início, pelo facto de ter sido iniciada por Henrique II, um “ sátiro”, um trovador “corruptor da modéstia”32. A audácia de um monge de Auvergne é ainda maior: num poema de 1194, ele acusa o próprio Deus: por que permite estas expedições que terminarão em desastres e com a vitória de Saladino? “É louco aquele que te segue nessa batalha33”, diz a Deus.

Guilherme de Newburgh fez uma apresentação mais sistemática de todas essas acusações, de acordo com a concepção que então se tinha dos deveres de um bom rei. Escrevendo entre 1196 e 1198, ele julga com base no que aconteceu desde 1189, o fracasso da cruzada, o cativeiro do rei, a traição do príncipe João, o que lhe permite dirigir cinco censuras a Ricardo34: 1. Ele foi demasiado indulgente na libertação de muitos prisioneiros após sua ascensão; 2. Ele errou ao dispensar Ranulph Glanvill, “um homem de grande prudência”; 3. Fez más escolhas, substituindo-o por incapazes, ou pelo menos minus legitimos (“menos adequados”); 4. Ele foi generoso demais com Jean. É também disso que Richard de Devizes o acusa; 5. Ele desperdiçou os bens da coroa e extorquiu dinheiro para financiar a sua cruzada.

Estas críticas foram amplamente assumidas pelos historiadores até tempos recentes e podem ser agrupadas numa questão central: será que Ricardo foi um rei negligente e imprudente que abandonou o seu reino depois de o ter desmembrado e que estava prestes a embarcar numa aventura perigosa? Aos olhos dos historiadores da era vitoriana, constitucionalistas de mentalidade burguesa a favor de um orçamento estritamente equilibrado, o comportamento de Richard é obviamente aberrante. Sacrifício

Machine Translated by Google

O interesse da Inglaterra numa cruzada lançada pelo Papa é também uma falha imperdoável para estes anglicanos. Este rei “fez quase tudo o que estava ao seu alcance para desorganizar o governo firme e ordenado que o seu pai impôs ao país”, escreveu JT Appleby em 1965, que também falou dos “expedientes irresponsáveis de um rei negligente35”.

A abordagem atual é mais matizada. Tanto para John Gillingham como para David Carpenter36, Richard tomou todas as precauções possíveis para garantir a estabilidade dos seus estados durante a sua ausência, e se não tivesse sido mantido prisioneiro não teria havido grandes problemas. Ao que podemos responder que quando partimos para uma cruzada, devemos presumir o pior. A escolha dos homens também é infeliz, especialmente na Inglaterra, onde Richard sabe muito pouco: confiar o poder conjuntamente a dois homens que se odeiam e um dos quais é extremamente impopular é provocar sérios problemas; para reparar este erro, em breve será necessário enviar Gautier de Coutances para restaurar a ordem. Além disso, a sua atitude para com João é inconsistente: por um lado, cobre-o de bens e poderes, por outro, proíbe-o de entrar em Inglaterra durante três anos, antes de levantar esta proibição, deixando incerteza em torno da sua sucessão a favor de Artur. Para David Carpenter, estas reversões explicam-se pelo facto de Richard agir de acordo com o objectivo que lhe parece mais importante num determinado momento, e que pode mudar dependendo do contexto, sem ter em conta as consequências colaterais: o essencial é atingir o objetivo principal, independentemente do resto. Richard é uma “mente unidirecional”, uma mente com uma ideia fixa e única. Quanto à extorsão de enormes somas para financiar a expedição, a condenação unânime dos contemporâneos não poderia ser mais justificada.

Richard sangra a Inglaterra para se entregar a uma cruzada.

Escala na Sicília (setembro de 1190 a abril de 1191)

Finalmente chega o dia da partida. Em 2 de julho de 1190, Ricardo juntou-se a Filipe em Vézelay, e eles concluíram um acordo revelando o espírito da cruzada: “Eles juraram por juramento mútuo compartilhar lealmente o que conquistariam juntos37”, escreve Ambroise, que se torna nossa principal fonte. Partimos portanto para retomar Jerusalém, certamente, mas também para conquistar territórios, e este acordo sobre a partilha dos despojos dará origem a diferentes interpretações: diz respeito aos despojos conquistados apenas “em conjunto”, ou mesmo aos despojos conquistados separadamente? No dia 4, os dois exércitos dirigiram-se para Lyon, onde chegaram sem incidentes, exceto o desabamento de uma ponte de madeira sobre o Ródano, que causou a morte de

Machine Translated by Google

dois cruzados. Ambroise fala de 100.000 homens, o que é um grande exagero. Ainda assim, em Lyon decidiram separar-se, para facilitar os abastecimentos: Filipe dirigiu-se para Génova, onde contratou os serviços de uma frota para transportar 650 cavaleiros e 1.300 escudeiros, enquanto Ricardo, que tem de longe o maior exército, chega a Marselha, onde ele chega em 31 de julho. E aí começa o problema. A frota de 63 navios que saiu da Inglaterra sob as ordens de Robert de Sablé e Richard de Canville, e que deveria estar ali para embarcar as tropas, não chegou.
Durante a escala em Lisboa, e apesar das instruções estritas dadas por Richard, os marinheiros espalharam-se pela cidade, completamente bêbados, pilhando, queimando e violando judeus, muçulmanos e cristãos indiscriminadamente. O rei de Portugal mandou prender várias centenas, e o resultado foi que a frota, reforçada pelos 30 navios de Guillaume de Fors d'Oléron, só regressou ao mar em 24 de julho e chegou a Marselha em 22 de agosto.

Richard não esperou por ela. Ele dividiu suas forças: uma parte, com o arcebispo Balduíno de Canterbury, Ranulph Glanvill e seu sobrinho Hubert Walter, foi enviada diretamente para Tiro, e o restante, com o próprio Ricardo, embarcou em dez grandes navios e vinte galeras para a Sicília. A cruzada assume então a aparência de um cruzeiro. O rei parou em Gênova, onde Philippe ainda estava lá, enjoado, e depois navegou ao longo da costa italiana. Chegando à foz do Tibre, recebeu a visita do cardeal-bispo de Ostia, Otaviano. A entrevista correu mal, como conta o cronista Matthew Paris: “Lá, Otaviano, bispo de Ostia, veio apresentar-se ao rei e disse-lhe que o senhor papa ficaria encantado em vê-lo em Roma. Mas o rei recusou, repreendeu Otaviano por sua simonia, irritou-se contra a concupiscência romana e, entre outras reprimendas, disse-lhe que a corte papal havia recebido setecentos marcos de prata pela consagração do bispo de Le Mans, mil e quinhentos marcos de prata para a consagração do bispo de Le Mans. prata para nomear Guilherme legado, bispo de Ely, e uma enorme soma do arcebispo de Bordéus, acusado pelos seus clérigos do crime de simonia. Tendo, portanto, o rei Ricardo recusado ir a Roma, entrou na Apúlia perto de Cápua38. — » As relações entre Ricardo e o Papa Clemente III são muito tensas, devido às constantes intervenções de Roma na Inglaterra, e a manifestação deste desacordo no meio da cruzada tem um efeito negativo.

Continuando a sua viagem como turista, Ricardo permaneceu dez dias em Nápoles, subiu ao cume do Vesúvio, visitou os locais associados a Virgílio, Plínio, Lucano, e também a Roberto Guiscard e aos quatro filhos Aymon, heróis da epopeia de Renaud de Montauban39, depois mais cinco dias em Salerno. Ele se vê em dificuldades por um momento, atacado por camponeses furiosos por causa da captura de um falcão. Finalmente, em 22 de setembro, chegou a Messina.

Machine Translated by Google

Chegada com grande pompa ao porto, “com grandes navios e galeras, com tal magnificência ao som de trombetas e clarins que o clamor percorreu toda a cidade. O rei de França e os seus homens, e todo o principal clero e povo de Messina ficaram na costa, maravilhados com tudo o que tinham visto e ouvido falar do rei de Inglaterra e do seu poder», escreve Howden. Não é certo que o rei de França partilhasse do entusiasmo geral, ele que fizera uma entrada muito discreta alguns dias antes. Além disso, para escapar a comparações depreciativas, anunciou a sua intenção de partir imediatamente para a Terra Santa, mas teve que desistir devido aos ventos desfavoráveis. Ele está instalado no palácio real, enquanto Ricardo, a quem sua frota finalmente se juntou, acampa na costa com seu exército.

A situação na Sicília era então muito delicada. A ilha, rica nos seus pomares e nos seus cereais, faz parte com o sul da península de um reino, mais tarde chamado de Duas Sicílias, com uma população mista de cristãos, muçulmanos, judeus, onde se fala grego e também árabe, Francês normando e latim, em relativo bom entendimento. O rei da Sicília, Guilherme II, morreu alguns meses antes, em novembro de 1189. Ele não tinha filhos, mas sua viúva, Joana, era irmã de Ricardo Coração de Leão.
No entanto, o novo rei, Tancredo de Lecce, primo ilegítimo de Guilherme, mantém-na prisioneira e recusa-se a ceder-lhe o domínio a que ela tinha direito como dote. É bastante óbvio que Richard, que agora está lá, intervirá em nome de sua irmã. Isto é ainda mais do seu interesse porque Guilherme II legou em seu testamento uma grande soma de dinheiro, grãos, vinho e cem galés a seu sogro Henrique II, com vistas à cruzada. Mas, tendo este último morrido poucos meses antes de Guillaume, Tancrède considerou nulo o testamento, o que Ricardo contesta, claro. Outra ameaça paira sobre a Sicília. A herdeira legítima do reino é a tia de Guilherme II, Constança, que é esposa do filho e herdeiro do imperador Frederico Barbarossa, Henrique de Hohenstaufen. Ele tem toda a intenção de recuperar o reino de sua esposa, o que aterroriza o papa, que ficaria preso entre os territórios imperiais do norte e do sul. Daí o apoio que Clemente III dá a Tancredo de Lecce.

Esta, porém, na sua capital, Palermo, não vai bem.
Com um enorme exército de cruzados acampados em seu território, ele é forçado a ceder aos desejos de Richard: ele liberta Jeanne, que corre para se juntar ao irmão. Este último instalou-o no mosteiro fortificado de Bagnara, e agora exigia o dote e a execução do testamento, em setembro de 3040. Mas em 3 de outubro eclodiram lutas entre os habitantes de Messina e os cruzados. Conflito inevitável: milhares de homens

Machine Translated by Google

acamparam na praia e ficaram sem ocupação diante de uma população que desprezavam, “gregos bastardos”, como os chamava Ambrósio, misturados com sarracenos. Nós nos insultamos, brigamos. Ricardo reúne os líderes da cruzada, com Filipe Augusto e os governadores de Messina, no dia 4 de outubro. Durante a reunião, ouvimos uma briga em torno da casa de Hugues de Lusignan. Ricardo, com alguns homens, sai, desaloja uma tropa de messinenses, os portões da cidade são arrombados e, após uma violenta luta de rua, a cidade é tomada, saqueada, e Ricardo exibe suas bandeiras nas paredes, para a maior alegria de Ambroise:

> “Você deve saber sem dúvida que houve
> grande perda de propriedades, Quando
> a cidade foi atacada com sucesso, Foi
> rapidamente saqueada...
> E muitas mulheres foram levadas,
> Lindas, excelentes e submissas[41] .»

Acreditamos na palavra dele. Philippe Auguste está furioso. Seus homens até tentaram se opor aos de Ricardo, e quando viu a bandeira de seu rival hasteada sobre a cidade, lembrou ao rei da Inglaterra seu acordo de compartilhar todas as conquistas. O assunto foi resolvido elevando os estandartes dos Templários e Hospitalários. Ricardo faz alguns burgueses como reféns e manda construir um castelo de madeira numa colina sobranceira à cidade, a que chama "Mategriffon", ou seja, "Mate os Gregos". Ele anuncia sua intenção de passar o inverno na Sicília.

A notícia não alegra Tancredo, que, no entanto, é obrigado a celebrar um acordo com o rei da Inglaterra, ratificado em 11 de novembro. Por este acordo, o rei da Sicília dá 40.000 onças de ouro: metade para pagar o dote de Joana (que já recebeu um milhão de tari, e que dá tudo para financiar a cruzada), e a outra metade para o saldo do testamento. de Guilherme II. Em troca, Ricardo abandona as suas exigências: promete casar o seu sobrinho Artur da Bretanha, a quem designa como seu herdeiro se não tiver filhos, com uma filha de Tancrede, e dará ao jovem casal as 20 000 onças de ouro, que retornará a Tancrède se o casamento não se concretizar. Sim, mas Richard ficará com o dinheiro. Por este acordo, ele deserdou seu irmão Jean. Para Tancredo, porém, o elemento mais valioso do tratado é a promessa de Ricardo de ajudá-lo contra quaisquer invasores. Agora há alguém que se aproxima: Henri de Hohenstaufen, que acaba de ser coroado Henrique VI. Resta saber se Richard ainda estará lá quando chegar.

Machine Translated by Google

Nesse ínterim, os cruzados ocuparam seus quartéis de inverno. Para acalmar Philippe, Richard lhe dá um terço do dinheiro que acaba de receber de Tancred. Philippe protesta e exige metade, com base no acordo de Vézelay, depois, pro bono pacis, renuncia, resmungando. Os Cruzados passam o tempo jogando, mas se recusam a pagar suas dívidas, alegando que isso faz parte dos privilégios dos Cruzados! Os reis decretaram então a proibição do jogo para soldados e marinheiros, sob pena de serem chicoteados ou atirados para baixo da quilha de um barco. Cavaleiros e clérigos podem jogar até 20 xelins, e reis, sem limite. Um comitê disciplinar é responsável pela implementação dessas decisões. É fixado um preço máximo para o pão e o vinho e os comerciantes não devem obter lucros superiores a 10%. De alguma forma, esses acordos permitem passar o inverno sem muitos problemas.

O profeta e a chegada de Berengária

Ricardo, por sua vez, aproveita para fazer turismo cultural nas ruínas gregas e romanas e visita Joachim de Flore, que confirma que sua missão é mesmo ir lutar contra Saladino. Para o cisterciense, que fez contato com o Islã durante uma peregrinação em 1156 e 1157, Saladino é o sexto dos sete reis perseguidores, depois de Herodes, Nero, Constança, Maomé e Melsemut (nome fictício de um dos fundadores do movimento almóada). Cada um é uma das cabeças da Besta do Apocalipse. Assim disse a Ricardo: “Um desses chefes é certamente Saladino, que hoje oprime a Igreja de Deus e a reduz à escravidão, com o Sepulcro do Senhor e a cidade santa de Jerusalém, como também a terra outrora pisada. pelos pés de Cristo. E este Saladino perderá muito em breve o seu reino de Jerusalém e será morto42.

— " Por quem ? Através de você, Rei Ricardo, porque “é para você que o Senhor destinou o cumprimento de todas essas profecias, e Ele permite que elas sejam cumpridas através de você. Ele lhe dará a vitória sobre todos os seus inimigos e Ele mesmo glorificará o seu nome por toda a eternidade. " E quando ? “Quando sete anos se passaram desde a perda de Jerusalém”, ou seja, 1187 + 7 = 1194.

Richard realmente acredita nos discursos de Joachim? Digamos que fortalecem a sua determinação e constituem um bom argumento de propaganda para motivar as tropas. Ele não hesita em adaptar as profecias cistercienses, sugerindo que o Anticristo que virá depois de Saladino como a sétima cabeça da Besta poderia muito bem ser o actual papa, Clemente III, chefe do Turco de Ricardo em todos os sentidos do termo. Mas de acordo com os cálculos de Joaquim, o Anticristo, que na verdade está em Roma,

Machine Translated by Google

ainda tem apenas quinze anos. Quanto ao cronista Roger de Howden, que relata estes factos, modificará o conteúdo das profecias, que obviamente não se concretizaram, na última versão da sua obra, para fazê-las coincidir com a sequência dos acontecimentos.

O rei não esqueceu que era um cruzado e deu às suas tropas um exemplo de fervor religioso ao participar em sessões espetaculares de penitência pública, como quando reuniu bispos e arcebispos numa igreja de Messina servida pelo capelão Renaud de Mayac. ; despido, atira-se ao chão, recebe algumas chicotadas e confessa os seus pecados, que devem ter sido numerosos se acreditarmos num alemão que escreve que "entregou-se inteiramente aos prazeres de Messina, onde as mulheres eram muito atraente para os guerreiros do Norte.

—

Os meses passam. Enquanto Saladino continuava seu avanço na Síria, os cruzados ocupavam-se da melhor maneira que podiam na Sicília: consertavam navios, construíam máquinas de cerco, jogavam e também ficavam furiosos. Alguns “disseram que era errado ficar por aqui. Eles reclamaram porque lhes custou muito caro44.” Ricardo tenta acalmá-los distribuindo presentes: “Ele distribuiu tesouros em profusão a condes, barões, cavaleiros e sargentos. Nenhum dos seus antecessores tinha dado tanto num ano como ele fez durante o mês de Fevereiro45.” Mas ele próprio fica nervoso e o menor incidente degenera em conflito diplomático: durante uma paródia de justa com bengalas, ele não consegue desmontar Guillaume des Barres. Furioso, ele exigiu que Filipe Augusto o dispensasse de seu exército e que todos os líderes viessem e se ajoelhassem diante dele.

Então, no final de fevereiro de 1191, notícias mais importantes se espalharam em Messina: Leonor da Aquitânia, mãe de Ricardo, de setenta anos, acabara de chegar a Nápoles. Ela acompanha Bérengère, filha do rei de Navarra, que vem apresentar ao filho para que ele se case com ela. Irrupção incongruente de assuntos matrimoniais bem no meio da cruzada. Foi tão urgente? A perspectiva de batalhas furiosas contra Saladino em lua de mel foi uma ideia sábia? Certamente já há algum tempo se fala em casamento com Bérengère, mas será o momento realmente certo? E era necessário que a velha Eleanor fizesse a viagem? Gostaríamos de ter acelerado o rompimento com Philippe Auguste e não o teríamos feito de outra forma. O rei da França também tentou impedir secretamente a chegada das duas mulheres, pedindo a Tancredo que as bloqueasse em Brindisi. A honra de sua irmã Alice está em jogo: ela está noiva de Richard há vinte anos e ele prometeu se casar com ela. O casamento com Bérengère seria um insulto inaceitável.

Machine Translated by Google

Em 3 de março, Ricardo conheceu Tancredo em Catânia e dissipou seus medos: convenceu-o de que continuava sendo seu melhor protetor contra Henrique VI, que se aproximava. Os dois reis renovam a amizade e trocam presentes: Tancredo dá quatro navios de transporte e 15 galeras em troca de um presente inestimável (ou sem valor?): nada menos que Excalibur, a espada mágica do Rei Arthur, à qual perguntamos como ela chegou ali46. Resta convencer Philippe. Richard explica-lhe que não pode casar com Alice, porque ela dormiu com o pai, com quem teve até um filho, e ele afirma ter testemunhas disso. O melhor é resolver a questão amigavelmente, sem escândalo, o que preservará a honra de Alice, que permanecerá utilizável para outros compromissos. Filipe aceita e conclui o Tratado de Messina com Ricardo em março de 1191: "De boa vontade e de bom grado, permitimos que o referido rei se case livremente com quem ele desejar, não obstante o acordo feito entre nós e ele em relação à nossa irmã Alice, a quem ele deveria tome como sua esposa47.

— » O tratado prevê o pagamento de 10.000 marcos ao rei de França, e a confirmação da posse de Auvergne, Issoudun e Graçay, enquanto Ricardo mantém Cahors e Quercy, bem como Gisors e Norman Vexin, que reverterão para Filipe se ele morre sem um filho legítimo.

Philippe, ulcerado pelo acúmulo de humilhações, deixou Messina no dia 30 de março e desembarcou em Saint-Jean-d'Acre no dia 20 de abril. No dia 31 de março, Eleanor e Bérengère chegaram a Messina. Mas como estamos no período da Quaresma, o casamento não pode acontecer imediatamente. Richard, de qualquer forma, tem menos pressa do que sua mãe. Não sabemos realmente como é Bérengère, mas por trás das fórmulas convencionais adivinhamos que ela não deve ter sido uma beldade: Guilherme de Newburgh, que não a viu, diz que ela era "uma jovem conhecida pela sua beleza como bem como pela sua sabedoria", Ambroise, que ela era "uma donzela sábia, uma senhora nobre e bela, sem falsidade ou engano", mas para Ricardo de Devizes, ela era "mais razoável do que atraente", e "ainda virgem - talvez” 48. Dúvida ambivalente.

—

Leonor, três dias depois de dar à luz a noiva, sai de Messina, e na volta para em Roma para garantir as boas graças do novo papa: em 14 de abril, de fato, Clemente III havia morrido, e seu sucessor, Celestino III, mostrou-se bem disposto para com os Plantagenetas.

No dia 24 de junho, ela voltou a Rouen para cuidar do filho mais novo, Jean, que começava a ficar agitado. Nesta data, Ricardo chegou finalmente à Terra Santa, depois de uma viagem agitada e de uma frutuosa escala em Chipre.

Machine Translated by Google

A conquista de Chipre (abril-maio de 1191)

De facto, no dia 10 de Abril deixou a Sicília, com uma frota considerável: 156 navios, 24 “autocarros” (grandes navios de transporte), 39 galeras, segundo Richard de Devizes49, todas transportando armas, máquinas de cerco, cavalos, mantimentos, tesouros, noiva , irmã e aproximadamente 17.000 homens.
Em 12 de abril, a armada enfrentou uma tempestade e, ao chegar a Creta, 25 navios estavam desaparecidos, incluindo o que transportava Bérengère e Jeanne. Separados do resto do comboio, chegaram em 24 de abril à costa sul de Chipre, perto de Limassol, onde foram muito mal recebidos. Algumas das tripulações foram até presas e os barcos foram saqueados. Richard chegou a Rodes, de onde partiu no dia 1º de maio, quando soube o que estava acontecendo em Chipre, onde chegou no dia 6 de maio.

Chipre é um território bizantino, mas numa situação muito particular: desde 1184, a ilha é governada por Isaac Comnenus, membro da família basileus destronada pela dinastia dos Anjos, que assumiu o poder em Constantinopla com Isaac, o Anjo, em 1185. Entre entre os bizantinos e os cruzados ocidentais, as relações têm sido muito difíceis há um século. Em 1190, Isaac, o Anjo, tentou bloquear o caminho de Frederico Barbarossa.
Agora a chegada de Richard preocupa Isaac Comnenus, que fortifica a costa de Limassol para evitar um desembarque. O rei da Inglaterra enviou-lhe mensageiros exigindo a devolução das mercadorias saqueadas dos navios e, perante a resposta insultuosa de Isaac, decidiu fazer um desembarque em força. Operação delicada: “Ficamos em desvantagem, porque viemos do mar, em pequenas embarcações batidas pelas ondas, a pé, carregados com as nossas armas, enquanto eles estavam em terra50”, conta Ambroise. Seria preciso mais para dissuadir Ricardo que, à frente das suas tropas, aproximou-se da costa, saltou para a praia e desalojou os defensores com bestas e espadas.

Isaac reagrupa suas tropas perto de Limassol, mas Ricardo, após desembarcar de seus cavalos, ataca de surpresa, e os gregos fogem. Em poucos dias, muitos senhores locais vieram depor as armas e fornecer reféns. Os cruzados investem completamente em Limassol e ali se fortalecem. A ideia de conquista e assentamento permanente na ilha já estava na mente de Ricardo. Chipre, perto das costas da Palestina e da Síria, proporcionaria uma base ideal para intervenções na Terra Santa.

Foi nestas circunstâncias que no dia 11 de maio o rei de Jerusalém Guy de Lusignan e seu irmão Geoffroy chegaram a Limassol. Eles vêm em busca da ajuda de Ricardo, não tanto contra Saladino, mas contra Filipe Augusto, que apoia o rival de Guy ao trono de Jerusalém, Conrado de Montferrat. Ele

Machine Translated by Google

Deve ser dito que o passado recente e inglório de Guy o trouxe ao descrédito aos olhos de muitos cruzados. Espancado em Hattin, feito prisioneiro e depois libertado sob a promessa de não voltar a pegar em armas – uma promessa sem valor desde que feita a um infiel, ele lançou-se no cerco sem esperança do Acre, onde agora se encontrava numa má posição. Em contraste, Conrado de Montferrat sustentou vitoriosamente o cerco de Tiro, o que fez dele um verdadeiro herói, e ele se comportou como se fosse o verdadeiro rei. A posição de Guy de Lusignan era ainda mais fraca porque ele só manteve o título após seu casamento com Sibylle, a herdeira do reino.
Mas Sibylle morreu no outono, assim como as suas duas filhas. Para Conrad, Guy perdeu ao mesmo tempo os seus direitos à coroa, que passam para a irmã de Sibylle, Isabelle, com quem ele imediatamente se compromete a casar. Problema: ele já é casado; diz-se até que ele é bígamo, uma esposa em Constantinopla e outra na Itália. Como não podemos provar nada, esquecemos. Mas isso não é tudo: Isabelle também é casada com Honfroi de Toron, um notório homossexual, afeminado e desprezado por todos. Basta cancelar o casamento. O Patriarca Heráclio, doente, encarregou o Arcebispo de Cantuária da operação, o que ele se recusou a fazer, porque, como seu mestre, o rei Ricardo, apoiava Guy de Lusignan. Não importa: não faltam bispos desonestos, prontos a prestar-se a todas as manobras, como a de Beauvais, primo de Philippe Auguste, e a do arcebispo de Pisa, favorável ao rei de França. Eles anulam o casamento e Conrad se casa com Isabelle em 24 de novembro. A partir de agora, cada um dos reis da França e da Inglaterra terá o seu rei de Jerusalém: para Filipe Augusto, é Conrado de Montferrat; para Ricardo, é Guy de Lusignan, cuja família é vassala do duque da Aquitânia e, portanto, dele mesmo.

Antes de ir para a Terra Santa, Ricardo ainda tem duas formalidades a cumprir: casar-se com Bérengère e conquistar Chipre. A primeira é realizada no dia 12 de março na capela Saint-Georges, em Limassol. Um casamento europeu, se é que alguma vez existiu: um rei inglês, de Angevin, que se casa em Chipre com uma princesa navarra coroada rainha de Inglaterra por um normando, Jean, bispo de Évreux.

A segunda formalidade leva um pouco mais de tempo, mas ele obtém mais satisfação com ela. As negociações foram abertas com Isaac Comnenus, a quem Ricardo devolveu parte dos despojos tomados durante a ocupação de Limassol, incluindo três soberbas tendas e um estandarte imperial bordado com tecido de ouro. Mas as exigências de Ricardo eram tão exorbitantes que Isaac interrompeu as discussões, o que deu ao rei da Inglaterra o pretexto que esperava para conquistar Chipre. A operação é realizada com maestria, segundo uma estratégia global que coordena as operações navais e terrestres. Richard envia Guy de Lusignan para o

Machine Translated by Google

perseguição de Isaac, enquanto duas frotas deixam Limassol em direções opostas para circundar a ilha, capturando locais costeiros ao longo do caminho. Ele próprio está à frente de uma dessas frotas. Chegando a Famagusta, desembarcou e avançou para o interior da ilha, em direção a Nicósia, que capturou. Muitos senhores se submetem. Isaac refugiou-se nas suas fortalezas de montanha, em Buffavento, Kantara, Saint-Hilarion, mas quando soube que Guy de Lusignan tinha feito prisioneira a sua única filha em Kyrenia, capitulou e chegou a render-se a 1 de Junho, com a condição de não o fazer. ser colocado em ferros. Richard, “com o objetivo de divertir e fazer-se temer”, diz Ambroise, depois amarrou-o com correntes de prata.

O próprio rei resumiu a conquista da ilha em poucas linhas numa carta enviada algumas semanas depois a Guillaume Longchamp: "Ao continuarmos a nossa peregrinação, desviamo-nos para Chipre, onde esperávamos encontrar refúgio para aqueles de nós que tinham naufragou. Mas o tirano que, sem respeito por Deus e pelos homens, usurpou o nome de imperador, chegou com um exército para nos negar o acesso ao porto. Ele roubou e roubou tudo o que pôde dos nossos náufragos e prendeu aqueles que morriam de fome. Naturalmente, isso nos levou a agir. Lutamos contra nosso inimigo e, graças a Deus, fomos rapidamente vitoriosos. Espancado e acorrentado, nós o prendemos com sua única filha. Subjugamos toda a ilha de Chipre e as suas fortalezas51.

__ »

Um dos objectivos deste relatório é sublinhar que a conquista de Chipre foi um episódio fortuito, que não fazia parte do plano da cruzada, isto em resposta a Philippe Auguste, que imediatamente, com base no acordo de Vézelay, reivindica metade de Chipre e o saque retirado da ilha.
Para Ricardo, o acordo dizia respeito apenas a conquistas conjuntas e na Terra Santa, enquanto aqui ele havia feito a conquista sozinho e em terra estrangeira.

Além disso, livrou-se rapidamente de Chipre, depois de ter obtido um bom lucro através de saques e confiscos e de um imposto de 50% sobre a propriedade cipriota. Ele também empreendeu uma reforma “cultural”, forçando todos os homens a raspar a barba no estilo ocidental e confirmando a maioria das leis locais. Depois nomeou dois ingleses, Robert de Thornham e Richard de Canville, governadores da ilha. Mas logo parece que a submissão dos habitantes seria uma tarefa de longo prazo, pois irrompe uma rebelião, liderada por um parente de Isaque. Devemos enforcá-lo, reprimir o movimento. Agora Ricardo deve continuar sua jornada: Philippe Auguste, que pisoteia em frente ao Acre, fica impaciente e manda Dreux de Mello e o bispo de Beauvais pedir-lhe que se apresse.

Machine Translated by Google

Ricardo, que se considera dono da ilha de Chipre por direito de conquista, vende-a aos Templários por 100.000 dinares, dos quais 40.000 são pagos imediatamente. A transação foi concluída com Robert de Sablé, que se tornou grão-mestre da ordem com a morte de Gérard de Ridefort: Chipre seria durante quase quatro séculos, até 1571, a principal base cristã perto da Terra Santa.

Em 5 de junho de 1191, Ricardo Coração de Leão deixou Famagusta com sua frota para chegar ao Acre. Já se passou quase um ano desde que ele deixou Vézelay.

Machine Translated by Google

IX

O épico da cruzada: Richard Coração de Leão e Saladino

(1191-1192)

Ao avistar o Acre, em 8 de junho de 1191, o rei Ricardo viu-se confrontado com uma situação extremamente complexa: estava à frente de uma cruzada cristã que veio combater as forças muçulmanas lideradas por Saladino para lhes retomar Jerusalém. e fortalecer o reino latino, sendo este último reduzido a algumas faixas costeiras ao redor de Tiro, e ao norte ao redor de Antioquia e Trípoli. A complexidade advém do facto de ambos os campos serem consumidos por dissensões internas, rivalidades de pessoas e objectivos que por vezes tornam difícil distinguir entre amigos Ricardo teve um primeiro vislumbre disso ao chegar à costa: depois de ter sido libertado em Margat, onde mandou trancar Isaac Comnenus no castelo dos Hospitalários no dia 5 de junho, chegou no dia seguinte diante de Tiro, cuja guarnição recusou ele terá acesso, a pedido do rei da França, e deverá pernoitar na praia1. No dia 7, regressou ao sul à frente das suas 24 galeras, e foi confrontado por um enorme navio muçulmano que transportava reforços para a guarnição do Acre: equipamentos e cerca de 700 soldados. Após uma forte colisão, o navio foi capturado e afundado, o que desferiu um duro golpe no moral dos defensores do Acre. Os sitiantes, por outro lado, acolheram Ricardo, no dia 8, como um salvador: “Aqui veio o rei mais valente de toda a cristandade e o mais capaz de assalto. Que Deus faça a sua vontade! [2] » eles proclamaram no acampamento.

Machine Translated by Google

Philippe Auguste, que está lá desde 20 de abril sem ter feito nenhum progresso, é obrigado a dar um bom show. Segundo Rigord, ele poderia facilmente ter capturado Acre, mas, por cortesia, preferiu esperar a chegada de Ricardo para lhe dar a honra de compartilhar com ele a vitória3! Para a Howden, ele tinha acabado de colocar suas máquinas. Desde o início vemos, portanto, que os dois reis têm cada um os seus cronistas, que darão um relato favorável dos respetivos senhores, o que nos dará duas versões dos acontecimentos. É por isso que, deste ponto de vista, o testemunho dos cronistas muçulmanos é muito útil.

O cerco e captura do Acre (junho-julho de 1191)

O cerco do Acre concentra todas as características da Terceira Cruzada e já mantém em suspense os mundos cristão e muçulmano há dois anos. A cidade, situada numa pequena península, protegida pelo mar a sul e a oeste, com quebra-mares, um molhe a sudeste, fortes muralhas a norte e a leste, é uma posição estratégica de capital devido ao seu porto, por onde passamos. pode abastecer parte da Palestina. Saladino apreendeu-a em julho de 1187. Dois anos depois, o rei de Jerusalém, Guy de Lusignan, profundamente humilhado pela derrota de Hattin e pelo seu cativeiro, considerado por muitos como incapaz, decidiu após a sua libertação lavar a sua honra com um golpe brilhante. , ao retomar o Acre. Em 28 de agosto de 1189, montou acampamento na colina de Toron, a 1.500 metros da cidade. Loucura, um ato desesperado, pensam os líderes cristãos. No entanto, depois de ter repelido várias surtidas dos sitiados, Guy invade, e ao longo dos meses o seu exército enche-se de reforços cosmopolitas: soldados, pobres, mas também cavaleiros e grandes senhores, franceses com Robert de Dreux, Guy de Dampierre, Érard de Brienne, Geoffroy de Joinville, o conde de Flandres Philippe d'Alsace, o conde de Champagne Henri, o bispo de Beauvais Philippe de Dreux, primo de Philippe Auguste, os borgonheses com o bispo de Besançon, os flamengos com Jacques d'Avesnes, Alemães com Luís, Margrave da Turíngia, Frederico da Suábia e os restos da cruzada de Barbarossa, depois Rodolphe, conde de Clermont, os bispos de Blois, de Toul, Henri de Bar, Thibaud, conde de Blois, Étienne de Sancerre, anglo-normandos com o arcebispo Balduíno de Cantuária, italianos, com navios pisanos e genoveses, bretões, dinamarqueses, frísios, húngaros.

Com toda essa gente linda acampada em frente ao Acre, desistir está fora de cogitação. Saladino, por sua vez, está preocupado e vem com um exército de

Machine Translated by Google

ajude a desbloquear a cidade. Instalado inicialmente em Tel Keisan, a oito quilómetros de distância, fortificou-se depois em Tel Kharrouba e liderou ataques contra os cristãos. A posição destes últimos torna-se precária. Presos entre as muralhas da cidade e o exército de Saladino, cavaram trincheiras para se enfrentarem em ambas as frentes, enquanto no mar os navios pisanos bloqueavam o porto e os navios muçulmanos tentavam impedir os abastecimentos dos cruzados. A luta é feroz; de ambos os lados as máquinas de guerra lançam vários projéteis; multiplicamos os assaltos e surtidas, usamos a seiva e os aríetes. Durante um verão escaldante e um inverno gelado, a fome e as epidemias causam estragos em ambos os campos. Uma crônica árabe descreve o campo de batalha de 25 de julho de 1190: “Os mortos jaziam no meio dos prados, cadáveres inchados ou emaciados dos quais exalava um odor fétido sob a ação do sol, e em torno dos quais circulavam abutres e chacais, hostes de esta festa4.

– »Thibaud de Blois e Étienne de Sancerre morreram de doença durante o inverno. Logo, o Arcebispo de Canterbury também foi dominado por febres.

A implacabilidade é incrível. Até as mulheres participam nos combates; uma delas, mortalmente ferida, pediu que seu corpo fosse jogado na vala para ajudar a enchê-la. Os cronistas muçulmanos reconheceram a coragem dos cruzados: “Os soldados de infantaria francos, posicionados atrás das suas trincheiras, mostraram a solidez de uma verdadeira muralha. Um franco de enorme tamanho, montado num parapeito, repeliu sozinho os muçulmanos; Ao seu lado, os camaradas atiraram-lhe pedras que ele atirou aos nossos. Foi atingido por mais de cinquenta tiros de flechas e pedras, mas nada o distraiu do trabalho. Ele continuou a repelir os muçulmanos até ser queimado vivo por uma garrafa de nafta que um dos nossos oficiais lhe atirou5.

– »

A dureza, o sofrimento e a duração da luta exacerbam as paixões. Os confrontos ocorrem no acampamento dos cruzados, onde se disputa comida; os pobres atacam os ricos; dividimos os pisanos contra os genoveses, Guy de Lusignan contra Conrad de Montferrat, que regressa a Tiro; Frederico da Suábia partiu em 20 de janeiro de 1191; alguns têm alucinações, veem milagres. É neste contexto que Filipe Augusto chega finalmente em 20 de abril de 1191, o que não muda muito, pois só tem seis navios e poucos homens consigo. Depois, no dia 8 de junho, foi a entrada triunfal de Richard. Os muçulmanos observam “a grande quantidade de equipamento que ele trouxe consigo; a sua chegada despertou medo nos seus corações”,6 disse Baha al-Din. Ele tem consigo 25 navios, e outros, com máquinas de cerco, retidos em Tiro por ventos contrários, chegarão mais tarde.

Machine Translated by Google

No início, porém, a presença dos dois reis não ajudou as coisas a avançarem. A rivalidade deles vem à tona e faz com que os ataques fracassem: Philippe oferece três besantes a qualquer cavaleiro que se coloque a seu serviço; Richard oferece quatro; Philippe apoia Conrad; Ricardo, cara; Filipe é seguido pelos genoveses e pelos hospitalários; Ricardo, pelos Pisanos e pelos Templários; Philippe quer atacar imediatamente; Richard o apoia mal, e o ataque de 14 de junho é um fracasso sangrento, pelo qual nos culpamos. Mesma falha em 18 de junho. Então os dois reis adoeceram, provavelmente sofrendo de uma variante do escorbuto; eles perdem cabelos e unhas.

Richard, ao contrário de Philippe, também tenta negociar. Em 18 de junho, enviou um mensageiro a Saladino para solicitar uma entrevista entre os dois líderes, um a um, com um intérprete. Este tipo de reunião de cimeira não está prevista no protocolo do sultão e exigiria longas discussões preparatórias. Saladino está, no entanto, pronto para aceitar que seu irmão Al-Adil conheça Richard. É discutido através de mensageiros. Para os cronistas muçulmanos, esta é apenas uma manobra de Ricardo para espionar o acampamento de Saladino, e vice-versa: "o objectivo destas visitas frequentes era garantir o estado da nossa moral, e estávamos inclinados a receber os mensageiros dos nossos inimigos para o mesmos motivos que os animaram", escreve Baha al-Din. Os relatórios destes embaixadores espiões são eloquentes. No campo muçulmano, vastos mercados, 7 mil cozinhas, mil banheiros; no acampamento cristão, relata Imad Al-Din, centenas de prostitutas, "maquiadas e pintadas, desejáveis e apetitosas, provocantes e ardentes, com vozes anasaladas e belas coxas,… apresentavam-se como alvos dos dardos dos homens, ofereciam-se aos golpes de lança, fez subir os dardos em direção aos escudos,... misturou as pernas, atraiu lagarto após lagarto para suas tocas, guiou as penas para os tinteiros, os riachos para as cavidades dos vales, as espadas para as bainhas , lenha para os fogões,… e afirmaram que era um ato de piedade incomparável para todos aqueles que estavam longe de suas casas e de suas esposas7". Forma elegante e poética de evocar as devassidãos de um exército em campo, um exército de piedosos cruzados sensíveis aos encantos do Oriente.

Isto pelo menos permitiu manter o moral das tropas, e a partir de 25 de junho os combates recomeçaram com violência crescente, concentrando-se na Torre Maldita, peça central das fortificações do Acre. A guarnição está exausta pela falta de sono enquanto os cruzados se revezam e finalmente decidem coordenar os seus esforços: enquanto um rei lidera o ataque contra a cidade, o outro protege o acampamento contra ataques de

Machine Translated by Google

o exterior. O ataque francês de 2 de julho foi repelido, como os de Saladino em 4 e 5 de julho, e novamente o dos franceses no dia 7. O governador do Acre, Al-Mashtub, tentou negociar, em vão. Os mineiros de Richard causam o colapso de uma seção da parede. Tendo a frota de abastecimento do Egito sido interceptada, a situação dos sitiados tornou-se insustentável e, em 12 de julho, a guarnição do Acre capitulou.

As condições são duras: os muçulmanos devem ceder todo o seu equipamento, as suas máquinas, os seus alimentos, os seus navios; a guarnição torna-se prisioneira e só será libertada após o pagamento de um resgate de 200 mil dinares de ouro e a libertação de 2.500 presos cristãos; a Verdadeira Cruz será devolvida; o reino de Jerusalém recuperará os limites de 1187; Conrad receberá 10.000 dinares pelos seus bons ofícios como mediador. Consternação no campo muçulmano: “Todos foram tomados de terror, impressionados com o espanto. O acampamento ressoou com gritos, reclamações, soluços e gemidos. Foi um espetáculo odioso quando o Marquês [Conrado de Montferrat] entrando no Acre com quatro bandeiras de reis cristãos, fincou uma na cidadela, outra no minarete da grande mesquita – e era sexta-feira! –, um terceiro na Torre de Combate, no lugar das bandeiras do Islão8. – » No acampamento cristão, exultam: “Já se passaram quatro anos desde que os sarracenos conquistaram o Acre, e lembro-me claramente que nos foi devolvido no dia seguinte à festa de São Bento, apesar da sua raça amaldiçoada. Tivemos então que ver as igrejas que permaneceram na cidade, como eles mutilaram e apagaram as pinturas, derrubaram os altares, bateram nas cruzes e nos crucifixos por desprezo pela nossa fé, para satisfazer a sua descrença e realizar os seus mahomerias9.

– 1 Hattin, Saladino levanta acampamento e se instala em Shafar'am para se preparar para o que vem a seguir.

Porque a queda do Acre é apenas o primeiro episódio da cruzada, cujo resultado é rapidamente estragado pelas divisões entre os cristãos. Em 13 de julho, Richard e Philippe compartilharam o saque e os prisioneiros. Mas os líderes independentes protestaram: reunidos fora da cidade, exigiram a sua parte, porque alguns estavam lá há dois anos. Os reis prometem pensar no assunto, mas como nada acontece, vários grandes senhores decidem voltar para casa, acreditando que foram enganados. Entre eles, o duque Leopoldo da Áustria, agora declarado inimigo de Ricardo.

Machine Translated by Google

Partida de Filipe Augusto e massacre de 3.000 prisioneiros

(agosto de 1191)

E então, em 22 de julho, Philippe Auguste anunciou que voltaria à França. A razão apresentada é a doença, que não engana ninguém. Na realidade, o rei de França está cansado de ficar em segundo plano, eclipsado pelo seu rival de Inglaterra, que se comporta como o único líder da cruzada, admirado, heróico, generoso. Humilhado, Philippe também tem um bom motivo para voltar para casa: o conde de Flandres Philippe morreu em frente ao Acre no dia 1º de junho, e o rei quer aproveitar isso para garantir a posse de Artois e Vermandois. Ele também escreveu aos seus oficiais para garantir a posse dos oficiais do condado. Finalmente, o regresso a França permitir-lhe-á aproveitar a ausência de Ricardo para invadir os seus Estados, embora obviamente jure a sua boa fé: “Filipe, contra o conselho e conselho dos seus príncipes, pediu a Ricardo permissão para regressar a casa. Isto foi concedido a ele. Ele então jurou nos Evangelhos e diante de todos que não tocaria nas terras e súditos do Rei da Inglaterra, nem permitiria que alguém o fizesse; que, pelo contrário, asseguraria a sua protecção pacífica e os defenderia com toda a sua energia contra os ataques inimigos, exactamente como gostaria que Paris fosse defendida se fosse atacada10”, escreve Roger de Howden.

—

Richard não acredita em uma palavra, é claro, e no mesmo dia escreve ao seu banqueiro em Pisa para fazer pagamentos a mercenários para garantir a defesa de seus territórios. A decisão de Philippe desperta indignação geral, mesmo entre os seus próprios homens:

> “Declaro isso muito seriamente,
> eles o culparam e estiveram muito
> perto de negá-lo como rei e senhor, tão grande
> foi o seu descontentamento e ódio11. — »

Eles tentam contê-lo e, para seus inimigos, é um ato de covardia e traição. Até mesmo seus thurifers, Rigord e Guilherme, o Bretão, têm dificuldade em encontrar desculpas para ele: para Rigord, Philippe partiu porque suspeitava de traição de Ricardo devido à troca de presentes com Saladino; além disso, a sua doença não era de forma alguma diplomática e ele deixou parte do seu exército e do seu tesouro na Palestina para apoiar a cruzada.
Na verdade, ele fez o que pôde para encorajar os senhores franceses a partirem com ele e deu instruções ao duque de Borgonha, que permaneceu em

Machine Translated by Google

Terra Santa, de modo que ele limita sua ajuda a Richard. Se poucos senhores franceses o seguem, como Pierre de Nevers, não é porque ele lhes pede para ficar, é porque desaprovam a sua partida, como Guillaume des Barres. Philippe está consciente da sua humilhação; mais tarde, numa carta ao papa, acusou Ricardo de o ter forçado a partir, corrompendo os seus cavaleiros12. Nada adiantará, e sua saída será equiparada a uma infame deserção, que Joinville ainda estigmatizará um século depois: “Se assim que o Acre foi tomado, os reis Phelippes voltassem para a França, onde foi muito culpado; e os reis Richars viveram na Terra Santa, e fizeram tantos filhos grandes que os Sarrazin duvidaram muito, se como está escrito ou livro da Terra Santa, que quando o filho dos sarracenos chorava, as mulheres escreviam para eles e disse a eles: “Calem a boca, vejam Roy Richart!” para silenciá-los. E quando o cavalo dos sarracenos e dos beduínos teve um bysson, eles disseram aos seus cavalos: “Vocês acham que são os reis Richars?”13

Resta determinar as condições de partida e, em particular, resolver a questão do trono de Jerusalém. Em 27 de julho Conrado de Montferrat e Guy de Lusignan defendem seu caso perante os dois reis que entregam seu veredicto no dia seguinte: Guy permanecerá rei de Jerusalém por toda a sua vida e após sua morte a coroa passará para Conrado e Isabel e seus herdeiros. . Entretanto, eles partilharão as receitas do que resta do reino; Conrado terá a posse dos territórios costeiros do norte, em torno de Tiro, Sidon e Beirute; Geoffroy de Lusignan, irmão de Guy, será senhor de Jaffa e Ascalon ao sul.

Antes de se separarem, Richard e Philip desferem os últimos golpes um no outro: Richard oferece a Philip um compromisso conjunto de permanecer três anos na Terra Santa, ou até a captura de Jerusalém; ao que Philip responde que só ficaria se Richard lhe cedesse metade de Chipre. Depois entrega a sua metade do Acre a Conrado, e embarca no dia 31 de julho para Tiro, levando os seus prisioneiros muçulmanos, que confia ao duque de Borgonha, o que complicará a resolução do acordo de capitulação do Acre. Finalmente, em 3 de agosto, ele partiu de Tiro para a França.

Para Richard, é realmente um alívio. Filipe era para ele mais um fardo do que um aliado ou, como diz Ricardo de Devizes, um martelo amarrado ao rabo do gato, em todo caso um rival com o qual se deve ter cuidado.
De agora em diante, suas mãos estão livres, ele é o líder indiscutível da cruzada e colherá todos os louros e despojos. A primeira coisa a fazer é garantir a aplicação das cláusulas de renúncia do Acre. Para isso, são trocadas mensagens com Saladino, e muito rapidamente surgem complicações. Estava previsto que tudo seria resolvido um mês após a capitulação,

Machine Translated by Google

ou seja, 12 de agosto. Mas Saladino não tem o dinheiro disponível, e Ricardo não tem todos os prisioneiros disponíveis para libertação, já que metade foi levada para Tiro por Filipe, e Conrado está muito relutante em transportá-los para Acre. Tentamos, portanto, fazer compromissos, mas reina a desconfiança. Em 12 de agosto, todos os prisioneiros muçulmanos foram finalmente reunidos no Acre. Saladino ainda não tem dinheiro, nem os prisioneiros cristãos. Começaram a circular rumores de que o sultão estava deliberadamente atrasando as negociações para atrasar a marcha dos cruzados para o sul. Alimentos e munições foram carregados nos barcos que aguardavam a partida e as pessoas estão ficando impacientes. Richard estende o prazo até 20 de agosto, enquanto outro boato se espalha: Saladino teria mandado executar seus prisioneiros. Então, no dia 20, Ricardo reuniu seu povo e mandou decapitar todos eles. Ele declarou isso friamente em uma carta que enviou ao abade de Claraval: “Os prazos haviam expirado, e como o tratado ao qual Saladino havia dado seu acordo era obsoleto, tínhamos com toda regularidade condenado à morte todos os sarracenos que tínhamos detidos, cerca de 2 600. Poupámos alguns dos mais nobres, porque esperamos poder trocá-los pela Cruz e por alguns presos cristãos14.

— » Não há dúvida de que São Bernardo teria apreciado isso, ele que recomendou calorosamente o extermínio dos infiéis.

Baha al-Din obviamente tem outra versão das coisas: os cruzados, diz ele, “trouxeram aos prisioneiros muçulmanos cujo martírio Deus ordenou, mais de 3.000 homens acorrentados. Eles atacaram-nos como um só homem e massacraram-nos a sangue frio, com espada e lança... Na manhã seguinte, os muçulmanos quiseram ver quem tinha caído e encontraram os seus companheiros martirizados onde tinham caído, e reconheceram alguns dos eles. Uma grande dor se apoderou deles e, a partir daquele momento, os únicos prisioneiros que foram poupados foram pessoas de alta posição ou fortes o suficiente para trabalhar. Várias razões foram apresentadas para explicar o massacre. Uma delas foi que ele os matou em retaliação por aqueles que os muçulmanos haviam matado anteriormente. Outra foi que o rei da Inglaterra decidiu marchar sobre Ascalon e não queria deixar tantos prisioneiros para trás no Acre. Só Deus sabe qual foi o verdadeiro motivo. Não podemos dizer que ele esteja transbordando de indignação. É verdade que depois da batalha de Hattin, Saladino mandou massacrar todos os prisioneiros Templários e Hospitalários, e que assistiu ao espetáculo com certo prazer, segundo os próprios cronistas árabes16. Trata-se nada mais nada menos do que a aplicação da lei da retaliação. —

De ambos os lados, os cronistas comentam o massacre em termos puramente práticos, avaliando as suas consequências para a acusação.

Machine Translated by Google

na zona rural. Para Jacques de Vitry, futuro bispo do Acre, o rei da Inglaterra fez bem em “atacar e enfraquecer o inimigo matando milhares de homens que, se tivessem vivido, teriam causado grande dano aos cristãos17”. Para Guilherme de Newburgh e o cisterciense Ralph de Coggeshall, foi benéfico: menos muçulmanos para lutar e daria uma pausa às guarnições que poderiam ser tentadas a resistir. Para Ambroise, “o cristianismo está vingado”, e os mortos pagaram por terem matado cristãos durante o cerco. Afinal, era justo: Saladino não pagou o resgate em dia e Ricardo não tinha condições de arrastar 3.000 prisioneiros com ele, vigiá-los e alimentá-los pelo resto da campanha. Até Guilherme, o Bretão, que não gosta de Ricardo, pensa que a sua raiva foi justificada e que a sua decisão foi normal18. A única voz discordante é a de Sicard de Cremona, que pensa que Ricardo agiu contra fas et licitum (contra os factos e a lei): teria feito melhor se vendesse os seus prisioneiros como escravos, sem falar que, ao matá-los, foi privado do resgate.

Os muçulmanos são praticamente da mesma opinião. Não há questão de moralidade nas suas avaliações: o episódio é lamentável porque enfraqueceu o seu exército, mas Saladino certamente teria feito o mesmo nas mesmas circunstâncias. Além disso, as execuções de prisioneiros agora sucedem-se: “para satisfazer a sua sede de vingança”, escreve Baha al-Din, os prisioneiros são por vezes cortados em pedaços, em Setembro de 1191; em março de 1192, aqueles que estavam fracos demais para andar foram decapitados, "o que encorajou outros a andar mais rápido". » Estas medidas terroristas também deveriam intimidar as guarnições inimigas. Ao mesmo tempo, as negociações são retomadas. Richard e Al-Adil se encontram e trocam presentes.

O massacre dos 3.000 prisioneiros por ordem de Ricardo, embora tenha tido relativamente pouco impacto sobre os contemporâneos, chocou os historiadores, como a execução dos 5.000 saxões por Carlos Magno. Estes actos bárbaros deixam uma mancha indelével na reputação dos seus autores, e ganham hoje uma nova ressonância: numa iluminura de Jean Colombe, sobre um manuscrito do século XV19, a terrível representação da cena de decapitação em massa e pública de 20 de Agosto , 1191 diante de Ricardo Coração de Leão evoca para nós acontecimentos muito contemporâneos e nos lembra brutalmente que em certas partes da humanidade ainda marcadas pelo fanatismo religioso, a consciência moral não avançou um centímetro em oito séculos.

Tendo o Acre caído, agora é preciso continuar a campanha. O objetivo final é Jerusalém. Para alcançá-lo, Richard tem um plano, estrategicamente

Machine Translated by Google

razoável: ir para sul seguindo a costa, o exército e a frota em paralelo, transportando o equipamento, até Jaffa e depois Ascalon; assumir o controle desses portos, que servirão como pontos de abastecimento marítimo e bases para ataque aos navios muçulmanos vindos do Egito e da Síria. Depois, a partir de Ascalon, virar em linha reta para leste, em direção a Jerusalém, que fica a apenas oitenta quilómetros de distância, assegurando a linha de abastecimento até ao mar. Esta é a voz (e o caminho) da sabedoria, que Richard faz prevalecer sobre a opinião de certas pessoas impacientes. que gostariam de cortar diretamente do Acre para Jerusalém, o que os colocaria à mercê de Saladino.

Mas se alguns têm pressa, as bases gostariam de continuar aproveitando o lazer oferecido pela cidade do Acre, que “estava cheia de delícias, bom vinho e moças, muitas delas muito bonitas20 ”, escreve Ambroise. Para uma cidade que emerge de dois anos de cerco, isto pode parecer surpreendente. O fato é que Ricardo, que deixa a esposa e a irmã na cidade, deve esperar três dias para que todo o exército esteja reunido e pronto para a longa marcha. No dia 25 de agosto ela partiu em direção ao sul. A tarefa de Saladino agora é bloquear seu caminho.

O duelo de Ricardo e Saladino: dois paladinos ou dois brutos sedentos de sangue?

Salah ad-Din Yusuf Ben Ayyoub nasceu em 1137. Ele é, portanto, vinte anos mais velho que Ricardo Coração de Leão. Sobrinho do vizir curdo do Cairo, Chîrkouh, a quem sucedeu, resistiu vitoriosamente aos ataques do rei de Jerusalém e, em 1171, tornou-se sultão do Egito, onde restabeleceu a ortodoxia sunita. As suas relações com o sultão da Síria, Nour ad-Din, que reivindica a supremacia sobre todo o mundo árabe-muçulmano, são muito tensas, porque ele deseja fazer do Egipto um sultanato independente. Em 1174, com a morte de Nour ad-Din, interveio na Síria e, em 1180, o califa abássida de Bagdá, autoridade religiosa suprema, concedeu-lhe a investidura oficial. O seu objetivo era então expulsar os cristãos da Palestina e da Síria onde estavam instalados desde a primeira cruzada em 1099. Para isso aproveitou as divisões entre os cristãos e a fraqueza do rei de Jerusalém Balduíno IV um leproso, que perdeu a vida dos seus membros e cedeu a regência ao seu cunhado Guy de Lusignan, em 1183. Este último, atacado por Saladino, recusou-se a lutar, o que obrigou o muçulmano a retirar-se. Mas para Balduíno IV, a atitude de Guy equivale à covardia; ele o depôs e proclamou Balduíno V, seu sobrinho, como herdeiro. Os barões estão divididos e discutindo.

Quando Balduíno IV morreu em março de 1185, aos vinte e quatro anos, Balduíno V

Machine Translated by Google

tem apenas oito anos; ele morreu no ano seguinte, em agosto de 1186, no Acre. Guy de Lusignan foi então proclamado rei, mas foi altamente contestado e as disputas entre os barões pioraram. Saladino aproveitou-se disso e, no final de uma campanha brilhante, aniquilou o exército cristão em Hattin em 4 de julho de 1187. Guy de Lusignan foi feito prisioneiro, assim como seu irmão, o condestável Amaury, Renaud de Châtillon, o marquês de Montferrat, o grão-mestre do Templo. Saladino tem prazer em decapitar o próprio Renaud de Châtillon e testemunha o massacre dos prisioneiros Templários e Hospitalários. Após este desastre, Acre, Sidon, Beirute e Ascalon capitularam. Em 2 de outubro de 1187, após um cerco de dez dias, Saladino capturou Jerusalém, poupando seus habitantes. Depois completou a conquista da Palestina, onde restaram apenas alguns lugares, como Tiro, sob a liderança de Conrado de Montferrat, filho do velho Marquês de Montferrat. Guy de Lusignan, libertado alguns meses depois, empreendeu o cerco do Acre em 1189, e Saladino não conseguiu evitar que Ricardo Coração de Leão a tomasse em 1191, como acabamos de ver. Este é o primeiro fracasso grave do sultão, que ali encontra um adversário digno de sua medida.

O duelo entre os dois homens, cujos ecos alcançaram todo o Ocidente, rapidamente assumiu o aspecto de uma epopeia e entrou para o mito e a lenda dos séculos, com proporções cósmicas de uma luta entre o bem e o mal. De 1230, um poema anglo-normando narra a fantástica batalha que travaram em frente ao Cairo, onde Saladino enviou a Ricardo um cavalo possuído pelo demônio; o rei exorciza a besta e vence a luta21. Na Inglaterra, no século XIII, o rei Henrique III encomendou vários afrescos representando o confronto, que também podem ser vistos em azulejos da Abadia de Chertsey, em Surrey, e numa famosa iluminura do saltério de Luttrell, no século XIV, onde Saladino, consternado pelo seu adversário, tem cabeça de negro e rosto diabólico. Também os vemos confrontando-se numa iluminura do Cavaleiro Errante de Thomas de Saluces, em 1404. No início do século XIV, o poema francês sobre Le Pas de Saladin conta como Ricardo e doze pares enfrentam todo o sarraceno. exército22. A reminiscência de Arthur é evidente aqui.

Na realidade, o confronto direto dos dois titãs nunca aconteceu: os dois homens nunca se encontraram, nem no campo de batalha nem durante as negociações, e cada um desconhece completamente a aparência do outro. Duas personalidades fortes, obviamente, que levam ao clímax os contrastes psicológicos de sua época. Tanto brutos sedentos de sangue quanto paladinos lendários, capazes das piores atrocidades e também de gestos de refinamento e generosidade. É o mesmo homem, Richard, que interpreta o

Machine Translated by Google

música, escreveu poesia, foi polido com o irmão do sultão, ouviu com prazer canções árabes e mandou decapitar milhares de prisioneiros sem escrúpulos. Saladino é do mesmo calibre: corajoso, generoso, hospitaleiro, culto e de uma crueldade indescritível. É muito difícil desvincular a sua realidade da imagem idealizada que lhe é dada pela propaganda muçulmana: "A insistência daqueles que lhe são próximos em glorificar as suas virtudes e as suas acções significa que para governar Saladino tinha que cuidar da sua imagem e "corresponder tanto quanto possível ao amplamente difundido do ideal de soberano, defensor do Islão e protector dos seus súbditos23", avalia um dos seus últimos biógrafos, que recorda também que a sua reputação de estrategista é um pouco sobrestimada: fracasso em Tiro, fracasso em Jaffa, fracasso no Acre.

Cada um dos dois homens foi excessivamente elogiado no seu próprio campo por razões muito compreensíveis: são ao mesmo tempo encarnações e campeões de uma religião com uma vocação universal e uma cultura de prestígio: o Ocidente cristão e o Oriente muçulmano. Se os criticamos por alguma coisa, é porque às vezes são demasiado conciliadores com o inimigo. Isto é especialmente verdade no campo cristão, onde as gentilezas e trocas de presentes entre Ricardo e os conselheiros de Saladino são vistas com um olhar negativo, como verdadeiras traições. Segundo Rigord, Filipe Augusto "mantinha o rei da Inglaterra sob grande suspeita porque, sem se reportar a ele, Ricardo enviou mensageiros a Saladino e trocou presentes com ele24", e os próprios cronistas árabes têm consciência destas críticas: "É era bem sabido que os príncipes francos o conheceram e expressaram sua desaprovação. Eles disseram: “Isto põe em perigo a religião cristã”25”, escreve Baha al-Din.

Para os cronistas muçulmanos, a insistência de Ricardo em procurar negociação também é suspeita. Ele é, portanto, suspeito de ambos os lados ao mesmo tempo: “Vejam o ardil deste homem maldito. Para atingir seu objetivo, ele primeiro usa a força e depois as boas palavras. Só Deus pode proteger os muçulmanos dos seus esquemas; nunca tivemos um inimigo mais ousado ou mais habilidoso que ele”; “cada vez que ele fazia um pacto, ele o quebrava; cada vez que dava a sua palavra, libertava-se dela; cada vez que disséssemos a nós mesmos: “Ele será leal”, ele nos traiu”.

Os muçulmanos ficam desconcertados com os seus repetidos pedidos de entrevistas, por trás das quais vêem simples manobras para ganhar tempo ou obter informações. Quando pede para conhecer Saladino, fica chocado: isso não pode ser feito, não podemos nos matar depois de comermos juntos e trocarmos presentes: “O

Machine Translated by Google

Os reis geralmente não se reúnem, a menos que tenham previamente elaborado os termos de um tratado; pois depois de terem conversado e trocado sinais de confiança, como é ritual em tais circunstâncias, não é apropriado que entrem em guerra entre si, por isso é absolutamente necessário que as preliminares sejam resolvidas primeiro27 », o sultão teria respondeu. Por Saladino, lutamos primeiro, depois preparamos um tratado e depois comemos juntos. Para Richard, discutimos primeiro, depois lutamos e depois fazemos um tratado: uma questão de “tempo”!

Ele não cede, porque tem muita certeza do seu poder de fala mansa, e nas entrevistas com enviados muçulmanos não hesita em usar o humor, um humor anglo-normando inexpressivo e tingido de ironia que desconcerta os seus interlocutores. Em 1º de agosto de 1192, diante de Jaffa, ele falou com altos dignitários muçulmanos: “Seu sultão é poderoso e não há ninguém mais poderoso do que ele na terra do Islã. Então por que ele foge assim que eu apareço? Por Deus, eu nem estava equipado para o combate. Olha: ainda estou usando minhas botas de praia. Por que ele saiu? Por Deus, eu não teria imaginado tomar Jaffa em dois meses; como ele reagiu em dois dias28? »

Nunca sabemos se ele está brincando ou se está falando sério, dizem os cronistas. O único que lhe responde da mesma forma é o irmão de Saladino, Al-Adil, com quem ele se encontra várias vezes. Quando lhe oferece presentes, diz Baha al-Din, Al-Adil “que sabia muito bem que tom adotar, respondeu em tom de brincadeira29”. Ricardo então se oferece sem rir para casar com sua irmã Jeanne, a viúva do rei da Sicília, que ele deixou no Acr Ok, responde o muçulmano; mas Jeanne se recusa a casar com um infiel; bem, você só precisa se tornar um cristão! De ambos os lados sabemos muito bem que isto não é grave, mas, nota o cronista, “deixou assim a porta aberta a futuras negociações30”.

Ricardo tem o hábito, na Europa, de alternar lutas e reuniões de cúpula com seus inimigos: no nosso país, ele fez o sultão dizer: “é costume dos reis, quando estão próximos, enviar presentes uns aos outros. Tenho comigo um presente digno do Sultão e peço permissão para enviá-lo a ele.” Baha al-Din, que regista estas palavras, acrescenta que Ricardo, que sofria de malária, “enviava continuamente mensagens para pedir ao Sultão frutas e neve, pois ele estava sempre doente e desejava peras e pêssegos. O sultão sempre o enviava, esperando através destas mensagens frequentes obter as informações de que necessitava31.” É com Al-Adil que Richard mantém relações mais cordiais. Ele o conheceu pela primeira vez em 5 de setembro de 1191, e a partir de então falou dele como “meu amigo e meu

Machine Translated by Google

irmão ". No dia 8 de novembro, “quando o rei da Inglaterra veio visitá-lo em sua tenda, foi recebido da maneira mais honrosa; então o rei convidou-o para os seus aposentos, e serviu-lhe uma refeição com as especialidades do seu país que achou que seriam do seu gosto. [Al-Adil] trouxe consigo todos os tipos de iguarias e petiscos escolhidos, bebidas de todos os tipos e presentes magníficos dignos de príncipes. Eles se separaram com garantias de boa vontade mútua e afeto sincero32.” Durante a refeição, Richard “perguntou a Al-Adil se ele poderia tocar algumas músicas árabes para ele. Al-Adil trouxe uma mulher que se acompanhava ao violão. Ela cantou diante do Rei da Inglaterra, que ficou muito satisfeito com ela33. Depois de uma longa conversa, Al-Adil leva Richard para casa por sua secretária.

Este tipo de mundanismo não agrada aos outros líderes da cruzada, que acham que Ricardo tem uma estranha concepção de guerra santa. Especialmente porque as reuniões estão a aumentar, não só com Al-Adil, mas também com o seu chanceler, Abu Bekr, por vezes um a um.
Richard acredita no seu poder de persuasão, mas no campo muçulmano as pessoas são cautelosas: todas estas belas palavras foram “as flechas do crime e da perfídia34”, escreve Imad al-Din.

Richard está genuinamente interessado na cultura oriental? Como trovador, podemos compreender que aprecia os cantores muçulmanos, e outra anedota sugere que o seu interesse vai além do entretenimento: tendo encontrado entre o saque retirado de uma força expedicionária egípcia as notas do geógrafo e viajante al-Harawi, envia o este último um mensageiro para informá-lo de que poderá recuperá-los quando quiser35.

Ricardo é um bom conversador, certamente, mas acima de tudo deixou a reputação de um grande guerreiro, que impressionou os cronistas muçulmanos com suas façanhas. Baha al-Din apresenta-o como “um homem muito poderoso entre os francos, um homem de grande coragem e temperamento. Ele travou grandes batalhas e mostrou uma paixão ardente pela guerra, e sua aparência semeou medo e terror nos corações dos muçulmanos”; “com ele, fazer a guerra em nome de Deus era uma verdadeira paixão, que enchia seu coração, e ele se entregou de corpo e alma a isso” que ganhou o 36. Está na Terra Santa apelido de Coração de Leão que lhe foi dado por Ambroise, e mais um século depois , como lembra Joinville, ele ainda aparece como um ogro e um espantalho com quem são ameaçadas crianças desobedientes. Os cronistas árabes, repetimos, notam com um toque de desaprovação a sua excessiva temeridade no combate, citando diversas ocasiões em que colocou a vida em perigo em ataques loucos contra forças muito superiores: no outono de 1191, quando foi salvo por um soldado que intervém e recebe o

Machine Translated by Google

lança enfiada em seu lugar; em junho de 1192, quando veio com um punhado de homens disfarçados de beduínos para reconhecer as posições do exército inimigo; no dia 1º de agosto, em Jaffa, quando se lançou à batalha um contra dez. A lenda do Coração de Leão foi construída em torno desses episódios.

A vitória de Arsuf (7 de setembro de 1191)

Em 25 de agosto de 1191, o exército cruzado deixou o Acre em direção ao sul em direção a Jaffa. Progride ao longo da costa, uma coluna longa e perfeitamente organizada. À sua direita, o mar, com a frota, que assegura o abastecimento e transporte dos equipamentos; à sua esquerda, os soldados de infantaria, cuja tarefa é manter afastados os muçulmanos, que assediam constantemente os cristãos. O exército de Saladino avançou paralelamente, buscando quebrar o sistema dos cruzados. Os dois exércitos têm métodos de combate muito diferentes. Os turco-árabes, com armas mais ligeiras, procederam a ataques rápidos de cavalaria, com os seus arqueiros montados a bombardear os adversários com flechas, confiando na velocidade e na mobilidade, emergindo e dispersando inesperadamente. Os pesados cavaleiros cruzados, pelo contrário, contam com uma carga maciça, lançada para a frente, à qual nada resiste... desde que atinja o seu objectivo. A dificuldade do exercício consiste em aproveitar o momento favorável justamente para lançar o ataque, pois senão os cavaleiros inimigos se dispersam, a carga só chega ao vazio, se desintegra, e então os cavaleiros árabes voltam e acossam os cavaleiros, levados pelo seu ímpeto, que perderam a coesão e têm dificuldade em reagrupar-se para dar a volta por cima. Os cavalos são particularmente vulneráveis às flechas que, se não perfurarem a cota de malha, ficam presas e prejudicam consideravelmente os cavaleiros. Depois de caírem no chão, são defendidos pelos soldados de infantaria, que acima de tudo têm uma função de escudo, e a luta continua com espadas. Acrescentemos que os cavaleiros, que seguram as rédeas e o escudo na mão esquerda, a lança na mão direita, revestidos de ferro aquecido ao sol, são dominados pelo calor e pela sede. Considerando tudo isso, poderíamos comparar esse tipo de confronto ao de uma frota de couraçados (os cavaleiros), protegidos por navios mais leves (os soldados de infantaria), atacados por aviões de combate (os cavaleiros árabes).

A única forma de conseguirem prevalecer neste contexto é os cruzados manterem a sua coesão através de uma disciplina rigorosa, o que não é a qualidade essencial dos cavaleiros, demasiado inclinados a atacar sem esperar pelo sinal e a procurar a exploração individual. O grande mérito do rei Ricardo é justamente ter conseguido impor ordem e disciplina a este exército

Machine Translated by Google

cosmopolita e turbulenta, desacostumada a obedecer e a falar línguas diferentes.

Desde o primeiro dia da longa marcha notamos a necessidade de um sistema rígido: a retaguarda, demasiado esticada e atrasada pelas carroças, foi atacada pelos árabes. Richard deve vir pessoalmente para libertá-la. Depois disso, ele coloca os Templários e Hospitalários como cobertura na retaguarda; mais habituados a este tipo de combate, que exige andar para trás para proteger a retaguarda, constituem uma proteção eficaz. Baha al-Din, que está no exército de Saladino, está impressionado com a disciplina que reina nas fileiras cristãs, especialmente entre os soldados de infantaria: "Vi soldados de infantaria francos, alguns dos quais tinham até dez flechas enfiadas nas roupas, avançando em o ritmo habitual sem sair das fileiras... Não podemos deixar de admirar a notável paciência destas pessoas, que suportaram o maior cansaço sem ter qualquer participação na direcção dos negócios e sem tirar daí a menor vantagem pessoal37 .

— » Linda homenagem.

No dia 5 de setembro, a exaustiva marcha durou doze dias. Os cruzados cruzaram oitenta quilômetros e estão se aproximando de Jaffa.
Saladino percebe que só poderá detê-los com uma grande batalha. Para isso, ele traz reforços e, como Richard pediu para se encontrar com Al Adil, o sultão pede ao irmão que prolongue a discussão para lhe dar tempo de reunir o maior número de pessoas possível. Além disso, quando os cruzados emergiram da floresta de Arsuf no dia 6, encontraram-se confrontados com um vasto exército em ordem de batalha, em terreno aberto. O choque é inevitável. Na manhã de 7 de setembro, Ricardo organizou suas tropas em ordem de marcha voltadas para o sul: à frente, os Templários, seguidos pelos bretões e os angevinos, depois Guy de Lusignan e os Poitevins, seguidos pelos normandos e ingleses, depois os franceses e, na retaguarda, os hospitalários. O próprio Richard repassa as falas, diversas vezes, para garantir a ordem. A ordem é rigorosa: esperar que os muçulmanos ataquem e, sobretudo, não atacar antes do sinal, que será dado por seis toques de trombeta.

Saladino lança o ataque no meio da manhã,

> “Então, trinta mil turcos e mais,
> Organizados em grupos bem ordenados,
> Magnificamente vestido e apetrechado,
> Correu em nossa direção com impetuosidade38",—

diz Ambroise. Espetáculo impressionante, essa investida de milhares de cavalos em meio a um clamor imenso, uma multidão colorida, multicolorida,

Machine Translated by Google

bandeiras ao vento, uivando, ao som de tambores e trombetas, e logo soltando uma chuva de flechas. Os cruzados permanecem imóveis; apenas os soldados de infantaria, que absorveram o choque, responderam com flechas e lanças. Os cavaleiros, fervendo de impaciência, aguardam o sinal. Os Hospitalários, que eram os mais expostos, pediram diversas vezes autorização para cobrar. Richard recusa por horas; ele espera, atrás das linhas da infantaria, que os muçulmanos se cansem. Finalmente, os Hospitalários já não o detêm; eles correm para frente. Não podemos deixá-los ir sozinhos. Então, Richard avança por sua vez, com todos os outros, afastando – e às vezes esmagando – os soldados de infantaria. No exército oposto, Baha al-Din, que participou na batalha, conta: “Eu

próprio vi os seus cavaleiros agrupados num único corpo no meio de uma tela protetora de soldados de infantaria, sabendo que só um esforço supremo poderia salvá-los do derrota que pensávamos que poderíamos infligir-lhes. Eles pousaram as lanças, gritaram um poderoso grito de guerra e as fileiras da infantaria abriram-se para deixá-los passar; então eles saltaram e atacaram, uma divisão contra a nossa ala direita, uma contra a nossa esquerda e uma terceira contra o nosso centro, semeando confusão em todo o nosso exército. Eu estava no centro, e quando ele se dispersou em completa desordem, tentei refugiar-me na ala esquerda, que era a mais próxima, mas também ela estava em pânico. Virando para a direita, encontrei-a ainda mais confusa.

__ »

O impacto de uma carga de cavalaria pesada na hora certa é irresistível. Saladino, porém, conseguiu reunir parte de suas tropas e contra-atacar. Mas Richard consegue impedir o ataque de seu povo antes que ele se disperse; ele agrupa seus cavaleiros em torno do estandarte real, e uma luta furiosa começa, ao final da qual os muçulmanos recuam e abandonam o campo.

A vitória de Arsuf é a demonstração dos excepcionais talentos guerreiros de Ricardo, que não só demonstrou um notável domínio de suas tropas, perfeitamente dispostas e capazes de manter a calma e atacar apenas no momento oportuno, mas também foi capaz de reunir seus cavaleiros e, claro, lute como um leão. Certamente, os Hospitalários estavam um pouco à frente da ordem de ataque, mas Ricardo sabia como correr imediatamente para apoiá-los. Em Arsuf, Ricardo Coração de Leão entra na lenda dos grandes guerreiros. Os próprios muçulmanos estão admirando. Ambrósio imagina um emir declarando a Saladino que havia entre os cruzados um cavaleiro invencível, um verdadeiro demônio: “Nunca vimos tal homem. Ele estava sempre na frente, sempre onde estava

Machine Translated by Google

o mais necessário, como um cavaleiro cheio de experiência. Eles o chamam de Rei Ricardo 40 »

Negociações de tolos, escaramuças e ganho de tempo (setembro de

1191 a janeiro de 1192)

Depois de Arsuf, a marcha em direção a Jaffa é retomada. Chegamos lá no dia 10 de setembro, mas tivemos que acampar do lado de fora, porque as muralhas haviam sido destruídas por ordem de Saladino. Os cruzados ficam então divididos: por um lado, há aqueles que estão ali sobretudo como peregrinos e que raciocinam em termos de religião e espiritualidade; para eles, agora é necessário ir diretamente a Jerusalém, que continua sendo o objetivo final da expedição. Por outro lado, os líderes militares, que pensam em termos de estratégia, como os Templários e os Hospitalários, acreditam que isto seria uma loucura: Saladino continua perigoso; se passarmos da costa para o interior, poderá cortar as linhas de comunicação, cair sobre os sitiantes durante o cerco de Jerusalém, com reforços, e aniquilar um exército faminto e sedento, como em Hattin. E mesmo que conseguíssemos tomar Jerusalém, teríamos meios para mantê-la se não controlássemos os portos para manter contato com o Ocidente? Para grande decepção das mentes religiosas, a segunda opinião prevaleceu. É sem dúvida a voz da sabedoria. Richard decide então ficar por enquanto em Jaffa, cujas muralhas serão reconstruídas para formar uma base costeira. A maioria dos soldados aprovou, especialmente porque, relata Ambroise,

> “A tropa de mulheres voltou, E retomou
> o comércio da devassidão41. »

Saladino também se depara com um dilema: depois de Arsuf, “todos nós ficamos feridos, seja no corpo ou no coração42”, diz Baha al Din. O moral está danificado. Deveríamos ir defender Jerusalém ou ficar na costa e demolir as fortificações de Ascalon, para que os cruzados não possam usá-las? Saladino opta pela segunda solução, e durante o mês de setembro temos este curioso espetáculo de dois exércitos que se transformam em operários da construção: um reconstrói os muros de Jaffa, enquanto os outros demolem os de Ascalon, quarenta quilómetros a sul.

E durante a obra, os combates continuaram, na forma de escaramuças entre grupos de reconhecimento. Richard participou pessoalmente dessas escaramuças e ficou até levemente ferido durante uma delas.

Machine Translated by Google

estes compromissos, o que preocupa quem o rodeia, o que o incentiva a ser mais cuidadoso. Enquanto Saladin continua seu negócio de demolição, em Ramla, Lydda, Latrun, Richard traça planos para o futuro. Numa carta datada de 1º de outubro, ele anunciou que retomaria Jerusalém no início do ano seguinte. No mesmo dia, escreveu ao abade de Claraval pedindo-lhe que organizasse pregações para recrutar cruzados e arrecadar dinheiro. Durante o mês de outubro, traçou um plano muito ambicioso, que mostrava que pretendia prolongar a sua estadia no Oriente: a conquista do Egito. Numa carta enviada em 11 de outubro a Génova, pediu à cidade italiana que montasse uma frota e equipamento para uma grande expedição no verão seguinte, prometendo partilhar os custos e os territórios conquistados. Ele está falando sério? Geograficamente falando, o Egipto é, é verdade, o coração do poder de Saladino; é daí que retira a maior parte da sua força económica e militar. E o país será o alvo preferido das cruzadas do século XIII.

Mas o empreendimento estava claramente além da força das potências cristãs, como tristemente experimentaria São Luís. Os Cruzados já estavam a ter dificuldades em manter alguns pedaços de território na Palestina: como poderiam subjugar um país tão densamente povoado como o Egipto? Isso é uma medida de Richard para preocupar Saladino? Nós não sabemos. Mesmo assim, o projeto não terá sucesso.

Richard tem preocupações mais imediatas. Ele suspeita, com razão, que Conrado de Montferrat está conspirando com os muçulmanos para retomar Acre, e decide ir ele mesmo ao mar para trazer sua esposa e irmã de volta a Jaffa durante o mês de outubro. E então ele retoma as negociações. Segundo Baha al-Din, bem informado por ser um dos negociadores, ele envia a Saladino esta mensagem: “Saúdo-o e digo-lhe que os muçulmanos e os francos estão sangrando, o país está completamente arruinado, a propriedade e vidas foram sacrificadas de ambos os lados. Chegou a hora de acabar com tudo isso. Os pontos em disputa são Jerusalém, a Cruz e a terra. Jerusalém é para nós um lugar de culto que não poderíamos abandonar, mesmo que apenas um de nós permanecesse. A terra daqui até o Jordão deve ser nossa. A Cruz, que para vós é um simples pedaço de madeira sem valor, tem para nós uma enorme importância. Se você nos devolver, poderemos fazer as pazes e descansar dessas labutas intermináveis[43]. » Isto não deixa muito espaço para negociação: vocês cedem em todos os pontos, vocês nos dão tudo, Jerusalém, a Palestina e a Cruz, e nós fazemos a paz! Não é de surpreender que a resposta de Saladino seja igualmente intransigente: “Jerusalém é tanto nossa quanto sua”. Na verdade, é ainda mais sagrado para nós do que para você,

Machine Translated by Google

pois foi de lá que nosso Profeta ascendeu ao céu, e é lá que nossa comunidade se reunirá no dia do julgamento. Não imagine que podemos desistir. A terra também é nossa desde o início, embora você tenha chegado recentemente e só a tenha tomado graças à fraqueza dos muçulmanos da época. Quanto à Cruz, é uma boa carta nas nossas mãos e só a devolveremos em troca de uma vantagem excepcional para o Islão44.

— »

Isso é chamado de situação de impasse. Al Adil envia então o seu secretário, Ibn an-Nahhal, a quem Richard propõe o seguinte plano: Saladino dá a Palestina ao seu irmão, que se casa com a minha irmã, a quem dou as cidades costeiras como dote; trocamos nossos prisioneiros; você nos devolve a Cruz; o jovem casal estabeleceu-se em Jerusalém e permitiu o livre acesso aos peregrinos cristãos. Por mais surpreendente que este plano possa parecer, Baha al-Din e Imad al-Din, que participam nas negociações, certificam que foi de facto apresentado. Mais surpreendente ainda é que Saladino aceita: pobre! Isso se transforma em uma farsa. Na realidade, nem Richard nem Saladin estão falando sério. É uma questão de ver até onde o adversário está preparado para ir e, sobretudo, de ganhar tempo, porque ambos os lados precisam de recuperar forças e o inverno está a chegar.

Saladino precisa de tempo para demolir as fortificações e Ricardo para reconstruí-las. Em 31 de outubro, supervisionou os trabalhos em Yasur, depois em Casal-des-Plaines e em Casal Middle, enquanto continuava as escaramuças. Em 6 de novembro, enviados em reconhecimento, os condes de Leicester e Saint-Pol caíram em uma emboscada; apesar dos apelos daqueles que o rodeiam, o rei voa em seu auxílio: “Mandei estes homens para lá. Se eles morrerem sem mim, que ninguém mais me chame de rei. » E imediatamente “bicou os flancos do cavalo, soltou as rédeas e partiu mais rápido que um falcão, emergindo entre os sarracenos e atacando com a força de um raio45 Dois dias depois, no dia 8, teve uma longa e cortês entrevista com Al Adil. No dia 9, propôs a Saladino uma divisão da Palestina. O sultão está cauteloso e hesitante. Continuamos a falar sobre um possível casamento entre Jeanne e Al Adil, embora Jeanne não queira saber de nada. No dia 11, Ricardo escreveu a Saladino: “O povo cristão desaprova que eu dê a minha irmã em casamento sem consultar o Papa, o chefe e líder da cristandade. Então mandei um mensageiro, que retornará em três meses. Se ele permitir o casamento, tanto melhor. Caso contrário, dar-te-ei a mão de uma das minhas sobrinhas, para o que não precisarei do acordo do Papa.46 Richard está pronto para alimentar as filhas de sua família com os muçulmanos? O mais provável é que ele esteja procurando apenas uma coisa: economizar tempo.

Machine Translated by Google

Em 17 de novembro, os cruzados estabeleceram-se em Ramla, a cerca de quinze quilómetros da costa. Eles ficaram lá por seis semanas e depois se mudaram para Latrun. Estamos em meados de dezembro. O inverno chegou, com o frio, a umidade, a lama. Em 12 de dezembro, Saladino dispersou seu exército e trancou-se em Jerusalém. Ricardo hesita. Os “espirituais” encorajaram-no a marchar sobre a cidade, onde consultou os planos das fortificações. Mas os Hospitalários representam para ele a loucura do empreendimento: ele ficaria preso entre as defesas da cidade e o exército de socorro muçulmano, em pleno inverno. Em 13 de janeiro, o exército retornou a Ramla, e uma semana depois estava em Ascalon, cujas muralhas foram totalmente desmanteladas por Saladino.

Decidimos reconstruí-los. O descontentamento cresceu entre as tropas, que não pegaram a cruz para bancar os pedreiros. Os contingentes franceses vão para Jaffa, Acre ou Tiro, onde Conrado de Montferrat continua os seus esquemas, negociando secretamente com Saladino, recusando-se a cooperar com Ricardo. No Acre, pisanos e genoveses continuam suas discussões. O próprio Richard vai lá no dia 20 de fevereiro para tentar reconciliá-los, então conhece Conrad, a quem tenta em vão persuadir a se juntar a ele. Ao mesmo tempo, continuaram as escaramuças e negociações com Saladino. Foi até delineado um plano para dividir Jerusalém, deixando a Rocha e a Cidadela para os muçulmanos, e o resto retornando para os cristãos. Saladino, cujas tropas não estavam em melhores condições que as de Ricardo, parecia prestes a aceitar, mas a desconfiança acabou prevalecendo. No dia 31 de março, Ricardo regressou a Ascalon, onde celebrou a Páscoa no dia 5 de abril, antes de ir para Gaza e Darum, que se preparou para sitiar.

Más notícias da Inglaterra

A sua posição, no entanto, deteriorou-se: 700 cavaleiros franceses tinham acabado de partir para se juntarem a Conrado e ao duque de Borgonha, Hugues. E então, o Prior de Hereford chega da Inglaterra com más notícias. Como era de se esperar, os preparativos que Richard fez antes de sua partida foram em vão. O homem que ele deixou no comando do reino, Guillaume Longchamp, bispo de Ely, legado papal, juiz e chanceler da Inglaterra, é certamente fiel e não é desprovido de talento, mas é extremamente impopular e suas relações com o príncipe John deterioraram-se. rapidamente. Este último, preocupado com os rumores segundo os quais Ricardo designara Artur como seu sucessor, comportou-se como um verdadeiro regente, com administração própria. Ele está cercado por um grupo de apoiadores que odeia Longchamp; entre eles, o bispo de Coventry, Hugues de Nunant, de quem mais tarde se diria que ao ouvir o interminável

Machine Translated by Google

lista dos seus pecados durante a sua última confissão, nenhum confessor quererá dar-lhe a absolvição.

Depois de algumas semanas, Jean e Longchamp entraram em confronto armado e começaram a tomar os castelos um do outro. Ricardo, que então se encontrava na Sicília, enviou então um mediador, Guillaume de Coutances, arcebispo de Rouen, grande nobre, culto, capaz, habilidoso e respeitado, a quem confiou a tarefa de reconciliar as duas partes, e se necessário para si mesmo assumir as funções de juiz e chanceler. Ele chegou à Inglaterra no final de junho de 1191.

Durante o verão, Jean e Longchamp ficam calados, e Longchamp, que se sente ameaçado, concorda até em reconhecer Jean como herdeiro do trono. Mas em setembro ele cometeu um grande erro. Geoffroy, meio-irmão de Ricardo, que acaba de ser consagrado arcebispo de Iorque, e que estava em França, decide regressar a Inglaterra, apesar de o rei o ter proibido de o fazer durante três anos. Longchamp deu ordem para impedi-lo de desembarcar e, quando apareceu em Dover em 14 de setembro, a esposa do policial da cidade, irmã de Longchamp, deu ordem para prendê-lo.
Refugiou-se no convento de Saint-Martin; ele foi removido à força e trancado no Castelo de Dover. Escândalo. Não é assim que se trata um arcebispo, e o episódio traz de volta a infeliz memória de Becket.

Jean aproveita a oportunidade para se livrar de Longchamp. Ele o convoca perante o Conselho. O chanceler, abandonado por todos, não vem e refugia-se na Torre de Londres. O Conselho, por proposta do Arcebispo de Rouen, decidiu depor o juiz e, em 7 de outubro de 1191, João e seus amigos tiveram esta decisão aprovada pelos cidadãos de Londres, que como recompensa receberam uma carta de comuna. Longchamp, sitiado na Torre, deve submeter-se, entregar todos os seus castelos, deixar seus irmãos como reféns e deixar o país.

Seu inimigo, o bispo de Coventry Hugues de Nonant, que o chamou de macaquinho pedófilo homossexual, divulgou uma história odiosa de sua fuga, relatada por Roger de Howden. Longchamp, em Dover, procura um barco para cruzar o Canal da Mancha. “Disfarçado de mulher – sexo que sempre odiou, ele trocou a túnica de padre pela túnica de prostituta.
Que pena ! O homem tornou-se mulher e o bispo tornou-se um bobo da corte. Vestido com uma capa verde de comprimento exagerado, ele se apressa mancando - pois o pobre nanico mancava desde as alturas do castelo até a costa, e sentou-se em uma pedra para descansar. Lá ele atraiu a atenção de um pescador que, seminu, estava com frio e molhado, e que achava que o bispo era o tipo de mulher que poderia aquecê-lo. Ele colocou o braço esquerdo em volta do pescoço de Longchamp, enquanto a mão direita vasculhava mais abaixo. De repente, levantando o vestido, ele estava prestes a mergulhar sem corar, quando f

Machine Translated by Google

confrontado com provas irrefutáveis de que a mulher era um homem. O pescador chamou então os seus companheiros para que pudessem ver esta criatura tão notável. Uma obra de bravura e sobretudo um panfleto indescritível, que merece ser relatado como testemunho do nível de parte do episcopado no final do século XII e do ódio que Guillaume Longchamp soube suscitar.

Livre de seu rival, John é, no entanto, privado de sua vitória, porque sob as instruções de Richard, Guillaume de Coutances agora assume o título e o cargo de grande juiz. Outra chance se oferece a ele, muito mais perigosa para Richard. Em dezembro de 1191, Filipe Augusto regressou da cruzada após uma viagem de quatro meses, durante a qual se encontrou com o Papa e o Imperador Henrique VI, espalhando calúnias contra o Rei de Inglaterra, que alegadamente tentou envenenar, e que iria obter junto com Saladino. "Ganhando-se de que iria devastar as terras do rei da Inglaterra", diz Howden, ele conheceu o senescal da Normandia, William Fitz Ralph, perto de Gisors, em 20 de janeiro de 1192, e mostrou-lhe uma versão falsa do Tratado de Messina, segundo a qual o Norman Vexin, dote de Alice, deveria ser devolvido a ela, pois o casamento não ocorreu. Fitz Ralph recusa e Philippe ameaça voltar com força.
Então ele convida Jean para encontrá-lo em Paris para apresentar seu plano: Jean se casaria com Alice, e Philippe lhe daria todos os territórios Plantagenetas na França como feudo. Nessa época, Leonor da Aquitânia saiu da aposentadoria, chegou à Inglaterra e proibiu seu filho Jean de ir para Paris. Guillaume de Coutances junta-se a ela, e o príncipe, que teme o regresso iminente do seu terrível irmão, cede. Tudo o que resta a Philippe Auguste é tentar tomar sozinho os territórios angevinos. Na Normandia, foi um fracasso, os seus cavaleiros recusaram-se a invadir a terra de um cruzado. Na Aquitânia, um certo número de senhores não teve os mesmos escrúpulos, como o Conde de Périgord, o Visconde de Brosse e especialmente o Conde de Toulouse. Mas o senescal da Aquitânia, Élie de la Celle, derrota os rebeldes, e o cunhado de Ricardo, o rei Sancho de Navarra, mantém o conde de Toulouse sob controle. O único ganho de Filipe, no início de 1192, foi Artois, que herdou após a morte do conde de Flandres.

Essas foram as notícias trazidas a Ricardo pelo Prior de Hereford em abril de 1192. Foi suficientemente alarmante para o rei convocar um conselho de guerra para examinar a questão do seu possível retorno. No centro do debate: a designação de um rei de Jerusalém que fosse capaz de desempenhar eficazmente esse papel após a saída de Ricardo. Até então, Guy de Lusignan detinha o título, mas a realidade do poder era exercido pelo Rei da Inglaterra; na ausência disso, Guy não parece capaz de

Machine Translated by Google

impor-se. É por isso que os barões são a favor da escolha de Conrado, admirado pelas suas qualidades de líder guerreiro. Para compensar Guy, Richard dá-lhe Chipre. Lembre-se que ele vendeu a ilha aos Templários por 100.000 bezants. Este último sempre pagou apenas 40.000: Guy irá reembolsá-los esta quantia e tornar-se rei de Chipre. A notícia desta decisão foi levada a Conrado, que se encontrava em Tiro, pelo Conde Henri de Champagne. Poucos dias depois, em 28 de abril, Conrad foi morto por dois membros da seita Assassina.

Conrad, vítima da seita terrorista islâmica dos Assassinos (28 de abril de 1192)

Os “Assassinos”, termo que aparece pela primeira vez entre os cruzados num polêmico texto de 1123, são membros da seita xiita dos nizaritas, fundada em 1094 pelo persa Hasan ibn al-Sabbah.
Estabelecidos primeiro no Irão, depois na Síria, na cordilheira de Mouse, onde está localizado o seu covil fortificado de Alamut48, estes hereges praticam assassinatos políticos públicos com punhais de personalidades consideradas prejudiciais ao Islão. Com este ato, procuram ao mesmo tempo o martírio, com a certeza de alcançar “a grande alegria celestial”, escreve Ambrósio. Sendo a sua acção pública, é quase certo que serão massacrados no local ou executados muito rapidamente. É o que acontece com os dois assassinos de Conrad: o primeiro é morto na hora; o segundo refugiou-se numa igreja, de onde foi levado e morto após ter confessado agir em nome do "vilz do Rato", ou "Velho da Montanha", expressão usada pelos cruzados para designar o líder do a seita Rashid al-Din Sinan, ativa de 1169 a 1193. O termo "Velho" na verdade traduz o shaykh árabe, ou "venerável", "velho".

Estes são, portanto, seguidores de ataques terroristas suicidas, motivados pela promessa do paraíso. Para os Cruzados, este comportamento só pode ser explicado pelo consumo de haxixe, droga que perturba a capacidade de raciocínio, daí o nome "ashashins", assassinos, consumidores de haxixe, que dão a este "bando de fanáticos toxicodependentes". , liderados por impostores intrigantes”, segundo a excelente definição do historiador B.
Lewis49. O cronista alemão Arnaldo de Lübeck, no século XII, descreveu a sua organização da seguinte forma: “O Velho encantou tanto os homens deste país com a sua magia que eles adoram e não acreditam em nenhum outro deus senão ele. Ele os atrai com promessas de uma vida após a morte na qual desfrutarão de prazeres eternos, o que os faz preferir a morte à vida. Ele só tem que fazer uma

Machine Translated by Google

gesto e eles pularão de um muro alto, quebrando o crânio e morrendo miseravelmente. Os verdadeiramente bem-aventurados, como ele os chama, são aqueles que matam os outros e são mortos. Sempre que alguns dos seus seguidores decidem morrer desta forma, ele presenteia-os com facas que são, por assim dizer, dedicadas ao assassinato. Ele lhes dá uma poção que os intoxica e os mergulha no êxtase e no esquecimento. Então ele usa sua magia para fazê-los ter sonhos fantásticos, cheios de prazeres e alegrias. Ele lhes promete que viverão para sempre em tais sonhos se matarem sob suas ordens50.

— » Muito rapidamente, os mitos e lendas misturam-se com a verdade, pelo segredo que os rodeia e pelo medo que criam.
Burchard de Estrasburgo, que visitou a Síria em 1175, vendeu estas histórias na Europa quando regressou. É claro que eles matam tanto muçulmanos como cristãos, e o próprio Saladino foi duas vezes alvo dos seus ataques.

No caso do assassinato de Conrado de Montferrat, cronistas e historiadores questionam as motivações e os patrocinadores do ato, questões que ainda hoje permanecem pouco elucidadas. Três suspeitos foram nomeados: Saladino, Richard e o próprio Velho. Para os cronistas árabes, é improvável que Saladino pudesse ter ordenado este assassinato: ele estava prestes a fazer um acordo com Conrado, e matá-lo não nos teria trazido nenhuma vantagem, diz Imad al-Din. Para Ibn al-Athir, entretanto, Saladino teria ordenado o duplo assassinato de Conrado e Ricardo, mas o Velho teria poupado Ricardo, por medo de que Saladino, livre de seu poderoso inimigo, se voltasse então contra ele. Tese inacreditável.

As acusações contra Richard são muito mais insistentes, mas são claramente manobras de seus inimigos para desacreditá-lo.
Certamente, ele não gostava muito de Conrad, que nunca deixou de se opor a ele e era o homem de Philippe. Mas por que ele o mataria quando acabara de nomeá-lo rei de Jerusalém no lugar de Guy?
Não é novidade que foram os seguidores do rei de França, o bispo de Beauvais, Philippe, e o conde Hugues de Bourgogne, que lançaram a acusação, com base nas alegadas confissões do segundo assassino: “Dizem que o rei Ricardo tinha procurado o morte do marquês por meio de suborno. Eles avisaram o rei da França, aconselhando-o a ficar alerta contra os Assassinos, porque eles haviam matado o Marquês e Ricardo enviara quatro deles à doce França para matá-lo. Que calúnia!

Que maldade! Por causa deste ato maligno, o rei foi mais tarde preso traiçoeiramente, por ciúme de suas façanhas na Síria.

— » Assim expressa Ambroise, cuja indignação é compartilhada por

Machine Translated by Google

Guilherme de Newburgh: “Por causa de sua recente briga com o Marquês, muitos tenderam a culpar Ricardo. Os franceses, que apoiavam o Marquês, foram os principais caluniadores e causaram um grande escândalo contra ele em todo o mundo ocidental pelo assassinato de Conrado. Assim que o rei da França ouviu a notícia, aproveitou alegremente a oportunidade para difamar o rei da Inglaterra. Para agravar os preconceitos contra ele, e contrariamente aos costumes dos seus antepassados, nunca se movia sem guarda armada, como se temesse assassinos pagos por Ricardo52.

— »

Segundo Rigord, Philippe Auguste enviou mensageiros ao Velho da Montanha para descobrir o que realmente estava acontecendo e recebeu cartas em resposta exonerando Richard53. Matthieu Paris cita uma dessas cartas que o Velho teria enviado ao Duque da Áustria para exonerar o Rei da Inglaterra: “A Limpold, Duque da Áustria, o Velho da Montanha, saudações. Considerando que muitos reis e príncipes em países ultramarinos culpam Ricardo, rei e senhor da Inglaterra, pela morte do Marquês, juro pelo Deus que reina eternamente, e pela lei que observamos, que o Rei Ricardo não teve parte neste assassinato. . » Ele assume a responsabilidade exclusiva e apresenta-o como um ato de vingança contra o marquês, que mandou matar um dos seus enviados: “Enviamos dois dos nossos irmãos para Tiro, que o mataram abertamente e quase diante dos olhos de todos os pessoas da cidade; e nós lhe dizemos a verdade, Lorde Rei Ricardo não tem nada a ver com esta morte: é muito errado e muito injusto que as pessoas desejem o mal contra o Rei Ricardo neste assunto; sabemos com certeza que não matamos nenhum homem pelo desejo de uma recompensa ou de qualquer quantia em dinheiro, mas apenas quando ele nos ofende muito, batendo-o até a morte.” A carta data de 1500 depois de Alexandre”, é na verdade suspeita. Não vemos por que o Velho seria um defensor tão ardente do rei Ricardo, insistindo com tanto vigor em defender a sua reputação. Talvez seja uma falsificação feita pelas secretárias de Richard55.

— »

— A verdade é que a hipótese mais plausível é a do assassinato cometido por um muçulmano fanático.

O cerco de Jerusalém não acontecerá

O certo é que os protagonistas não perdem um momento para reagir. Dentro de uma semana, o conde de Champagne, Henrique, que estava no Acre no momento do assassinato, viajou para Tiro e, com a ajuda de Ricardo, casou-se com Isabella, viúva de Conrado, em 5 de maio, e assumiu o papel de rei de Jerusalém. É tudo um pouco rápido demais para ser honesto. Quero-

Machine Translated by Google

apresentamos a todos os parceiros e adversários um fato consumado?
Isabelle, de 21 anos e grávida, já divorciada de um primeiro marido, Humphrey de Toron, e agora viúva de um segundo, assassinada e de legitimidade contestada, estará ela realmente em condições de transmitir o título real de Jerusalém, que seu falecido marido ainda não havia carregado oficialmente para seu terceiro marido? Guy de Lusignan não deveria ter recuperado os seus direitos? No contexto actual, não há espaço para estas considerações legalistas. O homem forte é Richard, e é ele quem impõe essas medidas. É óbvio que nada teria sido possível sem a sua aprovação. Além disso, Henrique não terá o título de rei; ele será o senhor efetivo dos territórios cristãos da Palestina e da Síria após a partida de Ricardo. Ele morreu em 1197 quando caiu para trás de uma janela do primeiro andar. Isabelle casou-se novamente pela quarta vez, com o irmão de Guy de Lusignan, Aimery, que morreu em 1205 de indigestão de peixe.

A primavera voltou e com ela as operações militares foram retomadas. O objetivo de Ricardo agora era a cidade fortificada de Darum, trinta quilômetros ao sul de Ascalon, na costa, para fortalecer o controle da costa e ameaçar as comunicações de Saladino com o Egito.
Negócios concluídos sem problemas, em cinco dias. Richard chegou no dia 17 de maio, limpou a praia, onde o equipamento de cerco foi rapidamente descarregado; ele inspeciona a parede, localiza o ponto fraco da torre principal, para onde direciona o fogo de suas máquinas, enquanto seus sapadores cavam um túnel. No dia 22, os defensores ofereceram-se para se render caso ficassem com as suas vidas, as suas mulheres e os seus bens. Recusa, seguida de agressão no mesmo dia. A cidade está tomada; homens, mulheres e crianças são feitos prisioneiros. Alam al-Din Qaisar, enviado por Saladino para resgatar a cidade, só pode testemunhar a sua captura.

De Darum, o exército voltou para o nordeste, para Al-Hasi, em 28 de maio. Aí chega Jean d'Alençon com as últimas notícias da França e da Inglaterra, ou seja, a situação do final de março. E esta notícia não é boa. Jean e Philippe continuam suas travessuras. Devemos voltar?
Ricardo hesita. Seus barões estão convencidos de que a vitória está próxima e decidem ficar, independentemente do que o rei pense. Este último, após alguns dias de reflexão e a conselho de um dos seus capelães, Guilherme de Poitiers, acabou por decidir, no início de junho, prolongar a sua estadia na Palestina até à Páscoa de 1193, e tentar a retomada de Jerusalém. .

O exército, reunido em Ascalon, iniciou então a sua marcha para leste em 6 de junho. No dia 10 chegou a Beit-Nuba, e aí decidiu-se esperar por Henri de Champagne, que chegaria do Acre com reforços. Do topo de uma colina, Ricardo e seus barões podem ver Jerusalém. Espera frustrante, durante a qual é descoberto um pedaço da Verdadeira Cruz,

Machine Translated by Google

ali providencialmente escondido por um monge, relata Ambroise56. Apesar disso, a impaciência está crescendo. O exército é assediado por muçulmanos. Henri não chega; as comunicações com a retaguarda são difíceis. Pressionado pelos apoiantes de um ataque imediato a Jerusalém, Richard mostra-se relutante. O risco é muito grande de ficar isolado das bases costeiras, com fome e sede como em Hattin. Ele reuniu um comitê de vinte pessoas para discutir a situação: cinco Templários, cinco Hospitalários, cinco barões franceses e cinco líderes cruzados do reino de Jerusalém. Uma maioria surge novamente a favor de um ataque ao Egipto: temos uma frota e um exército que, seguindo a costa, poderiam desferir um golpe decisivo no poder de Saladino. Os barões franceses, com o duque de Borgonha, não querem saber de nada: querem marchar sobre Jerusalém.

Em 21 de junho, porém, espiões trouxeram notícias que fizeram todos concordarem: um poderoso exército, liderado por Falak al-Din, meio-irmão do sultão, com numerosos camelos, chegou do Egito e marchou em direção a Jerusalém para reforçar Saladino em armas, homens e disposições. Imediatamente, Ricardo e os barões franceses, com 500 cavaleiros e 1.000 sargentos, foram ao seu encontro, em direção ao sul, e no dia 23 de junho, num local chamado Tell al-Khuwialifia (a Cisterna Redonda), atacaram de surpresa no ' alvorecer. Mais uma vez, Richard realiza proezas. O exército muçulmano foi disperso e o saque foi enorme: 3.000 camelos, outros tantos cavalos, 500 prisioneiros e provisões. Saladino, privado desses reforços, fica muito abatido. Ele ordenou que os poços e cisternas ao redor de Jerusalém fossem enchidos e considerou deixar a cidade57.

Entre os cruzados, porém, tendo regressado a Beit Nuba, ainda estamos divididos. Os franceses culpam Ricardo por atrasar demais, o que permitiu a Saladino destruir os poços; com todos esses animais que ele trouxe, estamos começando a ficar sem forragem. Hugo da Borgonha compôs canções insultuosas, que suas tropas cantaram para zombar de Ricardo; o último responde da mesma maneira. O tom aumenta e torna-se amargo e, finalmente, temos de encarar os factos: o cerco de Jerusalém não se realizará. Em 4 de julho, o exército iniciou sua retirada em direção à costa.

Para Richard, é um fracasso pessoal, e ele sabe que na Europa os seus inimigos não deixarão de o acusar de fraqueza. Partir para uma cruzada depois de ter reunido meios colossais para retomar Jerusalém e regressar sem sequer ter atacado a cidade só pode ser uma humilhação para ele, apesar da sua coragem cavalheiresca. Teria sido mais glorioso tentar o cerco, mesmo que isso significasse ser derrotado? Alguns pensam assim. Mas, tendo em conta a situação, devemos reconhecer que Richard, muitas vezes acusado de imprudência, foi capaz de demonstrar sabedoria. Estrategicamente, um

Machine Translated by Google

Jerusalém nestas condições teria sido um desastre. Os cruzados estavam divididos; as linhas de comunicação com a costa eram demasiado frágeis; os pontos de água foram danificados; e mesmo que a cidade tivesse sido tomada, não teríamos meios para mantê-la. Ricardo e os outros líderes teriam partido e Saladino teria retornado. Talvez pudéssemos ter pressionado o sultão com um ataque ao Egipto, mas durante quanto tempo? Richard, ao se retirar, toma uma decisão sábia, mas a sabedoria raramente é popular.

No geral, os cronistas não usam esse fracasso contra ele. Quase todos culpam a divisão entre os cruzados e a má vontade do duque de Borgonha e dos líderes franceses. Para Roger de Howden, Hugo recebeu instruções de Filipe Augusto para não fazer nada que pudesse contribuir para a glória de Ricardo. O sucessor de Guilherme de Tiro é da mesma opinião, e até Joinville escreveu que o duque de Borgonha tinha impedido a realização do cerco, “por isso, sem mais, que se diz que os ingleses tomaram Jerusalém58”.

Os feitos vãos de Richard

Tendo perdido a iniciativa militar, Richard imediatamente tentou recuperá-la através de negociações. Para salvar a aparência, ele escreveu a Saladino em 6 de julho: não se alegre tão rapidamente, "o carneiro está recuando para ganhar impulso melhor". Mas, neste caso, o carneiro dá sinais de cansaço: “Você e eu não podemos mais continuar. » Foram feitas propostas de ambos os lados: Saladino disse que estava pronto para ceder setores da costa a Henrique, Conde de Champagne, com a condição de que Ricardo demolisse as fortificações de Ascalon, o que este último recusou, declarando que se Saladino não ceder a totalidade costa, de Antioquia a Darum, ele será obrigado a continuar a guerra, como seus amigos lhe pedem. Comentário de Baha al-Din: “Veja a astúcia deste homem. Para atingir seus objetivos, ele primeiro usa a força, depois palavras gentis, e mesmo agora, quando sabe que será forçado a partir, mantém a mesma linha. Só Deus pode proteger os muçulmanos dos seus enganos. Nunca tivemos que enfrentar um inimigo mais inteligente ou mais ousado. »

Em 26 de julho, Ricardo e seu exército chegaram ao Acre. Parece que o rei pretendia então mover-se para o norte e atacar Beirute, para atrair Saladino para longe de Jerusalém. Mas este último se antecipou, lançando um ataque a Jaffa no dia 28. O assalto foi realizado com vigor, com minas e artefatos como mangonelas, que provocaram o desabamento de um trecho da muralha. A cidade cai no dia 31 e os agressores se espalham pelas ruas

Machine Translated by Google

para o ritual habitual de pilhagem, violação e matança. A guarnição recuou para a cidadela e continuou a resistência.

Richard ouviu a notícia do ataque de Saladino na noite do dia 28. Ele reagiu com a prontidão de sempre. Com alguns navios, chegou à frente de Jaffa na noite de 31 de julho para 1º de agosto, mas ao amanhecer, vendo do convés de sua grande galera vermelha os estandartes muçulmanos sobrevoando a cidade, pensou que tudo havia acabado, quando um soldado conseguiu sair da cidadela, nadar até o navio e informar o rei sobre a situação. Imediatamente, ordenou o desembarque: após um tiro dos besteiros para desimpedir a praia, Ricardo, à frente de seus homens, pulou no mar, chegou à margem caminhando com água até a cintura, entrou na cidade, onde os muçulmanos , ainda ocupados em saquear, se perguntam o que está acontecendo com eles e, na confusão, Saladino deve se retirar. Baha al-Din, que participou na luta, resumiu em poucas palavras: “Assim que o rei soube que a cidadela ainda existia, correu para a costa, e a sua cozinha – pintada de vermelho, a ponte coberta com uma com lona vermelha e bandeira vermelha – foi o primeiro a atracar. Em menos de uma hora, todas as galeras foram esvaziadas de seus homens diante dos meus próprios olhos. Então atacaram os muçulmanos, espalharam-nos em todas as direções e expulsaram-nos do porto. Fui galopando para avisar o sultão.» No campo, Ambroise não consegue acreditar no que vê: para ele, Ricardo eclipsa a façanha de Roland em Roncesvalles e o saúda com o título de “Ricardo, o

Grande”. Na sequência desta nova façanha, o rei teve uma entrevista com Abu Bekr, o camareiro de Al-Adil, e foi nesta ocasião que, muito descontraído, na presença de vários líderes muçulmanos, fez comentários irónicos sobre o poderoso sultão: “ Por que ele fugiu assim que eu apareci? Por Deus, eu nem estava equipado para o combate. Olha: ainda estou usando minhas botas de praia. » Mas, chega de brincadeira, continua ele, “este estado de coisas tem de acabar. O meu próprio país, além-mar, está arruinado. Nem você nem eu temos qualquer vantagem em esperar uma continuação da guerra. Não quero passar mais um inverno aqui. A resposta de Saladino ao mensageiro de Ricardo é implacavelmente lúcida: “De qualquer forma, o seu rei terá que ficar durante o inverno, porque se partir, tudo o que conquistou cairá em nossas mãos. E se ele permanecer, longe do seu povo, a dois meses de viagem do seu país, aquele que é vigoroso e numa idade em que pode gozar a vida, que pense como é muito mais fácil para mim ficar aqui neste inverno, no coração do meu país, rodeado pela minha família e pelos meus filhos. Os soldados que me servirão no inverno serão substituídos por outros que me servirão no verão. E, acima de tudo, sei que fazendo isto estou fazendo a vontade de Deus e defendendo a sua causa. Eu não vou

Machine Translated by Google

A última resistência: Jaffa (5 de agosto de 1192)

Colocando suas palavras em ação, Saladino lançou um ataque surpresa ao acampamento dos cruzados em 5 de agosto. O momento parecia favorável: Richard, depois de limpar Jaffa, acampou fora das muralhas, que estavam muito danificadas. Só tem consigo as escassas tropas que foram transportadas de barco, porque os franceses permaneceram no Acre, e os Templários e Hospitalários, que vieram por terra, foram atrasados pelos destacamentos muçulmanos. A batalha que então ocorreu diante de Jaffa tomou, nos relatos dos cronistas, as proporções de uma canção de gesto, com Ricardo no auge da sua forma e da sua arte: “O que é este rei, sozinho contra milhares? Os dedos congelam ao escrevê-lo e a mente se maravilha ao pensar nisso, escreve Richard de Templo. Quem ouviu tal coisa? Não sei como ele permaneceu invencível e invulnerável entre seus inimigos, provavelmente por proteção divina. Seu corpo era como bronze, que nenhuma arma poderia cortar. Seu braço direito brandia a espada, desferindo golpes rápidos, cortando os inimigos que atacavam, dividindo-os em dois, de um lado, depois do outro63.

— » É esta atitude que o escultor Carlo Marochetti efetivamente congelou no bronze da famosa estátua equestre de Ricardo, criada em 1851, e que se ergue em frente ao Palácio de Westminster. Ele não é mais um homem, é um super-homem, acrescentam os cronistas: com seis cavaleiros, ele enfrenta 3.000 sarracenos, escreve Ralph de Coggeshall, que coletou as memórias de Hugues de Neville, um dos seis64. Com o tempo, a batalha ganha força: para Matthieu Paris, já não são sete contra 3.000, são 80 contra 62.000: “Diante deste perigo repentino e imprevisto, o rei imediatamente veste a armadura, monta a cavalo com a leveza de um pássaro, e, longe de temer a morte, ele encoraja seu povo a lutar bem com palavras de encorajamento. A multidão de inimigos parecia aumentar a sua audácia: então, ele avançou intrepidamente para o meio dos sarracenos, acompanhado por onze cavaleiros, os únicos que tinham cavalos. Sua lança se quebra, ele imediatamente tira a espada da bainha e parece lançar raios com os golpes vigorosos que desfere nos capacetes do inimigo. Ele fez com que vários sarracenos esvaziassem seus pomos e deu seus cavalos árabes aos cavaleiros que lutavam a pé. Eles montam com agilidade em seus novos corcéis e, sempre guiados pelo rei, semeiam a morte a torto e a direito nas fileiras inimigas e matam impiedosamente todos aqueles que vêm antes deles.

Os pagãos, ao caírem, emitem rugidos terríveis e entregam as suas almas no meio das ondas do seu sangue, que os demônios levam embora65. — » Obviamente, é Deus quem lhes empresta a sua força: “Quem acreditaria realmente que

Machine Translated by Google

oitenta cavaleiros, lutando um dia inteiro contra sessenta e dois mil homens, expostos aos golpes de tantas flechas, aos ataques de tantas lanças, conseguiram prevalecer tanto sobre seus inimigos, que não só escaparam ilesos, mas que nem sequer deram um passo atrás no posto que escolheram? »

Ele é ainda mais que um super-homem, é um anjo... ou um demônio (lembremo-nos do “filho da demônio Mélusine”), dependendo do campo em que nos enquadramos. Ambrósio evoca “o grande milagre que surpreende o mundo66”, e os muçulmanos não ficam menos impressionados: “Os homens que estavam presentes naquele dia garantiram-me que o rei da Inglaterra, com a lança na mão, galopou ao longo do nosso exército, da direita para a esquerda , e nenhum dos nossos soldados se atreveu a atacá-lo”,67 escreve Baha al-Din.

Este último, que naquele dia, doente, ficou para trás, forneceu o relato mais sóbrio e sem dúvida o mais confiável da batalha, e ao lê-lo percebemos com certo espanto que os exageros dos cronistas cristãos não são tão extravagantes como se poderia acreditar: Saladino, escreve ele, “retomou sua marcha naquela mesma noite e, ao amanhecer, apareceu inesperadamente na frente de Jaffa. O rei da Inglaterra estava acampado fora das muralhas da cidade e tinha apenas 17 cavaleiros e cerca de 300 soldados de infantaria. Ao primeiro alarme, este maldito homem montou em seu cavalo, pois era corajoso e destemido, e tinha excelente julgamento em assuntos militares. Em vez de recuar para a cidade, manteve a sua posição enfrentando as tropas muçulmanas que o cercavam por todos os lados, exceto o lado do mar, e colocou os seus homens em ordem de batalha. O sultão, querendo aproveitar ao máximo a oportunidade, deu ordem de ataque. Mas os francos mostraram tal determinação face à morte que as nossas tropas cederam e contentaram-se em cercar o acampamento a alguma distância. Não participei do combate, estando doente e ficando para trás com a bagagem, mas soube por um homem que estava lá que havia no máximo 17 cavaleiros, alguns até contaram apenas nove, e apenas 300 soldados de infantaria, embora alguns digam um mil ou mais. O sultão ficou furioso e foi de esquadrão em esquadrão, prometendo-lhes ricas recompensas se retomassem o ataque.
Quando o sultão viu o moral dos seus homens, compreendeu que não poderia ficar ali, controlado por um punhado de homens, porque isso teria sido um golpe muito sério para a sua reputação. Então, com raiva, ele deixou o campo de batalha68.” 300 homens contra um exército: Ricardo em Jaffa é Leônidas nas Termópilas, Rolando em Roncesvalles, e melhor ainda, pois, ao contrário de seus antecessores, ele permanece vivo e vence a batalha! Ele entra na lenda imediatamente. A progressão exata da luta é bastante simples:

Machine Translated by Google

Ricardo, com a chegada dos muçulmanos, organizou seus soldados de infantaria em arco, de costas para o mar; a primeira fila, ajoelhada no chão, protegida por escudos, e lanças à frente; atrás, os besteiros, uma fileira dos quais atira enquanto a outra recarrega; a carga dos muçulmanos rompe contra esta parede, enquanto Richard, a cavalo, com Henri de Champagne, Hugues de Neville, Raoul de Mauléon, Barthélémy de Mortemer, Robert de Leicester, Roger de Saci, Guillaume de l'Étang, Henri de Tyois , André de Chauvigny, Gérard de Furneval, lutou contra os cavaleiros muçulmanos. Estes últimos, é preciso admitir, não parecem muito motivados. O mau humor deles seria devido ao fato de Saladino não ter permitido que eles apreendessem todo o saque que esperavam após a captura de Jaffa. Daí a sua falta de entusiasmo pelo combate e a sua recusa em regressar ao ataque.

Mas, em última análise, a dupla vitória de Jaffa revela-se inútil para Richard. O super-herói ainda está preso lá com um punhado de homens, em um acampamento miserável ao pé das muralhas da cidade em ruínas. O que ele pode fazer? Estamos em pleno verão e Saladino ainda está à espreita a poucos quilómetros de distância, com um exército que continua a fortalecer-se: soldados chegam de Mossul no dia 8 de agosto, do Egito no dia 20, outros ainda no dia 22. Nesta altura, Richard fica gravemente doente. Saladino lhe envia frutas e neve, o que lhe permite saber por meio de seus mensageiros que os cruzados estão em um estado lamentável. Abou Bekr revela a ele que Richard estaria até disposto a ceder na questão de Ascalon.

O Sultão aproveitou a oportunidade. Ele agora reconstruiu um exército considerável, muito superior em número ao de Ricardo, e poderia renovar seu ataque a Jaffa com quase certeza de sucesso. No entanto, optou por negociar: porque estava numa posição de força e, sobretudo, porque os seus emires estavam cansados da guerra e ele não tinha a certeza do seu apoio. Isto é o que Baha al-Din viu muito bem: “O sultão achou preferível fazer a paz, porque as suas tropas tinham sofrido muito e os seus recursos estavam esgotados; ele sabia que eles queriam voltar para casa e não se esquecera da má vontade que demonstraram diante de Jaffa, quando ele lhes ordenou que atacassem, e eles se recusaram a avançar. Sentiu-se, portanto, obrigado a conceder-lhes um tempo de descanso, para que esquecessem o estado a que estavam reduzidos. Caso contrário, quando precisasse deles, descobriria que simplesmente desapareceriam.

— »

Nestas condições, foi rapidamente alcançado um acordo, cujos termos foram elaborados em 1 de setembro, prevendo uma trégua de três anos a partir de 2 de setembro de 1192, durante a qual os cristãos manteriam Jaffa e os territórios dependentes, exceto Ramla, Lydda , Yubna, Majdal Yaba; eles

Machine Translated by Google

também guardará Acre, Cesaréia, Haifa; as fortificações de Ascalon serão demolidas; as receitas de Ramla e Lydda serão partilhadas; Muçulmanos e cristãos terão o direito de livre passagem através de territórios opostos. Richard está doente demais para reler o texto, mas o assina com confiança. Este tratado de Jaffa permite-lhe salvar parcialmente a face.
É verdade que não reconquistou Jerusalém, mas expandiu os territórios cristãos na costa, que podem servir de base para futuras expedições e que continuam a ser uma ameaça permanente para os muçulmanos, mesmo que a destruição das muralhas de Ascalon seja fortemente criticada por Cronistas franceses: para Rigord e Guilherme, o Bretão, Ricardo permitiu-se ser comprado por Saladino. Outros cronistas são mais tolerantes: o rei não tinha condições de passar mais um inverno na Palestina; seus cofres estavam vazios, sua saúde estava em ruínas, seu reino estava em perigo. Ele teve que voltar.

O acordo com Saladino previa acesso gratuito aos lugares sagrados, mas Ricardo se recusa a tirar vantagem disso, e até proíbe seus homens de irem até lá.
Segundo os conselheiros de Saladino, foi porque temia que os cruzados se sentissem desmobilizados; pensariam que já não é necessário travar uma guerra para retomar Jerusalém. É o que também pensará Joinville: se todos podem visitar livremente a cidade, de que adianta conquistá-la70? Pela mesma razão, Saladino encoraja a vinda dos cruzados. Situação paradoxal. Eventualmente, Ricardo cedeu às exigências daqueles ao seu redor e deixou três grupos de cruzados irem aos lugares sagrados, sem ir pessoalmente.

O Tratado de Jaffa foi um sucesso para Saladino, que manteve a cidade santa e se livrou de Ricardo. Porque a mera presença deste demônio em forma de homem constituía uma ameaça permanente: enquanto ele estivesse lá, disseram-lhe os emires, os cristãos “dedicarão todas as suas energias à consolidação da sua posição; enfrentarão a morte com coragem e, pelo amor da sua fé, recusarão submeter-se71.” Ambroise conta que durante sua grave doença em Jaffa, os defensores da cidade não queriam deixá-lo ir para o Acre, pois sabiam que, mesmo acamado, ele inspirava tanto medo nos muçulmanos que eles não ousariam deixar de atacar. Ricardo era a fera negra de Saladino, a quem ele derrotava em todos os encontros, no Acre, em Arsuf, em Jaffa. A reputação do Sultão ficou muito manchada. A obtenção da saída do Rei de Inglaterra valeu, portanto, algumas concessões. Saladino, porém, pouco aproveitou do seu descanso: seis meses depois, em 4 de março de 1193, ele morreu, aos cinquenta e seis anos.
anos.

Ricardo Coração de Leão embarcou em Jaffa em 9 de outubro de 1192 para sua viagem de volta. O que deveria ter sido uma viagem pacífica de dois meses transformar-se-á numa odisseia de um ano e meio.

Machine Translated by Google

X

O retorno do rei Ricardo: uma odisséia de dezoito meses

(Outubro de 1192 a maio de 1194)

As aventuras da viagem de retorno de Ricardo Coração de Leão levantam uma série de questões. Como é que o que deveria ter sido uma viagem pacífica de dois meses se tornou num pesadelo de dezoito meses, um caminho repleto de armadilhas e traições? Que o herói da cruzada, o campeão do Cristianismo, o conquistador de Saladino, que escapou de todos os perigos na terra do Islã, e que deveria ter sido recebido com honras no Cristianismo, tornou-se um fugitivo, caçado como um criminoso, sequestrado e resgatados por príncipes cristãos, em violação de todas as convenções que protegem os cruzados? Que, tal como Ulisses, só conseguiu regressar à sua terra natal depois de uma odisseia pontuada por armadilhas? Isto é motivo de reflexão, porque o caso é único na história das Cruzad

Um retorno temido por muitos

Para tentar compreender o que aconteceu, devemos lembrar que na Europa Ricardo tem muitos inimigos que temem o seu regresso e que secretamente esperam que ele nunca mais volte. A começar por seu irmão, John, que se acostumou a se considerar o regente da Inglaterra, e que tem medo de que Ricardo passe a coroa para seu sobrinho Arthur. João conta com o apoio de Filipe Augusto, que desde o seu regresso apressado da Terra Santa tem multiplicado acusações caluniosas contra o rei

Machine Translated by Google

da Inglaterra e tentou invadir suas fortalezas francesas. A sua campanha de propaganda começou na sua viagem de regresso no outono de 1191. Estamos muito bem informados sobre este assunto, porque, infelizmente para a sua memória, ele estava acompanhado por Roger de Howden, que relatou as suas ações, e em particular a sua entrevista com o Papa Celestino III em Roma Filipe obteve dele a absolvição dos seus votos de cruzado e, “para esconder a manifesta maldade da sua natureza, rejeitando o juramento que fizera a Ricardo antes de deixar a terra de Jerusalém, queixou-se ao Papa e aos cardeais sobre Ricardo, dizendo coisas indecorosas sobre ele: que foi ele quem o expulsou da terra de Jerusalém, e que ele nunca o ajudaria. E pediu permissão ao Papa para invadir os domínios de Ricardo. Mas o papa, sabendo que ele era motivado apenas pela inveja, proibiu-o de fazer tal coisa, e disse-lhe que seria excomungado se tocasse na sua pessoa ou nas suas terras . De Roma, Filipe passou para o norte da Itália, onde conheceu outro personagem hostil a Ricardo: o imperador Henrique VI, que ainda procurava apoderar-se do reino da Sicília, estando este nas mãos de Tancredo de Lecce, ao qual o rei de A Inglaterra prometeu seu apoio. Diz-se que o encontro entre Filipe Augusto e Henrique VI ocorreu em Milão, onde os dois homens firmaram uma aliança, embora os cronistas não sejam muito claros neste ponto. Regressando a França, Filipe, como vimos, continuou a sua campanha de calúnias, tentou em vão invadir a Normandia, debochou alguns vassalos da Aquitânia, acusou Ricardo de querer matá-lo e ofereceu-se para lhe transferir os feudos Plantagenetas. , manobra que falhou graças à intervenção de Leonor da Aquitânia. De qualquer forma, para Jean, Philippe e Henri, Richard certamente não é bem-vindo.

Um quarto personagem contribui para alimentar a propaganda contra o rei da Inglaterra: o bispo de Beauvais, Philippe de Dreux, primo do rei da França, “um dos homens que Ricardo mais odiava no mundo”, e vice-versa, segundo para Guilherme, o Marechal. Tendo se tornado bispo aos vinte e dois anos, é muito mais um guerreiro do que um eclesiástico. Já participou da segunda cruzada, em 1178; em 1182, esteve em Espanha, em Santiago de Compostela; em 1185, participou da guerra contra Henrique II, durante a qual saqueou, queimou, massacrou e acumulou imenso saque. Durante a Terceira Cruzada, próximo de Conrado de Montferrat, foi um dos principais arquitetos de seu polêmico casamento com Isabel, e retornou à França logo depois. Durante sua viagem de retorno, escreve Ricardo de Devizes, "ele relatou que este traidor, o rei da Inglaterra, havia traído seu senhor, o rei da França, por Saladino, que ele havia cortado a garganta do marquês [Conrado]". , que ele havia envenenado o duque da Borgonha,

Machine Translated by Google

que ele era um bárbaro terrível, totalmente repugnante e duro como ferro, praticando o engano, um mestre dissimulador. É um eufemismo dizer que ele não quer vê-lo voltar.

O caso do duque Leopoldo da Áustria, principal arquiteto da emboscada contra Ricardo, é mais curioso. O ódio que sente pelo Rei da Inglaterra deve-se a uma humilhação infligida por este durante a captura do Acre. O episódio também ilustra as rivalidades ferozes que dividiram os cruzados e a atitude arrogante e desdenhosa de Ricardo para com os outros líderes do exército. Leopoldo chegou ao cerco do Acre na primavera de 1191, bem antes dos reis da França e da Inglaterra. A partir desse momento, foi considerado o líder do contingente alemão na cruzada, um contingente muito pequeno, formado em torno de alguns sobreviventes do exército de Frederico Barbarossa que chegou em outubro de 1190 após a morte do imperador. Tendo o filho deste último, Frederico da Suábia, morrido de doença em Janeiro de 1191, o contingente germânico foi considerado pelos dois reis como uma quantidade insignificante, e não havia para eles a questão de partilhar os despojos com estes parceiros. Neste contexto, Leopoldo atua como porta-voz dos grandes vassalos, que se sentem humilhados pela atitude de Filipe e principalmente de Ricardo. Este último "sempre questionou a coragem dos alemães3", escreveu um analista de Colônia, e durante a captura do Acre acrescentou o insulto ao desprezo. Quando os cruzados entraram na cidade, Leopoldo fazia parte do grupo dirigente, precedido pelo seu estandarte4. De acordo com a versão dela, homens pagos por Ricardo, ou com o seu acordo, atiraram-na ao chão, para que ele não pudesse reivindicar a partilha dos despojos. Richard se considera o líder da cruzada, reivindica todo o crédito e não tolera que este austríaco o ofusque. Leopoldo, ulcerado, deixou a Terra Santa pouco depois. Richard criou um inimigo adicional e irreconciliável, porque no mundo cavalheiresco não brincamos com essas questões de honra.

Quando partiu em 9 de outubro de 1192 para retornar ao seu reino, o rei da Inglaterra estava bem ciente de não ser bem-vindo por muitas pessoas poderosas. Uma comissão de boas-vindas espera-o com firmeza: o Imperador, o Rei de França, o Príncipe João, o Duque da Áustria e os mais pequenos como o Bispo de Beauvais, todos desejam a sua perda, por razões diferentes. Ele não pode nem contar com o apoio do Papa, que deve poupar o Imperador. Com a ajuda de seus vassalos, todos esses príncipes controlaram as rotas de volta à Inglaterra, e a surpreendente rota percorrida por Ricardo mostra que ele esperava ser caçado ao longo do caminho. Este episódio, porém, permanece enigmático: como explicar que o rei mais poderoso da cristandade, que se cobriu de glória na cruzada, e

Machine Translated by Google

quem, como cruzado, goza de todas as proteções e imunidades garantidas pela Igreja, é obrigado a esconder-se para regressar a casa? Continua sendo um mistério. Porque mesmo durante os confrontos comuns entre soberanos cristãos, as convenções tácitas garantiam a segurança dos príncipes nos seus movimentos, e se eram feitos prisioneiros, era sempre em contexto de batalhas, de forma “leal”. Temos aqui um rei caçado como um salteador de estradas, obrigado a disfarçar-se, ao regressar da cruzada, sem qualquer motivo legítimo, fora de qualquer situação de guerra. Até à data, não foi fornecida nenhuma explicação credível e o que mais nos surpreende é que o problema nunca é sequer levantado, como se o acontecimento fosse completamente natural.

As aventuras da viagem também são pouco conhecidas. As histórias dos cronistas contradizem-se e muito rapidamente as lendas vieram preencher as lacunas da história, enxertando o pitoresco, até mesmo o maravilhoso, num acontecimento já muito misterioso em si. Em muitos aspectos, o romântico, e mesmo o “incrível”, tem precedência sobre a verdade, como escreve Georges Weill, que se surpreende com razão pela relativa indiferença dos historiadores sobre este assunto: “Curiosamente, o Um dos episódios mais dramáticos [na vida de Ricardo], o seu regresso da cruzada e o seu cativeiro na Alemanha, não é abordado com grande atenção aos detalhes pela maioria dos historiadores contemporâneos, que não parecem atribuir particular importância5.

A caça e prisão de Richard, inimigo de um público público

Sabendo que ele era esperado, que rotas o rei poderia considerar? Uma viagem exclusivamente marítima, via Gibraltar e o Atlântico, em Outubro-Novembro, época das tempestades, é demasiado arriscada, para não falar da ameaça dos piratas sarracenos. Desembarcando na Provença ou em Aragão? Isto significa correr o risco de ser preso pelos homens do Conde de Toulouse ou pelos do Rei de França. Voltar a subir pelo vale do Ródano, depois pelo do Reno? É colocar-se à mercê do imperador. Ir mais para o leste, passando por Friuli e pelas passagens alpinas? Além de a época não ser muito favorável para esta rota, ela é pontilhada de territórios desagradáveis: os de Meinhard de Görtz, sobrinho de Conrado de Montferrat e leal ao imperador; os de Bela III da Hungria, marido de Marguerite, meia-irmã de Alice, que pode estar zangado com ele por ter rejeitado esta última; e então, a Áustria está muito perto. No entanto, é este caminho, o pior de todos, que Richard segue,

Machine Translated by Google

enquanto os outros, em particular através do sul da Itália e da Provença, não parecem apresentar dificuldades intransponíveis: a Aquitânia está próxima e, além disso, o conde de Toulouse ousaria pôr a mão no rei? Na verdade, parece que Richard não teve escolha; seu itinerário lhe é imposto pelas aventuras da viagem. Outra questão permanece sem resposta: por que, quando esperava ser atacado, embarcou com um punhado de companheiros, em vez de uma escolta digna de sua posição, capaz de garantir sua segurança?

Porque, segundo o seu capelão Anselme, que está na viagem, só tem consigo um clérigo, Philippe, dois senhores, Baudouin de Béthune e Guillaume de l'Étang, e alguns Templários, a bordo do Galée Franche -esposa de Nef , Bérengère e sua irmã 6. Dela Jeanne partiram alguns dias antes, no dia 29 de setembro, e chegarão em segurança, via Brindisi e Roma. Para Richard, a jornada acaba sendo muito mais agitada. Após uma passagem pela costa da Tunísia, parece que navegou em direção a Marselha, antes de mudar de ideia e retornar a Corfu, por volta de 11 de novembro. Permaneceu lá vários dias, talvez para consertar o barco, e sem dúvida para planejar seu itinerário: talvez via Dalmácia, para chegar à Boêmia do rei Ottokar, à Morávia de Ladislau e à Saxônia de seu cunhado, Henrique, o Leão.

Se essa for sua intenção, ela fica rapidamente chateada com os contratempos ao longo do caminho. Tendo mudado de barco para subir o Adriático em direção ao norte, foi empurrado para a costa pela tempestade, e acabou na costa de Friuli, entre Aquileia e Veneza, em pleno território hostil, nas terras do conde Meinhard de Gortz. A partir daí começa uma perigosa viagem terrestre por Carniola, Caríntia e Estíria, pontuada por aventuras românticas. Segundo um cronista bávaro, Magnus de Reichersberg, o pequeno grupo foi inicialmente atacado e roubado por um bando de nobres bandidos, que pareciam não saber com quem estavam a lidar7.

– No entanto, é difícil acreditar que o homem que derrotou milhares de sarracenos tenha sido posto em fuga por um punhado de pequenos ladrões. Em qualquer caso, os acontecimentos desta viagem e as circunstâncias da detenção são extremamente confusos. Ricardo e seus companheiros se disfarçam de peregrinos ou mercadores, mas como gastam seu dinheiro como nobres, logo despertam suspeitas. Primeiro pedindo salvo-conduto em troca de um anel de ouro incrustado com um rubi. As autoridades ficam perplexas com estes estranhos peregrinos, que, sentindo-se avistados, preferem partir. Avisado, Meinhard de Görtz alertou seu irmão, Frederick de Betesov, cujos domínios Richard deveria cruzar, e ele monitorou as estradas. Em Freisach, os fugitivos pararam numa quinta, mas juntaram-se a eles um dos sargentos do conde Betesov, que procurava

Machine Translated by Google

sistematicamente a aldeia. Ele reconhece Richard disfarçado, mas descobre-se que esse sargento é um normando, Roger d'Argenton, que mora na região há vinte anos e que se tornou confidente do conde após se casar com sua sobrinha. Compatriota e admirador de Richard, aconselha-o a fugir o mais rápido possível, acompanhado apenas por Guillaume de l'Étang e um jovem escriturário de língua alemã. O restante da tropa é preso, interrogado por dois ou três dias e depois liberado. O duque da Áustria, informado, por sua vez mandou vigiar as estradas.

Pouco antes de 20 de dezembro, Ricardo e seus dois companheiros chegaram a uma pequena cidade perto de Viena, Rast, que dependia de Hadmar de Kuenning, vassalo do duque da Áustria e senhor do Castelo de Dürnstein, no Danúbio. Enquanto Richard, sofrendo um ataque de febre, descansa numa casa da aldeia, o jovem caixeiro vai comprar provisões e não encontra nada melhor do que pagar com um bezant de ouro. Ele gagueja que serve um comerciante rico, mas retorna à aldeia logo depois usando um magnífico par de luvas forradas de pele bordadas com leopardos dourados pertencentes a Richard. Desta vez, os sargentos do duque Leopoldo prendem-no, questionam-no com os métodos eficazes da época, o que lhes permite encontrar Ricardo, que é preso, despojado de todos os seus bens, incluindo o selo real, e trancafiado no Castelo de Dürnstein, em dezembro. 21.

Mais uma vez, ficamos perplexos com este episódio: o todo-poderoso rei da Inglaterra retornando da cruzada disfarçado, caçado, preso como um criminoso depois de ter escapado de barreiras e jogado na masmorra de uma austera fortaleza do Danúbio, cujas ruínas ainda dominam um margem íngreme hoje, acima da vila de Dürnstein! Conta uma lenda do século XIII que o trovador Blondel, devoto de Ricardo, acabou encontrando o seu mestre, que reconheceu uma canção que haviam composto juntos. Pura imaginação, claro.

O certo é que o Duque da Áustria, orgulhoso da sua captura, informou imediatamente o Imperador, que deu a boa notícia a Filipe Augusto por carta datada de 28 de Dezembro: “Visto que nossa

majestade imperial não tenha dúvidas de que Vossa Alteza Real se alegrará em todas as providências divinas que nos exaltam e ao nosso império, consideramos oportuno informá-lo do que aconteceu com Ricardo, rei da Inglaterra, o inimigo do nosso império e o destruidor do seu reino quando ele cruzou o mar para retornar a seus domínios. Seu navio foi levado pelos ventos até a costa da Ístria, e lá naufragou em um local entre Aquileia e Veneza. Por vontade divina ele foi resgatado junto com alguns outros. Um de nossos súditos leais, o Conde Meinhard de Görtz, e as pessoas do local, ao saberem que Ricardo estava em seu caminho

Machine Translated by Google

território, e lembrando-se da traição, da perfídia e dos males de que tinha sido culpado na Terra Santa, veio prendê-lo. Eles capturaram oito cavaleiros de sua comitiva, mas ele escapou. Chegou a uma cidade chamada Freisach, no arcebispado de Salzburgo, onde Frederico de Pettau prendeu mais seis cavaleiros. Richard escapou novamente, desta vez com apenas três companheiros, e cavalgou em direção à Áustria. Mas as estradas eram vigiadas e guardadas, e o nosso querido e querido primo Leopoldo, Duque da Áustria, capturou o rei numa casa de má fama perto de Viena. Agora está em nosso poder. Sabemos que esta notícia lhe causará muita alegria8.

_ »

Negociação pelas condições de liberação

Assim, o inimigo público nº 1, o rei da Inglaterra, foi preso. Isto é um imenso alívio para muitos, e em primeiro lugar para o imperador, que naquela época se deparou com uma revolta de quase metade dos príncipes alemães, em particular os do vale do Baixo Reno, sobre a nomeação do Bispo de Liège. . Alguns até falaram em substituir Henrique VI pelo duque de Brabante, outro Henrique. A posse de um penhor tão importante como o do Rei de Inglaterra é, portanto, um bem precioso para ele.
O duque da Áustria ainda deve concordar em cedê-lo a ele. Para discutir as condições de venda, Leopoldo, acompanhado por Meinhard de Görtz, trouxe seu prisioneiro para Regensburg em 6 de janeiro de 1193. Ele foi mostrado a Henrique VI e imediatamente enviado de volta a Dürnstein, por medo de que o imperador o capturasse. Depois, durante seis semanas, Henri e Leopold negociaram e chegaram a um acordo em 14 de fevereiro, em Würzburg.

Eles concordam em exigir de Ricardo o pagamento de 100.000 marcos, metade dos quais irá para Leopoldo, como dote para a sobrinha de Ricardo, Eleanor, que se casará com um dos filhos de Leopoldo. Ricardo terá de libertar sem resgate Isaac Comnenus e a sua filha, que mantém prisioneiros desde a conquista de Chipre. Leopoldo, na verdade, era parente dos Comnenos através de sua mãe e podia esperar vantagens no mundo bizantino. Ricardo também terá que fornecer ao imperador 50 galeras equipadas, com 100 cavaleiros e 50 besteiros, e terá que vir pessoalmente com mais 100 cavaleiros e 50 besteiros para ajudar o imperador a invadir a Sicília. Terá de entregar 200 reféns ao imperador, que deixará 50 a Leopoldo, e além disso Henrique VI terá de fornecer 200 reféns ao duque da Áustria como garantia do cumprimento do tratado9.

_

TEM

Machine Translated by Google

Em nenhum momento Richard foi consultado sobre este verdadeiro ditame, que lhe foi apresentado em Ochsenfurt, no Meno, a vinte quilómetros de Würzburg, para onde foi transferido no final de fevereiro. Foi lá que dois cistercienses ingleses, os abades de Boxley e Robertsbridge, se juntaram a ele e lhe informaram, no dia 19 de março, sobre a situação na Inglaterra e na França. Como era de se esperar, assim que o príncipe João soube da captura de seu irmão, ele correu para Paris para prestar homenagem a Filipe Augusto por todos os territórios Plantagenetas na França, e até mesmo, acredita-se, pela Inglaterra. Ele também havia prometido se casar com Alice, que receberia Artois como dote. O rei da França reuniu uma frota em Wissant com o objetivo de invadir a Inglaterra e atacou a Normandia. A notícia foi, portanto, muito preocupante para Ricardo, que, no entanto, parecia descontraído, cortês, "afável e alegre", afirmam os dois monges no seu relatório ao Concílio. Com confiança, ele lhes disse: "Meu irmão Jean não é homem de ganhar terras pela força se encontrar a menor oposição. » E é verdade que João encontra forte resistência: quando pede ajuda ao rei da Escócia, Guilherme, o Leão, ele recusa; quando ele reivindica a coroa alegando que seu irmão está morto, poucos o seguem; sua mãe, Eleanor, ajudada pelo juiz Guillaume de Coutances, pelo Arcebispo de Cantuária Hubert Walter e pelo Conselho, colocou o reino em estado de defesa, particularmente no Sudeste, onde o desembarque francês nunca ocorreria. No final de fevereiro, sabia-se na Inglaterra que Ricardo estava vivo e prisioneiro, e foi por isso que o Conselho enviou os dois abades até ele.

Nos dias 21 e 22 de março, Henrique VI teve uma nova entrevista com Ricardo e, diante da recusa deste último em aceitar os termos de sua libertação, mandou aprisioná-lo perto de Speyer, na fortaleza de Trifels, um enorme castelo situado em uma colina em o Palatinado, e decide organizar um julgamento perante os príncipes do império, para justificar a detenção do rei da Inglaterr As acusações, segundo os cronistas, são as seguintes: traição à cruzada pela celebração de um acordo com Saladino, que a teria comprado; conspiração para assassinar Conrado de Montferrat; quebrar acordos com o imperador, provavelmente em referência à aliança de Ricardo com Tancredo de Lecce na Sicília.

Curiosamente, um julgamento desta importância, antes da Dieta do Império, praticamente não deixou vestígios, a tal ponto que os historiadores ainda hoje hesitam sobre a data e o local. John Gillingham o coloca em Speyer a partir de 22 de março; Georges Weill inclina-se mais para Haguenau em Abril10. — Por outro lado, todos concordam que Ricardo se defende de forma brilhante, ut est facundissimus, diz Coggeshall, com admiração, e até mesmo Guilherme, o Bretão, reconhece que "quando Ricardo respondeu, ele falou

Machine Translated by Google

com tal eloquência e dignidade real, com tal coração de leão, que era como se tivesse esquecido onde estava e as circunstâncias humilhantes em que foi capturado, e se imaginasse no trono dos seus antepassados em Lincoln ou Caen11” . O cronista até cita as próprias palavras de Ricardo, pois sem dúvida as coletou dos enviados de Filipe Augusto no julgamento, a menos que ele simplesmente as tenha inventado. O Abade Guerber, em sua ***História de Haguenau,*** os transcreve da seguinte

forma: “Ataquei Tancredo da Sicília, teria declarado Ricardo, já que ele estava retendo injustamente os bens de minha irmã; assim que ele deu satisfação, reconciliei-me com ele. Fiz guerra a Isaac de Chipre, pois ele traiu a causa dos cristãos ao fazer uma aliança com Saladino. Não atentei contra a vida do Rei de França e não sou a causa da morte do Marquês de Montferrat, estou pronto a apoiá-lo no combate individual contra todas as probabilidades. Juízes imparciais e conhecedores das coisas decidirão qual dos dois, o rei da França ou eu, abandonamos a Terra Santa, abandonando-a à mercê do inimigo. Se seus cavaleiros o abandonassem, eles se importariam mais com seu voto de cruzado do que com a pessoa de seu senho

“Compartilhei lealmente com ele os despojos tomados ao inimigo e, com grandes somas, libertei-me da promessa de casar com a sua irmã. Nada resta das queixas que ele fez contra mim, mas tenho algumas para articular contra ele. Contrariamente ao seu juramento, ele continua a tratar-me como um inimigo e a agitar o meu reino. Se feri alguém com minha vivacidade, fui bem punido e não resta razão para me manter em cativeiro desleal e ímpio, eu que sou rei independente e cavaleiro de Cristo12 .

O imperador, aparentemente convencido pela defesa de Ricardo, teria então lhe dado o beijo da paz e teria prometido reconciliá-lo com Filipe Augusto, e toda a assembleia teria chorado de alegria. Tal inversão parece mais do que suspeita. Afinal, Ricardo Coração de Leão não é Cícero. Mais uma vez, os relatos dos cronistas são confusos e até contraditórios. Ao final do julgamento, Ricardo teria concordado em pagar os 100 mil marcos, fornecer os 200 cavaleiros e 50 besteiros, em agradecimento aos bons ofícios do imperador e de Leopoldo da Áustria, que tentariam reconciliar os reis da França e da Inglaterra .
Tudo isso é improvável. Richard permanecerá prisioneiro por mais um ano, e nem sabemos exatamente onde. Parece que foi primeiro levado de volta a Trifels, sob estreita vigilância, o que contradiz a história da reconciliação e do beijo da paz. Depois, por intervenção de Guillaume Longchamp, o imperador autorizou-o a instalar-se no seu palácio em Haguenau, mas também é mencionado em Worms de maio a setembro, em

Machine Translated by Google

Speyer em agosto e novembro, novamente em Worms em janeiro e depois em Mainz. De qualquer forma, parece que as suas condições de detenção melhoraram muito. Recebe muitos visitantes, está rodeado por um verdadeiro pequeno pátio, os seus falcões são-lhe enviados, o que significa que caça livremente, e escreve poesia, incluindo a famosa “Ja no homs pris ne ditra sa raison”.

Coleta de resgate

Enquanto isso, na Inglaterra, seus amigos estão trabalhando para garantir sua libertação. Sua mãe, Eleanor, é a mais ativa; fortificou os castelos reais para frustrar as manobras de João, correspondeu-se com os senescais do continente para garantir a sua lealdade, garantiu a defesa das costas, organizou a recolha do resgate e, literalmente movendo céus e terra em favor do seu filho preferido, ela escreveu ao Papa, repreendendo-o com indignação pela sua inação. Três cartas foram enviadas a Roma, provavelmente escritas em nome da rainha-mãe por Pierre de Blois, e o tom foi muito viru

“Eleanor, pela ira de Deus rainha da Inglaterra […]. O que aflige a Igreja, faz murmurar o povo e diminui a sua estima por ti, é que, apesar das lágrimas e lamentações de províncias inteiras, não enviaste um único mensageiro. Muitas vezes, para assuntos de pequena importância, os vossos cardeais foram enviados aos confins da terra com poderes soberanos, mas, num caso tão desesperado e deplorável, não enviastes apenas o menor subdiácono, ou mesmo um acólito. Os reis e príncipes da terra conspiraram contra meu filho; longe do Senhor, ele é mantido acorrentado enquanto outros devastam suas terras; ele é segurado pelo calcanhar enquanto outros o açoitam. E, durante todo esse tempo, a espada de São Pedro permanece na bainha. Três vezes prometeste enviar legados e não o fizeste […]. Se meu filho conhecesse a prosperidade, nós os teríamos visto correndo ao seu chamado, porque eles sabem bem com que generosidade ele os recompensaria. Foi isso que você me prometeu em Châteauroux com tantos protestos de amizade e boa fé? Agora sei que as promessas dos cardeais são meras palavras13.

— »

Na verdade, Celestino III interveio a favor de Ricardo junto a João e Filipe Augusto, mas não podia arriscar uma ruptura com o imperador, que ainda ameaçava a Sicília. A esposa de Ricardo, Bérengère, está em Roma desde que regressou da cruzada14. —

O novo Arcebispo de Cantuária, Hubert Walter, também é muito ativo a serviço do rei. Após a morte do Arcebispo Balduíno na

Machine Translated by Google

cruzada em 19 de novembro de 1190, Hubert Walter lutou ao lado de Ricardo e deixou a Terra Santa com ele em outubro de 1192. Desembarcando na Sicília, ele soube da notícia da captura do rei e imediatamente foi a Roma para defender a causa de seu soberano. , solicitar e obter a excomunhão de Leopoldo. Depois viajou pela Alemanha para recrutar apoio para Ricardo, que escreveu à sua mãe para garantir a eleição de Hubert para o arcebispado de Canterbury.

Por volta de maio de 1193, Henrique VI declarou que Ricardo seria libertado assim que pagasse 70.000 marcos e entregasse reféns como garantia do pagamento do saldo do resgate. Richard então enviou Longchamp à Inglaterra com uma carta ao Conselho, solicitando que o dinheiro fosse levantado o mais rápido possível, e que os nomes dos contribuintes e o valor das quantias que cada um havia pago lhe fossem comunicados, "para que nós sabemos o quanto teremos que agradecer a todos15",…e provavelmente punir aqueles que não foram generosos o suficiente.
Imediatamente, Leonor e os vigilantes decretaram o levantamento do imposto de 25% sobre todos os rendimentos e bens móveis, a requisição de talheres de ouro e prata às igrejas, e de toda a lã dos mosteiros cistercienses16.

A quantidade exigida é enorme. 100.000 marcos de prata de Colônia, aos quais outros 50.000 marcos seriam adicionados posteriormente, equivalem a aproximadamente 34 toneladas de prata fina. Nem tudo será pago, é verdade: em 1195 o imperador remeterá 17.000 marcos para que Ricardo não se reconcilie com Filipe, e Leopoldo receberá apenas parte do que lhe é devido. No entanto, o facto de a Inglaterra ter conseguido angariar uma proporção significativa da soma é um sinal tanto da sua prosperidade económica como da eficiência da sua administração. Os feudos continentais dos Plantagenetas também foram solicitados: a Normandia, por exemplo, enviou £16.000 para a Alemanha em 1194-1195.

Uma organização inteira é criada para realizar a coleta.
Entre 1 e 5 de junho, Eleanor convocou o Conselho em Saint-Albans e designou os responsáveis pela operação: o Arcebispo Hubert Walter, o Bispo de Londres Richard, o Conde de Arundel Guillaume, o Conde de Warenne Alelin, o Prefeito de Londres Henri Fitz Aylwin. Um tabuleiro de xadrez separado, o scaccarium redempsionis, é responsável pela contabilização das receitas. Dinheiro e produtos em espécie ficam amontoados na cripta da Catedral de São Paulo, onde os enviados do imperador vêm verificar o peso e a qualidade das peças. Um escudo excepcional de 20 xelins (scutagium ad resgateem) é cobrado dos feudos dos cavaleiros. Clérigos e

Machine Translated by Google

Os leigos devem contribuir com um quarto dos seus rendimentos e dos seus rebanhos, mas uma redução é concedida ao clero paroquial, que pagará apenas um décimo. Alguns prelados preferiram pagar mais para não se desfazerem dos preciosos cálices, como o bispo de Winchester, que doou £ 89 e 18 s. “de colicibus episcopatus Wintoniensis ad resgateem domini Regis17”. Richard promete que não considerará esta contribuição como um precedente para impostos futuros. Os Cistercienses e Gilbertinos devem abrir mão de toda a lã recolhida durante o ano. Os Gilbertinos são uma ordem um tanto particular, fundada por um certo Gilbert em Sempringham, no condado de Lincoln, reunindo homens e mulheres, como em Fontevraud, mas com uma separação menos estrita: assegura-se que as 1.100 freiras e os 700 monges colaboraram de forma tão harmoniosa que mais da metade das freiras engravidaram ao mesmo tempo18.

Apesar de todos os esforços feitos, não conseguimos arrecadar desde o início a quantia desejada, e em 1194 foi necessário acrescentar suplementos: um escudeiro de 2 s., um imposto especial de “10 s. e mais" (taillage[19], um exorbitante, e todos os expedientes usuais em tais casos. Apesar de tudo, no geral, a operação é um sucesso, se a compararmos, por exemplo, ao caos causado pela cobrança do resgate do rei João, o Bom, de França, no século XIV.

Na Inglaterra, Jean faz o possível para atrapalhar a cobrança do resgate, dizendo a quem quiser ouvir que Richard nunca mais voltará. No entanto, ele foi pouco seguido e seus soldados foram até sitiados nos castelos de Windsor e Tickhill. A pedido de Richard, uma trégua foi concluída no final de abril: John seria capaz de manter os castelos de Nottingham e Tickhill, mas teria que ceder os de Windsor, Wallingford e Peak em Derbyshire para sua mãe.

“Cuidado, o diabo está solto” (Philippe

Augusto para João)

Já na França, Philippe Auguste marca pontos. Aproveitando a incerteza em torno do destino de Ricardo, ele avançou em direção ao Norman Vexin e convocou os senhores da fronteira para que lhe entregassem os castelos. A intimidação é um sucesso: os senhores de Aumale, Eu, Hugues de Gournay, Guillaume de Caïeux, os condes Robert de Meulan e Geoffroy

Machine Translated by Google

du Perche cede21. A posição deles é realmente delicada: John prestou homenagem a Philippe pela Normandia e, se Richard não retornar, eles serão considerados criminosos e perderão todos os seus bens em Vexin. O sucesso mais importante para Philippe, porém, foi a rendição sem luta de Gilbert de Vascœuil, castelão de Gisors, a fortaleza mais importante da fronteira, a chave do Norman Vexin. Em 12 de abril de 1193, Gisors e Neaufles renderam-se ao rei da França, que a partir de então considerou que a porta de Ruão estava aberta. À frente de um exército considerável, acompanhado pelo conde de Flandres Balduíno VIII e equipado com 23 máquinas de cerco, ele apareceu diante da capital normanda. Mas ao contrário do que esperava, a cidade prepara-se para resistir. À sua frente está Robert, conde de Leicester, fiel seguidor de Ricardo, que responde zombeteiramente ao rei da França que lhe pede que se renda que a porta está aberta e que ele pode entrar quando quiser. Desconcertado com esta atitude, Philippe inicia o cerco, mas não insiste. Ele veio para uma caminhada militar, não para um cerco sério que provavelmente se arrastaria para sempre.
Aborrecido, ele queimou seus motores e retirou-se, ainda capturando os castelos de Pacy e Ivry no processo.

A prioridade de Ricardo, enquanto não for libertado, é evitar um acordo entre Filipe Augusto e o imperador, o que poderia levar este último a entregá-lo ao rei de França, caso em que correria o risco de nunca mais sair. prisão. É por isso que o Rei de Inglaterra se esforça para ser acomodado em relação a Henrique VI, em particular facilitando a reconciliação deste último com os grandes senhores da Baixa Renânia. Henrique VI, que sonha conquistar a Sicília, nada pode fazer enquanto estiver ameaçado no Sacro Império pela rebelião dos condes e prelados da região do Baixo Reno, que o acusam de ter assassinado um dos candidatos ao arcebispado de Liège. Ricardo tinha um relacionamento próximo com os príncipes da Renânia, que eram importantes parceiros comerciais da Inglaterra. Usando sua influência para atuar como mediador, ele conseguiu reconciliar Henrique e os rebeldes. Agradecido, Henrique, em vez de se encontrar com Filipe Augusto, como este solicitou para 25 de junho, negociou um novo tratado com Ricardo em Worms em 29 de junho. As condições são duras, mas para Ricardo qualquer coisa é melhor do que cair nas mãos de Filipe: ele será libertado quando o imperador receber 100.000 marcos e reféns pelo pagamento de 50.000 marcos adicionais sete meses após sua libertação. Esta quantia será, no entanto, remetida se ele cumprir a promessa relativa ao duque da Saxónia Henrique, o Leão, ou seja, provavelmente - porque o tratado não o diz - persuadir o duque da Saxónia, que é seu cunhado , para renunciar aos seus estados,

Machine Translated by Google

que o imperador lhe havia confiscado. Além disso, a sobrinha de Ricardo, Leonor da Bretanha, é mais uma vez prometida ao duque Leopoldo.

Quando Filipe Augusto soube que o imperador havia chegado a um acordo com Ricardo, pensou que a libertação deste estava próxima e enviou com urgência uma mensagem ao seu cúmplice, o príncipe João: "Cuidado, o diabo está solto22! » Pânico prematuro, porém, mas para se proteger de qualquer eventualidade, o Rei de França tomou duas iniciativas revelando os seus receios. Primeiro, em 9 de julho, concluiu um acordo com os representantes de Ricardo: estes últimos concordaram em pagar 20.000 marcos, em quatro parcelas, e deixariam os castelos de Loches, Arques, Drincourt e Châtillon como garantia dos pagamentos. ele libertará o conde de Angoulême e devolverá a João seus bens em ambos os lados do Canal da Mancha. Para Philippe, estes são cuidados necessários; para Ricardo, o cálculo é mais sutil: ao fazer essas promessas, que provavelmente não tem intenção de cumprir, ele espera que o rei da França permaneça calmo até sua libertação.

A outra iniciativa de Filipe, cujas consequências seriam catastróficas para ele, foi casar no segundo casamento, em 14 de agosto de 1193, com a jovem Ingeburge (ou Ingeborg), filha do rei da Dinamarca Cnut VI.
Na verdade, o que ele defende é a frota dinamarquesa e a reivindicação (bastante escassa) da coroa dinamarquesa ao trono inglês. Seu primeiro casamento, com Isabelle de Hainaut, trouxe-lhe Artois; ele espera que o segundo lhe traga a Inglaterra: como descendente de Cnut, o Grande, que reinou no século XI na ilha bretã, Cnut VI poderia posar como rival dos Plantagenetas; e como a frota dinamarquesa é uma das mais fortes do Mar do Norte, Filipe Augusto pretende utilizá-la para desembarcar em Inglaterra e reivindicar o reino em nome da sua esposa.

Foi então que ocorreu uma verdadeira reviravolta: no dia seguinte ao casamento, depois da noite de núpcias, Philippe Auguste demonstrou uma repulsa inexplicável pela esposa e decidiu mandá-la para casa.
Esta reacção permanece um mistério, mas a causa teve de ser muito grave para o rei renunciar tão abruptamente à frota dinamarquesa e ao desembarque em Inglaterra. E este é apenas o começo de um caso muito longo. Na verdade, os dinamarqueses recusam-se a retomar Ingeburge, e a jovem de dezoito anos recusa qualquer ideia de divórcio. Não importa: o rei de França tem à sua disposição prelados complacentes, nomeadamente o seu primo Philippe de Dreux, bispo de Beauvais, especialista em dissoluções suspeitas de casamentos mal casados (foi um dos principais arquitectos da anulação do casamento de Isabel para que ela pudesse se casar com Conrado de Montferrat). Descobrimos, portanto, que havia uma relação distante entre Ingeburge e a primeira esposa de Philippe, que

Machine Translated by Google

permite a anulação do casamento. Ingeburge, por não querer regressar à Dinamarca, é encerrada em Beaurepaire, priorado da abadia de Cisoing, e o rei volta-se para uma terceira mulher: Agnès de Méran, herdeira do conde palatino do Reno Conrad de Hohenstaufen, tio de Henrique VI. Colocar os pés no Sacro Império Romano é sem dúvida mais vantajoso do que depositar esperanças na frota dinamarquesa. Ingeburg recorre a Roma, que anula a sentença de divórcio. Este é o início de um longo conflito entre o papa e Filipe Augusto, que arrastará esta bola e corrente durante vinte anos. Para Richard, é uma dádiva de Deus.

Outras boas notícias para ele: Henrique VI anunciou em 20 de dezembro de 1193 que sua libertação estava marcada para 17 de janeiro de 1194 e que queria que ele fosse coroado rei da Provença em janeiro de 2423. Decisão curiosa. A Provença faz de facto parte do Sacro Império, mas é uma região mais ou menos incontrolável e descontrolada, com senhores quase independentes, e entre eles está o Marquês da Provença, que é ao mesmo tempo Conde de Toulouse. Conferir a Provença a Ricardo é para o imperador adquirir certo controle sobre o rei da Inglaterra, que se tornaria seu vassalo, assim como é vassalo do rei da França para a Normandia, e isso sem realmente aumentar seu poder, devido aos rebeldes espírito dos senhores locais.

Em qualquer caso, o projecto não teria sucesso e, em meados de Janeiro de 1194, o Príncipe João e Filipe Augusto fizeram uma proposta a Henrique VI que revelava até que ponto temiam que "o diabo fosse libertado", para usar a expressão do rei da França. Eles oferecem 80.000 marcos ao imperador se ele mantiver esse demônio Ricardo até o final do outono, ou seja, até o final da temporada de combates, e depois 1.000 libras por mês enquanto ele o mantiver; ou 150.000 marcos para ele entregar a eles. “Você vê o quanto eles o amavam24”, comenta ironicamente Roger de Howden, que relata estas propostas.

O Príncipe John está particularmente ansioso. Durante este mês de janeiro de 1194, acabava de concluir um acordo com Filipe, pelo qual reduziu seriamente as possessões dos Plantagenetas em benefício do rei da França: cedeu a este último os territórios normandos a leste do Sena, com o exceção de Rouen, bem como Le Vaudreuil, Verneuil, Évreux e as terras ao sul de Itun; reconheceu os direitos do Conde Adémar sobre Angoulême como condado independente do Ducado da Aquitânia; ele cedeu Moulins e Bonsmoulins ao conde de Perche, Vendôme a Louis de Blois e abandonou todos os direitos Plantagenêt sobre Tours, Amboise, Montrichard, Montbazon, Loches, Azay-le-Rideau, Châtillon-sur-Indre. Em suma, ele reduziu a nada vinte anos de esforços de seu irmão Richard para garantir a tu

Machine Translated by Google

Plantagenêt em Poitou, Anjou, Touraine e Normandia, a fim de garantir a duvidosa aliança do rei da França.

Para Henrique VI, a proposta de Filipe e João era tentadora. As quantias oferecidas são maiores do que ele poderia esperar do resgate de Richard. Além disso, as manobras da mãe de Agnès de Méran, com quem Philippe quer se casar, a preocupam: não tranqüilizada com a perspectiva de ver sua filha se casar com o ogro capetiano, ela intriga para dá-la secretamente em casamento a Henrique de Brunsvique, filho de Henrique, o Leão, cunhado de Ricardo e inimigo do imperador. Vale a pena pensar em tudo isso. A data da libertação de Ricardo foi, portanto, adiada e uma Dieta Imperial foi convocada em Mainz para 2 de fevereiro para discutir a situação.

Poucos dias antes, os príncipes alemães favoráveis a Ricardo, incluindo os arcebispos de Mainz e Colónia, reuniram-se em Würzburg e concordaram em intervir a favor da libertação do rei, tal como fez o duque da Áustria Leopoldo, impaciente por receber a sua parte do resgate. Quanto à sua parte, o imperador estava em processo de reconciliação com Henrique, o Leão, e Henrique de Brunswick, o clima geral na véspera da reunião da Dieta de Mainz era bastante favorável a Ricardo. Lá, além do imperador e do rei da Inglaterra, Leonor da Aquitânia, que veio defender a causa do filho com bons argumentos, o arcebispo de Rouen Guillaume de Coutances, o chanceler Guillaume Longchamp e, claro, os príncipes alemães. Henry mostra a Richard as cartas de Jean e Philippe Auguste oferecendo-lhe dinheiro para mantê-lo prisioneiro. Seguiram-se debates “ansiosos e difíceis25”, segundo Guillaume de Coutances. O imperador aproveitou a situação para extorquir de Ricardo uma concessão adicional, cuja enormidade não deveria, no entanto, nos enganar: Ricardo cedeu a Henrique VI nada menos que o reino da Inglaterra, e o imperador imediatamente o devolveu a ele como um feudo do Império contra um tributo de £ 5.000 por ano. O rei da Inglaterra, já vassalo do rei da França, passa a ser também vassalo do imperador, o que, entre outras coisas, poderia representar problemas em caso de guerra entre o imperador e o rei da França. Segundo um analista anónimo de Salzburgo, foi Leonor da Aquitânia quem pressionou Ricardo a aceitar este sacrifício, porque ela estava “desejando obter a libertação deste filho que ela amava particularmente26”. De qualquer forma, Richard parece disposto a conceder qualquer coisa para recuperar sua liberdade. Os súditos pagarão a conta, como sempre, e entre a promessa e a execução existe uma profunda lacuna.

—

Ninguém está enganado.

Muito mais tangível é o pagamento do restante dos 100 mil marcos, trazidos por Eleanor, e a entrega dos reféns que garantem o pagamento dos

Machine Translated by Google

50.000 marcos restantes. Entre eles estão personalidades importantes: o chanceler, o arcebispo de Rouen, o bispo de Bath, Fernando, filho do rei Sancho de Navarra, dois filhos de Henrique, o Leão, Otto e Guilherme, Roberto de Thornham, filho de Roger de Tosny. Tudo resolvido, os arcebispos de Colônia e Mainz entregaram Ricardo à sua mãe, sob aplausos dos presentes, no dia 4 de fevereiro de 1194. Desta vez, foi uma realidade: “O demônio foi solto. »

O Retorno do Diabo (fevereiro-março de 1194)

Salve quem puder de seus adversários. O escudeiro de St. Michael's Mount, na Cornualha, que apoiava John, morreu de ataque cardíaco causado pelo medo ao ouvir a notícia. O próprio Jean se esconde na Normandia. Filipe Augusto recorreu a medidas de emergência: apressou-se em assumir o controle dos lugares cedidos por João no Tratado de Mantes, antes que Ricardo tivesse tempo de reunir um exército. Em fevereiro capturou Évreux, Neubourg, Vaudreuil e alguns outros lugares, fez uma nova e vã tentativa contra Rouen, depois, em Sens, recebeu homenagens de dois vassalos da Aquitânia: Geoffroy de Rancon e Bernard, visconde de Brosse.

Os inimigos de Ricardo são avisados: numa carta enviada após a sua libertação a Henrique de Champagne, na Terra Santa, ele anuncia que retornará assim que se vingar daqueles que o traíram27. Ele fortalece seus laços com os barões do norte de França e Alemanha, recebendo homenagens do Duque de Brabante, do Duque de Limburgo, do Conde da Holanda, do Bispo de Liège, dos Arcebispos de Mainz e de Colônia, bem como do Duque da Suábia, do Marquês de Montferrat, do Conde Palatino do Reno, tudo em troca de pensões confortáveis28.

Saindo de Mainz, Richard e sua mãe descem o Reno. Jornada triunfante: o cativeiro deu ao herói da cruzada a auréola do martírio, e ao longo de toda a jornada até a Inglaterra as pessoas afluíram para aclamá-lo. Um contraste marcante com sua jornada como fugitivo dezesseis meses antes. Em Colônia, onde permaneceu três dias, a missa de Saint-Pierre-aux-Liens foi cantada para ele na catedral no dia 12 de fevereiro, com um hino apropriado: “Agora sei que o Senhor enviou seu anjo e me livrou da mão de Herodes. No dia 16 de fevereiro esteve em Louvain, no dia 25 em Bruxelas. Em Antuérpia, o duque de Brabante preparou uma grande recepção para ele e uma frota inglesa vem buscá-lo. Embarcou na galera de Alain Tranchemer e navegou para Zwin, onde permaneceu mais cinco dias, viajando de uma ilha para outra. Interrogámo-nos sobre estas estadias para um homem c

Machine Translated by Google

deveria ter pressa em retornar ao seu reino para colocar as coisas em ordem.
Para Ralph de Coggeshall, isso se deve simplesmente ao mau tempo, porque estamos no meio do inverno. Os historiadores, mais desconfiados, questionam-se se ele não aproveitou a oportunidade para estudar o estuário do Escalda, onde poderá em breve desembarcar para liderar uma guerra na Flandres contra Filipe e o conde Balduíno30. Finalmente, chegou à costa inglesa, em Sandwich, em 13 de março de 1194.

A recepção é aparentemente entusiástica. No caminho para Londres, Ricardo parou em Canterbury, hoje parada obrigatória para todos os reis da Inglaterra que retornavam do continente, para rezar no túmulo de Thomas Becket. Guilherme, o Marechal, corre ao encontro do soberano, como se tivesse algo a ser perdoado. Isso ocorre porque, durante o cativeiro de Ricardo, ele serviu fielmente a João, cujos feudos ele possuía. Assim que fica sabendo que Ricardo está de volta, abandona os restos mortais do irmão recém-falecido, e desiste de comparecer ao funeral para receber o soberano porque, diz, “o regresso do rei dá-nos tanta alegria que faz me capaz de superar uma dor que eu achava insuportável31.” Estamos céticos. Ele também se recusará a fazer qualquer coisa em detrimento de Jean, e mais uma vez Richard finge acreditar nele, pois precisa reunir todo apoio possível.

Ricardo regressou após três anos e meio de ausência, de julho de 1190 a março de 1194. Encontrou um reino certamente perturbado, mas onde a administração sólida tinha geralmente garantido uma vida quase normal.
É nos territórios "ultramarinos" Plantagenetas, em França, que a situação se degrada gravemente, devido aos ataques de Filipe Augusto, e é por isso que, depois de ter restabelecido a sua autoridade em Inglaterra em poucos meses, o rei passará o resto de seu reinado lutando na França.
Os seus súbditos ingleses terão de pagar, pressionados como nunca para angariar as enormes somas exigidas para o resgate, para o financiamento de campanhas militares, para o pagamento de subsídios aos aliados. Já o vimos: as receitas do Tesouro deram um salto espectacular em 1194-1195. O principal beneficiário é o imperador, que, graças ao dinheiro inglês, poderá liderar uma expedição vitoriosa à Itália a partir do mês de maio e, tendo Tancredo de Lecce falecido em fevereiro, tomar o reino de Nápoles e ser coroado em Palermo em 22 de novembro de 1194.

Leopoldo, o duque da Áustria, por sua vez, não se beneficiaria com o ganho ilícito, do qual ainda não havia recebido tudo em dezembro de 1194. Ele então ameaçou executar seus reféns – afinal, esse era o papel deles tão bem que Richard decidirá enviar-lhe sua sobrinha Eleanor de

Machine Translated by Google

Brittany, para que ela possa se casar com seu filho. Mas em 26 de dezembro, Leopold caiu do cavalo; seu pé está esmagado; no dia seguinte aparece gangrena; é necessário amputar. Mas ninguém quer assumir a delicada operação. O final é horrível: o próprio Leopold segura um machado na perna, a lâmina na canela, e ordena a um servo que ataque com uma maça; três golpes são necessários antes que a perna seja decepada. Tarde demais ; a gangrena já atingiu o topo. Leopold se reconcilia no último minuto com a Igreja, pede perdão por ter preso um cruzado, liberta seus reféns e Eleanor, que não se casará com seu filho. Sua excomunhão foi suspensa e ele morreu em 31 de dezembro. Para os contemporâneos, este foi claramente um castigo divino pela prisão de Ricardo.

Richard restabelece sua autoridade na Inglaterra (março, maio de 1194)

De 13 de março a 12 de maio de 1194, durante exatos dois meses, Ricardo Coração de Leão esteve na Inglaterra, punindo aqueles que o traíram, recompensando aqueles que o serviram, realizando reformas administrativas, reafirmando sua autoridade, pressionando seus súditos, que logo se arrependerão seu retorno e preparando uma campanha militar para recuperar os territórios tomados por Filipe Augusto na França durante sua ausência.

Isso significa que ele não perde tempo. Ele tem trinta e sete anos e ganhou um pouco de peso durante os quatorze meses de inatividade forçada na Alemanha, mas sua energia e habilidades físicas estão intactas; move-se sempre “mais rapidamente do que a correia giratória de uma funda das Baleares”32, assegura Roger de Howden. Ele forneceu prova disso em 25 de março, liderando pessoalmente o ataque contra o Castelo de Nottingham, a última fortaleza do reino que ainda mantinha o partido de João, porque o outro, Tickhill, havia se rendido pouco antes. A guarnição de Nottingham não parecia convencida do retorno de Ricardo. Ela perceberá rapidamente os fatos. O rei chega ao som de buzinas e trombetas e, usando cota de malha e capacete, protegido por uma cortina de escudos, lança imediatamente o assalto, apoderando-se do recinto exterior e da barbacã; no dia seguinte, ele aciona suas máquinas de cerco e também a forca onde pendura os prisioneiros do dia anterior à vista dos defensores: um alerta sobre o que espera aqueles que continuam a luta. Dessa vez não há mais dúvidas: Richard está de volta. Dois zagueiros, jogando contra o Saint Thomas, ainda querem verificar; eles recebem um passe

Machine Translated by Google

e eles são levados perante o rei: “Bem! O que você vê ? Sou realmente eu33? » diz Richard para eles. A entrega é imediata. A guarnição é resgatada, exceto Robert Brito, que é deixado morrer de fome na prisão por ser irmão do bispo de Coventry, Hugues Nonant, que se recusou a se voluntariar como refém para o pagamento do resgate de Richard34.

Segundo Roger de Howden, que agora o acompanhava passo a passo, o rei visitou então a Floresta de Sherwood35. Inevitavelmente, este lugar evoca-nos a lenda de Robin Hood. Vamos resolver essa questão imediatamente para não voltarmos a ela. Robin Hood não aparece nos autos do tribunal até 1226. Ele é um fora-da-lei fugitivo, que nada tem a ver com Sherwood, porque opera a trezentos quilômetros de distância, em Yorkshire. A sua história, embelezada e ampliada, circulou pela primeira vez oralmente em baladas, e os primeiros vestígios escritos da lenda só apareceram no início do século XV36. As principais características já estavam bem definidas no final do século XVII, uma vez que o historiador Rapin de Thoyras (1661-1725), na sua História da Inglaterra de 1724, inspirado em Matthieu Tyndal (1657-1733), escreveu: “É foi nessa época que viveu o famoso Robin Hood, com seu camarada Little John, que dizem infestar todo o condado de York com seus roubos. Há quem afirme que ele veio de uma grande família e que suas devassidãos o reduziram a esse tipo de vida. Ele nunca fez mal a homem ou mulher, deu quartel aos pobres e só roubou dos ricos. Depois que uma proclamação foi publicada contra ele, ele adoeceu no mosteiro das freiras de Birkley e, como desejava que seu sangue fosse tirado, foi traído, e tanto sangue foi tirado dele que ele morreu.” O romântico século 19 abordou o assunto, e o cinema do século 20 fez de Robin um herói na linha dos que corrigem os erros e dos bandidos de grande coração. De qualquer forma, não houve vestígios de Robin Hood na floresta de Sherwood durante a visita de Ricardo no final de março de 1194.

Vamos deixar a lenda para a história. Em 30 de março, o rei convocou um Conselho em Nottingham que, até 3 de abril, tomou decisões importantes. Primeiro, 19 dos 28 xerifes foram substituídos e os titulares, antigos e novos, tiveram de pagar grandes somas ao Tesouro. O próprio meio-irmão de Richard, Geoffrey, que é arcebispo de York e xerife de Yorkshire, oferece 3.000 marcos para manter sua posição. As pessoas que concordam em pagar tais quantias têm todo o interesse em permanecer leais ao rei.

Machine Translated by Google

Em 31 de março, o Conselho considerou o destino do Príncipe João e dos seus apoiantes. João é intimado a comparecer no prazo de quarenta dias para responder por sua conduta, sob pena de confisco de todos os seus bens, perda de seus títulos e de seus direitos ao trono. O interessado, que se encontra na Normandia, não tem intenção de se apresentar, claro. Entre os seus apoiantes, o bispo de Coventry, Hugues de Nonant, teria de se submeter "ao julgamento dos bispos na medida em que ele próprio é um bispo, e ao julgamento dos leigos na medida em que é um xerife do rei. » Privado destas duas funções, recebeu, no entanto, o perdão em 1195 por 2.000 marcos38. Nonant retirou-se da vida pública e residiu na Normandia até sua morte em 1198. Os confiscos de propriedades que afetaram os apoiadores de João foram supervisionados por Hugues Bardolf no Norte, e Guillaume de Sainte-Mère-Église no Sul.

No dia 1 de Abril, o Conselho tomou medidas financeiras drásticas para fazer face às despesas da próxima campanha militar: um imposto sobre a terra (carucage) de dois xelins por pele39 o pagamento de um imposto de escudeiro para todos aqueles que não irão pessoalmente ao exército, a venda de uma infinidade de vantagens, garantias, isenções, indultos, proteções, privilégios, que são todos abusos. Assim, os judeus de Iorque devem pagar para serem protegidos (mesmo tendo sido vítimas de massacres em 1189), e os não-judeus devem pagar por terem participado nos massacres de judeus. Aqueles que adquiriram escritórios vitalícios em 1189 são avisados de que na verdade deverão pagar para renovar a compra. O tabuleiro de xadrez verá, portanto, £ 25.292 entrando durante o ano de 1194.

No dia 2 de Abril, o Conselho decidiu que seria desejável a realização de uma segunda coroação do rei, ou mais precisamente à chamada cerimónia de "uso da coroa", de forma a dar-lhe uma nova legitimidade depois das manchas e humilhações representadas. pelo cativeiro e pela homenagem prestada ao imperador. Houve também um precedente, o do rei Estêvão em 1141. Ricardo, bastante relutante à ideia desta cerimónia que relembra os seus reveses, acabou por aceitar. Acontece no dia 17 de abril em Winchester, na presença do Rei da Escócia, que fez a viagem e carrega a espada real.

Guilherme, o Leão, de fato permaneceu fiel a Ricardo durante todo o seu cativeiro, recusando as ofertas de João. De 4 a 22 de abril, os dois reis não se separam. William espera que o rei lhe dê Northumberland em agradecimento. Mas a questão fica adiada para mais tarde. No dia 22, o rei da Escócia voltou para casa e Ricardo foi a Portsmouth supervisionar os preparativos de sua expedição. Lá permaneceu até 12 de maio, impaciente e hiperativo como sempre. Ele preenche seu tempo praticando às vezes

Machine Translated by Google

caça, como em 28 de Abril em Stansted, e fazendo de Portsmouth uma verdadeira base naval.

Preparativos para a expedição contra Filipe

Agosto

O local, que até hoje é o principal porto militar de Inglaterra, adapta-se perfeitamente a esta função: um soberbo porto, bem protegido por uma entrada estreita, fácil de defender e que o protege das tempestades, com o antigo castelo normando de Portchester no fundo. A pequena cidade de Portsmouth, recentemente fundada por um apoiador de John, o senhor de Gisors, é confiscada e Richard concede-lhe privilégios por meio de uma carta de liberdades. Foi confiada a Guillaume de Sainte-Mère-Église, e aí começou a construção de um palácio real, com um gasto de £160 apenas para o ano de 1194. Ao longo da Idade Média, foi lá que os Reis de Inglaterra reunirão os seus frota antes de cada expedição à França.

Antes de partir, Richard, que aprendeu a lição da experiência anterior, confere inequivocamente o poder a um único homem: Hubert Walter, o novo arcebispo de Canterbury, que tem toda a sua confiança e que a merece. Sobrinho de Ranulph Glanvill e jurista como ele, formado em Bolonha, este eclesiástico com talentos bastante seculares, desempenhou funções administrativas no governo de Henrique II. Decano de York em 1186, bispo de Salisbury em 1189, participou da Terceira Cruzada, foi eleito Arcebispo de Canterbury em maio de 1193 e nomeado Grande Juiz no Natal do mesmo ano. Em 1195, ele também se tornou legado papal. Homem de bom senso prático, criticado pelo bispo Hugh de Lincoln por sua falta de zelo religioso, governou a Inglaterra com eficácia até sua aposentadoria em 1198.

A total confiança nele demonstrada por Ricardo, no entanto, não significa de forma alguma que o rei tenha se desinteressado dos assuntos da Inglaterra durante os anos 1194-1199 que passou travando a guerra na França, ao contrário do que a historiografia sugeria até agora. do século XX. Estudos recentes e aprofundados dos arquivos financeiros, judiciais e religiosos realizados por JO Prestwick, James Holt, Ralph Turner, John Gillingham40, provam, pelo contrário, que ele acompanhava de perto os assuntos do reino, permanecia em contacto com os oficiais e foi comunicado julgamentos, envia suas instruções e até trata pessoalmente da legislação, desenvolvendo reformas profundas nas finanças, no sistema aduaneiro, bem como

Machine Translated by Google

do Exército. Um constante ir e vir de mensageiros liga-o permanentemente ao Conselho e às autoridades locais.

Foi assim que Ricardo criou um sistema aduaneiro real baseado num imposto de 10% sobre todas as mercadorias, recolhido em cada porto por uma administração especial, supervisionada por juízes itinerantes41. Os oficiais reais também eram responsáveis pela compra de suprimentos e equipamentos para enviar ao exército e pela venda de mercadorias retiradas dos inimigos. Para facilitar as transações, foi realizada uma reforma de pesos e medidas em 1197 (Assize de pesos e medidas). Uma investigação foi lançada em 1196 sobre as operações do Tesouro Inglês. Se acreditarmos num relatório de Hubert Walter em 1197, ele teria enviado 1.100.000 marcos ao rei em dois anos, um número tão enorme que os historiadores acreditam que se trata de um erro dos cronistas ou de uma ostentação. do vigilante42.

Foi também na França, em agosto de 1194, que Ricardo tomou uma decisão famosa: a de autorizar torneios na Inglaterra. Segundo Guilherme de Newburgh, a medida foi motivada pelo desejo de promover o treinamento militar dos cavaleiros: “O famoso rei Ricardo, observando que o treinamento e exercício adicional dos franceses os tornava mais ferozes na guerra, queria que os cavaleiros de sua próprio reino pudessem treinar no seu próprio país, para que aprendessem nos torneios a arte e a prática da guerra real, para que os franceses não pudessem mais insultar os cavaleiros ingleses tratando-os de forma desajeitada e inábil43.

» Henrique^{er} e Henrique II de fato proibiu torneios em I Inglaterra, porque esses jogos violentos causaram desordem, ferimentos e mortes entre a nobreza. O argumento militar apresentado por Newburgh não é o único, contudo. É também, e talvez sobretudo, uma medida fiscal: a organização de torneios exige pagamento, e os participantes devem pagar um imposto proporcional à sua classificação, do conde ao simples cavaleiro. Cinco locais são designados para a realização destes festivais desportivos que atraem espectadores, homens e mulheres, e amadores esclarecidos: entre Salisbury e Wilton, em Wiltshire, entre Brackley e Mixbury, em Northamptonshire, entre Blyth e Tickhill, em Nottinghamshire, entre Stamford e Warinford, em Suffolk, entre Warwick e Kenilworth, em Warwickshire44.

A decisão obviamente encantou William Marshal, que estimou que 30 cavaleiros ingleses valiam 40 cavaleiros franceses45.

Isto poderia resolver os problemas de mão de obra, porque Richard ainda está lutando para encontrar soldados para suas guerras na França. Recorre cada vez mais a mercenários, mas também quer

Machine Translated by Google

participação de cavaleiros, que fornecem tropas mais respeitáveis e de nível social mais elevado. Em dezembro de 1197, ele pediu aos barões da Inglaterra que lhe enviassem, às suas próprias custas, 300 cavaleiros por um ano e, para as cidades, 500 homens de armas. Hubert Walter é responsável por transmitir esta ordem ao Conselho. Alguns reclamam, mas ninguém se atreve a desobedecer. Os mais críticos são os bispos e abades, alguns dos quais ainda relutam em servir no exército. O abade Samson de Bury-Saint-Edmunds chega à Normandia, oferece presentes e dinheiro ao rei para se libertar desta obrigação, mas acaba por ter de contratar os serviços de quatro cavaleiros durante 40 dias, ao preço de 36 marcos, mais £ 100 para não ter que mantê-los durante o resto do ano46. Os bispos de Winchester e Salisbury demonstraram a sua má vontade, mas apenas o bispo Hugh de Lincoln se permitiu resistir à pressão real, protegido por uma reputação que lhe valeu a canonização. Pela primeira vez em que ele tem um bispo de mentalidade verdadeiramente religiosa, Richard não insiste; ele não deseja fazer um novo Becket.

Da França, ele também acompanhou de perto a situação nas escadas do Reino da Inglaterra. Na Irlanda, ele substituiu a justiça de John por duas cordas: John de Courcy e William de Lacy, que em 1195 fez as pazes com o rei de Connacht, Cathal Crobderg Ua Conchobar. No País de Gales, Roger Mortimer e William de Briouze foram responsáveis pela monitorização dos movimentos de Lord Rhys e do seu filho Hywel Sais, e uma carta de Richard a Hubert Walter em Abril de 1196 mostra que o rei estava particularmente preocupado com os acontecimentos nesta área.47 Na Escócia, ele confiou em Guilherme, o Leão, que anunciou sua intenção de casar sua filha Marguerite com o sobrinho de Ricardo, Otto. As negociações foram abertas através de Hubert Walter: William daria à sua filha o condado de Lothian como dote, e Richard daria a Otto Northumberland e Cumberland, o que parece um pouco generoso demais para ser honesto. De qualquer forma, o projeto não terá sucesso.

Como vemos, Ricardo, enquanto residia na Normandia, onde liderou a guerra contra Filipe Augusto de 1194 a 1199, manteve contato permanente com a Inglaterra, onde seu homem de confiança, Hubert Walter, administrou eficientemente os assuntos atuais., Até a exaustão. Sobrecarregado por suas funções como grande juiz, arcebispo de Canterbury e legado papal, Hubert Walter, embora apenas na casa dos quarenta, apresentou sua renúncia em 1198. Ricardo, em uma carta de 11 de julho aos seus súditos, prestou-lhe homenagem: “Ele muitas vezes insistiu ao liberá-lo do cargo, e para isso apresentou motivos importantes, fraquezas corporais, doenças e outros problemas. Mas nós, por

Machine Translated by Google

o nosso bem e o seu, e por causa da paz que ele fez reinar no nosso reino, até agora nos recusamos a ceder ao seu pedido. Finalmente, porém, considerando as suas enfermidades e o peso intolerável das suas responsabilidades, concordamos em dispensá-lo das suas funções48. — »Ele o substitui como juiz por Geoffroy Fitz Peter.

Voltemos ao início de maio de 1194. O rei Ricardo está em Portsmouth, onde está ansioso, impaciente para cruzar o Canal da Mancha para corrigir Filipe Augusto e recuperar os territórios que lhe tirou durante seu cativeiro. Sua frota está montada; os alimentos e equipamentos estão a bordo; as tropas estão prontas para embarcar. É também altura de lhes dar o que fazer, porque começam a ficar inquietos: rebentam brigas entre galeses e Brabançons. No dia 2 de maio, Richard deu o sinal para partir. Mas o mar está agitado; a frota não segue; devemos voltar para Portsmouth. Somente em 12 de maio é que os cem navios puderam finalmente seguir em direção a Barfleur. Philippe Auguste tem algo com que se preocupar.

Machine Translated by Google

XI

Ricardo I er e Philippe Auguste: o duelo interrompido

(1194-1199)

O rei Ricardo não verá a Inglaterra novamente. De maio de 1194 a abril de 1199, esteve na França, onde foi difícil seguir seu itinerário preciso1. Cinco meses na Normandia e cinco meses em Anjou em 1195, dez meses na Normandia em 1196, nove meses em 1197, dez meses em 1198, mais frequentemente entre Les Andelys e Rouen. Cinco anos de guerra, intercalados com tréguas e entrevistas com Philippe Auguste, seu antigo companheiro de cama que se tornou seu inimigo mortal. O duelo entre os dois homens é na verdade um duelo de morte, um duelo entre vassalo e suserano, aparentemente por questões de direito feudal, mas na realidade por causa de um acúmulo de perfídias, traições, ciúmes, rivalidades viris, agressivas, que terminaram estabelecendo um ódio real entre os dois homens. Não é apenas uma luta pela posse de feudos, é uma luta pela supremacia na Europa, e até uma questão de sobrevivência: o reino capetiano e o império Plantageneta não podem coexistir. Um deles é demais. O senhor capetiano, que corre o risco de morrer sufocado entre os territórios anglo-normandos e o Império ou de ser comido pelo seu vassalo Plantageneta, deve absolutamente recuperar os feudos detidos por este último. O duelo, de facto, começou em 1066, e esta “guerra dos cem anos” que já durava cento e trinta anos, atingiu o seu clímax no final do século XII, neste confronto entre dois reis, cavaleiros, de claro, mas entre os quais to

Machine Translated by Google

Richard tem trinta e sete anos, é coroado com a reputação de Coração de Leão conquistada durante a cruzada e é um guerreiro incomparável; Philippe tem trinta anos e ainda não é Augusto; seu histórico é bastante medíocre e até infame; ele é desacreditado por suas tortuosas manobras para se livrar de um companheiro de cruzada que traiu. A moralidade e a força parecem estar do lado de Richard.

Pontos fortes e fracos do rei da França

Mas a situação é mais complexa do que parece. Desde o seu regresso da cruzada, Philippe Auguste apoderou-se de diversas regiões, lugares e castelos que põem em perigo os territórios de Plantagenêt, nomeadamente na Normandia, onde controla agora Gisors, a maior parte da margem direita do Sena, com os senhorios de Arques e Eu. , os portos de Dieppe e Tréport; a oeste do Sena, suas guarnições estão em Tillières, Beaumont-le-Roger, Neubourg, Le Vaudreuil; seu aliado Jean está no comando de Évreux, Mortain, e causou grandes danos nas regiões de Avranches, Tinchebray, Gavray; Rouen está sob ameaça permanente de ataque do Capetiano, que já fez duas tentativas, e vários senhores das marchas normandas se uniram ao rei da França: os condes Robert de Meulan, Geoffroy du Perche, Hugues de Gournay, Richard de Vernon, Guilherme de Caieux. Com Artois e Amienois, Filipe estava numa posição mais forte do que os seus antecessores no norte do reino, especialmente porque o conde de Flandres e Hainaut, Balduíno, era um vassalo leal.
Em Touraine e Berry, a aquisição de Loches e Châtillon-sur Indre fornece bases avançadas para a progressão em direção ao Maine e Anjou. Na Aquitânia, vários dos maiores senhores também ficaram ao lado de Filipe: os condes de Angoulême e Périgueux, o visconde de Brosse, Geoffroy de Rancon e, claro, o conde de Toulouse, Raymond VI. Os outros grandes vassalos do rei da França também eram leais, como o duque da Borgonha Pierre de Courtenay, primo de Philippe Auguste. Este último joga muito com os mistérios do direito feudal para fazer valer a sua tutela sobre o reino, exigindo a aplicação escrupulosa das obrigações dos vassalos, dos quais exige de imediato o pagamento de tributos: nem Henrique II o conseguiu. subtraia, nem Eleanor; depois foi a vez de Ricardo em 1188, de João em 1189, de João novamente em 1193. Todos esses serviços de homenagem do vassalo ao suserano dão a Filipe Augusto pretextos para intervenção.

Com quais aliados Richard pode contar? Sanche de Navarra, seu cunhado, mas que só pode intervir no extremo Sudoeste;

Machine Translated by Google

Imperador Henrique VI, de quem era teoricamente vassalo e que temia o expansionismo capetiano. Mas em 1194, Henrique VI concentrou-se na sua expedição à Sicília e não teve nada a ver com a reconquista da Normandia. Alguns de seus conselheiros, como o senescal Marquard d'Annweiler, foram até subornados por Philippe Auguste. Quanto ao Papa Celestino III, certamente esfriado pelo caso Ingeburg, não é capaz de impressionar os capetianos.

Além disso, possui rendimentos significativos, o que lhe permite manter tropas mercenárias em vários setores simultaneamente e fornecer guarnições para cidades e castelos conquistados. Como a mais antiga conta geral de receitas de que dispomos data de 1202-1203, é impossível comparar os rendimentos dos dois adversários, mas a maioria dos historiadores acredita que em 1194 os recursos dos Capetianos excederam os dos Plantagenetas, prejudicados pelo pagamento do seu resgate e da perda de certos territórios ricos, que Philippe Auguste imediatamente colocou sob estrito controle: “Ó França, atormentada pelos agentes das autoridades fiscais reais, tiveste que suportar leis duras e momentos terríveis2! » lamenta Gilles de Paris neste momento em seu Carolinus. O rei de França não tem um imposto geral cobrado de todos os súbditos, mas utiliza um conjunto de expedientes variados que lhe permitem extorquir somas consideráveis: impostos em substituição de serviços, portagens, tonlieux, taxas de chancelaria, lucros de cunhagem, receitas de justiça, multas, direitos de alívio e resgate, impostos sobre os judeus. O alvo mais fácil de atingir é o clero, cuja riqueza sempre atraiu a luxúria dos reis. A cruzada foi um magnífico pretexto para aumentar os impostos sob o pretexto de defender o Cristianismo. O de 1189, o “dízimo de Saladino”, deu origem, no entanto, a tais abusos que Filipe Augusto teve que renunciar a ele, mas o saque das igrejas continuou detalhadamente. Foi assim que, conta Rigord, “em 1194, Filipe, rei de França, ao saber que o rei de Inglaterra, Ricardo Coração de Leão, tinha expulsado e despojado dos seus bens os clérigos da igreja de Saint-Martin de Tours, tomou todas as igrejas de sua terra pertencentes aos bispos e abades que eram súditos de seu inimigo. Deixando-se seduzir por maus conselheiros, expulsou os monges e clérigos que se dedicavam ao serviço de Deus e se apropriavam dos seus rendimentos. Ele até sobrecarregou sem cerimônia as igrejas de seu próprio reino com abusos odiosos e extraordinários. Tais palavras proferidas por um grande admirador de Filipe Augusto sugerem a impopularidade deste último em todo o reino. Durante uma viagem à Inglaterra, o Arcebispo de Lyon manteve uma conversa com grandes personalidades do reino Plantageneta, durante a qual

Machine Translated by Google

compara a pressão tributária exercida por Richard e por Philippe. Não reclame, disse o arcebispo, aqui é muito pior: “Garanto-lhe que o seu rei é um eremita comparado ao rei da França. No ano passado, ele ousou extorquir das igrejas, e especialmente dos mosteiros, o dinheiro que deveria manter e pagar aos seus soldados3.

A extorsão de impostos permitiu que Filipe Augusto tivesse um exército considerável para a época. Sua composição é muito variada. Há sempre um núcleo de cavaleiros, que cumprem o serviço da hoste feudal. Esses nobres milites, detentores de feudos militares, servem gratuitamente por um período limitado, de aproximadamente 40 dias, e depois são pagos: 100 cavaleiros custam 300 libras por dez dias, segundo as contas do Tesouro. Fortemente equipados, usando a cota de malha, o elmo, o escudo, empunhando a lança e a espada de lâmina larga, montando um enorme corcel, formam uma tropa de choque, arrogantes e pouco disciplinados, desprezando os soldados, mas seus números são muito insuficientes. O rei, portanto, também utilizou sargentos, a pé ou montados (pedites ou servientes ad equos), fornecidos por comunidades religiosas e urbanas. O Prémio dos Sargentos, que data de 1194, enumera as comunidades exigidas para a prestação deste serviço. Cada um deles deve um certo contingente, múltiplo de cinco: a abadia de Saint-Germain-des-Prés fornece 140 sargentos, as cidades de Compiègne, Pontoise, Mantes cada 200, Sens, Laon, Tournai, 300, Beauvais, 500. Seu equipamento , rudimentar (lúcio, clava, chapéu de ferro), é fornecido pela comunidade, e cada sargento a pé recebe salário de uma libra por mês. Dispostos na frente e nas alas, eles escoltam e protegem os cavaleiros, fornecem transporte, transportam máquinas, cavam trincheiras e minas e iniciam batalhas com flechas. No final do século XII, a arma de arremesso da moda era a besta, e o corpo dos besteiros, sob as ordens do balistarius, constituía um grupo de técnicos capazes de manusear esta sofisticada arma.

Outros técnicos: mineiros e engenheiros que utilizam máquinas de cerco, pedras de pedra, mangonelas e outras máquinas de arremesso; torres rolantes, galerias de madeira ou “gatos”, carneiros, “ovelhas” completam o arsenal, e a manipulação dessas máquinas é dirigida pelo engenheiro. Os mercenários ocupam um lugar cada vez mais importante: entre eles, muitos Brabançons, com líderes formidáveis como o famoso Cadoc, a quem o rei dá o senhorio de Gaillon. Este exército raramente se envolve em batalhas reais em campo aberto. Os poucos encontros ocorridos entre 1194 e 1199 foram escaramuças, ataques surpresa de pequenos grupos móveis e cercos a cidades e castelos. Guerrilha mais que guerra

Machine Translated by Google

movimento, sobretudo uma guerra de desgaste, na qual Filipe Augusto pode contar com os recursos de um domínio real próspero e agora bem organizado.

A instituição dos oficiais de justiça, que data dos anos 1180-1190, mais ou menos copiada do modelo Plantageneta, dota o rei de um quadro administrativo que lhe permite fiscalizar, controlar, aplicar a justiça e arrecadar receitas de forma mais racional. Ao conceder amplamente licenças de franquia às cidades, especialmente às localizadas perto das fronteiras, Philippe Auguste garantiu a lealdade da burguesia ao mesmo tempo que extraía rendimentos e milícias das comunas. Nesta área, o Capetiano é muito mais ousado que o Plantagenêt, que desconfia das liberdades municipais: Chaumont, Pontoise, Poissy, Montreuil, Mantes, Sens, Soissons, Noyon, Beauvais, Dijon, Tournai, Saint-Riquier, Amiens, Hesdin , Arras, Saint Quentin, Montdidier, Bapaume, Roye receberam foral antes do final do século e foram todos fiéis apoiadores do rei. Mandou também construir castelos, de estrutura simples e eficaz: um recinto rectangular ladeado por torres semicirculares que circundam uma grande torre de menagem. O Louvre é o modelo mais completo, protegendo a abordagem ocidental a Paris contra possíveis incursões anglo-normandas. Iniciada em 1190, esta fortaleza quadrada de 72 por 78 metros, com muralhas de 4 metros de espessura e uma grande torre de 30 metros de altura, 10 torres de flanco e um fosso, está incorporada no cinturão de muralhas que protege os 50.000 habitantes da capital: 5 quilómetros de muralhas ladeadas por 77 torres, cuja construção também começou em 1190.

Este considerável trabalho confirma isso: Philippe Auguste coloca o domínio real em estado de defesa. Ele espera um ataque vigoroso de Ricardo Coração de Leão e reúne todas as forças disponíveis para enfrentá-lo. Ele pode contar com numerosos apoios e recursos consideráveis. Sua principal fraqueza, em última análise, é ele mesmo.
O adolescente nervoso e emotivo, sujeito a medos e alucinações doentias quando chegou ao trono aos quinze anos em 1180, quase não melhorou: “Esses anos de treinamento intenso”, escreve Charles Petit Dutaillis, “e a grave doença que teve na Síria tiveram exauriu seu sistema nervoso. Ele voltou para a França fisicamente enfraquecido, careca, caolho, neurótico, sujeito a uma raiva furiosa e a ansiedades vãs. Ele acreditava seriamente que Ricardo Coração de Leão estava tentando assassiná-lo. Este estado neurastênico era agudo na época em que ele se casou com Isambour (Ingeburge) da Dinamarca em 1193; ele estava pálido e trêmulo durante a cerimônia de coroação da rainha e não conseguiu consumar o casamento4.

» Ele é esse rei instável, enganador, sem instrução e imprevisível, longe da imagem idealizada que

Machine Translated by Google

dá Rigord, que descobre que em 13 de maio de 1194 Ricardo Coração de Leão acaba de desembarcar em Barfleur com um exército para reconquistar seus feudos e se vingar das traições de seu senhor.

As falhas de Philip: Fréteval (4 de julho de 1194)

A recepção dada ao Rei de Inglaterra pela população normanda de Cotentin foi entusiástica: “Deus mostra mais uma vez a sua força. O rei de A França deve sair5”, entoa a multidão. Richard está ansioso para agir.
No momento em que desembarcou, Philippe estava ocupado no cerco de Verneuil, aproximadamente cento e cinquenta quilômetros a sudeste. A cidade resistiu bem, a guarnição permitiu-se até zombar do rei abrindo uma porta para convidá-lo a entrar e exibindo diante dele uma caricatura insultuosa. No entanto, uma seção da parede foi derrubada e Richard deve resgatá-la o mais rápido possível. Levando consigo apenas um pequeno destacamento, precedeu o grosso do seu exército e chegou a Lisieux em 20 de maio. É lá que seu irmão Jean, aterrorizado e que abandonou o acampamento de Philippe, vem pedir perdão. A cena é contada pela História de Guilherme, o Marechal.
Enquanto Richard descansa na casa de Jean d'Alençon, seu anfitrião vem encontrá-lo com um olhar envergonhado: “Por que você está assim? disse o rei para ele. Você viu meu irmão Jean, não minta. Ele está errado em ter medo. Deixe-o vir sem medo. Ele é meu irmão. Se for verdade que ele agiu de forma tola, não o culparei. Mas aqueles que o pressionaram já tiveram a recompensa ou a receberão mais tarde. » Jean é então apresentado, que se joga aos pés do irmão. Richard aponta para ele: “Jean, não tenha medo, você é apenas uma criança, tem estado sob cuidados precários. Aqueles que o aconselharam pagarão por isso6. »

Richard mais uma vez mostra-se surpreendentemente tolerante com seu irmão. Jean se safa com leveza, apesar de tudo à custa de uma dolorosa humilhação: chamá-lo de “criança” aos vinte e sete anos é considerá-lo irresponsável e demonstrar-lhe profundo desprezo. Além disso, seus domínios não lhe são devolvidos. Terá de provar a sua lealdade antes de poder recuperar os condados de Mortain e Gloucester em 1195, com uma pensão de £2.000, mas sem os castelos. Muito feliz por escapar impune tão facilmente, Jean imediatamente deu prova de seu zelo em servir seu irmão, entregando Évreux a Ricardo e mandando massacrar a guarnição7. Durante o resto do reinado de seu irmão manteve-se discreto e realizou algumas ações contra seu ex-aliado Filipe como a captura de Gamaches em 1196 um ataque a Beauvais com a captura do bispo

Machine Translated by Google

um golpe de estado vitorioso na fronteira normanda em 1198, com a captura de cerca de vinte cavaleiros8. –

No dia seguinte à sua reconciliação com seu irmão, Richard, em 21 de maio, ele chegou a Tuboeuf, vinte quilômetros a oeste de Verneuil. De lá, enviou alguns cavaleiros, que conseguiram penetrar na cidade para reforçar a guarnição, e alguns outros para o leste para cortar as linhas de comunicação de Filipe. Este último, ao saber da traição de Jean, abandonou o cerco de Verneuil para se vingar da população de Évreux, saqueando a cidade e pilhando as igrejas. Reação de raiva e despeito. Enquanto isso, as tropas que ele deixou na frente de Verneuil abandonaram o cerco. Richard apodera-se das suas máquinas, entra triunfalmente na cidade no dia 30 de maio, abraça os homens da guarnição e distribui-lhes recompensas9. – Há apenas duas semanas ele desembarcou na Normandia.

Em junho, os dois adversários tomaram rumos opostos.
Philippe segue para o norte e faz sua terceira tentativa contra Rouen.
Terceira falha. Tudo o que conseguiu tomar foi o Château de Fontaines, a oito quilómetros da cidade, em 14 de junho, e o conde de Leicester, que tentara uma investida contra as terras de Hugues de Gournay. Depois disso, ele sugere a Richard que concluam uma trégua de três anos. Trégua recusada pelo Plantageneta que partiu para o sul, onde Sanche de Navarra, seu aliado, sitiou o castelo de Loches sem conseguir capturá-lo. No caminho, Ricardo parou em Tours, onde confiscou os bens dos cónegos de São Martinho e recebeu uma doação de 2.000 marcos da burguesia, que não tinha a consciência tranquila. No dia 12 de maio chegou ao castelo de Loches, diante do qual os navarros pisoteavam há semanas. No dia 13, ele tomou de assalto. Durante este tempo, destacamentos do seu exército tomaram os castelos de Montmirail, na fronteira entre Maine e Perche, e de Beaumont-le-Roger.

Após o fracasso contra Rouen, Philippe Auguste rumou para o sul, com o objetivo declarado de buscar um confronto direto com Richard, que não pedia nada melhor. O rei da Inglaterra, no início de julho, atravessou novamente o Loire para encontrar o rei da França. Ele estabeleceu seu acampamento perto de Vendôme, na rota que Philippe deveria seguir.
Roger de Howden tem prazer em relatar o acontecimento: “Enquanto o rei da França, depois de destruir a cidade de Évreux, retirou-se do país e dirigiu-se para uma cidade chamada Fréteval, o rei da Inglaterra veio a Vendôme para armar-lhe uma emboscada. , e como este lugar não era cercado por muros, nem adequado para sustentar um cerco, o rei mandou armar suas tendas fora da cidade e, tão pacífico sob este abrigo como se estivesse cercado por muros, ele aguardava notícias do rei da França, que lhe enviou uma carta,

Machine Translated by Google

na verdade, que naquele mesmo dia ele o visitaria na companhia de uma tropa inimiga. O rei da Inglaterra, acolhendo com alegria esta mensagem, respondeu ao rei que o esperava e que, se não viesse, o próprio Ricardo iria visitá-lo na manhã seguinte. Ao saber disso, o rei da França não foi visitar o rei da Inglaterra naquele dia. Na manhã seguinte, o rei da Inglaterra armou suas tropas e avançou para enfrentar o exército do rei da França. Com esta notícia, o rei da França e seu exército fugiram diante do rei da Inglaterra, que os perseguia. Nesta fuga, várias pessoas do exército do rei da França foram mortas, um grande número foi levado; levaram também o tesouro do rei da França, que era considerável, e a capela real e os forais de todos os homens do rei da Inglaterra, que se entregaram ao rei da França e ao conde John, e uniram forças contra ele, Richard10.

— »

Guerra e trégua: batalhas confusas e indecisas (1194-1195)

A “batalha de Fréteval”, 4 de julho de 1194, na verdade não é uma delas. Filipe e o seu exército fugiam para Châteaudun, sem ousar enfrentar Ricardo, que alcançou a sua retaguarda, dispersou-a, apreendeu cavalos, tendas, máquinas de cerco, o tesouro e os arquivos contendo os nomes dos senhores passados para o acampamento do Capetianos.
Caso muito humilhante para Philippe Auguste, apanhado em flagrante de fuga, numa situação desonrosa. O episódio ilustra também mais uma vez o inconveniente para os reis medievais, que não tinham realmente um capital administrativo fixo e que estavam sempre em viagem, de terem de levar consigo o seu selo, o seu tesouro e os seus arquivos. Para evitar a repetição de um acidente semelhante, que muitos outros soberanos experimentaram, Philippe colocará posteriormente tesouros e arquivos no Grosse Tour do Louvre.

Entretanto, o Capetiano está em derrota e o Plantageneta tem rédeas livres para intervir em Poitou e restabelecer ali a sua autoridade com a sua destreza habitual. No final de julho, ele enviou a Hubert Walter este boletim de vitória: “Saiba que, pela graça de Deus que em todas as coisas defende o bem, tomamos Taillebourg e Marcillac, bem como todas as terras de Geoffroy de Rancon, e também as cidades de Angoulême, Châteauneuf-sur-Charente, Montignac, Lachaise e todos os outros castelos e todas as terras do Conde de Angoulême na sua totalidade; tomamos a cidade e a cidadela de Angoulême numa única noite; nas terras que tomamos nos arredores, capturamos 300 cavaleiros e

Machine Translated by Google

40.000 soldados. Eu sou uma testemunha disso; de Angoulême em julho de 2211. »Tudo isso está correto, exceto pela ampliação épica do número de presos, é claro.

Mas enquanto Richard faz façanhas em Poitou, Philippe tem carta branca na Normandia, o que é muito mais importante para ele.
Após a derrota de Fréteval, ele veio em auxílio da Place du Vaudreuil, sitiada por Jean e pelo conde de Arundel. Situado a cerca de quinze quilómetros a sul de Rouen, este local tem grande importância estratégica, pois comanda uma das raras pontes sobre o Sena, a de Pont-de-l'Arche. O príncipe John, que o havia dado a Philippe em fevereiro, agora tentava recuperá-lo do mesmo Philippe em julho. O rei da França atravessou em três dias os cento e cinquenta quilómetros que separam Châteaudun de Vaudreuil, atacou ao amanhecer o exército de Jean e Arundel, dispersou-o e apreendeu o equipamento de cerco. Não é novidade que o evento é narrado por Rigord12, enquanto Howden e Diceto não dizem uma palavra sobre isso. —

Depois de liderar um ritmo infernal por dois meses, os dois reis começaram a perder força. É hora de fazer uma pausa. Uma trégua foi negociada por intermediários e assinada em 24 de julho em Tillières, na fronteira com a Normandia. Supõe-se que dure até 1º de novembro de 1195, e planeja congelar a situação no estado de 23 de julho de 1194, ou seja, Filipe retém a maior parte dos territórios do leste da Normandia dos quais foi apreendido, como os senhorios de Eu, Arques, Drincourt, Aumale, Beauvoir, Mortemer, Neufmarché, bem como Gisors, Le Vaudreuil, Vernon, Gaillon, Pacy, Illiers-l'Évêque, Marcilly-sur-Eure, Nonencourt, Tillières, Louye, Louviers, Léry, Aquigny.

Para Richard, tal situação é intolerável, especialmente porque se presta a muitos mal-entendidos. Assim, no senhorio de Drincourt, que Philippe teoricamente mantém, está previsto que Ricardo tenha o direito de reconstruir o castelo, bem como os de Neubourg, Conches e Breteuil.
Além disso, certos rebeldes, como o Visconde de Brosse e o Conde de Angoulême, foram incluídos na trégua, o que não agradou a Ricardo.
Deveríamos pensar, como sugere Roger de Howden, que os plenipotenciários que prepararam o texto excederam o seu mandato?
Mesmo assim, o Plantageneta, que não apreciava a participação dos eclesiásticos no seu desenvolvimento, considerou as condições demasiado vantajosas para Filipe.

No entanto, serão estes últimos que quebrarão a trégua antes que esta expire. Em junho de 1195, ele soube que o imperador, retornando de sua expedição vitoriosa à Sicília, havia anunciado sua intenção de ajudar Ricardo. Enviou-lhe uma coroa de ouro, sinal de sua estima, e encarregou-o, "em virtude do

Machine Translated by Google

dever feudal que lhe devia", para invadir as terras dos Capetianos, enquanto ele próprio ocuparia os territórios a leste do Ródano. Como sinal de sua amizade, ele deu a ela os 17.000 marcos restantes do resgate ainda não pago. Preocupado, Filipe começou a destruir castelos normandos para que não pudessem ser usados pelo rei da Inglaterra. Os dois soberanos reuniram-se em frente a Le Vaudreuil, e durante as negociações, segundo historiadores ingleses, Philippe mandou minar as fortificações. Ao ouvir o desabamento de um muro, Ricardo percebe que foi enganado e se lança ao ataque às tropas capetianas, que fogem às pressas, cruzam o Sena e demolem a ponte atrás dele. Vaudreuil permanece nas mãos de Richard.

O episódio é pitoresco mas confuso e mal datado pelos cronistas. Uma coisa é certa: a trégua é quebrada e Plantagenêt toma Vaudreuil. Parece, segundo as contas do Tesouro da Normandia, que nesta altura trabalhou no reforço do castelo de Pont-de-l'Arche, a fim de garantir o controlo da ponte, essencial para manter as comunicações com Rouen, e para fortificar Orival e Moulineaux. Os dois reis também tentaram colocar os seus protegidos nos senhorios da região. É assim que Ricardo se casa com Ralph d'Exoudun, da família Lusignan, herdeira do condado de Eu, e com Balduíno de Béthune, condessa de Aumale, enquanto Philippe dá sua irmã Alice em casamento com Guilherme de Ponthieu. Aqui, novamente, as coisas são extremamente confusas.
Ao mesmo tempo, de acordo com Guilherme de Newburgh, os mercenários Brabant de Mercadier tomaram Issoudun e ampliaram o controle de Auvergne em benefício de Ricardo13.

Para complicar ainda mais a situação, os cronistas falam-nos de negociações de paz, durante o verão de 1195, com propostas extravagantes: resolver a disputa com um mini-torneio entre cinco campeões dos dois campos, incluindo os dois reis; um casamento entre Eleanor, sobrinha de Ricardo, e Luís, filho de Filipe, com o normando Vexin como dote. Nada disto se concretiza, mesmo que Filipe faça um gesto de boa vontade ao finalmente reconhecer que Ricardo não participou de forma alguma no assassinato de Conrado de Montferrat, o que não o impede de liderar um ataque devastador a Dieppe, enquanto o rei de Inglaterra sitia Arques. E então, em novembro de 1195, soubemos que Filipe tinha ido tomar Issoudun e estava sitiando o castelo. Richard correu, também cobrindo em um dia três vezes a distância que um exército normalmente cobre, diz Howden; ele cruza as linhas francesas, entra no castelo e, quando o resto de suas tropas, que ficaram para trás, chegam por sua vez, Philippe se vê preso nas pinças e deve aceitar as condições de Ricardo e

Machine Translated by Google

mais uma vez os dois reis, cansados destas corridas loucas e indecisas entre a Normandia e Auvergne, decidem negociar.

O tratado de Gaillon (ou Louviers), janeiro de 1196

A conferência de paz foi realizada perto de Louviers, no vale do Sena, entre Le Vaudreuil e Gaillon, de modo que o acordo assinado em 14 de janeiro de 1196 foi às vezes chamado de Tratado de Louviers, às vezes de Tratado de Gaillon. Este é teoricamente um tratado de paz e não uma simples trégua, mas ninguém se deixa enganar: este compromisso não pode ser sustentável. Não satisfaz nem Philip nem Richard, que retomarão a guerra assim que uma oportunidade favorável se apresentar. Ricardo foi certamente reconhecido como possuidor de Berry e fortalezas como Issoudun e Graçay, mas Filipe manteve parte de suas conquistas normandas (os normandos Vexin, Gisors, Vernon, Nonencourt, Pacy), bem como a suserania sobre Auvergne.

No detalhe, o tratado de Gaillon é interessante sob vários pontos de vista. Primeiro como documento diplomático: os dois pergaminhos originais sobreviveram, um em nome de Philippe e outro em nome de Richard. Este último, conservado no Tesouro de Cartas do Arquivo Nacional14, selado com selo de cera preta de Ricardo, com lacas de seda vermelha, em caligrafia bonita, fina e regular, tem sido objeto de diversas publicações e comentários15. O texto está em latim, e primeiro lista as concessões feitas por Ricardo àquele que ele descreve como “nosso Senhor Filipe, ilustre rei da França”: “Saber que lhe entregamos e o abandonamos a ele e aos seus herdeiros, em perpetuidade e por direito hereditário, Gisors, Neauphle e o normando Vexin, para que Étienne de Longchamps fique com Baudemont e suas terras, e ele as herdará do rei da França. Quanto a Hugues de Gournay, será assim: a sua homenagem permanecerá ao Rei de França durante toda a vida do referido Hugues, a menos que queira regressar para nós. E, após a morte do dito Hugues, todo o seu feudo na Normandia retornará para nós e para os nossos herdeiros. » Há trocas de territórios entre os partidários de Richard e os de Philippe: assim, Hugues de Gournay, partidário do segundo, cede as terras que possui na Inglaterra a Richard de Vernon, partidário do primeiro, que perde o castelão de Vernon ; o conde de Leicester cede o feudo e o senhorio de Pacy. Além disso, continua Ricardo, “abandonamos para sempre ao dito rei Filipe e aos seus herdeiros, Auvergne, feudo e senhorio, o que lá temos e o que poderíamos esperar ter lá”.

Na Normandia, para demarcar os territórios de um e de outro no inextricável quebra-cabeça dos feudos e senhorios, está prevista a colocação de marcos fronteiriços, o que atesta a seriedade do acordo: “Abandonamos ao rei

Machine Translated by Google

da França e aos seus herdeiros perpétuos, no direito hereditário, Neuf-Marché, Vernon, Gaillon, Pacy, Ivry, Nonancourt com seus châtellenies. E diga-nos que colocaremos marcos fronteiriços a meio caminho, entre a fortaleza de Gaillon e a de Vaudreuil; e desde a primeira fronteira, onde se encontra, até ao Sena, e por outro lado até ao Eure, tudo o que existe do lado de Gaillon pertencerá ao rei de França, e tudo isso ' haverá do lado de Vaudreuil será
Nós. »

Em troca, “para que haja uma paz estável entre nós e o nosso senhor Philippe, rei de França, o dito rei de França dá-nos e abandona-nos e aos nossos herdeiros, para sempre, Issoudun e Graçay; e os feudos de La Châtre, Saint-Chartier e Châtelet, como Anfré de Chauvigny os manteve do rei da França; e o feudo de Châteaumeillant, como Eudes de Déols o manteve do rei da França; e Souillac com suas dependências, exceto o que o conde de Saint-Gilles e sua gente, ou o visconde de Turenne e sua gente realizaram na véspera de Saint-Nicolas […]. Teremos ainda o Concelho de Eu com todas as suas dependências, tal como o recebeu o Conde de Eu e os seus homens; o concelho de Aumale com as suas dependências; Arques e Neufchâtel e suas dependências […]. O rei da França também nos abandona Beauvoir e o distrito de Beauvoir e todas as nossas outras terras e as dos nossos homens que perdemos depois que fomos capturados na Alemanha exceto as terras acima mencionadas que permanecerão com o rei da França e aos seus herdeiros, para sempre, como está dito.”

O tratado também prevê a manutenção do status quo relativo ao conde de Toulouse, Raimundo VI de Saint-Gilles, "e se o conde de Saint-Gilles se recusar a participar nesta paz, nosso senhor, o rei da França, recusar-se-á a vir para sua ajuda contra nós; e faremos-lhe todo o mal que pudermos, tanto pelo fogo como pela subversão.” Podemos confiar nele nisso.

Um parágrafo importante do tratado é dedicado ao sítio de Andelys, sinal de que Ricardo estava intimamente interessado nele e o considerava de importância estratégica para a proteção de Rouen: “Para os Andelys, será assim: nem meu senhor, o rei de Nem a França nem nós reivindicaremos o feudo ou a propriedade. » O local pertence ao Arcebispo de Rouen, que ali poderá executar sentenças de interdito e excomunhão, cuja validade será verificada por árbitros. O local está desmilitarizado. Que se diga: “Os Andelys não podem ser fortificados16.
__ » Palavras de Ricardo.

Sucessos e fracassos em 1196

Machine Translated by Google

Este último ponto dá o tom geral do tratado: Richard e Philip não têm intenção de aplicá-lo. Permite-lhes simplesmente beneficiar de um descanso antes de retomarem as operações militares, assim que se sintam numa posição de força. Imediatamente, proporciona a Richard a oportunidade de resolver outro problema pendente: o da Bretanha.
Infelizmente para ele, o assunto acaba sendo mais complicado do que o esperado. Na primavera de 1196, o rei da Inglaterra convocou para sua corte na Normandia Constança, a duquesa da Bretanha, que também era sua cunhada, por ser viúva de seu irmão Geoffroy, de quem teve uma filha. ., Eleanor, criada na Inglaterra por sua avó, a outra Eleanor, a da Aquitânia, e um filho, Arthur. Richard pretende usar esses sobrinhos em suas manobras políticas. Ele já prometeu Eleanor em casamento a vários príncipes. Quanto a Artur, ele é um peão de suma importância, que serve para manter João sob controle: ameaça deserdar o irmão em favor do sobrinho, cujos direitos à coroa são inteiramente válidos.

Arthur tem nove anos, foi criado na Bretanha e Richard agora quer cuidar diretamente dele. Esta é sem dúvida a razão pela qual ele convoca Constança, para discutir o assunto com ela. Mas mal a duquesa entrou na Normandia, foi raptada pelo seu segundo marido, Ranulph de Chester, que a trancafiou num dos seus castelos, em Saint-James de-Beuvron. História sombria: após a morte de seu primeiro marido, Geoffrey Plantagenet, Constança foi forçada por Henrique II a se casar com Ranulfo de Chester, que possuía posses na Normandia e na Inglaterra.
Casamento puramente político: trata-se de manter Constança e, portanto, a Bretanha, sob controle. Mas por que esse sequestro? Como Ralph é fiel a Ricardo, os nobres bretões suspeitam que este queira pressionar Constança para que ela lhe entregue o filho. Segundo fontes recentes, os nobres bretões prestaram então juramento a Artur e conseguiram passá-lo, sob a custódia do bispo de Vannes Guéthenoc, à corte de Philippe Auguste. Ao mesmo tempo, rejeitaram a lealdade da Bretanha ao duque da Normandia. Ricardo então liderou, em abril de 1196, uma expedição punitiva à Bretanha. No dia 15, escreveu a Hubert Walter para lhe enviar reforços através da Normandia, e preparou-se para retomar a guerra contra Filipe Augusto: três meses após a sua assinatura, o Tratado de Gaillon foi quebrado.

Em julho, Philippe, que conseguiu renovar a aliança com os condes de Flandres, Boulogne e Ponthieu, lançou um ataque a Aumale, enquanto Ricardo sitiou e tomou Nonancourt, e de lá veio em auxílio de Aumale, onde obviamente sofreu um fracasso . De acordo com William de Newburgh, ele simplesmente desistiu de atacar para evitar uma batalha

Machine Translated by Google

sangrento17. Conhecendo Richard, a explicação é improvável. Na realidade, ele se deparou com um exército forte, bem entrincheirado, e teve que recuar. Em 20 de agosto, Aumale capitulou. Filipe arrasou o castelo e Ricardo pagou 3.000 marcos em resgate pela guarnição. Após este fracasso, o rei da Inglaterra continuou os ataques na fronteira normanda e sitiou Gaillon, onde foi ferido no joelho por uma flecha de besta. 1196 foi um ano ruim para Richard. Philippe retoma Nonancourt e, apesar da captura de Gamaches por Jean, os resultados são geralmente negativos para Plantagenêt.

Um ponto positivo, porém, no plano diplomático: a reconciliação com o conde de Toulouse Raimundo VI de Saint-Gilles. Durante meio século, o condado de Toulouse aproveitou a sua localização geográfica e feudal para prosseguir uma política de oscilação entre o duque da Aquitânia e o rei de França, o que lhe permite beneficiar de uma independência de facto. Para os reis Plantagenetas, o conde de Toulouse era um vassalo rebelde, que ameaçava constantemente a Aquitânia e a distraía do seu objetivo principal: a luta contra os capetianos. Durante o ano de 1196, Ricardo aproveitou duas circunstâncias para colocar o conde no seu acampamento: em Navarra, o seu aliado tradicional, o rei Sancho, que era seu cunhado, lançou-se numa guerra contra Castela, e por isso não pode já não desempenha o seu papel de contrapeso ao Conde de Toulouse. Por sua vez, ele não gostou de ter sido incluído no tratado de Gaillon sem que sua opinião fosse solicitada; uma das cláusulas estipulava mesmo que o rei de França estava disposto a abandoná-lo se não respeitasse certas disposições: "... se o conde de Saint-Gilles se recusar a participar nesta paz, nosso senhor, o rei de França, recusará a ele venha em nosso auxílio. » Em outubro de 1196, o conde Raimundo VI concluiu uma aliança com Ricardo, que lhe deu em casamento sua irmã Joana, viúva do rei Guilherme da Sicília. É assim que, graças à viuvez e às anulações de casamento, as princesas podem servir diversas vezes nos jogos diplomáticos dos soberanos.

Jeanne traz como dote Raymond le Quercy e o condado de Agen, que será mantido como feudo do Ducado da Aquitânia em troca de um serviço militar de 500 cavaleiros durante um mês por ano em caso de guerra na região18.

1196 é também o início da construção do Château-Gaillard, em flagrante violação do Tratado de Gaillon, que proibia a fortificação do local. A presença de Richard em Les Andelys está confirmada em março, abril, maio, junho deste ano, e ele certamente não está lá como turista19. Ele inspecionou as instalações e pressionou o Arcebispo de Rouen para que lhe cedesse o terreno. Diante de sua recusa, o rei ignorou e iniciou os trabalhos. Recordamos no Capítulo VII as aventuras jurídico-políticas de

Machine Translated by Google

a aquisição do terreno por Richard, bem como as etapas de construção e as características da obra: o interdito lançado à Normandia pelo Arcebispo Gautier, que partiu para Roma em 7 de novembro de 1196 para apelar ao Papa contra o golpe de força de o rei; a decisão de Celestino III a favor deste último em abril de 1197; o tratado de troca que permite a Richard adquirir o local; as colossais obras realizadas em menos de dois anos sob a supervisão pessoal do rei, cujo entusiasmo nada pode diminuir, nem mesmo a "chuva de sangue" mencionada por Guilherme de Newburgh em 8 de maio de 1198: "Ele teve tanto prazer nisso construção que, se não me engano, se um anjo tivesse descido do céu para lhe dizer que parasse, teria sido recebido com uma saraivada de insultos, e a obra teria continuado20. — » Para Richard, este castelo é a obra-prima incomparável da arte da fortificação, que seria inexpugnável mesmo que as suas paredes fossem feitas de manteiga21.

Ao longo da obra, Richard residiu num pequeno palácio que construiu na pequena cidade nova de Andely (hoje Petit-Andely). Ele investiu somas fabulosas neste projeto, mais do que em todos os seus outros castelos juntos, porque para ele esta fortaleza pretendia ser o centro nevrálgico da defesa de Rouen e do ataque para a reconquista do normando Vexin, uma base que constitui ao mesmo tempo um barreira intransponível no Sena e acampamento de onde podiam partir expedições terrestres e fluviais em direção ao domínio real capetiano. Várias entradas nos Registros do Tesouro em 1198 indicam que numerosos barcos fluviais de fundo chato estavam sendo construídos entre Rouen e Les Andelys, sob a direção do mestre carpinteiro Galfridus de Bayonne22. O fim brutal do reinado não permitirá que Ricardo execute seu grande projeto.

As vitórias diplomáticas de 1197-1198: o imperador, o dinheiro e o papa

1197, entretanto, apareceu sob melhores auspícios para ele. Em abril, lançou um ataque contra os territórios dos aliados de Filipe Augusto no Norte, e em particular os do Conde de Flandres Balduíno IX. O porto de Saint-Valery é saqueado e queimado; levamos até as relíquias do santo, sempre pode ser útil. Acima de tudo, no porto encontramos navios ingleses carregados de cereais e outros géneros alimentícios. No entanto, em 1194, Ricardo decretou um embargo a todo o comércio com Flandres. Apanhados em flagrante de contrabando, as tripulações são enforcadas, os

Machine Translated by Google

cargas apreendidas e navios afundados23. — Em maio, Richard devastou Beauvaisis e invadiu o castelo de Milli. Após a batalha, ele repreende Guilherme, o Marechal, de cinquenta anos, que se lançou à luta com uma impetuosidade beirando a inconsciência: “Senhor Marechal, um homem com seu status não deveria arriscar a vida em tais aventuras. Deixe isso para os jovens cavaleiros, que devem construir uma reputação24.

— »

Mais do que a conquista do castelo de Milli, o que encantou Ricardo foi a captura do bispo de Beauvais Philippe de Dreux pelos mercenários de Mercadier em 19 de maio. O bispo, “um dos homens que Ricardo mais odiava no mundo”, diz Guilherme, o Marechal, é apanhado no meio da batalha, com armas nas mãos. Ele está preso em Rouen, o que alguns consideram uma forma indigna de tratar um bispo. Isto coloca Ricardo fora de si: ele responde que Guilherme não foi tomado como bispo, mas como cavaleiro, em batalha, e que em todo caso, bispo ou não, ele é um indivíduo sinistro: "Quando, na minha opinião, voltando do Oriente, tornei-me prisioneiro do imperador, devia antes de tudo à minha dignidade real ser tratado com delicadeza e mantido com honras adequadas. Mas o seu bispo chegou uma noite e, na manhã seguinte, senti o motivo da sua vinda e o que ele havia combinado naquela noite com o imperador, porque a mão imperial pousou sobre mim e logo eu estava carregado com mais ferros do que um cavalo ou um burro poderia carregar. Julgar que tratamento merece de mim aquele que me rendeu tal tratamento25.

— » O papa também tentou intervir a favor do bispo, sem sucesso. Segundo Roger de Howden, a comitiva de Ricardo chegou ao ponto de fabricar falsas cartas pontifícias condenando o bispo guerreiro26. — Guillaume não se arrepende: em Bouvines, ele empunhará a maça, que aparentemente lhe permite nocautear os adversários sem derramar sangue.

Com base nesses sucessos, Ricardo retornou à Normandia, onde tomou o castelo de Dangu, perto de Gisors, e enviou negociadores ao conde de Flandres, a quem conseguiram convencer a mudar de lado.
Balduíno IX tinha motivos para estar insatisfeito com Filipe Augusto, que separou Artois e Vermandois da Flandres, com as ricas cidades de Arras, Saint-Omer, Douai, exigiu o pagamento de uma taxa de alívio muito elevada, não devolveu parte de Tournaisis para ele, apesar de sua promessa. O conde também estava ciente da necessidade de manter laços cordiais com a Inglaterra, que fornecia a lã para as drapeadas cidades da Flandres. O embargo ao comércio entre as duas margens de Pas-de-Calais penaliza fortemente os flamengos. Jogando com estes elementos, os enviados de Ricardo fizeram propostas interessantes: levantamento do embargo, pagamento de uma pensão, doação de 5.000 marcos, presentes para aqueles que o rodeavam, em troca

Machine Translated by Google

de uma aliança contra o rei da França. Acordo concluído: em junho de 1197, Balduíno IX foi para a Normandia, onde foi assinado um tratado, pelo qual Ricardo e ele concordaram em não fazer a paz com Filipe sem um acordo comum27. Robert de Meulan, Guillaume de Caïeux, Hugues de Gournay, grandes senhores normandos, atestaram o respeito de Ricardo pelo tratado, um sinal de um movimento de mobilização interessado na causa Plantageneta.

A partir de 20 de julho, Balduíno invadiu Artois, enquanto Ricardo avançava para Berry. Philippe Auguste tenta resgatar Arras, sitiada por Balduíno. Este último recua, perseguido pelo rei da França, que avança imprudentemente em terreno hostil; isolado de suas bases, ele pede tréguas.
Balduíno recusa, e então concordamos em organizar uma conferência tripartida em Setembro, entre os Andelys e os Gaillon. Ricardo, que por sua vez trabalhou bem em Berry e Auvergne, conquistando vários castelos, incluindo o de Vierzon, juntou-se a Balduíno em Rouen e foi com ele ao encontro de Philippe. A conferência resultou na conclusão de uma trégua de um ano, que duraria de janeiro de 1198 a janeiro de 1199. Mal havia sido

concluída quando soubemos da morte do imperador Henrique VI em Messina, em 28 de setembro de 1197. No contexto do conflito entre os reis da França e da Inglaterra, a escolha de um novo imperador é de grande importância, porque o recém-eleito pode revelar-se um aliado ou inimigo essencial, capaz de fazer pender a balança de poder. outro.
Richard e Philippe, portanto, cada um tem seu candidato. Filho de Henrique VI, o pequeno Frederico de Hohenstaufen, com apenas três anos, Filipe Augusto e seus aliados escolheram o irmão mais novo do falecido imperador, Filipe da Suábia. Ricardo, por sua vez, favorece seus sobrinhos, filhos de seu cunhado Henrique, o Leão, duque da Saxônia, que morreu em 1195. Henrique, o Leão, casou-se com a irmã de Ricardo, Mathilde. Expulso da Alemanha por Henrique VI, ele viveu na comitiva do rei da Inglaterra, e seus filhos, Henrique e Otão de Brunswick, conheciam a corte Plantageneta: o mais velho, Henrique, casou-se com a herdeira do conde Palatino. do Reno, e ele próprio se tornou Conde Palatino em 1195. Mas ele não está imediatamente disponível: ele está na Terra Santa, mas precisamos de um imperador disponível lá imediatamente. Se não for ele, será seu irmão, Otton. Ele oferece todas as garantias: este sobrinho de Ricardo é Plantageneta por adoção: conde de Poitou, há dois anos serve os interesses do rei da Inglaterra na Aquitânia. Ele é, portanto, o candidato natural para Richard.

Durante vários meses, de outubro de 1197 a junho de 1198, ocorreram intensas negociações, com trocas de delegações e embaixadas, para conseguir uma maioria a favor de um ou outro dos candidatos. O campo

Machine Translated by Google

de Ricardo é massivamente apoiado pelos príncipes da Baixa Renânia, liderados pelo Arcebispo Adolfo de Colônia: o Conde da Holanda, Dietrich, o Duque de Limburgo, Henrique, o Duque de Brabante, outro Henrique, que formam um bloco com Balduíno de Flandres. No final de 1197, a sua delegação encontrou-se com a de Ricardo, composta pelo Bispo de Durham, o Conde de Aumale, Philippe de Poitou, e Balduíno de Béthune. Segundo Gervais de Cantuária, a coroa imperial foi até oferecida a Ricardo, que sabiamente a recusou, como fizera o seu pai28.

O Papa está, naturalmente, muito preocupado com esta eleição. Porém, Celestino III morreu no meio das negociações, em janeiro de 1198. Seu sucessor, um jurista de trinta e sete anos, Inocêncio III, hesitou em tomar posição. No dia 9 de janeiro enviou uma carta circular aos cristãos, a carta Ineffabilis sapientia conditoris, na qual expôs humildemente a sua inexperiência, e pediu ao clero e aos soberanos que “remediem a sua incompetência, preencham as suas faltas com humildade e zelo atento, e o ajudem”. suportar o peso da dignidade eclesiástica que lhe foi conferida. Tal admissão de humildade por parte de um papa medieval é tão incomum que Ricardo a interpreta como uma admissão de fraqueza. No que ele está seriamente enganado. Acreditando na palavra do novo papa, ele lhe enviou uma carta de advertência, dando-lhe conselhos sobre como deveria conduzir os assuntos da cristandade. O tom é imperioso, até mesmo ofensivo; o conteúdo desta carta, agora perdida, poderia ser reconstruído usando outros escritos do papa e de Gervais de Canterbury30. As relações entre o rei e o papa começam num tom agridoce. Mas Inocêncio III prefere manter a neutralidade nas eleições imperiais por enquanto. Em junho de 1198, Otão de Brunsvique foi, portanto, eleito rei dos romanos em Colônia, e coroado no mês seguinte em Aachen, na presença de Balduíno de Flandres e seu irmão.

É um sucesso retumbante para a diplomacia de Ricardo Coração de Leão. Imediatamente, Filipe Augusto e seu candidato malsucedido, Filipe da Suábia, concluíram um tratado de aliança contra Ricardo, Otão, Balduíno de Flandres e Adolfo de Colônia. A vantagem de Plantagenêt foi ainda aumentada pela mobilização de vários senhores do norte de França, incluindo o formidável Conde Renaud de Boulogne, “sem equivalente em todos os feitos de cavalaria31”. Para o lado de Philippe, o golpe é sentido, a tal ponto que Rigord vê nesta traição uma intervenção do próprio diabo32. As outras deserções dizem respeito a Louis de Blois, Geoffroy du Perche, aos condes de Brienne e Saint-Pol e até ao italiano Boniface

Machine Translated by Google

de Monferrat. Os cronistas são unânimes: estas manifestações devem-se essencialmente ao dinheiro inglês. Ricardo comprou as alianças com pensões e doações: “Os reis de Richars eram demasiado ricos em terras e bens, mais do que os reis de França”,33 escreve o anónimo de Béthune; “os presentes de sua mão generosa superaram todos os outros”, confirma Howden. Perante esta coligação massiva, Philippe Auguste só conseguiu recrutar Aimar de Limoges e Adémar de Angoulême.

A vitória de Gisors (28 de setembro de 1198)

Além disso, quando a guerra recomeçou, em setembro de 1198, nada parecia ser capaz de deter Ricardo. Seu aliado Balduíno IX invadiu Artois, capturou Aix e, na companhia de Renaud de Boulogne, sitiou Saint-Omer, que caiu seis semanas depois, pois Philippe Auguste não conseguiu vir em seu auxílio. Na verdade, ele estava muito ocupado defendendo Vexin, onde Richard infligiu uma séria derrota em 28 de setembro perto de Gisors.

Esta batalha foi amplamente comentada pelos cronistas, com as habituais diferenças de interpretação. Em termos gerais, o caso se desenrola da seguinte forma. Em 27 de setembro, Richard cruzou o Epte em Dangu e entrou no Vexin francês. Ele capturou Courcelles e Boury e depois retornou para Dangu. Philippe Auguste, que estava em Mantes, reuniu no dia seguinte algumas centenas de homens (os números variam muito de uma fonte para outra) e partiu em direção ao norte para resgatar Courcelles, de cuja queda ele ainda desconhecia. Durante sua caminhada, ele é avistado por uma patrulha de reconhecimento, da qual o próprio Richard faz parte, como sempre. O Plantageneta então decide atacar o Capetiano de surpresa enquanto ele está em movimento. Enviou ordens ao grosso das suas tropas, em Dangu, para se juntarem a ele rapidamente e, sem esperar pela sua chegada, para não deixar escapar a sua presa, avançou imediatamente sobre os franceses com o seu pequeno contingente. O resto ele mesmo conta num boletim de vitória que envia ao bispo de Durham: “Pressionámos o inimigo tão de

perto que, às portas de Gisors, a ponte do Epte foi quebrada sob o peso dos franceses derrotados. O rei da França bebeu do rio e vinte de seus cavaleiros morreram afogados ali. Nossa lança derrubou Mathieu de Montmorency, Alain de Rouci e Foulque de Guillerval, que tomamos com quase uma centena de outros cavaleiros. Enviamos a você os nomes da maioria deles; avisaremos os dos outros, quando os tivermos visto, porque Mercadier tomou

Machine Translated by Google

trinta cavaleiros que ainda não conhecemos. O número de presos é imenso. Capturamos 200 cavalos de guerra, incluindo 140 blindados. Foi assim que derrotamos o rei da França em Gisors. Não foi a nossa força, mas a de Deus e a justiça da nossa causa que triunfou, porque nesta acção, contra o conselho de todos os nossos homens, arriscamos as nossas cabeças e o nosso reinado. Nós lhes contamos essas coisas para que vocês possam se alegrar conosco. — »

O autor da Vida de Guilherme, o Marechal, dá alguns detalhes adicionais, acompanhados de reflexões moralizantes: “Quando Ricardo reconheceu o exército do rei da França, não deu muita importância e chamou os seus homens, que se apressaram em ir até ele. Sem esperar que todo o seu povo se reunisse, ele comandou o ataque e ele próprio avançou sobre eles como um leão faminto sobre sua presa. Os franceses ficaram frustrados, derrotados e muitos permaneceram prisioneiros. Sem a grande poeira que causou, pois era verão, e sem o destino, que não permite o que não deveria acontecer, o rei da França teria sido levado. Ele foi perseguido até Gisors, onde encontrou refúgio. Entre os prisioneiros, estavam muitos dos mais renomados cavaleiros franceses. Sabemos muito bem o que acontece nesses casos: quando chega o desconforto, os mais valentes ficam para trás; os outros, cuidando de si mesmos, fogem com o pescoço esticado. Aconteceu que o rei da França caiu [sic] num vau. Um dos seus clérigos, filho de Guillaume de Mello, substituiu-o, ajudado por outros que finalmente vieram em seu auxílio. Uma vez retirado da água, o rei da França não ficou em Gisors, embora fosse um castelo forte, por medo de ser ali sitiado. Quando a raposa se deixa deitar, não tem certeza se conseguirá escapar. Então o rei Filipe apressou-se em retornar à França. O rei Ricardo regressou com o seu povo a La Roche-d'Adely, levando consigo como prisioneiros 91 dos cavaleiros do rei de França, para não falar de pessoas de menor importância. Desde então, em todas as guerras, trinta dos nossos não hesitaram em atacar quarenta franceses, e nunca tinha sido assim antes. Isso ocorre porque os homens que têm um bom senhor ganham em coragem e valor. O Rei Ricardo levantou o que era bom e derrubou o que era mau36. — »

Todos os cronistas ingleses celebram a vitória de Ricardo e a humilhação de Filipe, que foge numa nuvem de poeira e dá cambalhotas no rio. Os cronistas franceses admitem que as perdas francesas foram pesadas (90 cavaleiros segundo Guilherme, o Bretão), ao mesmo tempo que explicam que as tropas de Ricardo estavam em superioridade numérica, o que parece falso, e para Rigord o verdadeiro vencedor do dia, este não é Ricardo, é é Deus, que puniu Filipe por ter permitido que os judeus se instalassem nos seus domínios e por ter oprimido a Igreja37. Sempre é isso —

Machine Translated by Google

que os cronistas de ambos os lados apontam que a partir desta batalha de Gisors a guerra assume um aspecto mais feroz do que antes: adotando a moda bizantina, os dois reis arrancaram os olhos dos prisioneiros. Para a Howden, foi Philippe quem começou; para Guilherme, o Bretão, é Ricardo, claro38.

A reunião de Gisors, porém, não é decisiva. Poucos dias depois, Philippe Auguste incendiou Évreux, enquanto Richard pilhava Abbeville e continuava o seu progresso em Vexin, marcado por numerosas escaramuças cuja ordem cronológica é quase impossível de restaurar39.

E então, em novembro, foi acordada uma nova trégua, que duraria até 13 de janeiro de 1199. Poucos dias antes desta data, por volta do Natal de 1198, chegou o legado papal Pedro de Cápua. Enviado por Inocêncio III, sua tarefa era reconciliar os dois reis com o objetivo de organizar uma quarta cruzada. Basta dizer que esta é uma missão impossível. Para Philippe e Richard, o Vexin vem antes da Terra Santa, e a experiência da Terceira Cruzada deixou muitas lembranças ruins para que eles embarquem em uma nova aventura.
comum.

A Trégua de Vernon (janeiro de 1199)

Desde o início do pontificado de Inocêncio III, em janeiro de 1198, o papa e o rei da Inglaterra trocaram diversas cartas40 num tom tímido e tímido. Cada um precisa do outro para atingir seus objetivos e não pode se dar ao luxo de romper relacionamentos. A primeira carta de Ricardo ao Papa, como vimos, foi antes um conjunto de conselhos e recomendações, num tom bastante imperioso. O rei apresentou-se como uma espécie de mentor deste jovem pontífice de trinta e sete anos, dando-lhe conselhos sobre como conduzir a Igreja, acompanhados de lições de moral, o que foi um pouco inapropriado da sua parte. O papa respondeu ironicamente numa carta datada de 29 de maio de 119841. Agradece-lhe os bons conselhos e envia-lhe de presente quatro anéis de ouro, engastados com esmeralda, safira, topázio e granada, com uma nota explicativa do significado simbólico de cada um: quatro, como as quatro virtudes cardeais (justiça, coragem, prudência, temperança), significando o equilíbrio mental que convém a um rei; o formato do anel representa a eternidade e a transição das coisas terrenas para as celestiais; o ouro, o mais nobre de todos os metais, é a sabedoria, o verde da esmeralda é a fé, a clareza da safira é a esperança, o vermelho da granada é a caridade, o brilho do topázio, estas são boas obras. Assim, escreve o Papa, «encontrareis uma lição

Machine Translated by Google

em cada pedra, a esmeralda para acreditar, a safira para esperar, a granada para amar, o topázio para fazer o bem.

Muito obrigado, respondeu Ricardo em julho, mas em relação à eleição do meu sobrinho Otto de Brunswick para o Império, posso contar com o seu apoio? E depois há outras questões sem resposta: o dinheiro do resgate pago a Leopoldo da Áustria ainda não me foi devolvido; Ainda não recebi todos os castelos que constituem o dote da minha mulher Bérengère; o rei da França ainda ocupa territórios que me pertencem. Nova carta ao papa em 19 de agosto de 1198. E depois há a questão da relação entre o rei e seu meio-irmão Geoffrey, o arcebispo de York, sobre a qual o papa levanta a voz e até ameaça usar o proibido42. Quanto aos anéis, Ricardo os utiliza para fazer presentes: por exemplo, dá ao abade de Bury Saint-Edmunds "um anel de grande valor que o senhor papa, Inocêncio III, lhe deu com grande carinho, como seu primeiro presente que ele havia enviado após a sua consagração43", diz a crônica da abadia. Em suma, os dois homens não têm as mesmas preocupações.

Para o Papa, o principal é remotivar os reis para uma nova cruzada, mas uma cruzada que não seja nacional, como a anterior.
Ele denuncia o fracasso da cruzada dos príncipes, comprometidos pelas suas ambições. A cruzada é assunto do Papa e deve ser liderada pelos seus legados. Esta é a mensagem que ele espalhou por toda a cristandade pelos seus pregadores, incluindo Foulques de Neuilly, transmitida por indivíduos mais duvidosos, como Pierre de Roucy e Eustache de Flay na Inglaterra44. A pregação é dirigida tanto às pessoas quanto aos príncipes. Se estes últimos não forem os líderes da expedição, a sua presença é, no entanto, essencial, para significar a união do povo cristão. É portanto absolutamente necessário conciliá-los. Esta é a missão confiada a Pedro de Cápua em dezembro de 1198.

O legado chega num momento bastante favorável: os dois reis acabam de concluir uma breve trégua, e até conversaram, mantendo certamente distância: Ricardo num barco subindo o curso do Sena, e Filipe a cavalo, no banco45.

A cronologia exata das reuniões é um pouco confusa, mas tudo foi decidido em poucos dias, por volta de meados de janeiro de 1199. A fonte principal e bastante faladora deste episódio é a Vida de Guilherme, o Marechal, que relata a troca bastante animada que ocorreu em 13 de janeiro entre Pierre de Capoue e Richard Cœur de Lion, entre Vernon e le Goulet46. O legado entra:

Machine Translated by Google

“Ele o saudou em nome de Deus e da corte de Roma, que tinha por ele o amor e a estima devida a um filho da santa Igreja, e o rei Ricardo, por sua vez, saudou-o respeitosamente como cardeal e pai espiritual. “Senhor”, disse o cardeal, “venho do rei da França, que é, parece-me, cheio de boa vontade e gostaria muito de fazer a paz, se esse também for o seu desejo.
– Como fazer uma paz duradoura? Recupero o que me foi tirado; e quando o rei recuperar minha terra de mim, eu o servirei lealmente e o manterei livre dos danos que ele me causou e do juramento, que ele não cumpriu, de não causar nenhum dano à minha terra nem aos meus homens , quando regressou a França, até ao quadragésimo dia após o meu regresso. Vou mantê-lo livre de tudo isso e nunca falarei com ele sobre isso, se ele realmente quiser fazer as pazes. Mas por outro lado, justo senhor, não há paz possível entre nós. “Senhor”, respondeu Mestre Pierre, “eu não ousaria prometer-lhe isso. Ninguém conseguiu convencê-lo a devolver tudo o que tirou. Seu conselho não é desta opinião e nunca o comprometerá com isso. – Então, Deus te salve! Ele não manterá minha terra em paz enquanto eu puder cavalgar; você pode ter certeza disso. – Ah! Senhor”, disse o cardeal, “é um grande pecado que haja uma guerra tão grande entre vocês dois. Esta será a perda da terra santa de Jerusalém. Para Deus ! seja moderado, para que possa ser reconquistado, porque se não agirmos, ficará mal. Não demorará muito até que seja tomada e devastada, e a cristandade será perdida!” O rei curvou-se e disse: “Se a minha terra tivesse sido deixada em paz, se eu não tivesse que voltar, todas as terras dos sírios teriam sido libertadas dos pagãos. Mas o rei da França agiu tão mal comigo! Foi por conselho dele que fui mantido na prisão. Ele procurou e ainda procura despojar-me da minha propriedade hereditária. Mas, se agradar a Deus, ele não terá sucesso.” »

Este é um mau começo para a reconciliação. E quando o legado levanta a questão de uma possível libertação do Bispo de Beauvais, sob o pretexto de que “é errado manter um homem como ele prisioneiro, ungido e consagrado”, Ricardo explode: “Pela minha cabeça! Ele foi consagrado como um falso cristão! Não foi como bispo que foi levado, mas como cavaleiro, totalmente armado, com o elmo amarrado. Foi por isso que você veio? Certamente, se você não fosse acusado de uma mensagem, não seria a corte de Roma que lhe garantiria uma surra que você poderia mostrar ao Papa em minha memória. Então o Papa acha que sou louco? Bem sei que ele zombou de mim quando lhe pedi que me ajudasse quando eu estava preso, estando a serviço de Deus. Ele não se preocupou em cuidar disso. E agora ele chama um bandido, um tirano, um incendiário que só devastou minha terra noite e dia! Fuja daqui, senhor traidor, mentiroso, trapaceiro, simoníaco. Certifique-se de que eu nunca mais encontre você no meu caminho. »

Machine Translated by Google

O legado foge sem pedir descanso, enquanto Ricardo se tranca em seu quarto. Depois de se acalmar, porém, ele concordou com uma trégua de cinco anos, durante a qual Philippe Auguste manteria os castelos Vexin que ainda controlava, "mas nem um centímetro a mais". Em qualquer caso, Plantagenêt tem claramente a vantagem: controla a maior parte do território de Vexin, o que lhe permite cortar o abastecimento às guarnições dos castelos, em particular Gisors. Filipe está pronto a ceder todos os seus direitos ao arcebispado de Tours, a renunciar ao apoio a Filipe da Suábia e a aceitar o plano de casamento entre o seu filho, o príncipe Luís, e uma sobrinha de Ricardo, Branca de Castela. A trégua de Vernon certamente não teria durado cinco anos, e o triunfo completo de Ricardo Coração de Leão estava ao seu alcance. Três meses depois, ele estava

morto.

A morte do Leão (Chalus, 6 de abril de 1199)

Durante o mês de fevereiro, Ricardo esteve no Maine e em Anjou, enquanto seus representantes discutiam os pontos anteriores com os do rei da França. O Plantageneta disse que estava pronto para dar à sua sobrinha Blanche de Castela Gisors e 20.000 marcos como dote se ela se casasse com Luís, filho de Filipe. O presente não lhe custaria muito caro, pois Philippe já possui Gisors. Para os demais pontos, estamos na incerteza. O rei de França, tão desleal como sempre, espalha a notícia de que João traiu mais uma vez o seu irmão e se juntou ao seu acampamento. Richard ordenou imediatamente a apreensão de todos os seus bens, antes de se retratar ao saber que a notícia era falsa47. Como podemos negociar seriamente neste contexto?

—

Enquanto isso, Ricardo enviou Mercadier a Poitou para mais uma vez tomar os castelos do Conde de Angoulême e do Visconde de Limoges, aqueles eternos rebeldes que não haviam sido incluídos na trégua de Vernon. Pouco depois de 15 de março, escreve Ralph de Coggeshall, "durante a Quaresma, o Rei Ricardo aproveitou a oportunidade de paz com o Rei Filipe para liderar o seu próprio exército contra o Visconde de Limoges, que se rebelou contra ele durante a guerra, e concluiu um tratado de aliança com Filipe48". Ele, portanto, juntou-se a Mercadier e atacou os castelos de Nontron, Montagut e Chalus-Chabrol. —

Ralph de Coggeshall é o mais bem informado sobre o que aconteceu então, porque tem o relato de uma testemunha ocular, amigo próximo do rei Ricardo, seu capelão Milon, abade do mosteiro cisterciense de Le Pin, perto de Poitiers, que ajudará o rei em seus últimos momentos. Então foi isso que ele viu.

Machine Translated by Google

Ricardo, seguindo seu costume, “devastou as terras do conde com espada e fogo, como se não soubesse que é preciso depor as armas durante a Quaresma, até chegar a Chalus-Chabrol”. O castelo, cujas ruínas ainda hoje podem ser vistas, não é particularmente impressionante. É defendido por cerca de quarenta homens e mulheres e não deve representar grandes problemas para este mestre da poliorcética que é Richard. Durante três dias, ele mandou cavar seixos para derrubar uma seção da parede, enquanto seus besteiros evitavam que a guarnição aparecesse no parapeito com seu fogo pesado. Na noite de 26 de março, o rei, com alguns companheiros, fará uma visita de inspeção aos pés da fortaleza. Ele não vestiu sua cota de malha e se contenta em se abrigar atrás de um escudo que é carregado à sua frente para se esquivar dos dardos de um besteiro solitário que o mira do alto das muralhas enquanto se protege atrás de uma panela. É quase um jogo. Richard, ele próprio um excelente besteiro, aprecia a precisão do atirador, protegendo-se bem a tempo... até que uma flecha quebra seu ombro esquerdo. O rei não recua: este não é o seu primeiro ferimento e ele não deve entrar em pânico com os seus homens. De volta à tenda, ele tenta arrancar o ladrilho, mas só consegue quebrar o cabo de madeira, enquanto a parte de metal fica presa na carne e nos ossos. Um cirurgião, à luz de tochas, consegue extraí-lo, mas o ferimento é profundo e a carne está rasgada. No dia seguinte aparecem os primeiros sinais de gangrena. O rei então sabe o que o espera. Ele escreve para sua mãe, Leonor da Aquitânia, que está em Fontevraud, a duzentos quilômetros em linha reta. Ela corre, “mais rápido que o vento”, e Ricardo morre em seus braços, após confessar, em 6 de abril de 1199.

Isso é tudo ? Coggeshall não escondeu nada de nós? À margem de um dos manuscritos mais antigos de sua crônica, foi acrescentada uma nota, em outra letra, especificando que durante os dez dias que decorreram entre o momento do acidente e sua morte, Ricardo teria levado uma vida de devassidão, comendo , bebendo e fornicando com meninas, o que Guilherme, o Bretão, repetiu com prazer, escrevendo que o rei preferia “as alegrias de Vênus” aos “conselhos salutares49”. Esta versão, acrescentada por mão anônima e que não é confirmada por nenhum outro cronista, deve ser colocada entre os rumores divulgados pelos inimigos de Ricardo com tanto mais sucesso quanto correspondem à reputação do rei. Digamos apenas que mesmo com um temperamento muito vigoroso, é difícil imaginar que um moribundo consumido pela gangrena pudesse se entregar a orgias de sexo e bebida durante dez dias.

Controvérsias em torno de uma morte

Machine Translated by Google

Outra história teve muito mais sucesso, a tal ponto que muitos historiadores a consideraram pelo valor nominal. Isto porque foi contada pelos cronistas mais sérios do reinado, o que lhe confere uma autenticidade a priori: é a história segundo a qual Ricardo veio a Chalus por pura ganância, para reclamar a sua parte num tesouro descoberto por um camponês e que ele sentia que lhe pertencia, como senhor do lugar. Para compreender a origem desta história, devemos perceber que os cronistas, que são todos pessoas da Igreja, precisam de uma explicação moral para a morte brutal do rei mais poderoso da Europa, num canto remoto de Limousin, morto por um simples besteiro. Este acontecimento é tão chocante que só pode ser devido a uma sanção divina, a um castigo por um pecado grave. É por isso que a história, mesmo do mais realista deles, fica subitamente repleta de considerações morais quando se trata dos últimos dias do rei.

Mesmo os cronistas mais favoráveis a Ricardo não podem escapar disto: devem dar uma razão sobrenatural para a morte do seu herói. É o caso do monge Ralph de Coggeshall. Ele começa com cautela, relatando que “há quem diga que nas terras do visconde foi encontrado um tesouro de valor inestimável; que o rei ordenara que lhe fosse entregue, e que a recusa do visconde provocou a ira do rei50. Ele, portanto, não parece comentar a veracidade do fato. No entanto, quando reflete sobre o histórico do reinado de Ricardo e os infortúnios que o afligiram, não encontra outra explicação senão o castigo divino para a ganância insaciável que demonstrou, mesmo que encontre desculpas para isso: “Em nenhuma época, em nenhuma história , lembramo-nos de um rei, mesmo entre aqueles que reinaram por mais tempo, que exigiu e arrecadou de seu reino tanto dinheiro quanto este rei exigiu e acumulou nos cinco anos seguintes ao seu cativeiro. Até certo ponto é desculpável. O dinheiro foi usado para subornar os poderosos do reino francês, para colocar o seu sobrinho no trono imperial, para defender os seus próprios domínios e para submeter outras terras ao seu domínio51. — » Com isto em mente, a história da caça ao tesouro talvez não deva ser rejeitada de imediato: corresponde demasiado bem às tendências do reinado, sobre as quais Coggeshall é muito elogioso.

Outro grande admirador de Ricardo, Roger de Howden, foi muito mais categórico, a ponto de construir todo um drama moralizante em torno da morte do rei e tirar dele lições sobre os deveres dos reis. Na sua versão, ele não duvida da história do tesouro. O visconde de Limoges, diz ele, teria se oferecido para partilhá-la com o rei, mas este a quis por inteiro, e foi para apoderar-se que veio sitiá-la.

Machine Translated by Google

Chalus. A guarnição oferece a rendição se lhes for prometida a vida, o que o rei recusa. Foi então que um besteiro, Bertrand de Gourdon, atirou em Richard e o feriu mortalmente. O castelo é tomado e todos os seus defensores enforcados, exceto Bertrand de Gourdon, com quem o rei tem uma entrevista improvável: “Que mal te fiz para que queres me matar? – Você matou meu pai e meus dois irmãos com as mãos e queria me matar também. Vingue-se como quiser: agora que te vi em seu leito de morte, suportarei todos os tormentos que você inventar52. — »
O rei o perdoa e ordena sua libertação. Mas depois da morte de Richard, Mercadier mandou esfolá-lo vivo. Howden, como fez em todos os episódios da vida de Ricardo, tira disso uma lição moral: o rei agiu mal ao ir à guerra por ganância e, além disso, durante a Quaresma, mas redimiu-se perdoando seu assassino; Não há pecado tão grave que não possa ser perdoado por um ato de bondade e arrependimento.

Gervais de Canterbury tem aproximadamente a mesma interpretação, com algumas variações próprias: o tesouro, a recusa em poupar a guarnição; segundo ele, o besteiro, antes de atirar, pediu a Deus que guiasse seu tiro para que a morte do rei poupasse a vida de pessoas inocentes oprimidas por Ricardo. Antes de morrer, este perdoa o atirador e arrepende-se de todo o mal que cometeu, em particular deste grande pecado: ter extorquido dinheiro ao mosteiro de Canterbury, o de Gervais53.

Os cronistas franceses também usam a história do tesouro e da morte de Ricardo para tirar dele uma lição moral, mas a conclusão é diametralmente oposta à dos cronistas ingleses. Rigord é bastante cauteloso, escrevendo que "de acordo com uma história que ouvi", o tesouro foi encontrado por um cavaleiro desconhecido, que se refugiou com o seu senhor, o Visconde de Limoges, e que Ricardo, desafiando todas as regras canônicas que proíbem a guerra durante a Quaresma, teria atacado Chalus, onde foi morto por um besteiro anônimo54.
Guilherme, o Bretão, por outro lado, é muito mais falante; apresenta uma história detalhada e inventada, uma verdadeira fábula moralizante onde se misturam mitos cristãos e pagãos, no espírito do seu poema épico, os Filipidos, que se apresenta como uma crónica histórica. Nesta história, era uma vez um rei malvado, Ricardo, em guerra com seu bom senhor, o rei da França, Philippe. Um dia, enquanto arava o seu campo, um agricultor perto de Limoges descobriu um tesouro de moedas de ouro e prata. Honestamente, ele leva para seu senhor, Achard de Chalus. O boato da descoberta chega aos ouvidos do malvado Rei Ricardo, que exige o tesouro. Ele chega com um exército poderoso e sitia o castelo de Chalus. Como estamo

Machine Translated by Google

da Quaresma, Achard sugeriu que ele concluísse uma trégua e submetesse a questão da propriedade do tesouro à justiça do rei da França. Claro, Richard recusa, continua o cerco e logo as muralhas estão à beira do colapso. Entra então em cena os três Destinos da mitologia greco-romana, Cloto, Láquesis e Átropos, que tecem, fiam e cortam os destinos humanos. Num longo discurso, Átropos explica porque Ricardo já não merece viver: não respeita a Deus nem os dias santos da Quaresma, travou a guerra contra o seu pai, traiu o seu senhor, é voraz e dado ao pecado contra a natureza. Átropos então diz a Achard onde ele pode encontrar uma besta, e ela pede que ele a confie a um besteiro, Dudon: “É assim que Richard deve morrer, porque foi ele quem introduziu o uso da besta na França. Deixe-o agora sofrer o destino que infligiu aos outros55.

— » Desta má história, onde deusas pagãs evocam pecados cometidos contra a moral cristã, apenas uma coisa deve ser lembrada: a morte de Ricardo apareceu aos contemporâneos como um evento totalmente inesperado, até mesmo inexplicável, além de um acerto de contas divino. Como pôde o conquistador de Saladino, o terror dos muçulmanos, ter sucumbido a uma flecha disparada por um simples soldado cristão na campanha de Limoges?

Alguns, como o poeta Geoffroy de Vindessus, ousam até responsabilizar Deus: por que ele permitiu tal coisa? Em sua Poetria nova, composta logo após a morte de Ricardo, ele escreve: “Ó Morte! Você percebe quem você acabou de tirar de nós? Aos nossos olhos ele era a luz; aos nossos ouvidos, a melodia; em nossas mentes, maravilha.
Você percebe, morte profana, quem você acabou de tirar de nós? Ele era o senhor da guerra, a glória dos reis, o deleite do mundo. A natureza não sabia que perfeição poderia acrescentar-lhe; ele era o mais perfeito que ela poderia alcançar. Mas foi por isso que você o tirou de nós. Se o Céu permitir, eu até reclamo contra Deus. Deus, por que esse fracasso?
Lembre-se de que ele sozinho defendeu sua cidade de Jaffa contra milhares de inimigos e que devolveu Acre a você. Os inimigos da Cruz são testemunhas disso: Ricardo vivo inspirava tanto terror a todos que ainda o temem agora que está morto. Ó Senhor, se é permitido dizê-lo, deixe-me dizê-lo, com a sua permissão: você poderia ter feito isso com mais elegância e menos pressa, depois da derrota dos inimigos, o que não demoraria muito, porque ele estava prestes a ganhar. Teria então sido ainda mais digno residir com você. Mas com esta lição você nos mostra como o riso é breve na terra e como as lágrimas são duradouras56.

— » De forma mais sucinta, o Abade Guillaume d’Andres expressa o seu espanto: “No momento em que quase o

Machine Translated by Google

o mundo inteiro temia ou elogiava o rei da Inglaterra, ele foi subitamente arrancado da vida57.

Então, tesouro ou nenhum tesouro? Como mostrou o historiador Keith Thomas em seu grande trabalho sobre Religião e o declínio da Magia, histórias de tesouros escondidos e milagrosamente redescobertos são frequentemente invocadas para "explicar" fenômenos aparentemente inexplicáveis: "Na mitologia popular, o tesouro deveria ser encontrado em certos esconderijos convencionais, por exemplo as ruínas de um mosteiro ou de um castelo58. » O que não significa que todas estas histórias sejam sistematicamente inventadas. Nesse caso, não há nada que decida de uma forma ou de outra. Roger de Howden afirma obter informações de um homem bem informado, Robert de Thornham, guardião do castelo de Chinon em 1199, e os Anais de Margam, que fazem a mesma afirmação, referem-se ao testemunho de Guillaume de Briouze59 enquanto vários outros cronistas não mencionam nenhum tesouro: a Vida de Guilherme, o Marechal, a Chronica majora de Matthew Paris, a Magna Vita de Adam d'Eynsham, ou mesmo as notas de um monge de Saint-Martial de Limoges, Bernard Itier. Este último, com cerca de trinta anos em 1199, está muito próximo do cenário da tragédia e está muito bem informado. Tem o hábito de registrar fatos importantes que chegam ao seu conhecimento na forma de breves avisos que acrescenta aos manuscritos das crônicas da abadia. É numa cópia da crônica de Geoffroy de Vigeois que ele escreve: “Bernard Itier escreveu isto na sexta-feira anterior à festa de Saint-Jean-Baptiste, ano em que o rei Ricardo, conhecido como Coração de Leão, morreu e foi sepultado com seu pai na Abadia de Fontevraud, para grande alegria de alguns e tristeza de outros.

No ano de Nosso Senhor de 1199, Ricardo, o muito poderoso rei dos ingleses, foi atingido no ombro por uma flecha, enquanto sitiava uma fortaleza em um lugar em Limousin chamado Chalus-Chabrol. Nesta masmorra havia dois cavaleiros e cerca de trinta e oito outros, homens e mulheres. Um dos cavaleiros chamava-se Pierre Bru, e o outro Pierre Basil, de quem se diz que disparou a flecha que atingiu o rei, da qual morreu após doze dias, ou seja, na terça-feira anterior ao Domingo de Ramos. 6 de abril, logo de Entretanto, no seu leito de doente, ordenara aos seus homens que sitiassem um castelo chamado Nontron, pertencente ao Visconde Aimar, e outra fortaleza chamada Montagut60. »

O desperdício de uma herança: Rei João

Machine Translated by Google

No dia seguinte à morte de Ricardo, o corpo foi desmembrado e os pedaços enviados: o cérebro e as entranhas foram enviados para Charroux, na fronteira de Poitou e Limousin, o coração para Rouen, e o resto, com a coroa e os trajes, em Fontevraud. , onde ocorreu a cerimônia fúnebre no Domingo de Ramos, 11 de abril de 1199. A cerimônia foi presidida pelo bispo de Lincoln, Hugues, futuro santo, auxiliado pelos bispos de Poitiers e Angers. Há Leonor da Aquitânia, setenta e sete anos, que enterra o terceiro filho ao lado do segundo marido, o abade de Turpenay, Lucas, capelão de Ricardo, Pierre Milon, abade de Pin, que acompanhou o rei nas suas últimas horas. Nos dias seguintes, muitos visitantes ilustres vieram a Fontevraud para prestar as últimas homenagens ao Coração de Leão, liderados pelo legado Pierre de Capua.

Mas é obviamente para o príncipe Jean que todos os olhares se voltam agora. Segundo Roger de Howden, Richard acabou nomeando-o como seu sucessor pouco antes de sua morte. Mas Artur mantém apoiadores, e é por isso que João não perde um momento para ter seu título de rei oficialmente reconhecido e apoderar-se do instrumento do poder: o tesouro. Em 14 de abril ele esteve em Chinon, foi formalmente eleito rei da Inglaterra e recebeu as chaves do tesouro localizado no castelo. Em 25 de abril, em Rouen, foi investido como duque da Normandia e em 27 de maio foi coroado rei em Westminster. Após uma rápida campanha no Maine, ele capturou Constança da Bretanha e seu filho Arthur em 22 de setembro. Durante estes primeiros meses revelou uma capacidade de decisão e uma rapidez de acção que não suspeitávamos dele, e durante algum tempo podíamos ter a ilusão de que iria completar a obra do irmão e manter no fracasso Philippe Auguste. Em 22 de maio de 1200, pelo Tratado de Goulet, perto de Les Andelys, o rei da França renunciou à suserania sobre a Bretanha e deu seu acordo para o casamento entre seu filho, o príncipe Luís, e a sobrinha de Jean Lackland, Branca de Castela. Em troca, John renuncia à suserania sobre Berry e Auvergne, reconhece-se como vassalo do rei da França por seus feudos continentais e paga 20.000 marcos como direitos de a

Tudo parece resolvido. E então, de repente, tudo começa de novo, com uma incrível cascata de erros por parte de Jean, que leva a questionamentos sobre sua saúde mental, e que provoca em poucos anos o colapso do império Plantageneta: o sequestro de 'Isabelle d' Angoulême, com quem João se casou em 30 de agosto de 1200; o apelo dos barões de Poitou a Philippe Auguste, que confiscou todos os feudos do rei da Inglaterra na França e iniciou a conquista; o assassinato de Artur, em 1203; a perda do Château-Gaillard em 1204, acontecimento cujo significado simbólico é tal que se diz que provocou a morte da rainha Leonor da Aquitânia ao saber da notícia. A enorme fortaleza, o orgulho de Richard

Machine Translated by Google

Lionheart, caído nas mãos de seu inimigo Philippe Auguste, é o sinal do desastre. Em 1205, perda de Touraine e Poitou, unificação da Bretanha ao rei da França; em 1206, a Normandia foi definitivamente perdida; em 1213, foi a própria Inglaterra que foi ameaçada; em 1214, João foi derrotado em La Roche-aux-Moines e seus aliados em Bouvines; os barões ingleses revoltam-se contra o rei João; em 1215, obrigaram-no a assinar a Carta Magna, que limitava os seus poderes, e apelaram ao príncipe Luís, filho de Philippe Auguste. Um exército francês desembarcou na Inglaterra, John Lackland foi caçado em seu próprio reino, perdeu todos os seus tesouros na lama do Wash e morreu em 19 de outubro de 1216 em New

Os desastres do reinado de João contrastam tanto com as façanhas do reinado de Ricardo que influenciaram de forma duradoura os julgamentos de gerações de historiadores até tempos recentes. O mito do bom rei Ricardo retornando da cruzada e se vingando do perverso príncipe John tornou-se, desde Walter Scott, um tema do folclore inglês, até mesmo europeu, não sem injustiça para o rei John, cuja reputação sofreu muito com a ausência de cronistas talentosos durante o seu reinado61.

—

Richard, da crônica ao cinema: as oscilações de uma

reputação

A reputação de Ricardo Coração de Leão certamente passou por altos e baixos ao longo da história, mas a historiografia geral, bem como a opinião popular, mantiveram uma imagem bastante positiva dele. Desde a Idade Média, tanto em França como em Inglaterra, teve a estatura de um herói extraordinário, como o Rei Artur, Rolando e Carlos Magno. Num Livro de Alfândegas do século XIV, guardado no arquivo municipal de Bordéus, 1199 é considerada uma das grandes datas da história da humanidade devido à morte do rei Ricardo, assim como 542 (morte de Artur), 813 (morte de Rolando), 827 (morte de Carlos Magno). O facto de estas datas serem falsas não diminui o juízo de valor que ilustram62. Mesmas referências do trovador Gaucelm Faidit: “O rei Ricardo está morto, e mil anos se passaram sem a morte de um homem cuja perda foi tão grande. Ele nunca teve igual! Nunca alguém foi tão leal, tão corajoso, tão ousado, tão generoso. Alexandre, o rei que derrotou Dario, nunca deu mais, nem tanto. Não creio que Carlos Magno ou Arthur valessem a pena. Para dizer a verdade, fez-se temido por uns e amado por outros63.

— » No século XIV,

Machine Translated by Google

Ranulph Higden, em sua história do mundo, também coloca Ricardo na posição de Augusto, Artur e Carlos Magno64.

Se os cronistas franceses do reinado de Filipe Augusto não cessaram de denegri-lo, para melhor exaltar o seu herói, a tendência inverteu-se a partir do século XIII. Joinville, como já vimos diversas vezes, enquanto hagiógrafo de São Luís, é o panegirista de Ricardo, e enquanto o ideal de cruzada permanecer vivo, o Plantageneta continuará sendo um herói na memória de príncipes e colunistas, na França , Alemanha, Itália, Espanha65.

E na Inglaterra, claro, onde Roger de Wendover, Geoffroy de Vinviens, Matthieu Paris competem com superlativos. No final do século XIII, um poeta aclamou Eduardo I Ricardo66". No início do século XIV, o autor de A Life of Edward II traçou um paralelo entre a nulidade deste último e as façanhas de Ricardo, referência absoluta do valor militar: "Pois o nosso rei Eduardo já reinou durante seis anos completos e tem ainda não realizou nada notável ou memorável. Quão diferente foi o início do reinado do rei Ricardo: antes do final do terceiro ano ele havia estendido os raios de seu valor. Num dia ele tomou Messina, uma cidade da Sicília, à força, e subjugou Chipre em quinze dias. E sua conduta no Acre e em outros países é noticiada em latim e francês. Oh, se ao menos o nosso rei Eduardo se comportasse também!

er como "um novo

67"

Inevitavelmente, a lenda rapidamente acrescentou brilho à história: em 1521, o historiador escocês John Major foi o primeiro a integrar a personagem de Robin Hood no contexto do cativeiro do rei68. O apelido Coração de Leão desperta a imaginação de poetas e romancistas, que inventam anedotas sobre a força hercúlea de Ricardo, capaz de sufocar um leão e arrancar seu coração. É assim que se conta que durante o seu cativeiro o duque da Áustria introduziu um leão na sua cela, e que o rei enfiou a mão na sua boca e retirou-lhe o coração. Encontramos até um eco dessa lenda em A Vida e Morte do Rei João, de William Shakespeare. Neste drama, Lady Falconbridge confessa ao filho que ele é na verdade filho do rei Ricardo, que a seduziu, porque não só arranca o coração dos leões, mas também arrebata o das mulheres. Seu filho está encantado por ser o bastardo de um pai assim:

> "Lady F: Seu pai era o Rei Ricardo Coração de Leão.
> Por um namoro ardente e longo fui seduzida E
> arranjei-lhe lugar na cama de meu marido.
> Que o céu não coloque meu pecado sobre mim!

Machine Translated by Google

> Você é fruto da minha querida ofensa, tão
> fortemente solicitada que derrotou minha defesa.
> O Bastardo: Adeus! Se eu tivesse que ser pai novamente, não
> gostaria, senhora, de ter um pai melhor.
> Pecados como os seus são perdoados na terra. Sua
> culpa não foi ter sido inconstante.
> Você foi obrigado a deixar o seu coração, o
> tributo da submissão ao amor imperioso, ao
> poder e à fúria inigualáveis de um homem
> contra quem um leão destemido não poderia lutar.
> Sua mão não poupou o coração principesco do leão.
> E quem à força conquista o coração de um leão
> conquista facilmente o coração de uma mulher. Sim,
> minha mãe, de todo coração obrigado por ele ser meu pai69.

O Coração de Leão como carrasco de corações, estamos aqui no meio do teatro, e esta lenda mostra que por volta de 1600 a imagem de Ricardo permaneceu uma referência positiva na sociedade inglesa elisabetana, imagem mantida pelos historiadores do século Tudor: Holinshed , John Foxe, Polydore Vergil, John Speed. O primeiro a levantar um tom diferente foi o historiador e poeta da corte Samuel Daniel, na sua Coleção de História da Inglaterra, de 1621, onde ousou escrever que o rei Ricardo “extorquiu e consumiu mais deste reino do que todos os seus antecessores desde o Os normandos tinham feito antes dele, e ainda assim ele tinha menos mérito do que qualquer um deles, não tendo sequer vivido aqui, não tendo sequer deixado um monumento de piedade ou outra obra pública, e não tendo demonstrado nem amor nem atenção a esta comunidade, mas apenas preocupando-se com o que ele poderia obter com isso70.” A cobrança é vigorosa. Vemos em particular qual será a principal crítica dos historiadores daqui em diante: Ricardo negligenciou a Inglaterra, cuja riqueza explorou para financiar seus empreendimentos continentais e orientais. Não é por acaso que esta censura apareceu no início do século XVII, numa altura em que a monarquia inglesa reformada assumiu o papel de campeã do protestantismo contra o Papa e contra a Europa católica. Samuel Daniel também observa que a popularidade medieval de Ricardo baseou-se em suas façanhas na cruzada, um ideal papista agora condenado.

Daniel deu a primeira picareta à estátua do ídolo.
Rapidamente, outros o seguem. Em 1639, Thomas Fuller acrescentou críticas: Ricardo era supersticioso, era imprudente e precipitado, arriscando desnecessariamente a vida em batalhas e no massacre de prisioneiros no Acre

Machine Translated by Google

foi um erro do qual “sua reputação sofreu muito71”. Em 1675, Sir Winston Churchill não tinha palavras duras o suficiente para castigar “o pior de todos os Richards que tivemos” (lembremo-nos, no entanto, que havia apenas três, todos os quais morreram de forma violenta). Chalus em 1199, o segundo destronado exatamente dois séculos depois, em 1399, e assassinado na prisão, o terceiro morto em Bosworth em 1485). Para Winston Churchill, Ricardo era “um mau filho, um mau pai (?), um mau irmão e um rei ainda pior […]. O que o torna mais indigno do carinho dos seus súbditos não é apenas ter sido um estrangeiro para eles, mas ter permitido que fossem governados por um estrangeiro72. Note-se que se houve três Richards, houve dois Sir Winston Churchills, e que o segundo, o Churchill, o do século XX, foi mais brando e mais matizado com o rei medieval, com quem partilhava o temperamento do leão. O “Velho Leão” escreveu que o Coração de Leão “é uma das figuras medievais mais fascinantes […]. Prestou poucos serviços ao povo inglês, que pagou caro por suas aventuras. Durante seu reinado de dez anos, ele esteve na Inglaterra apenas duas vezes durante alguns meses e ainda assim sua memória sempre inflamou o coração dos ingleses [...]. A sua vida foi um desfile magnífico que, no final, deixou apenas uma planície vazia73.

No século XVII, Ricardo dificilmente foi defendido, exceto por Richard Baker, que em 1641, na sua Crónica dos Reis de Inglaterra, viu nele um príncipe "valente, sábio, liberal, clemente, justo e acima de tudo religioso74". Esta não é de forma alguma a opinião de Laurence Echard em 1707, que pensava que “a Inglaterra sofreu muito sob o seu governo75”, nem de David Hume, que viu nele a encarnação do anti-Iluminismo, um rei “mais concebido para deslumbrar os homens”. com o esplendor dos seus empreendimentos do que promover a sua felicidade ou a sua própria grandeza através de uma política saudável e bem regulamentada76”. Em 1732, o historiador huguenote Rapin de Thoyras, em sua monumental História da Inglaterra, pintou um retrato de Ricardo: “Depois de elogiar seu valor, que se aproximava um pouco da ferocidade, procuramos em vão alguma outra virtude nele que possa servir de material para seu louvor. Aqueles que o elogiam pela sua liberalidade e pela sua magnificência não consideram que ele só foi liberal e magnífico à custa dos seus súditos, dos quais extorquiu várias grandes somas por meios injustos. Mas, por outro lado, encontramos neste príncipe muitos vícios, e até os mais enormes. A sua rebelião contra o seu próprio pai é uma censura que pode ser justamente dirigida à sua memória [...]. Ainda encontramos neste mesmo príncipe uma ganância por dinheiro, que não pôde ser satisfeita, e que foi a causa da sua morte; um orgulho que o fez olhar para s

Machine Translated by Google

desprezo, e seus inferiores como escravos. Finalmente, se devemos acreditar no que alguns historiadores disseram sobre ele, a luxúria desenfreada levou-o não só a negligenciar a rainha, sua esposa, a abandonar-se à devassidão infame, mas também a pecados contra a natureza77.»

A popularidade de Ricardo aumentou com os românticos, a moda neogótica, a admiração pela Idade Média, o cavalheirismo e as batalhas do cristianismo contra a descrença e os infiéis. Ricardo, modelo do bravo cavaleiro cristão, só conseguia atrair um público apaixonado por história e especialmente por romances históricos medievais. Walter Scott ajudou a restaurar o rei Plantageneta ao estatuto de herói, mantendo-se cauteloso sobre o resultado das suas acções, escrevendo que o seu reinado "forneceu temas para bardos e trovadores, mas não trouxe nenhum benefício concreto em que o seu país pudesse confiar78". Acrescentemos que para a historiografia burguesa da era vitoriana a forma aberrante como Ricardo gere as finanças, extorquindo impostos sem qualquer preocupação com os interesses económicos, não defende a seu favor. Isto não impediu o governo de erguer uma magnífica estátua equestre de bronze do rei guerreiro em 1860, mesmo em frente ao Parlamento.

Encontramos este estatuto ambíguo de Ricardo na historiografia francesa do século XIX79. Chateaubriand, Augustin Thierry, Michelet são bastante reservados em relação ao personagem, que dificilmente corresponde ao seu ideal: "Este mau filho de Henrique II", escreve Michelet, "o filho da raiva, cuja vida inteira foi como um ataque de violência furiosa, adquiriu entre os sarracenos uma reputação imperecível de valor e crueldade [...]. Este homem terrível não poupou nem o inimigo, nem o seu próprio povo, nem a si mesmo. Ele volta à briga, diz um historiador, cheio de flechas, como uma almofada de alfinetes coberta de agulhas. Muito tempo depois, as mães árabes silenciaram os netos nomeando-os Rei Ricardo […]. Durante todo esse grande movimento no mundo, o rei da França cuidava de seus negócios em silêncio. Honra a Richard, lucro para ele: ele parecia resignado a compartilhar. Richard continua responsável pela causa do Cristianismo, gosta de aventuras, grandes golpes de espada, torna-se imortalizado e empobrece. Philippe, que saiu jurando não prejudicar o rival, não perdeu tempo. Ele incita o povo da Aquitânia à revolta, encoraja o irmão de Ricardo a tomar o trono. As raposas fazem o seu trabalho, na ausência do leão. Quem sabe se ele voltará? Ele provavelmente será morto ou pego. Na verdade, ele foi pego, levado pelos cristãos, em traição. […]. O herói voltou para casa após um cativeiro de treze meses, rei de Arles, vassalo do Império e arruinado. Basta que ele pareça reduzir Jean e afastar Philippe. Os seus últimos anos passaram sem glória numa alternância de tréguas e guerras80. »

Machine Translated by Google

A inevitável comparação com Filipe Augusto vira-se claramente em vantagem deste último na atmosfera nacionalista do final do século, exceto no ensino católico ultramontano, onde são exaltadas as façanhas do cruzado, campeão do cristianismo romano contra os infiéis. Nos livros escolares da Terceira República, Richard é pouco mencionado, completamente apagado por Philippe Auguste, o vencedor dos alemães e seus aliados ingleses em Bouvines, enquanto historiadores positivistas como Achille Luchaire na grande História da França Lavisse, de Ernest, em 1902, foram bastante favorável ao Coração de Leão.

Estas opiniões contrastantes sobre o rei Ricardo são encontradas na primeira metade do século XX. Até à década de 1970, os historiadores académicos tendiam a julgar com severidade este rei que negligenciou o seu reino para prosseguir aventuras no Oriente e em França, o que custou caro ao erário inglês. É a sétima arte, portanto o imaginário, o ilusório, o lendário, o mentiroso, que devolveu ao Coração de Leão a sua dimensão épica. O personagem se presta muito bem ao papel de herói, ou mesmo super-herói, tão popular entre o público da era das massas. Numa Idade Média de má qualidade, com castelos de papelão, o bom Rei Ricardo aparece em cerca de quinze filmes, quase todos americanos81.

— “Aparece” também é um termo enganador: em praticamente todos os filmes, Richard é de facto o grande ausente, aquele cujo regresso aguardamos, um pouco como o Messias, desejado por uns, temido por outros. Ele só chega ao fim, como um corrigidor de erros, como um grande vigilante, coroado por suas façanhas contra Saladino e purificado por sua travessia do deserto nas prisões do malvado duque da Áustria. Ele vem para punir o Príncipe John, a encarnação do mal. A frente do palco é ocupada por Robin Hood ou Ivanhoe, como indica a maioria dos títulos, desde Robin Hood, filme mudo de Étienne Arnaud e Herbert Blaché em 1912, até Robin Hood, príncipe dos ladrões, de Kevin Reynolds, em 1991, onde Sean Connery dá brilho ao Rei Ricardo com seu status de estrela de cinema. Último avatar de um rei que, embora seja um dos mais famosos da Idade Média, acaba por permanecer pouco conhecido, preso ao seu trombeteante título de “Coração de Leão”, que mais o esconde do que o revela. Embora todos já tenham ouvido falar de “Ricardo Coração de Leão”, “Ricardo Ier” permanece desconhecido para a maioria das pessoas. Vemos que a maioria dos seus biógrafos hesita no título a dar ao seu livro, optando a maioria por “Cœur de Lion”, mais vendas do que um simples número de série. E como já assinalamos, se Richard permaneceu na memória coletiva como um simples nome vazio de conteúdo, é porque seu

Machine Translated by Google

Um reinado muito curto aparece como um simples episódio de conflitos cujos riscos vão além do destino pessoal do soberano: as cruzadas, as divisões da família Plantagenêt, a luta secular entre as monarquias francesa e inglesa. E aqui novamente os títulos dos filmes são reveladores: enquanto Robin Hood é suficiente por si só para fazer o cartaz, os diretores sentem a necessidade de incluir Richard num contexto mais amplo, como King Richard and the crusades, de David Butler, em 1954, como se Richard, eu não conseguiria completar um cenário sozinho.
er

A memória do rei Ricardo sofre com a brevidade do seu reinado e com a sua forte individualidade: ele apenas se encarna e não pode, portanto, ser recuperado como figura emblemática de um movimento histórico. Cruzado, mas nem sempre exemplar; cavaleiro, mas nem sempre fiel ao código regulatório; Cristão, mas com reputação sulfurosa; Monarca inglês, mas tão pouco inglês; Plantageneta, mas lutando contra seu pai e irmãos. Richard é irredimível e este é, paradoxalmente, o seu grande mérito: é uma individualidade, que marcou o seu tempo com a sua força pessoal, mas cuja marca foi rapidamente apagada, porque em última análise apenas representou a si mesmo. A sua vida, curta, “cheia de som e de fúria”, foi como um tornado, que deixou mais marcas no imaginário colectivo do que no desenvolvimento histórico.

Machine Translated by Google

Notas

Abreviações

ACC	***Anais da conferência internacional de Caen,*** 6 a 9 de abril de 1999, Caen, 2004
Ambroise	Ambroise, ***A História da Guerra Santa,*** ed. G.Paris, Paris, 1897
Baha al-Din	***A rara e excelente história de Saladino,*** trad. Donald S.Richards, Aldershot, 2001
Crônica	Roger de Howden, ***Chronica Rogeri de Houedene,*** ed. Stubbs, 4 vols., Rolinhos Série 1868-1871
Coggeshall	***Radulphi de Coggeshall Chronicon Anglicanum,*** ed. J. Stevenson, Rolos Série, 1875
Devizes	***A Crônica de Ricardo de Devizes,*** ed. JT Appleby, Londres, 1963
Dados	***Radulphi de Diceto Decani Londiniensis Opera histórica,*** ed. W. Stubbs, 2 vols., Série Rolls, 1876
DELA	***Revisão Histórica Inglesa***
Geraldo	***Ópera de Geraldi Cambrensis,*** 2d. JS Brewer, JF Dimock, GF Warner, 8 volumes, 1861-1891
Gervais	Gervais (ou Gervase) de Canterbury, ***As obras históricas de Gervase de Cantuária,*** ed. W. Stubbs, 2 vols., Série Rolls 1867
Gesta	Roger de Howden, ***Gesta Henrici II e Ricardi*** I, ed. W. Stubbs, 2 vols., Rolos Série 1867
Gillingham	John Gillingham, ***Richard*** I, 1999, edição em brochura. 2002
HGM	***História de Guilherme, o Marechal,*** ed. P. Meyer, 3 vols., Paris, 1891-1901
Ibn al-Athir	***El-Kamil,*** em ***Coleção de historiadores das cruzadas; historiadores orientais,*** II, Paris, 1887
Imad al-Din	***Conquista da Síria e da Palestina por Saladino,*** trad. H. Massé, Paris, 1972
Mapa	Walter Map, ***De Nugis curialum. Bagatelas de corretores,*** ed. Sr. L. Brooke, RAB Mynors, Oxford, 1983
MGH SS	***Monumenta Germaniae Histórica. Scriptores***
MRSN	***Magni Rotuli Scaccarii Normanniae,*** ed. T. Stapleton, 2 vols., 1840-1844
Newburgh	Guilherme de Newburgh, ***Historia Rerum Anglicanum,*** em ***História da Guilherme de Newburgh,*** ed. J.Stevenson, 1856

Machine Translated by Google

RP	Rolo de tubo
RHF	Coleção de historiadores da Gália e da França
RS	Série Rolls
Torigny	A Crônica de Roberto de Torigny, em Crônicas dos reinados de Estêvão, Henrique II e Ricardo I, ed. R. Howlett, IV, Rolls Series 1889 Chronica
Vigeois	Gaufredi, ed. parcial na Coleção de historiadores da Gália e da França, t. XII e XVIII. Texto completo em Novae Bibliothecae Manuscriptorum Librorum, ed. P. Labbé, 2 vols., Paris, 1657, II, p. 279-329

I. Uma época, um império, uma família

1. C. Petit-Dutaillis, A Monarquia Feudal na França e na Inglaterra, 1933, ed. A. Michel, coleção. “A Evolução da Humanidade”, 1971, p. 168

2. Ibidem.

3. Geraldo, VIII, 309

4. Ibidem; VIII, 301

5. Este texto, citado por C. Petit-Dutaillis, op. cit., é uma coleção de trechos das cartas XIV, XLI e LXVI publicada por JA Giles, Petri Blesensis archidiaconi opera omnia, Oxford, 4 vols., 1846-1847

6. João de Salisbury, carta CCXLI, em Opera omnia, II, 142

7. Chronica Monasterii de Melsa, ed. EA Bond, RS 1866-1868, I, 256

8. Geraldo, VIII, 232

9. Mapa, 478-479

10. William Fitz Stephen, Vita Sancti Thomas Cantuariensis archiepiscopi et martyris, ed. J. C. Robertson, em Materiais para a história de Thomas Becket, III, 25

11. Diceto, I, 351

12. Ralph Niger, Radulphi Nigri de Chronica, ed. R. Anstruther, Londres, 1851, 169

13. Devizes, 402

II. 1157-1172: Ricardo, um peão no tabuleiro de xadrez Plantageneta

1. Crônica, I, 215

2. Gervais, I, 162

3. Pocquet du Haut-Jussé, “Os Plantagenêts e a Bretanha”, Annales de Bretagne, 1946, 1-27

Machine Translated by Google

4. Newburgh, I, 105-106

5. PR 2 Ricardo I, 118, e PR 3-4, Ricardo I, 118-281

6. Cartas de João de Salisbury, ed. WJ Millor e HE Butler, Londres, 1955, nº 121

7. RV Turner, “Eleanor da Aquitânia e seus filhos: uma investigação sobre o apego familiar medieval”, Journal of medieval history, 1988, 321-335

8.Newburgh, I, 114

9. Ibid., I, 125

10. Mapa, 237

11. Pierre de Blois, carta ao arcebispo de Palermo, em Material para a história de Becket, ed. JC Robertson, 7 vol, RS 1875-1885, VII, 572

12. XXXX

13. Torigny, 217

14. O texto completo do acordo está no Recueil des Acts d'Henri II...concerning les provincials françaises, ed. Delisle e Berger, 4 vols., Paris, 1906-1927, I, 251-253

15. PR 4 Henrique II, 112

16. Rahervin, Gesta Frederici, III, 7, ed. BV Simson, 171

17. Geraldo, VI, 218

18. Fitz Stephen, op. cit., III, 38

19. Alan de Tewkesbury, Vita Sancti Thomae, Cantuariensis Archiepiscopi et Martyris, ed. J. C. Robertson, Materiais…, op. cit., II, 342

20. Materiais para a história de Thomas Becket, op. cit., V, 373

21. Gervais, I, 205

22. Torigny, 238

23. J. Vielliard, O Guia do Peregrino a Santiago de Compostela, Macon, 1938, 62-78

24. Guilherme, o Bretão, Philippidos, XII, 821

25. Diceto, I, 293

26. Gerald 195 e Devizes 76

27. S. Painter, “As casas de Lusignan e Châtellerault, 1150-1250”, Speculum, XXX, 1955

28. Georges Duby, Guillaume le Maréchal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo, Paris, 1884

29.HGM, 1623-1681

Machine Translated by Google

30. Mapa, 450-451

31. Duby, op. cit., 46-47

32. Gillingham, Yale University Press, 1999 e 2002, 44-46

33. Ibid., 45. Mesma conclusão de JF Benton, “A corte de Champagne como centro literário”, Speculum, XXXVI, 1961

34. P. Dronke, “Pedro de Blois e poesia na corte de Henrique II”, Estudos Medievais, XXXVIII, 1976, 186-188

35. Gesta, II, 231-232

36. Guilherme de Malmesbury, Gesta Regum Anglorum, ed. RAB Mynors, R. M Thomson e M. Winterbottom, Oxford, 1998, I, 439

37. Poetas e romancistas da Idade Média, Bibliothèque de la Pléiade, 1967, 809

38. Ibid., 803

39. C. Petit-Dutaillis, Philippe Auguste e seus tempos, na História da França de Ernest Lavisse, 1902, junco. Tallandier, 1980, 398

40. Carmina Burana, texto traduzido para o inglês por Helen Waddell, The Wandering Scholars, Londres, 1926, 216

41. Gillingham, 45

42. Vigeois, I, 47

43. Torigny, 241

44. Ibid., 241-242

45. Gesta, I, 6-7

46. As cartas de Arnulfo de Lisieux, ed. F. Barlow, Sociedade Camden, 1939, 122-123

47. Tancred Borenius, São Tomás Becket na arte, 1932

48. Vigeois, I, 67

III. Uma família desfeita: a revolta de 1173-1174

1. Materiais para a história de Thomas Becket, VII, 30

2. Geraldo, VIII, 157

3. Pedro de Blois, Epístola 113

4. Newburgh, 146

Machine Translated by Google

5. Gesta, I, 41; Crônica, II, 41-45

6. Gesta, I, 43; Newburgh, 170-172. A mesma anedota é relatada por Torigny, 256, e Diceto, I, 355

7. Vigeois, I, 67

8.HGM, 1956

9. Torigny, 253

10. Crônica, II, 94

11. HGM, III, 37-38

12. WL Warren, Henrique II, Londres, 1973, 580

13. Gesta, I, 121

14. Ibid., I, 132

15. Vigeois, II, 331

16. Gesta, I, 297

17. Geraldo, VIII, 177

18. Gesta, I, 63

19. Gervais, I, 242

20. História dos condes de Poitou, 778-1204, 2 vols., Paris, 1903, II, 161

21. Dados, 356-366

22. Gesta, 62-63

23. Gervais, I, 242

24. Diceto, I, 371

25. Newburgh, I, 181

26. Gesta, I, 57

27. Kate Norgate, Inglaterra sob os reis angevinos, 2 vols., Londres, 1887, II, 143

28. Gesta, I, 58, 60-62

29. Jordan Fantosme, Crônica da guerra entre ingleses e escoceses em 1173 e 1174, ed. R. Howlett, em Crônicas dos reinados de Estêvão, Henrique II e Ricardo I, III, 202-377, II, 1605

30. Coleção de anais angevinos, ed. Louis Halphen, Paris, 1903, 38

Machine Translated by Google

31. R. Favreau, “Os primórdios da cidade de La Rochelle”, Cahiers de civilização medievale, XXX, 1987

32. Cartulário da abadia de Notre-Dame de Saintes. Tradução da crônica local de Daniel Massiou, História política, civil e religiosa de Saintonge e Aunis, 6 vols., Paris, 1836, 64

33. Richard le Poitevin, trad. por Augustin Thierry, História da conquista da Inglaterra pelos normandos, nova ed., Paris, 1880, II, 142

34. Cartulário da Abadia de Notre-Dame de Saintes, II, 65

35. Gesta, I, 76-79

36. Ibid., I, 134-135

37. Diceto, I, 393

38. Geraldo, V, 303

39. PR 22, Henrique II, 70, 71, 91; 20 Henrique II, 38, 140; 21 Henrique II, 89, 107

40. PR 22, Henrique II, 30, 193

41. Cláusula 8 do Northampton Assize

42. PR 22, Henrique II, 60, 179

43. HGM III, 33

44. Gesta, I, 92

45. David Corner, “The Gesta Regis Henrici Secundi e Chronica de Roger, pároco de Howden”, Boletim do Instituto de Pesquisa Histórica, 1983, LVI, 126-144

46. Newburgh, I, 283

47. David Carpenter, “Richard por seus contemporâneos. Ele era um rei modelo?”, 285-297

48. Ópera Giraldi Cambrensis, ed. JS Brewer, JF Dimock, GF Warner, 8 vols, 1861-1891

49. Geraldo, VIII, 249

50. As obras históricas de Gervásio de Cantuária, 2d. W. Stubbs, 2 vols., RS 1867

51. Radulphi de Diceto Decani Londiniensis Opera histórica, ed. W. Stubbs, 2 vols., RS 1876

52. David Carpenter, “Relato do Abade Ralph de Coggeshall sobre os últimos anos do Rei João”, HER, 1998, 113, 1210-1230

53. Ambrósio, 12, 250

54. Ibid., 12, 224-256

55. Nas Crônicas e Memoriais do reinado de Ricardo I, Londres, 1864

Machine Translated by Google

56. Chronica Albrici Monachi Trium Fontium, MGH SS

57. Gérard Gouiran, Amor e Guerra. O trabalho de Bertran de Born, Aix-en-Provence, Publications de l'Université de Provence, 1985, nº 12

58. Chronica Hanoniense: a Crônica de Gislebert de Mons, ed. Léon Vanderkindere, Bruxelas, 1904

59. Obras de Rigord e Guilherme, o Bretão, ed. Henri-François Delaborde, Paris, 1882-1885, 2 vols, I, 97

60. Ulrike Kessler, Richard I Löwenherz. König, Kreuzritter, Abenteuer, Colônia, 1995

61. Annales Marbacenses, ed. Roger Wilmans, MGH XVII, Hanôver, 1868

62. Ansbert, Historia de expedição Frederici imperatoris, em Quellen zu Geschichte des Kreuzzuges Kaiser Friedrichs I, ed. Anton Chroust, Berlim, 1928

63. Ottonis de Sancto Blasio Chronica, ed. Adolf Hofmeister, Hanôver, 1912

64. Chronica Regia Coloniensis, ed. Georg Waitz, Hanôver, 1980

65. Baha al-Din, A rara e excelente história de Saladino, trad. Donald S. Richards, Aldershot, 2001; Imad al-Din, A conquista da Síria e da Palestina por Saladino, trad. H. Massé, Paris, 1972; Ibn al-Athir, El-Kamil, em Coleção de historiadores das cruzadas: historiadores orientais, II, Paris, 1887

66. Imad al-Din, 378

67. HAR Gibb, “As fontes árabes para a vida de Saladino”, Speculum, XXV, 1950, 58-72

68. Baha al-Din, 187-188

69. Gillingham, VIII

4. O mestre da Aquitânia (1175-1183)

1. Gesta, 81-83

2. Diálogo de Scaccario, ed. C. Johnson, Londres, 1950, 2

3. G. Verynaud, História de Limoges, Limoges, 1973

4. Vigeois, I, 70

5. Gesta, I, 168

6. Ibid., I, 180

7. Ibid., I, 191-194

8. Mapa, 96

Machine Translated by Google

9. Torigny, 276

10. Dicetão, II, 4-5; Vigéois, I, 70

11. Gesta, I, 212-213

12. Ibid., I, 131-132

13. Ibid., I, 213

14. Diceto, I, 431, e Torigny, 281

15. Diceto, I, 431-432

16. Ibid., I, 432

17. Ibid., I, 407

18. WL Warren, Henrique II, 573

19. Gillingham, 63

20. Gervais, I, 298-300

21. Vigeois, I, 71-72

22. Dados, II, 9

23. Vigeois, II, 2

24. Dados, II, 19

25. Gervais, I, 303

26. Gesta, I, 292

27. Vigeois, II, 317

28. Geraldo, VIII, 246

29. Bertran de Born, ed. Renouard, IV, 147

30. Vigeois, II, 331

31. HGM, 5095-5848

32. Georges Duby, Guillaume, o Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo, Paris, 1984, 61

33. Ibid., 63

34. Gesta, I, 289

35. Vigeois, II, 6

36. Bertran de Born, 182-183

Machine Translated by Google

37. Ibid., 160-167

38. Gesta, I, 291

39. Ibid., I, 294; Crônica, II, 274; Diceto, I, 18

40. Gesta, I, 122

41. Vigeois, II, 331

42. Gesta, I, 292

43. Ibid., I, 296

44. Vigeois, II, 6

45. Ibid., II, 336

46. Ibid., II, 338

V. O assassinato do pai (1183-1189

1. Chronica Rogeri de Wendover liber qui dicitur Flores Historiarum, ed. HG Hewlett, RS 1886-1889.

2. Crônica majora, ed. HR Luard, RS 1872-1874

3. JR Green, Breve História do Povo Inglês, Londres, 1875, 114

4. AL Poole, Do Domesday Book à Magna Carta, 1087-1216, Oxford University Press, 1951

5. WL Warren, King John, Londres, 1961

6. Misae Rolls, ed. TD Hardy, Comissão de Registro 1844, 151

7. Rolo de tubo 5 Jo. 139

8. Citado por M. Powicke, A perda da Normandia, 1189-1204. Estudos na história do Angevin Império, Manchester, 1963, 232

9. Gesta, I, 334

10. Ibid., I, 337

11. Ibid., I, 338

12. Dados, II, 68

13. Geraldo, VIII, 295-296

14. Gesta, II, 4

Machine Translated by Google

15. Dados, II, 33-34

16. Geraldo, VIII, 207

17. Ibid., VIII, 208, e Crônica, II, 304

18. Dados, II, 40

19. Gesta, II, 160

20. Gerald, De principis instruído, 232

21. Devizes, 26

22. MGH SS, XXVI, 211

23. Chronica Monasterii de Melsa, ed. EA Bond, 3 vols, 1866-1868, I, 256

24. Filipídeos, III, 631-637

25. Geraldo, VIII, 177

26. Gervais, I, 370-371

27. Gesta, II, 7

28. Ibid.

29. Ibid., II, 9

30. Patrologia Latina, T. 202, col. 1539-1542

31. Ibid.

32. Dado em Ferrara em 29 de outubro de 1187, Patrologia Latina, T. 202, col. 1542

33. Patrologia Latina, T. 204, col. 350

34. Dados, II, 50

35. Newburgh, III, 23

36. Gervais, I, 389

37. Crônica dos Condes de Anjou, 50-51

38. F. Gabrieli, Historiadores Árabes das Cruzadas, Londres, 1969, 182

39. Ibid., 208

40. Gesta, II; Gervais, I, 406

41. Rodada, “O dízimo de Saladino”, em SK Mitchell, Taxation in Medieval England, New Haven, 1951, 119-122

Machine Translated by Google

42. Gesta, II, 35

43. Ibid., II, 36

44. Dados, II, 55

45. Geraldo, VIII, 244

46. Gerald, De principis instruído, III, 7

47. Gervais, I, 434

48. Ibid., I, 435

49. Ibid., I, 435-436

50. Ibid., I, 436; Gesta, II, 50; Dados, II, 58

51. Gesta, II, 61

52. Crônica, II, 363

53. HGM, 8831-8850

54. Gesta, II, 68-70

55. Gerald, De Principis instruído, III, 26

56. Gesta, II, 71

57. Chrétien de Troyes, Romances Arturianos, 307-309

VI. Rei Ricardo e seu reino

1.HGM, 9304-9409, 9469-9550

2. Georges Duby, Guillaume le Maréchal, op. cit., 152

3. Gesta, II, 72

4. Geraldo, I, 80-81

5. Dados, II, 67-68

6. Geraldo, IV, 368

7. AL Poole, Do Domesday Book à Magna Carta, Oxford University Press, 1951, 348

8. De acordo com os cálculos de Stubbs, baseados em Pipe Roll I Ric. EU

9. Rigor, 97

10. Coggeshall, 91

Machine Translated by Google

11. Gervais, I, 451

12. Canção anônima, em Música para o Rei Coração de Leão. Música para marcar o 800º aniversário da coroação de Ricardo I da Inglaterra, Hyperion, 1989

13. Gesta, II, 80-83

14. Patrologia Latina, 207, col. 440

15. Marc Bloch, Les Rois taumaturgos, 1924; junco. Gallimard 1983, 49 e 93

16. Rolos de tubo I, Ric. Eu, 21, 30, 216

17. Música para o Rei Coração de Leão, op. cit.

18. Newburgh, IV, 1; Dados, II, 69; Gesta, II, 83-84

19. Abraham Haberman, Sefer Gezerot Ashkenaz ve-Zarfat (Livro das Tragédias Alemãs e da França), Jerusalém, 1945, 127

20. O Anônimo de Laon, em RHF, XVIII, 707

21. Guilherme de Malmesbury, Gesta Regum Anglorum, ed. TD Hardy, Londres, 1840, IV, 317

22. HG Richardson, Os judeus ingleses sob os reis angevinos, Londres, 1960

23. Abraham Haberman, op. cit, 128. RB Dobson, Os Judeus da York Medieval e o massacre de março de 1190, York, 1924

24. Simon Schwarzwuchs, “Ricardo Coração de Leão e os Judeus da Inglaterra”, ACC, 122

25. Joseph Jacobs, Os Judeus da Inglaterra Angevina, documentos e registros, Londres, 1893, 134-136

26. Itinerário, II, 5

27. Coggeshall, 95

28. Geraldo, 195-196

29. Ambroise, 6450

30. Ibid., 6469-6489

31. Crônica, IV, 14-15

32. HGM, por volta de 11.596 s.

33. AL Poole, op. cit., 349

34. MGH SS, XXII, 876

35. Os poemas do trovador Bertran de Born, ed. WD Paden, T. Sankovitch, P. H. Stäblein, Berkeley, 1986, nº 42 e 43

Machine Translated by Google

36. Coggeshall, 58

37. Geraldo, IV, 54

38. Gesta, II, 7

39. Crônica, III, 288-290

40. Rapin de Thoyras, História da Inglaterra, Haia, 1749, II, 241

41. JH Harvey, Os Plantagenetas, Londres, 1948, 33

42. James Brundage, Richard Lion Heart, Nova York, 1974

43. Philip Henderson, Ricardo Coração de Leão, Londres, 1958, 243

44. John Boswell, Cristianismo, tolerância social e homossexualidade. Gays na Europa Ocidental desde o início da era cristã até o século XIV, University of Chicago Press, 1980, 231

45. Gilingham, 264

46. Gerald, De Invectionibus, ed. WS Davies, Londres, 1920, 100

47. Ibn al-Athir, 53.

48. Coggeshall, 97

49. Ambrósio, 10660-10662

50. Poetas e romancistas da Idade Média, Bibliothèque de la Pléiade, 1967, 843

51. Cesário de Heisterbach, Dialogus miraculorum, ed. J. Strange, 2 vols., Colônia, 1851, II, 249-251

52. Annick Gosse-Kischinewski, “Fundações Cistercienses na Normandia na época de Ricardo”, ACC, 189-198

53. Gervais, I, 474-481

54. Adão de Eynsham, Magna Vita Sancti Hugonis, ed. DL Douie e H. Farmer, 2 vols., Edimburgo, 1962, II, 101-106

55. Gesta, II, 143

56. Richard Fitz Nigel, De Necessariis observantiis scaccarii diálogos, 55

57. Rolo de Tubo, 3 João, 158

58. Cartas selecionadas e outras ilustrações da história constitucional inglesa, ed. W. Stubbs, ed., revisado por 9º HWC Davis, Oxford, 1921, 175-178

59. Rolo de tubo 8, Ric. Eu, 81

60. Richard Fitz Neal, Dialogus de Scaccario, I, 11

Machine Translated by Google

61. Rolo de tubo 14, Henr. III, 274

62. AL Poole, op. cit., 411

63. Cúria Regis Rolls, I, 1-14

64. W. Stubbs, Cartas selecionadas, op. cit., 248

65. AL Poole, op. cit., 423

66. Alexander Murray, Suicídio na Idade Média, Oxford University Press, T. I, 1998, 132-134

67. Crônica, IV, 66

68. Citado por Nigel Jones, Torre. Uma história épica da Torre de Londres, Londres, 2012, 14-15

69. Newburgh, III, 26

70. Ibid., V, 3

71. John W. Baldwin, O governo de Philip Augustus, University of California Press, 1986

72. Nick Barratt, “A receita inglesa de Ricardo I”, HER, junho de 2001, 116, 635-656

73. Nick Barratt, “As relações financeiras entre Ricardo I e John”, ACC, 114

74. JC Russell, População Medieval Britânica, University of New Mexico Press, 1948

75. Agora famoso por outras razões (AL Poole, op. cit., 54)

76. Gesta, III, 265

77. Sr. Bateson, Registros do bairro de Leicester, Cambridge, 1899, XXIX

78. M. Xeinbaum, “Stalhof und Deutsche Gildhalle zu Londres”, Hansische Geschichtsblätter, XXXIII, 1928

79. Rolo de tubo 6 Ric. Eu, XXXIII

80. G. Dept, “Os mercadores flamengos e o rei da Inglaterra (1154-1216)”, Revue du Nord, XII, 1926, 303 f.

81. Sophie Poirey, “Lei normanda na época de Ricardo Coração de Leão”, ACC, 167-168

82. Vincent Moss, “Guerra, economia e finanças na Normandia Angevina”, ACC, 96

83. Claude Fagnen, “As cartas normandas de Ricardo Coração de Leão”, ACC, 75-87

84. Lionel Landon, O itinerário do Rei Ricardo I, Londres, Pipe Roll Society, 1935

85. Arquivos de Sena-Marítimo, G 854

86. Arquivos Calvados, H 668

Machine Translated by Google

87. Arthur Giry, Documentos sobre as relações da realeza com as cidades da França de 1180 a 1314, Paris, 1885, Estabelecimentos de Rouen, II, 37, 28

88. C. Petit-Dutaillis, A Monarquia Feudal na França e na Inglaterra, Paris, 1933, junco. A.Michel 1971, 174

89. Correspondência de Adam, abade de Perseigne, ed. Bouvet, Le Mans, 1901

90. Crônica Latina da Abadia da Coroa, Paris, 1864, 58-59

VII. O rei-cavaleiro. Ricardo e a sociedade feudal

1. Christopher Lucken, “O Belo Francês da Inglaterra. Alteridade do anglo-normando e invenção do bom uso”, Médiévales, edição especial Línguas da Inglaterra: além do bilinguismo, Universidade de Paris-VIII, 2015

2. A Crônica de Jocelyn de Brakelond, ed. MR James, Londres, 1949, 129

3. Vida de Eduardo, o Confessor, ed. Södergard, Uppsala, 1948, v.7

4. R. Ingham, A língua anglo-normanda e seu conteúdo, York, 2010

5. Citado por Y. Lefèvre, “Sobre o uso do francês na Grã-Bretanha no final do século XII”, em Estudos de língua e literatura da Idade Média oferecido a Félix Lecoy, Paris, 1973, 301-305

6. AG Little, “Literatura e púlpito na Inglaterra Medieval”, HER, XLIX, 1934, 116

7. Arquivos do Ocidente, sob a direção de Jean Favier, T. I, Le Middle Ages, Paris, 1992, 18-21

8. Polychronicon Ranulphi Higden, I, 59, ed. Babington, T. II, Londres, 1869, 162

9. Alexandre Neckham, De naturis rerum, II, 174

10. O Tratado sobre as leis e costumes do reino da Inglaterra, comumente chamado de “Glanvill”, Ed. GDG Hall, Londres, 1965, 1-5

11. Martin Aurell, O Cavaleiro Letrado. Conhecimento e conduta da aristocracia nos séculos XII e XIII, Paris, 2011, 144. Ver também sobre este assunto RW Kaeuper, Guerreiros sagrados: a ideologia religiosa da cavalaria, Filadélfia, 2009

12. Achille Luchaire, Philippe Auguste e seu tempo, Vol. III da História da França de Ernest Lavisse, republicado em 1980 por Tallandier, 390

13. Georges Duby, As Três Ordens ou a Imaginação do Feudalismo, Paris, 1978, 347

14. Citado na História da França Urbana, sob a direção de Georges Duby, T. II, La Ville medievale, Paris, 1980, 264

15. AL Poole, Do Domesday Book à Magna Carta, Oxford University Press, 1951, 230

Machine Translated by Google

16. João de Salisbury, Policraticus, VI, 10

17. Utilizamos aqui o estudo de Georges Duby, William the Marshal ou the Best Cavaleiro do mundo, Paris, 1984

18. Georges Duby, As Três Ordens…, 289

19. Mapa de Walter, De Nugis curialum, II, 16

20. Michel Pastoureau, “De Geoffroy a Richard: gênese do leopardo Plantagenêt”, ACC, 257-267

21. Carta impressa em Diceto, II, LXXIX-LXXX

22. Crônica, II, 166

23. Citado por P. Contamine, War in the Middle Ages, 2ª ed., Paris, 1986, 397

24. Citado por A. Luchaire, op. cit., 321

25. Geraldo, VI, 395-397

26. Georges Duby, Le Dimanche de Bouvines, Paris, 1973, 27

27. Franco Cardini, A Cultura da Guerra, trad. franco. 1992, 61

28. Christian Corvisier, “Os castelos de Ricardo Coração de Leão ou a Obra de pedra como demonstração de força”, ACC, 227

29. Marie-Pierre Baudry, As Fortificações de Plantagenêt em Poitou, 1154-1242, Paris, CTHS, 2001

30. Pascale Gadé, “Richard, senhor do castelo de Talmont em Bas-Poitou”, ACC, 229-242

31. B. Jouaux, “Les Fossés-le-Roy”, em Castelos fortificados e guerra na Idade Média, Cahiers percherons, no 58, 1978, 6-8

32. Magni Rotuli Scaccarii Normanniae sub regibus Anglie, ed. T. Stapleton, Londres, 1840-1844, T. II, 308

33. Seguimos aqui o artigo de Dominique Pitte, “Château-Gaillard: a fortificação de um sítio no final do século XII”, ACC, 243-255. Você encontrará uma bibliografia sobre Château-Gaillard no final deste artigo.

34. Dados; tradução de F. Pommeraye, História dos arcebispos de Rouen, 1667, 419

35. Ibid., 421

36. DF Renn, castelos normandos na Grã-Bretanha, Londres, 1968, 20

37. Vincent Moss, “Guerra, economia e finanças na Normandia Angevina, 1195-1198”, ACC, 89-103

38. Ibid., 103

Machine Translated by Google

39. Dominique-Marie Dauzet, “Abadias normandas no final do século XII”, e Annick Gosse-Kischinewski, “Fundações cistercienses na Normandia na época de Ricardo”, ACC, 179-197

40. Vincent Moss, op. cit., 103

41. Georges Minois, Nova história da Bretanha, Paris, 1992, 245-294

42. AL Poole, op. cit., 279

43. G. Hubrecht, “A guerra justa no Decreto de Graciano”, Studia Gratiana, III, 159-177

44. FH Russell, A guerra justa na Idade Média, Cambridge, 1975, 87. Ver também Georges Minois, A Igreja e a Guerra, Paris, 1994, cap. VI, “Da guerra santa à guerra justa”

VIII. Partida para a cruzada Decisão controversa e jornada agitada (1189- junho de 1191)

1. São Bernardo, Em louvor à nova milícia, trad. E. de Solms, Paris, 1958, 158

2. Obras completas de São Bernardo, ed. Carpinteiro, Paris, 1865, carta 363

3. Colin Morris, “Propaganda para a guerra. A disseminação do ideal cruzado no século XII século”, A Igreja e a guerra, estudos de história da Igreja, vol. 20, edição. WJ Sheils, 1983, 79-101

4. Ibid., 97

5. Ibid., 86

6. Citado por G. Constable, “A segunda cruzada vista pelos contemporâneos”, Traditio, 9, 1953, 268

7. Rigor, cap. CCXXVIII, 1. Ver Paul Alphandéry e Alphonse Dupront, Cristianismo e a ideia de cruzada, Paris, 1954, ed. bolso 1995, 215-218

8. Crônica, II, 290

9. Georges Minois, História do futuro. Dos profetas à previsão, Paris, 1996, 200-205

10. Pierre de Blois, Exhortatio ad eos…, Patrologia Latina, T.207, col. 529-534

11. Ed. RBC Huygens, Turnhout, 2002

12. Revisão Beneditina, 68, 1958

13. Patrologia Latina, T. 207, col.1057-1070. Para essas questões, consulte Jean Flori, Preaching the Crusade, Paris, 2012.

Machine Translated by Google

14. Gerald, o Galês, Itinerarium Kambriae et descriptio Kambrie, trad. L. Thorpe, Londres, 2000

15. Ibid., 75, 172, 109, 133, 204

16. Alain de Lille, Sermo de Cruce Domini, ed. MT d'Abverny, Paris, 1965, 283

17. Devises, 7

18. Gesta, II, 104-105

19. Crônica, III, 36-37

20. Gesta, II, 106

21. Ibid., II, 110-111

22. Crônica, III, 8

23. Gesta, II, 90-91

24. Crônica, II, 338

25. Gerald, Príncipe, 316

26. Gerald, Expugnatio Hibernica, II, 29

27. Dados, II, 73

28. Gervais, 422-423

29. Raoul de Coggeshall, Chronicon Anglicanum, ed. J. Stevenson, Londres, 1875, 25

30. Geoffrey de Coldingham, De Statu Ecclesiae Dunhelmensis, ed. J. Raine, Londres, 1839, 13

31. Étienne Langton, Vida de Ricardo Coração de Leão. Policrônico Ranulphi Higden monachi Cestrensis, ed. W. Babington, JR Lumby, Londres, 1857, 118

32. Ranulphi Nigri Chronica: as Crônicas de Ralph Niger, ed. R. Anstruther, Londres, 1851, 94-95

33. Citado por Martin Aurell, Christians Against the Crusades, 12th - 13th Century, Paris, 2013, 119. Ver também sobre este assunto Thomas N. Bisson, La Crise du XIIe siècle. Poder e senhorio no alvorecer do governo europeu, Paris, 2014, trad. do inglês, A crise do século XII, Princeton University Press, 2009

34. Inspiramo-nos aqui em David A. Carpenter, “Richard by his contemporanes: was he a rei modelo? Inglaterra em 1189”, ACC, 285-297

35. JT Appleby, Inglaterra sem Richard, Londres, 1965, 36

36. Inspiramo-nos aqui em David A. Carpenter, “Richard by his contemporanes: was he a rei modelo? Inglaterra em 1189”, ACC, 285-297

Machine Translated by Google

37. Ambrósio, 365-370

38. A Grande Crônica da Inglaterra por Matthew Paris, trad. do latim por A. Huillard Bréholles e D. Rémol, “Fontes da história inglesa”, ed. Paleo, 2003, Volume III, 28

39. Gesta, II, 124-125

40. Ibid., II, 125-126

41. Ambrósio, 813-820

42. Gesta, II, 152

43. A. Cartellieri, “Richard Löwenherz”, em Probleme der englischen Sprache und Kultur, Heidelberg, 1925, 136

44. Ambrósio, 1053-1056

45. Gesta, II, 155

46. Ibid., II, 159

47. Rigor, Vida de Philippe Auguste, Coleção de Memórias relativas à história da França, Paris, 1825, 94

48. Devizes, 25 e 35

49. Ibid., 28 e 35

50. Ambrósio, 1447-1462

51. Epistolae Cantuariensis, em Crônicas e Memoriais do reinado de Ricardo I, II, ed. Stubbs, 1865, 179

IX. O épico da cruzada: Ricardo Coração de Leão e Saladino (1191-1192)

1. Gesta, II, 168

2. Itinerarium Peregrinorum e Memoriais do reinado de Ricardo I, 123-124

3. Rigor, 108

4. Abû Shâma, “O livro dos dois jardins”, in Coleção de historiadores das cruzadas. Historiadores orientais, Paris, 1898, IV, 469

5. Ibid., TV, 19

6. Baha al-Din, 249

7. Imad al-Din, 309-310

Machine Translated by Google

8. Abû Shama, TV, 26

9. Ambrósio, 140

10. Gesta, 184

11. Ambrósio, 5285-88

12. Cartas selecionadas do Papa Inocêncio III a respeito da Inglaterra, ed. CR Cheney e MH Semple, Londres, 1953, 6

13. Joinville, História de São Luís, XVII

14. Crônica, III, 131

15. Baha al-Din, 272-274

16. Imad al-Din, 328-330

17. Jacques de Vitry, História de Jerusalém, 112-113

18. Guilherme, o Bretão, Philippidos, IV, 218-224

19. Sébastien Mamerot, Passagens feitas no exterior pelos franceses contra os turcos e outros Sarracenos e mouros ultramarinos, último quartel do século XV, BNF, francesa Ms 5594, f°213r°

20. Ambrósio, 5678-5680

21. M. Jubbs, A lenda de Saladino na literatura e historiografia ocidental, Lewiston, 2000, 144

22. C. Hillenbrand, “A evolução da lenda de Saladino no Ocidente”, em Regards Croissants sur le Medieval Arabe, Misturas da Universidade de Saint-Joseph, ed. AM Eddé e E. Gannagé, LVIII, 2005

23. AM Eddé, Saladino, Paris, 2008, 198

24. Rigor, 116-117

25. Baha al-Din, 155

26. Baha al-Din, 359; Imad al-Din, 354

27. Baha al-Din, 252

28. Ibid., 371-372

29. Ibid., 257

30. Ibid., 310

31. Ibid., 256-257 e 379

32. Ibid., 320

Machine Translated by Google

33. Ibn al-Athir, 53.

34. Imad al-Din, 34.

35. MC Lyons, Saladino. A política da Guerra Santa, Cambridge, 1982, 351-352

36. Citado por Gillingham, 16

37. Baha al-Din, 282-283

38. Ambroise, 6226-6229

39. Baha al-Din, 290-291

40. Ambroise, 6799

41. Ibid., 7076-7077

42. Baha al-Din, 293

43. Ibid., 307-309

44. Ibidem.

45. Ambroise, 7177

46. Bahá al-Din, 324

47. Gesta, II, 215-220

48. Catherine Croisy-Naquet, “Lenda ou história? Os Assassinos na História da Guerra Santa de Ambroise e na Crônica de Ernoul e Bernardo, o Tesoureiro”, Le Middle Ages, T. LXVII, 2, 2011, 237-258

49. B. Lewis, Os Assassinos. Uma seita radical no Islã, Londres, 1967, trad. franco. Os assassinos. Terrorismo e política no Islã medieval, Paris, 2ª ed., 2001

50. Citado por B. Lewis, 4-5

51. Ambroise, 8879-8908

52. Newburgh, IV, 25.

53. Rigor, 120-121

54. A Grande Crônica da Inglaterra por Matthieu Paris, op. cit., 73-74

55. John Gillingham, “Boletins informativos reais, falsificações e historiadores ingleses: algumas ligações entre a corte e a história no reinado de Ricardo I”, em La Cour Plantagenêt, 1154-1224, ed. M. Aurell, Poitiers, 2000

56. Ambroise, 10089

57. Baha al-Din, 353

Machine Translated by Google

58. Joinville, CVIII

59. Baha al-Din, 353-359

60. Ibid., 348-370

61. Ibid., 371

62. Ibid., 373-374

63. Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi, Livro VI, cap. 23

64. Coggeshall, 50

65. A Grande Crônica da Inglaterra, op. cit., 61-62

66. Ambrósio, II, 345

67. Baha al-Din, 375-376

68. Ibidem.

69. Ibid., 383

70. Joinville, CVIII

71. Imad al-Din, 389-391

X. O retorno do rei Ricardo: uma odisséia de dezoito meses (outubro de 1192 a maio de 1194)

1. Gesta, 229

2. Devizes, 80

3. Chronica Regia Coloniensis, ed. G. Waitz, 1880, 154

4. Este incidente é relatado por Devizes 46-47 e Gervais 514

5. Georges Weill, “A jornada de Richard para casa”, ACC, 39

6. O nome deste último foi questionado por J. Gillingham, 231, nota 3

7. Crônico Magni Presbiteri, 519-520

8. Crônica, III, 195-196

9. História de Expedição Frederici, ed. Croust, 1929, 103-105

10. Gillingham, 237; G. Weill, 41

11. Philippidos, IV, 393-396

Machine Translated by Google

12. Victor Guerber, História política e religiosa de Haguenau, 1876, T. I, 86-87

13. T. Rymer, Fœdera, Conventiones, Literæ, ed. A. Clarke e J. Caley, Londres, 1816, T. I, 72-76

14. Brenda Bolton, “As relações de Ricardo I e John Lackland com o papado”, ACC, 128

15. Crônica, III, 208

16. Ibid., 208-211, e Epistolæ Cantuarienses, em Crônicas e Memoriais do reinado de Ricardo I, ed. W. Stubbs, 1865, II, 362

17. Rolos de Recibo, 263

18. Rapin de Thoyras, History of England, nlle ed., T. II, Haia, 1749, 280, nota 2

19. Rolos de recibo, 7 Ric. Eu, 261-262

20. Crônica, III, 206-207

21. Ibid., 218

22. Ibid., 216

23. Ibid., 225-227

24. Ibid., 229

25. Dados, II, 112

26. MGH SS, XIII, 240

27. Crônica, III, 233-234

28. Gisleberto de Mons, Chronicon, 284-285

29. Dados, II, 114

30. Gillingham, 250

31. HGM, 10018 e seguintes.

32. Crônica, III, 252

33. O relato do cerco de Nottingham está em HGM 10177-10289

34. Coggeshall, 33

35. Crônica, III, 240

36. Jean-Pierre Genet, “Robin Hood Existiu? », História, abril de 2013, 70-71

37. Rapin de Thoyras, História da Inglaterra, op. cit., 288

Machine Translated by Google

38. Rolo de tubo 7 Ric. I, 191. Roger de Howden escreve erroneamente que teve que pagar 5.000 marcos (Chronica, III, 287)

39. Qualquer tentativa de conversão para medidas contemporâneas é ilusória, sabendo-se que o tamanho de uma pele pode variar de 50 a 120 acres, que o acre vale 160 poleiros, ou 4.840 jardas quadradas, e que 2 jardas quadradas representam 0,836 m

40. JO Prestwich, Ricardo Coração de Leão na história e no mito, Londres, 1992; James Holt, “Ricardus Rex Anglorum et dux Normannorum”, em Riccardo Cuor di leone na história e na lenda, Accademia Nazzionale dei Lincei, XLIII, 1981; Ralph Turner, “Richard Lionheart e as eleições episcopais inglesas”, Albion, XXIX, 1997; Gillingham, 1999

41. Crônica, IV, 32

42. Ibid., IV, 12-13

43. Newburgh, 5, 4

44. J. Barker, O torneio na Inglaterra, 1100-1400, Woodbridge, 1986

45. HGM 11064-11067

46. a Crônica de Jocelin de Brakelond, ed. HE Butler, Londres, 1949, 85-87

47. Diceto, II, LXXIX-LXXX

48. Fœdera, Conventiones, Literæ, ed. Rymer, Londres, 1816, I, 71

Machine Translated by Google

1. L. Landon, Itinerário de Richard I, Pipe Roll Society, nova série, XIII, 1935

2. Citado por Charles Petit-Dutaillis, The Feudal Monarchy in France and England, 1933, ed. A.Michel 1971, 187

3. Citado por Achille Luchaire, Philippe Auguste et son temps, Volume III da História da França por Ernest Lavisse, 1902, ed. Tallandier, 1980, 258-259

4. C. Petit-Dutaillis, op. cit., 178

5. HGM 10429

6. Ibid., 10365-10419

7. Crônica, III, 286

8. Ibid., IV, 60

9. Ibid., III, 252

10. Ibid., III, 255-256

11. Ibid., III, 257, e Diceto, II, 118-119

12. Rigor, 130

13. Newburgh, V, 15

14. AN J 628, nº 14-AE III, 62

15. Encontraremos a lista na contribuição de Gilles Désiré dit Gosset e Emmanuel Rousseau, “O tratado de Gaillon (1196): edição crítica e tradução”, ACC, 67-74

16. A tradução das passagens citadas é a do artigo acima mencionado.

17. Newburgh, V, 25

18. Crônica, IV, 13

19. L. Landon, Itinerário…, op. cit., nº 462, 463, 466, 468

20. Newburgh, V, 34

21. Gerald, Príncipe, 290

22. MRSN, II, 307

Machine Translated by Google

23. Dados, II, 152; Newburgh, V, 31

24.HGM, 11105-11264

25. Ibid., 11297-11300

26. Crônica, IV, 21-24

27. Dados, II, 152-153

28. Gervais, I, 545

29. Citado por Brenda Bolton, “As relações de Ricardo I e John Lackland com o papado”, ACC, 128

30. Gervais, I, 571-572

31. Coggeshall, 136

32. Rigor, 138, e Philippidos, III, 90-95

33. RHF, XXIV, 2, 758

34. Crônica, IV, 19-20

35. Ibid., 58-59

36.HGM, 10907-11067

37. Rigor, 141

38. Crônica, IV, 54, 60; Filipídeos, V, 309-327

39. Crônica, IV, 60, 78

40. Cartas selecionadas do Papa Inocêncio III sobre a Inglaterra, 1198-1216, ed. CR Cheney e WH Semple, Londres, 1953

41. Ibid., 1-2

42. Ibid., 10-14

43. Crônica Jocelini de Brakelonda, ed. HE Butler, Londres, 1949, 99.

44. P. Alphandéry e A. Dupront, Cristianismo e a ideia de cruzada, A. Michel, 1995, 278

45. Gilingham, 318

46. HGM, 11373-11744

47. Crônica, IV, 80-81

48. Coggeshall, 94

49. Philippidos, V, 604-605

Machine Translated by Google

50. Coggeshall, 94

51. Ibid., 93

52. Crônica, IV, 82-84

53. Gervais, I, 592-593

54. Rigor, 144-145

55. Philippidos, V, 440-620

56. Poetria nova de Geoffrey de Vindessus, ed. MF Nims, Toronto, 1967, 28-31

57. RHF, 18572

58. Keith Thomas, Religião e o declínio da magia, 1971, 279

59. Annales Monastici, ed. HR Luard, Rolls Série 1864, I, 23-24

60. Citado por F. Arbellot, A verdade sobre a morte de Ricardo Coração de Leão, Paris, 1878, 61

61. Georges Minois, “Jean Lackland the Unloved”, L’Histoire, abril de 2013

62. Arquivos departamentais de Bordéus, Livro da Alfândega, ed. H. Barckhausen, Bordéus, 1890, 396

63. Citado por A. Luchaire, Philippe Auguste et son temps, op. cit. 135

64. Policrônico Ranulphi Higden, ed. C Babington e JR Lumby, Rolles Série 1865-1886, 9 vols., V, 336

65. Gillingham, 6-7

66. Canções políticas da Inglaterra de Thomas Wright, ed. P. Coss, Cambridge, 1996, 128

67. Vita Edwardi Secundi, ed. N. Denholm-Young, Edimburgo, 1957, 39-40

68. John Major, Historia maioris Britanniae, ed. A. Constable, Sociedade de História Escocesa, X, 1892, 156-157

69. William Shakespeare, A Vida e Morte do Rei João, I, 1

70. Samuel Daniel, A coleção da história da Inglaterra, Londres, 1621, 101-102

71. Thomas Fuller, A história da Guerra Santa, 3ª ed., Cambridge, 1647, 123 e 127

72. Sir Winston Churchill, Divi Britannici, Londres, 1675, 215-216

73. Sir Winston Churchill, Uma história dos povos de língua inglesa, T. I, 1960, 4 brochura, Londres, e editora, 1965, 180-181

74. Richard Baker, Uma Crônica dos Reis da Inglaterra, Londres, 1641, 67

Machine Translated by Google

75. Laurence Echard, A história da Inglaterra, Londres, 1707, 229

76. David Hume, História da Inglaterra, I, 279

77. Rapin de Thoyras, História da Inglaterra, ed. de Haia, 1749, Volume II, 289

78. Walter Scott, Ivanhoe, citado por Gillingham, 13

79. Christian Amalvi, “O mito de Ricardo Coração de Leão na França no século 19”, ACC, 313-331

80. Jules Michelet, História da França, ed. de 1869, Vol. III, 44-45

81. François de la Bretèque, “Ricardo Coração de Leão no cinema”, ACC, 343-355

Machine Translated by Google

Cronologia

8 de setembro de 1157	Nascimento de Ricardo Coração de Leão em Oxford
1158	Nascimento de Geoffroy, irmão de Richard
1159	A proposta de casamento de Ricardo com uma filha do Conde de Barcelona A tentativa de Henrique II contra Toulouse
Setembro de 1159	Adesão do Papa Alexandre III
1160	Novo casamento de Luís VII com Adèle de Champagne Casamento de Henrique, o Jovem e Margarida, filha de Luís VII
1161	Nascimento de Eleanor, irmã de Richard
1165	Nascimento de Jeanne, irmã de Richard Nascimento de Philippe Auguste
1166	Nascimento do Príncipe John, irmão de Richard
1168	Revolta dos barões de Poitou: emboscada contra Leonor da Aquitânia
Janeiro de 1169	Acordo de Montmirail entre Henrique II e Luís VII Noivado de Ricardo e Alice, filha de Luís VII
1170	Coroação de Henrique, o Jovem, Rei da Inglaterra
29 de dezembro de 1170	Assassinato de Thomas Becket
1171	A expedição de Henrique II à Irlanda
Maio de 1172	Ricardo proclamou duque da Aquitânia
Janeiro de 1173	Primeira revolta dos filhos de Henrique II Repressão do rei da Inglaterra e prisão de Leonor da Aquitânia
1174	Richard continua a luta contra seu pai na Aquitânia
1176-1177	Richard traz ordem à Aquitânia
1178	A expedição de Ricardo a Dax para intimidar o rei de Aragão
1179	Guerra em Saintonge; captura de Pons e Taillebourg por Richard
1180	Filipe Augusto, rei da França
1182	Nova revolta dos senhores da Aquitânia A supressão brutal da revolta por Ricardo A revolta de Henrique, o Jovem, contra seu pai
Natal 1182	Reunião da família Plantagenêt em Caen
1183	Nova revolta de Henrique, o Jovem e Geoffroy Richard em guerra com seus irmãos
11 de junho de 1183	Morte de Henrique, o Jovem; Ricardo herdeiro do reino
1184 1185	Guerra entre Richard e seus irmãos Jean e Geoffroy Richard devolve Aquitânia para Eleanor

Machine Translated by Google

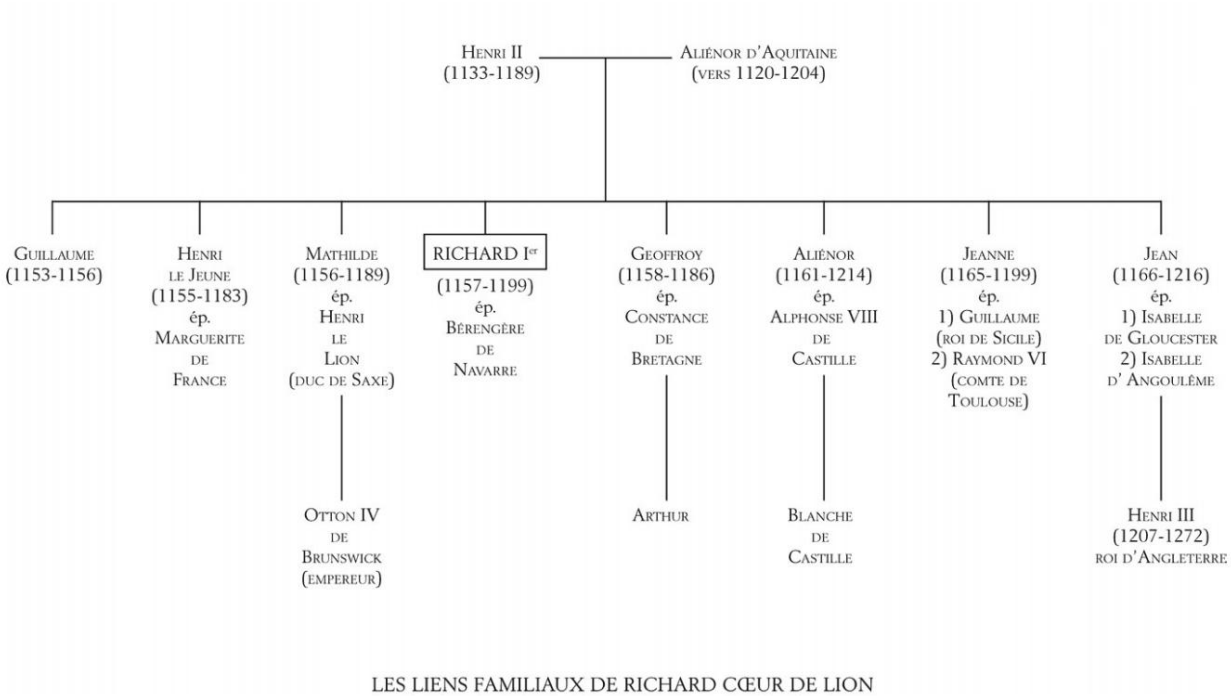
	A expedição de John à Irlanda falha
Agosto de 1186	Morte de Geoffroy, irmão de Richard
1187	Richard e Jean contra Philippe Auguste em Berry
Junho de 1187	Acordo de Châteauroux entre Philippe Auguste e Henri II Richard se junta a Philippe Auguste em Paris
Janeiro de 1188	Henrique II, Filipe Augusto e Ricardo concordam em partir para a cruzada
Novembro de 1188	Encontro de Ricardo, Henrique II e Filipe em Bonsmoulins Ricardo aliou-se a Filipe contra Henrique II
Maio de 1189	Início da cruzada de Frederico Barbarossa
Junho de	Fracasso de acordo em La Ferté-Bernard
1189 6 de julho de	Morte de Henrique II; Ricardo Rei da Inglaterra
1189 3 de setembro de 1189	Coroação de Ricardo em Westminster
Final de dezembro de 1189	Acordo entre Richard e Philippe em Nonancourt
10 de junho de	Morte de Frederico Barbarossa
1190 4 de julho de	Partida da Terceira Cruzada, em Vézelay
1190 22 de setembro de	Ricardo chega a Messina
1190 1191 de março de 1190	Acordo entre Ricardo e Tancredo de Lecce em Catânia
Abril-maio de 1190	A conquista de Chipre por Ricardo Ricardo se casa com Bérengère de Navarra
8 de junho de	Ricardo chega ao cerco do Acre
1190 12 de julho de	Captura do Acre
1190 3 de agosto de 1190	Partida de Philippe Auguste
Agosto de 1190	Massacre de 3.000 prisioneiros muçulmanos
7 de setembro de 1190	A vitória de Richard em Arsuf
28 de abril de 1192	Assassinato de Conrado de Montferrat pela seita islâmica dos Assassinos
23 de junho de 1192	A vitória de Richard em La Citerne
Julho de 1192	Ricardo renuncia ao cerco de Jerusalém
5 de agosto de 1192	A façanha de Richard antes de Jaffa
1 ponto Setembro de 1192 9	Tratado de Jaffa entre Ricardo e Saladino
de outubro de 1192	Richard deixa a Palestina
21 de dezembro de 1192	Richard é levado para a Áustria e preso em Dürnstein
Março-abril de 1193	Julgamento de Ricardo pela Dieta do Império
Maio de 1193	O valor do resgate é definido em 100.000 marcos
Janeiro de 1194	Filipe Augusto e João pedem a Henrique VI para ficar com Ricardo prisioneiro
4 de fevereiro de 1194	Liberação de Ricardo
13 de março de 1194	O retorno de Richard à Inglaterra
1 a 3 de abril de 1194	Conselho de Nottingham
Abril a maio de 1194	Os preparativos de Ricardo para sua expedição contra Filipe Augusto
12 de maio de	Ricardo chega em Barfleur
1194 4 de julho de 1194	Vitória de Richard sobre Philippe Auguste em Fréteval
Julho de 1194	Ricardo reconquista Poitou
24 de julho de 1194	Trégua de Tillières
1195	Lutando na Normandia
Janeiro de 1196	Tratado de Gaillon (ou Louviers)

Machine Translated by Google

Abril de 1196	Arthur se refugia em Paris
	A expedição de Richard à Bretanha
	Início da construção do Château-Gaillard
Maio de 1197	A campanha de Ricardo no Norte e a captura do bispo de Beauvais
Junho de	Conde de Flandres Balduíno IX junta-se a Ricardo
1197 28 de setembro de 1197	Morte do Imperador Henrique VI
Junho de 1198	Otto de Brunswick, sobrinho de Ricardo, eleito imperador
28 de setembro de 1198	A vitória de Richard perto de Gisors
6 de abril de 1199	Morte de Ricardo em Chalus

Machine Translated by Google

Genealogia



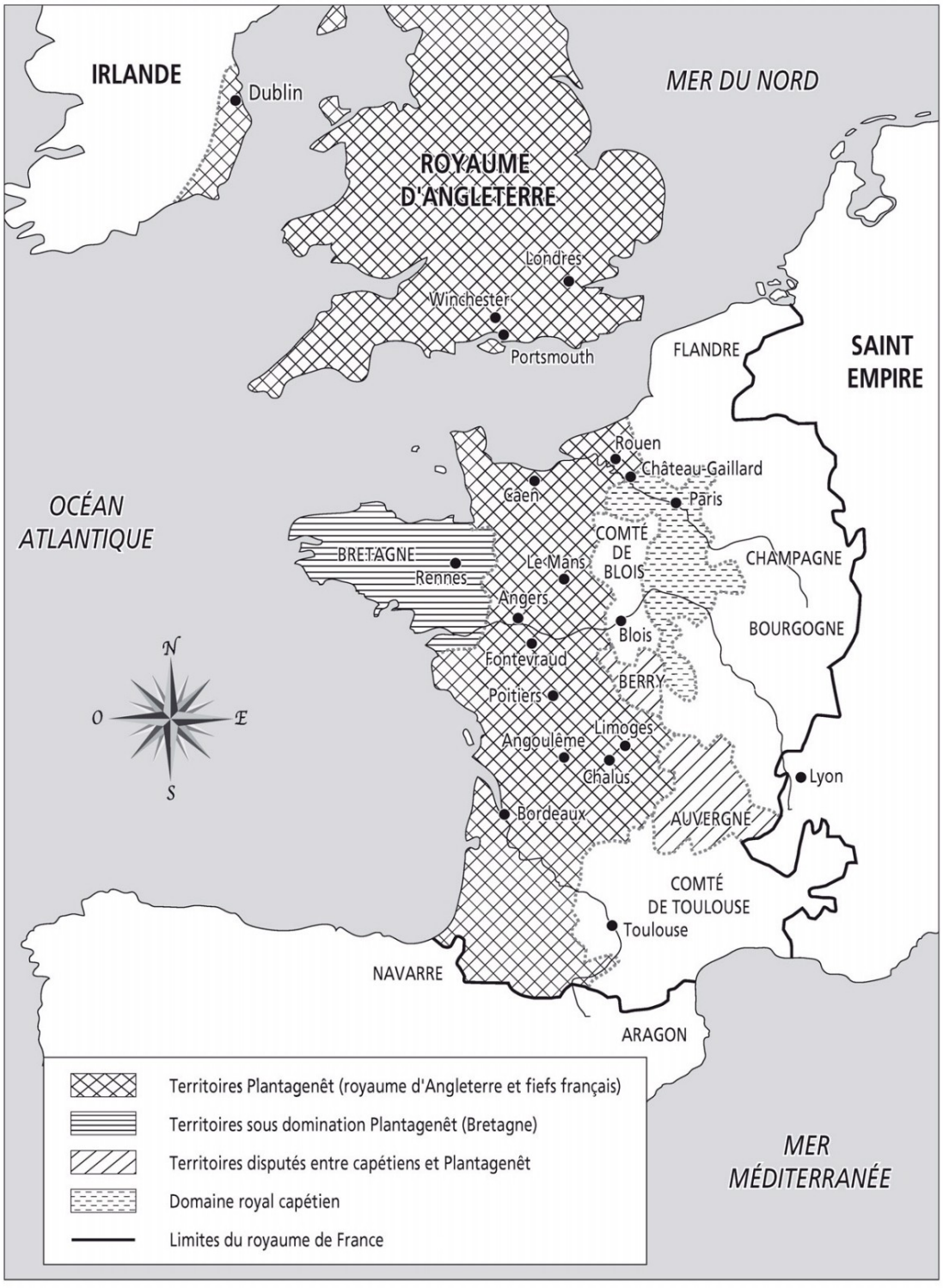
LES LIENS FAMILIAUX DE RICHARD CŒUR DE LION

Machine Translated by Google

Cartões

Machine Translated by Google

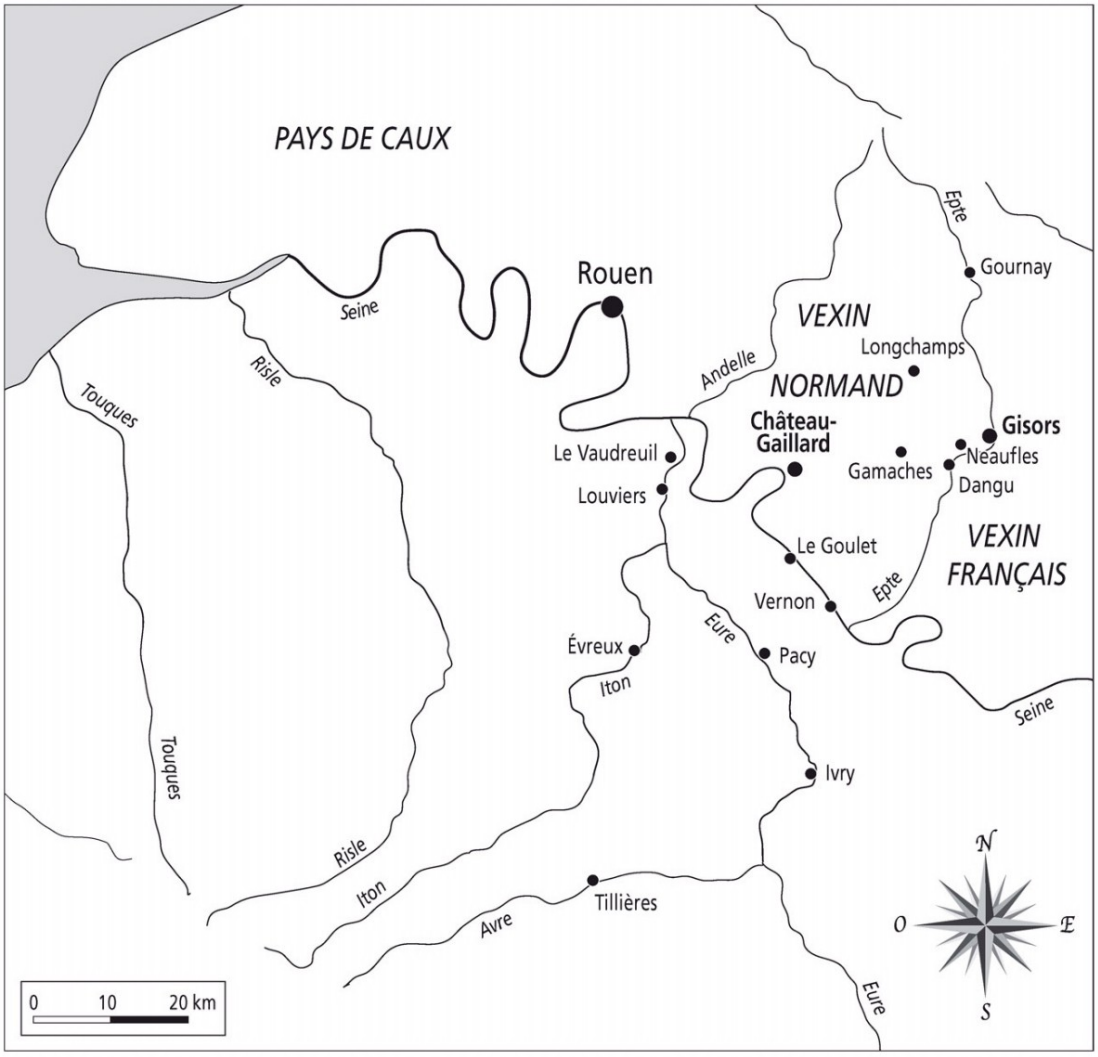
L'EMPIRE PLANTAGENÊT À L'ÉPOQUE DU ROI RICHARD



Machine Translated by Google

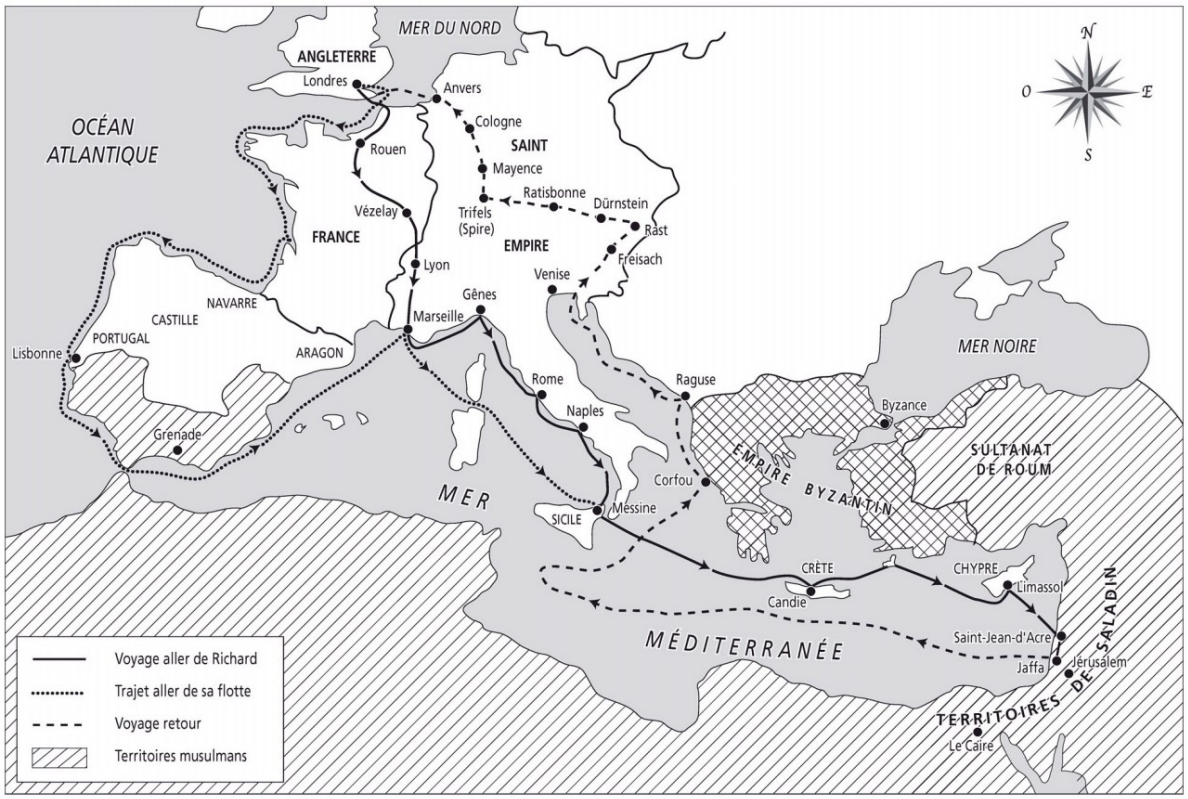
Machine Translated by Google

LES MARCHES NORMANDES



Machine Translated by Google

LA CROISADE DE RICHARD CŒUR DE LION, 1190-1194



Machine Translated by Google

Bibliografia

FONTES IMPRESSAS

Adam de Eynsham, Magna Vita Sancti Hugonis, ed. DL Douie e H. Farmer, 2 vols., Edimburgo,

1962 Ambroise, The Estoire of the Holy War, ed. G.

Paris, 1897 Andreas de Marchiennes, Sigeberti continuatio Aquicincia,

MGH SS 6 Anais da abadia real de Saint-Pierre de Jumièges, ed. J. Laporte,

Rouen, 1954 Annales de

Rouen, RHF, XVIII Anonyme de

Béthune, RHF, XXIV Arnold de Lübeck, Chronica slavorum, ed. JM

Lappenberg, MGH, 1868 Bertran de Born, Os poemas do trovador Bertran de Born, ed Paden, JT Sankovitch, PH Stäblein, Berkeley, 1986

Chronique de Saint-Martial de Limoges, ed. H. Duplès-Agier, Paris, 1874

Crônica dos Condes de Anjou, ed. L. Halphen e R. Poupardin, Paris, 1913

A Continuação de Guilherme de Tiro (1184-1197), ed. MR Morgan, Paris, 1982

Cruzada e morte de Ricardo I, ed. RC Johnston, textos anglo-normandos,

XVII, 1961 Epistolae Cantuarienses, em Crônicas e Memoriais do reinado de Ricardo I, II, ed. W.

Stubbs, RS 1865 Fœdera, convenções, literæ, I, parte I, ed. Rymer, 1816

Machine Translated by Google

Geoffroy de Vigeois, “Chronica”, em Novae Bibliothecae
Manuscriptorum Librorum, ed. P. Labbé, 2 vols., Paris, 1657

Geoffroy de Vindessus, Poetria nova, trad. MF Nims, Toronto, 1967

Gervase of Canterbury, Opera historica, ed. W. Stubbs, 2 vols., RS 1879-80

Giraldus Cambrensis, Expugnatio Hibernica. A conquista da Irlanda, ed.
AB Scott e FX Martin, Dublin, 1978 Giraldus

Cambrensis, Opera, ed. JS Brewer, JF Dimock, GF Warner, 8 vols, RS
1861-91 História de

Guilherme, o Marechal, ed. P. Meyer, 3 vols., Société de l'Histoire de
France, Paris, 1891-1907 Ibn al-Athir,

El-Kamil, em Coleção de historiadores das cruzadas: historiadores
orientais, II, parte I, Paris, 1887 Imad al-Din,

Conquista da Síria e da Palestina por Saladino, trad.
H. Massé, Paris, 1972

Inocêncio III, Cartas selecionadas do papa Inocêncio III sobre a Inglaterra, ed.
CR Cheney e WH Semple, Londres, 1953

Itinerarium peregrinorum et gesta regis Ricardi, em Crônicas e Memoriais
do reinado de Ricardo I, I, ed. W. Stubbs, RS 1864 Crônica de

Jordan Fantosme, ed. RC Johnston, Oxford, 1981 Magni Rotuli

Scaccarii Normanniae, ed. T. Stapleton, 2 vols., Londres, 1840-1844

Obras de Rigord e Guilherme, o Bretão, ed. HF Delaborde, 2 vols., Sociedade
de História da França, Paris, 1882-85 Otto de

Saint Blasien, Chronica, ed. A. Hofmeister, MGH SRG, 1912 Great Roll

of the Pipe para o primeiro ano do reinado de Ricardo I, ed.
J. Hunter, Londres, 1844

Ralph de Coggeshall, Chronicon Anglicanum, ed. J. Stevenson, RS 1875

Ralph de Diceto, Radulphi de Diceto Decani Londiniensis Opera Historica, ed.
W. Stubbs, 2 vols., RS 1876

Coleção de anais angevinos, ed. L. Halphen, Paris, 1903

Coleção de atos de Philippe Auguste, I e II, ed. HF Delaborde, C. Petit
Dutaillis, J. Monicat, Paris, 1916-43

Machine Translated by Google

Ricardo de Devizes, Chronicon, ed. JT Appleby, Londres, 1963

Robert de Torigny, The Chronicle of Robert of Torigny, em Crônicas dos reinados de Estêvão, Henrique II e Ricardo I, ed. R. Howlett, IV, RS 1889

Roger de Howden, Chronica, ed. W. Stubbs, 4 vols., RS 1868-71

Roger de Howden, Gesta Henrici II e Ricardi I, ed. Stubbs, 2 vols., RS 1867

Rymer, T., Fœdera, Conventiones, literæ, I, parte I, ed. A. Clarke e J. Caley, Londres, 1816

Walter Map, De Nugis curialum brokers' Trifles, ed. Sr.
L. Brooke, RAB Mynors, Oxford, 1983

William de Newburgh, Historia Rerum Anglicarum, ed. R. Howlett, em Crônicas dos reinados de Estêvão, Henrique II e Ricardo I, I e II, RS 184

FUNCIONA

Appleby, JT, Inglaterra sem Richard, Londres, 1965

Arbellot, F., A verdade sobre a morte de Ricardo Coração de Leão, Paris,

1878 Armstrong, CA, William Marshall, conde de Pembroke, Seneschal Press, 2007

Aubrun, M., “Prior Geoffroy du Vigeois e sua crônica”, Revue Mabillon, LVIII, 1974 Aurell, M.,

“A corte Plantagenêt: comitiva, conhecimento e civilidade”, em A corte Plantagenêt, 1154-1224, ed. M. Aurell, Poitiers, 2000 —,

L'Empire des Plantagenêt, 1154-1224, Paris, 2003

Baldwin, JW, O governo de Philip Augustus, Berkeley, 1986 Barratt,

N., “As receitas inglesas de Ricardo I”, HER , CXVI, 2001

—, “As relações financeiras entre Ricardo I e João”, ACC, 2004

Bartlett, R., Inglaterra sob os reis normandos e angevinos 1075-1225, Oxford, 2000

—, Geraldo de Gales, 1146-1223, Oxford, 1982

Bates, D., “A ascensão e queda da Normandia, 911-1204”, na Inglaterra e na Normandia na Idade Média, ed. D. Bates e A. Curry, Londres, 1994

Machine Translated by Google

Baudry, MP, As Fortificações dos Plantagenêtas em Poitou (1154-1242), éditions du CPHS, Paris, 2001 Bec, P.,

“Trouvadores, trouvères e espaço Plantagenêt”, CCM, XXIX, 1986

Benjamin, R., “The Angevin Empire”, History Today, XXXVI, fevereiro de 1986

Billoré, M., “A nobreza normanda na comitiva dos Plantagenêts”, em La Cour Plantagenêt 1154-1224, ed. M. Aurell, Poitiers, 2000 Bolton, B., “As

relações de Ricardo I e John Lackland com o papado”, ACC, 2004 Bouet, P., e Gazeau, V.

(dir.), Normandia e Inglaterra no Meio Idades, Caen, 2003

Boussard, J., O condado de Anjou sob Henri Plantagenêt e seus filhos, 1151-1204, Paris,

1938 Bridge, A., Richard the Lionheart, Londres, 1989

Brown, RA, “Construção de castelo real na Inglaterra 1154-1216” , HER, 1955

Brundage, JA, Richard Lionheart, Nova York, 1974

Carpenter, DA, “Relato do Abade Ralph de Coggeshall sobre os últimos anos do Rei Ricardo e os primeiros anos do Rei João”, HER, CXII, 1998

—, “Richard por seus contemporâneos. Ele era um rei modelo? Inglaterra em 1189”, ACC, 2004

Chaou, A., “Arturus redivivus: realeza arturiana e monarquia política na corte Plantagenêt, 1154-1199”, em Nobreza do espaço Plantagenêt, 1154-1224, ed. M. Aurell, Poitiers, 2001 Chauvenet F., “A

comitiva de Ricardo Coração de Leão em Poitou Aquitaine”, em La Cour Plantagenet, 1154-1224, ed. M. Aurell, Poitiers, 2000

Cheney, CR, Hubert Walter, Londres, 1967

Corvisier, C., “Château-Gaillard e sua fortaleza. Um trabalho experimental de Ricardo Coração de Leão”, em As Fortificações nos Domínios Plantagenêt

dos Séculos XII a XIV, ed. MP Baudry, Poitiers, 2000 —, “Os

castelos de Ricardo Coração de Leão ou o trabalho da pedra como demonstração de força”, ACC, 2004 Crosland, J.,

William the Marshall, Londres, 1962

Machine Translated by Google

Crouch, D., William the Marshall, Londres, 1990

Csendes, P., Heinrich V, Darmstadt,

1993 Désiré dit Gosset G., e Rousseau, E., “O tratado de Gaillon, 1196: edição crítica e tradução”, ACC ,

2004 Dobson, RB, Os Judeus da York Medieval e o massacre de março de 1190, York,

1974 Douie, DL, Arcebispo Geoffrey Plantagenêt e o capítulo de York, York, 1960

Duby, G., William, o Marechal ou o melhor cavaleiro de mundo, Paris, 1984

Everard, JA, Bretanha e os Angevinos: província e Império, 1158-1203, Cambridge, 2000

Fagnen, C., “O vocabulário do poder nos atos de Ricardo Coração de Leão,

Duque da Normandia”, em Anais do 105º Congresso Nacional das Sociedades Científicas, Caen, 1980; Paris,

1984 —, “As cartas normandas de Ricardo Coração de Leão”, ACC, 2004

Favier, J., Les Plantagenet. Origens e destino de um império, séculos XI-XIV, Paris,

2004 Flambard-Héricher, AM, e Gazeau, V. (dir.), 1204. Normandia entre Plantagenêt e Capetianos, Caen,

2007 Flori, J., Richard Lionheart. O rei-cavaleiro, Paris, 1999

Gadé, P., “Ricardo, senhor do castelo de Talmont em Bas-Poitou”, ACC, 2004

Gillingham, J., Ricardo Coração de Leão. Realeza, cavalaria e guerra no século XII, Londres, 1994

—, “Ricardo I e a ciência da guerra na Idade Média”, in Guerra e governo na Idade Média. Ensaios em homenagem a JO Prestwich, ed. J. Gillingham e JC Holt, Woodbridge, 1984

—, Richard I, Newhaven e Londres, 1999

—, “Ricardo I: um rei retratado por seus inimigos”, ACC, 2004

—, “Algumas lendas de Ricardo Coração de Leão: seu desenvolvimento e sua influência”, em Riccardo Cuor di Leone nella storia e nella leggenda, Academia Nacional de Lincei, 1981

Machine Translated by Google

—, “A morte pouco romântica de Ricardo I”, Speculum, LIV,

1979 Gosse-Kischinewski, “Fundações cistercienses na Normandia na época de Ricardo”,

ACC, 2004 Green, J., “Os senhores do Norman Vexin”, em Guerra e governo na Idade Média, ed. J. Gillingham e JC Holt, Woodbridge,

1984 Grousset, R., Histoire des crusades, T. III, Paris,

1936 Heiser, R., “Richard I e suas nomeações para os shrievalties ingleses”, HER, CXII, 1997

—, “Os familiares reais do rei Ricardo I”, Prosopografia Medieval, 1989

—, “Os xerifes de Ricardo I: tendências de gestão vistas no grito nomeações de 1189 a 1194”, HSJ, IV, 1992 Hill,

G., Uma história de Chipre, Cambridge, 1940

Holt, JC, “Ricardus Rex Anglorum et dux Normannorum”, em Riccardo Cuor di Leone nella storia e nella leggenda, Accademia Nazionale dei Lincei, 1981 Hook,

D., “A figura de Ricardo I na literatura espanhola medieval”, em Ricardo Coração de Leão na história e no mito, ed. JL Nelson, Londres, 1992

Jones, D., The Plantagenets, Londres,

2014 Jones, MH, “Ricardo Coração de Leão na literatura alemã da Idade Média”, em Ricardo Coração de Leão em História e Mito, ed. J. L. Nelson, Londres, 1992

Jordan, K., Henry the Lion, Oxford, 1986

Kessler, U., “Richard Löwenherz. Ein Gefangener macht europaïsche Politik”, ACC, 2004

—, Richard I. Löwenherz. König, Kreuzritter, Abenteuer, Graz, 1995

Kibler, WW, Eleanor da Aquitânia: Patrono e político, Austin, 1976

Laborderie, O. de, “Da memória à reencarnação: a imagem de Ricardo Coração de Leão em Vida e Morte do Rei João por William Shakespeare”, em Ricardo Coração de Leão na história e no mito, ed. JL Nelson, Londres,

1992 Landon, L., Itinerário de Ricardo I, Londres, Pipe Roll Society, nova série, XIII,

1935 Lees, B., “As cartas da rainha Eleanor da Aquitânia ao papa Celestino III”, HER, XXI , 1906

Machine Translated by Google

Letellier, C., “As irmãs de Ricardo Coração de Leão e a literatura arturiana”, ACC, 2004

Lewis, B., The Assassins, Londres, 1967

Lyons, MC e Jackson, DEP, Saladin. A política da Guerra Santa, Cambridge, 1982

Mccash, JMH, “Marie de Champagne e Eleanor da Aquitânia: um relacionamento reexaminado”, Speculum, LIV,

1979 Markowski, M., “Richard Lionheart: mau rei, mau cruzado? ”, JMH, XXIII, 1997

Möhring, H., Saladin und der dritte Kreuzzug, Wiesbaden, 1980

Moss, V., “Guerra, economia e finanças na Normandia Angevina 1195-1198”, ACC, 2004

Murray, AV, “Richard the Lionheart, Otto de Brunswick e o condado de York: Norte da Inglaterra e a sucessão angevina, 1190-1191”, Medieval Yorkshire, XXIII, 1994 Nelson, JL

(ed.), Richard Cœur de Lion na história e mito, Londres, 1992

Nielen, MA, “O trabalho de Ricardo Coração de Leão no Oriente”, ACC, 2004

Norgate, K., Ricardo Coração de Leão, Londres,

1924 Owen, DDR, Eleanor da Aquitânia, Oxford,

—, 1993 “Os senhores de Lusignan no décimo primeiro e séculos XII”, Espéculo, XXXII, 1957

Pastoureau, M., “De Geoffroi a Richard: gênese do leopardo Plantagenêt”, ACC, 2004

Patier, P., O Cerco de Chalus-Chabrol pelo Rei Ricardo Coração de Leão, ano de 1199. Estudo dos dois castelos de Chalus, Limoges,

1973 Pitte, D., Château-Gaillard, Vernon, 1996

—, “Château-Gaillard: a fortificação de um sítio no final do século XII”, ACC, 2004

Plantagenêt (a), um império na Idade Média, edição especial da História, Abril de 2013

Poirey, S., “Direito normando na época de Ricardo Coração de Leão”, ACC, 2004

Machine Translated by Google

Power, D., A fronteira normanda nos séculos XII e XIII, Cambridge University Press, 2004 Prawer, J.,

História do reino latino de Jerusalém, 2 vols., Paris, 1969-1970 Prestwich,

JO, “Richard the Lionheart : Rex Bellicosus”, em Riccardo Cuor di Leone nella storia e nella leggenda, Accademia Nazionale dei Lincei, 1981 Pringle, D.,

“Ricardo I e as muralhas de Ascalon”, exploração trimestral da Palestina, CXVI, 1984 Regan,

G., Lionhearts , Saladino e Ricardo I, Londres, 1998 Ricardo

Coração de Leão, rei da Inglaterra, duque da Normandia, 1157-1199, Anais da conferência internacional de Caen, 6 a 9 de abril de 1999,

Caen, 2004 Richardson, HG, The English Jewry sob reis angevinos,

Londres, 1960 Rogers, R., guerra de cerco latina no século XII,

Oxford, 1992 Runciman, S., Uma história das Cruzadas, T. III,

Cambridge, 1954 Sayers, J., “Cartas inglesas de a terceira cruzada”, em Tradição e mudança. Ensaios em homenagem a Marjorie Chibnal, ed. D

Greenway, Cambridge, 1985 Scammel, GV, Hugh

du Puiset, Cambridge, 1956 Schwarzfuchs, S., “Ricardo Coração de Leão e os Judeus da Inglaterra”, ACC, 2004

Smail, RC, “As dificuldades de Guy de Lusignan, 1183-1187”, em Outremer. Estudos sobre a história do reino cruzado de Jerusalém, apresentados a J. Prawer, ed. BZ Kedar, HE Mayer, RC Smail, Jerusalém, 1982

Strickland, M., Guerra e cavalaria. A conduta e percepção da guerra na Inglaterra e na Normandia, 1066-1217, Cambridge,

1996 Stubbs, W., Introduções históricas à série Rolls, ed. A. Hassall, Londres, 1902

Trinade, A., Berengaria: em busca da Rainha Ricardo Coração de Leão, Dublin,

1999 Turner, RV, Aliénor d'Aquitaine, Paris, 2011

—, “Realeza boa ou má? O caso de Richard Lionheart”, HSJ, VIII, 1999

Machine Translated by Google

—, “Richard Lionheart e as eleições episcopais inglesas”, Albion, XXIX, 1997

—, “Richard Lionheart e o episcopado em seus domínios franceses”, francês Estudos Históricos, XXI, 1998

Turner, RV e Heiser, RR, O reinado de Richard Lionheart, Londres, 2000

Verynaud, G., História de Limoges, Limoges, 1973

Vielliard, F., “Ricardo Coração de Leão e sua comitiva normanda. O testemunho do Estoire da guerra santa", Bibliothèque de l'École des chartes, 160, 2002 Weil,

G., "A jornada de retorno de Richard, 1192-1194", ACC, 2004 Warren,

WL, Henry II, Londres , 1973 Young,

CR, Hubert Walter, Senhor de Canterbury e Senhor da Inglaterra, Durham, Carolina do Norte, 1968

Machine Translated by Google

Acompanhe todas as novidades da Éditions Perrin em

www.editions-perrin.fr

PERRIN

Siga-nos no

